

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA**

Giseli Fregolente Patrinhani

**A MÍDIA E A TECNOLOGIA COMO MEIOS PARA FINS DE
DESALIAENAÇÃO E POLITIZAÇÃO DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA**

BAURU

2022

Giseli Fregolente Patrinhani

**A MÍDIA E A TECNOLOGIA COMO MEIOS PARA FINS DE DESALIAENAÇÃO E
POLITIZAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO
BÁSICA PÚBLICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - FAAC, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, para obtenção do título de Doutora em Mídia e Tecnologia sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Américo

BAURU

2022

Patrinhani, Giseli Fregolente.

A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização de professores de educação física da educação básica pública / Giseli Fregolente Patrinhani. Bauru, 2022.
475 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Américo

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp).
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2022.

1. Educação básica pública. 2. Identidade docente. 3. Desalienação e politização. 4. Mídia e tecnologia. 5. Círculo de Cultura. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE GISELI FREGOLENTE PATRINHANI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 26 dias do mês de agosto do ano de 2022, às 14:15 horas, no(a) sala de reuniões da Seção Técnica de Pós-graduação da FAAC/Unesp/Bauru, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de GISELI FREGOLENTE PATRINHANI, intitulada **A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização de professores de educação física da educação básica pública**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Doutor MARCOS AMERICO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista, Professor Doutor GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos, Professor Doutor RUBENS VENDITTI JUNIOR (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências / Universidade Estadual Paulista. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Professor Doutor MARCOS AMÉRICO

A todos os professores, companheiros na luta por um mundo melhor.

A minha filha Ana Flavia, amor maior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Américo. Muito obrigada por ter me escolhido para ser sua orientanda no doutorado e compartilhar de suas experiências.

A todos os demais orientadores que tive ao longo de minha trajetória acadêmica, o Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior na Educação Física, o Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho na Pedagogia e a Prof^a Dr^a Maria da Graça Mello Magnoni no mestrado.

A Prof^a Dr^a Denise Aparecida Corrêa por ter oportunizado e orientado a minha primeira experiência com a metodologia dialógica de Paulo Freire no início da minha carreira de PEB II.

Aos professores que fizeram parte das minhas bancas de qualificação e defesa do doutorado (Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, Prof. Dr. Rubens Venditti Júnior, Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos) pelas importantes considerações e contribuições.

Aos meus familiares, por serem os responsáveis por eu chegar até aqui, principalmente meu marido Leandro Patrinhani e minha filha Ana Flavia. Minha amiga irmã Fabiana Rissi Fortuna Contarini e meu irmão Fernando Pauloci, me desculpem pelas ausências nesse longo período de formação acadêmica.

Aos meus companheiros (as) do PPGMiT que compartilharam comigo essa experiência acadêmica (estudantes, funcionários e professores), muito obrigada pela parceria.

Aos professores (as) e estudantes companheiros (as) de trabalho, sem eles (as) esta tese de doutorado não existiria.

A todos os professores (as) que tive, por tudo o que me ensinaram, por darem o máximo de si e levarem um pouco de nós.

“Aprendi fazendo parte, [...]” (FREIRE, 2001, p. 44)

PATRINHANI, G. F. **A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização de professores de educação física da educação básica pública.** 2022. 475 f. Tese de doutorado apresentada ao curso de Pós-graduação de Doutorado em Mídia e Tecnologia - FAAC - UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Américo, Bauru, 2022.

RESUMO

A inspiração para esta tese foi a concepção filosófica e a proposta metodológica de Paulo Freire, alicerçadas no respeito e valorização ao próximo, na dialogicidade, na coletividade, na conscientização, na criticidade, autonomia e na práxis, caracterizando a educação como um ato político, baseando-se num olhar para a realidade vivenciada para então intervir e transformá-la. O objetivo geral da pesquisa é analisar, discutir e avaliar as possibilidades do uso dos recursos tecnológicos e midiáticos para auxiliar programas voltados à desalienação e politização dos professores de EF atuantes na educação básica pública. Os objetivos específicos da pesquisa são: identificar fatores que interferem na atuação do professor de EF; contribuir para formação continuada de professores de EF; organizar e relatar um programa de incentivo à desalienação e politização dos professores de EF a partir da proposta dialógica, voltada ao debate sobre o uso das mídias e tecnologias como possibilidades para esses fins, tendo como cerne o trabalho coletivo. Esta pesquisa faz uso de pesquisa bibliográfica, observação participante, entrevistas e análise de documentos. Ela encaixa-se nas pesquisas qualitativas do tipo etnográfica, com uma longa imersão da pesquisadora que também é professora de EF no contexto estudado, interagindo com os demais professores participantes da pesquisa em busca de uma maior compreensão da realidade do grupo, partilhando significados, trazendo à tona a cultura docente da educação básica pública brasileira. Como resultado, a compreensão da realidade aliando a teoria com a prática, adicionado à busca e ao desenvolvimento de uma consciência de classe, como também a adição do resultante desse caminhar que são ações contra os pressupostos epistemológicos e ideológicos ocultos que influenciam as decisões/ambientes/tradições, tudo isso define o panorama desse processo de politização e desalienação dos professores, onde, sem isso os professores correm o risco de continuar a deixar os valores ideológicos dominantes atuarem por meio deles, caracterizando a alienação docente. O Google Meet e o WhatsApp foram meios escolhidos e se mostraram promissores para fins de desalienação e politização.

Palavras-chave: Educação básica pública; identidade docente; desalienação e politização; mídia e tecnologia; Círculo de Cultura.

PATRINHANI, G. F. **A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização de professores de educação física da educação básica pública**. 2022. 475 f. Tese de doutorado apresentada ao curso de Pós-graduação de Doutorado em Mídia e Tecnologia - FAAC - UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Américo, Bauru, 2022.

ABSTRACT

The inspiration for this thesis was the philosophical conception and the methodological proposal of Paulo Freire, based on respect and appreciation for others, on dialogicity, on collectivity, on awareness, on criticality, autonomy and on praxis, characterizing education as a political act, based on a look at the reality experienced in order to intervene and transform it. The general objective of the research is to analyze, discuss and evaluate the possibilities of using technology and media resources to help programs and media resources to help programs aimed at disalienation and politicization of physical education teachers working in public basic education. The specific objectives are: to identify factors that interfere in the teacher's performance; contribute to the continuing education of teachers; organize and report a program to encourage teacher's disalienation and politicization based on the dialogical proposal, focused on the debate on the use of media and technology as possibilities for these ends, with collective work at its core. This research makes use of bibliographic research, participant observation, interviews and document analysis. It fits into qualitative ethnographic research, with a long immersion of the researcher who is also a teacher in the studied context, interacting with the other teachers participating in the research in search of a greater understanding of the reality of the group, sharing meanings, bringing to light the teaching culture of Brazilian public basic education. As a result, the understanding of reality combining theory and practice, added to the search and development of a class consciousness, as well as the addition of the result of this walk that are actions against the hidden epistemological and ideological assumptions that influence decisions/environments/traditions, all this defines the panorama of this process of politicization and disalienation of teachers, where, without this, teachers run the risk of continuing to let the dominant ideological values act through them, characterizing teacher alienation. Google Meet and WhatsApp were chosen and showed promise for the purposes of disalienation and politicization.

Keywords: Public basic education; teacher identity; disalienation and politicization; media and technology; Culture Circle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Processo de desalienação e politização docente.....	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Perfil dos professores participantes nas entrevistas.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
APEOESP	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
APM	Associação de Pais e Mestres
ATPC	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CMSP	Centro de Mídias da Educação de São Paulo
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CREF	Conselho Regional de Educação Física
DE	Diretoria de Ensino
EF	Educação Física
EFAPE	Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAAC	Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design
FC	Faculdade de Ciências
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
GTCN	Gratificação por Trabalho no Curso Noturno
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IMC	Índice de Massa Corporal
JEESP	Jogos Escolares do Estado de São Paulo
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNP	Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico
PEB	Professor de Educação Básica
PEC	Professor Especialista em Currículo
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PPGMIT	Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia
PROATEC	Projeto de Apoio a Tecnologia e Inovação
PROEF	Programa Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
PROUNI	Programa Universidade para Todos

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SARESP	Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SED	Secretaria Escolar Digital
SEDUC	Secretaria da Educação
SEE/SP	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
SESC	Serviço Social do Comércio
TDIC	Tecnologias digitais da informação e comunicação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
1. COMPREENDENDO A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL A PARTIR DO TRABALHO.....	22
1.1. Educação e a Educação Básica Pública.....	29
<i>1.1.1. Contexto escolar brasileiro.....</i>	<i>38</i>
<i>1.1.2. Processo de valorização e reconhecimento docente no Brasil: dimensão político-normativa.....</i>	<i>43</i>
<i>1.1.3. Compreensão do cenário circunscrito pelas políticas neoliberais de desmonte da estrutura educacional.....</i>	<i>47</i>
1.2. Em busca de uma identidade docente.....	53
<i>1.2.1. A natureza do trabalho docente: o papel do professor.....</i>	<i>61</i>
1.3. O componente curricular Educação Física.....	67
1.4. As mídias e as tecnologias.....	75
<i>1.4.1. Possibilidades das mídias e tecnologias.....</i>	<i>83</i>
<i>1.4.2. Mídias radicais.....</i>	<i>86</i>
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	88
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	88
2.1. Definição do universo.....	94
2.2. Procedimento de análise dos dados.....	99
CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	103

3. DECORRÊNCIAS DOS CÍRCULOS DE CULTURA VIRTUAIS.....	103
3.1. (1º) Compreensão do contexto.....	104
3.1.1. <i>Realidade do cotidiano docente.....</i>	104
3.1.2. <i>Formação continuada.....</i>	105
3.1.3. <i>Vantagens x Desvantagens da profissão de professor(a).....</i>	107
3.1.4. <i>Futuro da educação.....</i>	110
3.2. (2º) Consciência de classe.....	114
3.2.1. <i>Identidade docente.....</i>	114
3.2.2. <i>Ser professor em tempo integral.....</i>	129
3.2.3. <i>O legado dos professores.....</i>	130
3.2.4. <i>Sociedade e a profissão docente.....</i>	133
3.2.5. <i>A profissão docente e seus pressupostos.....</i>	137
3.2.6. <i>Política x Educação.....</i>	139
3.2.7. <i>Dimensão estética da profissão docente.....</i>	147
3.3. (3º) Resistência/Luta/Comprometimento.....	149
3.3.1. <i>Autoritarismo/imposição.....</i>	149
3.3.2. <i>Troca de experiências.....</i>	152
3.3.3. <i>Exoneração.....</i>	155
3.3.4. <i>Motivação.....</i>	156
3.4. (4º) Os meios - Metodologia dialógica e as mídias e tecnologias.....	161
3.4.1. <i>Metodologia dialógica.....</i>	161
3.4.2. <i>Possibilidades das mídias e tecnologias.....</i>	174

<i>3.4.3. Motivação x mídia e tecnologia.....</i>	<i>177</i>
<i>3.4.4. Superações do uso das mídias e tecnologias.....</i>	<i>180</i>
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
REFERÊNCIAS.....	191
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	203
APÊNDICE B - Roteiro das entrevistas.....	204
APÊNDICE C - Transcrição das entrevistas.....	207
APÊNDICE D - Diário do grupo de WhatsApp.....	423
APÊNDICE E - Transcrição das reuniões com o grupo de professores de EF via Google Meet.....	456

INTRODUÇÃO

Ano de 2018. Efervescência com relação ao ano eleitoral referente a troca presidencial brasileira. De um lado um candidato de extrema direita defendendo ideais preconceituosos e retrógrados e de outro, a esquerda, tentando superar a perseguição política e a prisão de seu principal líder, substituindo-o por um professor universitário. Estou falando das eleições brasileiras de 2018 onde os principais candidatos eram Bolsonaro e Lula e, posteriormente, Bolsonaro e Haddad. Ao final, o resultado foi Bolsonaro presidente. Parece um simples relato de um período histórico, mas com um enorme impacto em diferentes ambientes e contextos, tanto históricos, como econômicos, culturais e sociais. A ideia desta presente pesquisa de doutorado nasceu nessa época, a qual alavancou muitos questionamentos e muitas dúvidas com relação ao meu ambiente de trabalho, a educação escolar, e, ao longo do texto, vou explicitar o seu caminhar, mas antes, vem a ser relevante voltar ao início, à minha formação, às minhas experiências, ao meu caminho trilhado até aqui para que vocês possam compreender melhor o rumo dado à presente pesquisa e seu embasamento teórico.

Vou pedir licença para me apresentar. Sou esposa, mãe e professora de educação básica II, do componente curricular educação física na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, efetivada em dois cargos, trabalhando atualmente em duas escolas públicas estaduais diferentes. Atuo nessa área de educação física escolar desde 2006, quando decidi deixar as academias em busca de maior estabilidade trabalhista. Escolhi essa carreira porque a prática do esporte sempre esteve muito presente em minha vida desde a infância, pois eu vivia num ambiente familiar muito conflituoso, pais divorciados e em constantes conflitos, criação auxiliada pelos avós, e a prática do esporte foi o meio encontrado para ajudar na superação dos meus problemas e dar um direcionamento para minha vida.

Um fato marcante e que tenho certeza que foi decisivo para a escolha da minha profissão, foi quando estávamos em uma competição de natação, e como era de costume, sempre torcíamos para nossos companheiros de equipe em todas as provas, mas meu técnico, nessa época, tinha uma certa preferência para alguns atletas que sempre apresentavam resultados melhores, dando-lhes maior atenção do que para os demais atletas. Nesse dia eu fiquei muito triste porque um companheiro de treino estava nadando numa prova na competição e nosso técnico não torceu por ele, nem prestou atenção no decorrer de sua prova, ao contrário do que ele fazia com seus atletas favoritos que tinham um melhor desempenho e resultados, o que me levou, aos meus quatorze anos na época, a refletir sobre a real importância da prática daquele esporte, pois ao conviver com meus companheiros de treino por anos percebi que o

maior motivo para estarmos juntos ali era pelo apoio, pela força compartilhada, pelo companheirismo, pela convivência que se tornava mais fácil por termos uns aos outros e que os resultados nas competições, as medalhas, eram importantes sim, mas que esse lado competitivo do esporte não chegava nem perto de superar o ganho emocional de se sentir acolhido e apoiado, de realmente fazer parte de um time. Posteriormente, em uma reunião da equipe, coloquei essa pauta em discussão e defendi também a questão da igualdade no tratamento do técnico com relação aos atletas, e todos concordaram que não deveria haver diferença e que devíamos nos apoiar igualmente, em todos os sentidos. Assim, e por tantos outros bons motivos, a natação entrou na minha vida virando a minha paixão e foi por muito tempo o meu principal foco até eu terminar o Ensino Médio e ter que abandonar sua prática para começar a trabalhar. Esse rompimento de atleta amadora para virar trabalhadora na linha de produção de uma fábrica de aparelhos eletrônicos foi extremamente difícil e triste, tanto fisicamente como psicologicamente, mas o sonho de continuar nessa área nunca se foi, assim, ao mesmo tempo que trabalhava de dia eu continuava estudando, fazia cursinho à noite visando passar no vestibular, e deu certo, entrei em 2001 e me formei em licenciatura plena em Educação Física pela Unesp de Bauru em 2005. Ainda na época da graduação, no último ano, meus colegas de turma e eu prestamos concurso para atuarmos como professores de educação física escolar no Estado de São Paulo, muitos de nós fomos aprovados, então comecei a atuar como professora eventual em 2006 e em 2007 fui chamada para ser efetivada, mas como não tinha vaga na minha região de Bauru/SP assumi o cargo em Registro/SP onde atuei por três anos até conseguir remoção de volta para Bauru/SP. Foi nesse período que constituí família, casei e tive minha filha Ana Flavia em 2008.

Depois que já estava atuando na área de educação física escolar senti a necessidade de cursar pedagogia para compreender melhor como funcionava a gestão da escola e os processos de alfabetização. Também me especializei na área de educação física escolar. Formei-me em pedagogia pela Unesp de Bauru em 2015 e em especialização em educação física para professores do ensino fundamental II e ensino médio pela Unicamp em 2011. Com a rotina de trabalho na escola, com o surgimento de inúmeros entraves e desafios ao longo do processo, eu sempre sentia a necessidade de ir além daquele ambiente, pois as formações continuadas oferecidas pelo Estado acabavam deixando a desejar e havia a necessidade de continuar buscando apoio na Universidade. Nessa busca por continuar os estudos fiz mestrado profissional em mídia e tecnologia pela FAAC/Unesp de Bauru e sigo nos estudos com o doutorado no mesmo programa.

No meu cotidiano vivencio, junto com meus companheiros de trabalho, dificuldades relacionadas ao processo educativo, tanto no âmbito profissional como no âmbito pessoal. Ao longo da minha experiência profissional posso relatar que no ambiente escolar vivenciamos diversas situações e compartilhamos as angústias, os conflitos, dilemas, entraves, desafios, como também as vitórias, as superações, entre outras situações e sentimentos ao longo do nosso cotidiano escolar.

Para exemplificar, são muitas as falas de professores que se dizem incapazes de resolver os problemas de aprendizagem de determinados estudantes, como também muitas discussões sobre as causas desses problemas, muitos atribuem a falta de apoio familiar, a problemas genéticos advindos de abuso de drogas na gestação, falta de apoio governamental, etc. Também presenciamos e ouvimos muitos casos de conflitos entre profissionais de diversos cargos, como muita cobrança da gestão escolar, não compreendendo a realidade dos professores dentro das salas de aula, lidando com a diversidade e conflitos entre diversificados estudantes, como também os próprios professores que muitas vezes, ao invés de se ajudarem, criticam uns aos outros. Há muitas divagações sobre o papel dos professores, onde muitos acreditam na neutralidade da educação e do dever de somente ensinar os conteúdos que lhes são atribuídos pelas instâncias superiores e preparar os estudantes para os vestibulares e/ou um trabalho, em contrapartida, muitos professores defendem extrapolar essas barreiras e limites, focando em uma educação para a vida, entre outros. Tudo isso nos leva a indagar sobre o que é necessário possuir, ser e/ou ter, para se manter nessa profissão, a importância da motivação para continuar seguindo nessa carreira que, infelizmente, é tão desvalorizada em nossa sociedade brasileira contemporânea.

Houve um período em que a Prof^a Dr^a Denise Aparecida Corrêa do Departamento de Educação Física da Unesp de Bauru desenvolveu um projeto de extensão universitária em uma das escolas em que eu trabalhava e, através desse projeto, eu pude aprofundar meus estudos e conhecimentos sobre a pedagogia dialógica de Paulo Freire. Tendo na minha bagagem esse embasamento teórico, o qual procuro aprimorar e conhecer mais a cada dia, penso, quando presencio dentro da escola discussões entre meus companheiros de trabalho sobre a neutralidade da educação e sobre qual é o nosso verdadeiro papel dentro da escola, que não há neutralidade axiológica no exercício profissional da docência, em qualquer nível de aprendizagem, mas, ao mesmo tempo, acho importante esclarecer e compreender o que leva alguns profissionais da educação à pensarem dessa maneira.

Como já comentei acima, o período eleitoral de 2018 impulsionou muitos questionamentos e pensamentos que requerem uma atenção especial e essa suposta neutralidade

da educação é uma delas. A instituição escolar, possuindo uma relação dialética com a sociedade, onde uma interfere na outra e vice-versa não poderia passar imune a isso. Houve uma ambiência da extrema direita no ambiente escolar e cultural, efervescendo discussões sobre meio ambiente, gênero, questões raciais, violência, entre inúmeras outras. Houve uma explosão de temáticas na escola em todas as suas dimensões e magnitude.

Como justificativa desta presente pesquisa, para alcançarmos uma educação de qualidade, é preciso investir na valorização, na motivação e na qualificação dos professores. O caminho ainda é longo para colocar a profissão docente à altura máxima em nossa sociedade, recebendo a devida valorização que essa profissão merece, de acordo com o nível de sua responsabilidade e ações perante a formação e o desenvolvimento de indivíduos para atuar em sociedade. A educação e, conseqüentemente, os professores, devem se constituir como prioridade na agenda mundial. Sendo assim, esta pesquisa visa contribuir ao item 4 – Educação de qualidade – dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável para transformar nosso mundo da Agenda 2030 da ONU, uma organização internacional cujo objetivo é buscar a paz e o desenvolvimento mundial por meio da cooperação entre países.

Com a intenção nesse estudo de buscar, coletivamente, uma politização e desalienação aos profissionais da educação, promover espaços de troca de experiências, busca-se mais aportes teóricos que nos possibilite compreender a identidade desse profissional, seu papel e a importância em nossa sociedade e como realizar essa conscientização e expansão desse ideal de forma coletiva. A intenção é disseminar a ideia do docente como um agente político, essencial e transformador em nossa sociedade, e para isso, antes de tudo, os próprios professores precisam conscientizar-se disso. A hipótese é de que o acolhimento desse entendimento por parte dos professores e comunidade em geral contribuirá para uma maior motivação docente e um maior reconhecimento e valorização desse profissional. Promover ações coletivas dos docentes que poderão contribuir com o letramento científico da sociedade, com uma relação dialógica entre instituição de ensino e sociedade. Como sigo estudando no programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da Unesp de Bauru, a minha intenção é pesquisar como as mídias e as tecnologias podem ser um meio para atingir esses fins. Coloco como hipótese para essa pesquisa que as mídias e tecnologias têm recursos tangíveis e intangíveis favorecedores de ações que possibilitam a superação da alienação profissional e despolitização da atividade profissional docente.

Devido a minha aproximação com os ideais freireanos, foi pensado um envolvimento com os participantes, os demais professores de educação física, por meio de uma metodologia

que tivesse como epicentro, a linha condutora da pesquisa, o trabalho coletivo, que desafia o trabalho individual estimulado pela lógica produtivista.

É com o trabalho coletivo que podemos exercitar a teoria da ação dialógica de Paulo Freire que tem como embasamento o reconhecimento da desumanização e a necessidade de um envolvimento coletivo em um processo de humanização, pois este só pode se dar em atividades coletivas. O Círculo de Cultura é um método criado por Paulo Freire que parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo, um elemento básico e necessário à prática pedagógica democrática. Portanto, os Círculos de Cultura são espaços no qual se ensina e se aprende. O Círculo de Cultura freireano tem dimensões e características midiáticas, fonte emissora, produção de conteúdo, canais de comunicação, recepções e retroalimentação da informação e também tecnológicas como a oralidade, corporeidade, escuta ativa, gestão de grupos, dentro das categorias definidas nos campos das mídias radicais e tecnodiversidade.

Há muitos questionamentos a serem pensados e mais destrinchados, mas a questão principal deste estudo é apontar como as mídias e as tecnologias podem contribuir para a desalienação e politização docente. Para isso, busca-se aprofundar os estudos sobre as seguintes temáticas que se constituem no escopo do estudo: educação, educação básica pública, formação profissional, regulamentação da atividade profissional do professor, valorização e motivação, o papel da docência, identidade docente, a importância da educação para a sociedade, relação entre educação e política, mídia e tecnologia.

Focando nas possibilidades do uso das mídias e tecnologias existentes atualmente em nossa sociedade, foi pensado verificar o uso desses recursos para explorar novas interfaces que contribuam para um processo qualitativo de desalienação e politização do professor, enquanto sujeito ativo na formação de variados indivíduos presentes no mundo. Desde o início, a intenção deste estudo é oportunizar espaços de voz para os sujeitos desta pesquisa, trabalhando coletivamente em prol dos objetivos propostos. Este estudo poderá contribuir também para novas perspectivas perante a formação de professores, visualizando possibilidades e limitações, ou até mesmo superações do uso das mídias e tecnologias para fins de desalienação e politização docente.

A expansão do universo midiático e tecnológico gera mudanças expressivas nas formas de produção, recepção, acesso aos conteúdos, perceptíveis no espaço social. Porém, as tecnologias digitais e os conteúdos veiculados raramente são temas abordados, discutidos e desenvolvidos a fim de promover ações de incentivo à politização e desalienação do profissional da educação básica pública brasileira. Não podemos negar que são muitos os recursos midiáticos e tecnológicos utilizados nas formações continuadas oferecidas aos

docentes atualmente, mas as questões são quais e como esses recursos estão sendo utilizados? A favor de quem? Contra quem? De maneira passiva e acrítica ou transformando os docentes em agentes críticos e transformadores de sua realidade? A mídia e tecnologia são mais do que simplesmente dispositivos digitais e de conexão digital e podem também servir como um campo de luta. Assim, coloco como questão central para a presente investigação a aproximação e a utilização das mídias, das tecnologias e dos seus recursos como meios para promoção, identificação e análise de ações voltadas ao professor atuante na educação básica pública, contribuindo para sua desalienação e politização, expressa nas seguintes indagações: é possível utilizar-se de recursos midiáticos e tecnológicos para criar ações de incentivo à troca de experiências do profissional da educação não somente dentro do ambiente escolar, mas que repercute em toda a nossa sociedade? Os recursos midiáticos e tecnológicos podem servir de meios para fins de desalienação e politização focados no professor de EF da educação básica pública? Como as mídias e as tecnologias podem auxiliar na valorização e no reconhecimento da profissão de professor de EF da educação básica pública e, conseqüentemente, na motivação dos professores?

Há alguns questionamentos específicos a se pensar e a se desvendar ao longo da pesquisa, tais como: É possível os professores se auto motivarem? É possível a própria comunidade escolar realizar ações de desalienação e politização da profissão docente? O trabalho coletivo para esse fim é viável? Como fazer com que seja inserido o uso da mídia e tecnologia nesse contexto (cotidiano escolar) de maneira interna e não externa, ou seja, fazer com que a própria comunidade escolar faça uso disso para beneficiar-se, sem partir de iniciativas de fora, mas sim de dentro? De que maneira as mídias e tecnologias redefinem nossas percepções do mundo social, sobre relacionamentos pessoais e sobre nós mesmos em um cotidiano no qual identidades passam pelas mídias? Será que ações como essa abrem os caminhos ou até mesmo são suficientes para estabelecer vínculos afetivos e de formação continuada entre professores? Como continuar fazendo a manutenção e fortalecimento desses vínculos criados, dessas ações desenvolvidas? Quais são os elementos que atuam nessa visão ideológica político-pedagógica que visa separar e dicotomizar a política da educação?

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa é analisar, discutir e avaliar as possibilidades do uso dos recursos tecnológicos e midiáticos para auxiliar programas voltados à desalienação e politização dos professores de EF atuantes na educação básica pública (dimensão objetiva dos recursos tangíveis colocados à disposição e subjetiva da formação política dos docentes e da politização de suas relações de aprendizagem).

Os objetivos específicos da pesquisa são: identificar fatores que interferem na atuação do professor de EF; contribuir para formação continuada de professores de EF; organizar e relatar um programa de incentivo à desalienação e politização dos professores de EF a partir da proposta dialógica, voltada ao debate sobre o uso das mídias e tecnologias como possibilidades para esses fins, tendo como cerne o trabalho coletivo. A intenção foi buscar esses dados e informações os quais foram problematizados ao longo das interações com os professores de EF.

Essa presente pesquisa faz uso de pesquisa bibliográfica, observação participante, entrevistas e análise de documentos. Ela encaixa-se nas pesquisas qualitativas do tipo etnográfica, com uma longa imersão da presente pesquisadora que também é professora de EF no contexto estudado, interagindo com os demais professores de EF participantes da pesquisa em busca de uma maior compreensão da realidade do grupo, partilhando significados, trazendo à tona a cultura docente da educação básica pública brasileira.

Além desta introdução, esta tese está assim estruturada: No capítulo 1 está descrito o referencial teórico envolto por visões marxistas, abordando as temáticas de compreensão da ontologia do ser social a partir do trabalho, o contexto da Educação e da Educação Básica Pública brasileira, o processo de valorização e reconhecimento docente, a compreensão do cenário de desmonte da estrutura educacional, a busca por uma identidade docente, a natureza do trabalho docente, o papel dos professores em nossa sociedade, o componente curricular Educação Física e, por fim, a temática das mídias e tecnologias dando ênfase às suas possibilidades; O capítulo 2 refere-se ao percurso metodológico desenvolvido nesta tese; No capítulo 3 encontram-se os resultados e discussões; Enfim, no capítulo 4 estão as considerações finais.

Posto as explicações, justificativas, questionamentos, que impulsionaram essa presente pesquisa, partimos agora para os referenciais teóricos e posteriormente a campo para diálogo com os sujeitos envolvidos no contexto estudado a fim de um caminho a ser desvendado.

CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

1. COMPREENDENDO A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL A PARTIR DO TRABALHO

O estudo de Luckács (2013, 2018) foi o aporte teórico escolhido para embasar a compreensão da ontologia do ser social, o qual trata da especificidade do ser social trazendo o trabalho como ponto fundante, onde explica que o que torna o ser humano um ser social, o que transforma os indivíduos dependentes de uma série de relações de sociabilidades é o trabalho.

A ontologia diz respeito à essência, aos elementos fundamentais, assim, o nosso interesse aqui é entender o que torna as pessoas seres sociais. Estamos falando do contexto de viver em sociedade, onde a sociedade, especificamente a humana, engloba diversos elementos como, por exemplo, símbolos, linguagens, cultura, comportamentos, valores, ideias, entre outros. O ser humano se relaciona com elementos que ele mesmo cria. É criador, produtor, significador, consumidor, e ao longo de sua vida, ao viver em sociedade, aprendemos. Assim, a sociedade é retroalimentada constantemente, é dinâmica.

De acordo com Freire (2020), as épocas históricas vão se formando, se registrando, na medida em que os seres humanos vão dando continuidade nesse processo, vão criando, recriando e decidindo sobre sua participação nessas épocas, necessitando sempre de uma permanente atitude crítica para compreensão das necessidades, dos temas e tarefas da época vivenciada. As épocas vão definindo-se conforme a resolução de seus conflitos e na medida em que vão surgindo novas necessidades, superando temas e tarefas que não correspondem mais às novas necessidades emergentes, e nessa transição estão incluídas as escolhas humanas, é um tempo onde se fazem opções.

Em resumo, o ser humano necessita, para continuar existindo em sua materialidade, se alimentar, buscar abrigo, se manter vivo, se proteger. E busca isso numa relação intrínseca com a natureza, como por exemplo, pescando, caçando, plantando, modificando a madeira das árvores, construindo objetos, armazenando, entre outras ações. E, nesse ínterim, trabalha fazendo uso, interagindo e modificando a natureza de acordo com suas demandas e necessidades. Para isso, o ser humano foi pensando, projetando, estabelecendo objetivos para realizá-los, atingi-los. O trabalho diz respeito à forma como o ser humano interage com a natureza dando sentido e significado a ela. Assim, nesse processo, em busca de uma sociabilidade, de se relacionar com outros seres humanos, foi construindo modos de comunicação e colaboração entre seus pares, dividindo trabalhos de modo a dar o sustento

necessário para manter as pessoas vivas. Por exemplo, a linguagem tem a sua gênese simultaneamente ao trabalho, é uma tecnologia que podemos chamar de intangível, pois não é um simples objeto a ser tocado, não tem uma materialidade corpórea, e é uma tecnologia que foi inventada pela humanidade para atender às suas necessidades. O ser humano descobriu como acender o fogo e, nos seus primórdios, pode ter servido para espantar os animais selvagens, mas também teve serventia para cozinhar e utilizado na fabricação e modelação de ferramentas. Assim, todo produto resultante do trabalho é objetivado para poder ser usado em determinados fins e muitas vezes esse produto pode servir para alcançar também outros fins. Nesse caminhar, a sociedade se fez. Ela nasce de uma necessidade material: a de trabalhar para ter sustento e sobreviver.

No ser social, a realidade vivenciada deriva, em termos ontológicos, do fato de que os seres humanos agem de diversas maneiras perante situações de estabilidade ou de alguma modificação estrutural, conseqüentemente, em ação de retorno, produzem efeitos reais na base de suas práxis¹. Sendo assim, podemos dizer que existe a possibilidade de mudança na realidade por causa do ato da práxis humana, ou seja, possibilidade de uma realidade passar pelo processo de transformação. Os meios, objetivos e os produtos dessa transformação vão depender da práxis humana.

Através do trabalho podemos dizer que ocorre uma dupla transformação, onde o próprio ser humano é transformado pelo seu trabalho, ao atuar sobre a natureza exterior como foi explicado anteriormente, ao mesmo tempo que modifica a sua própria natureza, adquire conhecimento, desenvolve habilidades, etc. Faz muita diferença essa transformação quando é um processo biológico espontâneo e/ou involuntário de adaptação às adversidades naturais ou se é consequência de uma práxis social própria, regulada, onde se apresentam novas formas de trabalho, de divisão do trabalho, de relacionamentos entre os envolvidos nesse processo e, enfim, todos estes fatores impactam de distintas formas na formação e na transformação dos indivíduos.

As comunidades e seus membros foram demarcando uma relação mercantil, as divisões de trabalho foram evoluindo, trocas entre produtos de seus trabalhos foram se firmando, são produzidos determinados valores de uso para além de suas respectivas necessidades, onde esse valor, o preço, é definido pelo tempo de trabalho socialmente necessário. As pessoas atribuem

¹ “Práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora. [...] A ação é precedida pela conscientização, mas gerada por esta leva a construção de um outro mundo conceitual em que o indivíduo se torna sujeito e passa a atuar sobre o mundo que o rodeia. [...] É uma síntese entre teoria-palavra e ação” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 331).

um valor de uso a um objeto da natureza e com o pôr socialmente objetivo do valor de uso, ao longo do desenvolvimento social surge o valor de troca. A conversão dos produtos do trabalho em mercadoria se constitui como um estágio mais elevado da socialidade. A força de trabalho se encaixa como uma mercadoria a ser negociada, o que podemos ver e exemplificar em nossa contemporaneidade, uma luta constante entre a classe trabalhadora e a classe capitalista por melhores condições de trabalho, onde a classe trabalhadora exige aumentos salariais e diminuição de jornada de trabalho, por exemplo. Assim:

A metamorfose do trabalho, em ligação com relação cada vez mais explicitada entre valor de uso e valor de troca, transforma o trabalho concreto sobre um objeto determinado em trabalho abstrato que cria valor, o qual culmina na realidade do trabalho socialmente necessário (LUCKÁCS, 2018, p. 315).

Ainda, de acordo com Luckács (2013), os valores só surgiram depois da objetivação do produto do trabalho, mediante a objetivação-alienação. Ele explica que:

Com efeito, mostramos que a objetivação e a alienação são aspectos dos mesmos atos práticos, que a justificação de diferenciá-los está embasada justamente no fato de que, na objetivação, o homem produz algo prático, mesmo que seja só a expressão de seus sentimentos por meio da linguagem que, por sua essência, é predominantemente genérica, que, em alguma proporção, constitui um elemento de construção daquilo que o gênero é propriamente, ao passo que o aspecto da alienação no mesmo ato indica que este foi posto em movimento por um homem singular e que expressa e influencia positiva ou negativamente o seu desdobramento individual (LUCKÁCS, 2013, p. 536).

Na sua individualidade, cada pessoa reage a seu modo as suas alienações. Vamos nos aprofundar adiante nessa questão, mas antes vamos compreender as ideologias e a tomada de consciência.

Uma dimensão importante da prática social é a ideologia. Ideologias são ideias, uma forma específica de respostas à sociabilidade, de dar respostas às demandas e aos dilemas sociais. O ser humano, através de suas ideias, faz escolhas, age, perseguindo seus objetivos, agindo sobre a natureza e se relacionando socialmente. Ideologia é a disputa pela tomada de consciência, formas ideológicas pelas quais os seres humanos tomam consciência de seus conflitos, formas humanamente construídas de tomadas de consciência, elementos do complexo chamado ser social. Assim, através da existência de diferentes estruturas sociais, onde distintos grupos têm interesses antagônicos e vivem em função de defendê-los, muitas vezes alguns acabam se sobressaindo sobre os outros. Uma vez que surgidas as sociedades de classes, qualquer questão pode ter diferenciados pontos de vista, os quais afetam a busca por respostas a diferenciados dilemas. “Em suma, o surgimento e a disseminação de ideologias se manifestam como a marca registrada geral das sociedades de classes” (LUCKÁCS, 2013, p. 472).

Durante o processo de trabalho, é o ser social que determina a consciência e todo ser social está ligado a atos de consciência. Sendo assim:

A consciência é, antes de tudo, a forma de reação (de caráter alternativo) a relações concretas objetivamente diversas no plano social; e também o campo de ação das alternativas surgidas em cada oportunidade é objetivamente delimitado no plano econômico-social. É a reação – frequentemente obscura, puramente emotiva – do indivíduo ao mundo social circundante que se apresenta a ele como algo dado (LUCKÁCS, 2018, p. 401).

A consciência deriva dos efeitos da objetivação e alienação, segundo Luckács (2013). Estar consciente no presente significa vincular o estudo do passado e futuro, fazer uma reflexão de todas as suas ações, reconhecer seus limites e potencialidades, relembrar suas superações, por exemplo. Tudo isso sustenta decisões e ações futuras e, portanto, momentos assim são necessários para dar continuidade ao processo de desenvolvimento da consciência e processos de comunicação entre os pares, são adicionais qualitativos nesse caminho. A socialização das relações sociais é um ato modificador do ser, importante para o desenvolvimento do gênero humano.

A conscientização refere-se ao conceito da constituição do seu próprio pensamento com relação ao mundo, é um processo de criticização das relações consciência-mundo, assumindo um compromisso de práxis no mundo. É nesse sentido que a conscientização vai além da simples tomada de consciência. A conscientização embasa a tarefa histórica de resistência crítica ao contexto neoliberal e embasa todo um processo educativo libertador, onde a conscientização alia-se à criticidade e à curiosidade epistemológica, potencializando a criatividade de ações transformadoras perante as situações-limite², situando a conscientização no campo das possibilidades (FREIRE, 1996; 2007; STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008).

Avançando mais nessa temática da consciência, segundo Pinto (2010), a consciência crítica:

[...] é a representação mental do mundo exterior e de si, acompanhada da clara percepção dos condicionamentos objetivos que a fazem ter tal representação. Inclui necessariamente a referência à objetividade como origem de seu modo de ser, o que implica compreender que o mundo objetivo é uma totalidade dentro da qual se encontra inserida. Refere-se a si mesma sempre necessariamente no espaço e no tempo em que vive. É pois, por essência, histórica. Concebe-se segundo a categoria de processo, pois está ligada a um mundo objetivo que é um processo e reflete em si esta objetividade nas mesmas condições lógicas que definem um processo (PINTO, 2010, p. 62).

² Segundo Freire (2001), situações-limite se constituem em obstáculos e/ou dificuldades, onde nossa atitude é de buscar a sua superação.

Freire (2020) ainda acrescenta sobre a busca de uma consciência crítica que ela se dá num processo educativo de conscientização, onde suas características principais são: profundidade na análise dos problemas; reconhecimento que a realidade é mutável; procura sempre verificar e/ou testar descobertas e está sempre disposta às revisões; esforça-se no livramento de preconceitos; aceita delegação de responsabilidades, nutre-se no diálogo; se mantém indagadora, investigadora; quando se depara com coisas novas não repele o velho, nem aceita de pronto o novo, mas analisa e reflete em que medida são válidos. Diferencia ainda as consciências explicando que “na consciência ingênua há uma busca de compromisso; na crítica há um compromisso; e, na fanática, uma entrega irracional” (FREIRE, 2020, p. 51).

Uma questão importante a se frisar é que os seres humanos são responsáveis por fazer a sua própria história, são responsáveis por suas escolhas, seus atos, mas não podem fazê-las nas circunstâncias escolhidas por eles no sentido de que os seres humanos respondem, conscientes ou não, às alternativas que lhes são apresentadas pelo seu contexto social, pelas possibilidades do desenvolvimento social e, “nisso, portanto, já está implicitamente contido o valor” (LUCKÁCS, 2013, p. 122). Nesse contexto, desde a antiguidade até nossos tempos, vêm sendo transmitidas histórias orais sobre os chamados heróis, seres mitológicos que se destacaram, que podem ser tomados como exemplos devido ao caminho de superação trilhado nesse caminhar histórico, um modelo de ação orientada para uma alternativa social, e o verdadeiro nexos social está no fato de que ao seguir esses exemplos tem que se levar em consideração as necessidades sociais vivenciadas no presente momento histórico, deve haver uma reinterpretação, uma adaptação. De certa forma, essas mudanças e permanências fazem parte do nosso desenvolvimento social.

Em suma, todo esse processo de acúmulo de trabalho é que dá origem a toda humanidade que é transmitido de geração em geração. Todo esse complexo é o que Luckács (2013) chama de pores teleológicos, onde os primários são os que atuam de forma direta sobre um dado objeto ou elemento natural visando realizar fins humanos. Os pores teleológicos secundários são os conjuntos de ações humanas não somente sobre a natureza, mas sobre outros seres humanos e outras ações humanas sobre a natureza, ou melhor, a relação entre os seres humanos e o produto do seu trabalho, se propõem a exercer influência sobre a consciência de outros indivíduos, visando levá-los a executar os pores desejados. Esse processo é histórico, social e depende de ações políticas, envolve a relação dos seres humanos e a propriedade dos produtos derivados do trabalho.

Politicamente, entendemos como práxis, uma forma de enfrentar e resolver conflitos em sociedade. Por exemplo, a luta de uma classe social contra outra é uma luta política. O

desenvolvimento econômico, por fim, impacta nas relações e força das classes que, com o surgimento de diferentes classes sociais, esses pores teleológicos podem ser colocados a serviço da dominação da classe dominante sobre os oprimidos, os chamados sistemas de dominação de classe, afetando também no desfecho das lutas de classes, mas vale lembrar que sempre há possibilidades de mudança de paradigma. De acordo com Santos (2002, p. 163):

Neste fim do século XX, tudo é política. E, graças às técnicas utilizadas no período contemporâneo e ao papel centralizador dos agentes hegemônicos, que são planetários, torna-se ubíqua a presença de processos distorcidos e exigentes de reordenamento. Por isso a política aparece como um dado indispensável e onipresente, abrangendo praticamente a totalidade das ações.

Assim, entendemos que a política está presente em todas as dimensões da vida em sociedade, que faz parte das atividades cotidianas humanas, da compreensão de mundo das pessoas, mas é imprescindível frisar que não podemos separar essa teoria de sua prática, ou melhor, a compreensão do que é política atrela-se ao pensamento da necessidade da ação humana, nesse entendimento, a política pode ser entendida como uma práxis social, é uma práxis política, e como vivemos em sociedade, é importante frisar também a necessidade de um olhar para o coletivo, esse deve sobressair-se sobre o individual.

Nesse caminhar, não podemos nos esquecer da discussão sobre a alienação, onde Luckács (2013) compreende como uma forma geral inevitável de toda atividade humana, onde as pessoas são seres que respondem, posicionam-se em suas alienações diante de questões existenciais e acabam tomando decisões, afirmativas ou negativas, de alternativas em função de suas necessidades referentes a sua personalidade, ou melhor, a natureza é exposta ao questionamento humano. Em suma, a ideia de alienação está ligada com atividades constituidoras do ser social e é decorrente de condições históricas.

No marxismo, a alienação é expressa como uma invasão cultural, mecanismo de domesticação, de opressão. Desta forma, as pessoas perdem a condição de sujeitos na sociedade, populações vivem em condições desumanas, são exploradas. No contexto do trabalho, a alienação é uma situação onde a pessoa está apartada do bem que ela mesma produziu. Podemos dizer que um trabalho alienado é aquele cujo produto não pertence ao ser humano que o produziu, onde o produtor desse produto não o reconhece como seu. Os seres humanos continuam tendo necessidades, trabalhando, produzindo, mas entre o trabalho e o produto há um obstáculo, uma barreira social no processo de humanização, pois é por meio do trabalho que se edifica a vida humana e o reflexo dessa vida é transmitido, faz parte, se une com suas criações, sendo assim, quando o resultado de seu trabalho, o objeto resultante de sua produção for estranho ao seu próprio criador, não somente o resultado, como também todo o

processo da atividade produtiva, sua vida que é edificada e refletida pelo seu trabalho. Consequentemente, as pessoas não reconhecem a sua marca, a sua representação no mundo. O trabalho alienado não somente afeta a relação do trabalhador com seu produto, sua criação, como também afeta as relações com outras pessoas, onde essas relações têm seu ponto fundante no trabalho (MACENO, 2017).

O mundo está repleto de produtos do trabalho e quando o ser humano está separado do produto do seu trabalho, podemos dizer que ele está apartado de todo o mundo tornado humano pelo trabalho, o que lhe confere a humanidade. Nesse caminhar:

Referimo-nos, naturalmente, aos efeitos que o trabalho produz no próprio homem que trabalha: a necessidade de seu domínio sobre si mesmo, a luta constante contra os próprios instintos, afetos, etc. [...] o homem se tornou homem exatamente nessa luta, por meio dessa luta contra a própria constituição naturalmente dada, e que o seu desenvolvimento ulterior, o seu aperfeiçoamento, só pode seguir se realizando por esse caminho e com esses meios. [...] o caminho do autocontrole, o conjunto das lutas que leva da determinidade natural dos instintos ao autodomínio consciente, é o único caminho real para chegar à liberdade humana real (LUCKÁCS, 2013, p. 155).

Cada indivíduo precisa posicionar-se a favor ou contra os seus estranhamentos, que são momentos de reações ideológicas das pessoas ao status quo, e isso não ocorre sem a mediação das forças ideológicas. Por isso é importante o processo de conscientização, que é resultante da práxis e a determina. A questão central é verificar se a pessoa é agente transformador de sua própria vida e seu entorno ou é somente mais uma pessoa passiva que atribui isso a outros.

Segundo Luckács (2013, p. 830), “o que caracterizará o movimento de libertação em todos os âmbitos da vida é o retorno ao próprio ser social enquanto fundamento irrevogável de toda práxis humana, de toda ideia verdadeira”.

Para Freire (2020), uma sociedade alienada não possui consciência de sua própria existência, um profissional alienado é um ser inautêntico no sentido de que não olha para sua realidade, para seu trabalho com seus próprios olhos e com critérios pessoais, mas com olhos alheios, por isso vive uma realidade imaginária e não sua própria realidade objetiva. Enxerga o mundo com ideias e olhos alheios aos seus. Freire ainda complementa que o erro não está na imitação de outros, “mas na passividade com que se recebe a imitação ou na falta de análise ou de autocrítica” (FREIRE, 2020, p. 45).

Todo esse caminho trilhado até aqui contribui para nosso entendimento de que a desumanização é uma realidade histórica, pois está presente nos processos civilizatórios, que abrangem os processos trabalhistas de produção, acumulação, como também a apropriação do conhecimento, e é nesse contexto onde a profissão docente encontra seu sentido como vamos buscar mais adiante nesta pesquisa, onde um professor despolitizado vai ao encontro de uma

suposta neutralidade do seu exercício profissional e a condição de sua liberdade é o conhecimento das necessidades de sua categoria profissional.

Posto até aqui a base do nosso referencial teórico, o ser social, e explicado alguns elementos importantes e peças chave que são partes integrantes desta pesquisa, como as ideologias, o processo de conscientização, o estranhamento e a alienação, ficando marcado a esperança de que todo esse processo envolve permanente movimento, possibilidade de mudança no ser social, de transformação da sociedade, por meio da práxis humana, agora vamos seguir adiante focando no contexto escolhido para essa presente pesquisa, o contexto da educação escolar, mais especificamente, a educação básica pública brasileira.

1.1. Educação e a Educação Básica Pública

A essência da educação permeia o fato de capacitar as pessoas a reagirem adequadamente aos acontecimentos e situações imprevisíveis que surgem ao longo de toda a sua vida, sendo assim, ela nunca estará realmente concluída, é um contínuo permanente por toda a existência. Freire (2020) defende que a raiz da educação é essa busca constante das pessoas em ser mais, como fazem essa autorreflexão, descobrem-se como seres inacabados.

Pinto (2010, p. 39) nos esclarece que a educação, por ser um acontecimento humano, é histórica porque é o desenvolvimento de sua existência. Segundo ele, “a espécie e a extensão da educação distribuída por uma sociedade a seus membros são função de seu estado de desenvolvimento material e cultural”. Isso é que vai determinar a qualidade e a quantidade da educação, sendo que o lugar que o indivíduo ocupa no contexto social vai definir o seu tipo de educação.

O macro, micro, e nano ambiente, a contextualização do ambiente educacional em si vai depender de cada sociedade que reivindica certa quantidade de conhecimentos, habilidades, comportamentos, conteúdos, métodos, duração, etc., de acordo com o surgimento de suas necessidades específicas, suas carências sociais, e a educação de cada indivíduo específico que vive nessa sociedade pode ocorrer de modo desigual e contraditória a de outros indivíduos.

Como já vimos anteriormente nos estudos de Luckács (2013; 2018), e complementando com os estudos de Maceno (2017) que são mais focados na educação, o trabalho embasa todas as determinações constituintes da essência do ser social, ou seja, o mundo social se origina a partir do trabalho, tornando-se o trabalho um modelo para a práxis social, onde:

A educação [...] é um complexo indissociável da socialidade; como tal, aparece quando esta surge. Sua origem e, por consequência, sua função social remetem ao

surgimento dessa esfera do ser, mais complexa, que é o ser social. Dito isso, nenhuma apreensão do complexo educativo é possível sem partir da origem do ser social. Entendemos, na esteira de Marx e Lukács, que o ser social se origina a partir de um salto ontológico que impulsiona o seu desenvolvimento. Esse salto ontológico é realizado pelo trabalho, isto é, pela interação que o homem passa a realizar com a natureza. Diferentemente da relação estabelecida por qualquer outra espécie, o trabalho promove o aparecimento de várias categorias que até esse momento não existiam. Esse movimento de surgimento e desenvolvimento de categorias e complexos, inéditos, por assim dizer, vai compondo o novo ser. Dessa maneira, não só o complexo social da educação, mas todos os outros se originam e mantêm para com ele uma relação de dependência ontológica (MACENO, 2017, p. 23).

O objetivo da Educação no seu sentido mais amplo, sendo esse um processo permanente, sem fim, consiste em capacitar os estudantes para agir em função de variadas situações, acontecimentos e imprevisibilidades em suas vidas. Segundo Maceno (2017, p. 93), “essa capacidade de dotar o homem de um arsenal que lhe permite enfrentar ocorrências imprevisíveis representa uma ampliação constante do salto ontológico que possibilitou o surgimento do ser social”. Por causa dessa imprevisibilidade, o processo educativo nunca estará realmente concluído, onde sua inconclusibilidade já é ontologicamente determinada pela constituição do ser social, conseqüentemente, é impossível traçar limites entre a Educação no seu sentido mais amplo e a Educação em sentido estrito, como a Escolar, pois a Escola é locus e logos da educação permanente, mas somente a Educação Escolar não é capaz de preparar os indivíduos por completo, há uma relação dialética onde ambas, a educação escolar e a educação no sentido lato, se complementam e caminham juntas.

Segundo Maceno (2017, p. 96) a apreensão de determinados conhecimentos, habilidades, comportamentos, é uma reivindicação ontológica originada no trabalho, pois, sendo o trabalho o fundamento da reprodução da socialidade, vem a ser necessário “educar” os indivíduos para desempenharem funções e posturas em conformidade com a reprodução social, advindo daí a questão da implantação da escola obrigatória. Assim, as necessidades impostas pela reprodução social determinam “a diversidade, a profundidade, a abrangência e o ritmo dessa apreensão de conhecimentos” (conteúdos/métodos/duração). Dessa forma:

Ao contrário da educação em sentido estrito, que é universal, a educação formal surge com a sociedade de classes e é típica desse tipo de formação social. [...] a escola é um complexo necessário para assegurar a reprodução social das sociedades de classes, sendo, por isso, ontologicamente datada. Ela só existiu e apenas existirá nas sociedades fundadas no antagonismo de classes (MACENO, 2017, p. 97).

Em suma, o formato de escola como instituição social foi criado para atender as necessidades sociais e está extremamente impregnado por ideologias dominantes, que, com o passar do tempo, vão sofrendo influências históricas, sociais, econômicas, culturais e políticas. A escola constitui-se como espaço de retroalimentação dos valores sociais em uma sociedade

dividida em classes sociais. Para uma melhor compreensão da educação formal, dentro das instituições escolares, vem a ser relevante para essa presente pesquisa um olhar mais crítico, a qual apresentaremos a seguir.

De acordo com Althusser (1985), com base no marxismo, o Estado se constitui como um aparelho repressivo que permite às classes dominantes assegurar sua dominação perante as classes operárias, submetendo-a ao processo de extorsão da mais-valia (exploração capitalista). Quando o mesmo autor cita o Estado, baseando-se na teoria marxista, ele engloba o âmbito do governo, administração, exército, polícia, tribunais, prisões, etc., onde a classificação “repressivo” quer dizer que esse aparelho de Estado funciona por meio, predominantemente, da disseminação da violência, que pode ser física ou não, e a classificação de aparelho ideológico do Estado remete ao funcionamento, predominantemente, por meio da ideologia. Porém, devemos frisar a palavra “predominante”, pois todo aparelho do Estado, seja repressivo ou ideológico, faz uso tanto da violência/repressão que pode ser mais atenuada, dissimulada e/ou simbólica, como também faz uso da ideologia. Derivada da busca por esse poder de controlar o Estado, há as lutas políticas que giram em torno da tomada e manutenção de poder por uma determinada classe ou aliança de classes e “os aparelhos ideológicos do Estado podem não apenas ser os meios mas também o lugar da luta de classes” (ALTHUSSER, 1985, p. 71), podem ser encarados também como possíveis espaços de resistência para as classes oprimidas/exploradas. Sendo assim:

A reprodução contínua das relações de classe é assegurada pelos aparelhos ideológicos de estado, no entanto, a qualquer momento histórico, é possível haver afrontamento de posições políticas e ideológicas no interior desses aparelhos. Tais afrontamentos constituem o funcionamento da luta de classes (SOUZA; SILVEIRA; VENTURINI, 2019, p. 24).

Ainda, nos estudos de Althusser (1985), podemos verificar que ele trata das ideologias não somente enquanto ideias, mas como também existência material, práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção, ou seja, existe um conjunto de práticas, rituais, exercidos em algumas instituições concretas que agem como aparelhos ideológicos do Estado. Ele afirma que “não existe prática senão através de e sob uma ideologia”, assim como “não existe ideologia senão através do sujeito e para sujeitos” (ALTHUSSER, 1985, p. 42), e complementa que as ideologias não nascem dos aparelhos ideológicos de Estado, mas sim das experiências das classes sociais em suas lutas cotidianas. Portanto, a existência das ideias, das crenças de um sujeito, é material no sentido de que suas ideias se caracterizam em seus atos, em suas ações, em práticas materiais que são reguladas por rituais materiais, definidos e regulados por um aparelho ideológico, que é de onde provém as ideias desse sujeito. Desse

modo, cada instituição, ao seu modo, submete os indivíduos a uma ideologia, que geralmente é dominada pela classe dominante.

Para Althusser (1985), a Escola é o aparelho ideológico do Estado que mais se destaca porque, por muitos anos, mantém uma audiência obrigatória disseminando os saberes contidos na ideologia dominante. Existe uma ideologia que representa a Escola como neutra, os professores como neutros, mas como dentro da escola o que vem predominando é a ideologia dominante, onde segue a formação social capitalista, a distribuição de papéis a serem exercidos numa sociedade de classes, como por exemplo papéis de explorados, agentes de exploração, agentes de repressão e/ou profissionais da ideologia e, por assim dizer, não há neutralidade nisso. Althusser (1985) comenta que os professores que tentam voltar-se contra essa ideologia, contra o sistema, contra práticas escolares que “aprimoram” os indivíduos, são uma espécie de heróis, e são raros, pois a maioria dos professores nem suspeitam que trabalham como submissos a esse sistema.

Segundo Freire e Shor (2001), existe uma violência simbólica na escola como também na sociedade, que impõe o silêncio. É simbólica no sentido de que se constitui um ambiente cheio de regras, testes, punições, correções, recuperações, etc., um ambiente baseado na manipulação, onde declara-se democrático, mas constrói e reproduz desigualdades.

Há uma luta de classes constante, e a classe operária só pode conquistar sua autonomia sob a condição de libertar-se da ideologia dominante burguesa, para isso é preciso compreendê-la, refletir sobre ela, combatê-las em seus próprios espaços e formas de dominação, a fim de promover uma práxis transformadora de sua realidade, promover formas de organização que objetivem a luta do proletariado. Assim, podemos constatar em nossa contemporaneidade que vivemos tempos de crise nesse aparelho ideológico de Estado chamado Escola.

Não é possível alterar o caráter predominantemente “negativo” da escola. O seu fundamento ontológico é ser manifestação da educação em sentido estrito, necessária à apreensão de conteúdos por parte dos homens para a reprodução da sociedade de classes. Uma sociedade emancipada exigirá para a sua reprodução social outra forma de educação em sentido estrito, uma forma que não impõe barreiras socialmente construídas ao acesso do saber historicamente produzido pela humanidade, como faz a escola. A escola não serve para assegurar a apreensão dos conteúdos por parte dos homens em uma sociedade emancipada, porque nessa sociedade não há desigualdade socialmente construída a ser reproduzida; logo, a escola tende a deixar de existir (MACENO, 2017, p. 98).

Nesse caminhar, em uma sociedade emancipada, a escola tende a deixar de existir, pois ela se caracteriza como um aparelho ideológico do Estado, e com a superação da sociedade dividida em classes antagônicas, a escola perde o sentido.

Dado que a Educação é sempre inconclusa e que ambas as educações, no sentido mais amplo e estrito, se complementam, temos que levar em consideração que as transformações sociais somam aos desafios e entraves enfrentados pela Educação, pois colocam em dissolução tipos sociais existentes no interior das classes, onde conteúdos, habilidades, comportamentos, que já foram definidos e modelados, podem entrar em desacordo com as necessidades de uma sociedade que vive em constantes transformações. Assim, devemos ficar atentos, pois a Educação sempre irá trabalhar em prol de formar tipos de classes e de profissões reivindicados pela sociedade, mas ela deve acompanhar as transformações sociais, ou seja, há relações dialéticas entre a educação lato e a educação strictu sensu, e a escola formal formata as formações para a reprodução dos valores da sociedade dividida em classes sociais antagônicas. E, para uma educação realmente crítica e emancipadora, devemos romper barreiras socialmente construídas para seu amplo acesso (MACENO, 2017). Os complexos sociais são históricos, e o desenvolvimento do ser social, a partir do trabalho, torna os complexos sociais específicos e autônomos.

O fracasso parcial e contínuo da educação não é um entrave à reprodução social, ao contrário, a natureza mesma da reprodução social impede um sucesso total do complexo educativo. [...] o sucesso integral da educação é inatingível. Nos momentos novos, ante os quais a educação deve levar os homens a reagirem de determinado modo socialmente esperado, exprime-se o progresso do ser social. Esses momentos são tão ricos, contraditórios e desiguais que, diante deles, a educação sempre, em parte, fracassará (MACENO, 2017, p. 106).

A suposta neutralidade da educação tem uma dimensão ideológica, no sentido dado a essa expressão no século XIX, de alienação em relação à realidade. O projeto neoliberal rasga o véu da suposta neutralidade da escola como formadora de valores sociais hegemônicos.

Não é raro que aqui, como em toda parte, a fala que idealiza a educação esconda, no silêncio do que não diz, os interesses que pessoas e grupos têm para os seus usos. Pois, do ponto de vista de quem a controla, muitas vezes definir a educação e legislar sobre ela implica justamente ocultar a parcialidade desses interesses, ou seja, a realidade de que eles servem a grupos, a classes sociais determinadas, e não tanto “a todos”, “à Nação”, “aos brasileiros”. Do ponto de vista de quem responde por fazer a educação funcionar, parte do trabalho de pensá-la implica justamente desvendar o que faz com que a educação, na realidade, negue e renegue o que oficialmente se afirma dela na lei e na teoria. Mas a razão de desavenças é anterior e, mesmo entre educadores, ela tem alguns fundamentos na diferença entre modos de compreender o que o ato de ensinar afinal é, o que o determina e, finalmente, a que e a quem ele serve (BRANDÃO, 2013, p. 62-63).

Ao refletir sobre o contexto histórico de nossa sociedade contemporânea, Apple (2007, p. 181) afirma que “a educação não passa de um fornecedor de ‘capital humano’ para o setor privado”, e traz à tona a finalidade que vem se atribuindo à Educação nesse contexto vivenciado

por nós, ainda exposto as ideias do neoliberalismo. A proposta do neoliberalismo vem aclamar a organização da sociedade em função do mercado e dos interesses privados e empresariais.

A ideologia neoliberal ganhou impulso sobre a educação brasileira com a promulgação da nova LDB em 1996, introduzindo no país um projeto de educação nefasto, visando através da malfadada “flexibilização”, desarticular a organização de professores e de demais profissionais da educação, com a intenção de transformá-los em seres humanos despolitizados, apáticos e acríticos e consequentemente, adequar as universidades e escolas públicas às regras do jogo do livre mercado. Diante de tantas desigualdades sociais produzidas pelo neoliberalismo na atualidade, para evitar a conscientização do povo e manter o “status quo”, as escolas devem ser organizadas pela óptica do mercado, transformando os educadores em meros transmissores de conhecimentos (“construir” certas competências e habilidades), desvinculados das verdadeiras finalidades da educação (MAGNONI JÚNIOR, 2002, p. 97).

O autor destaca aí um profundo processo de despolitização da educação, da ambiência e da comunidade escolar. Sob essa visão neoliberal, os membros da comunidade escolar são meros consumidores e o direito à educação é uma mercadoria. Podemos notar essa influência neoliberal na forma como a escola vem sendo organizada. Ao se referir a posição do Estado frente à escola, Souza (2002) afirma que:

Eu o tenho, isto sim, como regulador a serviço de todos aqueles que manipulam o capital, de todos aqueles que ganham com a globalização. E é a partir disso que se estabelece a relação entre o Estado Nacional e a Escola Pública. O Estado Nacional, por conta disso tudo, tem hoje expectativas muito diferentes em relação à Escola Pública, a qual deve, em primeiro lugar, desenvolver o discurso do consumismo. Não é mais uma escola que prepara ou deva preparar os seus frequentadores para algo diferente da proposta de consumir mercadorias (SOUZA, 2002, p. 61).

O mesmo autor indica que por esta causa é que ocorre a diferenciação entre escolas públicas e particulares, pois como a escola pública não interessa à elite:

[...] ela “enxuga” suas vagas, da mesma forma que procede de tal modo que atua como empresa, engajando-se num sistema preso à produtividade, que significa, no caso de seus professores, de seus funcionários, o ter de criar, criar fórmulas para que se produza bastante, utilizando poucas pessoas. E, nesta linha do “muito que se deve produzir”, encaminha-se a produção na direção do ser eficaz para o consumo. E o caráter crítico, a “casquinha de criticidade” que é atribuída ao ensino público, na atualidade, é, na verdade, uma crítica de palavras, mas que não pressupõe atos, não pressupõe ações concretas. A cidadania é discurso, a igualdade é discurso, a preocupação com os grandes problemas que cercam nossos alunos é discurso, mas não é prática, porque a prática não interessa; o discurso disfarça, o discurso mascara (SOUZA, 2002, p. 61).

Encontramos aí uma produtividade alienada, em todo o processo educativo, em que há um sistemático processo de alienação dos professores em relação ao seu exercício, que deveria ser crítico e vigilante, do ponto de vista epistêmico.

O Estado, ao trabalhar em função desse processo de globalização, introduz na escola essa preparação e iniciativa para o consumo e, para esse fim, “a força do discurso torna-se muito

importante, e é por isso que as disciplinas e os conteúdos que privilegiam o discurso são as disciplinas e os conteúdos preferidos na Escola Pública” (SOUZA, 2002, p. 61).

Vale ressaltar que o foco do projeto neoconservador e neoliberal é “a criação de um espaço em que se torne impossível pensar o econômico, o político e o social fora das categorias que justificam o arranjo social capitalista” (SILVA, 2007, p. 13-14). Ainda, é possível destacar que:

O neoliberalismo se caracteriza por pregar que o Estado intervenha o mínimo na economia, mantenha a regulamentação das atividades econômicas privadas num mínimo e deixe agir livremente os mecanismos do mercado. O neoconservadorismo é constituído por aqueles grupos que pregam uma volta aos antigos, tradicionais e “bons” valores da família e da moralidade. [...] É fácil ver que tipo de conhecimento, de currículo e quais métodos dominarão a cena pedagógica quando o livre funcionamento dos mecanismos de mercado na educação permitirem uma “livre” escolha feita num clima de predomínio de moralismo e repressão cultural. Neoliberalismo e neoconservadorismo convergem então para moldar um cenário educacional em que as possibilidades de construir uma educação pública como um espaço público de discussão e exercício da democracia ficarão cada vez mais distantes (SILVA, 2007, p. 26).

Verificamos aí a contradição entre uma educação libertadora e compreensiva versus uma educação despolitizante e alienada.

A desigualdade existente na educação corresponde à desigualdade inerente à sociedade capitalista, com diferentes tipos de indivíduos, diferentes em suas aptidões, interesses, poder econômico, e em suma, precisa haver diferentes tipos de indivíduos para exercer diferentes tipos de papéis em nossa sociedade, por isso existem desigualdades formativas no complexo da educação. Infelizmente, ainda vemos a exploração do trabalho em prol do capital e o quanto nossa sociedade evidencia o valor das coisas como mediador das relações sociais entre as pessoas. Assim:

O complexo da educação é transformado porque a base da qual depende ontologicamente altera-se a partir das transformações sociais que decorrem do trabalho e dos complexos a ele diretamente relacionados, vale dizer, a partir das transformações que ocorrem nas forças produtivas, na divisão social do trabalho, no tempo de trabalho socialmente necessário. Em decorrência, com o aparecimento da propriedade privada dos meios de produção as necessidades reprodutivas da sociedade impõem um corte de classe sobre quais saberes, valores, habilidades etc. devem ser transmitidos pela educação, em que grau e medida, para quais classes sociais e para quais frações dela. Ao contrário do que ocorria nas comunidades primitivas, nem todo saber acumulado sócio-historicamente tem possibilidade de ser transmitido, e mesmo o que pode e deve ser transmitido é organizado em função das classes e indivíduos que são necessários à reprodução dessas sociedades marcadas pela apropriação privada dos meios de produção. Portanto, na sua dimensão mais essencial, independentemente do caráter de classe ou não da sociabilidade em questão, o complexo social da educação sempre atua como mediação para a constituição do indivíduo social e, ao mesmo tempo, para a reprodução da sociedade. Portanto, é universal, muito embora não seja isonômico (MACENO, 2017, p. 115-116).

Em outras palavras, educa-se para o capital e a educação vem a ser um meio para fins de produção de trabalhadores, muitos assalariados que durante toda a sua história/existência, nada mais são do que vistos e considerados como força de trabalho. Seu tempo de vida/existência volta-se ao trabalho, pertence à produção de capital. A liberdade é ilusória, no sentido de que as escolhas são sempre feitas por cada indivíduo, mas o campo de possibilidades é dado pela sociedade. Essa relação dialética entre indivíduo e sociedade desemboca num processo de formação educacional individual, baseada nesse quadro de alternativas, que são limitadas e entrecortadas, baseadas numa sociedade de classes, que direciona os indivíduos a tornarem-se um ou outro tipo necessário à reprodução social, sendo que é indiferente para a reprodução do sistema do capital quais indivíduos representarão este ou aquele papel social. A base da sociabilidade capitalista é o trabalho alienado, assim, para que ocorra uma mudança nesse paradigma, é necessária a sua superação (MACENO, 2017).

Parafraseando Santos (2002), há uma contradição: educa-se para o capital, como perversidade; educa-se para a formação universal, como fabulação; educa-se para a transformação social, como possibilidade.

Maceno (2017, p. 76) enfatiza que o trabalho deve ser “consciente a todos os indivíduos, que ele possa iluminar para além do ato singular, portanto, bem além do trabalho alienado”. Posto que o trabalho é tudo que facilita a vida humana, aproxima as pessoas e a natureza, essa aproximação e esse trabalho de facilitar e de dar sentido ao trabalho não pode ser um ato alienado, o trabalho não pode ser encarado como um simples objeto, algo exterior ao indivíduo. Se o trabalho edifica o homem, dá valor à vida dele, ele deve ser encarado como sua criação, é inerente ao homem e sua capacidade de criar.

Superar essa educação para o capital e voltar-se para uma educação que realmente vise a transformação da sociedade deveria ser o foco de uma educação para o futuro, com princípios mais humanos, mais solidários. Para Maceno (2017, p. 146), “qualquer modificação substancial da educação só pode ser frutífera se decorrer de transformações que se originem naquilo que é o fundamento da sociedade, vale dizer, o trabalho”. O trabalho em sua forma alienada e proletarizada deve ser combatido. Não vai ser do Estado que virá essa mudança, pois ele mantém o ordenamento da sociedade e a função social reprodutivista da educação. Desse modo, a questão primordial é partir dessa mesma Educação já existente, estudá-la, compreender sua gênese, sua natureza, sua dinâmica, suas implicações, para então poder derivar uma contra ideologia com ações de superação. Esse caminho é envolto pela práxis, reflexão mais ação ao longo dessa dialética entre indivíduo e sociedade.

A educação deve continuar transmitindo os conteúdos acumulados ao longo de toda a trajetória da humanidade na Terra, pois conhecer o que já é conhecido é fundamental para a construção de novos conhecimentos. O ponto central é que a escola deve ir além disso, fazendo críticas, criando e ressignificando o processo educativo. Não cabe somente à escola esse movimento de contra ideologia, mas a todos os espaços que forem possíveis.

Frente a esse paradigma, se faz necessário refletir sobre o contexto educacional segundo os ideais freireanos que defende a educação como um processo de intervenção nesse duplo movimento histórico de humanização e desumanização, nesse processo de exploração, opressão e violência dos opressores perante a luta dos oprimidos em busca da liberdade e justiça, pela recuperação de sua humanidade roubada, onde Freire aponta que:

O antídoto a esta manipulação está na organização criticamente consciente, cujo ponto de partida, por isto mesmo, não está em depositar nelas o conteúdo revolucionário, mas na problematização de sua posição no processo. Na problematização da realidade nacional e da própria manipulação (FREIRE, 2007, p. 169).

Defendemos, nesse ínterim, uma educação desalienadora, como exercício político consciente dos professores. Quando Brandão (2013, p. 103-104) discorre sobre “reinventar a educação”, explica que:

O mais importante nesta palavra, “reinventar”, é a ideia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto. Muitas vezes um dos esforços mais persistentes em Paulo Freire é um dos menos lembrados. Ao fazer a crítica da educação capitalista, que ora chamou também de “educação bancária”, ora de “educação do opressor”, ele sempre quis desarmá-la da ideia de que ela é maior do que o homem. De que as pessoas são um produto da educação, sem que ela mesma seja uma invenção das pessoas, em suas culturas, vivendo as suas vidas. Ele sempre quis livrar a educação de ser um fetiche. De ser pensada como uma realidade supra-humana e, por isso, sagrada, imutável, e assim por diante. Ao contrário do que acontece com os deuses, para se crer na educação é preciso primeiro dessacralizá-la. É preciso acreditar que, antes, determinados tipos de homens criam determinados tipos de educação, para que, depois, ela recrie determinados tipos de homens. Apenas os que se interessam por fazer da educação a arma de seu poder autoritário tornam-na “sagrada” e o educador, “sacerdote”. Para que ninguém levante um gesto de crítica contra ela e, através dela, ao poder de onde procede.

Assim, a educação precisa ser dessacralizada e encarada como prática social humana, criada socialmente e, portanto, passível de ser recriada criticamente.

Como explanado na introdução, Paulo Freire é a fonte inspiradora para este estudo, onde seus princípios filosóficos e metodológicos são pautados no respeito e valorização ao próximo, na dialogicidade, na coletividade, na conscientização, na criticidade, autonomia e na práxis. A educação, de acordo com Paulo Freire (2000, 2007), se caracteriza como um ato político, baseando-se num olhar para a realidade vivenciada para então intervir e transformá-la. A

finalidade da Educação seria a liberdade, permitindo que todos sejam reconhecidos como sujeitos de sua própria história. O diálogo vem a assumir não simplesmente uma finalidade de comunicação entre pessoas, mas um processo de problematização, reflexão, de ação coletiva, sobre si e sobre a realidade vivenciada, a fim de uma atuação crítica, para uma transformação nessa realidade. Os ideais freireanos caracterizam com fervor uma educação libertadora e dialógica.

Assim, a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas - momentos simultâneos da teoria e da prática, da arte e da política, o ato de conhecer a um só tempo criando e recriando, enquanto forma os alunos que estão conhecendo (FREIRE; SHOR, 2001, p. 146)

Como afirma Freire (2020), a educação sempre esteve a serviço das classes dominantes, assim, ela sempre foi política, e quem defende a ideologia de que a educação é neutra e que o professor não pode fazer política está na verdade em defesa da manutenção dessa mesma ideologia e em favor da despolitização da educação. Quanto mais clareza o professor tiver sobre essas características da educação, mais ele pode melhorar seu trabalho.

Essas práticas freireanas nos remetem aos estudos de Achille Mbembe (2018), onde podem ser consideradas tecnologias de resistência à despolitização, alienação e dominação dos povos originais, impostas pela escravização, colonização e "apartheid". Como já explicitamos anteriormente, necessitamos conhecer os primórdios dessa educação escolar para podermos atuar nela de maneira crítica em prol de uma transformação. Agora, vamos seguir com os aprofundamentos sobre a educação escolar brasileira.

1.1.1. Contexto escolar brasileiro

Segundo Gatti e Barreto (2009), a escolarização no Brasil foi por séculos direcionada para a elite. Um dos assuntos de grande discussão nos anos sessenta e setenta era o grande número de analfabetos e semianalfabetos no Brasil, dificultando à população uma efetiva participação cidadã. Foi nos anos setenta e oitenta do século XX que ocorreu uma expansão de oferta na educação básica pública, aumentando a demanda por professores e, para o suprimento de docentes nas escolas, houve adaptações como a expansão das escolas normais em nível médio, cursos rápidos de suprimento formativo de docentes, complementação de formações de origens diversas, autorizações especiais para exercício do magistério a não licenciados, admissão de professores leigos, etc.

Não podemos deixar passar despercebido que nesse período histórico brasileiro, vivenciávamos uma ditadura, e esse direcionamento dado pela ditadura civil-militar foi importante para fins de sistema e controle do Estado para a formação e disciplinamento dos corpos.

Esse crescimento no sistema escolar ocorreu devido a grandes esforços sociais e políticos, mas, ainda se mantém como um grande desafio, desde seus primórdios até nossa atualidade, a questão da qualidade da educação. Um dos pilares elementares para uma educação de qualidade é o professor, sua formação, sua carreira e suas perspectivas (GATTI; BARRETO, 2009). Atualmente, a legislação brasileira estabelece uma formação em nível superior como requisito para exercer a profissão docente.

De acordo com Gatti e Barreto (2009), considerando a legislação brasileira a partir dos anos sessenta, os fundamentos legais que nortearam a estrutura curricular dos cursos de formação de professores no país encontravam-se nas Leis nº 4.024/61 (BRASIL, 1961), 5.540/68 (BRASIL, 1968), 5.692/71 (BRASIL, 1971) e 7.044/82 (BRASIL, 1982), e decorrentes normatizações em nível federal e estadual. Mais uma vez é necessário frisar que das quatro leis, três foram aprovadas no período da ditadura civil-militar, duas delas no período de endurecimento político e recrudescimento do controle político, inclusive no campo da educação.

Foi no final do século XIX, no Brasil, com as chamadas “Escolas Normais”, que emergiram cursos específicos de formação de professores, e:

Nos inícios do século XX aparece a preocupação com a formação de professores para o secundário (correspondendo aos atuais anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio), em cursos regulares e específicos. A formação desse tipo de professor inicia-se com a criação de universidades. Até então esse trabalho era exercido por profissionais liberais ou autodidatas, mas há que considerar que o número de escolas secundárias era bem pequeno, bem como o número de alunos. Com o início da progressão da industrialização no país, nas primeiras décadas do século XX, a necessidade de maior escolarização começa a se colocar entre os trabalhadores e inicia-se uma pequena expansão no sistema de ensino. Para atender a essa expansão, mais professores passam a ser demandados. Então, nos anos 1930, a partir da formação de bacharéis, acrescenta-se um ano com disciplinas da área de educação para a obtenção da licenciatura, esta dirigida à formação de docentes para o ensino secundário (formação que veio a denominar-se 3 + 1). Esse modelo vai se aplicar também ao curso de Pedagogia, regulamentado em 1939, destinado a formar bacharéis especialistas em educação e, complementarmente, formar professores para as Escolas Normais, os quais tinham também, por extensão e portaria ministerial, a possibilidade de lecionar algumas disciplinas no ensino secundário (GATTI; BARRETO, 2009, p. 37).

As autoras ainda complementam que:

Desde as primeiras décadas do século XX havia se consolidado a formação de professores para o primário (anos iniciais de ensino formal) nas Escolas Normais de

nível médio (secundário), e a formação dos professores para o curso secundário nas instituições de nível superior (licenciaturas). Pela Lei nº 5.692, de 1971, que reformou a educação básica no Brasil, as escolas normais são extintas e a formação que elas proviam passa a ser feita em uma Habilitação do ensino de segundo grau chamada Magistério. Com essa mudança, a formação perde algumas de suas especificidades, dado que, sendo uma habilitação entre outras, deveria ajustar-se em grande parte ao currículo geral do ensino de segundo grau (hoje, ensino médio). (GATTI; BARRETO, 2009, p. 38).

Em 1982 foi aprovada a Lei nº 7.044/82 (BRASIL, 1982), que trouxe alteração ao artigo 30 da Lei nº 5.692/71 (BRASIL, 1971), onde mantém-se a formação na Habilitação Magistério, mas passa a disponibilizar outras opções formativas para os docentes dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, os chamados cursos de licenciatura curta, a nível de ensino superior, que formavam professores com integração de áreas (como por exemplo Estudos sociais, que englobavam componentes de História, Geografia e Sociologia), podendo atuar tanto no ensino fundamental dos anos iniciais como nos anos finais. Mas, depois de gerar muitas polêmicas, foram extintos completamente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996)³.

A partir de 1982, em alguns Estados brasileiros, visando uma melhoria na formação de professores para atuar nos anos iniciais, surgiram os Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefams), os quais disponibilizavam “a formação em nível médio, acabaram sendo fechados nos anos subsequentes à promulgação da Lei nº 9.394/96, nova LDB, que transferiu a formação desses professores para o nível superior” (GATTI; BARRETO, 2009, p. 39).

Em 2006, depois de muitos debates, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução nº 1, de 15/5/06 (BRASIL. MEC/CNE, 2006), com as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Pedagogia, licenciatura, atribuindo também a estes a formação de professores para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, bem como para o ensino médio na modalidade Normal e para a educação de jovens e adultos, além da formação de gestores (GATTI E BARRETO, 2009, p. 48).

Arroyo (2011, p. 218) comenta sobre essas leis em seus estudos que “a lei 5692 de 71 fragmentou a categoria e a nova LDB de 96 não conseguiu recuperar a unidade perdida”. Essa fragmentação realizada com a categoria de professores afeta diretamente a construção de um perfil profissional como também a própria concepção de educação básica e os profissionais que atuam nesse âmbito.

Assim, devido à inúmeros tipos de formação docente, instaurou-se a diferenciação do professor polivalente (atuante na educação infantil e ensino fundamental dos anos iniciais) e o

³ A Educação Física nunca teve licenciatura curta.

professor especialista (atuantes nos demais anos), onde verificamos essa diferenciação, historicamente e socialmente, nos cursos, na carreira, nos salários, nas representações em nossa sociedade. Infelizmente relatamos aqui que, no cotidiano escolar, podemos verificar dilemas relacionados à figura do professor, a preconceitos perante essa tipificação, valorizando mais um tipo do que outro, provocando desentendimentos, desencontros e conflitos até mesmo entre os próprios profissionais docentes. Esse fato contribui para dificultar ainda mais uma união da categoria docente perante lutas e movimentos sociais em defesa de seus direitos, por assim dizer, contradições inerentes à formação dos docentes, entre especialistas e docentes polivalentes, derivam em implicações na organização da categoria, formas de organização e modelagem de atividades profissionais.

Foi em 2006 que a Lei nº 11.274/06 (BRASIL, 2006) modifica a LDB/96 (BRASIL, 1996a) ampliando a duração do ensino fundamental para nove anos, com a inclusão das crianças de seis anos de idade, e estipula o ano de 2010 como prazo para que a medida seja universalizada. Desde então, no Brasil, as fases de escolarização são: Ensino infantil; Ensino fundamental I referente aos anos iniciais que vão de 1º até 5º anos; Ensino fundamental II referente aos anos finais que vão do 6º até 9º anos; Ensino médio que se prolonga do 1º até o 3º Ensino médio; Ensino superior; Pós-graduação. Nesta pesquisa, o recorte amostral é de professores da Educação Básica, Ensinos Fundamental I, II e Ensino Médio da educação pública brasileira.

Caracterizando o cenário da atividade profissional do docente, no contexto brasileiro, frisamos que o contexto educacional sempre esteve diretamente ligado com a nossa sociedade, pois um interfere no outro e vice-versa. Há tempos acompanhamos lutas dos profissionais da educação na busca de melhorias, fato que é uma constante da história (ARROYO, 2011). Vivenciamos em nossa sociedade contemporânea momentos de tensão entre professores e órgãos governamentais, onde se é cobrado mais reconhecimento ao professor e melhores condições de trabalho, recursos materiais, programas de motivação, valorização, entre outros. Considerando que a valorização da profissão docente da educação básica passa pela própria formação dos docentes e pelas condições de carreira e de salários, bem como pelas condições de trabalho nas escolas e políticas que visem contribuir para o desenvolvimento da profissionalização dos professores, há de se buscar um aprofundamento nessas temáticas para um melhor entendimento desse contexto.

A remuneração da profissão docente na educação básica pública, de acordo com Gatti e Barreto (2009), é muito desigual, variando conforme a região e dependência administrativa, não sendo uma opção atraente comparada à outras profissões de nível universitário.

Arroyo (2011) comenta que apesar dos professores de educação básica dominarem saberes e competências, ainda não são reconhecidos socialmente, o que, por exemplo, os médicos já possuem com excelência. Nem todas as profissões são reconhecidas pelas competências, vivemos numa sociedade onde a imagem social ou o reconhecimento social tem um peso maior do que a competência.

Sobre a realidade da escola pública brasileira, Belloni (2009, p. 89) comenta que:

A escola pública brasileira está falida. Professores desestimulados pelas péssimas condições de trabalho e alunos claramente desinteressados – encarando a escola como um espaço onde nada se aprende, tudo é monótono e sem graça – parecem viver as agruras da incomunicação.

Ocorre aí um processo de despolitização da escola como espaço de formação cidadã, crítica e transformadora. Especificamente em relação aos professores de escolas públicas, encontramos em Venditti Júnior (2014), citações sobre sua situação precária, como por exemplo cansaço, dores, saúde comprometida, estresse cotidiano, também elevada carga horária, grande quantidade de turmas e alunos por sala, dificuldades do sistema de ensino, distância em relação ao domicílio do professor, enfim, enorme desgastes e desvalorização do profissional de educação. Segundo Arroyo (2011), as possibilidades dos docentes se desenvolverem como seres humanos, se dedicando a uma autoformação, trabalhando para melhorar a qualidade da docência, esbarram nas péssimas condições de trabalho, nos péssimos salários, na falta de estabilidade, no pluriemprego, entre outros.

De acordo com Belloni (2009, p. 89), as ações de introduzir novas metodologias, assim como o uso de tecnologias inovadoras, a fim de melhorar a qualidade do ensino chocam-se com “obstáculos pedagógicos e institucionais que as condenam ao fracasso”. Há muitos entraves, dificuldades e desafios presentes no contexto escolar brasileiro, os quais os professores vivenciam e procuram vencer cotidianamente.

Gindin e Mello (2011) citam uma baixa taxa de sindicalização docente no Brasil e uma crescente descrença e diminuição de expectativas dos professores com relação à atuação dos seus sindicatos. Vale lembrar que os sindicatos são órgãos de extrema importância para as lutas em prol da categoria, também responsáveis pela busca por um processo de politização, com isso, ocorre um baixo grau de politização das condições de trabalho dos professores, e esse fator é muito preocupante e alarmante.

1.1.2. Processo de valorização e reconhecimento docente no Brasil: dimensão político-normativa

Arroyo (2011, p. 23) aponta que o campo de atuação dos professores ficou por um longo tempo descaracterizado. Citou que a Lei nº 5692 de 71 (BRASIL, 1971) descaracterizou a escola e os currículos de formação:

As licenciaturas desfiguraram seus mestres. Os currículos gradeados e disciplinares empobreceram o conhecimento, a escola e os professores. O peso central dado ao domínio dos conteúdos das áreas nas licenciaturas e o peso secundário dado ao domínio das artes educativas reflete essa mesma concepção e trato descaracterizado do ofício e do campo educativo que vem se alastrando por décadas. Reduzimos a escola a ensino e os mestres a ensinantes. O movimento de afirmação do campo educativo, de sua especificidade e do profissionalismo do trato está no outro lado, vem na contramão dessa triste história.

A desvalorização do campo educativo e do saber profissional leva a desvalorização da categoria profissional de professores perante governos e sociedade (ARROYO, 2011). Podemos dizer que a desvalorização é um projeto político do modelo neoliberal que vamos abordar mais adiante na pesquisa.

Ao buscar por iniciativas de valorização docente, encontramos que existem várias determinações legais que colocam a valorização dos professores como um aspecto importante da política educacional brasileira. A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) constituiu-se um referencial marcante, fundamental no embasamento da regulação das políticas educacionais no país, e com a complementação de emendas, levando em consideração até a emenda constitucional nº 108 de 26 de agosto de 2020 (BRASIL, 2020), o artigo 206 da Constituição Federal ficou assim explicado:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - garantia de padrão de qualidade; VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal; IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. Parágrafo único. A lei disporá sobre as categorias de trabalhadores considerados profissionais da educação básica e sobre a fixação de prazo para a elaboração ou adequação de seus planos de carreira, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (NORMAS.LEG.BR, 2022).

A Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996a) determina diretrizes para a formação e valorização dos profissionais da educação brasileiros. Temos no artigo 67:

Lei 9.394/1996 – LDB. Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: I – ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; III – piso salarial profissional; IV – progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho; V – período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho; VI – condições adequadas de trabalho.

Houve a criação de fundos contábeis fomentados por recursos provenientes dos impostos e das transferências dos estados, Distrito Federal e municípios, vinculados à educação por força do disposto no art. 212 da Constituição Federal. O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – FUNDEF, implementado em 1996 pela Lei nº 9.424/1996 (BRASIL, 1996b), vigorou durante dez anos e, em 2007, foi substituído pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB (Lei nº 11.494/2007 e pelo Decreto nº 6.253/2007). Na Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007 (BRASIL, 2007) que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB encontramos que:

Lei 11.494/07 – FUNDEB. Art. 40. Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão implantar Planos de Carreira e remuneração dos profissionais da educação básica, de modo a assegurar: I – a remuneração condigna dos profissionais na educação básica da rede pública; II – integração entre o trabalho individual e a proposta pedagógica da escola; III – a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Parágrafo único. Os Planos de Carreira deverão contemplar capacitação profissional especialmente voltada à formação continuada com vistas na melhoria da qualidade do ensino.

A valorização dos professores também está contida no Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado por meio da Lei nº 13.005, de 25 junho de 2014 (BRASIL, 2014). Algumas metas chamam a atenção:

Lei 13.005 – PNE. Meta 17: valorizar os (as) profissionais do magistério das redes públicas de educação básica de forma a equiparar seu rendimento médio ao dos (as) demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do sexto ano de vigência deste PNE. Meta 18: assegurar, no prazo de 2 (dois) anos, a existência de planos de Carreira para os (as) profissionais da educação básica e superior pública de todos os sistemas de ensino e, para o plano de Carreira dos (as) profissionais da educação básica pública, tomar como referência o piso salarial nacional profissional, definido em lei federal, nos termos do inciso VIII do art. 206 da Constituição Federal. Meta 20: ampliar o investimento público em educação pública de forma a atingir, no mínimo, o patamar de 7% (sete por cento) do Produto Interno Bruto – PIB do País no

5º (quinto) ano de vigência desta Lei e, no mínimo, o equivalente a 10% (dez por cento) do PIB ao final do decênio (BRASIL, 2014).

Também, a Resolução CNE/CEB nº 2, de 28 de maio de 2009 regulamenta as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública (BRASIL, 2009a). Também em 2009, a portaria normativa do Ministério da Educação nº 9 de 30 de junho (BRASIL, 2009b) institui o Plano Nacional de Formação dos professores, com a finalidade de atender as demandas de formação inicial e continuada dos professores atuantes na rede pública da educação básica. Encontramos também a Lei nº 10.172, de 9 de Janeiro de 2001 (BRASIL, 2001a), aprova o Plano Nacional de Educação (2001- 2010) – PNE e dá outras providências, e a Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (BRASIL, 2014), aprova o Plano Nacional de Educação (2011-2020) e dá outras providências, onde firma-se o compromisso de equiparar a remuneração média do magistério com a de outras categorias com mesma formação em nível superior, de ampliar o piso salarial e de garantir a formação profissional e planos de carreira aos funcionários da educação.

Perante tantos elementos, Carvalho (2012, p. 29) chama a atenção que:

Em síntese, não podemos tratar de “valorização do magistério” sem falar também da necessidade de 1- uma política nacional de formação inicial e continuada; 2- ingresso na carreira via concurso público de provas e títulos; 3- progressão via Plano de Carreira com jornada de trabalho em um único estabelecimento de ensino; 3- melhores condições de trabalho com a definição de um número máximo de alunos que garanta um processo de ensino-aprendizagem de qualidade; 4 – um piso salarial nacional acompanhado de uma política salarial que permita a preservação do poder aquisitivo do professor; e 5- uma política de financiamento que garanta mais recursos para a educação e conseqüentemente para a valorização dos profissionais do magistério (CARVALHO, 2012, p. 29).

As políticas públicas brasileiras ainda deixam muito a desejar na temática da valorização docente. Podemos frisar aqui, popularmente falando, que o papel aceita tudo, mas na prática é muito diferente, existem leis e regulamentações sim, mas nem sempre são seguidas/cumpridas. A luta pela manutenção de direitos e solicitação de cumprimento de promessas e ações de melhorias é uma constante na história dos professores. Necessitamos de uma maior participação da sociedade em geral para alavancar discussões, reflexões e avanços nesse campo. Há exemplo dessa necessidade, temos a Lei do piso salarial profissional nacional nº 11.738 de 16/7/2008 (BRASIL, 2008), mas ainda existem vários Estados do Brasil que não respeitam a lei do piso salarial.

Com relação ao quesito de obrigatoriedade de aprovação em concurso público para ingressar como docente na educação básica pública brasileira, apontado como um elemento de controle de qualidade e valorização, o que ocorre na realidade é que, muitas vezes, não há

concursos suficientes para abranger todas as vagas, onde exerce alguns professores que são efetivos e alguns professores que não prestaram concurso, mas atuam como contratados, em condição transitória, dificultando então um controle na verificação da qualificação profissional (GATTI; BARRETO, 2009).

Se referindo às ações de melhoria na profissionalização docente, Gatti e Barreto (2009) apontam que há a necessidade de alterar o imaginário coletivo relativo a esta profissão, tanto na sociedade em geral, como entre os próprios professores, podendo dessa maneira aumentar a autoconfiança dos docentes. De acordo com as autoras, “mudanças de perspectivas e valores se constroem em vasos comunicantes e não pela tinta de um regulamento” (GATTI; BARRETO, 2009, p. 254). De acordo com as autoras, fatores como os péssimos salários e planos de carreira incertos e confusos interferem na escolha pela profissão docente e na representação e valorização social desse profissional. Ainda:

As interferências sucessivas de diferentes fontes legislativas sobre o currículo da educação básica também cooperam para a desarticulação de um projeto pedagógico mais consistente, com metas a atingir em termos de conhecimentos e valores, rebatendo sobre os processos formativos de professores que são acrescidos de mil e uma facetas, fragmentando ainda mais seu processo de profissionalização. Abundam resoluções e normas que acabam por gerar remendos nos processos formativos de professores, gerando um processo entrópico, que acaba por mantê-los com formas e conteúdos já exaustivamente analisados como inoperantes quando se pensa educação de qualidade (GATTI; BARRETO, 2009, p. 257).

Gatti e Barreto (2009, p. 257) chamam a atenção complementando que:

No que concerne à formação de professores, uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação é necessária. As emendas já são muitas. A fragmentação formativa é clara. É preciso integrar essa formação em instituições articuladas e voltadas a esse objetivo precípua. A formação de professores não pode ser pensada a partir das ciências e seus diversos campos disciplinares, como adendo destas áreas, mas a partir da função social própria à escolarização – ensinar às novas gerações o conhecimento acumulado e consolidar valores e práticas coerentes com nossa vida civil. A forte tradição disciplinar que marca a identidade docente entre nós, e leva os futuros professores em sua formação a se afinarem mais com as demandas provenientes da sua área específica de conhecimento do que com as demandas gerais da escola básica, leva não só as entidades profissionais como até as científicas a oporem resistências às soluções de caráter interdisciplinar para o currículo, o que já foi experimentado com sucesso em vários países. A formação de profissionais professores para a educação básica tem que partir de seu campo de prática e agregar a este os conhecimentos necessários selecionados como valorosos, em seus fundamentos e com as mediações didáticas necessárias, sobretudo por se tratar de formação para o trabalho educacional com crianças e adolescentes.

Segundo Arroyo (2011), a história mostra que a garantia dos direitos sociais tem avançado por causa do investimento nos docentes e nas suas condições de trabalho. São profissionais comprometidos com a sociedade e de extrema importância para o seu desenvolvimento. Isso contribui para justificar a importância desta pesquisa.

Nesse caminhar, todo esse contexto envolve uma pauta política, onde podemos verificar que o desmonte da educação é um projeto. Não poderia seguir adiante sem antes aprofundar no que chamamos de projeto de desmonte da educação.

1.1.3. Compreensão do cenário circunscrito pelas políticas neoliberais de desmonte da estrutura educacional

Segundo Freire e Shor (2001, p. 160), “a educação foi marginalizada pela reação conservadora aos anos 60, precisamente devido a seu potencial político”. Há tempos existe esse projeto de desmonte da educação que está ganhando força com o passar do tempo.

Atualmente, em nossa contemporaneidade, estamos presenciando inúmeros impasses no campo da educação brasileira. O intuito neste subtítulo é trazer à tona discursos, gestos políticos, ações e movimentos políticos de ordem conservadora, de extrema direita, que tem afetado significativamente a educação brasileira e seus professores, fazendo parte de um projeto de desmonte da educação. Podemos citar alguns exemplos, tais como: a entrega do pré-sal ao capital estrangeiro, a Emenda Constitucional 95/2016 (BRASIL, 2016b) que implementa o ajuste estrutural, restringindo investimentos principalmente em educação e saúde, a terceirização sem limites, a reforma trabalhista, a reforma do ensino médio, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2016a), a política nacional de formação inicial e continuada de professores, reordenamento do Fies, os cortes nos financiamentos da educação pública/estatal, a Escola Sem Partido, ou seja, a Lei da Mordaza, a perda da autonomia da universidade, entre outros.

Vamos seguir adiante com o projeto de desmonte da educação, mas primeiramente é preciso lembrar que o neoliberalismo é uma estratégia do capital para manter e/ou recuperar seu potencial de acumulação, onde destaca-se o individualismo, a crítica à intervenção estatal em prol da regulação pelo mercado.

De acordo com Frigotto (2011), as reformas neoliberais, presentes ao longo do governo Fernando Henrique Cardoso, focaram na privatização da nação. O neoliberalismo tem como fundamento o liberalismo conservador, o qual atribui a sociedade o papel de consumidores, atendendo às demandas do mercado. Assim, a educação não trabalha mais em prol de direitos sociais e subjetivos, mas sim volta-se a ser um serviço mercantil. Assim:

A junção da fragmentação ao abandono do campo crítico na disputa pelo projeto educativo e o foco de atendimento da grande massa desorganizada e despolitizada resultou naquilo que foi dominante na educação durante a década - a política da melhoria mediante as parcerias do público e do privado (FRIGOTTO, 2011, p. 242).

Seguindo essa concepção mercantil de educação, é de praxe no cotidiano escolar a utilização de métodos presentes no mercado (por exemplo, o MMR - Método de Melhoria de Resultados, as avaliações externas como SARESP, entre outras).

No governo petista Lula, houve avanços significativos em políticas assistenciais, distribuição de renda, criação de novas escolas, universidades públicas e institutos federais de educação tecnológica, mas ainda se manteve a ideologia produtivista e mercantilista em todos os níveis da educação (FRIGOTTO, 2011).

No livro de Ribeiro (2018), o autor Renato Janine Ribeiro comenta sobre sua experiência, ele foi ministro da educação brasileira por cinco meses (abril até setembro de 2015), e Janine Ribeiro reflete sobre as causas políticas da derrocada do governo petista e a situação educacional no Brasil, a qual, para ele, reflete séculos de meticuloso planejamento da desigualdade e da injustiça no país. Ribeiro (2018) aponta erros no governo petista de Dilma Rousseff, o qual, segundo ele, a falta de verba foi decisiva, imperando essa sobre a também falta de diálogo, onde no seu primeiro mandato, Dilma reduziu os impostos para várias empresas a fim de que elas investissem em modernização, ampliação e contratações, mas isso mal ocorreu, e ao longo de seus dois mandatos muitos bilhões de reais deixaram de ser recolhidos aos cofres públicos, consequentemente, foram feitos cortes em áreas sociais como a educação, por exemplo, o orçamento do MEC foi reduzido entre dez e quinze bilhões. Ribeiro também comenta que chegou no ministério da educação em plena crise do Fies (Fundo de Financiamento Estudantil), onde o problema era que algumas instituições de ensino haviam aumentado as mensalidades bem acima da inflação, e como o Fies é um financiamento, legalmente o dinheiro do Fies não se mistura com o do MEC, é assunto financeiro, bancário, consequentemente, os estudantes acabavam sofrendo com esse impacto financeiro.

Ribeiro (2018) também comenta que em 2015 houve erros também da oposição, onde firmou-se um movimento da oposição a fim de derrubar o governo petista eleito, onde o Congresso, que era dominado pela oposição, aprovou medidas que fizeram muito mal ao país, também rejeitando e dificultando a implantação de projetos e propostas de que o Brasil precisava, pois o foco era derrubar o governo. A falta de politização da população brasileira também embasou ataques voltados contra o atual governo e não contra os setores que planejavam esse golpe.

Com relação ao pré-sal, foi com prospecções feitas pela Petrobrás que podemos dizer que o governo brasileiro petista anunciou a descoberta do pré-sal, a maior reserva de hidrocarbonetos descoberta no planeta nos últimos trinta anos, a mais promissora fronteira do

petróleo do mundo, tornando o Brasil um país autossuficiente em petróleo. Hoje explorar o pré-sal é altamente lucrativo, e as multinacionais vieram para o Brasil para explorar essas tecnologias. A Lei da partilha (BRASIL, 2010b), que foi aprovada nos governos petistas, garantiam que a maioria do lucro do petróleo permaneceria na mão do povo brasileiro através da Petrobras como operadora única dos campos e participante obrigatória de pelo menos trinta por cento da exploração de qualquer campo, dinheiro que seria destinado ao fundo social - à educação e à saúde. Infelizmente, o governo posterior ao petista vem em um viés privatizador, fez uma emenda parlamentar congelando o gasto com saúde e educação por vinte anos, a emenda do teto de gastos públicos, a EC 95/16 (BRASIL, 2016b), e também desmontou esse modelo da Lei da partilha e reintroduz o modelo de concessão, entregando os lucros do pré-sal para a exploração das multinacionais.

Com relação a EC 95/2016 (BRASIL, 2016b), seguindo a linha governamental de Temer de retomada ao desenvolvimento econômico, essa emenda tem como objetivo o equilíbrio das contas públicas por meio de um rígido mecanismo de controle de gastos, que vigorará por vinte anos (salvo se houver em outras gestões no futuro aprovação de uma nova emenda indo em sentido contrário), assim, como já citamos, desencadeando um sucateamento de políticas sociais que são sempre as mais afetadas quando se prioriza outras instâncias como o governo citado, congelando o gasto com saúde e educação por vinte anos, afetando diretamente as classes menos favorecidas.

Vamos nos aprofundar discutindo aqui o Movimento Escola sem Partido, surgido em 2004, tendo como fundador e coordenador desse movimento o advogado e, naquela época, o então procurador do Estado de São Paulo Miguel Nagib, que permaneceu divulgando-o até 2019. Esse movimento se auto define como uma associação informal, independente e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária que tem como objetivo a luta pela ausência da política na educação escolar. Se dizem neutros, guardiões da liberdade e vigilantes contra a doutrinação nas escolas. Já podemos notar aí um discurso ideológico construído a fim de encobrir seu real objetivo, conservar a hegemonia da dominação. Nasce daí o projeto de lei Escola sem Partido, onde o carro chefe de seus idealizadores é o embate a doutrinação ideológica, criminalizando práticas realizadas nas escolas.

Neste seguimento, foi apresentado no Senado Federal, em 2016, o projeto de lei (PL) nº 193/2016 de autoria do senador Magno Malta, que busca inserir na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (BRASIL, 1996a) o Escola Sem Partido. Seguindo a mesma linha de censura e perseguição ideológica, outros dois projetos de leis (nº 7.180/14 e nº 867/15) foram apresentados na Câmara dos Deputados. Em acréscimo, em dezenove Estados e vários

municípios foram apresentados outros projetos decorrentes do Escola Sem Partido. Vem a ser determinante frisar aqui que os projetos de leis derivados do movimento Escola sem Partido não especificam em detalhes o que seria essa doutrinação ideológica, abrindo brechas para um livre entendimento.

O projeto de lei ataca diretamente a Constituição Federal de 88 (BRASIL, 1988), com relação à gestão democrática, a liberdade de ensinar, o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas e a valorização dos professores. É uma clara tentativa de silenciamento dos professores. Com base nesses discursos, os professores são vistos como doutrinadores, cooptadores, violadores, e conseqüentemente, entram na categoria de inimigos do Estado. Esses discursos são veiculados a diversos meios de comunicação, são transmitidos, retransmitidos, ressignificados, disseminando-se no ideário social brasileiro. Assim, vão defendendo a importância da instauração de fiscalizações e vigilâncias em torno das práticas pedagógicas dos professores, uma vigilância dentro da sala de aula. Estudantes, seus responsáveis, gestores, funcionários, enfim, comunidade da escola em geral são convidados a tornarem-se delatores desses “professores doutrinadores”. O próprio movimento que defende uma falsa educação neutra cai em contradição, pois seu objetivo na verdade é combater o pensamento crítico nas escolas, controlar seus conteúdos e métodos, prezando por uma educação conservadora e tradicional.

Podemos citar como exemplo, no intuito de destacar ações e discursos nesse ínterim, as eleições de 2018, onde fake news advindas da pasta bolsonarista sobre o chamado “kit gay”⁴ foram altamente disseminadas, propagadas, afetando negativamente muitas pessoas que não possuíam o devido entendimento dessa proposta de trabalho dentro das escolas, não tiveram contato com material para avaliá-lo devidamente, assim acabaram contribuindo para a propagação dessas notícias falsas.

Essa onda conservadorista colaborou para o surgimento de alguns grupos que foram ganhando espaço em nossa sociedade. Trazemos como exemplo também o Movimento Brasil Livre (MBL), um movimento político brasileiro liberal conservador e vinculado à direita, ativo desde 2014, que fomentou protestos a favor do impeachment de Dilma e auxiliou os governos posteriores ao impeachment na promoção das reformas trabalhistas e previdenciárias.

⁴ O “Kit gay”, assim nomeado pelos seus opositores conservadores, faz referência ao material do projeto “Escola sem homofobia” que não chegou a ser executado pelo Ministério da Educação (MEC), foi vetado em 2011, mas nas eleições de 2018 foram produzidas notícias falsas sobre ter havido veiculação do material nas escolas, onde houve grande impacto nas eleições. O projeto visava orientar professores em atividades de combate à homofobia a serem desenvolvidas com os estudantes.

Ribeiro (2018) explica a influência da política nos currículos escolares onde compara dois tipos de projetos de Brasil, onde um foi firmado nas eleições de 2002 a 2014 nos governos federais petistas, que se caracteriza por amplas inclusões sociais e outro projeto que foi imposto desde o impeachment de Dilma que prioriza a retomada do crescimento econômico e critica o excessivo igualitarismo do governo anterior petista. Com base nisso, cada um desses projetos gera uma base curricular diferente, onde podemos exemplificar que o projeto petista atribuía um peso maior às ciências humanas, ao contrário do governo posterior que conseguiu reduzir a filosofia e a sociologia do ensino médio. Ribeiro (2018) frisa que não se educa somente para ter uma profissão, mas educa-se sobretudo para a vida e a base curricular tem papel fundamental nisso.

Para Bossle (2019) a BNCC encaixa-se nesse conjunto de ações e movimentos derivados da lógica neoliberal de uma Educação voltada para o mercado, a qual “reforça o sistema de homogeneização da cultura e das identidades, privilegiando os estratos sociais mais favorecidos economicamente e os grupos empresariais e privatistas” interessados em lucrar “com os processos de terceirização do ensino público” (p. 19-20).

Em 2017, foi sancionada a Lei nº 13.415 (BRASIL, 2017) em que estabelece as diretrizes para a implementação do novo ensino médio no Brasil. Com relação ao novo ensino médio, segundo Motta e Frigotto (2017), é determinante executar reformas na educação, principalmente a pública onde se encontra a grande massa de jovens da classe trabalhadora a fim de administrar a questão social e favorecer a expansão do capital, onde:

É nessa seara que a reestruturação do currículo do Ensino Médio é posta como urgente: melhorar o desempenho no IDEB e no PISA, flexibilizando o currículo de forma a facilitar as escolhas das disciplinas que os jovens das classes populares teriam menor dificuldade e, com isso, provavelmente, melhor desempenho nas avaliações em larga escala; desenvolver habilidades e competências que facilitem o ingresso no mercado de trabalho, formal ou informal, ou que proporcionem ocupações que venham a gerar renda — nesse caso, por meio do ensino de empreendedorismo (MOTTA; FRIGOTTO, 2017, p. 365).

No atual governo Bolsonaro (2019-2022), vivenciamos uma aceleração no projeto de desmonte da Educação brasileira. Uma das primeiras ações foi extinguir a SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão), em dois de janeiro de 2019, através do Decreto nº 9.465 (BRASIL, 2019). Reconhecendo as desigualdades brasileiras, essa Secretaria desenvolvia políticas que fortaleciam a inclusão educacional, onde seus principais trabalhos pautavam-se na promoção da cidadania valorizando a diversidade e oferecendo apoio para populações em situações de vulnerabilidade social.

Perante esse cenário exposto, muitos professores vêm assumindo uma postura de resistência, assim, vem a ser essencial os estudos de Pinheiro (2019):

Conhecer a história do país, incentivar o debate em torno da “história oficial” – aquela que é produzida pelos intelectuais comprometidos com os interesses dos grupos sociais dominantes – e de uma outra história, comprometida com os interesses e os anseios dos explorados e oprimidos, ter ciência dos desafios da educação brasileira ao longo do processo de construção e consolidação do Brasil como nação, compreender o lugar da educação nos projetos político-sociais são combustíveis para a batalha das ideias na construção de alternativas às ideias dominantes [...] (PINHEIRO, 2019, p. 121-122).

Pinheiro (2019, p. 139) ainda expressa que “é fundamental que haja organização popular, não somente do ponto de vista de unificar e ter uma estrutura orgânica, mas também lhe dar consciência política”.

Falando da reforma do ensino médio, Hernandes (2019) conclui que a reforma do ensino médio alavancará a produção de acentuadas desigualdades na educação escolar trazendo à tona que a flexibilização do currículo, com os itinerários formativos, serão oferecidos de acordo com a disponibilidade de recursos de cada escola, ficando a cargo da escola esse oferecimento, sendo que escolas com maior poder aquisitivo poderão oferecer conteúdos que se utilizem de diferentes recursos, enquanto que as escolas mais deficitárias em recursos oferecerão conteúdos que não demandem muitos recursos. O objetivo é treinar os estudantes da classe trabalhadora para atender as demandas do mercado de trabalho, atendendo interesses empresariais, assim, agravando o crescente domínio do capital sobre as relações sociais. Também, acentua-se a negligência com a profissão docente, onde profissionais de notório saber poderão atuar nas escolas ministrando diferentes conteúdos com áreas afins.

Com relação ao Programa Ensino Integral (PEI)⁵ no Estado de São Paulo, criado pela Secretaria Estadual de Educação (SEE/SP) que tem como objetivo um novo modelo de escola, a SEE/SP tem apontado o programa como um caso de sucesso. Um dos grandes atrativos do Programa é o oferecimento de uma gratificação, sem incorporação salarial, em contrapartida, os professores que atuam em PEI não têm vínculo estável com a unidade, podendo ser desvinculado da escola de acordo com resultados das avaliações, e é exigido dos professores regime de dedicação plena integral no horário de funcionamento do Programa. Pesquisas

⁵ Em 2012 foi implantado o Programa de Ensino Integral (PEI), conforme Lei Complementar nº 1.164/2012 (SÃO PAULO, 2012), onde a Resolução SE nº 52/2014 (SÃO PAULO, 2014) é a que regulamenta a organização e o funcionamento das escolas que aderiram ao Programa.

apontam que esse modelo de escola tem contribuído para produção de desigualdades sociais e limitação da autonomia docente, e a pressão por resultados é uma das características principais da gestão desse modelo escolar, e adicionando o fator da avaliação constante, constitui-se em um ambiente marcado pela vigilância, medo e competição, consequentemente, esses fatores acabam contribuindo para geração de condições de estresse (DIAS, 2018; GIROTTTO; CÁSSIO, 2018; GIROTTTO; JACOMINI, 2019; VERGER; MORMAND, 2015).

Além disso, ao meu ver, a questão mais alarmante nesse contexto, o qual estou vivenciando-o atualmente em meu cotidiano nas diferentes escolas em que atuei e atuo, quando da transição da escola para ingressar nesse novo modelo, é o pouco ou muitas vezes nenhum diálogo entre todos os membros da comunidade escolar quando da consulta para adesão, onde a orientação é que se faça reuniões separadas entre cada categoria (funcionários, professores, pais/responsáveis) e a decisão tem que ser tomada em poucos dias, dão ênfase aos pontos positivos do Programa e, na maioria dos casos, nem se toca no assunto sobre os pontos negativos do Programa, levando a comunidade escolar a tomar decisões sem promover espaços críticos de diálogo para uma tomada de decisão consciente e desalienante. Também, de acordo com Dias (2018, p. 15):

Uma agravante nesse cenário é a alienação dos profissionais aos problemas da categoria. A longa jornada e a intensificação do trabalho docente ocupam os professores com contextualizações, adaptações e replicações de práticas exitosas e não promove o questionamento, a reflexão e a transformação do currículo, do próprio programa ou da rede de ensino paulista.

Enfim, explicado até aqui o que chamamos de projeto de desmonte da educação, citando diferentes exemplos, agora, para continuarmos seguindo, retomo que nessa presente pesquisa a profissão docente é o epicentro do debate (sobre as múltiplas características do conceito de profissional, aplicado ao exercício profissional de professores), assim sendo, vamos seguir adiante estudando sobre o papel docente, vamos buscar uma melhor compreensão sobre a formação da identidade docente.

1.2. Em busca de uma identidade docente

Segundo Garcia, Hypolito e Vieira (2005, p. 48):

Por identidade profissional docente entendem-se as posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos. Refere-se ainda ao conjunto das representações colocadas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir dos professores e professoras no exercício de suas funções em instituições educacionais, mais ou menos complexas e burocráticas.

Ainda, segundo os autores:

A identidade profissional dos docentes é assim entendida como uma construção social marcada por múltiplos fatores que interagem entre si, resultando numa série de representações que os docentes fazem de si mesmos e de suas funções, estabelecendo, consciente e inconscientemente, negociações das quais certamente fazem parte suas histórias de vida, suas condições concretas de trabalho, o imaginário recorrente acerca dessa profissão — certamente marcado pela gênese e desenvolvimento histórico da função docente —, e os discursos que circulam no mundo social e cultural acerca dos docentes e da escola (GARCIA, HYPOLITO, VIEIRA, 2005, p. 54).

De acordo com Arroyo (2011), é difícil identificar os professores como uma imagem única, pois são múltiplos e plurais, e essas imagens são desconstruídas e construídas há tempos. Há muitos desencontros entre imagens e autoimagens, como os professores se veem e como são vistos por outros. Derivam desses desencontros tensões e mal-estar, perdurando sempre a interrogação de quem realmente são os professores. Em sua opinião, os professores têm que ser artesãos, artífices, artistas para dar conta de seu trabalho. Essa arte é aprendida no diálogo de gerações, onde mestres do passado deixaram suas marcas e sobrevivem nos professores até hoje, “o magistério incorpora perícia e saberes aprendidos pela espécie humana ao longo de sua formação” (p. 18). Os professores sabem pouco da história dessa profissão onde nem os cursos de formação abrangem tanto desta longa trajetória. Nesse mesmo caminhar, Arroyo (2011, p. 28) explica que:

Somos professores (as). Representamos um papel, uma imagem social, que carrega traços muito marcantes e muito misturados. Incômodos. A resposta à pergunta quem somos está colada a como foi-se constituindo a imagem social do magistério.

Então, podemos afirmar que há uma diversidade de particularidades que conformam aspectos "universais" da categoria profissional de docentes. Para seguir na busca por uma melhor compreensão do processo de formação da identidade docente é necessário olhar para o passado dessa profissão, onde foi encontrado em Tardif (2013, p. 554) que o ensino escolar possui três idades, onde cada uma corresponde a um período histórico:

[...] a idade da vocação que predomina do século XVI ao XVIII, a idade do ofício que se instaura a partir do século XIX e, finalmente, a idade da profissão que começa lentamente a se impor na segunda metade do século XX.

A vocação está ligada à religião, onde os primórdios do ensino no Brasil têm sua raiz, assim, o ato de educar estava ligado ao dom, a missão de ensinar, a manter os estudantes numa linha moral, uma profissão de fé. As virtudes eram mais valorizadas do que a formação e as condições materiais do ensino ficavam em segundo plano. As sociedades acabaram se modernizando, mas ainda essa visão de vocação assombra o contexto educacional. Com a

ascensão do Estado e sua lenta separação das igrejas, a educação pública vai tornando-se obrigatória, caracterizando a idade do ofício. Assim, a relação do trabalho docente torna-se contratual e salarial e começou-se a valorizar a formação acadêmica do docente. A universitarização da formação dos professores precede a idade da profissionalização e ganha espaço como uma condição necessária, onde os olhares nessa idade voltam-se a melhorar a qualidade do ensino e sofrem influências neoliberais. A idade da profissão trouxe uma visão reflexiva, onde a pura execução perde espaço para o pensamento e esse novo caminhar vem tentando se manter e perdurando até hoje (TARDIF, 2013).

A história dos professores está diretamente relacionada com a história do trabalho, dos trabalhadores, de seus saberes e ofícios, da história da cultura operária, esse é o legado de anos de lutas da categoria, identificando-se como trabalhadores da educação desde o final dos anos setenta. Os professores passam por rituais de titulação, seleção, concursos, provam que dominam determinados saberes, conhecimentos e competências referentes ao seu ofício e esperam o direito de exercer esse trabalho e receber por ele (ARROYO, 2011).

O pensamento freireano teve grande influência no movimento de profissionalização docente, rompendo com o ideal de simplesmente uma vocação e um mero ofício. São alguns apontamentos marcantes que vão ao encontro de uma identidade profissional. Em especial, o livro *Pedagogia da autonomia* (FREIRE, 1996) é praticamente uma bíblia para o professor, item que deveria estar sempre compondo o rol de objetos que um professor deveria ter sempre ao seu lado, sempre à mão, em minha opinião.

Freire (1996), embasado em uma concepção humanista, aponta o compromisso ético do docente com relação ao seu trabalho, de não ser apenas alguém que deposita o conteúdo em seus estudantes, mas em conjunto, de forma coletiva, aprendem e ensinam mutuamente, respeitosamente, caracterizando uma educação dialógica, que valoriza os saberes advindos desse processo educativo que é inerente ao trabalho docente. Também igualmente importante é a valorização do caráter político que possui o trabalho docente frente ao contexto de constantes tomadas de decisões que direcionam todo esse processo. É na luta por uma transformação social que vai se legitimando essa profissão. A compreensão e reflexão crítica da própria prática docente vem a ser um veículo de produção e transformação de saberes, contribuindo para o pensamento de profissionalização⁶.

Tardif (2013, p. 569) aponta que:

⁶ Para um maior aprofundamento sobre o pensamento de Paulo Freire e o processo de profissionalização docente ver Rufino (2020).

[...] os conhecimentos dos professores continuam constituindo atualmente um desafio central, não somente para a pesquisa, mas também, e talvez principalmente, para a própria profissão de docente. Até o momento, essa profissão não conseguiu ver reconhecidos seus conhecimentos, por falta de conhecê-los realmente.

Não podemos perder de vista que a docência é uma “profissão do conhecimento”, legitimada pelo conhecimento e o saber. Nessa perspectiva, os professores são profissionais que trabalham com o conhecimento, e, para tanto, necessitam ter compromisso com a aprendizagem discente e com a sua formação permanente.

De acordo com Arroyo (2011, p. 41), a imagem mais pesada e inquietante é a dos professores serem os responsáveis pelo projeto arquitetado de sermos humanos. “Pensar e mexer com a formação humana é um pensar nossa própria formação, nosso próprio percurso”, assim como os professores têm que cuidar e acompanhar o percurso de formação dos estudantes, ao mesmo tempo, tem que ter o cuidado de cuidar de seu próprio percurso. Isso nos leva a pensar no cotidiano sofrível dos professores atuantes em escolas básicas públicas, com cargas elevadas de trabalho e pouco tempo para si.

Cada grupo de professores tem experiências peculiares do reconhecimento social, como por exemplo, os professores que atuam na educação infantil, que carregam uma imagem pouco profissional perante os outros professores, onde muitas vezes suas competências ficam abaixo de seus atributos de beleza, simpatia, caridosa e amável, e se tivesse titulações como mestre ou doutor não implicaria muito na mudança dessa imagem. Já os professores que atuam no ensino fundamental II e ensino médio vivenciam uma indefinição na imagem social, pois não são vistos como os professores de educação infantil, como também não chegam a ser valorizados e reconhecidos socialmente como os professores universitários. Sendo assim, o reconhecimento social desses profissionais da educação acompanha o reconhecimento social do campo em que trabalham e do público alvo com que trabalham, então, o reconhecimento é atrelado a formação profissional dos docentes - ensino básico e ensino superior. Estes, nem sempre têm formação técnica necessária para o desempenho profissional, aqueles, para o exercício de sua atividade, precisam ter essa formação técnico-profissional.

Nesse ínterim, um caminho para uma melhor compreensão da identidade docente e seu reconhecimento é olhar para o reconhecimento social dos diferentes contextos em que se trabalha. Para Martino (2015, p. 141), “a identidade social de um indivíduo depende, em boa parte, da comunidade à qual ele está ligado. Saber quem se é significa também saber a quais grupos se está ligado [...]”.

Diante do exposto até aqui, já podemos notar como é extremamente complexo o campo de formação da identidade docente. Para exemplificar, alguns elementos atribuídos à docência,

que antes eram aceitos, hoje em dia são questionados e contestados. Por exemplo, a ideia de vocação foi perdendo valor entre os professores, mas ainda é forte no imaginário de alguns indivíduos e a profissão docente ainda carrega essa imagem histórica. Segundo Arroyo (2011, p. 34):

Os fios e interesses políticos, sociais, religiosos, culturais em que foi tecido esse ofício não se desfazem com quererem, discursos, análises e pesquisas. Podem e devem esses fios ser analiticamente separados, esclarecidos, mas nas vivências a separação é mais lenta, mais difícil. A Escola Básica, seu cotidiano, a relação com as comunidades, com as famílias, com os educandos reforça esse tecido secular e reforça o próprio imaginário que de si mesmos têm os mestres da Educação Básica.

Nesse ínterim, podemos verificar que a escola básica possui um grande diferencial perante os outros níveis de ensino, ela transborda os intensos vínculos comunitários. Assim, observamos até aqui algumas dimensões da atividade profissional docente, algumas especificidades e singularidades.

Com relação a proletarização docente, de acordo com Enguita (1991), as inúmeras regulamentações que recaem sobre o docente acarretam na perda de controle do processo de seu próprio trabalho, conseqüentemente, essa perda de autonomia contribui para um processo de desqualificação docente. Enguita (1991) comenta que antes o foco era na discussão sobre a reivindicação da identidade docente com o resto dos trabalhadores, mas agora volta-se para sublinhar e reforçar a diferença. Essa diferenciação de professores de níveis infantil, básico e superior, de pedagogos e especialistas, dificultam uma unificação, uma parceria de luta entre a categoria docente, cultiva-se mais as diferenças do que as semelhanças e uma união.

Até mesmo a nomenclatura, o significado que damos as palavras podem revelar nossa identidade e essa diferenciação, como por exemplo o uso das palavras docente, educador, professor, como também ensino e educação, há uma falta de entendimento que tem marcado há tempos a visão de educação, de escola e autoimagens dos profissionais da educação. Por exemplo, Arroyo (2011, p. 50) comenta que “nos vemos mais como docentes do que como educadores e vemos a escola como tempo de ensino, mais do que como tempo de educação”. A educação envolve muito mais do que somente ensino, envolve também aprendizagem, troca, nesse caminhar, não somos somente docentes, não somente ensinamos, somos educadores, educamos. Por que até hoje nos referimos à Educação Básica, formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação Superior? Por que o infantil e superior recebem a palavra educação e o fundamental a palavra ensino? Não são todos educação? Por que essa diferença de trato? Talvez nunca paramos para pensar nessa questão, mas isso nos mostra a longa história desses processos de definição do contexto educativo e do papel social

dessa função. Essa parece, mas não é uma questão tão simples, pois, como cita Arroyo (2011), reduzir o papel da escola ao ensino é esquecer sua dimensão formadora. E podemos dizer que muitos professores acabam perdendo-se nisso e não encontrando uma identidade. Nos tornamos educadores quando lutamos para fazer da escola um lugar de humanização e não de mercantilização.

Toda essa longa trajetória histórica da instituição escolar, seus rituais, suas práticas, mesmo sendo muitas vezes encarada como uma rotina ultrapassada, uma tradição a ser melhor avaliada/repensada, mesmo sendo encarada como um peso, tem seu lado positivo, não podemos deixar de reconhecer que continua sendo uma garantia da continuidade da importância do papel social dos professores e essa continuidade é necessária para a formação das identidades. Para Arroyo (2011), a crise de identidade está na questão da dificuldade de ver os processos educativos como permanentes, toda essa longa história cultural e sua dinâmica, não se situam nos valores, nas identidades, na socialização e formação, mas, ao invés disso, focam no campo das competências e habilidades, dos conhecimentos e das técnicas que estão em constantes mutações. Sendo assim, um caminho para a reconstrução da identidade docente é focar nas práticas, na sua ressignificação e em redes de experiências.

Com relação à crise de identidade docente, Jesus (2004, p. 197) explica que:

Assim, de acordo com as reformas que se pretendem implementar nos sistemas educativos de diversos países e com um novo sentido requerido para a escola na sociedade actual, os professores são actualmente confrontados com novos deveres, exigências e funções. As novas responsabilidades atribuídas ao professor representam uma sobrecarga de trabalho, pois, para além do trabalho na sala de aula, o professor deve ainda organizar actividades extra-curriculares: preparar aulas, corrigir e avaliar os trabalhos dos alunos, receber os pais ou encarregados de educação, participar em reuniões de professores, ocupar-se de problemas administrativos da escola, etc. Face a esta diversidade de tarefas, os professores têm dificuldade em definir e delimitar os objectivos e prioridades na sua actividade profissional, tanto mais porque não participaram na concepção das novas funções.

Vem a ser importante também ressaltar aqui a fala de Arroyo (2011, p. 24), onde ele alerta que:

As políticas de formação e de currículo e, sobretudo, a imagem de professor (a) em que se justificam perderam essa referência ao passado, à memória, à história, como se ser professor (a) fosse um cata-vento que gira à mercê da última vontade política e da última demanda tecnológica. Cada nova ideologia, nova moda econômica ou política, pedagógica e acadêmica, cada novo governante, gestor ou tecnocrata até de agências de financiamento se julgam no direito de nos dizer o que não somos e o que devemos ser, de definir nosso perfil, de redefinir nosso papel social, nossos saberes e competências, redefinir o currículo e a instituição que nos formarão através de um simples decreto.

Como vimos até aqui, não existe uma única imagem social do professor e o campo da educação é muito diversificado, somos professores, mas há hierarquias, níveis diferentes, o sistema governamental e a evolução histórica da profissão docente nos fragmentou, sendo assim, há imagens bastante diferenciadas, salários diferentes, titulações e prestígio diferenciados. Isso nos leva a indagação se os professores perdem com essa diversidade e como fazer com que isso seja não um fator limitador e separatista, mas algo que incite um movimento coletivo. É importante frisar aqui que cada professor tem sua formação, seu componente curricular, mas todos os professores, indiferente de sua especialidade, são responsáveis pela formação global dos estudantes. Esse é um ponto de visão que deveria unir todos os professores.

Vemos hoje em dia uma tentativa de transformar os professores em aplicadores de conteúdos e teorias, onde muitos governos definem seus currículos, constroem materiais didáticos, orientando os docentes a seguirem as orientações de suas respectivas secretarias. Indo ao sentido contrário, precisamos valorizar os professores como produtores de saberes e não somente aplicadores, onde os próprios docentes conhecem sua realidade e possuem uma bagagem de conhecimentos e experiências que lhes dão o direito de eles mesmos construir esse percurso formativo como também da possibilidade de fazer parte dessa escolha e construção de conteúdos e teorias.

De acordo com Arroyo (2011), a cultura dos direitos, convicções éticas, valores de dignidade, todos esses são traços fortes na história do movimento operário e foram responsáveis pela identificação e aproximação dos professores com essa categoria, sobretudo na ênfase de que a garantia desses direitos depende da luta de um coletivo, daí vem a preocupação e a importância de uma união de todos os professores, pois existe devido à isso a preocupação dos governos em tentar dividir a categoria dos professores para diminuir sua união e força.

Há uma preocupação presente no cotidiano dos professores perante sua função social estar de acordo com as demandas contemporâneas, e o caminho para esse entendimento percorre o conhecimento e entendimento de si e do coletivo, de seus valores, de suas representações. Durante décadas, a categoria de professores vem percorrendo um árduo caminho a fim de se firmar como um coletivo social. Nossa imagem, em muitos casos, é politicamente explorada, governantes jogam com essa imagem social contra a categoria, como por exemplo a fala de que os salários estão ótimos para essa categoria, e muitas vezes a população os apoia. A imagem da nossa profissão extrapola os portões da escola. O imaginário social atribui fortes traços morais e éticos aos professores, sempre se exigindo mais desse profissional, é uma avalanche de atribuições e cobranças aos professores. As últimas décadas

vem se caracterizando como uma luta para redefinir esse imaginário, além da luta por melhorias nas condições de trabalho. Reconhecer esses traços, esses elementos atribuídos ao imaginário social do ser professor é um ponto de partida para redefini-los, porém, é um processo lento e cuidadoso que exige um trato pedagógico e político (ARROYO, 2011).

Segundo Arroyo (2011, p. 87):

A docência se politizou e adquiriu novas dimensões e saberes. A politização veio dos movimentos políticos, de análises críticas da organização a categoria, mas também da desnaturalização das próprias ciências e conhecimentos, da descoberta de seus vínculos com interesses políticos, econômicos e sociais, de classe, até de gênero e raça. As organizações de profissionais de área, seus congressos e sua produção contribuíram para a politização da docência e para a superação de uma ingênua estreiteza. Toda ciência é humana, como toda docência é humana docência. A postura crítica para alguns passou a ser uma opção política e ideológica, para muitos uma coerência com o caráter histórico, humano, de toda ciência. De uma docência neutra, coerente com uma visão naturalizante de cada área do conhecimento se passou a uma visão social, histórica. Nenhum saber se explica por si mesmo, os fatos e suas explicações não acontecem naturalmente, à margem de ideologias, interesses e tensões humanas.

Nesse caminhar, é preciso frisar que o exercício profissional docente deve ser consciente e desalienado, portanto, politizado.

Assim, para Garcia, Hypolito e Vieira (2005, p. 47):

Tratar da identidade docente é estar atento para a política de representação que instituem os discursos veiculados por grupos e indivíduos que disputam o espaço acadêmico ou que estão na gestão do Estado. É considerar também os efeitos práticos e as políticas de verdade que discursos veiculados pela mídia impressa, televisiva e cinematográfica estão ajudando a configurar. A identidade docente é negociada entre essas múltiplas representações, entre as quais, e de modo relevante, as políticas de identidade estabelecidas pelo discurso educacional oficial. Esse discurso fala da gestão dos docentes e da organização dos sistemas escolares, dos objetivos e das metas do trabalho de ensino e dos docentes; fala também dos modos pelos quais são vistos ou falados, dos discursos que os vêem e através dos quais eles se vêem, produzindo uma ética e uma determinada relação com eles mesmos, que constituem, a experiência que podem ter de si próprios.

No entanto, Garcia, Hypolito e Vieira (2005) apontam um caminho a ser trilhado:

Em um tempo recente, as investigações que problematizavam a identidade e a profissionalização docente parecem ter buscado aspectos unificadores e fundantes da identidade profissional dessa categoria: a classe social, a natureza do processo de trabalho, o gênero, a história de vida, a formação profissional, etc. Talvez um caminho produtivo para a pesquisa seja buscar as diferenças, as discontinuidades, as divisões dessa categoria, privilegiando as narrativas dos professores e das professoras acerca de si mesmos e de seus contextos de trabalho. Não para reificar seus próprios pontos de vista ou tomá-los como a medida mais justa do que de fato acontece, mas talvez para nos aproximarmos da dinâmica contraditória e fragmentada em que estão mergulhados (GARCIA, HYPOLITO, VIEIRA, 2005, p. 54).

Levando isso em consideração, nesta pesquisa, o intuito mesmo foi identificar e oportunizar espaços para ouvir os docentes participantes desta pesquisa, os próprios professores

de EF e seus companheiros de trabalho tiveram a oportunidade de expor suas visões, porque voz eles já tem, mas a questão é o compartilhamento e divulgação dessas vozes, estimular narrativas dos mesmos e compartilhamentos de experiências, abrir espaços para diálogos a fim de provocar inquietações, promover reflexões, em busca de ações coletivas utilizando as mídias e tecnologias como meios para esses fins.

Já foi percebido que não podemos ficar parados esperando ações do governo voltadas à desalienação e politização dos professores da educação básica pública quando nós, pesquisadores, professores, comunidade em geral, também temos possibilidades de agir e fazer a diferença nesse contexto. Como já vimos anteriormente nos estudos de Althusser (1985) sobre o Estado e sua estrutura, todos os aparelhos ideológicos de Estado concorrem para o mesmo resultado, a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas. Cada um deles concorre para esse resultado de uma maneira que lhe é própria, isto é, submetendo, ou melhor, sujeitando os indivíduos a uma ideologia. A questão aqui nesta pesquisa é como podemos nós, professores, ir além dessas barreiras e buscarmos uma formação própria em busca de superação.

1.2.1. A natureza do trabalho docente: o papel do professor

Segundo Arroyo (2011) vivemos momentos de incertezas e contradições sobre nosso papel de professores, pois durante décadas a ideia era que nossa função na escola era capacitar os estudantes para o mercado de trabalho, mas nas últimas décadas cresceram movimentos incorporando outras tarefas a escola e aos professores, como a preocupação em preparar os estudantes para a cidadania, participações críticas, dar conta do pleno desenvolvimento dos estudantes, o que veio modificando e transformando nosso pensar sobre o real papel do professor.

O pensamento mais comum, alienado, define o conteúdo da educação como “as disciplinas, o currículo do curso, aquele que enche as lições e são objeto da aprendizagem” (PINTO, 2010, p. 44). O grande problema, apontado por Pinto (2010), entre educação humanista e a tecnológica, é o pensamento do tipo de pessoa que se quer formar, onde o educador tem papel fundamental nesse direcionamento. Primeiramente, é fato que a educação não deve se reduzir ao simples ato de transmitir conhecimentos e o foco de seu conteúdo não pode ser simplesmente a “matéria”, mas incorpora a totalidade das condições objetivas que concretamente pertencem ao ato educacional, sendo assim, o conteúdo da educação engloba as condições individuais e sociais dos sujeitos envolvidos no processo, a infraestrutura da escola,

os recursos materiais utilizados, entre outros, caracterizando o conteúdo como algo dinâmico e não estático, é variável e é específico de cada ação educativa, sendo extremamente necessário um tratamento crítico desse conteúdo. Com isso, notamos a relação dialógica e dialética entre a forma e o conteúdo da educação, que deve refletir as condições materiais da sociedade, suas contradições e experiências sociais essenciais para a mudança de cenário. Então:

O conteúdo da educação – tal como a forma –, tem caráter eminentemente social e, portanto, histórico. É definido para cada fase e para cada situação da evolução de uma comunidade. Por conseguinte, deve atender primordialmente aos interesses da sociedade. Se esta é democrática, os interesses dominantes têm que ser os do povo, e se consideramos um país em esforço de crescimento, tem que ser o de suas populações que anseiam por modificar sua existência (PINTO, 2010, p. 46).

Questões primordiais apontadas por Freire (2000, 2007) e Pinto (2010) são as desigualdades de oportunidades na educação, e nesse contexto, o educador precisa manter consciência crítica sobre seu papel, sobre sua ação dentro desse contexto, e a finalidade da educação deve ser a transformação social, onde “o homem que adquire o saber, passa a ver o mundo e a si mesmo deste outro ponto de vista. Por isso se torna um elemento transformador de seu mundo” (PINTO, 2010, p. 52-53).

Posto que a educação sempre seguiu no caminho de reproduzir a ideologia dominante e permanece num contínuo processo de vigilância de instâncias superiores para que isso continue, o professor possui uma tarefa muito importante para embasar uma transformação nessa realidade, “a de denunciar e de atuar contra a tarefa de reproduzir a ideologia dominante”, trabalhando para desvendar a realidade ocultada pela ideologia e currículo dominante (FREIRE; SHOR, 2001, p. 49). A realidade não é um produto fixo, imutável, mas pode ser mudada num processo histórico.

A necessidade de o professor trabalhar em prol de uma formação profissional para seus estudantes a fim de qualificá-lo para o trabalho é fato, faz parte do papel que o professor deve desempenhar, mas deve ir além disso, pois, como já desvelado acima, é importante também o professor desvendar a ideologia envolvida nas próprias expectativas de seus estudantes. Vem a ser imprescindível estimular uma consciência crítica perante o trabalho e a formação profissional (FREIRE; SHOR, 2001).

Para Maceno (2017), falta aos docentes o reconhecimento do potencial revolucionário que possui a educação. A Educação precisa ser compreendida como um campo de luta, de um lado a reprodução da sociedade capitalista, de outro, a superação dessa sociedade. Sendo assim, a Educação permeia tensões e conflitos que podem direcionar a sociedade para uma transformação social.

Mas também o professor deve ter em mente os limites da educação, onde sozinha ela não vai transformar a sociedade, no sentido de que os processos educativos dentro da escola podem contribuir para esse trabalho de transformação, eles acrescentam, no entanto, segundo Freire e Shor (2001), para mudar a realidade vivenciada é preciso também uma prática política, no sentido de mobilização, organização, programas voltados para esse fim, e isso não se limita somente às paredes da escola. Um estudo crítico dentro da sala de aula pode mudar a compreensão da realidade, mas só ações políticas na sociedade podem levar a uma transformação social.

A Educação desempenha um importante papel em nossa sociedade, tanto no sentido de contribuir para a promoção de ideologias dominantes como também tem o poder de promover uma contra ideologia, recaindo aos professores a responsabilidade de trabalhar nesses termos, onde o professor deve decidir para qual concepção de Educação ele vai servir. O professor deve ter em mente a importância de seu papel para uma transformação em nossa sociedade, deve-se conscientizar-se da importância de assumir seu lugar num espaço de muitas lutas e tensões em prol de uma mudança qualitativa na Educação. Daí vem a preocupação em uma politização da atividade docente, como contraponto ao processo de alienação que afeta a categoria. Para Silva (2007, p. 29):

Educadoras e educadores precisam, mais do que nunca, assumir sua identidade como trabalhadoras/es culturais envolvidas/os na produção de uma memória histórica e de sujeitos sociais que criam e recriam o espaço e a vida sociais. O campo educacional é centralmente cruzado por relações que conectam poder e cultura, pedagogia e política, memória e história. Precisamente por isso é um espaço permanentemente atravessado por lutas e disputas por hegemonia. Não assumir nosso lugar e responsabilidade nesse espaço significa entregá-lo a forças que certamente irão moldá-lo de acordo com seus próprios objetivos e esses objetivos podem não ser exatamente os objetivos de justiça, igualdade e de um futuro melhor para todos.

No cotidiano de trabalho dentro das escolas vivenciamos muitas situações de reclamações e cansaço entre profissionais da educação, onde predominam falas de que “não podemos ficar batendo de frente com instâncias superiores”, que “não somos unidos” e que “não temos muita força para seguir, é melhor aceitar e continuar do jeito que está”, como também “não podemos fazer nada”, “nadar contra a corrente é perda de tempo e desgasta demais”, entre outras. Freire (1996, p. 19-20) evidencia o poder persuasivo do neoliberalismo quando diz que:

A ideologia fatalista e imobilizante que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com seus ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o

fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada.

Souza (2002, p. 62) frisa a importância da análise e reflexão do educador frente esse paradigma caracterizado acima para sua atuação profissional:

Essa reflexão se faz necessária para que saibamos se somos agentes ou simplesmente atores. E, nesse processo camuflado exercido pelo Estado como regulador, está, certamente, explicitado que devemos ser prioritariamente atores. Daí ser necessário que sejamos nós todos reguladores por uma série de instrumentos que nos são apresentados como facilitadores de nosso trabalho ou colocados para nos orientar, mas que, na verdade, são o próprio elemento regulador. São identificados por nomes pomposos e atraentes, como Parâmetros Curriculares Nacionais, avaliações externas – ENEM, SARESP e uma plêiade de tantos outros rótulos que subsidiam esta regulação do Estado sobre o Ensino Público, a serviço da expansão do capital. E nesses instrumentos, com absoluta segurança, estão garantidos os scripts de nossos papéis de atores.

Para Rossi (2002, p. 123), a “escola também é cidadela política” e aponta que o maior desafio atualmente posto aos educadores é “inverter o foco de atenção do ensino por competências para centrarmos as luzes sobre a finalidade da vida e do ser humano no planeta”, e explica que as competências devem ser vistas como “meios de realizarmos nosso projeto de cidadania nacional e global”. Vemos aí a necessidade de um projeto político da escola voltado para um espaço de emancipação política e social. De acordo com Ribeiro (2018, p. 229), “a política é o dever que, justamente, cristaliza o papel de cidadão. Não há cidadania sem política. [...] Não haverá política se os cidadãos não forem atuantes”.

Magnoni Júnior (2002) aponta que os educadores que visam uma educação libertadora e transformadora terão que lutar contra esse projeto neoliberal que visa dar à massa trabalhadora uma formação tecnicista. Ter um outro olhar sobre a educação, como ela sendo uma prática mediadora, trabalhada com uma devida criticidade, vem a ser a peça fundamental para um processo amplo de transformação social. Ainda, complementa o autor que, se não houver um entendimento do contexto, “não teremos em nossas mãos os instrumentos vitais e necessários para a busca da transformação econômica, política e social que pretendemos ver no país, no decorrer do século XXI” (p. 101).

Segundo Freire (1996, 2000, 2007), o professor deve ter clareza em seu trabalho e essa clareza vai desenvolvendo-se em sua própria prática pedagógica e Freire chama a atenção que o professor deve estar ciente de que ensinar não é somente transmitir o conhecimento, mas criar as oportunidades para que haja a construção e produção do conhecimento. Freire (1996, p. 23) explica que “o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo” no sentido de que todos os

envolvidos no processo educativo ensinam e aprendem, “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”. Freire (2001, p. 42) frisa que:

Creio importante chamar a atenção nesta altura para algo que se acha enfatizado na Pedagogia do oprimido – a relação entre a clareza política na leitura do mundo e os níveis de engajamento no processo de mobilização e de organização para a luta, para a defesa dos direitos, para a reivindicação da justiça. Educadoras e educadores progressistas têm de estar alerta com relação a este dado, no seu trabalho de educação popular, uma vez que, não apenas os conteúdos mas as formas como abordá-los estão em relação direta com os níveis de luta acima referidos.

O educador, dotado de uma consciência crítica, deve buscar metodologias que melhor se adequem às necessidades de seus educandos.

De acordo com Cantarelli e Ferreira (2019), vem a ser fundamental para o professor uma consciência de classe para embasar o desenvolvimento de seu trabalho, e consequentemente, suas ações. Necessita-se dessa politização da relação de ensino e aprendizagem. O trabalho docente e o papel do professor na sociedade devem ser temas para serem debatidos tanto dentro da escola, com professores e a comunidade escolar, como no âmbito da sociedade em geral. O rumo que o trabalho dos professores dentro das escolas tomará vai depender do entendimento desses professores perante a sua condição de docente, de trabalhador, da conscientização de seu lugar e de sua importância na sociedade. Possuir consciência de classe contribuirá para que professores sejam agentes de mudanças sociais, sejam realmente trabalhadores intelectuais em prol de uma sociedade mais justa, mais democrática, e essencialmente mais humana.

Como relata Freire (1996, p. 112), a educação não “é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade”, no entanto, educadores críticos “podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica”. Assim, Freire reflete sobre a prática docente e a condição de trabalhador da educação, reconhecendo a responsabilidade dessa prática educativa e do dever de lutar para que ela seja realmente respeitada, assim, a militância é vista por Freire como ações de preparação e organização para a prática e uma luta por direitos e protestos contra injustiças. Segundo Apple (1987, p. 12) “a militância e o engajamento político não são senão um conjunto de formas nas quais o controle é contestado”.

Segundo Freire (2011, p. 34), “do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político”. Assim, como aponta Freire (2011, p. 35), é impossível uma educação neutra, onde:

Uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, fazemos educação e de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder.

Para Freire (1996, p. 39-40):

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também.

Exige-se domínio de teorias e elaboração pedagógica para seguir nesse caminho de aprender a ser professor e esse caminhar, antes de tudo, é “um saber sobre o percurso pedagógico, formador, que vai tornando possíveis as possibilidades de sermos humanos” (ARROYO, 2011, p. 43). Nesse ínterim, notamos a importância do diálogo e da troca de experiências para o profissional da educação. Como comenta Freire (1991), um professor não se forma em uma determinada data, em um determinado momento específico, mas sim vai aprendendo e se formando ao longo de toda sua atuação, na prática e na reflexão de sua prática. Quando não há reflexão sobre a prática docente, fixando-se na experiência operacional, abre-se a possibilidade de uma ruptura entre o fazer e pensar, favorecendo a alienação profissional da docência.

Com isso, entendemos que a formação permanente do docente implica politização permanente. Por isso, oportunizar espaços de diálogos e reflexões dentro e fora da escola vem a ser essencial, manter uma formação continuada de professores, trazer à tona a importância do seu papel na sociedade, a questão da frequente atualização de seus conhecimentos, quebrar preconceitos, mudar pensamentos, entre outros elementos formativos, pois na correria do dia-a-dia o professor pode acabar deixando de manter esse hábito cotidiano de pensar e refletir sobre a sua prática.

A fala de alguns professores na escola, citada na introdução desta presente pesquisa e que foi uma das justificativas para o desenvolvimento desta pesquisa, de que são neutros, cumprem seu trabalho de ensinar os conteúdos programados e só, essa fala não pode existir posto que, além de sermos seres inacabados, em constante formação, “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (FREIRE, 1996, p. 77), não vivemos apenas constatando a realidade, mas fazendo e refazendo história, atuando no mundo e transformando o mundo⁷. Como vimos também nos estudos de Arroyo (2011, p. 40), “educar e instruir são atos éticos e políticos. A pedagogia não é apenas um corpo de saberes técnicos, nem sequer de saber-fazer”. Uma mudança na visão desses professores é urgente. A constatação recorrente em nossa realidade de que é preciso mudar para melhorar o mundo é fundamental, “mudar é difícil mas é possível” (FREIRE, 1996, p. 79).

Para Freire (2020) o papel do trabalhador social, que fez a opção pela mudança, pela transformação de sua realidade, é experienciar cotidianamente o processo de conscientização de todos os indivíduos envolvidos no processo, tanto dos indivíduos em que se está trabalhando quanto a sua própria. Levando isso em consideração, como o objetivo principal desta presente pesquisa é fazer uso das mídias e tecnologias para fins de politização e desalienação dos professores de EF atuantes na educação básica pública, as vemos como meios para atingir esses fins, onde vamos seguir aprofundando nossos conhecimentos na temática das mídias e tecnologias após o próximo tema, onde antes não podemos deixar de falar especificamente sobre a área da EF.

1.3. O componente curricular Educação Física

O caminho percorrido pela Educação Física (EF) ao longo da história se entrelaça pelos contextos políticos, sociais, econômicos, sofrendo muitas influências nesse caminhar. As raízes da Educação Física estão fortemente impregnadas pelo contexto biológico.

De acordo com Ghiraldelli Júnior (1988), a Educação Física brasileira percorreu as seguintes tendências: EF Higienista (1889-1930), produto do pensamento liberal, onde nessa época estávamos vivenciando um processo de urbanização (industrial) e falta de condições

⁷ De acordo com Freire (1996, p. 110), “A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão. Um ser ligado a interesses e em relação aos quais tanto pode manter-se fiel à eticidade quanto pode transgredi-la”.

básicas para a população, onde o foco da cultura hegemônica era a saúde pública; EF Militarista (1930-1945) com evidência do governo Getúlio Vargas, guerra mundial, era Hitler defendendo a raça pura, o cidadão como um soldado para defender a pátria, ambientação de disciplina, ordem, colunas e filas, apitos, influência de instituições militares, destacava-se a EF na formação de pessoas obedientes e adestradas, o foco era a defesa da pátria; EF Pedagogicista (1945-1964), onde na década de cinquenta houve ampliação da rede pública, os olhares voltaram-se para a formação educacional, uma EF educativa visando o integral dos estudantes e formação de cidadãos, com foco na educação pública; EF Competitiva (a partir de 1964-1985), época da ditadura militar, visava-se o esporte de alto nível, competições, medalhas, construção de atletas-heróis, uma EF escolar voltada para a prática do esporte, com seleção dos mais aptos para turmas de treinamento, preocupação em desviar a atenção dos movimentos sociais emergentes, onde predominava o foco na competição e capitalismo; EF Popular ganhou espaço desde então, a qual emerge da prática social dos trabalhadores, com força do Movimento Operário e Popular com preocupações educativas e para o lazer, com foco na ludicidade e solidariedade.⁸

A EF carrega desde seus primórdios até a nossa contemporaneidade essas duas grandes influências, a militar e a médica. Os militares e médicos participaram na formação dos primeiros professores civis de EF. Embasada nessas perspectivas higienista e eugênica, por muito tempo essa área foi vista como responsável por construir cidadãos fortes e saudáveis aptos a defender e construir a nação (CASTELLANI FILHO, 1988; DAOLIO, 2010).

Os higienistas atribuíram à EF a responsabilidade de criar corpos saudáveis, robustos e harmoniosos, neste sentido, a EF contribuiu para incentivar racismos e preconceitos sociais. As camadas dominantes seguiam no ideal de eugenzar o povo brasileiro. Estereótipos masculinos e femininos foram criados sob influência higienista, o que se desejava como ideal a ser alcançado. A EF se validou como obrigatória embasada pelo ideal de adestramento físico para cumprimento de deveres para com a economia e a defesa da nação (CASTELLANI FILHO, 1988).

Os primórdios do processo de formação profissional em EF foi vinculado e era voltado para os militares (Marinha, Força pública e Exército) no início do século XX em cursos de curta duração. O curso provisório de EF em 1929 foi ministrado pelo exército e, excepcionalmente, aceitou a participação de civis e, posteriormente, com a criação da Escola de Educação Física

⁸ Lembrando que esse referencial é de 1988, desde então a EF continuou seguindo, buscando caminhos mais progressistas e críticos, como por exemplo nos estudos e referenciais de Bracht (1988), Betti (2002), Daolio (2010), Darido (1998; 2003) e Oliveira (1997).

do Exército (EsEFEx) no Rio de Janeiro, em 1933, Decreto 23.252 (BRASIL, 1933), nova exceção foi feita até que se criaram posteriormente outras escolas para os civis. Em 1945, o Decreto-Lei 8270 (BRASIL, 1945) fez a primeira revisão da proposta curricular, redimensionando o curso de dois para três anos, como também promovendo aumento nas cargas horárias das disciplinas. O Decreto-lei nº 1.821 de 1953 (BRASIL, 1953) passou a exigir a conclusão do ensino médio para ingresso em cursos superiores e a EF deixou de ser um curso técnico apenas em 1957. Com a Lei nº 4.024 em 1961 (BRASIL, 1961), no artigo 22, a EF fica obrigatória nos cursos primário e médio (hoje ensino básico). Com o Parecer CFE 215 (BRASIL, 1987a), a EF fixou dois cursos distintos, a licenciatura e o bacharelado, passando de três para quatro anos de duração. Com relação às diretrizes curriculares, no caso particular da EF, elas sempre ocorreram de forma paralela aos normativos da Educação. A Resolução CFE 03/87 (BRASIL, 1987b) organizou a área de estudos e formação profissional da EF em duas áreas, o bacharelado e a licenciatura, onde em muitos cursos adotou-se uma licenciatura ampliada, formando profissionais para atuar tanto no espaço escolar como fora dele. Mesmo assim, a ênfase no enfoque técnico-biológico e esporte se manteve contínuo (AZEVEDO; MALINA, 2004; BENITES; SOUZA NETO; HUNGER, 2008).

A Lei nº 9.696 de 1º de setembro de 1998 (BRASIL, 1998) dispõe sobre a regulamentação da profissão de EF, onde o exercício das atividades e a designação de profissional de Educação Física é prerrogativa dos profissionais regularmente registrados e faz jus aos possuidores de diploma do curso de EF reconhecidos e autorizados e aos que até essa data comprovem exercício em atividades próprias de EF nos termos a serem estabelecidos pelo Conselho, e nessa lei também se criou os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física (Confef-CREF).

A Lei de Diretrizes e Bases em 1996 (BRASIL, 1996a), quando formada, não caracterizou a obrigatoriedade das aulas de EF, daí surgiu a preocupação em fazer com que a palavra “obrigatório” se incluísse. Só em 12 de dezembro de 2001 houve a sanção da Lei nº 10.328 (BRASIL, 2001b) que modifica a LDB/96 e torna “obrigatório” o ensino da Educação Física nas Escolas. Em 2004 o Conselho Nacional de Educação publica a resolução nº 7 (BRASIL, 2004) onde institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de licenciatura plena em EF.

Em suma, como podemos verificar e queremos destacar, a EF tem sido usada politicamente há tempos como um instrumento ideológico e de manipulação. Quando olhamos para os diferentes períodos históricos no Brasil, por exemplo, a influência das instituições militares (validada pela presença marcante dos militares na formação dos primeiros professores

civis de EF) e da categoria de médicos (a higienização e eugeniação da população) sobre a EF foi imensa, com resquícios até hoje, reforçando estereótipos de comportamentos masculinos e femininos em nossa sociedade e elevando a eugenia de raça, assim como realizando adestramentos físicos a fim de segurança nacional como também assegurar mão de obra fisicamente adestrada e capacitada ao processo de industrialização no Brasil. Podemos exemplificar também no âmbito da EF inserida no ensino superior no período de pós 64, o Decreto de lei nº 705/69 (BRASIL, 1969), com a intenção de, através do seu caráter lúdico-esportivo, colaborar para tirar o foco dos estudantes em rearticulações do movimento estudantil (CASTELLANI FILHO, 1988).

Em nossa contemporaneidade, podemos observar um progresso na área, onde a EF vai muito além disso, pois trabalha em diferentes contextos, sofrendo grandes influências socioculturais, podendo navegar tanto pelos campos das Ciências Naturais Exatas como pelos campos das Ciências Humanas e Sociais, proporcionando ao profissional de Educação Física um vasto campo de atuação e pesquisa.

A EF escolar atualmente, com uma visão mais crítica, busca trilhar um caminho de exploração de diferentes manifestações corporais culturais, não somente visando a anatomia do corpo humano e o estudo da biomecânica, mas também buscando uma compreensão com relação aos signos atribuídos aos seus corpos e movimentos focando em aspectos socioculturais de diferentes momentos históricos, como podemos verificar em alguns currículos e materiais pedagógicos adotados em nossa contemporaneidade e nas práticas pedagógicas de professores⁹.

A busca é pelo entendimento de que a educação física sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma determinada época e que a compreensão do significado desse discurso e seus determinantes é primordial para garantir uma participação crítica e transformadora em sua contemporaneidade.

Daolio (2010) defende que o conjunto de posturas e movimentos corporais representam valores e princípios culturais, sendo assim, trabalhar com corpos humanos implica uma atuação na sociedade em que estão inseridos, caracterizando os indivíduos como sujeitos da vida social. Ele frisa que não existem corpos melhores ou piores, técnicas corretas ou erradas, mas cada um se expressa diferentemente de acordo com sua cultura, e os movimentos são como expressões simbólicas de valores de uma determinada sociedade, que vão sendo transmitidos de geração em geração. Nesse ínterim, o corpo humano vai constituindo-se culturalmente, configurando-

⁹ Para servir como exemplos, ver algumas práticas pedagógicas de professores em Gonçalves Júnior (2016), Patrinhani (2018) e Sousa, Nogueira e Maldonado (2019). Também, o currículo de linguagens do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2010), onde a EF segue numa abordagem culturalista.

se de diferentes maneiras de acordo com inúmeros usos e diversos significados que cada grupo vai conferindo-lhe.

Embasados na educação popular, Correia, Marques e Miranda (2019), frisam que é necessária uma reeducação dos educadores, pois alguns não percebem situações de subalternação as quais se encontram suas ações educativas. Alguns professores de EF ainda não compreenderam que toda prática corporal está impregnada pelos contextos econômico (circulação de bens), político (gestão da sociedade e das forças de poder) e ético-social (dimensão dos valores), desse modo, as práticas corporais devem ser trabalhadas a fim de situar historicamente os estudantes como sendo sujeitos de sua história, a desvelar a realidade de maneira crítica embasado em critérios éticos, buscando distinguir o projeto político-social contido nos conteúdos e metodologias confrontando-os com referenciais teóricos críticos e emancipadores focados na conscientização. Já para Darido (2003, p. 15), “uma Educação Física crítica estaria atrelada às transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades sociais”.

Voltando à busca por abordagens, os estudos de Oliveira (1997) e Silva (2013) contribuem para uma complementação tratando de outras propostas metodológicas com tendências progressistas críticas, e a que mais se identifica com uma visão politizada buscada aqui nesta tese de doutorado é a crítico-emancipadora, a qual tem Elenor Kunz como seu principal difusor. Resumidamente, a abordagem crítico-emancipadora, segundo Oliveira (1997), define seu objeto de estudo ao movimento humano e suas transformações sociais, na busca por um movimento consciente. Os conteúdos básicos são o movimento pelo esporte, dança e atividades lúdicas, por exemplo, usando como estratégia didática as categorias de ação, trabalho, interação e linguagem. As relações interativas fundamentam-se na ação comunicativa problematizadora.

Para Kunz (2004, p. 79) “movimento é sempre uma conduta para algo. Neste sentido o movimento passa a ser visto como ‘diálogo entre Homem e Mundo’”, e ele ainda acrescenta que “esse movimento consiste sempre em uma totalidade de relações que envolvem situações concretas e sentidos/significados para quem individual ou coletivamente o pratica” (p. 103), portanto, o movimento humano é “o conteúdo principal do trabalho pedagógico da Educação Física Escolar” (KUNZ, 2004, p. 107).

O “se-movimentar” é um fenômeno relacionado com o ser humano e o mundo, é uma espécie de diálogo, nunca é neutro, é um meio e pré-condição para experiências humanas. “Uma de nossas melhores linguagens de relacionamento nos diferentes contextos socioculturais, portanto, realiza-se via movimento” (KUNZ, 2006, p. 21). Kunz (2014, p. 610) explica que há

diferenças sobre o movimento humano, pois em geral são análises funcionais e mecânicas, o “movimento como deslocamento em que as intenções e referências são externamente colocadas, apresentando-se como uma ação alienante para o executor”, mas o se-movimentar é o movimento próprio, o sujeito que Se-Movimenta, “o movimento de forma consciente”, onde exerce-se um efeito sobre si e o mundo, numa referência pessoal-situacional, uma relação dialógica, considerando “um sujeito que se relaciona a algo exterior a ele”.

Para Kunz (2004), o conhecimento técnico, cultural e social pode ser compreendido, sem ser imposto, através da interação e da linguagem, valorizando o “mundo vivido” e respeitando os participantes desse processo, onde essa estrutura comunicativa deve permear não apenas conteúdos informativos, mas principalmente formas de relacionamento social. Estimulando essa competência social haverá um favorecimento de ações solidárias e cooperativas, levando os participantes a compreenderem diferentes papéis sociais no contexto esportivo, preparando-os para exercer diferentes funções nesse contexto. Para isso, é necessário muita reflexão e comunicação em aula (competência comunicativa), estabelecendo estruturas que favorecem interações humanas.

Segundo Bracht (1988), é importante reconhecer a EF orientada para objetivos como a preservação da “saúde física”, mas esse objetivo não pode se tornar exclusivo e isolado, o que, segundo ele, seria um equívoco pedagógico. O que ocorre muitas vezes na área da EF é a valorização do físico e menosprezo pelas questões psicossociais. Para Bracht (1988, p. 23) “a Educação é ao mesmo tempo – determinada e determinante da estrutura social”, e como nossa sociedade brasileira é capitalista, a educação é “fator de reprodução ou manutenção da sociedade de classes” (p. 24). Então:

A sociedade capitalista, na qual vivemos, com o auxílio do mito da liberdade (individual) e da igualdade de oportunidades, mantém uma estratificação social extremamente injusta. Para a manutenção de seus privilégios a classe dominante necessita que sejam aceitos como normais e desejáveis determinados valores, como por exemplo, a competição ou concorrência baseadas na ideia de igualdade de oportunidades, o que leva ao culto do individualismo. O esporte na escola não deixa de veicular e reproduzir esta ideologia (BRACHT, 1988, p. 37).

Essa ideologia de igualdade de oportunidades, onde todos têm a mesma chance, não leva em consideração as condições sociais e econômicas. Bracht (1988) aponta que uma saída é se basear no diálogo visando a relação do professor e estudante, pois somente focar no ensino dos gestos técnicos ou nas regras desportivas internacionais, por exemplo, não irá desenvolver uma visão crítica do esporte, sem que seja feito uma permanente relação com a realidade e interesses dos educandos.

Nessa perspectiva, sendo as pessoas seres de relações sociais, não é possível pensar no movimento humano, nas práticas corporais, foco do estudo da EF, como sendo algo exclusivamente técnico, biomecânico, fisiológico, mas sim, se faz necessário pensar na sua relação com movimentos sociais.

Para Betti (2002, p. 238):

[...] a Educação Física é uma área de conhecimento e intervenção que lida com a cultura corporal de movimento, objetivando a melhoria qualitativa das práticas constitutivas daquela cultura, mediante referenciais científicos, filosóficos e pedagógicos.

Para Pich (2014, p. 163), o conceito de cultura corporal de movimento “veio representar a dimensão histórico-social ou cultural do corpo e do movimento”. Segundo Betti (2002, p. 239), a EF não pode ser um “discurso sobre a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade”, mas sim “constituir-se como uma ação pedagógica com aquela cultura”, sendo ela rica de vivências onde se possa sentir e relacionar-se. A EF deve ser um ambiente propício para reflexões críticas a fim de levar o aluno “à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento”.

Os professores de EF, de acordo com Daolio (2010), devem compreender que os movimentos corporais, as técnicas, são integrantes de uma realidade sociocultural e devem adequar suas práticas às características do grupo a qual trabalha. Os professores devem reconhecer e valorizar o repertório corporal que seus estudantes possuem. Nesse caminhar, o trabalho do professor de EF na escola extrapola o âmbito de somente transmitir algumas técnicas e táticas de variadas manifestações corporais, devendo englobar também a crítica a essas variadas manifestações, consequentemente, também interferindo, agindo nessa própria cultura.

Ressaltamos, enfim, que há muitos olhares sobre a Educação Física escolar¹⁰ e, por mais que sigam caminhos e proposições teórico metodológicas diferentes, o fundamental é a comunhão do pensamento de que a EF tem importância fundamental na formação do indivíduo e deve oferecer conteúdos significativos.

A EF, dentro da educação básica, vem ganhando papel fundamental na luta pela valorização das diversidades culturais e, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no ensino fundamental:

¹⁰ Como nos apresentam, por exemplo, os estudos de Ghiraldelli Junior (1988), Darido (1998; 2003), Oliveira (1997), Silva (2013).

A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte (BRASIL, 1997, p. 24).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2016a), a EF oferece um vasto universo cultural:

Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde (BRASIL, 2016a, p. 213).

Para ir além desses documentos orientadores, os professores de EF devem assumir a postura pedagógica de problematizar, isso implica superar o que está estabelecido e seguir no enfrentamento de representações dominantes a fim de não somente compreender as manifestações em si, mas também questionar sobre aqueles que a produzem e reproduzem.

Corrêa e Hunger (2017) comentam sobre o surgimento de um novo perfil de professores de EF, que incorporam criticamente as tecnologias em sua prática pedagógica, alinhando-as com os avanços da sociedade e deixando também suas contribuições. Rossi e Hunger (2012a, 2012b) nos trazem contribuições acerca de um direcionamento para a formação continuada de professores, onde ressaltam que a base dessas formações deve ser as vivências, o cotidiano dos professores, valorizando os saberes docentes, mas também dando a devida importância às construções teóricas, o desafio reside na articulação dialética desses dois elementos. O que se espera para as práticas de formações continuadas é a superação da ideia da posição dos professores como passivos, receptores de conteúdos elaborados por quem ministra as formações. As políticas de formação devem ser processos compartilhados e não elaborados unilateralmente. Os próprios professores devem estabelecer os desafios e reconhecer experiências a fim de acarretar mudanças/transformações educacionais. As autoras também enfatizam que devemos valorizar diferentes tipos de práticas de formação além da acadêmico-científica, que muitas vezes está atrelada à entrega de certificados como, por exemplo, valorizar

práticas culturais e artísticas, pois a formação docente engloba as instâncias da vida profissional e pessoal, caracterizando uma formação humana.

Baseando-se em documentos oficiais, como a Resolução CNE/CEB 4/2010, art. 59 (BRASIL, 2010a), as formações docentes devem englobar a consolidação de sua identidade, incentivar o resgate de sua imagem social assim como da autonomia individual e coletiva. Chegamos ao ponto onde é necessário questionar sobre essa formação docente, pois como falamos popularmente, o papel aceita tudo mas na prática é diferente, e com os acréscimos dos referenciais teóricos estudados até aqui, acrescentando os estudos de que a Escola segue como um aparelho ideológico do Estado, será que as formações oferecidas para os professores de EF atuantes na educação básica pública brasileira realmente condizem com as necessidades de uma educação crítica aos professores tão necessária em nossos tempos ou buscam atender aos interesses do Estado?

Temos que levar em consideração o legado freireano e trazer para discussão essa formação docente oferecida refletindo criticamente o porquê de ser como é, os conteúdos escolhidos, a forma como se desenvolve, entre outros, o qual desvelamos mais adiante na ida a campo nesta pesquisa (nos resultados e discussões), mas antes, enfim, vamos abordar a temática das mídias e tecnologias, vistas aqui nesta pesquisa como meios para atingir fins em prol da politização e desalienação docente.

1.4. As mídias e as tecnologias

Segundo Betti e Pires (2014), “a mídia refere-se aos meios de comunicação, no sentido de comunicação humana mediada por algum aparato”. Para Martino (2015, p. 204):

A tecnologia, especialmente a mídia, não é apenas um instrumento para se transmitir e compartilhar informações. Mais do que um suporte para mensagens, é um elemento decisivo na formação da mente, dos modos de sentir, perceber e compreender a realidade.

Martino (2015, p. 248) ainda chama a atenção que “os meios de comunicação são um dos principais senão o principal, intermediário entre os indivíduos e o mundo”, e ele ainda complementa que “se o mundo mediado é construído a partir de aparências, é com essas aparências que vão se desenrolar as relações políticas e se vai compreender o outro”.

Para Guareschi e Biz (2005, p. 38), “a mídia é o coração da sociedade de informação”. Guareschi e Biz (2005, p. 63) dizem que “a comunicação é o principal ator hoje na criação social da realidade”, assim:

A mídia não só diz o que existe e, conseqüentemente, o que não existe, por não ser veiculado, mas dá uma conotação valorativa, de que algo é bom e verdadeiro, à realidade existente. É nessa instância que são criados e legitimados determinados valores (GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 42).

Para Santaella (1996), as mídias são como redes que se interligam, onde cada mídia exerce uma função específica, sendo assim, o aparecimento de novas mídias redimensionam a função das outras. Historicamente falando, cada novo surgimento resulta para o ser humano novas formas de interações sociais, novas formas de pensar, de perceber e atuar no mundo.

As mídias fazem parte do nosso cotidiano, nos bombardeando constantemente com diversas informações, essas informações não são neutras e são responsáveis por construir uma interpretação de mundo (GUARESCHI; BIZ, 2005; SANTAELLA, 1996). Entretanto, segundo Luckács (2013, p. 438), “a informação só se torna um fator social ao provocar questionamentos”.

Santaella (2007, p. 129) explica alguns termos utilizados no contexto midiático, onde a cultura das mídias é a “cultura do disponível” e a cibercultura é a “cultura do acesso”. Para Santaella (2007, p. 232):

[...] quando uma nova mídia é criada e socialmente introduzida, adotada, adaptada e absorvida, ela faz crescer em torno delas práticas e protocolos sociais, culturais, políticos, jurídicos e econômicos. Isso tem recebido o nome de “ecologia midiática” que implica a total integração de uma mídia nas interações cotidianas. Embora haja uma tendência a pensar as mídias apenas como meios de conexão e transmissão de mensagens de um ponto a outro, elas, na realidade, alteram de modo significativo os ambientes em que vivemos e a nós mesmos como pessoas.

Segundo Pires (2002), a expansão dos aparatos tecnológicos converteu a mídia, na sociedade contemporânea, no principal meio de veiculação de discursos, de ideologias dominantes, até mesmo passando a ser não somente veiculadora, mas também produtora devido a sua relação com as esferas de poder político e econômico. Assim:

[...] por discurso midiático pode-se entender a expressão característica da linguagem – imagética, sonora e simbólica – dos meios de comunicação de massa, através da qual conseguem silenciar, publicizar ou recriar evidências, fatos ou expectativas que constituem a cotidianidade da cultura contemporânea, a partir da visão dos interesses ideológicos hegemônicos da sociedade (PIRES, 2002, p. 36).

As notícias veiculadas pelas mídias são transformadas em espetáculo, exercendo grande influência no imaginário das pessoas, dominando representações e discursos, e quem controla as mídias têm o poder de controlar as pessoas, pois a opinião pública é fortemente modelada pela mídia (GUARESCHI; BIZ, 2005; LIBÂNEO, 2002; PIRES, 2002; SANTAELLA, 1996).

Libâneo (2002) comenta que perante nossa sociedade, repleta de novas tecnologias da comunicação e informação, os educadores necessitam prestar atenção nas mídias, no papel que ela vem desempenhando e como fazer uso delas, no sentido de transformarem-se em consumidores críticos das mídias para contribuírem na formação de educandos que também possam relacionar-se criticamente com as mídias.

Segundo Santaella (2007), a comunicação móvel derrubou os obstáculos materiais que bloqueavam o caminhar dos signos e a troca de informações. A autora apresenta um resumo da multiplicidade de características da atual paisagem midiática:

a. Inovativa: um período de mudanças tecnológicas profundas e prolongadas em que novas mídias são criadas, dispersadas, adotadas, adaptadas e absorvidas em ritmo dramático. b. Transformativa: há uma fase de experimentações estéticas e sociais enquanto a sociedade vai absorvendo e muitas vezes antecipando novas tecnologias midiáticas. c. Convergente: a comunicação se organiza no cruzamento de múltiplos canais tanto corporativos quanto de origem popular. d. Multimodal: o mesmo conteúdo pode ser encontrado em múltiplas representações. e. Global: as mídias permitem interações entre pessoas em torno do mundo, o que produz impactos positivos e negativos nas culturas locais. f. Em rede: as tecnologias das mídias estão interconectadas de modo que as mensagens fluem de um lugar a outro. g. Móvel: as pessoas podem levar com elas as suas tecnologias comunicacionais. h. Apropriativa: novas tecnologias facilitam o arquivamento, anotação, apropriação e recirculação do conteúdo midiático. i. Participativa: borra-se a linha divisória entre consumidor e produtor com ênfase crescente nas afiliações sociais e engajamento ativo em torno do conteúdo da mídia. j. Colaborativa: a emergência de novas estruturas de conhecimento e criatividade depende de deliberações e soluções de problemas compartilhadas. k. Diversificada: os muros entre as comunidades culturais são quebrados à medida que as mídias fluem através de vários lugares de produção e consumo no contexto de uma sociedade multicultural. l. Domesticada: as mídias estão inteiramente integradas nas interações sociais cotidianas. m. Geracional: existem diferenças agudas entre gerações em termos de acesso ao conhecimento, gostos e interesses culturais e formas de participação e aprendizagem. n. Desigual: o acesso às tecnologias, habilidades, oportunidades de participação é desigualmente distribuído entre a população (SANTAELLA, 2007, p. 122-124).

A interatividade vem a ser uma característica muito presente nos usuários digitais, onde se espera a participação em todo o processo, a passividade não é algo que se espera desse público. Para atender essa nova expectativa, os meios de comunicação estão se adaptando. O que vemos hoje em dia são as mídias convencionais como o rádio, a televisão, as revistas e jornais, se unificando com a internet, como, por exemplo, criando perfis na rede social virtual Facebook, disponibilizando sites com suas informações, entre outros, tentando se adaptar a esse meio. O fenômeno da comunicação com o uso da internet é grandioso, e a velocidade da informação é extrema. Por exemplo, um site se liga com outro, e mais outro, uma informação vai puxando outra, e quando se vê, se está perante muitas possibilidades, o site do Google vem a ser um exemplo disso. Segundo Manovich (2013), vivemos em uma cultura onde a produção, distribuição e recepção da maioria dos conteúdos estão mediadas por software:

Na cultura do software já não existem os “documentos”, “trabalhos”, “mensagens” ou “fitas” como no século XX. Em vez de documentos fixos cujo conteúdo e significado podiam ser estudados com uma análise de sua estrutura e conteúdo (um método típico de análise e teoria cultural do século passado, a partir do Formalismo Russo até o Darwinismo Literário), agora interagimos com “atos dinâmicos do software”. E uso a palavra “ato” porque o que estamos vivenciando está sendo construído pelo software em tempo real. Ainda que exploremos um site, joguemos um jogo ou usemos um aplicativo de um celular para localizar lugares ou amigos próximos, estamos vivendo com resultados dinâmicos de computação em tempo real do nosso dispositivo ou servidor e não com documentos estáticos com conteúdo pré-definido (MANOVICH, 2013, p. 31, TRADUÇÃO NOSSA).¹¹

A Web 2.0 foi a maior revolução depois da prensa de Gutenberg, modificando a comunicação e a sociedade. Revolucionou a relação do usuário, onde agora os usuários não são somente receptores do conteúdo como antigamente, mas também produtores, podem interagir entre si simultaneamente com muita facilidade, estimulando a colaboração e a interação. Os meios sociais, blogs, são alguns exemplos disso. Em nossa contemporaneidade, há novas formas de se consumir e produzir conteúdos. Para Manovich (2013):

O objetivo dos inventores dos meios computacionais não foi simplesmente criar simulações de mídia física. Foi para criar “um novo meio com novas propriedades” que permitiriam que as pessoas se comuniquem, aprendam e criem de novas maneiras. A aparência destes novos meios pode parecer semelhante ao antigo, mas não devemos nos enganar. A novidade não está no conteúdo ou na aparência mas sim nas ferramentas de software usadas para criar, editar, visualizar e compartilhar o conteúdo. Então, ao invés de observar o “resultado” de práticas culturais baseadas no software, devemos considerar o software em si, é ele que nos permite trabalhar com meios de maneiras até então desconhecidas. Novamente: a aparência dos meios digitais podem ser que se remedeie e represente formas anteriores, mas o software e o ambiente em que se “vive” é muito diferente (MANOVICH, 2013, p. 73, TRADUÇÃO NOSSA).¹²

Segundo Pinochet (2014), a informação em si não tem ética, por isso é obrigação de quem a usa manter a ética na forma como geri-la. A tecnologia cria as oportunidades para que

¹¹ Citação original: “En la cultura del software ya no existen los “documentos”, “trabajos”, “mensajes” o “grabaciones” como en el siglo XX. En lugar de documentos fijos cuyos contenidos y significados podían estudiados con un análisis de su estructura y contenido (un procedimiento típico del análisis y teoría cultural del siglo pasado, desde el Formalismo Ruso hasta el Darwinismo Literario), ahora interactuamos con “actos dinámicos del software”. Y uso la palabra “acto” porque lo que estamos experimentando está siendo construido por el software en tiempo real. Ya sea que exploremos un sitio Web, juguemos un videojuego o usemos una app en un teléfono móvil para localizar lugares o amigos cercanos, estamos conviviendo con resultados dinámicos de la computación en tiempo real de nuestro aparato o servidor y ya no con documentos estáticos con contenido predefinido”.

¹² Citação original: “el objetivo de los inventores de medios computacionales no era simplemente crear simulaciones de medios físicos. Se trataba de crear “un nuevo medio con nuevas propiedades” que permitiera a la gente comunicarse, aprender y crear de formas nuevas. La apariencias de estos nuevos medios puede parecer similar a los viejos, pero no debemos dejarnos engañar. La novedad no está en el contenido o en la apariencia sino en las herramientas de software usadas para crear, editar, ver y compartir dicho contenido. Por eso, en lugar de observar el “resultado” de las prácticas culturales basadas en software, debemos considerar el software mismo, es él quien permite a la gente trabajar con medios de maneras previamente desconocidas. Una vez más: la apariencia de los medios digitales puede ser que sí remedie y represente formas anteriores, pero el software y ambiente en el que “vive” es muy diferente.”

ocorram mudanças individuais, sociais e políticas, no entanto, quem faz uso da informação tem a responsabilidade pelos seus resultados.

Para Toyama (2010), a tecnologia e a democracia são ferramentas poderosas, mas é a força humana que vai determinar como serão os seus usos, o ponto crucial é fazer uma boa utilização desses meios. A tecnologia é apenas um ampliador das intenções e da capacidade humana, não substitui a ação humana. Por exemplo, em alguns casos, é usada por grupos sociais dominantes que pretendem substituir mão de obra de grupos populares gerando mais desemprego, mais alienação, menor acesso à tecnologia para manter a dominação. A tecnologia tem efeitos positivos apenas na medida em que as pessoas estão dispostas e capazes de utilizá-la de forma positiva. Trazendo as considerações de Toyama (2010) para o contexto político, por exemplo, por trás das mídias e da tecnologia há intenções humanas e se faz necessário conseguir entendê-las, conseguir caracterizá-las no contexto social, para transformar essa informação em conhecimento, para se ter uma visão crítica sobre isso.

Segundo Gumucio-Dragon (2003), as tecnologias não são necessárias ou benéficas em si, mas o desafio aqui é transformá-las em algo que possa contribuir para o desenvolvimento. Mas devemos ter cuidado com o engodo, com a ideologia do desenvolvimento e seus adjetivos (sustentável, econômico, humano, etc.), que justificam certos meios, mas que não atingem os fins prometidos, apenas mantém a dominação de um certo grupo humano (minoritário) sobre outro (majoritário em número de pessoas, mas pequeno em acesso a direitos). Para Gumucio-Dragon (2003), as comunidades devem adaptar as tecnologias às suas necessidades e à sua cultura, e não o contrário. O envolvimento da comunidade é essencial para o êxito de um projeto, não bastando somente a disponibilidade das tecnologias. A questão é a conscientização da comunidade e apropriação social do projeto. O autor ainda sinaliza que as comunidades raramente são homogêneas ou plenamente democráticas, como qualquer grupo ou sociedade humana, são influenciados por interesses econômicos e sociais. O desafio é se apoiar no diálogo, com um processo democrático de participação. A tecnologia deve seguir no sentido de serviço em benefício das pessoas como cidadãos e não como consumidores, pode ajudar os grupos marginalizados a ter mais controle sobre a sua existência e até mesmo dar-lhes um sentido forte de identidade. É justamente essa a intenção nesta presente pesquisa de doutorado.

Segundo Libâneo (2002, p. 168), para ir “contra uma ideia linear e mecânica sobre o uso das mídias”, professores precisam elaborar e transformar “ideias, sentimentos, atitudes, valores, utilizando articuladamente múltiplas mídias, escolares e não-escolares”. As novas tecnologias proporcionam novos modos de ver o mundo, novas maneiras de aprender e fazer política e abriu um leque de possibilidades para participação democrática. Tudo isso pode ser

positivo ou negativo, depende do modo como o usuário vai se relacionar com as mídias e tecnologias.

A tecnologia foi pensada pela humanidade para atender às suas necessidades, é criada, inventada e fabricada a fim de solucionar os dilemas do cotidiano. O avanço tecnológico mantém uma relação direta com o desenvolvimento da sociedade, mais especificamente falando de sua força produtiva, o trabalho humano (KENSKI, 2007; PINTO, 2005).

Para Kenski (2007, p. 20), para sobreviver aos desafios da natureza, a humanidade aderiu às formações grupais, sendo que “a fragilidade do homem, diante das outras espécies, era superada por sua inventividade e pela capacidade de agregação social. As ferramentas eram criadas e utilizadas em grupo”. Esse conhecimento tecnológico se inseriu e se constituiu nas culturas de diversos povos, sendo levadas adiante e aperfeiçoadas, de geração em geração. Essa evolução não é somente voltada à manipulação de novos aparatos, mas também causa modificação no comportamento humano, tanto individual como no grupo social. Esse trecho nos esclarece sobre a ampla ecologia do conceito de mídia, onde, por exemplo, sociedades tradicionais têm bases tecnológicas que podem ser potencializadas pela tecnologia digital.

Vem a ser importante trazer aqui a visão de Paulo Freire sobre esse contexto, pois analisar a tecnologia, sob o olhar de Paulo Freire, vem a contribuir para uma visão mais democrática e ética sobre seu uso. Alencar (2005) estudou o pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia, onde ele explica que, para Freire, a tecnologia é uma expressão da criatividade humana e faz parte do seu desenvolvimento natural. A tecnologia tem um caráter político, por ser uma prática humana, e é impregnada de ideologias, sendo assim, há de se ter uma preparação para utilizar-se das tecnologias. Para incorporar a tecnologia na prática, tem que se pensar em alguns caminhos a trilhar, apontados por Paulo Freire, os quais estão citados nos estudos de Alencar (2005): refletir sobre a intencionalidade de seu uso; saber usar e compreendê-la; deve ser contextualizada, pois muitas vezes ela é introduzida por fatores externos que não levam em consideração os fatores internos, pensando nas necessidades do grupo; a atitude perante a tecnologia deve ser sempre crítica, temos que usar a tecnologia e não ser manipulados por ela.

Para Freire (1996, p. 33), “divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado”. A questão crucial é sempre manter em pauta as perguntas de Paulo Freire: para quê, como, a favor de quem, contra quem, etc.

Acredito ser essencial trazer aqui esse posicionamento crítico em relação à tecnologia e ao seu uso, em especial no processo de formação escolar. No pensamento de Freire, apontado nos estudos de Alencar (2005), a tecnologia é natural do ser humano e não deve ser mitificada. A tecnologia apresenta benefícios e perigos, depende de quem a serve e de como vai ser

utilizada. Uma crítica de Freire é sobre a necessidade de superação do dualismo tecnologia versus humanismo, onde as tecnologias são criações do ser humano que foram progredindo ao longo da história, não devendo ser colocada num alto patamar de solucionadora de todos os problemas, pois é o ser humano o ponto chave da questão, um não exclui o outro.

Outra questão relevante apontada por Alencar (2005) sobre o pensamento de Freire e a tecnologia, é a ética sobre seu uso. Freire critica o uso da tecnologia muitas vezes a serviço da produção capitalista, visando o consumo, sendo urgente voltar o olhar para um uso mais humano. Para Freire, a tecnologia deve ser usada para servir aos oprimidos na sua luta por uma transformação social. Verificamos aí a dimensão política do uso da tecnologia. Portanto:

O que me parece fundamental para nós, hoje, [...] é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia. [...] Nunca, talvez, a frase quase feita – exercer o controle sobre a tecnologia e pô-la a serviço dos seres humanos – teve tanta urgência de virar fato quanto hoje, em defesa da liberdade mesma, sem a qual o sonho da democracia se esvai (FREIRE, 2001, p. 133).

Podemos tomar como exemplo o que estamos vivenciando atualmente em nossa contemporaneidade, um turbilhão de compartilhamentos de notícias falsas (fake news) na internet, conseqüentemente, surge a necessidade de ações para fins de combater essa crescente disseminação de fake news.

Vemos nos estudos de Pires (2003) a preocupação com a questão da formação acadêmica dos professores, que deve levar em consideração as transformações midiáticas e tecnológicas visando uma formação que prepare o profissional para que possa atuar nesse contexto de forma crítica e emancipada, e que isso possa se estender para seus respectivos estudantes.

Para Libâneo (2002, p. 168), “as tecnologias e meios de comunicação cumprem três funções pedagógicas articuladas: comunicar conteúdos, desenvolver habilidades e atitudes profissionais, constituir-se em meios de comunicação docente”. Arroyo (1998, p. 165) aponta que:

A teoria pedagógica e a relação trabalho-educação se empobrecem quando seu foco deixa de ser as pessoas, as relações sociais e passam a privilegiar as técnicas, as tecnologias, os métodos, os conteúdos inculcados.

Perante nossa sociedade informatizada, segundo Chaves (1988), citado por Soares (2006, p. 36), “o analfabeto não é aquele que não sabe ler e escrever, mas o que não sabe utilizar a tecnologia no seu dia-a-dia e em benefício de suas necessidades”. Para Soares (2006, p. 63), a apropriação da tecnologia e seus benefícios faz parte do processo de cidadania, entendida como “participação ampla, ativa e consciente dos indivíduos na sociedade e nos processos de

decisão”. Soares (2006) aponta que para conseguir se beneficiar da tecnologia e contribuir para uma educação de qualidade, é preciso desmistificar seu uso, torná-la um objeto de estudo, e somente as pessoas que dominam seus mecanismos de acesso tem essa facilidade. Se faz necessário:

Postar-se em atitude de criticidade seletiva que ocupa, resguardadas as proporções e contextos históricos, o mesmo lugar da alfabetização crítica promovida pelo pensamento de Paulo Freire (SOARES, 2006, p. 128).

Soares (2006, p. 128) ainda complementa que “o letramento digital soma os conceitos de alfabetização crítica, pautados na leitura do mundo que precede a leitura da palavra e a apreensão dos fenômenos que permeiam as relações sociais”.

Canclini (2006) nos traz contribuições positivas para refletirmos sobre o contexto do consumo. Ele aponta onde devemos interferir para mudar esse paradigma detectado em nossa sociedade:

Pela imposição da concepção neoliberal de globalização, na qual os direitos são desiguais, as novidades modernas aparecem para a maioria apenas como objetos de consumo, e para muitos apenas como espetáculo. O direito de ser cidadão, ou seja, de decidir como são produzidos, distribuídos e utilizados esses bens, se restringe novamente às elites (CANCLINI, 2006, p. 42).

Segundo Canclini (2006, p. 60), “o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”, onde ao consumir, se participa “de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo” (p. 62). Para Canclini (2006, p. 63), “no consumo se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade” e, mais adiante, nos dá uma esperança ao se pensar no contexto do consumo quando cita que “consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido se evapora”, explicando melhor, ele propõe que “além de serem úteis para a expansão do mercado e a reprodução da força de trabalho, para nos distinguirmos dos demais e nos comunicarmos com eles, [...] ‘as mercadorias servem para pensar’” (CANCLINI, 2006, p. 65).

Há de se tirar algo bom desse contexto persuasivo de consumir. Como exemplo, os aparatos que escolhemos fazer uso, as roupas que compramos e vestimos, como também os vídeos e as músicas que ouvimos e divulgamos, podem servir para dar voz à nossa personalidade e apoiar ideias e pensamentos que acreditamos e defendemos, dando uma maior visibilidade. O que queremos dizer é que o consumo pode ser um meio para atingirmos objetivos voltados à cidadania. Esse pensamento tem que estar atrelado às nossas escolhas tecnológicas.

Segundo Canclini (2006, p. 60), “a comunicação não é eficaz se não inclui também interações de colaboração e transação entre uns e outros”. O uso da internet, com seus programas e aplicativos, abriu o leque de possibilidades da comunicação, formando novos atores nesse contexto comunicativo. Por exemplo, as pessoas podem se tornar produtoras construindo blogs, podem atuar como comentaristas no Facebook, nos blogs, nos vídeos do Youtube, podem se tornar membros participativos de comunidades virtuais, ou se preferirem podem ser apenas observadores de todo esse esquema virtual, as possibilidades abertas ao público são inúmeras. Para Canclini (2006, p. 190), “só a multiplicação de atores pode favorecer o desenvolvimento cultural democrático e a representação de múltiplas identidades”.

Acredito ser de extrema importância os estudos de Kenski (2007), onde nos alerta que quando falamos em tecnologia, não podemos ligar nosso pensamento somente a equipamentos, pois a tecnologia pode ser também elementos não palpáveis, como por exemplo, a linguagem, criada para viabilizar a comunicação entre as pessoas; também verificamos na obra de Foucault (2003) que ele apontou a “disciplina” como sendo uma tecnologia. Assim, podemos ter recursos tangíveis, no sentido de pegar, visualizar, tocar, como também recursos intangíveis, algo abstrato, não corpóreo. Nesse caminhar, para Kenski (2007, p. 23), “o conceito de tecnologias engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações”. Nesse ínterim, segundo Martino (2015, p. 127), “a tecnologia interessa por que está ligada às práticas e ações das pessoas”.

Parafraseando os estudos de Santos (2002), lembrando uma crítica da utilização das mídias e tecnologias, onde podem trabalhar em prol de diferentes contextos: perversidade, fabulação e possibilidades, é importante ter em mente que as mídias e as tecnologias podem ser utilizadas, popularmente falando, tanto para o bem como para o mal, como por exemplo podem inculcar ideologias dominantes para fins de dominação, podem provocar perversidades como desigualdades sociais, afetando negativamente os menos favorecidos que não podem ter acesso à elas, entre outros exemplos, mas o maior interesse aqui nesta presente pesquisa de doutorado, daqui para frente, é focar nas suas possibilidades, então vamos seguir nessa linha.

1.4.1. Possibilidades das mídias e tecnologias

As mídias e tecnologias podem agrupar ou segmentar indivíduos, vai depender de quem as utiliza, de como ela é utilizada e do seu objetivo. Para exemplificar, é possível, com a utilização de determinadas plataformas midiáticas e tecnológicas, criar comunidades virtuais, onde pessoas se unem em prol de um interesse comum. A participação é um elemento que se

ressalta, pois, a troca de informação e experiências estão à disposição do coletivo. Atribuem-se também às comunidades virtuais um reflexo político, pois possuem potencial de mobilização em defesa desse núcleo compartilhado de temas e interesses, e esse potencial de ações das comunidades virtuais podem repercutir no mundo real (MARTINO, 2015).

As mídias digitais constituem-se como um espaço público e democrático, onde qualquer um pode ser produtor de cultura. Como Downing (2002) aponta, existem mídias digitais alternativas disponibilizadas a quem quiser utilizá-las, hoje em dia não ficamos mais presos às grandes mídias tradicionais, vivendo de acordo com suas vontades e interesses, temos outras opções mais democráticas, em suma, o autor nos esclarece sobre a tapeçaria da mídia, uma possibilidade de ressemantização do uso midiático, apropriação crítica e inovadora, utilização disruptiva da mídia radical. A publicidade nos meios de comunicação de massa é muito cara, então a internet vem a ser uma alternativa viável, pois qualquer pessoa pode disseminar mensagens, o cidadão comum pode ter voz ativa e tem maior capacidade da sociedade civil se manifestar. A esfera pública¹³ conectada permite que opiniões sejam ouvidas. “As mídias digitais auxiliam e tornam mais fáceis a superação de fronteiras entre os espaços público e particular” (MARTINO, 2015, p. 117).

Usar as mídias e tecnologias em práticas cotidianas dentro e fora da escola mostram-se fundamentais para o objetivo desta pesquisa, na constituição de identidades de pessoas e comunidades, colaborando para sua formação, seu reconhecimento e valorização, na busca permanente por uma politização e desalienação. Como vimos no capítulo referente à identidade docente, as identidades são constituídas nas relações sociais e as relações de poder existentes em nossa sociedade podem interferir na construção de identidades. De acordo com Martino (2015), assumir uma identidade é um ato político e o ciberespaço pode se constituir como um espaço de resistência, diálogo e contra hegemonia. Essas práticas culturais se constituem como um elemento político.

As mídias digitais possibilitam atos políticos, como por exemplo a luta por reconhecimento e expressão/questões de identidade, onde ter identidade significa lutar pelo direito e possibilidade de ser quem é no espaço público. As mídias digitais possibilitam a transposição e transformação dessas noções de política, na medida em que se misturam com a

¹³ Segundo Martino (2015, p. 91), “A Esfera Pública, nesse sentido, é o espaço abstrato de deliberação a respeito de assuntos diversos de interesse de um público. A troca de ideias e a livre participação dos interessados são elementos fundamentais para a constituição de uma Esfera Pública. Qualquer local de discussão de ideias é, a princípio, parte disso”.

vida e alteram as relações sociais, se articulam também com as possibilidades de ação política nos vários sentidos da palavra, agregando novas dimensões (MARTINO, 2015).

O engajamento com questões políticas a partir do uso das mídias é um item importante da democracia. Uma das principais características da democracia é a participação de todos nas tomadas de decisões. Na democracia as escolhas dependem da aprovação do maior número de pessoas, assim, ter uma identidade é um elemento de ação política. Os espaços políticos se formam para pensar decisões que afetam o cotidiano, daí a importância do engajamento, discussões online para resultados off-line (MARTINO, 2015).

A identidade em público torna-se um problema político e a internet é uma porta aberta para participação política, é uma oportunidade para vozes minoritárias de excluídos. Em contrapartida, essa visibilidade disponibilizada pode significar transparência e segurança, mas também controle e vigilância, temos esses dois lados da moeda. Há uma exposição voluntária em troca de maior visibilidade. Focando em seus benefícios, a internet se caracteriza como lugar privilegiado para discussão de temas de relevância social, possibilidade de interação e participação política, assim, é um espaço para livre manifestação de ideias. Temas lançados na esfera pública ganham mais visibilidade, promovem mais discussões e, conseqüentemente, mais tomadas de decisões, podendo também assumir uma certa relevância nesse contexto democrático. Há popularidade na internet: quanto mais visto/ouvido/espalhado mais será conhecido (MARTINO, 2015).

A Internet é um espaço para defesa de causas, interesses e estilos de vida. Ela pode ser integrada ao cotidiano através de dispositivos móveis como celular e tablets, por exemplo. Há o direito de todos intervir e dar opiniões, onde os interlocutores ficam em pé de igualdade, sem hierarquias. Há regras a serem respeitadas: racional deve prevalecer sobre o emocional; busca pelo entendimento; ação comunicativa; deixar claro interesses – propostas – objetivos (MARTINO, 2015).

As redes sociais, muito utilizadas em nossos dias, também podem se constituir como meios para atender os objetivos desta presente pesquisa. O mundo real em que vivemos praticamente é levado para as redes sociais digitais, onde há discussões online, podendo resultar em atitudes e ações no mundo físico. A apropriação dessas redes sociais também constitui poder político. A utilização de várias plataformas elimina o problema de centralização e abrangem um número maior de conexões, sendo este um fator crucial para exposição (MARTINO, 2015).

Assim, concluímos que a chance de ser ouvido é maior quando diversas pessoas se unem por um interesse comum e criam um polo de convergência de várias vozes que forma conexões entre pessoas. Também, a união da tecnologia, mais a ação, mais os vínculos sociais, resultam

em ações coletivas com grande visibilidade. Para Martino (2015, p. 144) “o que garante o potencial de um grupo não é a quantidade de pessoas, mas a quantidade de vínculos entre essas pessoas”.

1.4.2. *Mídias radicais*

De acordo com a definição de Downing (2002, p. 384), as mídias radicais são:

[...] meios de comunicação que desafiam as estruturas de poder existentes, conferem poder as diversas comunidades e classes e permitem que comunidades interessadas conversem entre si.

Nesse caminhar, podemos entender que as mídias radicais ressemantizam os conteúdos sem violarem os pressupostos informativos da experiência tradicional.

As mídias radicais surgiram como uma forma de resistência às mídias consideradas tradicionais, as grandes mídias, ou melhor dizendo, às mídias relacionadas aos poderes hegemônicos, envoltas em suas ideologias e que trabalham para atingir seus objetivos. As grandes mídias veiculam e colocam na agenda o que lhes convém, ditam as informações a serem discutidas em nossa sociedade. Uma importante característica da mídia radical é que produtores e receptores costumam ser os mesmos, onde Downing (2002) denomina de “audiência ativa”. Nas mídias radicais, o público elabora eles mesmos seus conteúdos, seus produtos, ao invés de serem somente sujeitos passivos de absorção de mensagens da grande mídia. Esse tipo de mídia embasa-se na práxis e na democracia. As mídias radicais podem ser um importante recurso para as lutas de diferentes movimentos sociais. Elas têm o poder de impactar no próprio entendimento que os sujeitos envolvidos têm de si, do seu potencial como seres humanos, dá oportunidade para que os sujeitos e comunidades criem imagens sobre si e sobre os ambientes, ressignificando identidades, rompendo com o tradicionalmente imposto por fontes externas, dando a oportunidade de cada um contar sua própria história.

De acordo com Downing (2002, p. 102):

[...] existem momentos no trabalho artístico e na mídia em que as pessoas podem se ver inesperadamente questionadas, desafiadas a refletir profundamente sobre as forças históricas que moldaram a si próprias e a conjuntura política. A convicção de Freire de que a educação deve buscar estimular a reflexão crítica – a conscientização – é expressa em outros termos, mas com a mesma finalidade, um processo de compromisso crítico com e contra a hegemonia.

Nesse sentido, a mídia radical provoca a mobilização da audiência, ela arranca as pessoas do comportamento bovino, melhor dizendo, estático.

Segundo Downing (2002, p. 166), “a comunicação radical pode destinar-se a fortalecer aqueles a quem ela se dirige, a validar sua dignidade e renovar sua identidade cultural”. No entanto, ele frisa que “o elemento tempo é muito óbvio. Seríamos cegos ao impacto dessas atividades de comunicação radical se as avaliássemos somente com base no curto prazo” (DOWNING, 2002, p. 171).

Sobre a abrangência dessa mídia radical, Downing (2002) aponta a internet como facilitadora desse processo:

A Internet representa uma nova era para a mídia alternativa. Sendo uma infra-estrutura interconectada para múltiplas formas de comunicação, ela promove um período de convergência das tecnologias de mídia. Ao proporcionar a transmissão fácil de textos simples bem como os meios de combinar e recombinar uma série de formatos de mídia e atores sociais, permite a distribuição de conhecimentos e recursos a quase todos os lugares do globo, de maneira até então inédita. A Internet pode vir a ser nossa primeira esfera pública global, um meio pelo qual a política pode tornar-se realmente participativa, tanto em âmbito regional quanto internacional. E é o primeiro veículo que oferece, aos indivíduos e coletivos independentes de todo o mundo, a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional de milhões de pessoas. Portanto, as possibilidades técnicas da Internet como esfera pública são ilimitadas (DOWNING, 2002, p. 270-271).

Assim, voltamos a frisar que a utilização dessas mídias e tecnologias digitais são extensas, mas como verificamos nos estudos de Santos (2020) e já foi citado anteriormente, há de se ter um cuidado com seus usos, pois podem servir para gerar perversidade, fabulação e possibilidades.

Assim, posto que as mídias radicais se mostram uma alternativa viável para utilização dos professores de EF atuantes na educação básica pública (foco desta presente pesquisa), como elencamos suas possibilidades acima, partimos a campo para análise do cotidiano desses sujeitos, para a realidade desses profissionais, com o objetivo de, coletivamente, selecionar as plataformas midiáticas e tecnológicas disponíveis para uso e que mais se adequa aos objetivos do grupo pesquisado.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem caráter qualitativo e faz uso de pesquisa bibliográfica, pesquisa do tipo etnográfica e pesquisa documental. Importante ressaltar a citação de Zabalza (1994), num pensamento de co-participação, que vem ao encontro com os interesses desta pesquisa:

[...] o que caracteriza a investigação qualitativa é que ela recupera aquela quinta audiência, muito pouco tida em consideração pelos outros modelos: os próprios participantes na investigação são a audiência preferida. Não se trabalha sobre ela, mas com ela e para ela (ZABALZA, 1994, p. 27).

Segundo Stumpf (2011, p. 51), a pesquisa bibliográfica “é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas”, onde há uma seleção dos documentos que são referentes ao tema estudado, esses documentos são lidos e fichados, organizando anotações que podem ser utilizadas na elaboração do trabalho científico. Na intenção de ampliar o universo conceitual, se fez necessário iniciar a pesquisa investigando a bibliografia disponível relacionada ao contexto estudado: Educação, mais especificamente a educação básica pública brasileira; a profissão docente desde a sua formação, sua regulamentação, a carreira, identidade docente, as políticas públicas de reconhecimento e valorização de professores, o papel dos professores e sua importância para a sociedade; a relação entre educação e política; fatores que interferem na motivação docente; o contexto da EF na escola; a mídia e a tecnologia como meios para fins de politização e desalienação docente; uso criativo e crítico de recursos midiáticos e tecnológicos.

Segundo André (2012), a etnografia teve seus primórdios na antropologia, a fim de estudar a cultura e a sociedade, onde caracteriza-se por um conjunto de técnicas de coletar dados sobre valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos de um grupo social, havendo um relato escrito resultante. Todo o contexto é observado em sua manifestação natural. Tem como princípio a interação constante do pesquisador e o objeto pesquisado, onde o pesquisador é o ator principal na coleta e análise dos dados. Há uma preocupação com o significado, no sentido de que o pesquisador deve tentar apreender e retratar a visão pessoal dos participantes. A descrição e indução são características importantes na pesquisa etnográfica, onde o pesquisador faz uso de dados descritivos (situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos), os quais o pesquisador pode reconstruí-los em forma de palavras ou fazer transcrições literais. Envolve

uma longa permanência do pesquisador em campo, contato com diversas culturas e o uso de categorias sociais na análise de dados. A ênfase da pesquisa do tipo etnográfica se dá no processo e não no produto ou resultados finais.

A pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. [...] O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade (ANDRÉ, 2012, p. 30).

Essa presente pesquisa de doutorado faz uso de observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos, envolvendo o contexto de professores de EF atuantes na educação básica pública brasileira, por isso pode ser considerada uma pesquisa do tipo etnográfica em Educação.

De acordo com André (2012, p. 28):

A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes.

Ao longo da interação entre os participantes da pesquisa podemos verificar que se desenvolveu uma metodologia freireana, o Círculo de Cultura, visualizado aqui como mídia e tecnologia - analógica e digital, como meios para fins de politização e desalienação de professores de EF atuantes na educação básica pública.

Entre o final dos anos 1950 e o começo dos anos 1960 surgem várias frentes em defesa por diferentes experiências com trabalhos em grupo, dinâmicas de grupo e uma educação centrada no aluno, valorizando participações conscientes, co-responsáveis e voluntárias, democratizando momentos de falas, de ações, valorizando gestões coletivas, fazendo contraponto aos anteriores modelos hierarquizados. Paulo Freire é um personagem destaque nesses movimentos da cultura popular desde então, onde daí foi inspirado a criação do Círculo de Cultura. A partir da crítica ao que Freire (2000, 2007) denominou de “educação bancária”, o Círculo de Cultura se caracteriza como uma roda de pessoas, onde todas são participantes igualitárias no processo educativo, um meio de problematização da realidade, de desvelamento da realidade em busca de uma melhor compreensão do funcionamento da sociedade, é um espaço para reflexões, propostas e ações, para construção de conhecimentos em prol de uma transformação, onde alguém pode assumir o papel de coordenador dos debates, contribuindo

para incitar ainda mais as discussões entre todos no grupo. A base dessa ideia é o diálogo como meio para fins de constituição de sujeitos autônomos, críticos, criativos, conscientes e solidários (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008).

O Círculo de Cultura vem a ser entendido como um encontro de pessoas, um espaço de aprendizagem e possibilidade de transformação, onde todos os participantes são sujeitos ativos com o objetivo de troca de experiências e saberes através do diálogo. Destaca-se então, nesse ínterim, os elementos: o diálogo, mas não um simples espaço de comunicação, mas sim onde há respeito perante a individualidade de cada participante e oportunidade de fala e escuta para todos; o trabalho coletivo (construção conjunta do conhecimento - indicação/verificação dos temas geradores, discussões, reflexões, propostas e ações). O Círculo de Cultura viabiliza os temas geradores, a caminho de uma compreensão mais crítica das temáticas propostas (FREIRE, 2000).

O Círculo de Cultura se baseia numa investigação conjunta, o objeto ou tema a ser desvelado é buscado nos próprios participantes e, em seguida, é colocado em pauta onde todos os envolvidos nesse círculo são sujeitos do conhecimento. Esse objeto ou tema de interesse é o vínculo entre os participantes que se utilizam do diálogo como meio para refletirem juntos. De acordo com Freire e Shor (2001, p. 218), uma metodologia dialógica “ênfatisa o pensamento crítico e a politização, a consciência histórica e a transformação social”.

O diálogo é algo natural do ser humano, faz parte do nosso progresso histórico, um processo pelo qual nos tornamos seres humanos. “O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem” (FREIRE, SHOR, 2001, p. 123). É através do diálogo que podemos, coletivamente, refletir e atuar de maneira crítica para uma transformação em nossa realidade. De acordo com Freire e Shor (2001, p. 127):

O diálogo não existe num vácuo político. Não é um “espaço livre” onde se possa fazer o que se quiser. O diálogo se dá dentro de algum tipo de programa e contexto. Esses fatores condicionantes criam uma tensão para alcançar os objetivos que estabelecemos para a educação dialógica. Para alcançar os objetivos de transformação, o diálogo implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos.

Freire e Shor (2001) ainda apontam que os participantes têm o direito de falar como também de ficar em silêncio se preferirem, mas para dar andamento ao círculo é necessária uma massa crítica de participantes para levar consigo os que não falam, mas ouvem, pois, não há exigência em todos falarem, os participantes têm o direito de permanecerem em silêncio se assim o queiram. Antes de iniciar é importante ter em mente o ponto de partida, o tema, o que

sabemos sobre o objeto/tema, e assim apontar onde se quer chegar com ele, o ponto de chegada, o produto que se quer no final.

Inspirando-se na metodologia de Círculos de Cultura proposta por Paulo Freire, a presente pesquisadora buscou exercer o papel de “animadora” do círculo, uma “coordenadora de debates”, promovendo interrogações e questionamentos como estímulos (BRANDÃO, 1986; FREIRE, 2007; GOMEZ; FRANCO, 2015).

Segundo Freire (2020, p. 98), “todo debate que se coloca é altamente motivador”. A partir do momento que posta uma situação-problema diante do grupo, dá-se início ao processo de análise ou decodificação, e para estimular esse processo nada melhor do que fazer perguntas, as perguntas levam a busca por respostas, e nessa busca vão surgindo novas perguntas, e nesse caminhar caracterizamos o processo educativo, que está sempre em movimento. Ainda:

Na medida em que se intensifica o diálogo em torno das situações codificantes – com “n” informações – e os participantes respondem diferentemente a elas, porque os desafiam, se produz um círculo, que será tanto mais dinâmico quanto mais a informação corresponda à realidade existencial dos grupos (FREIRE, 2020, p. 97).

A fim de compreender mais a fundo os Círculos de Cultura, vem a ser importante frisar a visão de Paulo Freire perante o ser humano e a cultura, o qual se baseia no papel ativo dos indivíduos, atuando em sua realidade. A cultura vem a ser o resultado do trabalho das pessoas, o agir dos indivíduos perante a natureza, criando e recriando, dando significados e ressignificando, enfim, uma aquisição sistemática da experiência humana (FREIRE, 2000).

É importante ressaltar que o fundamento dos Círculos de Cultura é o reconhecimento do outro, o fato de que cada pessoa é uma fonte original, única, tem uma forma própria do saber e qualquer que seja a qualidade desse saber, ele tem valor por carregar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha de vida social. As pessoas educam-se entre si através do diálogo mediatizado pelas vivências, pela cultura de grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais. Cada cultura é única e ela só pode ser realmente explicada partindo de seu interior para fora (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008).

Em suma, na busca por incentivar um processo de diálogo, um reconhecimento do outro e uma construção coletiva do conhecimento, foi pensado nessa metodologia, entendida como diálogo entre variados sujeitos, se caracteriza como um espaço de partilha, de interação, confronto de ideias, um espaço coletivo de reflexão. Essa estratégia metodológica alicerça a aproximação com o outro, para juntos evoluírem (FREIRE, 2000; 2007).

Segundo Apple (2006, p. 241), “as conversas podem ser formas produtivas de comunicação, que ampliam as conexões entre as pessoas”. Nesse ínterim, podemos entender os Círculos de Cultura como uma rede de pessoas, uma combinação de inúmeras rodas de conversa que proporcionaram uma conexão entre diferentes pessoas.

Como a nossa busca é por uma construção coletiva e dialógica de um programa de desalienação e politização docente, usar a roda de conversa, devido às suas características, contribui para esse objetivo. No entanto, uma resignificação da roda de conversa foi necessária devido ao uso de diferentes tipos de mídias e tecnologias, que muitas vezes modificam o modo como as pessoas se comunicam, como por exemplo, a comunicação presencial ou remota, a comunicação síncrona ou assíncrona. Uma roda de conversa não pode ser mais identificada somente por uma imagem de pessoas sentadas fisicamente em formato de círculo dialogando, pois hoje em dia é muito usual as pessoas se reunirem virtualmente através do uso de aplicativos. Uma comunicação síncrona é quando a interação é simultânea, imediata, diferente de uma comunicação assíncrona em que a interação pode tornar-se mais morosa, demorada. Exemplificando, um grupo de WhatsApp é uma forma de roda de conversa, pois se caracteriza como um grupo de pessoas agrupadas através de um aplicativo, em busca de interesses em comum, onde cada pessoa interage no grupo no seu tempo e espaço que lhe convém, caracterizando-se como uma comunicação assíncrona. Também, sobre as rodas de conversa, de acordo com Moura e Lima (2014), elas produzem dados ricos em conteúdos e significados, portanto, é um instrumento de produção de dados e favorece achados científicos.

A intenção neste estudo foi dar oportunidade de voz aos participantes, valorizando suas trajetórias. Por isso, também, a realização de entrevistas com professores atuantes na EF escolar foi um meio escolhido, o qual poderá possibilitar uma melhor compreensão da visão dessa profissão perante a sociedade, indo além da minha própria trajetória enquanto pesquisadora e também professora de EF, proporcionando uma complementação, onde todas as vivências/experiências serviram como diagnóstico e *feedback* para o estudo. O objetivo em trabalhar com esse método é, em parte, aproximar toda a sociedade (através da disponibilização desta tese de doutorado à apreciação pública) do contexto escolar e vice-versa, a partir das perspectivas dos professores participantes desta pesquisa.

Outra intenção dessa escolha metodológica também é que, partindo da narrativa autobiográfica do próprio docente, da sua história de vida, ao longo dos círculos, o foco é esclarecer, tomando alguns pontos de sua narrativa como referência/base e incitando uma reflexão crítica, que os professores não são e nunca poderão ser neutros e apolíticos, que a política está presente em todos os âmbitos de nossa vida, especialmente em nosso trabalho, nas

nossas escolhas, nas nossas ações, entre outros, e que sua profissão o torna um sujeito coletivo responsável também por uma conscientização política dos demais envolvidos no processo educativo. Assim, estaremos contribuindo e promovendo uma formação continuada para os professores. De acordo com Bueno (2002, p. 23):

[...] ao voltar-se para seu passado e reconstituir seu percurso de vida, o indivíduo exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo.

Nesse ínterim, a escolha desse método poderá atender ambas as perspectivas, formação de professores e instrumento de pesquisa.

Nesta pesquisa consideramos as entrevistas com os professores e as interações com o grupo de professores ao longo do percurso (grupo de WhatsApp e reuniões individuais e grupais online) como Círculos de Cultura, como um espaço democrático e de conhecimento da realidade da profissão docente sob diferentes olhares, visando oportunizar espaços de voz e formação para diversos professores de EF, facilitando e valorizando a troca de experiências. Certamente, a escolha por esse caminho despendeu um esforço organizativo coletivo. Para sua concretização, dependemos da manifestação de interesse de diversos professores de EF dispostos a contribuir para a presente pesquisa.

Com relação à pesquisa documental, além de consultar e discutir sobre muitas leis para enriquecer os referenciais teóricos no capítulo um desta tese, para seguir, o intuito foi fazer uso dos arquivos das gravações das entrevistas individuais e das reuniões em grupo virtuais, que foram transcritas (Apêndice C e E) e de diários registrados pela pesquisadora em observação ao grupo de WhatsApp pesquisado (Apêndice D) com setenta professores de EF participantes, ao longo de um ano e meio (janeiro de 2021 a julho de 2022), enfim, registrar essas práticas sociais dos professores, a fim de observação, análise e avaliação dos meios utilizados para comunicação (o WhatsApp e Google Meet), serem efetivos para fins de desalienação e politização docente.

Ao buscar uma caracterização do contexto de práticas sociais, encontramos em Oliveira et al (2009, p. 5) que:

[...] elas se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações, com objetivos como: repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência, de manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade; buscar o reconhecimento dessas necessidades pela sociedade; controlar, expandir a participação política de pessoas, de grupos, de comunidades em decisões da sociedade mais ampla; propor e/ou executar transformações na estrutura social, nas formas de

racionalidade, de pensar e de agir ou articular-se para mantê-las; garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis; corrigir distorções e injustiças sociais; buscar reconhecimento, respeito, valorização das culturas e da participação cidadã de grupos sociais, étnico-raciais marginalizados pela sociedade; pensar, refletir, discutir e executar ações.

Resumindo, o intuito aqui é observar, registrar e analisar essas práticas sociais desenvolvidas entre professores de EF da educação básica pública (dez professores entrevistados, dois professores participantes das reuniões online em grupo e setenta professores participantes do grupo de WhatsApp), fazer uso dos diários do grupo de WhatsApp e das gravações das reuniões e das entrevistas como diagnósticos e *feedback*, como base e/ou referências ao estudo, como também para instigar a formação continuada de professores, compreendendo os diários como um registro para posterior análise, e fazendo uso do recurso metodológico de Círculos de Cultura para promover debates, reflexões e propostas de ações.

O intuito principal aqui é oportunizar/abrir espaços para a temática do uso das mídias e tecnologias para fins de politização e desalienação docente dentro do grupo de professores de EF e que isso possa trazer frutos para a sociedade em geral. A questão crucial é a convocação ao debate, à análise, é trazer à tona essa temática e trabalhar em prol de uma mudança qualitativa.

2.1. Definição do universo

Para o desenvolvimento da pesquisa, o público escolhido foi o de professores de EF atuantes na educação básica em escolas públicas, os quais nos remete, segundo Venditti Júnior (2014, p. 187), à antigos questionamentos sobre sua situação, tais como “fatores fisiológicos (cansaço, dores, saúde e estresse cotidianos) e emocionais”, os quais “são afetados pelos exemplos de atributos advindos com a ideia de instituições públicas” onde esse profissional atua:

[...] elevada carga horária, dificuldades do sistema de ensino, distância em relação ao domicílio do professor, quantidade de turmas e alunos por sala, desgaste e (des) valorização do profissional de educação, etc.

O Estado de São Paulo, mais especificamente a Diretoria de Ensino de Bauru, foi pensado por ser o Estado e município de residência e de atuação profissional da presente pesquisadora.

Na grade de horário dos professores de educação básica (PEB) atuantes no Estado de São Paulo, está previsto horários de Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), que foi

pensado pela pesquisadora como uma oportunidade para trabalhar com a formação continuada dos professores, realizando os Círculos de Cultura sobre a temática desta pesquisa e sendo oportunidades de horário dentro da jornada de trabalho dos professores, mas a questão aqui nesta pesquisa é como realizar essa intervenção com os professores de EF em tempos de pandemia da Covid-19, e como cada professor de EF trabalha em sua respectiva escola e tem horários de ATPC diferenciados uns dos outros, foi necessário utilizar horários fora da jornada de trabalho, nesse ínterim, o objetivo, o ponto em questão, foi como utilizar as mídias e as tecnologias para reunir esses professores e proporcionar espaços de discussões, debates, formações entre esse grupo em particular para fins de desalienação e politização. Assim, foi realizado dez entrevistas online com professores de EF que se dispuseram a participar da pesquisa para, coletivamente, apontar meios e caminhos para atingir tal objetivo.

O período de atuação em campo desta pesquisa foi entre janeiro de 2021 a junho de 2022. O primeiro passo foi iniciar a observação participante no grupo do WhatsApp dos professores de EF atuantes na educação básica pública em escolas municipais e estaduais da região de Bauru/SP (o grupo possui setenta participantes) em janeiro de 2021 que perdurou até junho de 2022, com o registro das interações no grupo em diários (Apêndice D).

É importante ressaltar aqui que existe um grupo de WhatsApp desses professores que podemos dizer que seria o grupo “oficial”, pois é onde se encontra todos os professores de EF e ele é controlado por professores coordenadores do núcleo pedagógico - PCNP, que recentemente receberam a nova nomenclatura de professores especialistas em currículo – PEC, da Diretoria de Ensino de Bauru/SP, mas como as configurações desse grupo “oficial” são para que somente os administradores podem enviar mensagens, sentiu-se a necessidade da criação de um outro grupo de WhatsApp de professores de EF, que contou com a participação de setenta professores de EF, que podemos chamar de grupo “alternativo”, para atender a necessidade de interação entre os participantes, onde todos podem enviar mensagens, onde foi atribuído essa nomenclatura de “alternativo” inspirando-se nos estudos sobre as mídias radicais de Downing (2002).

O segundo passo foi lançar o convite nesse grupo “alternativo” de WhatsApp para a realização de entrevistas aos professores de EF que tivessem disponibilidade e quisessem colaborar, o qual foi enviado o convite no grupo de WhatsApp dos professores de EF no dia dez de abril de 2021, com devolutiva de cinco professores interessados, os quais foi realizado o agendamento das entrevistas via Google Meet, e com o decorrer das entrevistas também foi pensado no trabalho com indicações, onde os professores de EF poderiam indicar algum colega de trabalho que eles achassem essencial para participação nas entrevistas da pesquisa,

resultando nas demais cinco entrevistas com os professores indicados, totalizando as dez entrevistas. Trabalhar com indicações de colegas professores de EF acabou abrindo os horizontes da pesquisa, levando a conhecer e entrevistar dois professores de EF de fora do grupo do WhatsApp, atuantes em outros municípios e outras Diretorias de Ensino diferentes de Bauru/SP (Jaú e São José do Rio Preto), ampliando o universo definido inicialmente.

A ideia de realizar as entrevistas, de trabalhar com Círculos de Cultura virtuais, o grupo de WhatsApp, reuniões online, foi de buscar um trabalho coletivo em prol de captação de dados e informações, etnografia, história de vida, informação testemunhal, assim, melhor explicando, estimular produções de gêneros biográficos e autobiográficos, oportunizar espaços de conversa e troca de experiências entre pesquisados e pesquisadora, diversificando olhares para com o contexto educacional, versando sobre práticas pedagógicas, destacando conhecimentos profissionais, valorizando histórias de vida, compreensão da influência do professor no desenvolvimento de diferentes indivíduos e de sua importância para a sociedade, busca por uma identidade docente, compreensão do papel do professor, enfim, promover espaços de diálogo, reflexões, criações, consultar o grupo de participantes na pesquisa sobre o uso das mídias e tecnologias (quais estão disponíveis e atendem às necessidades do grupo), registrar sugestões, relatos de experiências, propostas de ações, dificuldades, entraves, desafios, possibilidades, superações, entre outros, deixando tudo registrado, para tomar esses diagnósticos e resultados como referência/base para seguirmos com a pesquisa.

Sobre as entrevistas, foi firmado um diálogo aberto para estimular a livre expressão, mas com algumas questões essenciais a serem lembradas, um roteiro base, mas que não restringiu uma livre discussão sobre diversos assuntos. As questões essenciais para realização das entrevistas foram organizadas num roteiro estruturado de perguntas para os entrevistados, o qual está contido no Apêndice B. Os termos da pesquisa contidos no Apêndice A foram expostos no início das interações para conhecimento e aceitação dos participantes.

Ao término dessa fase de entrevistas, obtivemos dez professores de EF entrevistados. Foi finalizada essa fase de entrevistas com dez participações porque a duração das entrevistas, que foram gravadas com o próprio aplicativo do Google Meet, perdurou entre uma hora à uma hora e meia e obteve grande aprofundamento, resultando em muitos dados para análise e discussão. Com as gravações das entrevistas em mãos, foi feita a transcrição das entrevistas em documento no Microsoft Word para posterior análise e encaminhamentos para discussão. As transcrições estão contidas no Apêndice C.

Foi dada a oportunidade, aos participantes desta pesquisa, para escolha dos nomes fictícios utilizados. Os perfis dos dez professores entrevistados foram: quatro do gênero

masculino e seis do gênero feminino; idades variando entre trinta e três à cinquenta anos; todos(as) brancos(as); três solteiras e sete professores formaram famílias com filhos; quatro professores formados em faculdades particulares, dois na década de 2000, um na década de 2010 e uma na década de 90 e seis formados em universidade pública (Unesp) na década de 2000; todos os professores com pós-graduação; nove professores com cargo de efetivos e um professor categoria O; quatro acumulam cargo de professores de EF, dois entre prefeitura e Estado, um entre Estado e escola particular e uma é dois cargos no Estado; uma professora trabalha menos de quarenta horas semanais, sete professores trabalham na faixa de quarenta horas semanais e dois trabalham acima dessa faixa; três professores são sindicalizados e sete não são.

Quadro 01 – Perfil dos professores participantes nas entrevistas

Nome escolhido	Gênero	Idade	Instituição e ano de formação	Carga horária de trabalho e órgão	Tempo de atuação como PEB (anos)	Tipo de vínculo atualmente	Sindicalizado (a)
Cabral	masculino	43	Unesp (2003)	24 (prefeitura) + 24 (Estado)	16	Efetivo (prefeitura e Estado)	Sim
Ana	feminino	39	Unesp (2003)	24 (prefeitura) + 10 (Estado)	18	Efetiva (prefeitura e Estado)	Sim
Mara	feminino	48	FEFISA (1994)	40 (Estado)	29	Efetiva (Estado)	Não
Frida	feminino	40	Unesp (2003)	40 (Estado) + aulas em substituição (eventual)	17	Um cargo efetiva e outro categoria O (Estado)	Sim
Marisa	feminino	41	Unesp (2002)	40 (Estado)	18	Efetiva (Estado)	Não
Regina	feminino	38	FAEFI/Barra Bonita (2005)	40 (prefeitura)	16	Efetiva (prefeitura)	Não
Artur	masculino	35	UNIRP (2007)	40 (prefeitura)	8	Efetivo (prefeitura)	Não
Andreia	feminino	41	Unesp (2002)	40 (Estado)	15	Efetiva (Estado)	Não
Paulo	masculino	50	Unesp (2005)	40 (Estado)	21	Efetivo (Estado)	Não
Francisco	masculino	33	Unisaesiano (2011)	40 (Estado) + 20 (particular)	13	Categoria O (Estado) e contratado (escola particular)	Não

Os meios apontados pelos professores entrevistados como viáveis, de fácil acesso, para organizar espaços de encontro e formação dos professores de EF foram os grupos de WhatsApp e reuniões virtuais, como por exemplo via Google Meet, assim, continuamos com a observação participante no grupo de WhatsApp dos professores de EF e também foi proporcionado oportunidades de encontros/reuniões virtuais, via Google Meet, para todos os professores de EF atuantes na educação básica pública que quisessem participar, onde foi enviado convites no grupo de WhatsApp alternativo com os setenta participantes e também foi pedido ajuda para divulgação do círculo aos demais colegas de EF em outros grupos que tenham participação e seus respectivos contatos de demais colegas de profissão.

No dia vinte e dois de dezembro de 2021 foi enviado o convite para o primeiro Círculo de Cultura virtual de professores de educação básica pública, componente curricular Educação Física, a ser realizado no dia vinte e dois de dezembro de 2021, quarta-feira, às dezenove e trinta horas da noite, onde nesse primeiro encontro não houve a participação de nenhum dos professores. Houve retornos de alguns professores através de mensagens no WhatsApp particular da pesquisadora informando os motivos pelos quais não puderam participar: compromissos de ordem familiar, acadêmica e de trabalho.

No dia vinte e oito de março de 2022 foi enviado o convite para o segundo Círculo de Cultura virtual de professores de educação básica pública, componente curricular Educação Física, a ser realizado no dia vinte e nove de março de 2022, terça-feira, às dezenove e trinta horas da noite, onde nesse segundo encontro podemos considerar que houve a participação de dois professores de EF (um professor atuante em uma escola estadual da DE de Bauru localizada em um bairro rural da região e um professor que recentemente migrou de atuar em escolas estaduais para instituto federal), pois um terceiro professor entrou quando já estávamos finalizando a reunião (professor atuante em uma escola estadual da capital paulista), se desculpou por não poder ter entrado antes na reunião por estar trabalhando e se deixou à disposição para participação em encontros futuros. Nenhum deles havia participado das entrevistas individuais anteriores e ficaram sabendo do Círculo de Cultura através de convite com o link recebido pelo WhatsApp.

No dia cinco de maio de 2022 foi enviado no grupo o convite para o terceiro Círculo de Cultura virtual de professores da educação básica pública, componente curricular Educação Física a ser realizado no dia sete de maio de 2022, sábado, às nove horas da manhã, onde nesse terceiro encontro não houve a participação de nenhum dos professores. Também houve retornos de alguns professores através de mensagens no WhatsApp particular da pesquisadora informando sobre os motivos pelos quais não puderam participar, que continuaram seguindo na

linha de compromissos de ordem familiar, acadêmica e de trabalho. As reuniões virtuais em grupo que foram realizadas via Google Meet foram gravadas e posteriormente transcritas para análise e constam no Apêndice E.

2.2. Procedimento de análise dos dados

Para o procedimento de análise dos dados, retornaremos aos objetivos e os questionamentos apresentados na introdução desta presente pesquisa, expostos através da intenção de utilizar conteúdos midiáticos e tecnológicos como meios para fins de desalienação e politização docente, embasando-se em uma metodologia com princípios coletivos e dialógicos e, por fim, organizar e relatar a pesquisa realizada, voltada ao debate sobre o uso das mídias e tecnologias como recursos para atingir os objetivos propostos.

Gomes (2002) cita a proposta de análise e interpretação de dados do método hermenêutico-dialético de Minayo (1992), onde o primeiro nível de interpretação envolve as determinações fundamentais (contexto sócio histórico) e o segundo nível de interpretação envolve o encontro com os fatos surgidos na investigação. Ainda, ele complementa apresentando três passos para a sua operacionalização: a) Ordenamento dos dados: onde é feito um mapeamento de todos os dados obtidos em campo; b) Classificação dos dados: com base na leitura dos textos destaca-se o que surge de relevante para elaboração das categorias específicas; c) Análise final: estabelecimento de articulações entre os dados e os referenciais teóricos.

Os diários do grupo de WhatsApp, as entrevistas individuais e as reuniões online em grupo com suas respectivas transcrições foram submetidos à uma análise qualitativa, versando sobre algumas categorias de análise que foram divididas levando em consideração as pesquisas bibliográficas e também de acordo os temas derivados das discussões com os participantes na ida a campo.

Ao analisar os diários do grupo de WhatsApp e as transcrições das reuniões em grupo e entrevistas individuais com os professores, foi levado também em consideração os estudos de Zabalza (1994):

[...] segui este sistema: uma leitura inicial genérica de penetração global no campo (ainda que sempre com o propósito de lá encontrar esquemas de actuação prática e dilemas), uma segunda leitura de identificação dos tópicos e situações donde iam parecendo os dilemas e uma terceira leitura de estabelecimento de relações semânticas e práticas entre cada uma das componentes dos dilemas e cada uma das fases da sua evolução (ZABALZA, 1994, p. 24).

Sobre a análise dos dados, Zabalza (1994, p. 189) chama a atenção que:

Como não podia acontecer por menos, uma pessoa nunca está de todo segura quanto à validade e à confiabilidade plena das suas especificações. Eu estou convencido que qualquer pessoa que lesse os diários poderia encontrar neles outros aspectos que a mim me terão passado despercebidos e poderia, igualmente, fazer um tratamento diferente dos conteúdos das narrações. Mas essa é a grandeza e a limitação das investigações qualitativas, esse é o contexto de incerteza em que o investigador aceita situar-se.

Nesse ínterim, acreditamos ser importante ter uma categoria que discuta os meios utilizados para atingir os objetivos, as dificuldades e as possibilidades da utilização dos recursos midiáticos e tecnológicos a fim de desalienação e politização docente e discutir e analisar a metodologia dialógica baseada no trabalho coletivo.

Podemos encontrar, ao longo desse caminhar, como se refere Freire (2001), “situações-limites”, que se constituem em obstáculos, dificuldades, e nossa atitude deve ser de tentar superá-las. De acordo com Freire (2001, p. 93), “a prática da procura desses novos encontros ou a história dessa prática, dessa tentativa, pode tornar-se objeto ou conteúdo de estudo”. Vem a ser relevante uma categoria que englobe essas “superações” na utilização dos meios escolhidos.

Com relação ao processo de politização e desalienação dos professores atuantes na educação básica pública, o legado das pesquisas bibliográficas, o qual inspirou as categorias de análise, foi de que esse processo se baseia: em movimentos políticos; em análises críticas da organização da categoria; na desnaturalização das ciências e dos conhecimentos; na descoberta de vínculos com interesses políticos, econômicos, sociais, classe, gênero, raça, etc. O movimento de organização de profissionais, participações em congressos e produções científicas, sindicatos, são contributos, são colaborações nesse caminho de buscar uma politização e desalienação. O ponto culminante nesse processo é a busca por uma consciência de classe.

Assim sendo, a compreensão da realidade aliando a teoria com a prática, adicionado à busca e ao desenvolvimento de uma consciência de classe, como também a adição do resultante desse caminhar que são ações contra os pressupostos epistemológicos e ideológicos ocultos que influenciam as decisões/ambientes/tradições, tudo isso define o panorama desse processo de politização e desalienação dos professores, onde, sem isso os professores correm o risco de continuar a deixar os valores ideológicos dominantes atuarem por meio deles, caracterizando a alienação docente. É preciso situar o conhecimento, o contexto escolar e o próprio professor nas verdadeiras condições sociais que determinam esses elementos, e situar no sentido de orientar para uma visão crítica e uma visão de justiça social. As mídias e as tecnologias são

recursos a serem utilizados, são meios potencializadores para o caminhar desse processo contínuo de desalienação e politização dos professores.

Seguindo uma ordem para análise e definição dos resultados e discussões, depois de relatar e discutir sobre o contexto (realidade da educação básica pública), segue-se com o processo de busca pela consciência de classe, e após, consequentemente, a resistência/luta/comprometimento dos professores. A partir daí, então, busca-se discutir e analisar sobre os meios, a metodologia dialógica (Círculo de Cultura) e como as mídias e as tecnologias contribuem para a desalienação e politização dos professores de EF da educação básica pública.

Em suma, a organização das categorias para a análise e discussão tem o formato de quatro grandes eixos que foram considerados determinantes fundamentais que afetam o processo de desalienação e de politização docente: 1º) Compreensão do contexto; 2º) Consciência de classe; 3º) Resistência/Luta/Comprometimento; 4º) Os meios – Metodologia dialógica e as mídias e tecnologias. Este processo de desalienação e politização dos professores foi representado graficamente na figura a seguir:

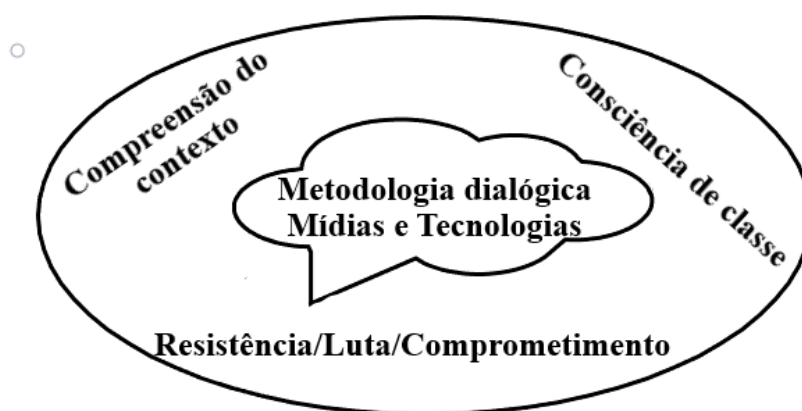


Figura 01 - Processo de desalienação e politização docente.

Também, no decorrer da pesquisa foi notado a importância das temáticas discutidas entre o grupo pesquisado e que foram muito comentadas e que merecem ser destacadas e assim foram distribuídas entre os quatro grandes eixos de análise, fazendo parte do rol de subitens, ficando assim organizado:

1º) Compreensão do contexto: Realidade do cotidiano docente; Formação continuada; Vantagens x Desvantagens da profissão de professor (a); Futuro da educação.

2º) Consciência de classe: Identidade docente; Ser professor em tempo integral; O legado dos professores; Sociedade e a profissão docente; A profissão docente e seus pressupostos; Política x Educação; Dimensão estética da profissão docente.

3º) Resistência/Luta/Comprometimento: Autoritarismo/imposição; Troca de experiências; Exoneração; Motivação.

4º) Os meios – Metodologia dialógica e as mídias e tecnologias: Metodologia dialógica; Possibilidades das mídias e tecnologias; Motivação x mídia e tecnologia; Superações do uso das mídias e tecnologias.

O ponto chave levado em questão para análise e discussão foi não se ater somente aos aspectos unificadores e fundantes da profissão (classe social, natureza do processo de trabalho, gênero, história de vida, formação profissional, etc.), mas também evidenciar as diferenças, as divisões da categoria, privilegiando as narrativas dos professores, com intenção de trazer à tona as contradições e a fragmentação docente.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

3. DECORRÊNCIAS DOS CÍRCULOS DE CULTURA VIRTUAIS

Para seguir adiante na próxima fase desta pesquisa acredito ser importante frisar que para buscar um processo de desalienação e politização docente foi necessário primeiramente estudar a história dessa profissão, a formação da identidade docente e seu papel na sociedade, a valorização docente, compreender a realidade dessa profissão, a relação da educação e política, tudo isso faz parte do caminho na busca por uma consciência de classe, resultando no comprometimento com a educação e na luta e resistência perante ideologias dominantes em prol do capital, só a partir desses estudos tivemos uma base para seguir adiante em nosso caminho na busca por meios midiáticos e tecnológicos a fim de politização e desalienação dos professores.

De acordo com Arroyo (2011, p. 199), toda essa compreensão da cotidianidade, os processos de constituição, reprodução e transformação de todo esse complexo educacional nos abrem leques de um conhecimento mais preciso da vida dos professores, o modo como vivem, pensam, agem e sentem, dentro e fora da escola, do trabalho, a totalidade de seus tempos e espaços e de suas relações sociais. Temos que “reconhecer o valor político dessa totalidade e o peso formador da pluralidade desses tempos e espaços” para a constituição da imagem dos professores. No meio dessa luta contra hegemônica, dessa busca por uma transformação social, de incentivar o professor a ser um militante em busca de um processo educativo libertador, não podemos nos perder no foco de tudo isso, que deve ser os seres humanos e seus direitos de poderem viver como humanos e é onde a profissão de professores finca suas raízes, garantir o direito a uma educação humana, que os estudantes e professores sejam sujeitos de sua própria história. E essa busca por nos conhecermos melhor é uma aventura pedagógica que nos firma como profissionais responsáveis, politizados e militantes.

Na pesquisa de campo, como já explicado anteriormente, ainda sofrendo com a pandemia da Covid-19, formamos o que denominamos de Círculos de Cultura virtuais, onde a pesquisadora realizou entrevistas individuais e reuniões em grupo online com os professores de EF através da utilização do recurso do Google Meet, onde este foi um dos meios acessíveis indicados pelos professores nas entrevistas para realização das reuniões e também vamos considerar como Círculo de Cultura virtual a participação e observação no grupo de WhatsApp dos professores de EF.

A seguir vamos dar continuidade nos aprofundando nos resultados e discussões seguindo com as categorias de análise.

3.1. (1º) Compreensão do contexto

Nessa categoria vamos abordar a realidade dos professores de EF atuantes na educação básica pública, detectando pontos negativos e positivos da profissão, apontando os muitos desafios, dilemas, entraves, enfrentados pelos professores de EF ao longo do seu cotidiano de trabalho. A compreensão desse contexto é essencial, pois essa realidade vivenciada pelos professores é a mola propulsora para a posterior busca por melhorias e transformação nessa realidade.

3.1.1. Realidade do cotidiano docente

Falando da realidade do ensino básico público, as expressões que surgiram ao longo dos diálogos foram “ser criativo”, “fazer adaptações”, “resiliência”, “flexibilidade”, expressões que desvelam as situações de falta de interesse/motivação dos estudantes com relação aos estudos e a falta de estrutura (poucos recursos materiais, espaços marginalizados, falta de apoio governamental e familiar) e, nesse ínterim, abre um leque maior de possibilidades de atuação docente, no sentido de que os desafios são extensos e proporcionam maiores experiências desafiadoras para o profissional atuante nesse ambiente.

“[...] a gente tem que bater o pé pra conseguir fazer alguma coisa né, éé, a gente vê que não é tão simples, mas que algumas coisas são possíveis né, que não adianta ficar só reclamando, achando mil defeitos, mas que tem que ir fazendo o que dá né, não dá pra cruzar o braço né, empurrar com a barriga.” (Professora Ana).

A Professora Mara apresenta uma realidade com relação à visão da sociedade perante a escola, onde muitos a encaram como uma “creche”, um lugar seguro onde podem deixar suas crianças e adolescentes para seus responsáveis seguirem com seus outros afazeres, onde a professora cita a necessidade de os professores buscarem superação aos desafios e entraves apresentados no cotidiano escolar:

“[...] muitas vezes na escola pública a gente vê que o famoso crechão, vamo colocar o português né, creche, então eu falo que é uma coisa, éé, que parece que é histórica de uns tempos pra cá, parece que vem carregando isso, que escola é creche né, [...] eu acho que o professor faz muito pelo muito pouco que ele tem, entendeu, pelo muito pouco que ele tem, faz bastante até, mas eu acho que tem que mudar um pouco essa visão aí do que é, do que está, de como eles enxergam a escola, de como eles enxergam o ensino, [...]” (Professora Mara).

A Professora Marisa adicionou outros olhares importantes e contribuiu criticando esse processo da escola pública estar perdendo seu verdadeiro sentido de educar para a vida, para a formação integral do estudante e estar seguindo para uma linha voltada aos interesses do capitalismo, do mercado de trabalho, instaurando dentro das escolas procedimentos de ordem empresarial:

“É assim ó, tem os seus encantos e desencantos né. Eu fiquei encantada, por exemplo, com a questão, quando eu comecei com os anos iniciais, a questão da alfabetização, de como o aluno é tratado, dessa questão de incentivo à leitura assim, isso me encantou, me encantou no primeiro momento né, aí, só que é assim, quando a gente vê, éé, as políticas públicas pra principalmente pra educação, o fundamental, os anos finais e o ensino médio, aí isso dá uma desmotivada assim sabe, a gente fica éé chateada com o rumo que, porque assim, a criança entra na escola feliz e parece que aí ela vai minguando aos poucos e chega lá no ensino médio vira aquele adolescente apático e caramba, será que é só uma característica da idade? Tudo bem, tem a característica da idade mas assim, eu acho que a escola contribui muito pra ir matando esse aluno, sabe, assim, de ir podando ele, de não tratando ele com respeito que ele deveria ser tratado, então isso desencanta, e aí você vê assim que a escola vai virando éé uma empresa que tem meta pra você cumprir, tem lá os índices. Eu terminei o MMR sexta feira, gente, aquilo lá é a ideia empresarial dentro da escola pública e daí isso chateia sabe, isso, e é política pública né, você vai fazer o que, você vai brigar, eu vou lá brigar com o Dória, então é complicado, isso é bem desmotivante, então o que era pra ser um lugar ali de construção de conhecimento acaba dando espaço pros índices, metas, resultados e é isso, vamo, e cobrança, então isso chateia, isso desmotiva.” (Professora Marisa).

Assim, como pudemos verificar nos aportes teóricos e nos relatos dos professores nesta pesquisa, permanece essa crescente problemática com relação ao real sentido da educação escolar em nossa sociedade, onde as políticas públicas governamentais vem na contramão do que muitos professores defendem, uma educação para o capital versus uma educação para humanização, onde se percebe a necessidade de reafirmarmos a importância da percepção dos professores perante esse cenário e a necessidade de reflexões críticas em prol de ações transformadoras nesse contexto vivenciado.

3.1.2. Formação continuada

A questão da formação continuada oferecida aos professores por suas instituições de trabalho foi muito alarmante, pois foram explicitadas como sendo acrílicas, rasas, fracas, falhas, pobres, superficiais. Uma pedida dos professores é que sejam feitas mais parcerias entre Universidades e Estado e prefeituras para melhorar as formações continuadas e que existam formações específicas para cada componente curricular e não foque somente em formações unindo os professores por áreas de conhecimento. Podemos destacar o depoimento do Professor

Francisco, onde ele relata que “[...] não tem dinamismo sabe, não tem interação, não perguntam o que você tá aprendendo entendeu, falta isso”. O Professor Cabral acrescenta que: “Eu, às vezes, aprendo, eu sigo o professor João Batista, e às vezes numa live com ele eu acho que eu tenho, eu absorvo mais coisas do que esses cursos que são oferecidos pelo Estado. Eu acho que tá muito falho, eles precisavam rever”. A Professora Mara aponta a direção que as formações continuadas dos professores estão tomando no ensino básico público:

“[...] a gente tem assim uma coisa mais global [...] eu acho que fica muito restrito português e matemática, eu acho que eles deveriam fazer, quanto tempo faz que a gente não tem uma formação de educação física né, [...] Mas eu acho que tinha que ter mais formações direcionadas pra nossa disciplina, que falta!” (Professora Mara).

É importante chamar a atenção aos comentários da Professora Frida e da Professora Marisa, que expõe o fato de que as formações continuadas oferecidas aos professores atendem as necessidades e aos interesses do governo de sua época, onde o entendimento dessa relação é contributo para o processo de politização docente:

“Eu acho que as parcerias com as Universidades, elas rolam muito bem, sabe, porque é bem diferente dessas capacitações que eles dão, eles burocratizam e eles não te dão a liberdade, eles querem te colocar num quadradinho pra você reproduzir e educação não é reproduzir, [...] então eu acho que o que eles oferecem depende muito do governo que tá no poder.” (Professora Frida).

“[...] eu acho que a questão da formação continuada tá ligado diretamente na política pública que o governo quer né, então, assim, ele tá formando professor, mas ele tá formando professor pra quê? Pra seguir a cartilha lá do Aprender Sempre, do Mais Educação, porque ele precisa melhorar os índices da escola pra falar que a educação do Estado de São Paulo tá indo bem, então, eu não sei até que ponto isso é uma formação. Agora, que nenhum outro governo teve a questão de fazer a formação em massa, isso eu não me recordo de ter né, então talvez isso esteja melhor porque tá tendo a formação, do jeito deles, mas tá tendo a formação.” (Professora Marisa).

É importante ressaltar aqui o estudo de Rossi e Hunger (2012a) onde apontam a necessidade de mudar a concepção de formação dos professores, situando essas formações ao longo das diferentes fases da vida e desenvolvimento pessoal e profissional docente, valorizando as experiências dos professores. A formação continuada deve ser heterogênea, necessitando considerar as necessidades e as expectativas dos professores.

Em contrapartida, é interessante destacar também que Freire e Shor (2001) explicam que os professores que têm o sonho de transformação da sociedade têm que buscar um processo permanente de formação e não podem esperar que venha do *establishment* essa formação profissional.

3.1.3. Vantagens x Desvantagens da profissão de professor (a)

Com relação às condições favoráveis do trabalho dos professores atuantes na educação básica pública, o lado positivo é a interação com os estudantes e a possibilidade de poder trazer contribuições para a formação e desenvolvimento deles, a questão do retorno gratificante recebido através das devolutivas dos estudantes é o carro chefe, mas também foi citado a questão da estabilidade por possuir um cargo público.

O Professor Cabral comenta que “[...] eles me agradecem por tudo que aconteceu né, pelas aulas, enfim, por todo o esforço que eles vinham, pelas coisas que eles carregam e que aprenderam durante o tempo que a gente teve junto, né”. A Professora Marisa também comenta que:

“As condições favoráveis, eu acho que a gente é, participa da formação do ser humano né, então, eu acho que isso é muito gratificante, ao passo que você vê que a tua contribuição pode gerar uma mudança de vida, uma mudança social lá na frente.” (Professora Marisa).

A Professora Andreia comenta sobre o poder de transformação através da prática pedagógica: *“a gente mostrar pra eles que é possível essa mudança né, que através da educação, de estar estudando, que você pode melhorar tudo, então, o que eu vejo, assim, que eu pensei na educação foi nisso daí, o poder de transformar né aquele aluno, [...]”*.

Ainda, destacamos mais depoimentos neste viés positivo de transformação:

“Agora, vantagens, assim, eu gosto né, eu gosto do que eu faço, é, eu gosto de acreditar, é, que cada dia eu estou dando o meu melhor né, é, eu gosto de estar buscando, é, formação, eu gosto de estar me atualizando, de estar sendo, sempre procurando melhorar a minha prática né. Eu acredito que eu vou, é, ali, às vezes, de passos de formiguinha né, mas melhorar ali a realidade dos meus alunos, contribuir com uma formação pra eles, uma formação, é, melhor né, uma formação pra que eles se tornem, é, que eles consigam vislumbrar um futuro melhor né. A gente vê na escola pública que muitos não pensam em fazer uma faculdade ou tão ali mesmo pra cumprir tabela né, então, eu gosto de pensar que eu tô dando um significado né na vida deles, pra aquele momento que eles estão ali, pra aqueles anos que eles passam na escola né.” (Professora Ana).

“[...] coloco o esporte como uma ferramenta de educação, eu acho que ela é muito importante, e ela é uma ferramenta transformadora do ser humano né, porque eu falo pros meus alunos que um grande homem faz um grande atleta, mas nem sempre um grande atleta faz um grande homem né. Então, essa formação conjunta que a gente pode, dá um significado, ressignificar pra eles me deixa, assim, muito, muito feliz né.” (Professora Mara).

“Olha, as favoráveis é tá sempre na questão, principalmente hoje, da evolução do conhecimento né, [...] então isso é um dos pontos positivos que eu vejo de trabalhar como professor, é, estar sempre na vanguarda das informações, políticas, sociais, tecnológicas, é, eu vejo isso muito, uma coisa muito boa né, e transmissor disso para

os alunos né, e ir aprendendo muito com eles porque eles também vem trazendo muita coisa pra gente, então eu acho isso um ponto positivo muito legal.” (Professor Paulo).

A Professora Regina apontou uma possibilidade coletiva inerente ao trabalho docente, que o apoio e a troca entre companheiros de trabalho pode ser considerado um ponto positivo nessa profissão:

“[...] acho que a equipe faz muita diferença, sempre fez pra mim né, eu odeio, eu acho que no início da carreira eu tinha esse choque também porque a gente trabalhava muito sozinho, professor é muito sozinho apesar de ter todo mundo é muito sozinho, é você e a sala né, e com o tempo a gente vai criando né experiência, vai juntando, vai conversando e vai conhecendo e vai na casa né, e vai, aí as coisas ficam mais equilibradas, ficam mais tranquilas né, então a equipe faz muita diferença. Eu tenho pena daqueles professores categoria O e não sei o quê que às vezes tá numa escola, de repente em outro ano tá em outra, de repente, sabe, não cria vínculo, e esse vínculo é importante né, enquanto equipe e tal, então eu acho que esse é um ponto positivo também né.” (Professora Regina).

Em outra categoria mais à frente vamos nos aprofundar nessa questão da troca de experiências ser potencializadora para firmar parcerias entre os professores em prol de lutas e resistências.

Com relação às condições desfavoráveis do trabalho docente, o lado negativo, o carro chefe é a desvalorização da carreira, onde predominam a vigilância e imposição, baixos salários e a falta de estrutura - espaços e materiais deficitários, falta de apoio à continuidade de estudos, ter que ficar trocando de escolas, e no caso específico da EF, o preconceito em relação à EF perante os outros componentes curriculares.

O Professor Cabral destaca sobre o “*desfavorável vai nesse lado da desvalorização, mas é uma desvalorização da sociedade que a gente precisaria, por exemplo, a sociedade governamental né, que viesse a dar mais amparo à nossa profissão*”. Outros professores relatam sobre o contexto da EF ainda sofrer com uma desvalorização demasiada:

“E o aspecto desfavorável é a desvalorização da educação física dentro da escola em relação aos outros componentes curriculares né, a desvalorização da gestão, a desvalorização às vezes dos próprios alunos, a desvalorização né dos professores das outras disciplinas e até os professores próprios da educação física, e isso se amplia né em outros termos mesmo né, [...]” (Professor Artur).

“Mas eu acho que a desvalorização, não só na educação física, mas em qualquer disciplina, dentro do nosso país, do profissional de educação física ainda é uma coisa que peca. E investimento né, se cobra muito do profissional mas não se investe nesse profissional né. Você vê que muitos, você tá correndo atrás né, você tem ajuda mas tem os gastos, se você for por na ponta do lápis, você tá né proporcionando isso, apesar de ter essa ajuda mas nós não temos. Se você quer fazer um curso, se você quer fazer uma pós, às vezes eles não, não abrem um leque de horário, não te ajudam, não colaboram dentro disso pra você estar fazendo esse aperfeiçoamento, se especializando, porque quando você faz isso você tá melhorando enquanto profissional, então isso vai ter um efeito na sua aula, isso vai ter um efeito na sua

didática, na sua metodologia, mas ainda falta ainda muito né, um investimento e a valorização.” (Professora Mara).

Outros professores complementam sobre os pontos desfavoráveis destacando alguns dos desafios e entraves enfrentados no cotidiano de trabalho escolar:

“Bom, desfavoráveis né, a gente sabe que no nosso país, infelizmente, não é uma profissão reconhecida, valorizada né, nem pela sociedade, éé, nem financeiramente né, a gente não tem um retorno justo né, pelo que a gente faz, e isso acaba desanimando um pouco né, e a gente vê também que as condições na escola, éé, deixam a desejar né, pelo menos nas escolas que eu trabalho, a gente vê muita gente a fim né que a coisa aconteça, que dê certo, mas a gente sempre empaca né, bate de frente com muitas burocracias, que não conseguem um material específico, que não consegue desenvolver coisas diferentes, e mesmo, éé, mudar né muita coisa né, éé, ir de encontro aí, a gente tem que aceitar muitas coisas de currículo, aceitar muitas coisas que são impostas pelo sistema né, então, às vezes, a gente fica meio de mãos amarradas, e isso acaba não respeitando a realidade né, a gente acaba não indo muitas vezes de encontro ao que realmente é os alunos ali da nossa realidade precisam né. É, entre muitas desvantagens, acho que essas, que mais me chamou a atenção.” (Professora Ana).

“Então, eu acho que hoje há muito mais desfavoráveis né, até porque quando um adolescente né agora escolhe a sua profissão, ela tem que ser atrativa né, ela tem que ser rentável, ela tem que ter uma série de coisas que hoje ela não tem né, então ela tá mais desmotivada, tem mais motivos para não ser professor do que ser né. [...] então, desfavorável, você que banca a sua formação continuada e quem, legalmente falando, o Estado é responsável por isso, mas ele não banca num nível essencial, assim, pra dar uma aula boa, com contexto, com conteúdo né.” (Professora Frida).

“Na educação a gente percebe esse resultado um pouco mais lá na frente, às vezes a gente nem consegue ver os resultados efetivamente, a gente vai, às vezes, depois de dez, quinze anos você acaba encontrando um aluno seu aí você vê que você influenciou na vida dele, mas os resultados da educação não são imediatos né, não são, eu acho que isso, às vezes, deixa o professor desmotivado, fora a questão salarial, a questão desse sucateamento que tá a educação né.” (Professora Marisa).

“[...] em questão também do professor ser mal valorizado, a gente vê pela vacina, o professor ia ser o primeiro e tá sendo aí agora, depois de quase um ano, passou de um ano né, tem outra forma, o professor, a desvalorização também né, de diversas formas, digo tanto que o professor quebra muito o galho né, ah, o professor tem que fazer isso, isso e isso, questão da educação, a educação tem que vir de casa, o professor tem que ensinar a parte pedagógica sabe, esse é um dos aspectos também que, além de professor, algumas vezes somos entre aspas babás né, que isso não pode ocorrer entendeu.” (Professor Francisco).

Os depoimentos dos professores vêm ao encontro dos estudos de Rossi e Hunger (2012a, p. 326) onde apontam que “a desvalorização profissional, a precarização do trabalho docente, a violência presente nos ambientes escolares, a hierarquia e burocratização a que estão submetidos” são fatores extrínsecos que interferem na profissão docente.

Freire e Shor (2001) comentam que o desgaste do professor e resistência dos estudantes fazem com que os professores se questionem sobre continuar na área, pois não é uma profissão que enriquece financeiramente e o prestígio vem caindo com o passar do tempo. Tem as condições favoráveis de um maior período de férias, jornadas de trabalho mais curtas e

incentivo moral de trabalhar com o desenvolvimento humano, e, esse último inspira muitos professores pensando em como podem contribuir para o bem da sociedade. Mas, em nossa contemporaneidade, vivemos momentos de crise, onde os professores recebem mais dissabores do que recompensas.

Todos esses fatores afetam diretamente o contexto escolar e apresentam-se como desafios para a instituição escolar que precisa acompanhar uma sociedade em constante evolução, assim, variando também o perfil do professor. O fator de imprevisibilidade, presente em nosso cotidiano escolar, faz com que os professores desenvolvam outras habilidades e competências para conseguir lidar num contexto em que não estavam acostumados. A cada momento surgem novas exigências sociais e profissionais aos professores. O que antes era controlado por eles, com seus conteúdos, metodologias e recursos planejados e previstos, agora precisam dar lugar para conteúdos e temas trazidos pelos estudantes, pela agenda da mídia, mudanças constantes na gestão e currículo escolar, realizar adaptações curriculares para atender necessidades individuais dos estudantes, entre outros (JESUS, 2004).

3.1.4. Futuro da educação

Quando dialogamos entre os professores sobre o futuro da educação, a palavra mais recorrente é a "esperança" e a importância de motivar professores e estudantes a continuar nessa busca pelo conhecimento. Freire (1996), quando se refere à esperança, afirma que ela faz parte da natureza humana e frisa que sabemos que as coisas podem até piorar, mas sabemos também que é possível intervir para melhorá-las. Freire (2001, p. 10-11) ressalta a necessidade da ação, da prática nesse contexto:

O essencial, como digo mais adiante no corpo desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.

Um cenário muito comentado pelos professores e que respalda em seus pensamentos com relação ao futuro da educação é a pandemia da Covid-19 vivenciada atualmente, iniciada em 2019 e que chegou no início de 2020 em território brasileiro. A educação escolar de maneira presencial como estávamos acostumados ficou inviável devido a medidas tomadas a fim de contenção da disseminação do vírus, modificando normas de convivência como a inserção da medida de distanciamento social, conseqüentemente, a necessária adesão ao ensino remoto. Nunca antes em nossa história as mídias e tecnologias foram consideradas tão essenciais e

indispensáveis para o desenvolvimento do processo educativo escolar. Fomos obrigados a sair da nossa zona de conforto e trilhar novos caminhos para o aprendizado nesse novo contexto educacional.

Nos estudos de Patrinhani, Américo e Osório (2020) sobre os impactos da pandemia Covid-19 na educação básica pública verificamos a necessidade de um olhar diferenciado para esse contexto pandêmico, apontando que uma educação para o futuro deve ser permeada pelo diálogo constante objetivando uma educação mais compreensiva e humana. A pandemia da Covid-19, apesar dos seus males, como por exemplo o atraso no processo educativo, onde muitos conteúdos foram deixados de lado, muitos estudantes avançaram de ano sem ter acesso ao conteúdo previsto, problemas sócio emocionais, contudo, a pandemia foi apontada também como um elemento positivo no caminho de uma maior valorização dos professores no sentido de que houve uma maior aproximação entre o processo educativo, que era vivenciado presencialmente dentro das escolas somente entre professores e estudantes, e que ficou mais visível através do uso dos meios digitais para divulgação das atividades durante o ensino remoto realizado na pandemia, dando mais acesso aos elementos presentes ao longo do processo educativo também aos responsáveis pelos estudantes e sociedade em geral.

Todo esse ambiente pandêmico envolto por imprevisibilidades, entraves, desafios, exigiu ainda mais esforços dos professores em busca de superação que perduram até hoje, pois ainda a vivenciamos. Segue alguns depoimentos:

“Eu espero que passe logo a pandemia né, eu acho que tá sendo uma fase bem difícil e eu acho que obscura na educação né, que mais do que nunca a gente tem muitos, muitos desafios, muitas coisas estão sendo maquiadas, e eu sei que por vários anos a gente vai ter que, digamos assim, remediar tudo isso que a gente tá passando né, que vai ser, os alunos vão arrastar muitas dificuldades por muito tempo, que a gente vai ter que correr atrás aí nos próximos anos né. Então, eu espero que os profissionais né estejam motivados né, que nós estejamos aí preparados pra tentar melhorar tudo isso né, que a gente vê que a sociedade, as famílias estão passando muitas dificuldades né, então, eu acho que não tem como não refletir na educação né, é uma coisa só, mas que a gente não pode desistir né, como educador a gente tem que acreditar que dias melhores virão.” (Professora Ana).

“Olha, a pandemia, ela acabou um pouco por colocar, tirar um pouco os nossos sonhos né, porque agora a gente tá sonhando com o fim da pandemia né, só que ela também mostrou claramente pra sociedade né, pros pais principalmente, que existem muitas desigualdades educacionais em consequência das desigualdades sociais entendeu. Ficou muito claro pra sociedade que a falta de um lugar, um ambiente de estudo prejudica né a criança de adquirir conhecimento né, ficou muito claro pra sociedade que precisa minimamente de recurso materiais pra que a criança possa aprender, então, a criança, infelizmente, que não tem esses recursos, que não tem um lugar legal pra estudar, que não conta com um né, com todos esses fatores né que possibilitam a educação, ela vai ser prejudicada. Então, assim, eu espero que diante desse né, assim, muita gente que critica os professores também falando que estamos em casa sem trabalhar, mas acredito que é a minoria, mas dentro dessa realidade né, a gente sempre soube de tudo isso, mas agora ficou evidente né, eu espero realmente

que tem que vir da classe política né, não adianta, a gente não vai conseguir fazer por conta própria enquanto professor, enquanto gestor da escola, tem que partir da classe política, mas eu acredito assim né, que nós temos muitos partidos né que defendem a educação né, mesmo que sejam minoria, eles ainda conseguem né evitar muitas situações que poderiam prejudicar mais ainda né, a situação do Brasil em relação à educação. E penso que através dessas evidências, eles vão poder ter dados né, subsídios pra traçar políticas públicas né, pra ver que a escola precisa desse investimento material, precisa dessa estrutura física, que os professores, eles precisam de uma formação né específica, uma formação continuada com qualidade né, porque ficou claro também que a gente não sabia lidar com a situação de ensino remoto entendeu, a gente teve que aprender por conta própria né, [...] enfim, e que o professor precisa de formação, o professor precisa de material, o aluno precisa também desse ambiente, o aluno, principalmente o aluno que vive né em situação de vulnerável, ele precisa dessa estrutura familiar, ele precisa de tudo isso né. Então, penso que políticas públicas em relação à educação, políticas públicas em relação a parte de assistência social, políticas públicas em relação a saúde, enfim, tem que usar todas essas situações de adversidades pra criar situações né benéficas pro futuro, penso que a pandemia, ela pode ajudar nesse sentido, e isso pode melhorar a educação como um todo.” (Professor Artur).

“Olha, espero muitas coisas boas, tá difícil, não sei o que vai acontecer, mas espero que na questão da educação evolua bastante, porque querendo ou não a educação é a base de tudo né, o professor, podemos ver que na pandemia que nada supera, eu sei que a tecnologia veio pra ajudar, mas nada supera o professor em sala de aula né, você viu que um professor em sala de aula nunca é superado por uma aula online e espero que a educação evolua mesmo, bastante, o povo coloca mais, que valorize mais a profissão né, muito mais valor né porque é onde tá a linha de frente, onde ensina, onde tem a primeira base né, onde o aluno vai se formar, onde ele vai decidir o que quer fazer ou não entendeu. A educação tem que ser um pouco mais valorizada e espero que num futuro não muito distante né, um pouquinho mais próximo, que essa valorização seja um pouquinho maior.” (Professor Francisco).

“É lógico que a interação não garante a aprendizagem, porque a gente sabe que o aluno, às vezes, fica ali interagindo com a escola mas o aluno não aprendeu, mas pra ter a aprendizagem tem que ter a interação, então um ponto positivo que a gente ficou muito feliz foi que éé, a gente conseguiu no ano passado, e eu tenho participação nisso porque a gente ia em casa de aluno, visitava os alunos, alunos que não tinham acesso eu levava material impresso pra eles, ia na casa deles, e aí além disso, além dos cem por cento de interação da minha escola, o que que acontece, acaba ficando muito próximo do aluno, então você acaba conhecendo o aluno dentro da casa dele, é o que não acontecia com a gente, a gente conhecia o aluno dentro do contexto da escola, fora disso a gente não conhecia, então eu acho que isso foi marcante assim, de você chegar na casa do aluno e de ser recebida, a gente vê da forma como é recebido que o professor tem muita importância na vida deles, eles ainda valorizam bastante o professor, então essa atenção que eles deram pra gente, talvez seja por ter ido na casa deles, em nenhum momento da história aconteceu isso, sei lá, então esse reconhecimento da busca, da atenção, eu acho que foi recentemente assim foi um fato que me deixou muito feliz.” (Professora Marisa).

As Professoras Frida e Marisa, ao comentarem sobre o que esperam para o futuro da educação, alertam sobre o desastroso rumo que o contexto educacional está tomando, argumentando sobre algumas dificuldades vivenciadas no cotidiano escolar, como por exemplo a falta de compromisso de alguns profissionais da educação e a perda do verdadeiro sentido da educação, que deveria ser mais humanizada e menos capitalizada:

“Ah, eu espero me auto-controlar rs na realidade, eu espero ver as coisas e não ficar doente sabe, porque você perde o sono e aí não somatizar coisas com relação a isso sabe, mas eu não tenho expectativas positivas de jeito nenhum, não tenho mesmo. Eu acho que nós vamos ladeira abaixo pra depois, alguns anos, ter aí um certo crescimento né. [...] E ainda olha lá, e ainda olha lá, porque tem muita gente no poder, muita gente acima da gente na hierarquia da escola que subiu um carguinho já subiu pra mente, e já esqueceu os seus valores, a sua ideologia. Ideologia? Esquecem! Muitos se vendem por muito pouco né, então eu não tenho muita perspectiva positiva não com relação a isso.” (Professora Frida).

“[...] parece que a educação não faz mais a diferença na vida das pessoas, então, o que eu queria ver lá na frente era exatamente isso, uma diferença na vida deles, até mesmo pra eu conseguir ter sentido mesmo no que eu faço, pra poder levantar todo dia e trabalhar.” (Professora Marisa).

O depoimento da Professora Mara representa de uma maneira concisa o caminho que buscamos para o futuro da educação: *“Seres humanos melhores rsrs! Se eu fosse falar assim, um mundo melhor, eu seria hipócrita, o mundo é bom, quem é ruim é o ser humano, então seres humanos melhores!” (Professora Mara).*

O Professor Paulo contribuiu com sua visão perante as necessárias transformações da instituição escolar em prol do atendimento às atuais necessidades da comunidade:

“Já faz tempo que a escola tem que servir à comunidade, que ela tem que abrir a noite, que ela tem que ter outras funções, que ela tem que vir aqui, que o cara pode jogar uma bola, não precisa ser o professor de educação física, pode ser outro professor, mas ela tem que ser, ela tem que ter essa sala de leitura funcionando, com computador, com internet, o cara lê um livro, faz uma pesquisa, então, a escola tem que mudar, ela não tem que ser só escola mais, ela tem que ser um centro cultural, na minha modesta opinião né, mas eu acho que isso aí vai levar um tempo ainda. [...] eu quero que a escola vá além dos muros né, e que a comunidade entre na escola.” (Professor Paulo).

Com base nos exemplos e informações trazidas até aqui já conseguimos notar como também mostrar a importância da leitura do mundo, da compreensão da realidade vivenciada por cada um dos professores, ou seja, a importância que essa troca de experiências e conhecimento dessas diferentes visões de mundo dos diferentes professores têm e que devem ser divulgadas, discutidas e analisadas para alavancar um processo de conscientização que permeia toda a permanente e necessária formação docente.

É preciso buscar essa compreensão do contexto vivenciado pelos professores na realidade do cotidiano das escolas públicas, só a partir da compreensão crítica desse contexto podemos seguir para um planejamento de mudança nessa realidade. Freire (2021) afirma que não é possível ser professor sem lutar por seus direitos a fim de possuir melhores condições para conseguirem cumprir seus deveres da melhor maneira possível.

3.2. (2º) Consciência de classe

Aliado a compreensão do contexto em prol de uma transformação, vem a ser essencial um processo de busca constante por um maior aprofundamento nas crenças e atitudes de professores perante sua classe social, suas condições econômicas, a percepção do papel dos professores no sistema produtivo, em suma, um aprofundamento quanto aos interesses e à estrutura de sua classe, elementos constituintes de sua categoria profissional, os quais vamos abordar nessa categoria.

3.2.1. Identidade docente

A maioria dos professores participantes nesta pesquisa escolheu a profissão de professor de EF pelo contato com o esporte desde a infância, por terem sido atletas e/ou por influência de seus professores ao longo de sua formação. Somente um professor comentou que foi pelo vasto leque de possibilidades de atuação que a profissão de professor de EF possui.

Com relação a formação inicial dos professores, segue alguns depoimentos:

“Ah, hoje, depois de muitos anos, a gente vê que, éé, falta muita coisa, mas também a sociedade vai mudando né. Eu tive uma boa formação né, uma base, mas né, o currículo foi mudando né, hoje a gente tem a BNCC, então a minha formação não tem muita coisa né que hoje a gente precisa pra trabalhar em sala de aula, bom, eu não vi muita coisa, mas aí cabe ao professor tá buscando alguma coisa extra pra tampar essas lacunas né, preencher essas lacunas.” (Professora Ana).

“[...] faltou, mas eu acho que eu fui bem assessorada dentro da faculdade em relação ao começo né, ao básico né. Lógico que se você quiser se especializar você tem que ir atrás, mas eu não posso reclamar não, porque eu acho que pro embasamento ali inicial eu tive uma boa formação.” (Professora Mara).

“[...] acho que a gente não teve muitos professores bons que falassem assim, olha, quando você for dar aula você vai, não existe receita pra você aplicar e você vai aprender diariamente porque cada aula é uma aula, e ao mesmo tempo que você ensina você também aprende né. Mas eu acho que no meio de tudo isso, éé, eu tive bastante base, muita base assim, de conteúdos né, e professores bons ligados à educação física escolar né, em específico. Então, eu acho que eu tive bastante base sim pra atuar.” (Professora Frida).

“O que que eu senti dificuldade, quando eu cheguei na rede, eu senti dificuldade, assim, de uma distância muito grande entre o que passava na faculdade [...] e o que tem efetivamente na rede, então, assim, a questão prática da rede, eu senti dificuldade, [...] a gente chega crua, éé a questão assim de prática mesmo, de preencher um diário de classe sabe, de, e isso eu acho que, aí eu fiquei perdidinha assim, aí eu falo que a faculdade não me ajudou, me ajudou assim no sentido de eu criar alguns conhecimentos, algumas relações que eu pudesse procurar ajuda né, isso sim, mas efetivamente aquele trabalho burocrático ali, que tem muito dentro da escola, isso não me ajudou não, só as relações de contato né que você acaba tendo, de conhecimento né, aí você vai buscando.” (Professora Marisa).

“Olha, por um certo tempo sim, no primeiro ano, mas depois eu vi que eu vi que eu tinha que buscar mais sabe, um maior conhecimento, porque, tipo, as coisas vão evoluindo e você tem que correr atrás dessa evolução entendeu, você não pode ficar sempre no mesmo, você tem que correr atrás, buscar novos conhecimentos, novas coisas, porque na nossa área, que é a área de esporte, sempre tem alguma coisa nova, sempre tem uma evolução, sempre tem novos âmbitos a serem conquistados tipo, éé, novas características do esporte, então você sempre tem que ir buscando mais. Então, como eu disse, na primeira parte, no primeiro ano sim, mas depois eu tive que buscar novas, novos conhecimentos, novas diretrizes.” (Professor Francisco).

Falando ainda sobre a formação inicial dos professores, podemos observar no depoimento da Professora Regina essa transição de uma formação impregnada por princípios militaristas e práticos para uma formação mais crítica:

“Na época sim! Na época, com certeza né, a gente vivia um momento mais tradicional e pra gente né tudo que a gente tava aprendendo na faculdade era novo né, então na época sim. Hoje eu vejo uma grande diferença né que, meu, eu aprendi a marchar rsrs, a marchar rs. [...] Foi licenciatura plena, eu aprendi a marchar então hoje não tem significado nenhum, só mesmo pra gente avaliar, analisar o contexto do que era antes e hoje né, mas tive bons professores em termos de fundamentos né, acho que se eu fosse uma profissional na área de esporte, treinamento, eu seria uma grande profissional, mas não era esse, não foi esse o caminho que eu percorri, então, na escola, fez muita falta né, assim, principalmente no contexto da cultura né, no contexto cultural, nas atividades tanto físicas como na proposta cultural mesmo, acho que ficou bem distante da realidade escolar, mas em termos né do esporte o que a gente aprendeu na época supria né e pra época também supria né. Hoje já tá bem, eu tive que fazer bastante formação, buscar outras coisas.” (Professora Regina).

Podemos verificar com base nos estudos bibliográficos realizados e nos depoimentos colhidos dos professores que a formação inicial realmente deve ser encarada como uma base, ela não é suficiente para formar o professor, pois essa busca pela formação do professor é contínua e segue ao longo de toda sua carreira. Cursamos a formação inicial em diferentes épocas históricas e essas formações são oferecidas para atender as necessidades de suas épocas, assim, as formações iniciais vivem uma constante mutação. Nesse caminhar de pensamento, vão surgindo em nossa sociedade diferentes professores, ou seja, cada professor vai se apropriando de uma identidade profissional que leva em consideração toda a sua bagagem de vida, onde vamos retornar com essas considerações mais adiante.

A transição de estudante para virar profissional foi muito difícil para todos os professores participantes desta pesquisa, onde a palavra “choque” se destaca. Nos depoimentos verificamos que há sempre um choque de realidade, a formação inicial te dá uma base, mas como cada realidade tem suas especificidades, suas características específicas, cabe ao professor experimentar essa realidade para então utilizar a base de sua formação inicial para atuar nesse diferenciado contexto em que se deparou no seu ambiente de trabalho, e podemos afirmar

que os professores passam por inúmeros contextos e realidades quando trabalham em variadas escolas e, ao longo de sua atuação profissional, vão verificando as necessidades, refletindo sobre o que é possível e o que é preciso ser feito e assim por diante.

“[...] eu chorei bastante, a gente dava aula, quando a gente entra, entra com aulas super picadas né, não é tudo no mesmo lugar, então eu saía tipo dava duas, três aulas das sete às dez da manhã, de repente eu tinha que sair correndo, e juro, eu atravessava a cidade, ia pro outro lado da cidade pra dar mais duas aulas e assim ia né, era tudo muito picado, e aí que eu tive muito contato com a vulnerabilidade social né, de ver crianças, alunos éé passando droga na frente da escola, crianças chegando chorando, nossa, [...] é esse choque de realidade que a gente teve, sem material, estrutura, conhecer os colegas, saber quem é quem né e compreender assim o sentar na sala dos professores era bastante complicado, sempre o pessoal brigando ou falando muita coisa sobre a realidade da própria escola, dos alunos, enfim, era um ambiente muito carregado, e a gente vai aprendendo a lidar né, aos pouquinhos a gente vai filtrando o que realmente é e o que não é da escola e vai levando, mas no início foi, foram assim três meses, igual eu falo das crianças, não tem três meses de adaptação pras crianças que estão chegando na escola? Eu passei pelos três meses de adaptação também rs.” (Professora Regina).

“[...] então a gente tinha que se virar. Eu lembro, foi bem traumático assim, eu planejava aula e aí chegava no final do dia e falava ah, eu não vou conseguir, nada acontece do jeito que eu queria, assim, foi meio frustrante, mas com o tempo a gente vai né tendo jogo de cintura, vai avaliando e conseguindo planejar outras coisas.” (Professora Ana).

“Então, talvez até vai soar como contraditório né, mas mesmo com uma boa formação né, professores né que tinham uma boa base acadêmica, éé, ainda não foi o suficiente né pra gente entrar sabendo de tudo o que tinha que ser feito na escola né, no ambiente escolar, nas primeiras aulas, enfim, éé, então é um choque né, a realidade, o contexto educacional é um choque, o desestímulo dos alunos né, o espaço físico, o material que não existe né, muitas vezes você tem que tirar do próprio bolso, éé, algumas vezes, a gestão escolar, ela acaba interferindo de forma negativa na sua atuação também, isso a formação inicial não te prepara pra esses confrontos né, isso aí é só a partir da prática mesmo, da vivência, e, nesse primeiro momento, que é o que você perguntou né, aí depois, já com um pouquinho mais de experiência, você começa a utilizar um pouquinho mais do que você viu na teoria né, na formação inicial né, pra melhorar a sua prática, mas isso já com um amadurecimento né, no início é muito difícil né e eu penso que eu tenho alguns colegas que desistiram justamente porque talvez não conseguiu se adaptar ou não conseguiram superar essa primeira fase aí de adaptação.” (Professor Artur).

Em alguns depoimentos podemos verificar formas de superação dos professores perante essa difícil situação de transição, como continuar com a vida de estudante mesmo já atuando profissionalmente, observação e espelhamento em práticas pedagógicas de outros professores, refletindo sobre sua própria prática e a ressignificando:

“Foi um choque, um choque, nossa, [...] E logo que eu saí eu já quis fazer uma especialização porque eu achava que eu tava perdida, sabe! Mas, é mais essa gana mesmo de, podia ter ficado mais uns cinco anos aí batalhando pra depois fazer uma pós, eu já saí e já fui fazer uma pós porque eu já tava, meio, achando que eu tava fazendo errado né.” (Professora Frida).

“A minha sorte é que eu fazia parte de uma equipe que tinham professores mais velhos, e eu consegui né, vendo eles, eu consegui ver a coisa flui né, isso, porque senão seria um baque né, maior do que já foi, porque eu vejo que não dá o amparo que a gente precisa assim né, a formação né, a parte literária, a parte teórica é fantástica, você pode fazer todas as leituras possíveis, te apresentam, te dão, te fomentam com isso, mas a parte prática, os estágios são poucos né, são poucos e não condiz com a realidade que você vai depois enfrentar, né?” (Professor Cabral).

“E aí você acha que você chega na escola, você acha que você vai é resolver o problema do mundo né, quem acaba de se formar tem aquele monte de ideal na cabeça, e não é bem assim, então no meu primeiro ano eu quase exonerei, quase exonerei, então foi bem complicado, aí eu pensei assim comigo, bom, ou eu vou mudar as coisas pela revolução de chegar na escola e colocar tudo pra baixo e tentar mudar na briga ali e aí o meu desgaste ia ser muito grande, e por isso que eu quase exonerei, ou eu vou comendo pelas beiradas devagarzinho, devagarzinho, e aí vou conquistando o meu espaço e fazendo o que eu consigo, o que eu acho que é certo fazer na escola, e aí eu fiz isso. Então essa minha transição, no primeiro ano eu quase exonerei por conta disso, por esse embate do que eu queria fazer e qual era a cultura da minha escola, como que eram as aulas de educação física na minha escola, então aí foi complicado. Agora eu percebo que, [...] depois de um tempo eu acho que a gente perde um pouco aquela vibração, sabe aquela coisa de fazer diferente, não sei se você acaba se acostumando com o sistema, não sei, mas você acaba, não que eu chegue na escola e largue a bola pros alunos, não era isso, mas tem hora que você fala assim, caramba, porque que eu fico brigando com eles, que saco sabe, pô, então eu acabo fazendo alguns contratos com os alunos, acabava fazendo alguns contratos com os alunos que eu percebia que era assim, que no começo da carreira eu não faria, entendeu, você acaba fazendo, se moldando ali, não que você seja corrompida, não é isso, mas você acaba se moldando de acordo com a sua realidade. Então, essa transição aí, quando eu cheguei na escola, foi bem tenso!” (Professora Marisa).

O Professor Paulo relatou sobre o desafio de lidar com alguns protocolos burocráticos na carreira docente:

“A faculdade, por exemplo, tem algumas coisas que no meu modo de ver, não sei como que está hoje, mas por exemplo, eu nunca tinha visto um diário na vida na faculdade, mas falei, o que que é isso aqui? Por que que eu tenho que preencher isso? Então faltou isso na faculdade, tem esses documentos obrigatórios aqui, tem uma legislação que um professor tem que seguir né, como que eu faço pra terminar aqui? Onde que eu vou? Vou na escola e falo o quê? Ô, quero abrir uma portaria né! Então faltou isso, nessa parte do trabalho em si na faculdade eu acho que faltou pra gente, a gente teve que aprender na raça rs, mas nada que não possa ser corrigido e é algo simples também, só que é simples pra nós que já vivenciamos, pro cara que tá terminando não.” (Professor Paulo).

O Professor Paulo também seguiu com dicas de procedimentos pedagógicos no início da atuação profissional:

“E aí quando você chega na escola, graças à Deus eu fui muito bem recebido né, e peguei uma coordenadora na época lá que olha, faz assim, faz desse jeito, seja firme nesse momento, nunca, ela falou uma coisa pra mim que eu não esqueço, nunca entre na sala de mão vazia porque o aluno vai ver você de mão vazia, é uma coisa psicológica, ele vai falar, esse cara não tem nada pra me ensinar! Olha que coisa interessante né, você tem que chegar com o material porque o aluno vai pensar, esse cara vai passar alguma coisa pra mim rs né, e isso não pode gerar, mesmo que não passe nada de parte teórica, mas você tem que chegar com material na mão, então, são detalhes que a gente aprende pela vivência e eu tive uma coordenadora que já chegou falando, olha, nunca entre numa sala de mão vazia, senão o cara vai pensar

o quê? Você não tem nada pra passar, então o senhor não vai dar nada; É uma coisa engraçada, mas funciona né.” (Professor Paulo).

Quando indagados sobre quais são os fatores que mais contribuem para a formação do ser docente, os professores participantes citaram que a troca de experiências entre os professores foi essencial e que a busca constante por conhecimentos, ou seja, sempre estar estudando é uma parte predominante dessa formação. A Professora Regina comentou que essa formação *“é um processo”*, e mais adiante diz: *“então eu acho que é tudo, tantas formações, a formação inicial como as formações que eu fui tendo e as experiências do dia-a-dia, as experiências práticas, bem, foram se somando aí pra o que eu sou hoje né. Eu acho que é tudo junto”*. A Professora Mara explica que *“você vai se reinventando, você vai se redescobrando, você vai buscando ferramentas pra tentar atingir ou conseguir o seu objetivo, [...] então eu acho que é uma continuidade, eu acho que todo dia a gente tem que tá aberto à aprender”*. Podemos destacar também o importante alerta dado pela Professora Marisa:

“Eu acho que não tem uma coisa que mais contribuiu, eu acho que tem a questão de experiência de vida, a questão da formação na Universidade e a questão da minha atuação na escola, da minha prática na escola. Então, eu acho que isso tudo forma [...] um bolo que acaba crescendo e contribuindo pra profissional que eu sou hoje, com meus erros e com meus acertos, então eu acho não tem uma coisa só, junta tudo. E a experiência profissional, a prática em si, é extremamente importante só que se a gente não tomar conta, não prestar atenção, a gente acaba fazendo a prática pela prática, você acaba sendo, você não pode esquecer da teoria ali, que é tão importante aquele embasamento né, e a gente tem que tomar cuidado porque na escola é muito fácil a gente fazer a prática pela prática, ficar reproduzindo ali sem pensar sobre isso, porque a rotina escolar é tão, é tão puxada, cada cinquenta minutos você tem que trocar e aí mais trinta alunos e aí, então você acaba virando um robzinho, então isso a gente tem que tomar muito cuidado, e aí quando a gente retorna pra teoria que a gente fala opa, peraí né, preciso melhorar nisso, isso aqui tá legal, isso aqui não tá legal. Então eu acho que não tem uma coisa só, eu acho que junta tudo. Mas assim, se eu tivesse a prática que eu tenho hoje lá no começo da minha carreira, eu teria sofrido muito menos, muito menos.” (Professora Marisa).

Podemos verificar também com o depoimento da Professora Andreia onde ela explica que *“essa questão aí de tentar sempre melhorar né, de você ver aí, ah, peraí, isso que eu tô fazendo não tá dando certo, como eu posso melhorar, o que que eu posso fazer pra trazer o meu aluno pra mais próximo?”*, a importância da interrogação constante dos professores perante os desafios e dilemas do cotidiano, como também isso fica claro no depoimento do Professor Paulo:

“[...] eu acho que são momentos, toda a nossa história, toda a nossa experiência né, as coisas que a gente viveu como aluno, quando que eu era aluno o que que eu não gostava que eu não quero fazer pro meu aluno, o que que eu não gostava mas foi necessário e me auxiliou né, essa multidisciplinaridade que existe hoje, [...] o conhecimento, ele é uma coisa só.” (Professor Paulo).

Essa constante busca por respostas nos faz sempre caminhar, como aponta o Professor Francisco: “[...] *você precisa evoluir, querendo ou não os professores sempre têm que ir buscando mais né, sempre em busca da evolução, nunca estagnar, [...]* ”.

É importante destacar os estudos de Freire e Shor (2001, p. 212), “o professor aprendeu a ler a realidade, mudando sua prática através daquilo que aprendeu na prática. Isso também mostrava como o educador não separou a pesquisa do ensino”.

Retornando à temática sobre as contribuições da bagagem de toda a vida, os professores participantes desta pesquisa atribuem o seu aprendizado em ser professor a toda sua experiência de vida. Também, nos seus depoimentos, os professores destacam alguns aspectos essenciais que permeiam esse contexto de aprendizado, como a constante pesquisa, a valorização da prática docente, a troca de experiências e a motivação:

“À formação, às minhas experiências de vida, a formação inicial, a formação continuada e o chão da escola que é o essencial, é onde se concreta, concretiza tudo isso né, porque você não vem com tudo isso formado, você vem com tudo isso, porém, o aluno traz a bagagem dele, a sala tem uma característica diferenciada, então eu vejo tudo num contínuo né, eu não consigo colocar coisas, assim, tipo, por o peso só em uma coisa sabe. Eu acho que o processo se dá aí, no chão da escola com todas essas características né.” (Professora Frida).

“Ah, é uma vivência né, uma vivência de ir pra faculdade, uma vivência da sala de aula, uma vivência com os colegas, porque, assim, conversando com outros professores a gente aprende muito também né, aprende a não ser igual e aprende a ser igual e melhor né, então eu acho que é tudo isso, essa, essa, são vários pedacinhos do bolo aí que contribui pra isso.” (Professora Marisa).

“Ah, éé, sempre buscar algo novo, éé, nunca deixar na mesma, sempre deixar na mesma, sempre estar sempre motivado, sabe, sempre estimular, sempre estar motivado, estimular tanto eu quanto o aluno, sabe, estimular a motivação, eu acho muito importante, hoje, no aspecto do professor, a motivação seria a palavra mais correta.” (Professor Francisco).

Também, citando o grande exemplo de Paulo Freire, nossa inspiração, o Professor Cabral apontou: “*Eu acho que é, vou usar uma palavra do Paulo Freire então, inquietação, curiosidade, eu acho que isso é importante, tem que ser curioso, tem que né, ser um grande pesquisador, constante pesquisador*”.

Quando dialogamos sobre acontecimentos marcantes ao longo da carreira, as participações em eventos, como por exemplo os jogos escolares, ou trabalhar no coletivo com projetos, foram experiências gratificantes apontadas pelos professores. Também foram citados os momentos em que os estudantes conseguem realizar atividades/movimentos propostos nas aulas e agradecem pelo aprendizado. Podemos perceber que quando os professores relatam suas lembranças preferidas, elas estão envoltas no contexto da prática, assim, podemos afirmar que

são nas práticas que os professores se reconhecem como sujeitos e reconstróem sua identidade, se reconhecem no seu saber-fazer educação no seu cotidiano.

Pensando em uma constituição de uma identidade coletiva docente, nos primórdios desta pesquisa, a minha ideia enquanto pesquisadora era conseguir vincular a imagem do professor a imagem de um herói, mas confesso que ao longo da interação com os professores participantes e no aprofundamento da bibliografia essa intenção mudou de direção. Nas conversas com meus companheiros professores de EF há divergências sobre o título de herói ser atribuído ao professor.

O Professor Francisco relata que *“muito aluno tem muita referência no professor, então é título sim”*. Outros professores também coadunam dessa ideia:

“[...] se a gente passa alegria pros alunos né, a nossa disciplina principalmente, que a gente é esperado né e dependendo de como a gente conduz, o negócio fica bem atrativo né, então, é um momento que eles querem né, que a gente escuta, aí, ninguém falta no dia da educação física né, então, eu acho que cabe né esse título sim. [...] o que a gente consegue fazer nas condições que a gente tem é coisa de herói sim.” (Professora Ana).

“Eu sempre falo né que professor é herói mesmo porque ele combate tantas coisas dentro da escola né, [...] Mas eu acho, assim, que o professor, ele é porque ele mata um leão todo dia né, ele, muitas vezes, ele monta sua aula, chega lá, aconteceu alguma coisa, que nem agora, online, você chega lá, cadê, caiu a internet, aí, não deu, o notebook não tá aparecendo a câmera, é isso e aquilo, e a gente tem que se virar nos trinta, a gente tem que, é, sempre ter uma carta na manga né, sempre ter um coringa, então eu acho que a gente, às vezes, passa sim do profissional né, até pra ser aí um herói, e se virar nos trinta pra conseguir fazer o seu melhor né, dar o seu melhor pro seu aluno né. Eu acho que a gente sempre procura mais, agora, eu assim, eu brinco com meus alunos, que eu falo, olha gente, eu não sou exemplo pra ninguém, eu falei assim, às vezes eles perguntam as coisas e eu falo, olha, eu tô falando o que aconteceu na minha vida, mas não sou exemplo pra ninguém não, cada um é cada um, mas eu acho que a gente tem que dar o seu melhor. Então, assim, se tentar dar o seu melhor, realizar um bom trabalho, é o que eu sempre penso todo dia, que eu preciso realizar um bom trabalho, [...] então, se dar o seu melhor é ser, é você ganhar esse título de herói né, é você sempre buscar melhorar, então, vou atribuir esse título também pra mim rs.” (Professora Mara).

Entretanto, outros professores são contrários à essa atribuição, como explica a Professora Regina: *“eu acho que a gente não é herói, a gente só tá tentando fazer um trabalho sem grandes estruturas, [...] a gente não é herói, a gente só quer ser, a gente só tá fazendo o nosso papel social dentro da escola e a gente só quer ser reconhecido por isso né, [...]”*, e também demais professores fazem suas colocações:

“[...] é uma colocação social que se colocou pro professor, e que é trocentos antiga né, é assim em outra época, em outra situação, e professor não é herói, não salva ninguém, tipo, herói é só em quadrinhos lá pra você divertir, ler, lazer, agora, na sociedade não existe herói né. Infelizmente, no Brasil tem essa de que tem que ter um herói, uma pessoa que vai salvar o mundo né, vem até do cristianismo isso, mas não

vejo a gente como um herói de jeito nenhum e nem gostaria que os outros também falassem isso pra gente, sabe.” (Professora Frida).

“Olha, se a gente for pensar né no herói na imagem figurada do herói que se coloca como super mulher, mulher maravilha, na na nam, na na nam, eu vejo que o professor em si, se a gente for pensar no sentido figurado do herói, por tudo que ele passa no dia-a-dia dele, ele seria um herói e de permanecer né na educação, que muitos, às vezes, não permanece né, não consegue, não aguenta muitas realidades de escolas que vive e exonera mesmo, não consegue seguir em frente, fala que educação nunca mais, não quer, nem pensar! Então, eu vejo que o professor, ele é herói, por aguentar tudo isso entendeu, só que fala assim, ah, o professor é um herói? Não, eu vejo que ele é, por todas essas situações, por tudo que se passa, mas, a gente, o que eu vejo que a gente teria que ser, é um agente de transformação né, de tentar transformar a realidade em que a gente tá tudo, então, eu penso que eu me vejo mais como assim aquela pessoa que tenta transformar, tenta melhorar a realidade em que você está inserida, a realidade escolar sua.” (Professora Andreia).

Já os professores Paulo e Artur apontaram outras visões complementares perante essa da imagem do herói:

“O quê que é um herói? Um herói é aquele que salva as pessoas? Mas salva do quê? Salva da ignorância? Se for desse jeito assim, talvez nós sejamos herói todo dia né, mas, é, é um herói porque ele faz acontecer? E você tem que fazer acontecer, eu não posso aceitar que um aluno entre na escola e ele saia igual todo dia né, repetidinho, a música do Pink Floyd lá, The wall né, ele tem que sair diferente, ele tem que entrar, ele tem que aprender uma coisa nova hoje, ele precisa ver uma coisa nova, ele precisa de algo que faça a diferença. Então, nós temos que ser heróis nesse sentido aí, de trazer algo novo, e não é fácil, porque, assim, você dar uma aula que prenda o aluno todo dia, você tem que ser muito criativo e isso não é fácil, não é toda hora que você está disposto a criar, e tem coisas que são técnicas, inclusive na educação, que você tem que passar por aquilo e fazer aquilo daquele jeito né! [...] então, da parte técnica sair pra uma parte criativa, você tem que dominar isso, e isso aí não é legal, você repetir sempre, cansa, enche o saco, e você repetir de uma forma nova, cara, tem que ser um herói realmente né. Agora, não sei se o professor, ele é só um herói ou ele é um sobrevivente também dessa situação toda que existe né, ah, você é um herói? Não sei, acho que sou um sobrevivente rs, certo! Você não tinha que botar essa pergunta aí não rs porque o cara também é um sobrevivente, pô, você já imaginou o cara que trabalha, com o nosso salário, lá na capital que o custo de vida é maior? Eu falei, gente, que loucura né! [...] e quando ele é apaixonado, essa dimensão do heroísmo, parece que ela aumenta, eu não sou mais um sobrevivente, eu sou um herói porque as coisas que eu faço, que a coisa aconteça né, é, mas eu não, eu acho que é uma missão que a gente tem que cumprir, eu escolhi essa profissão, eu tô nela, gosto dela, tem seus altos e baixos, tem seus problemas sim, mas eu sou feliz trabalhando como professor, [...] Então, essa questão do herói aí, acho que nós temos momentos de heróis e momentos de sobreviventes viu rs.” (Professor Paulo).

“Não sei sinceramente te responder se a gente é um herói ou não. Já tem, a maioria dos meus colegas, vou citar exemplos né, já a maioria dos meus colegas, eu também em algumas situações já tive que comprar material usando dinheiro próprio entendeu, já tive que levar aluno machucado né de repente na minha aula no meu carro pro hospital entendeu e tudo o mais, já tive que intervir em situações pessoais dos alunos quando estavam assim chorando, quando estavam assim, você via que a coisa tava muito feia mesmo sabe, às vezes aluno se cortando né, alguma coisa assim, falando de suicídio, enfim, teve que sim intervir, já tive que intervir muitas vezes pra proteger ou pra defender aluno diante de situações de injustiça né que a própria gestão tava cometendo desse aluno né que não conhece o contexto, a realidade desse aluno, enfim, e acaba julgando, enfim, não sei se isso, é, a relação específico à pandemia né, a gente trabalhar de casa, tive que comprar uma impressora pra imprimir relatório, essas coisas, tive que melhorar o pacote de internet com recurso

próprio né, enfim, sem contar a energia e tudo o mais que você gasta, manutenção do computador, enfim, tive que, a gente teve que correr atrás, quando eu falo eu tive é o coletivo né, todos os professores, teve que correr atrás de uma formação mínima, aprender a mexer no WhatsApp Business, aprender a usar Meet, Zoom, enfim, por conta própria né, principalmente no início, enfim, não sei se essas prerrogativas aí que eu falei nos torna heróis né. [...] É herói injustiçado né. Tem alguns heróis aí que o cara faz, faz, o homem aranha né, um exemplo né, de vez em quando a sociedade tá contra ele né, ou alguns heróis que acabam destruindo algumas coisas durante as lutas e o pessoal fica contra, eu acho que o professor é tipo assim né, a gente destrói, a gente, com a nossa prática, a gente acaba destruindo práticas que, condicionadas né, práticas sociais condicionadas, a gente tenta mudar a situação vigente e, às vezes, a gente acaba sendo julgado por isso.” (Professor Artur).

Como a atribuição da imagem de herói ao professor é contraditória entre os professores, vamos nos aprofundar na bibliografia consultada para fins de conclusão desse tema. Para Feijó (1984), o mito é a representação coletiva das crenças de um povo, sendo assim, pode ser considerado a “verdade” desse povo. O surgimento da personagem herói se deu com o mito, e ele tem semelhanças encontradas em variados povos, diferentes culturas e épocas. O autor explica que “a criação e a sobrevivência do mito é obra do inconsciente que se torna parte da vida cultural de um povo” (p. 20), e ele ainda complementa que “eles adquirem uma forma que passa a ser assumida por toda a sociedade” (p. 21).

Com relação à caracterização da figura do herói, para Joseph Campbell (2009, p. 43-44), “a coragem de enfrentar julgamentos e trazer todo um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência interpretável, para serem experimentadas por outras pessoas – é essa a façanha do herói”. Também, o autor comenta que “o herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo” (CAMPBELL, 2009, p. 131). Sobre seus feitos, suas ações, realizações, Campbell (2009) explica que:

[...] há dois tipos de proeza. Uma é a proeza física, em que o herói pratica um ato de coragem, durante a batalha, ou salva uma vida. O outro tipo é a proeza espiritual, na qual o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem (CAMPBELL, 2009, p. 131).

O autor ainda complementa que:

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno (CAMPBELL, 2009, p. 131-132).

Campbell (2000) nos mostra que existem mais semelhanças do que diferenças nas diversas mitologias espalhadas mundialmente em diferentes culturas e períodos históricos. Referente à jornada do herói, o núcleo dessa estrutura, conhecido como monomito, se baseia

em Separação-Iniciação-Retorno, o percurso vivenciado pelo herói. A cada item deriva-se subseções, as quais encontramos em Campbell (2000):

A PARTIDA: - O chamado da aventura: É o primeiro estágio da jornada, onde o herói é convocado para a aventura/jornada. “Daí por diante, mesmo que o herói retorne, por algum tempo, às suas ocupações corriqueiras, é possível que estas se lhe afigurem sem propósito. [...] a convocação já não possa ser recusada” (CAMPBELL, 2000, p. 64).

- A recusa do chamado: Pode acontecer de haver a recusa do chamado pelo herói por razões que se relacionam à negativa de abrir mão de si em prol de um bem maior, que vai beneficiar toda a sociedade, “[...] o triste caso do chamado que não obtém resposta; pois sempre é possível desviar a atenção para outros interesses” (CAMPBELL, 2000, p. 66), ainda, “[...] se a personalidade for capaz de absorver e integrar as novas forças, experimentará um grau quase sobre-humano de autoconsciência e de autocontrole superiores” (CAMPBELL, 2000, p. 71).

- O auxílio sobrenatural: É um contato com uma figura protetora que vem a contribuir/favorecer ao herói, “[...] fornecer os amuletos e o conselho de que o herói precisará” (CAMPBELL, 2000, p. 77).

- A passagem pelo primeiro limiar: O herói se depara com um obstáculo no caminho de sua aventura, em direção a uma nova região da experiência, onde “esses demônios – a um só tempo perigosos e distribuidores de poder mágico – devem ser encontrados por todo herói que arriscar um único passo fora dos muros da tradição” (CAMPBELL, 2000, p. 86).

- O ventre da baleia: O passo seguinte ao fazer a travessia, o herói é lançado ao desconhecido, onde “tudo o que tem a fazer é morrer espiritualmente e renascer para um modo de vida mais aberto” (CAMPBELL, 2009, p. 119).

A INICIAÇÃO: - O caminho das provas: A primeira etapa do segundo ciclo, onde o herói percorre um caminho de provas, enfrenta provas e perigos que colocarão em xeque suas habilidades. Derrotas do herói são comuns, mas o que o diferencia dos humanos “normais” é sua capacidade de superação, de reerguer-se.

Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e provações miraculosos. O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana (CAMPBELL, 2000, p. 102).

Ainda, “se você colocar as coisas em termos de intenções, as provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói” (CAMPBELL, 2009, p. 133-134).

- O encontro com a deusa: O herói poderá conquistar algumas recompensas ao longo de sua trajetória.

O encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor (caridade: amor fati), que é a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade (CAMPBELL, 2000, p. 119).

- A mulher como tentação: O herói pode passar por crises de percepção.

Não obstante, todo fracasso em lidar com uma situação da vida deve traduzir-se, no final, como restrição à consciência. As guerras e as explosões emocionais são paliativos da ignorância; os arrependimentos, iluminações que vêm tarde demais. Todo o sentido do mito onipresente da passagem do herói reside no fato de servir essa passagem como padrão geral para homens e mulheres, onde quer que se encontrem ao longo da escala. Assim sendo, o mito é formulado nos mais amplos termos. Cabe ao indivíduo, tão-somente, descobrir sua própria posição com referência a essa fórmula humana geral e então deixar que ela o ajude a ultrapassar as barreiras que lhe restringem os movimentos. Quem são e onde se encontram os ogros? São reflexos dos enigmas não resolvidos de sua própria humanidade. O que são seus ideais? São os sintomas do modo como ele percebe a vida (CAMPBELL, 2000, p. 121).

- A sintonia com o pai: É uma segunda forma de realização do herói, uma reconciliação com algo.

É essa a provação a partir da qual o herói deve derivar esperança e garantia da figura masculina do auxiliar, por intermédio de cuja magia (amuletos de pólen ou poder de intercessão) ele é protegido ao longo de todas as assustadoras experiências da iniciação, fragilizadora do ego, do pai. Pois, se for impossível confiar na terrível face do pai, nossa fé deve concentrar-se em algum outro lugar (Mulher-Aranha, Mãe Abençoada); e, com essa confiança necessária ao apoio, suportamos a crise – apenas para descobrir, no final de tudo, que o pai e a mãe se refletem um ao outro e são, em essência, a mesma coisa (CAMPBELL, 2000, p. 128).

Campbell (2000, p. 142) ainda complementa:

O problema do herói consiste em penetrar em si mesmo (e, por conseguinte, penetrar no seu mundo) precisamente através desse ponto, em abalar e aniquilar esse nó essencial de sua limitada existência. O problema do herói que vai ao encontro do pai consiste em abrir sua alma além do terror, num grau que o torne pronto a compreender de que forma as repugnantes e insanas tragédias desse vasto e implacável cosmo são completamente validadas na majestade do Ser. O herói transcende a vida, com sua mancha negra peculiar e, por um momento, ascende a um vislumbre da fonte. Ele contempla a face do pai e compreende. E, assim, os dois entram em sintonia (CAMPBELL, 2000, p. 142).

- A apoteose: A consciência de que o que o herói busca em sua jornada está dentro dele mesmo.

Eis o sentido do primeiro prodígio do Bodisatva: o caráter andrógino da presença. A partir daí, as duas aventuras mitológicas aparentemente opostas entre si se reúnem: o Encontro com a Deusa e a Sintonia com o Pai. Pois, na primeira, o iniciado aprende que macho e fêmea são (nas palavras do Brihadaranyaka Upanishad) “duas metades de uma ervilha partida”; ao passo que, na segunda, descobre que o Pai antecede à divisão dos sexos: o pronome “Ele” era um modo de dizer, o mito da Filiação, uma linha orientadora a ser apagada. E, em ambos os casos, descobre-se (ou melhor, recorda-se) que o próprio herói é aquele que o herói veio encontrar (CAMPBELL, 2000, p. 154).

- A bênção última: A grande vitória enfim chega, o herói recebe as bênçãos.

A bênção concedida ao fiel sempre segue a própria estatura deste, assim como a natureza do desejo que o domina: a bênção é tão-somente um símbolo da energia da vida adaptado às exigências de um caso específico. A ironia, é verdade, reside no fato de que, embora o herói que obteve o favor do deus possa pedir a bênção da perfeita iluminação, é comum vê-lo pedir mais anos de vida, armas com as quais possa matar seu próximo ou saúde para os filhos (CAMPBELL, 2000, p. 177).

O RETORNO: - A recusa do retorno: Da mesma forma da recusa do chamado, pode ocorrer uma hesitação, uma insegurança, por parte do herói para seu retorno, pois agora ele traz a bagagem da responsabilidade de disseminar o que aprendeu/ganhou em sua jornada.

Terminada a busca do herói, por meio da penetração da fonte, ou por intermédio da graça de alguma personificação masculina ou feminina, humana ou animal, o aventureiro deve ainda retornar com o seu troféu transmutador da vida. O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, o Velocino de Ouro, ou a princesa adormecida, de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos (CAMPBELL, 2000, p. 195).

- A fuga mágica: O herói pode ter que lidar com diversos entraves colocados em seu caminho para dificultar/impedir seu retorno, onde “uma variedade popular da fuga mágica é aquela na qual são deixados objetos no caminho para falarem pelo fugitivo e retardarem a perseguição” (CAMPBELL, 2000, p. 200). “Outra variedade bem conhecida de fuga mágica é aquela em que um número de objetos retardadores são espalhados no caminho pelo herói, em sua desesperada fuga” (CAMPBELL, 2000, p. 200). “No entanto, se o monomito deve cumprir sua promessa, não é o fracasso humano, nem o sucesso sobrehumano, mas o sucesso humano, o que nos deve ser mostrado. Eis o problema da crise do limiar do retorno” (CAMPBELL, 2000, p. 205-206).

- O resgate com auxílio externo: É possível que o herói receba uma assistência externa. “O herói pode ser resgatado de sua aventura sobrenatural por meio da assistência externa. Isto é, o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo” (CAMPBELL, 2000, p. 206).

- A passagem pelo limiar do retorno: Representa a crise final da jornada, o herói precisa encontrar uma maneira para transmitir aos outros a dádiva de sua aventura, onde “sempre deve restar, do ponto de vista da consciência vígil normal, uma certa inconsistência enigmática entre a sabedoria trazida das profundezas e a prudência que costuma ser eficaz no mundo da luz”

(CAMPBELL, 2000, p. 213). Assim, caracterizamos a tarefa mais difícil do herói: “Como ensinar de novo, contudo, o que havia sido ensinado corretamente e aprendido de modo errôneo um milhão de vezes, ao longo dos milênios da mansa loucura da humanidade?” (CAMPBELL, 2000, p. 215).

Campbell (2009, p. 137) ainda complementa:

Você deixa o mundo onde está e se encaminha na direção de algo mais profundo, mais distante ou mais alto. Então atinge aquilo que faltava à sua consciência, no mundo anteriormente habitado. Aí surge o problema: permanecer ali, deixando o mundo ruir, ou retornar com a dádiva, tentando manter-se fiel a ela, ao mesmo tempo em que reingressa no seu mundo social. Não é uma tarefa das mais fáceis.

- Senhor dos dois mundos: Essa etapa caracteriza a habilidade adquirida pelo herói em sua jornada de transitar pelos dois mundos, o divino e o humano.

A liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo causal e vice-versa – que não contamina os princípios de uma com os da outra e, no entanto, permite à mente o conhecimento de uma delas em virtude do conhecimento da outra – é o talento do mestre. O Dançarino Cósmico, declara Nietzsche, não se mantém pesadamente no mesmo lugar; mas, com alegria e leveza, gira e muda de posição. É possível falar apenas de um ponto por vez, mas isso não invalida o que se percebe nos demais (CAMPBELL, 2000, p. 225).

- Liberdade para viver: Chegamos na última etapa da jornada do herói, o aproveitamento da condição existencial adquirida.

É importante frisar que esse modelo de Campbell (2000) não é de forma alguma um modelo sequencial, fechado, imutável, podendo ser detectadas as diferentes fases da jornada do herói em sequências diferenciadas, ou até mesmo não estando todas presentes em determinado estudo de determinado personagem, havendo uma certa mobilidade e flexibilidade nessa jornada considerada universal, mas que pode ser observada por diferentes ângulos, diferenciadas formas.

Diferente do herói das culturas arcaicas, que vivenciavam duras batalhas em prol de sobrevivência e destruição de monstros, com o passar dos anos houve uma evolução dessa figura de herói, acompanhando as transformações históricas, sociais, culturais. Encontramos em Rubio (2001, p. 105) que:

As histórias de heróis variam de cultura para cultura, e com o tempo, acompanhando a evolução – não no sentido do progresso, mas no desenrolar temporal – que caracteriza as sociedades. [...] E assim o herói ganha novas formas, novas roupagens, [...] Nessa perspectiva, admite-se então que o herói está presente em todas as mitologias, nos vários momentos históricos por que passou a humanidade, representando diversos papéis sociais.

De acordo com Feijó (1984), “a trajetória do herói atravessa o mito e entra na história” (p. 21), onde “a classe social dominante exerce o seu poder pelo controle da economia, da política e até do imaginário, através da ideologia. Nesse processo o herói torna-se figura real, palpável da História” (p. 22). Nos estudos de Feijó (1984) encontramos o desenrolar de toda essa trajetória. Nos chama a atenção sua contribuição, refletindo sobre o marxismo, onde explica que numa sociedade organizada por classes, onde a revolução derivaria de toda uma classe operária, a fim de uma transformação social, a figura do herói poderia ser ideologicamente manipulada, como por exemplo “a ideologia conservadora, interessada em mistificar a história para evitar transformações [...] e à alienação a que todos os indivíduos estão submetidos no capitalismo” (p. 37). O autor ainda traz à tona que:

A crença na capacidade do herói em fazer a história é sempre a desconfiança com relação à capacidade dos indivíduos de se organizarem para atingir seus fins. A espera do herói é sempre a espera de que “outro” faça por nós o que nos consideramos incapazes de realizar. A quem interessa isso? (FEIJÓ, 1984, p. 39).

Portanto, o autor denuncia sobre a possibilidade dessa figura, originada pela mente humana, que antes era mitológica, agora ganhar um status real e servir como um meio de manipulação da ideologia dominante.

Se referindo à indústria cultural, uma potência na nossa contemporaneidade, Feijó (1984, p. 86) explica que um produto cultural é “facilmente assimilável, mas também descartável”. O autor ainda expõe que:

Porém, pode-se acusar a Indústria Cultural de várias coisas (da manipulação das informações até o controle do imaginário), mas de uma coisa não se pode acusá-la: de incompetência. Temos muito a aprender sobre nós mesmos analisando a Indústria Cultural, pois nela se encontra a mitologia de nosso tempo, nos seus altos e baixos (FEIJÓ, 1984, p. 86-87).

Feijó (1984, p. 99) explica que:

[...] o herói é sempre um elemento da cultura, onde quer que ele se encontre, manipulado ou não, sofisticado ou mistificado, ele exerce o mesmo fascínio que o mito exerce sobre os primitivos, porque este tem a ver com esferas de nós mesmos que na maioria dos casos ainda desconhecemos. [...] O problema maior é a gente se deixar levar por uma confusão, que é a substituição de nossa capacidade real, em seus limites e possibilidades, pela espera, ou pelo consolo de um herói. [...] Assim como devo lembrar aos candidatos a herói que a primeira condição para sê-lo é fazer uma temporada no Inferno.

Segundo Rubio (2001, p. 99) “nenhum outro mito foi tão cultuado e se mantém por tanto tempo no imaginário como o do herói”. Segundo a autora, o “Herói é o nome dado por Homero aos homens que possuem coragem e méritos superiores, favoritos entre os deuses; [...]” (RUBIO, 2001, p. 99).

Pensando em como uma pessoa real pode fazer jus a esse tipo de título de herói, recorremos aos dizeres de Campbell (2009, p. 16): “Quando se torna modelo para a vida dos outros, a pessoa se move para uma esfera tal que se torna passível de ser mitologizada”. É importante frisar os estudos de Freire e Shor (2001, p. 120), “o professor é diferente não só por sua formação, mas também porque lidera um processo de transformação que não ocorreria por si só”.

Será possível transformar os professores em heróis? Será que os professores realmente querem esse título? Foi possível refletir sobre essas questões e identificar algumas respostas com base na pesquisa de campo presente nessa pesquisa. Pudemos notar as divergências nos pensamentos dos diferentes professores, onde não foi possível chegar num acordo somente com base nos depoimentos dos professores, mas foi possível direcionar as reflexões aliando os depoimentos a bibliografia consultada a fim de apoiar um pensamento freireano. Segundo Rufino (2020, p. 222):

Sem heroísmos e sem vitimismos, o professor para Freire é, acima de tudo, um profissional que atua no mundo para transformá-lo. Assim, segundo esse autor, o professor é absolutamente envolvido com seu contexto e busca por meio do diálogo a construção de uma educação como prática da liberdade. Para isso, o envolvimento com os alunos e com sua própria profissão é fundamental. Contra a neutralidade inexistente e a favor de uma práxis transformadora, compreendemos que o professor em Freire é fundamentalmente um profissional que, parafraseando Nietzsche é, sobretudo, “humano, demasiado humano”.

Nos estudos de Fabris (2001) podemos verificar a grande influência midiática na formação da identidade docente, baseada nos filmes hollywoodianos que promovem uma colonização cultural, afirmando que tanto a pedagogia como o professor são produções culturais e se constituem nas práticas sociais. A autora caracterizou um modelo chamado de “pedagogia do herói”, centrado na competitividade, luta, conquista de novos lugares, corrida pelo sucesso, conduta moral elevada, enfim, desbravam uma jornada cheia de desafios realizando atos heróicos. Na maioria das vezes, os professores heróis enfrentam o sistema, melhoram suas aulas ocupando espaços e tempos diferentes da escola, superam violências, mantêm uma estreita ligação com os estudantes, entre outras situações, o que muito nos remete à estrutura da jornada do herói de Campbell (2000). A autora finalizou indicando que precisamos prestar mais atenção nessas produções culturais que acabam embasando o imaginário social da figura do professor e também a formação docente, frisando que urgentemente necessitamos problematizar essa temática para criar outros sentidos, pois, “problematizar as marcas culturais de uma pedagogia do herói talvez nos ajude a pensar em pedagogias para esse tempo, sem garantias e sem modelos

únicos inatingíveis e ineficazes” (doc. eletrônico sem páginas). Essa presente tese de doutorado acabou trazendo contribuições para essa demanda levantada por Fabris (2001).

A jornada do herói parafraseada na temática desta presente pesquisa de doutorado seria a politização das atividades docentes, desalienando-a das práticas burocráticas e despolitizantes da estrutural neoliberal. A iniciação: formação epistêmica, teórica, técnica e ética-deontológica. O retorno: Legado da compreensão do cenário circunscrito pelas políticas neoliberais de desmonte da estrutura educacional.

3.2.2. Ser professor em tempo integral

Com relação a temática do professor ser professor em tempo integral, há divergências sobre a possibilidade de separação da vida pessoal e profissional dos professores, mas todos afirmam não conseguirem efetivamente essa façanha de separação. Acabamos levando o trabalho para casa e as preocupações de casa para o trabalho e a pessoa que somos fora da escola e dentro da escola é a mesma, com os mesmos objetivos, os mesmos ideais de vida, o professor é um professor por onde quer que passe, onde quer que vá, esse título de “professor” sempre o persegue. Podemos destacar alguns depoimentos:

“Impossível né, até quando você se reúne com amigos né, principalmente se forem amigos professores né, a conversa sempre vai girar em torno disso né, o que aconteceu dentro da sala de aula. O seu próprio nome, você acaba perdendo, às vezes, eu tenho amigos de infância que me chamavam pelo nome e hoje me chamam de professor. Brincam, e nessa brincadeira acaba ficando, você perde de certo modo a sua identidade, você se torna um profissional, um ser, eu sou professor, ah, quem que fala, o Mauro, o Mauro Betti, eu lembro que em um dos encontros ele falava isso, que você não vê ninguém gritando na rua oo médico, oo advogado, engenheiro, mas ooo professor, então eu acho que é isso. O professor, ele cria essa capa que não tem como tirar né. Eu acho que nem quando aposenta tira mais né rsrs. [...] Você pode sair da profissão, pode trabalhar num banco, sei lá, vai vender sorvete, vai vender aqueles icegourt da vida lá, a pessoa vai te gritar ooo professor, tá vendendo icegourt agora né, acha que é pra complementar a renda né. Mas é isso, eu acho que é uma capa que é colocada em você quando você assume lá e essa capa não tem mais como tirar.” (Professor Cabral).

“Precisa separar, pra você manter sua sanidade mental você precisa separar, mas assim, os laços afetivos que a gente cria com os alunos, a gente acaba vendo os problemas deles né, isso não tem como você se desvencilhar, você acaba se chateando, quando você chega na escola você acaba se alegrando, quando tem problema você traz pra casa né, então eu acho que em partes, consegue separar em partes, porque é um trabalho de relações humanas né, então não tem como você se dividir lá, um dia você é professora, é lógico que tem coisas que você tem que manter um certo distanciamento, é trabalho de relações humanas, então não tem como você falar que é sempre imparcial, que você não mistura as coisas, não tem como.” (Professora Marisa).

“É possível, mas é difícil né, porque muitos valores que a gente tem tá embutido na nossa vida em geral né, então eu sou profissional na escola mas, ao mesmo tempo né,

também sou mãe, também sou esposa né, então são valores que estão todos em mim né. Nunca tinha pensado sobre isso Gi, mas, éé, se faz necessário, mas nem sempre a gente consegue.” (Professora Ana).

O Professor Paulo novamente contribui com dicas para lidar com esse contexto:

“Não tem um botãozinho né, ó, agora eu tô no pessoal, ah, agora eu tô no particular. [...] Só que é assim, a gente tem que aprender a ser eficiente né, no sentido de se sentir bem também, então, aquilo que eu puder fazer no meu horário de trabalho, burocrático ou pedagógico, eu tenho que fazer, agora, se tem alguma coisa que me incomoda, e tá lá no meu particular, eu vou tirar o fim de semana mas tem alguma coisa me incomodando, você precisa resolver senão você não vai curtir o fim de semana também, você não vai curtir o seu horário de lazer, certo, então, o que eu posso fazer? Eu posso fazer isso, então eu vou fazer isso, pô, mas isso aqui tá me incomodando, isso aqui tá, vai ler, vai, ah, esse negócio que eu tenho que entregar, leia, pega, faça, entrega, entendeu, [...] Eu acho que a gente desliga quando o problema tá resolvido, entre aspas né, porque senão você não desliga, isso é o que eu penso né.” (Professor Paulo).

Quando estávamos dialogando sobre a lembrança de professores que tivemos, a Professora Frida fez um comentário que nos remete a esse contexto de separação entre vida pessoal e profissional: *“É, que me motiva a fazer as coisas né, então, assim, porque não adianta nada você ser uma ótima professora na escola né, e aí, na sua vida, você ter uma postura diferenciada né, então eu acho que as coisas caminham juntas né”*. Também, acredito ser necessário lembrar aqui Freire (1996), quando defende a necessidade de diminuir a distância entre o próprio discurso e a sua prática, assim, nesse pensamento, o que pensamos, defendemos e lutamos está muito interligado, tanto no pessoal como no profissional.

Nossos resultados vêm ao encontro do pensamento de Arroyo (2011), onde ele afirma que ser professor não é somente um trabalho, faz parte da vida pessoal, pois a escola invade a casa literalmente com suas atividades, as angústias e sonhos são carregados, os professores não separam esses tempos, o profissional do pessoal, o professor é professor em tempo integral.

3.2.3. O legado dos professores

Na intenção de consultar as memórias dos participantes com relação aos professores que tiveram ao longo da vida e que marcaram suas vidas de alguma forma para verificar quais são as características desses professores, as quais foram responsáveis por torná-los professores especiais, considerados importantes a ponto de serem lembrados por toda a vida do estudante, obtivemos o resultado que os professores que exerciam um papel além de somente ensinar conteúdos, mas que também mostravam-se dispostos a ajudar sobre qualquer tipo de situação são os mais lembrados, ou seja, os que ultrapassam o limite do somente profissional, popularmente falando. Sendo assim, com base nos referenciais teóricos e nas interações com os

participantes pudemos constatar que esse “ir além do profissional” na verdade deve ser integrado no profissional, assim, mostra-se como uma parte da trajetória, da constituição de ser professor.

Vamos exemplificar trazendo os depoimentos dos professores, como o da Professora Ana, onde ela comenta que *“me fizeram, assim, pensar no mundo de uma maneira diferente, me fizeram enxergar coisas que eu nunca tinha enxergado”*, o da Professora Regina, onde ela explica que *“eu acho que essa questão da emoção é muito importante pra nossa vida né, e fazer a diferença não só passando conteúdo, passando matéria, [...] eu acho que é essa proximidade que é o mais importante aí do professor”*, e do Professor Francisco, onde complementa dizendo: *“Sempre estimulando sabe, sempre motivando, isso, pra mim, o professor tem que ter uma palavra no seu dicionário, primeiro que é a motivação, na minha opinião né”*. Ainda, podemos destacar mais alguns depoimentos emocionantes que merecem destaque:

“[...] eu tive uma professora na terceira série, professora Marília, [...] aquele ano eu lembro que ganhei uma homenagem porque eu não faltei nenhum dia na escola, na minha terceira série, e eu era a primeira aluna da sala, e eu criei um vínculo com essa professora, a dona Marília, que eu lembro que um dia eu sai atrasada de casa, eu tinha prova, eu fui correndo, correndo, eu era muito branquinha, cheguei na escola assim, seu Filomeno tava fechando a porta, pra você ver como foi marcante porque até o nome eu lembro, eu falei assim, eu tenho prova, eu tenho prova, cheguei chorando, subi aquelas escadarias da escola, a escola era imensa, quando eu virei no corredor, a dona Marília tava na porta me esperando, ela não tinha começado a prova. E eu cheguei chorando e ela veio me encontrar de braços abertos e me abraçou e eu abracei ela e chorei, chorei, chorei, chorei, e falei pra ela assim, eu tô atrasada Pro, você me perdoa? Ela falou assim, eu te perdoo meu amor, vai lá lavar seu rosto, ela foi lá e buscou um copo de água pra mim, me deu água, me colocou sentada perto da carteira dela pra eu poder fazer a prova. Então, assim, não tem como desvincular né, fala assim, que professor vive à parte, vai lá, dá sua aula e sai, porque não dá né! Então, foi uma coisa que me marcou muito né, ela não começou a prova enquanto eu não cheguei, então isso, éé, né, é muito gratificante!” (Professora Mara).

“Ah, eu tive vários né, mas eu tive uma professora assim de Biologia no ensino médio que, nossa, ela foi assim não sensacional, mas ela marcou eu não é nem por situações educacionais não sabe, é por situações ali, duas situações específicas, mas assim, enfim, era porque ela buscava ver o contexto né, buscava entender as situações. Teve uma situação uma vez que tinha uma professora de matemática que não gostava de mim de jeito nenhum né, e eu não era muito bom de matemática, aí teve uma reunião de pais que, nossa, ela acabou comigo né pra minha mãe e tal e aí minha mãe falou você vai melhorar e eu falei tá bom, eu vou melhorar, e eu comecei a tirar muita nota boa, eu sentava na frente sabe, só que ela era aquela professora que seguia a cartilha né, só que eu queria, eu aprendi, eu queria ir além, eu fazia exercícios além e mostrava pra ela e ela falava não, eu não tô passando isso, porque que você tá fazendo isso? Tipo assim entendeu, e aí teve uma reunião que a minha mãe foi perguntar pra ela, e aí, melhorou? E eu melhorei, comportamento, nota e tudo, e ela mentiu pra minha mãe, falou que não, que eu continuava ruim e tudo mais entendeu, e a professora de biologia tava do lado e ouviu e comprou a briga cara, entendeu, e me defendeu pra minha mãe sabe. [...] Teve outra situação também que tava reformando o andar de cima, o segundo andar da escola, e tava muita poeira e eu sofria muito com rinite né, rinite alérgica naquela época, e a professora de biologia sabia disso né, via né, muitas vezes eu tinha que sair da sala e tudo o mais, e a nossa

sala era no segundo andar, ela foi lá na direção e falou, olha, tem um aluno lá que tá com problema de rinite e vai precisar trocar a sala dele, vai passar uma sala de baixo pra cima e a dele vai pra baixo pra não ficar no meio da poeira entendeu. Eu lembro da situação também que ela brigou por mim né e tudo o mais e não vai nada pedagógico né, são situações extra pedagógicas né, que o professor não tem obrigação nenhuma mas ele faz [...]” (Professor Artur).

Quando indagamos sobre o legado de todos os professores que fizeram parte de nosso processo educativo para a nossa vida, o que fica na memória é esse exemplo de doação, de estar sempre disposto a ajudar e de profissionalismo, no sentido da importância de educar pelo exemplo, buscar ser uma pessoa que sirva como um exemplo a ser seguido pelos estudantes, como aponta a Professora Frida explicando que “o grande legado positivo é você despertar no aluno a curiosidade, éé, essa vontade de fazer as coisas né, de querer sempre fazer mais do que lhe é imposto ou lhe é dado né, eu acho que esse sonhar alto sabe”, como também a Professora Marisa afirma “então a gente educa pelo exemplo” e o Professor Francisco quando comenta sobre “sempre ter orgulho né com suas coisas e sempre, sempre estudar, tinham professores que eram muito estudiosos, tem que ler, e o que você for fazer, espero que faça bem feito”. Ainda, a Professora Andreia complementa trazendo a temática da pedagogia da presença:

“[...] o que eu vejo, que cada um marcou, é aquele jeito especial né de tratar o aluno, de conhecer você, conhecer o aluno, não ir só assim, ah, ele é mais um aluno! Não, é você conversar, ir mais a fundo, conhecer, saber, querer saber né da vida daquela pessoa e tudo! Então eu vejo que é, o que a gente fala dentro do tempo integral, a tal da pedagogia da presença né, você estar presente na vida do aluno, você se preocupar né, então eu vejo que é esse o legado aí, que me marcou deles.” (Professora Andreia).

Arroyo (2011) comenta que os professores do passado deixam sua “marca” na prática dos professores de nossos dias, pois o ato de educar é aprendido no diálogo de gerações. Com o tempo vamos notando que os conhecimentos são levados para a vida, para o desenvolvimento humano, mas sobretudo destacam-se as posturas e as ações.

O Professor Artur contribuiu com questões interessantes que poderiam inspirar outros estudos nessa temática do legado dos professores, onde ele levantou questões do tipo: será que nossa geração busca ser mais crítica devido à nossa formação ter sido tradicional e tecnicista no passado? Será que esse pode ser considerado um legado? O que podemos afirmar por agora é que vivenciamos em nossos tempos essa transição, ou seja, estamos em busca de uma superação de metodologias consideradas ultrapassadas, tradicionais, tecnicistas, as quais são assim denominadas por elas mesmas estarem sempre em pauta em nosso cotidiano escolar, sendo experimentadas, analisadas, questionadas, melhoradas, caracterizando-se em um processo crítico e contínuo em busca de uma transformação. Esse paradigma vai se estender

por toda a eternidade, não é exclusivo de nossos tempos, como já foi apontado em nossos referenciais teóricos na relação dialética entre escola e sociedade.

3.2.4. Sociedade e a profissão docente

Falando da relevância social do trabalho do professor, acreditamos que a melhor explicação seja a possibilidade desse trabalho ser contributo para uma transformação, colaborar em prol de uma mudança na sociedade, a possibilidade de poder fazer movimento no mundo, esse é o ponto culminante apontado pelos professores:

“Eu acho que o professor, ele como mediador, [...] dar protagonismo né, e mediar, mediar os conflitos, mediar o direcionamento da aprendizagem, fazer ele olhar. [...] o professor, o que ele faz, às vezes lá na infância, é tão relevante porque pode ser relevante pro lado bom ou pro lado ruim, ele pode fazer algo que vai ficar na cabeça daquela pessoa, [...]” (Professor Cabral).

“Ah, eu acredito que nós estamos pra ajudar na formação né, contribuir para o desenvolvimento aí dos cidadãos que vão atuar na sociedade né, que o conhecimento que é trabalhado na escola vai refletir na sociedade, vai refletir nessas pessoas né que nós estamos formando. O aluno de hoje é o cidadão de amanhã, então, se a gente simplesmente reproduz algumas coisas, eles vão ser vaquinha de presépio né. Agora, se a gente passa um posicionamento crítico, um olhar crítico né, eles vão poder atuar na sociedade também criticando, se posicionando, buscando seus direitos né, atuando aí pra um mundo melhor. Então acho que a gente contribui, o professor contribui pra mudar a sociedade ou não né.” (Professora Ana).

“[...] a gente tem um papel muito grande dentro da vida dos alunos né. E em relação à formação, não só a formação de conhecimentos, mas a formação do ser humano, de vida, do cidadão, eu falo que professor, hoje em dia, ele é o maior exemplo ali né, dentro desse contexto que os nossos alunos vivem, pra muitos.” (Professora Mara).

“Ele é importante justamente porque é na escola que você busca a mudança né, o movimento da cultura né de um modo geral, porque ali você tem acesso a todo, tudo que foi produzido tudo e, dependendo da forma como você tem esse acesso, você se ver produtor de cultura né, porque infelizmente, a maioria repassa como reprodutor né, e fica reproduzindo aquilo, então, quando você tem uma educação, que é uma educação que te liberta, você se vê sujeito do processo né, então, é essencialmente falando, porque, éé, e socialmente falando porque você vê um cidadão ali e consegue visualizar o mundo, porque você está ali, qual é a sua função, dentro de todo o sistema né capitalista, qual é, o que que você tem que fazer pra ser diferente, quais são suas escolhas, então eu acho que o professor, ele tem um papel fundamental na formação de um cidadão né, que vai atuar na sociedade de modo geral. E é difícil porque a maioria é formado pra reproduzir, [...]” (Professora Frida).

“Total né porque a gente participa da formação de todas as outras profissões né e além das formações de todas as outras profissões a gente participa também da formação de seres humanos, então o professor é, a ação dele pra formação de uma sociedade melhor ou pior cai diretamente no trabalho do professor né, é a base ali, é o alicerce.” (Professora Marisa).

“[...] pra que eles possam compreender que existem né fatores externos né que acabam interferindo até no nosso próprio gosto, naquilo que a gente gosta, naquilo

que a gente pratica, como que a gente pensa, como que a gente acredita ser aquele movimento né, aquela prática corporal em si, e como a gente é, muitas vezes até manipulado né por essas forças externas né, invisíveis né e visíveis ao mesmo tempo né, que a gente possa refletir sobre toda essa atuação né [...] mas enfim, assim, são situações que acabam alienando né a gente né, acabam manipulando as nossas decisões e a gente faz por impulso pra seguir esse sistema, enfim, então eu acho que o papel social do professor, desde que o professor não esteja né nessa situação de conformismo, que tem muito professor também que ele contribuiu pra essa situação de reprodução da sociedade, enfim, dessa ideologia dominante né. Então, o professor tem que estar esclarecido né, tem que ter uma prática politizada, não adianta, a educação não é neutra, mesmo aquele professor que pensa que não tá fazendo nada né a favor né, que desistiu da parte pedagógica da aula, que rola a bola, que deixa as crianças brincarem, ele tá tendo uma atuação política também, não é neutro, nada é neutro né. Enfim, a forma que o professor né, ele assumir a sua função social é fazer o aluno refletir sobre a prática né, não só reproduzir.” (Professor Artur).

“Ah, eu vejo que ele é aquele que consegue atingir ainda hoje, apesar de tudo, uma maior parcela da população né, esse professor aí, vamos dizer, nós na educação pública básica, [...] então, a gente consegue atingir todos esses públicos, o que, muitas vezes, muitas das profissões aí não conseguem fazer, chegar né tão próximo assim das pessoas.” (Professora Andreia).

O Professor Paulo levantou uma questão essencial para esse contexto: *“até que ponto a escola é depósito de aluno e até que ponto é um lugar que vai fazer a diferença na vida e vai modificar a vida desses alunos?”* Podemos responder, com base nos depoimentos dos professores participantes, que eles têm consciência da importância da postura dos professores para que efetivamente seu trabalho seja diferenciado, ou seja, o professor que almeja contribuir para uma transformação na sociedade, no sentido de uma melhora para a vida de seus estudantes tem que ter a clareza política de que ele pode trabalhar em prol dos interesses e necessidades de seus estudantes desvendando mecanismos de dominação presentes em nossa sociedade, como também ele mesmo pode servir como um instrumento de disseminação desses mesmos mecanismos de dominação.

A valorização social docente deve ser derivada daí, de sua função, do reconhecimento de sua importância na colaboração da formação e desenvolvimento dos estudantes que atuam e vão continuar atuando na sociedade. O professor ganha respeito ao buscar qualificação e ao mostrar compromisso e responsabilidade no exercício de sua função. Arroyo (2011) aponta que para os professores serem socialmente valorizados há a necessidade de situar os valores e condutas desse profissional no campo dos direitos, na cultura pública e deixar essa imagem social de simples preparadores da juventude para o mercado de trabalho, onde o campo da educação básica tem que ser visto como um direito humano.

Na opinião dos professores participantes, ainda existe um certo preconceito com relação ao professor atuante no componente curricular educação física perante os outros, a sociedade

ainda o encara como um treinador, um técnico, mas que isso está sendo amenizado com o tempo pelo exemplo dos professores que lutam por quebrar esse preconceito histórico diariamente:

“Oh, se eu for te falar que a maioria das pessoas que eu falo, ah, você é professora é, de educação física, ah, não parece, achei que fosse de história, de português, de educação física nunca, né, em todos os âmbitos do sindicato, em qualquer outro lugar, menos de educação física, porque a sociedade vê a gente do jeito que eles foram, do jeito que foi a educação física deles né, porque a educação física foi boa pra minoria, porque a minoria que jogava, a minoria que se dava bem, e é a maioria é excluída, que não tem tanta habilidade e que não deram oportunidade, então você vê a educação física como algo vazio, algo sem conteúdo, porque é prático, não é conteúdo. Então, a sociedade não vê nada bem nós, professores de educação física né. Vai demorar anos pra gente poder modificar isso, porque a experiência do aluno faz a diferença né.” (Professora Frida).

“A função nossa, eu vejo que se a gente for depender de equipe gestora, eles acham que nós como professores de educação física tem que estar participando de tudo quanto é evento e mais um pouco né, é o que eu falo, cabe a nós enquanto professor mostrar que não, que eu tô ali, que eu tenho um conteúdo a desenvolver, a minha disciplina é importante, o meu conteúdo é importante pro aluno pra vida dele e que tem coisas que não dá pra serem feitas naquele determinado momento. Então, eu vejo que a gente tem que mostrar esse valor dentro da escola né, essa nossa importância porque dependendo do lugar eles acham que você tem que, é só evento, evento, evento, evento, e não é bem assim! Tá, eu vou fazer um evento mas eu quero saber aí, eu posso estar desenvolvendo um projeto em cima desse evento pra conter uma finalidade né porque só fazer por fazer? Então, eu vejo assim, nós, como professores de educação física, a gente tem que mostrar, que não deveria né, mas nós temos que mostrar a importância do nosso conteúdo, muitas das vezes.” (Professora Andreia).

O encaminhamento dado pelos professores participantes é ter em mente que através da cultura corporal de movimento, as práticas corporais, que é o epicentro, é a base do trabalho do professor de EF, o movimento humano em si, partindo dele podemos também mostrar a conexão, a ligação com as outras áreas do conhecimento, demonstrando que o conhecimento é um só e que tudo está interligado, que é possível um trabalho voltado para o desenvolvimento integral do estudante (aspectos físicos, cognitivos, culturais, sociais). Vale frisar o depoimento da Professora Frida: *“tudo que foi produzido na cultura de movimento a gente precisa apresentar para o aluno de uma forma que ele não reproduza né, e sim que ele produza conhecimento em cima disso né”*.

A função do professor de EF na escola é como a de todos os outros professores, o de educador, como frisa o Professor Paulo participante desta pesquisa, nós temos mania de fragmentar o conhecimento, mas ele é um só, e temos que mostrar isso na escola em todos os componentes curriculares, como tudo está interligado. A Professora Regina também vem ao encontro desse pensamento e exemplifica apontando possibilidades nessa direção:

“Acho que a gente vive um mundo muito éé, que vai estratificando, vai dividindo muito né essa questão das disciplinas e tudo mais né, seria bom se a gente pudesse trabalhar éé tudo junto e misturado né, seria né, por isso que eu gosto de projetos, os projetos nos permitem isso né de tá falando de esporte e, ao mesmo tempo de falar

sobre a cultura, ao mesmo tempo trabalhar o português e a matemática e tá tudo junto ali né, então eu acho que isso é muito legal, e saindo da individualidade né, saindo do individualismo do professor né, um tem que ajudar o outro pra poder fazer a coisa fluir.” (Professora Regina).

Também, a Professora Marisa contribuiu para incitar uma discussão muito importante e que está cada vez mais assolando o contexto da EF escolar devido às recentes mudanças em nossa contemporaneidade, a questão da EF escolar acabar perdendo ou ficando deficitária no contexto do movimento, da prática, voltando-se mais para a teoria:

“Só que a gente tem uma vantagem né, a gente trabalha com isso mexendo o corpo, que é a coisa mais gostosa do mundo né, é a nossa grande vantagem né, criança principalmente gosta disso, de se movimentar, gosta, ela é movimento puro, então, assim, é o nosso ápice assim, nossa carta na manga é a questão de ser a área do movimento. A gente tem que tomar cuidado de não deixar a educação física muito teórica né, não esquece que a educação física tem que brincar, então tem que comemorar que tá perdendo aquela parte de tecnicismo de só jogar, mas tem que tomar cuidado porque senão a educação física pode ficar muito teórica.” (Professora Marisa).

Betti (2002) também contribui para esse contexto defendendo que a EF não pode transformar-se em um discurso, mas deve constituir-se em uma ação pedagógica com a cultura, e essa ação é uma vivência impregnada de corporeidade (sentir e relacionar-se). O foco deve ser conduzir o estudante a reflexões críticas a fim de autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento.

A professora Regina também relatou a preocupação da questão do professor de EF, que atua nessa proposta cultural que estamos vivenciando em nossa contemporaneidade dentro das escolas, acabar não atingindo aprofundamentos nas temáticas trabalhadas na escola e acabar ficando só no superficial:

“O que eu acho, assim, eu gosto muito da proposta cultural né, eu acho que é muito importante que as crianças tenham, principalmente até o quinto ano, tenham todas as vivências, as maiores vivências possíveis, mas quando a gente fala de uma proposta cultural, que amplia as vivências, ao mesmo tempo eu tenho muito medo do que é tratado ali dentro como o ensina tudo e não ensina nada entendeu, é isso que eu tenho medo, porque quando o professor vai escolher as suas propostas curriculares, ele pode vagar nessa situação né, [...] então, nesse sentido, eu acho que a educação física deixa a desejar, numa aula por semana, dar conta da cultura corporal de movimento né, e aí eu fico com muito medo mesmo de não, de tentar ensinar tudo e não ensinar nada sabe, de tentar buscar o beisebol e nem dar conta do futebol, [...] assim, porque escolher um determinado tema é abrir mão de muitos outros, aí a gente fica nessa dificuldade de escolha né.” (Professora Regina).

É realidade que, em muitos casos, dependendo da instituição em que o professor de EF atua, ele pode ter somente uma ou duas aulas com os estudantes ao longo da semana, como também tem um currículo oficial a ser seguido, onde essa questão da aplicação do currículo oficial varia entre as diversas escolas dependendo do posicionamento da gestão pedagógica,

pois há lugares onde os professores têm uma maior liberdade para adaptar o currículo oficial a sua realidade dentro da escola como também há lugares em que lhe é imposto seguir à risca como está contido nos materiais chamados de “cadernos do professor e cadernos do aluno”. Perante essa realidade de lidar com os entraves de imposição, adaptação e falta de tempo vivenciada pelos professores de EF dentro das escolas, cabe aos próprios professores de EF refletir sobre esse contexto, compreendê-lo mais a fundo, fazer escolhas e buscar possibilidades de atuação que melhor se adequem as necessidades de seus estudantes. O nosso conselho é sempre seguir na linha da problematização. Para isso, devem sempre ter em mente os seus princípios orientadores e buscar alcançar seus respectivos objetivos. Será abordado algumas situações cotidianas que servem de exemplos na próxima categoria de análise, mas antes de mudar de categoria, ainda temos que apontar mais dilemas nesse processo de busca por uma consciência de classe da profissão docente.

Refletindo sobre esse contexto contemporâneo, há de haver uma conscientização de que apesar de formações diferentes e atuarem em níveis de ensino diferentes (professores de educação infantil, professores de educação básica dos anos iniciais, dos anos finais, do ensino médio, professores universitários, alfabetizadores, profissionais de EF, matemáticos, biólogos, entre tantos outros), todos são igualmente professores, são indivíduos representantes de uma mesma profissão. Enquanto não houver esse pensamento de união, não haverá avanços significativos na valorização dessa profissão, sem diferenciações.

3.2.5. A profissão docente e seus pressupostos

Os professores afirmam que a profissão está desconectada de seus pressupostos, que acabam fazendo coisas na escola que não fazem parte de suas atribuições, onde podemos exemplificar com alguns depoimentos que ressaltam ações exercidas pelos professores de EF que fogem de sua área de formação, como a Professora Ana afirma que *“Ah, teoricamente não né, porque a gente sabe o que a gente está aí pra fazer, mas na prática fica bem longe né”*, e a Professora Marisa expõe:

“Acaba, acaba, principalmente professor de educação física, ele tá lá na quadra, ele acaba também não só socorrendo a escola, colocando os alunos na quadra, mas também, assim, talvez, porque o professor de educação física tem uma proximidade com o aluno, não sei, se movimenta, não sei, acompanha o aluno mais de perto, acaba fazendo o papel de psicólogo sabe, vai lá, conversa com a Má, conversa com a Marisa sabe, então a gente acaba exercendo várias funções dentro da escola que não é apenas dar aula né na quadra.” (Professora Marisa).

Como também podemos notar a influência neoliberal de transformar a dinâmica escolar em empresarial:

“Eu acho que em uma porcentagem oitenta por cento tá desconectado, e quem não tá ainda tá lutando aí pra se manter, sabe, firme no propósito porque é muito difícil, que é isso que a gente tá comentando, um monte de avaliação externa, trocentos papel pra você preencher, essas coisas tudo, e que te tira do foco né, do aluno em si né. Eu acho que oitenta por cento dos professores não vivem num lugar onde deveriam rs.” (Professora Frida).

É importante ressaltar o fato de que quando se está atuando na educação básica pública, o professor não se limita a apenas dominar os conteúdos e métodos de sua matéria, do seu componente curricular, de sua área de especialização, como por exemplo os professores formados no curso de EF participantes desta pesquisa. É um saber necessário e é um diploma solicitado para iniciar nessa carreira, mas quando se atua na educação básica pública é insuficiente perante as inúmeras demandas e perante os nossos cotidianos afazeres no ambiente escolar. Também, podemos exemplificar com a recente introdução (desde 2020) de três novos componentes curriculares na grade curricular dos estudantes das escolas públicas do Estado de São Paulo, o Projeto de vida, Eletiva e Tecnologia (que fazem parte do Programa Inova Educação) os quais qualquer professor, independentemente de sua formação, pode ministrar. Nesse ínterim, é necessário lembrar um fator essencial presente na carreira docente, que os professores precisam e devem estudar permanentemente.

O Professor Artur apontou que podemos olhar criticamente de duas formas para esse contexto da profissão docente estar desconectada de seus pressupostos, as quais enaltece a nossa busca nesta presente pesquisa da importância dos professores desenvolverem essa consciência crítica:

“Depende do ponto de vista né, penso eu. Se você pensar nessa função social da educação né, enquanto objetivo de mudar a realidade do país né, alguns professores que não tomam essa iniciativa, que não tem isso como base, eles estão desconectados da educação, entendeu. Agora, você vendo por um outro ponto de vista né, alguns professores, não só professores né, mas a sociedade em si que entende a educação como transmissão de conhecimento, de conteúdo necessário pra vida, pro trabalho, necessário, de repente, pra fazer um vestibular, pra um curso superior, enfim, eles, se o professor tiver essa visão social aí ele vai estar desconectado né dessa visão de educação. Então, depende muito do ponto de vista mesmo, mas agora, de forma atual, falando de mim mesmo, é, diante dessas interferências né advindas da gestão, da secretaria da educação, do governo federal, enfim, penso que o professor que tenha e que assuma essa função social de através da sua prática pedagógica buscar mudar de uma forma mínima que seja a realidade social dos alunos, ele é visto como desconectado né, da proposta da educação, porque ele tá nadando contra a corrente né, ele tá tentando resistir contra essas imposições.” (Professor Artur).

Pensando desse ponto de vista, devemos fazer jus a essa denominação, que sejamos os professores desconectados que buscam uma mudança nesse paradigma, ou melhor, que sejamos

os que buscam incorporar essas atribuições a fim de não serem vistos mais como desconectados de seus pressupostos, mas sim alinhados com esse pensamento de ressignificação dessa denominação.

O Professor Paulo enfatiza a situação conflituosa atual de nosso país e mostra a necessidade de toda a população atuar em busca de uma melhoria se realmente quiserem fazer a diferença no mundo:

“Então, você faz coisas, porque é aquele negócio, éé, nós estamos num ponto que a gente sempre fala assim ó, se cada um fizesse a sua parte o Brasil ia ser melhor! Mas, infelizmente, nós estamos num ponto que nós temos que fazer além da nossa parte pro Brasil ser melhor, eu preciso fazer além da minha parte, então, a minha parte é esta aqui, mas se eu puder fazer além e não me prejudicar, eu vou fazer além certo, se eu puder fazer.” (Professor Paulo).

3.2.6. Política x Educação

Todos os professores participantes da pesquisa afirmam que é impossível o professor ser neutro, que não existe neutralidade na educação. O Professor Francisco defende que *“você tem o direito e dever de dar a sua opinião, isso aí é lei, entendeu, como se diz, é direito do cidadão, eu não acho que você deve ser neutro não, você tem que dar a sua opinião sim”*. Ainda, podemos destacar mais alguns depoimentos:

“[...] se a gente for neutro, a gente vai dizer amém e fazer com que nossos alunos digam amém e vai ser uma sociedade de robôs né, os robozinhos vão ser criados ali pra apertar parafusos e não, nem dá, tem que gerar discussão, tem que fazer pensar, [...]” (Professora Regina).

“Por exemplo, eu tô aqui falando sobre algo né, valorização, desvalorização, visão da sociedade, isso é de certa forma uma política né, porque é o jeito que eu vejo o mundo, e eu preciso transformar esse mundo em que eu acredito, se eu achar que tá errado né. A partir desse momento que eu faço isso, e levo os meus alunos, as pessoas que estão sob a minha tutela a ver esse mundo e tentar transformar, eu acho que já é uma forma de política né.” (Professor Cabral).

“Não, a educação é política né, você tem que se posicionar, não tem como ficar em cima do muro, então, o que você pensa você vai ensinar, você vai educar, você vai se posicionar daquela maneira. Não tem como separar a sua posição política do seu trabalho ou de você né.” (Professora Ana).

“Nada na vida é neutro né, tudo está embargado de ideologia e de valores né, resta saber quais são e da onde vem eles né, então não existe educação neutra em nenhum espaço, mas a gente precisa saber, então, qual ela é né, porque se tem um discurso lindo, maravilhoso, mas uma prática que não caminha ao lado né, assim.” (Professora Frida).

Sobre a diferenciação entre professores alienados e professores politizados, mesmo sendo longas, vale a pena destacar abaixo as explicações dos professores:

“[...] falo que o alienado é isso aí mesmo, o professor que rola a bola e acha que não dá a mínima pra profissão, eu tô ali pra ganhar o meu e pronto, entendeu, eu acho que isso aí é complicado, questão de senta lá e rola a bola, por isso que o professor é denegrido, por causa disso, por causa de alguns né, e politizado é isso aí, legal, que busca, que corre atrás, que busca novos conhecimentos, novas atividades né, [...]” (Professor Francisco).

“Olha, acredito que o professor alienado é o que fala amém pra tudo que é dito né, e o professor politizado é o professor que estuda, é o professor que reflete, é o professor que tem uma postura crítica, é o professor que vai buscar as informações, é um professor que luta pelos seus direitos, que está preocupado com a educação, que está preocupado com seus alunos, que chama seu aluno pelo nome, que vê um problema no aluno e quer saber se pode contribuir.” (Professora Ana).

“Eu acho assim, que a gente tem que não ser alienado, eu falo assim, não ser alienado é achar que só a sua opinião é a certa né, você pode ter a sua opinião, mas você sabe que tem um conjunto de ações, fora a sua opinião, que acontece, tem muita coisa que acontece, então você não pode ser, achar que você tem uma verdade né, certa, e só seguir aquela sua verdade. A gente sabe, enquanto professor, como você falou daquela questão da neutralidade né, eu falo que o professor alienado, ele acha que a única verdade é a sua, e quando ele segue né, éé, um conjunto de ideias de certo grupo, ele acha que aquilo só é certo e esquece que cada um né, é um ser individual e tem a sua opinião. Eu brinco muito com eles né, time de futebol, religião e política, cada um tem o seu e sabe a dor e a delícia de ser o que é, a gente pode conversar, mas a gente tem que dialogar, nenhuma verdade é a certa, a sua opinião talvez seja contraditória à minha, mas a gente tem que saber que eu tenho que respeitar, a sua opinião é a sua, a minha é a minha, então a gente tem que saber colocar as nossas opiniões sem impor. Eu acho que a partir do momento que você começa a impor né, você começa a partir pra esse lado né, da alienação. Política a gente faz todo dia né Gi, a gente acorda fazendo política, política da boa vizinhança, política da amizade né, então, eu falo assim, o ser político é ele saber, éé, usar as suas ferramentas de acordo com aquilo que tá acontecendo sem impor. Eu acho que a imposição não leva à nada, principalmente, é um desgaste né, é um desgaste de relações.” (Professora Mara).

“Acho que o politizado, ele questiona tudo, tudo e todos, então, você recebeu uma ordem você vai questionar, você fez tal coisa você vai questionar, porque tudo é um contínuo né, nada vem sem uma função. Então, o politizado, ele questiona e ele vai atrás de respostas né, que possam, naquele momento, suprir x necessidade né. E o politizado, ele sabe de onde ele vem, o que que rege a sociedade, qual pecinha ele é nessa roda entendeu, ele não vai ali só pra cumprir um protocolo sabe, ele sabe o que que ele tá fazendo ali naquele momento, então ele não vai reproduzir somente porque ele sabe a importância da postura dele ali de uma forma crítica né, e o alienado não, o alienado não quer nem saber, ele fechou, ele saiu da escola, ele toma um rivotril, ele fechou, vai lá pra casa dele com a família dele, ah, não quer nem saber o que vai acontecer, o que tá acontecendo no mundo, a influência de cada instância né na escola, ah, porque a pandemia não influenciou nada na minha vida, um monte de gente fala isso né, então, éé, eu acho que falta são momentos de que o professor possa questionar né, então, a gente fala tanto pra propor momentos que o aluno questione, que o aluno faça, mas a gente, nas nossas formações, a gente cumpre protocolinho, então o que que vai acontecer lá na hora que for dar aula, cumprir o protocolinho.” (Professora Frida).

“[...] o politizado, na minha opinião é aquele que vai, éé, mostra, eu vou falar primeiro aí na prática tá, eu como professor e com o aluno, eu posso mostrar, colocar a minha opinião e, às vezes, falar que eu não concordo com a opinião dele e mostrar os pontos né, os argumentos, os prós e contra, mas não falar assim, ó, você tem que fazer isso e acabou! Não, na minha opinião. E aquele alienado é aquele que, ah, desse jeito tá bom, vai ficar assim e eu não vou fazer nada pra que isso melhore, dependendo de situações dentro da escola mesmo, ou o próprio sistema em si né, você, ah, tá bom

assim, eu vou deixar assim e acabou, não vou ir contra, não vou dar a minha opinião em ATPC pra coordenação e tudo mais. Não! Eu penso que a gente tem que mostrar, assim, bater de frente quando você não concorda com aquilo e não falar amém pra tudo.” (Professora Andreia).

“[...] são situações que acabam alienando né a gente né, acabam manipulando as nossas decisões e a gente faz por impulso pra seguir esse sistema, enfim, então eu acho que o papel social do professor, desde que o professor não esteja né nessa situação de conformismo, que tem muito professor também que ele contribuiu pra essa situação de reprodução da sociedade, enfim, dessa ideologia dominante né. Então, o professor tem que estar esclarecido né, tem que ter uma prática politizada, não adianta, a educação não é neutra, mesmo aquele professor que pensa que não tá fazendo nada né a favor né, que desistiu da parte pedagógica da aula, que rola a bola, que deixa as crianças brincarem, ele tá tendo uma atuação política também, não é neutro, nada é neutro né.” (Professor Artur).

“Politizado tem a ver com escolha né, com escolher, é um cara que tem, assim, na veia essa cultura corporal de movimento né, que sabe e compreende muitas facetas do que a própria educação física, do que a própria educação, que compreende seu contexto atual, que compreende seu contexto no passado e que tenta reverberar algumas questões pro futuro né, então esse é um professor politizado. Um professor alienado é assim, a gente não tem como ser autêntico e politizado por completo, então eu tenho muito cuidado com essa palavra de alienação né, [...] eu acho que é uma palavra muito alienante, muito forte sabe, acho que, mas o professor alienado, se a gente for trazer aí é aquele professor que se acomodou, que não une a teoria com a prática, mas eu não culpo esse professor, diante do que ele vive né, eu mesma já tive muitos momentos na vida que, pô, joga a bola aí sabe, porque ninguém me valoriza entendeu, então eu acho que vai muito do momento, de como ele tá né, é claro, que se puder unir teoria e prática, se puder se manter compreendendo o contexto da vida, o contexto do que tá acontecendo politicamente, que nós estamos vivenciando uma coisa muito complicada no país, então eu acho que alienado nós todos somos, não tem como fugir, em algum aspecto a gente é né, mas dá pra ser mais alienado ainda né não se apropriando do que tá acontecendo, não se apropriando dessas questões aí né.” (Professora Regina).

Em alguns depoimentos dos professores podemos verificar a preocupação em conceituar e em diferenciar a política:

“A educação é política, eu não falo de política, eu falo de política do ideal do professor, do que ele acha certo, do que ele acha errado, ele fala pro aluno, então, não é neutra, não é neutra e nunca foi e eu acho que nunca será. [...] Um professor né, e aí eu não tô falando de política né, mas quando ele entra na sala de aula, ele dá o que ele sabe ali de conteúdo técnico dele, ele não quer saber se ele deu, naquela aula dele ali ele é completamente alienado, ele não quer saber se chegou no aluno, se ele conseguiu estar ou se não tá, é aquela coisa assim, ele faz assim como que se ele fosse fazer um bolo, coloca os ingredientes ali, coloca pra assar e pronto, é uma coisa automática, eu acho que um trabalho alienado é um trabalho automático, que você não pára pra pensar e fala, caramba, essa aula que eu tô dando, o que que tá mudando no meu aluno, o que que ele aprendeu com essa aula, o que que ele pode aprender, o que que vai mudar na vida dele isso, né, então isso é um professor politizado, e daí não tem nada a ver com política, com partido político né, você pode ser politizado sem ser filiado à Apeoesp, por exemplo, sem ser de algum partido. Então, o professor, quando ele é politizado, eu acho que é quando ele tem uma reflexão do que ele tá fazendo e o alienado é quando ele dá aula ali, pronto, acabou, acabou a aula dele, sabe, não mexeu com ele, não fez ele pensar.” (Professora Marisa).

“O professor politizado, ele participa das ações da escola, na minha opinião, porque ser politizado não é discutir política, é fazer a política, ó, nós precisamos fazer isso,

então, não dá, tem que mudar, tem que tirar isso aqui, vamos discutir, como é que nós vamos fazer? Vamos tirar com a mão esquerda, vamos tirar com a mão direita? Isso é a política, é discutir situações de como nós vamos resolver, [...] Então, isso é uma coisa política, a política do dia-a-dia, é discutir e tomarmos as decisões que interferem na vida de todos né, então, eu acho muito difícil ser apolítico né. E, alienado, cara, eu acho que você pode ser alienado em algumas coisas e não alienado em outras, éé, vamos ver um exemplo aqui, você vai escutar uma música, você quer curtir a música, você não quer saber se ela foi feita em quatro tempos, se ela foi feita em oitavas, se ela foi feita em semicolcheias, você não quer saber dessas coisas, o que você quer é curtir, é diferente, agora, o profissional, ele tem que saber essas coisas, então essa questão, pô, às vezes eu quero ficar alienado, me dá um descanso, eu quero ligar a Netflix hoje certo, tem hora que você precisa, mas eu acho muito difícil você acabar ficando alienado de tudo hoje né, éé, sempre as coisas interferem em você.” (Professor Paulo).

Quando prestamos atenção especificamente em algumas falas relacionada a política, verificamos que há uma certa preocupação nas explicações em separar a política, tipo a política relacionada a candidatos, aos políticos, sindicatos, partidos, governo, e a política relacionada a posicionamento, ideais, ações, escolhas, em suma, aos cidadãos. Maar (2013) explica que existe uma carência de uma visão de relatividade entre esses pólos da política, o que ocasionou a instauração de um normatismo absoluto, ocultando a natureza histórica da política. Apesar de haver esse significado predominante da política ser relacionada aos políticos, governos, partidos, ela não é a única, não há uma política, existem várias políticas e todas estão relacionadas. O essencial é atentar-se ao fato de que as atividades políticas não se voltam somente para a transformação do mundo, da sociedade, uma visão futurista, mas que também engloba um exercício de transformação da consciência humana e das suas relações no mundo, caminhando pelo passado, presente e futuro.

Valmorbida e Silva (2018) nos trazem contribuições com seu estudo onde verificaram que na maioria dos casos os professores focam em questões políticas que atendem a interesses individuais e não coletivos. Visto isso, eis uma das intenções presentes nesta pesquisa de doutorado, buscar meios midiáticos e tecnológicos que aproximem os professores e que favoreçam sua aproximação e reconhecimento de interesses em comum, fatores apontados por Martino (2015) como sendo possibilidades das mídias e tecnologias.

Ainda, verificado esses dilemas entre professores com relação a contextualização da política, acredito ser relevante alertar para a necessidade de um debruçamento sobre essa temática nas formações de professores, discutir sobre essa diferenciação, levantar questões como: são realmente coisas diferentes? Existem vários conceitos de política? O que realmente é política? Qual linha de pensamento atenderia melhor às necessidades dos professores? Não é novidade eu dizer que aposto na linha de pensamento freireana.

A política simplesmente envolve postura e atitude diante do mundo, diante das pessoas, é a prática concreta que, através dela, pode transformar a realidade de cada um e do mundo em sua volta. É nesse sentido que Freire entende a educação como sendo um ato político, por isso, um trabalho coletivo, onde todos os sujeitos envolvidos educam-se e reeducam-se entre si (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008).

Freire e Shor (2001, p. 65) citam que os educadores precisam ser militantes, ativistas críticos, seres que não se aceitam como prontos e acabados e reinventam-se sempre, constantemente atentos e lutando para transpor limites, “a militância significa re-criação permanente”, e ela impede que se perca a esperança, é parte de um processo que impede o educador de tornar-se burocrático e mecanizado.

Arroyo (2011) enfatiza que sempre há valores e crenças dos professores por trás da ênfase nas matérias escolares, pois o compromisso docente na formação de seres humanos para atuar em sociedade é revelador, não há neutralidade nisso. Existe muita tensão ao longo do trabalho dos professores exatamente por estarem nesse fogo cruzado do contexto de projetos de sociedades e percebendo isso ou não, os professores sempre trabalharão em prol do desenvolvimento de protótipos de seres sociais. Qual ideal de ser humano e projeto de sociedade buscamos, um ser humano competitivo para viver numa sociedade competitiva ou um ser humano participativo que busca uma sociedade igualitária?

Pinto (2005, p. 61) contribui para incitar a reflexão quando explica que o ser humano acaba perdendo sua capacidade de “produtor”, assumindo a postura de “consumidor”, “porque se inclui numa estrutura de existência que se encarrega de obter esses resultados para ele”. Entretanto, somente quando a pessoa exerce a função de produtor ele “se constitui em ser plenamente humano, com a superioridade distintiva que possui”. Para Pinto (2005, p. 61), “na oposição entre consumidor e produtor está o caráter distintivo do salto qualitativo que gerou o homem, e lhe dá o sentido pelo qual se define, tanto ele quanto seus atos”.

A Professora Frida nos traz um excelente exemplo de um processo de politização docente comentando sobre o caso específico da reforma do ensino médio:

“[...] por exemplo, a reforma do ensino médio avacalhou com a vida dessa molecada, e é uma judiação, e me causa muito mal estar porque essas reivindicações dessa legislação foi em 2015, então a gente fez no sindicato vários movimentos pros professores entrarem em greve, pra fazer esse movimento, o sul do país né teve várias ocupações nas escolas, mas mesmo assim a consciência política é muito rasa né, infelizmente, ninguém percebeu que era tão importante não passar essa reforma e agora você vê vários professores querendo se movimentar e virou lei, então, pra você mudar isso agora tem um processo gigantesco, não é impossível, mas você tem que mudar um governo né, é muito complicado. Então, eu acho que pro ensino médio nós perdemos muito, muito, porque perdemos enquanto educação física né, porque diminuiu as nossas aulas e perdemos também enquanto conteúdos né, qualquer

... pessoa pode dar os itinerários lá formativos e a iniciativa privada vai cair matando nessa lógica né, pra formar mão de obra barata. Então, eu acho, eu não tenho boas expectativas, eu acho particularmente o projeto uma graça, te juro, porém, precisava estrutura, sabe, precisava de menos aula, professor tinha que estudar mais, nossa, montar um itinerário formativo é extremamente complexo, então eu acho que falta estrutura né. Igual as disciplinas do INOVA, são uma graça, eu adoro trabalhar com as disciplinas, porém você precisa de tempo pra poder estudar, organizar, ter esse contato com o aluno né, ouvir ele. Então, como a gente não tem essa estrutura, as coisas vão sendo jogadas e atravessadas né. Então, tipo, no projeto de vida você tinha que ouvir o aluno pra montar uma eletiva, não conheço escola que faça isso, a não ser escola de tempo integral, e ainda olha lá, porque a maioria monta uma eletiva e bingo, vida que segue né. Então, eu acho que a estrutura, éé, no Estado de São Paulo, é muito ruim, muito ruim, e tá ficando pior né, por conta também de um outro fator, não tá tendo concurso público, então você contratada professores substitutos né, que não tem vínculo com a escola nenhum né, então ele fica um ano lá, e a educação não se dá em um ano né, você precisa de um contínuo né, então, eu não vejo com bons olhos.” (Professora Frida).

Segundo Freire e Shor (2001), esse processo de politização exige pesquisa constante a fim de obter resultados e verificação dos limites e possibilidades de intervenções.

De acordo com Arroyo (2011, p. 209):

[...] as pressões dos docentes para colocar no devido lugar seu cotidiano, suas incertezas pedagógicas e suas transgressões e projetos inovadores poderão ser incorporados como lutas políticas, num aprendizado político. As tensões de consciência poderão ser exploradas pedagogicamente no aprendizado do ofício. Um papel extremamente relevante na superação de imagens de docente e na construção de autoimagens.

Sobre a sindicalização dos professores participantes nesta pesquisa, verificamos que a maioria não é sindicalizada e alegaram que não encontram o respaldo, a ajuda que precisam ou precisaram nos sindicatos e não concordam com alguns pensamentos e ações que derivam dos sindicatos, pois até mesmo alguns comentaram que eram sindicalizados mas decidiram se desligar por isso. Mas, no geral, sabem da importância do sindicato para dar direcionamentos, orientações aos professores e na colaboração com a luta por defesa dos direitos dos professores.

“Ah, eu acho que pra ter um amparo, pelo menos o mínimo de amparo judicial né! Apesar de que não me ajudaram muito nas vezes que eu precisei, sozinho eu resolvi, mas assim, eu acho que já te dá um norte né, um mínimo possível de norte. E aí eu mantenho por conta disso, mais que isso também, eu já fui mais ativo dentro do sindicato, mas hoje não.” (Professor Cabral).

“Bom, eu fiz magistério antes de fazer faculdade né, e eu me lembro que desde aquela época a gente teve algumas palestras né e eu fui vendo a importância né, de ter alguém que soubesse dos meus direitos e conseguisse lutar por eles. Então, desde que eu dava aula em escola particular, antes de ingressar na escola pública, eu sempre procurei o sindicato pra defender os meus direitos né, pra entender um pouco mais se a gente tem dúvida né, eu sempre consultei esses órgãos.” (Professora Ana).

“[...] eu fui pra uma escola, que tem, que tinha bastante referência de professores mais velhos, que eram bastante engajados em lutas, tudo, e foi onde eu tive contato com eles, porque antes disso eu não tinha tanto entendimento sobre a importância de

participar dessas instâncias né. Até tem uma fala aqui na faculdade, eu adorava que tivesse greve porque eu ficava na lá na minha casa meses, então, era muito bom, mas eu não sabia muito a importância né e o peso dessas instâncias. Então, foi mais assim atuando mesmo e tendo boas referências na realidade né, tinha ótimos professores na minha escola.” (Professora Frida).

“Porque eu acho que o sindicalismo éé, às vezes, confunde um pouco as bandeiras sabe, éé, eu já fui, sem ser sindicalizada, mas eu já fui pra São Paulo quando teve a greve, várias vezes junto com a Apeoesp já fui lá, já fiz a caminhada e tal, já participo nesse aspecto, mas assim, eu comecei a perceber que eles levantam algumas bandeiras que eu não, eu acho que mistura muito né, por isso que eu decidi não me sindicalizar.” (Professora Marisa).

A Professora Mara explica sua desfiliação sindical: *“Não, eu fazia, eu paguei um bom tempo, mas daí, entendeu, eu tive, é que quando eu precisei eu não tive ajuda, então eu dei uma parada de pagar, né”*. O Professor Artur explica seu desapontamento perante o sindicato:

“[...] qualquer classe trabalhadora tem que ter seu sindicato ativo, mas também, infelizmente, existem algumas situações que eles acabam se alinhando né com o executivo né, muitas situações assim que eu presenciei também desse alinhamento de acordos assim só pra manter o status mesmo, o sindicato consegue ter a voz, ele consegue ser ouvido, ele consegue ser influente dentro do poder executivo mas, na verdade, quando vai negociar, tudo fica na mão do executivo e nada fica pra gente enquanto servidor entendeu, então foram essas situações que eu acabei meio que ficando desmotivado pra ter uma participação ativa mesmo [...]” (Professor Artur).

Inspirando-se em Maar (2013), quando ele coloca a questão do descrédito e o desalento da população em geral perante as instituições e suas políticas, sendo isso o principal responsável pelo significativo crescimento dos movimentos sociais, onde na política institucional há tentativas de falar pelo povo e para o povo e nos movimentos sociais o povo acompanha cotidianamente e é ele próprio quem toma as rédeas da situação, seguindo com essa linha de pensamento, podemos comparar que, em nossa contemporaneidade, os professores estão mais propensos a não acreditar muito na força de transformação e nas possíveis ações representativas dos sindicatos por não se sentirem representados ou não conseguirem enxergar na pauta dos sindicatos as verdadeiras aspirações do professorado, consequentemente, buscando apoiar-se em outras instâncias sociais.

Esses apontamentos podem servir para que as instituições sindicais reflitam sobre essa problemática para propor ações de melhoria nesse contexto apresentado, que busquem meios para atender as demandas individuais dos professores como também contribuam para a busca de meios que possam auxiliar para um reconhecimento de demandas em comum perante todo o grupo de professores, reconhecimento das necessidades coletivas e da importância da colaboração/cooperação de todos os professores em prol de interesses tanto individuais quanto

coletivos, pois a certeza que temos por agora é que necessitamos dessa parceria para seguirmos na luta por melhorias no contexto escolar e na profissão docente.

Falando de minha experiência em particular, eu somente fui notar a importância do sindicato depois de dezesseis anos de profissão, ao longo do andamento desta presente pesquisa de doutorado, dialogando com meus companheiros de profissão, os professores de EF, ao longo dos Círculos de Cultura virtuais aqui realizados que possibilitaram diálogos sobre diversas situações vivenciadas, como também através das minhas próprias experiências nesse período em que escolas em que atuamos vivenciam processos de adesão ao projeto PEI, quando deparei-me com situações conflituosas recorrentes dentro da escola perante ações da gestão escolar, como por exemplo o impedimento da formação do conselho de escola como rege o regulamento de formação do conselho, onde ocorreu que a gestão escolhia os membros que lhe convinha para formar o conselho contrariando resultados da votação democrática, o que derivou uma luta por parte da comunidade escolar para fins de denúncia e solicitação de intervenção da supervisão escolar e sindicato para fazer valer direitos democráticos de participação de toda a comunidade escolar, resultando posteriormente em retratações.

Comentando da minha última experiência, quando vivenciei pela terceira vez um processo de adesão a PEI em uma das escolas em que atuo, professores se mobilizaram criando um grupo de WhatsApp alternativo para fins de acompanhamento dos acontecimentos, tira dúvidas, resolução de problemas, busca de parcerias, etc. Esse aplicativo possibilitou um agrupamento dos professores, houve uma união em prol desse interesse em comum, potencializando uma mobilização dos professores onde as ações repercutiram no espaço físico da escola. O sindicato APEOESP foi uma parceria significativa dando força e apoio a todos os professores e comunidade escolar, tirando dúvidas e apontando encaminhamentos para ações devido a dilemas e desafios nesse caminho de desalienação de toda a comunidade escolar perante discursos ideológicos dominantes de apoio ao projeto da PEI, onde somente frisavam pontos positivos do projeto e ocultavam da comunidade escolar o lado negativo desse projeto, como por exemplo, a promoção de desigualdades sociais, a fragmentação dos professores e perda de direitos docentes, entre outros. A participação efetiva do sindicato APEOESP, atendendo ao pedido de ajuda de alguns professores e responsáveis pelos estudantes, foi essencial para promover diálogos críticos, apontando diferentes visões perante esse projeto, colaborando posteriormente para um processo de decisão consciente e democrático.

Nesse caminhar, constatamos a importância de colocar em pauta as temáticas da identidade dos professores enquanto trabalhadores da educação, a relação necessária entre educação e política, a força de um trabalho coletivo, a importância da contribuição de diferentes

instituições e do diálogo entre pares para seguir num processo de politização e desalienação tanto de professores como da população em geral.

3.2.7. Dimensão estética da profissão docente

Os resultados da pesquisa vem ao encontro do que Paulo Freire relata sobre a educação, como um processo de conscientização que não se limita a dimensão política, mas se complementa nas dimensões epistemológicas e estética, no sentido de que a educação é uma teoria do conhecimento que é posta em prática, é um ato político e estético, onde essa dimensão estética envolve a intuição, as emoções como o prazer, o amor, a alegria, constituindo-se em saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 1996; FREIRE; SHOR, 2001).

Falando de sentimentos, de emoções docentes, os positivos, como a alegria que foi citada pelos participantes, predomina quando o professor tem um retorno dos estudantes, quando eles conseguem realizar as atividades propostas, quando gostam da aula e/ou quando os professores ficam sabendo de ex-estudantes que obtiveram sucesso e reconhecem e agradecem o papel docente nesse processo. Os sentimentos negativos, como o medo e a insegurança, vêm quando ainda não se conhece bem a realidade em que está atuando, pelo ato de alguns estudantes correrem o risco de se machucarem nas aulas de EF e por diferentes violências presenciadas dentro das escolas, raiva de algumas situações agressivas advindas da violência, e também, a frustração e a angústia vem com a falta de estrutura, quando professores notam casos de estudantes que não querem e/ou não conseguem avançar no processo educativo e/ou vão para o crime.

O Professor Cabral destaca que *“eu acho que é o principal, o principal sentimento é esse, atualmente, de frustração é de não ver. Às vezes tá acontecendo, você não tá vendo né”*. A Professora Mara exemplifica com as aulas remotas na pandemia, onde relata que *“às vezes, você tá ali dando aula e de repente aquelas câmeras todas fechadas e você tá ali implorando pros alunos abrirem, é muito frustrante né, porque você quer ver ali a reação das pessoas”*. Segue abaixo mais alguns depoimentos em complementação:

“[...] a gente se sente frustrada porque dá impressão que a educação falhou com ele, como a gente faz parte da educação, a gente se sente falha também. Eu sei que a gente não consegue consertar o mundo, que a nossa influência no aluno é uma parte do que ele é, tem os pais, têm a família, tem o meio que ele vive, eu sei de tudo isso, mas não deixa de ser um fracasso pra gente, [...]” (Professora Marisa).

“Ah, eu acho que alegria, satisfação, é, eu acho que é bem nítido nos momentos de inclusão né, [...] Agora frustração, ah, é o sistema, quando você chega numa reunião de professores ou no ATPC né, e existe aquela pressão de nota, de aprovar, de não

ser aprovado, de colocar falta, de não colocar, sabe, a gente percebe que muita coisa é uma mentira, que a gente tem que dançar conforme a música, e passar por cima de muita coisa que a gente acredita, então isso eu acho que é bem frustrante, e não considera ali a realidade, o que é importante né, muitas vezes, se o aluno tá se desenvolvendo, tá aprendendo, não é importante.” (Professora Ana).

“[...] o que mais precisa aprender é a relação com os professores e com essa estrutura que não tem como mudar, essa burocracia, é essa relação que me irrita muito. Então, eu passo muito mal de ver coisas, que eu falo, cara, eu não acredito que as pessoas fazem isso, sabe, e falam isso, agem dessa forma, e aí isso me faz mal, isso, nossa, eu, me dá, sabe, desespero, um sentimento de desespero de ver, pensar, nossa, mas não é possível que ninguém tá vendo o que eu tô enxergando, então isso me causa muito mal estar. Mas, com relação aos alunos, eu não tenho esses sentimentos negativos né, é sempre uma alegria, na realidade né, trabalhar, principalmente quando você consegue organizar, tem tempo pra estudar, tudo.” (Professora Frida).

“O que me deixa assim cansada é da mesmice sabe, [...] acaba deixando a gente meio né assim engessado né, e o trabalho no Estado, por exemplo, todo ano a mesma coisa, todo ano o mesmo caderninho, isso, nossa, me deixava, acabava comigo porque eu não conseguia ter essa liberdade de atuar [...]” (Professora Regina).

“O professor que tem essa essência né de querer mudar a realidade social dos alunos, ele não tem como ele fazer isso sem buscar o conhecimento né, sem buscar uma teoria que embasa, sem buscar um respaldo na lei, sem buscar, enfim, porque você tem que convencer a diretora que você quer desenvolver um projeto, que você tem que motivar os seus alunos, você tem que bater de frente, às vezes, com colegas de trabalho, com professor, você tem que de repente abrir um espaço na comunidade pra você explicar o que você quer fazer né, [...]” (Professor Artur).

Freire e Shor (2001) e Freire (2021) caracterizam o medo como sendo algo concreto e não abstrato, no sentido de que são nossas próprias experiências que provocam o medo, e quanto mais clareza tivermos de nossa opção, de nossos sonhos, de sermos seres políticos, melhor vamos entender as razões dos nossos medos, pois notaremos o quanto ainda temos que caminhar para melhorar nossa democracia. O mais importante é não permitir que o medo nos imobilize e buscar meios de controlá-lo (analisar sua razão, medir a relação entre a causa e nossa capacidade de resposta), encontrando nesse processo a nossa coragem.

Freire (2020) explica que faz parte da própria existência humana a atuação-reflexão e as pessoas comprometidas com essa atuação-reflexão sentem-se frustradas quando são impedidas de atuar e consequentemente buscam a superação dessa situação de frustração. Freire e Shor (2001) comentam que as frustrações dos educadores vêm ao ver que sua prática docente não está dando conta de fazer a mudança que esperavam ver, pois de um modo idealista esperam através da educação algo que ela não pode realizar sozinha, a transformação da sociedade, a educação sozinha não tem todo esse poder. Por isso, é preciso conhecer os limites e as possibilidades do processo educativo para ir além. Temos que ter em mente que a atividade do educador não será suficiente para mudar o mundo, mas temos que reconhecer que pode-se fazer algumas contribuições.

Freire (1996) comenta que a alegria faz parte desse processo de busca que é ensinar e aprender. “É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido” (p. 142). É nesse contexto que Freire (1996) diz se caracterizar a famosa “vocação”, que na verdade se mostra como uma força que faz com que professores permaneçam exercendo essa profissão mesmo perante adversidades.

Todas essas ricas experiências dos professores, trazidas e compartilhadas aqui nesta presente pesquisa nos mostram manifestações de humanismo, onde podemos verificar a preocupação e cuidado dos professores perante os estudantes, pudemos ver expressões de sentimentos que envolvem a relação professor-estudante em diferentes realidades e comunidades, visualizamos práticas e esforços que expressam valores humanos e civilizatórios que estão sendo construídos, conservados, repassados, socializados, trilhando um caminho de resistências e, assim, dando sentido a nossa profissão docente.

3.3. (3º) Resistência/Luta/Comprometimento

Com esta presente categoria damos seguimento ao caminho, rumo a desalienação e politização, percorrido pelos professores de EF, em prol de contribuir para uma transformação em nossa sociedade, onde aliado a compreensão do contexto e a busca por uma consciência de classe, vem a ser primordial como resultante o comprometimento dos professores nesse caminhar, nessa busca permanente por melhorias, superação da alienação em busca de um processo de politização docente, onde há necessidade de resistência e luta por parte dos professores perante todo esse processo de desumanização perpetuado historicamente em nossa sociedade.

3.3.1. Autoritarismo/imposição

Freire e Shor (2001) comentam que há estruturas e rigores nas instituições escolares e esses programas padronizados dão pouca autonomia aos professores e seus estudantes, dificultando uma reinvenção. Comentam que “as autoridades escolares e estaduais procuram elaborar um currículo básico que seja até ‘a prova de professores’” (p. 95). As escolas estão sendo tratadas como empresas, os professores como simples transmissores do que lhes é imposto/dado. Esse modelo educativo foi muito bem pensado, muito bem construído, com a

aprendizagem facilmente quantificada e medida, facilmente avaliada nos seus próprios moldes e convenientemente fácil de ser fiscalizada.

Freire e Shor (2001) explicam que existem autoridades que policiam os professores e essa repressão faz com que professores muitas vezes recuem como também sigam em busca de outras e novas formas, outros e novos meios, para fins de atuação. A medida que o professor vai atuando, vai trabalhando na instituição, vai conhecendo os ideais e limites do *establishment*, vai fazendo um “mapa ideológico” da instituição e vai reconhecendo seus iguais e diferentes, sabendo com quem pode contar em determinados momentos e contra quem tem que lutar, e essa sensação de não estar sozinho diminui o medo. No momento em que o professor faz oposição ele se revela e expõe seu “sonho”, seu objetivo, sua opção, e se mostra contra os ideais sustentados pela autoridade em questão. O risco constitui uma parte concreta da ação e, segundo os autores, é impossível existir sem correr riscos.

Como já discutimos, no decorrer do trabalho docente, muitas coisas são impostas para os professores, mas os participantes desta pesquisa afirmam que não seguem à risca, que se impõe, e que o diálogo é importante nesse contexto. A Professora Andreia expõe a questão da necessária adaptação: *“Então, o que eu tento, eu tento adaptar dentro da minha realidade!”* A Professora Regina defende a postura dialogada, onde explica que *“então eu acho que é no diálogo né, assim. Mas não, assim, eu não aceito tudo não rs, a gente vai debatendo, dá pra discutir”*. Podemos destacar mais alguns depoimentos abaixo:

“À risca não, não, tem coisas que eu tenho respeito porque a gente tem uma hierarquia né, todo lugar, todo emprego, mas eu não vejo que porque eu respeito eu tenho que aceitar, algumas coisas eu não acho certo, eu tento conversar né, nunca brigar, jamais, de boa, conversar, falar, ó, eu não acho isso certo, acho que aquilo é certo, podemos mudar, podemos fazer diferente porque eu não acho certo por isso, por isso e por isso, podemos mudar pra isso, isso e isso, entendeu? É uma discussão plausível pra tentar mudar, mas seguir à risca não.” (Professor Francisco).

“[...] antigamente, quando não tinha currículo eu era muito mais criativa, nossa, muito mais criativa porque eu usava a BNCC e montava a minha logiquinha lá né de trabalho, depois quando veio de cima pra baixo me emburreceu pacas sabe, porque aí você se via numa situação de que você era obrigado a fazer né aquilo, [...] mas hoje eu não sigo ao pé da letra as coisas, então eu busco sempre trabalhar com aquela habilidade mas pode ser qualquer conteúdo entendeu, então, eu não sigo o conteúdo que eles mandam, por exemplo, [...]” (Professora Frida).

“[...] a gente sabe que dentro da sala de aula né, a gente fechou a porta, a gente pode fazer do nosso jeito, mas que muitas coisas a gente tem que falar amém, infelizmente, não chega a ser a risca mas tem que ser daquele jeito.” (Professora Ana).

“Olha Gi, eu vou ser bem sincera! Na parte burocrática de documento não tem como fugir tá, de realizar os documentos né, às vezes a gente atrasa uma data ou outra mas eu vou ser bem sincera, a minha sala de aula, quem manda sou eu rs!” (Professora Mara).

“[...] eu percebo que eu acabo fazendo alguns arranjos aí pra tentar meio que mascarar algumas coisas que eu não concordo, sabe assim, eu acabo criando alguns macetes assim, do que eu tenho que seguir né, por exemplo, na sala de aula, não tem como eu não seguir o currículo, eu tenho que seguir o currículo, porém o que acontece, alguns aspectos que eu acho muito legal no currículo e eu vou seguindo, outros que eu acho que não tem nada a ver, preciso me aprofundar mais ou isso aqui não tem nada a ver, você acaba fazendo aquela manobra ali na sala de aula, você tá seguindo o currículo, mas também você tá deixando a sua marquinha ali né.” (Professora Marisa).

Freire e Shor (2001) comentam que o currículo regular, muitas vezes imposto, desaponta, entedia professores e estudantes, fazem com que se sintam limitados pelos programas rotineiros e os limites de cada disciplina, vem a sensação de querer “respirar” fora, ultrapassar essas barreiras do conhecimento “oficial”. Arroyo (2011) comenta que essa docência repetitiva de saberes fechados desqualifica os professores, não há muito o que teorizar e refletir, desmotivando-os. Mas, podemos afirmar com base nos depoimentos dos professores nesta pesquisa, citados acima, que há resistência, há luta por parte deles nesse contexto a fim de superação. Arroyo (2011) afirma que essa “transgressão” é inerente a profissão de professor, os professores crescem e se afirmam como sujeitos políticos e profissionais.

Quando a Professora Ana foi relatar sobre fatores negativos na profissão, ela se referiu ao sistema e a falta de recursos e relatou como ela tenta se posicionar: *“Eu sempre entro na APM pra ver se eu vou ter voz pra poder pedir alguma coisa rs,[...]”*. Também, a Professora Mara, quando comentou sobre o lado negativo da profissão, apontou situações relevantes nesse contexto de imposições:

“E também, eu falo assim, que veio uma coisa lá de cima né, de quem tá lá coordenando né, não sabem o contexto escolar, e muitas vezes né, vem impondo, colocam, mandam, faça isso, faça aquilo, desmandos e desmandos, então eu acho que a gente sofre muito aí, é, em relação a gestão, a gestão dentro da secretaria, a gestão dentro da nossa diretoria, a gestão até mesmo dentro da escola né, porque, às vezes, eles esquecem o lado humano do professor, ele esquece que professor tem lado humano né. Se visa muito, aí, o aluno, mas esquece que o professor é um ser humano né, e que antes de você ter um cargo, você é um professor né, o diretor foi um professor, o vice-diretor foi um professor, o coordenador foi um professor, e assim, a gente não tem um poder de cátedra né, muitas vezes né, a gente não tem um poder, falam né, ah, a escola, ela é um espaço democrático, e a gente sabe que nem sempre a escola é um espaço democrático né, que, às vezes, a gente se priva de fazer alguma coisa porque, aí, não pode, aí, não, porque isso, aí, não, porque aquilo, e você tá tentando fazer uma coisa pra melhorar né sua aula, pra dar um conhecimento, pra fazer uma diferença na vida desses alunos né, pra fazer uma aula diversificada, pra você né tá aí melhorando a sua metodologia, a didática, o ensino né, aprofundando alguns conteúdos, e a gente fica ali, barrado ali na burocracia né, pra não dizer burocracia, então, muitas vezes, alguns desmandos que vem lá de cima e que as pessoas obedecem fielmente né, como se aquilo fosse, eu falo, como se fosse a bíblia né, que a bíblia é a bíblia, é um livro único né, e as pessoas, às vezes, seguem e não veem o contexto, cada escola é um contexto, cada escola é um contexto. Eu acho que a gente tinha que ter um poder de cátedra um pouquinho maior dentro da escola né, às vezes, não sei se tanta burocracia, às vezes, vai fazer diferença na vida do aluno, eu acho que não se pensa muito no que é próprio pro aluno, será que aquilo vai fazer

diferença na vida dele, será que aquilo vai ser significativo, então eu acho que tinha que ressignificar aí algumas coisas aí em relação à isso, isso às vezes te frustra!” (Professora Mara).

Relatando minha experiência particular, eu tive uma coordenadora pedagógica em uma das escolas que já trabalhei que eu a considero muito libertadora e que nos mostrou caminhos a serem trilhados dentro desse aparelho ideológico de Estado, a escola, onde comentava que no papel pode constar qualquer coisa, temos que fazer e entregar toda a papelada solicitada, mas o que realmente impacta e importa é a nossa ação enquanto professores, como estamos trabalhando, como estamos agindo, e ela sempre nos lembrava que estamos ali trabalhando para atender as necessidades de nossos estudantes e suas famílias e não para o governo.

A intenção aqui é deixar claro que, por mais que haja vigilância e pressão advindas de instâncias superiores a fim de fazer a manutenção das ideologias dominantes, sempre haverá espaços e meios dentro da escola para uma contra ideologia, só é preciso, para os professores que assim queiram, ficar atentos às oportunidades.

3.3.2. Troca de experiências

Um elemento muito citado pelos participantes foi a troca de experiências. Sobre ocasiões onde os professores deparam-se com situações difíceis, eles buscam auxílio no apoio e na troca de experiências entre seus companheiros de trabalho (professores, estudantes, gestores) e ressaltam que, diante de inúmeras situações difíceis, o caminho é focar em uma coisa de cada vez e estudar sempre:

“Eu não tenho vergonha disso não, de delegar ações e de pedir ajuda, de correr atrás, entendeu, eu acho que a gente precisa, é uma troca, hoje você me ajuda, amanhã eu te ajudo, e a gente vai fazendo isso né. Então, assim, eu tento resolver pensando sempre no bem-estar do meu aluno, vai fazer, vai dar certo, vai ser bom pra eles né, e tento resolver, dependendo do que for, junto com eles.” (Professora Mara).

“[...] eu acho que ter apoios também de outros profissionais que também, éé, não que pensam igual à você, mas que também vê o mundo da mesma forma, eu acredito que é uma forma também de resolver os problemas que apareçam, sabe. [...] Então, acho que tudo tem uma forma de você resolver né, aí vai das estratégias que você busca aí no caminho né, mas, assim, eu acho que ter um grupo forte, éé, faz toda a diferença também, nossa, faz muita diferença porque se for só você sozinho no meio do caos da humanidade, nossa, você sofre muito.” (Professora Frida).

A fala do Professor Paulo nos remete também a necessidade da avaliação contínua de todo o processo educativo, onde está contido também a auto avaliação docente: “[...] então preciso quebrar as minhas limitações e tentar aumentar o meu leque de conhecimento, [...]”.

Arroyo (2011) aponta que essa preocupação por parte dos professores de continuar estudando, buscando uma adequação de sua função aos novos tempos, buscando novos conhecimentos e tecnologias, vem do entendimento que os próprios professores vão incorporando do seu papel, do peso social e cultural que essa profissão carrega.

Seguimos a ideia de Freire (2007, p. 139), onde ele ressalta que é essencial, para um processo educativo libertador, que “os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros”. Essa troca de experiências deve ser vista como uma possibilidade e pode ser algo muito motivador e promissor.

A maioria dos professores participantes nesta pesquisa afirma que os professores não sabem trocar experiências, que na maioria dos casos ficam só na reclamação e não avançam numa solução dos problemas e em caminhos a seguir, mas, contrariamente, a minoria dos professores afirma que conseguem trocar sim. Os professores também denunciam que falta oportunidade de espaços para que ocorram trocas entre os professores, onde trazemos como exemplo o depoimento da Professora Marisa: *“No espaço de formação do ATPC a gente não troca muito não, principalmente agora que é só formação, formação, formação, tem hora que eles não dão espaço pro professor”*. Destacamos ainda os depoimentos abaixo:

“[...] você entra na rotina do dia-a-dia ali né, você entra, que às vezes você esquece de registrar uma atividade legal que você faz, ou mesmo de contar pro colega, porque se eu falar ele vai achar que eu tô fazendo isso pra me mostrar ou pra falar isso né, então tem vários sentimentos envolvidos aí. Então, eu acho que poderia ser um hábito né, melhor trabalhado né, [...]” (Professora Ana).

“Ah, eu acho Gi que a gente tem uma turma boa de educação física lá em Bauru, e eu acho que a gente consegue trocar bem sim, eu acho que a gente consegue se ajudar bastante e trocar informações, porque eu falo por mim, eu sempre tô trocando, eu sempre tô perguntando né, e quando a gente pode ajudar a gente ajuda, e quando a gente não pode, a gente fala, olha, tal pessoa ajuda. Eu acho que a gente consegue sim fazer bem isso.” (Professora Mara).

“Eu, particularmente, prefiro trocar experiência com universitário, ultimamente, porque eles tão vindo numa pegada de querer aprender com a gente e traz muito conhecimento né. Então, eu acho que essa dinâmica de trocar as experiências, no nosso âmbito de professores, ela é muito difícil porque o professor tem um ego muito né, ele se acha o bam bam bam ou ele não acha que ele vai aprender com os outros né, então eu acho que não foi criada essa dinâmica entre a gente né, e que é super rica né, nossa, trocar experiência com os colegas é muito bacana né, ter momentos e espaços pra isso né, no Estado não tem nenhum momento, porque o momento que o Estado tem o professor acaba virando muro de lamentação né, que a gente reclama, reclama, reclama, mas a prefeitura tem os momentos que você troca ali experiência, é bacana, muito bacana.” (Professora Frida).

“Então, tem aquela troca de experiência do que você quer pra você e tem aquela troca de experiência, não vou falar que é negativa, acaba contribuindo para a visão do que você não quer pra você, você sabe que daquela forma você vai ter aquele

resultado né, então, eu acho que as duas formas são positivas, você vê o que você não quer pra você também né.” (Professora Marisa).

“É muito importante e graças a Deus a gente troca, porque tem semana que você fala assim, meu, eu não sei o que que eu faço com meus alunos, principalmente no ensino remoto, e isso, nossa, isso nos juntou mais ainda! O que que eu faço Du? O que que eu faço Silvana? O que que eu faço Ana? Tal, meu, faz assim, olha, eu fiz essa aula, tem tudo a ver com as habilidades dessa semana! Puta, eu nunca ia pensar e sai, entendeu. Então, eu acho assim, a troca é essencial, é importantíssima.” (Professora Regina).

“[...] o que eu vejo, às vezes, tem professores que ficam meio que, ah, não é medo, não seria essa a palavra, mas, assim, ah, se eu mostrar o meu trabalho que eu fiz, vão roubar a minha ideia! Sabe, coisas nesse sentido, mas o que eu vejo no compartilhamento, a gente cresce bastante [...]” (Professora Andreia).

“Tem sim, alguns conseguem sim, a maioria, a minoria acha que é meio malinha né, não quer, ah, meu conhecimento é só meu, eu não acho assim, eu acho que o legal é você trocar conhecimento, trocar experiências, eu acho muito importante, alguma coisa que você sabe, que eu sei eu posso te passar, você pode passar pra mim, não vai tomar o lugar do outro, tem lugar pra todo mundo, ah, o que ele me passou eu posso passar na minha escola, o que eu te passei você pode passar na sua escola, entendeu, é muito legal essa troca de informação entre os professores.” (Professor Francisco).

“[...] isso tinha que ser obrigatório em qualquer rede de ensino isso aí, ter um momento para os professores de educação física conversar sobre as suas práticas entendeu, trocar experiências né, de repente conteúdos que deu certo né, vivências que funcionaram diante de uma situação espontânea, planejada, enfim, isso aí tinha que ser primordial, penso eu.” (Professor Artur).

Arroyo (2011) explica que é importante o hábito de fazer registros de sua prática profissional e de criar possibilidades de encontro para socializar as práticas docentes. Assim:

Para que as ondas inovadoras não morram nessas praias burocráticas é necessário criar estruturas de apoio mútuo, redes de práticas coletivas que se reforcem. Todo um estilo de inovação ou um movimento educativo que se alimenta na autoconfiança dos mestres e educandos e se reforça em redes de socialização e de registros (ARROYO, 2011, p. 151).

Verificamos nesta pesquisa que os professores possuem diferentes opiniões sobre esse contexto de troca de experiências que estão de acordo com o que cada um deles vivenciaram ao longo de suas vidas até o momento. Com relação a essa troca de experiências ocorrer ou não, ser benéfica ou não ser, podemos considerar que depende muito do contexto, da realidade vivenciada em específico por cada professor, se há uma relação de cooperação entre seus pares naquele ambiente específico, se conseguem manter um certo nível de comunicação ou não, quais os meios utilizados, enfim, difere em cada realidade, em cada contexto vivenciado, necessitando de análises individuais para uma melhor compreensão de cada contexto a fim de melhorias. Entretanto, o que podemos afirmar com base em nossos estudos e queremos ressaltar aqui é que há essa possibilidade de troca de experiências e devemos lutar por melhorias nesse contexto, onde cabe aos educadores trilharem seus próprios caminhos nessa jornada.

3.3.3. Exoneração

Todos os professores entrevistados já pensaram em exonerar o cargo e afirmam que se esforçam para continuar na carreira. Relatam que os fatores que contribuem para manutenção do cargo e continuidade na profissão é o gostar da profissão docente, o retorno de contribuição positiva na vida dos estudantes, é pensar que todas as profissões e todos os lugares tem seus problemas, seus desafios, mas essa carreira ainda possui uma estabilidade por ser cargo público (com o passar do tempo notamos cada vez mais os esforços por parte do governo para retirar essa estabilidade). Há esperança por melhorias. “Esperança”, “resiliência”, “resistência”, essas palavras são recorrentes nos depoimentos dos professores. O conselho desses profissionais para seguir no caminho da docência é sempre continuar estudando.

“É quando você vê assim, que você fala assim, poxa vida, eu queria fazer tanta coisa, eu queria poder fazer mais, mas, às vezes, você se sente engessado né. No começo, quando eu entrei, eu tinha uma visão diferente né, eu achava né, quando a gente entra, a gente acha que vai mudar o mundo, que a gente vai mudar muita coisa, e quando a gente ingressa, que a gente vê que a realidade é totalmente outra né. No começo, eu sempre falei que o Estado engessa a gente né, você vai ficando tão desmotivado que você acaba deixando você de lado, a sua profissão de lado e vai seguindo o fluxo né. Mas aí, vem alguns momentos, como eu falei pra você, algum aluninho, ou isso, ou aquilo, que você vai vendo que você vai fazendo a diferença, falo não, eu não posso cair na mesmice, independente do que for, você tem que fazer a sua parte né, então faça o seu melhor, enquanto você estiver lá, faça o seu melhor!” (Professora Mara).

“Ah, estudar, eu acho que o estudo, eu não seria a mesma se eu não tivesse tão ligada à Universidade, fazendo as disciplinas do mestrado como aluna ouvinte, fazendo os cursinhos que apareçam assim, sabe, aleatoriamente da Universidade, ou fazendo especialização. Eu acho que o que me deixou ainda mais próximo de não desistir, porque existe aquele que desiste e exonera é uma coisa, mas existe aquele que desiste e não dá aula mais né, que é o funcionário público que tá ali só sobrevivendo né, então, o que não me deixou dessa forma foi estudar. Eu acho que, infelizmente, igual você falou, a gente falta, a gente rebola aqui, faz aquilo, e vai tentando fazer, pelo menos deixar, ficar próximo da Universidade né, e aí eu acho que isso motiva muito, motiva demais sabe você à trabalhar.” (Professora Frida).

“[...] eu gosto muito do que eu faço, então eu me sinto bem, eu gosto de, eu tenho prazer de ir pra escola, levantar e ir pra escola, e aí é uma motivação pessoal, é minha, porque se a gente for depender da escola pra gente ficar motivada, eu acho que não vem da escola, eu acho que não, é uma opção minha mesmo, porque eu gosto. [...] quando eu enfrentei vários problemas na escola assim de desmotivação, e aí você acaba, fala, caramba, e agora, o que que eu vou fazer, vou largar tudo, daí você procura meios pra te mostrar também, pra continuar, eu penso que sim, eu me esforcei sim pra ser professora.” (Professora Marisa).

“[...] o que me motiva, o que eu vejo é esse permanecer fazendo coisas, éé, tentando fazer coisas pra transformar a realidade dos alunos, pra eles poderem ver que pode ser diferente, é isso que me motiva se eu falar pra você rs.” (Professora Andreia).

“Em uma palavra, ah, esperança, a esperança não de esperar que as coisas melhorem, mas de estar sempre buscando as soluções né e sem pressa e contínuo, sem

pressa e contínuo, nesse sentido de esperança né, éé, porque senão você abandona.” (Professor Paulo).

Como diz Arroyo (2011, p. 170), “a docência só é suportável, reinventada, a cada dia. Como a vida”. Podemos inferir com base nos diálogos com os professores participantes que essa imprevisibilidade, essa instabilidade, essas surpresas e desafios que caracterizam o cotidiano dos professores, situações que os levam a sair da zona de conforto, pensar, refletir, agir, são elementos que impulsionam essa continuidade na profissão e os professores que melhor se adequam a essa realidade destacam-se nessa profissão.

3.3.4. Motivação

A motivação é, segundo Venditti Júnior (2014, p. 103), “uma forma de expressão do ser humano que está interligada a uma grande variedade de condições e que depende da interação de fatores pessoais e ambientais”. Para Neri (1982, p. 206), a motivação é um processo, pois depende da interação indivíduo-ambiente, assim, “motivar não é ativar ou despertar forças intrínsecas, mas sim dispor contingências para produzir comportamentos estáveis, hábeis e de alta probabilidade de ocorrência” (p. 206). De acordo com a autora, motivar é difícil, mas é possível, desde que se observem e manipulem de forma adequada os fatores responsáveis pelo comportamento. Em contrapartida, Venditti Júnior (2014, p. 78) chama a atenção ao fato que “não temos a capacidade de motivar as pessoas, mas apenas de influenciá-las com estratégias adequadas e estímulos possíveis”.

Trazemos como exemplo os depoimentos do Professor Cabral e da Professora Mara, onde verificamos que os próprios professores buscam se auto motivar, mas elementos externos presentes no cotidiano interferem negativamente:

“Eu acho que dá, dá pra se automotivar, mas é complicado né, eu acho que existem muitas barreiras que atrapalham isso, e assim, essas barreiras, elas caem até inclusive na própria escola né, porque várias vezes eu já tive com alguns projetos na escola e foi cortado, e projetos que eu tinha apoio de outros professores. É, então, você fala assim, você se motiva a fazer com todas as barreiras e limitações possíveis e aí quando você chega lá você tem alguns cortes né, empecilhos burocráticos, que a própria escola fala, isso não pode acontecer, isso não pode fazer, assim, assado, e assim vai né.” (Professor Cabral).

“Ah, tem dia que consegue Gi! Mas nem todos os dias não! [...] Então, assim, eu tento ser transparente com eles pra eles entenderem que nós também somos seres humanos, que nós também temos sentimentos, que a gente, como eles, tem dias que não tá bem, [...] Pra eles aprenderem, eu falo pra eles, vocês vão ter que lidar aí na sociedade, e vai ser assim, tem dias que você vai levantar muito bem, tem dia que você não vai, e você não pode descontar nos outros aquilo que você tá sentindo.” (Professora Mara).

A Professora Mara nos mostra que mesmo os professores passando por dificuldades com relação a motivação, eles podem e conseguem lidar com essa situação transformando-o em aprendizado para eles e seus estudantes, onde essa relação de diálogo aberto e sincero em busca de uma reflexão crítica do cotidiano, que poderia ser encarado como algo que não está no currículo, não faz parte da “matéria” de EF contida na apostila, mas que é relevante e essencial para enriquecer os processos educativos na escola.

Diversos fatores contribuem para a diminuição da motivação profissional, entre eles: a crise econômica que assola não somente o nosso país, mas a nível mundial; quadro de incertezas e instabilidade dando a sensação de descontrole profissional; a facilitação de atividades de lazer em nossa sociedade contemporânea, influenciando na escolha de valor pessoal referente à importância da profissão; desilusão referente às expectativas profissionais; entre outros. Para compreender especificamente a profissão docente, a análise do contexto social em que o professor está inserido é fundamental (JESUS, 2004). Podemos dizer que esses diversos fatores citados englobam uma ação intencional promovida pelo modelo neoliberal de desmonte de uma educação crítica e os professores precisam compreender esse contexto para poder enfrentá-lo.

Com base nos depoimentos dos professores participantes da pesquisa em relação à automotivação docente, os desafios encontrados ao longo da atuação podem ser considerados um fator motivante para os docentes que gostam de desafios, mas o carro chefe da busca por uma automotivação docente foi o ato de buscar pelo conhecimento, os docentes conseguem se auto motivar estudando sempre. A Professora Regina explicou: “[...] acho que a minha automotivação está em atividades diferenciadas né, tentar buscar inovar, sair da mesmice, [...]”. Podemos destacar mais alguns depoimentos:

“[...] a formação é um bom escape né, a formação é uma boa motivação né. Quando você escuta os pares, quando você né tem contato com textos acadêmicos, com informação e conhecimento que pode dar uma luz. Nem sempre é a saída né, mas, éé, pra mim, eu gosto de pensar que o conhecimento pode abrir portas, pode dar outros caminhos.” (Professora Ana).

“Existe, mesmo dentro desse monte de fator né que eu falei, que acabam por interferir né, o professor, a pessoa em si né, ela não pode, ela tem que buscar né essa luta contra ela mesmo pra que ela não perca essa essência, essa vontade, esse objetivo né, [...] e fazer esse olhar né pra dentro dele mesmo, nossa, lembrar do que ele já defendeu, do que ele pensa, das necessidades dos alunos, do que eles precisam, e, é que é difícil lutar contra essa situação de conformismo, porque você acaba se conformando, você acaba né reproduzindo, mas tem que fazer né essa reflexão né, essa reflexão crítica mesmo né, o que eu queria quando era mais jovem, o que eu sou hoje em dia, o que eu posso fazer dentro das minhas possibilidades, mesmo que for alguma coisa mínima, mas eu vou tentar fazer entendeu.” (Professor Artur).

“[...] é pessoal isso aí, eu conheço vários colegas que essa profissão aqui é uma tristeza, só que o cara não larga, [...] Não, não é fácil mudar, é muito mais fácil aceitar e reclamar, sabe, então, eu acho que depende muito do indivíduo, eu vejo

colegas aí se superando todo dia certo, pelas dificuldades que tem. [...] mas eu acho que a gente tem que estar sempre estudando, sempre renovando, sempre procurando informações.” (Professor Paulo).

Segundo Freire (2021, p. 35), “seu gosto de saber mais, sua curiosidade sempre desperta são dos melhores instrumentos políticos na defesa de seus interesses e de seus direitos”.

A Professora Frida aponta que os professores precisam estar dispostos a se auto motivarem e que muitas vezes podem necessitar de uma ajuda extra, como por exemplo, poderia haver em sua formação docente algo que os oriente nesse sentido:

“Se ele for, éé, receber estímulos para isso, ele consegue, entendeu, então, eu acho que se auto-motivar, pra você se auto-motivar, você auto, precisa estar bem, então, eu preciso estar bem para me motivar né, eu estando mal eu não vou conseguir me motivar, e aí eu vou precisar de ajuda extra né. Eu acho que auto motivar, éé, ele precisaria não assim ser ensinado, mas precisaria ter algumas técnicas pra ele se motivar a fazer essas coisas sabe. E aí, eu não sei se eu fui clara, mas acho que é difícil se auto motivar pra fazer uma coisa que você não tem a vontade né, esse desdobramento pra isso né.” (Professora Frida).

Destacamos que realmente existem diversos fatores que afetam a motivação docente e que o reconhecimento desses elementos é fundamental para que os professores encontrem alternativas para superá-los, como por exemplo a busca pelo conhecimento apontado acima. Mas queremos chamar a atenção que é aí que está o ponto chave, pois é inerente à profissão de professor essa busca por conhecimento, essa busca por superação, possuir um objetivo e persegui-lo apesar das adversidades, isso faz parte do ser professor, como aponta a Professora Marisa:

“[...] o professor é aquela questão, aquela qualidade dele, sabe, uma coisa pessoal, porque se for pra, não sei, ele tem que gostar muito pra estar na escola, e essa motivação é muito pessoal, porque, assim, quem gosta mais ou menos acaba ou fazendo igual o que tá aí disseminado ou acaba desistindo, sabe, porque tem que gostar muito pra estar na escola, então essa motivação talvez seja um, não sei nem se é um ideal de carreira, um ideal ali do, ah, do ser professor sabe, aquela, eu falo que tem sempre um bichinho que pica o professor, você fala assim ó, amanhã eu não volto, eu não volto amanhã, eu vou vender pipoca na rua mas eu não volto pra dar aula, aí no dia seguinte você respira fundo e você volta, entendeu, então o que que, tem alguma coisa de especial que faz você, esse cara voltar pra dar aula de novo, entendeu, [...]” (Professora Marisa).

Para o universo freiriano, que foi inspiração para esta pesquisa, a motivação é parte do exercício profissional e consciente da atividade docente. Uma espécie de ontologia social do ser docente! Segundo Freire e Shor (2001, p. 15) o processo de motivação está contido na própria prática docente, pois “a motivação faz parte da ação. É um momento da própria ação”, assim, o professor “se motiva à medida que está atuando, e não antes de atuar”.

Dialogando sobre fatores externos que poderiam contribuir para motivar ainda mais os professores, a recompensa que os professores gostariam e acham que deveria haver na profissão

é a valorização, valorizar quando o professor continua estudando e busca evoluir. O Professor Francisco explica que: *“Ó, privilégio, recompensa, não, só uma valorização a mais, eu acho que o professor poderia ser um pouco mais valorizado, um pouco mais”*.

“Eu falo assim que se a gente tivesse um salário justo todo mês, porque você trabalha, todo mês você trabalha quatro semanas aí né, por mês né, não é brincadeira né, então, se você fosse valorizada todo mês eu acho que você não precisaria de nenhuma recompensa, de nenhum troféu e nenhum bônus lá no outro ano.” (Professora Mara).

“[...] penso que ter mais tempo né [...] pensar nesse tempo remunerado pro professor [...] Então penso eu né, a parte financeira, de repente né, não precisar pagar imposto de renda, ter um incentivo né em relação a compra de livros né, penso que seria esse o nosso benefício.” (Professor Artur).

“Olha, é difícil você falar num país de privilégio onde a elite nossa é sempre privilegiada né, a elite política principalmente né, com mordomias, [...] Mas eu acho que essas coisas não tinham que ter, não tinha que ter ticket, não tinha que ter vale transporte, não tinha que ter vale gás, não tinha que ter vale paletó, você tinha que ter um salário, e com o meu salário eu faço o que eu quero, é o meu salário certo? E isso eu vejo de uma forma geral para todo o brasileiro, não para o professor, eu acho que ninguém deve ter privilégios certo, inclusive, o professor, [...]” (Professor Paulo).

“Ah, o que eu penso Giseli é assim ó, uma recompensa, um privilégio, acho que uma recompensa maior é quando você vê, você pensa num determinado projeto e você vê aquele projeto dando certo e você vê a finalização dele né, como foi o decorrer, o processo, o que que os alunos aprenderam nesse processo, essa é uma das, é, assim, a principal recompensa que eu vejo né. Mas, se a gente for pensar em dinheiro né, a parte de valorização profissional pensando no que move aí né, a questão de dinheiro tudo, eu não concordo com essa questão de prova de mérito e tudo mais, eu, Andreia, eu penso que todos deveriam ganhar igual né, porque o trabalho é o mesmo, tudo bem que às vezes são realidades que são muito piores, mas todo mundo deveria ganhar igual e nós, professores, deveríamos ser valorizados com isso né, mas não pensando aí, ah, porque você trabalha bem então você tem o bônus, que nem o bônus que é colocado, eu vejo como uma forma de o Estado em si tentar afastar cada vez mais a nossa classe né, numa mesma escola, às vezes, ah, eu trabalho lá, eu ganhei os vinte e cinco por cento lá naquela prova do mérito primeira e você não, então, daí, já tem aquela né, meio que, assim, pode não ser o pessoal mas a pessoa sempre acaba ficando né, mas por quê que ela ganhou e eu não? Então, eu vejo dessa maneira, eu não concordo.” (Professora Andreia).

“Eu acho que se o salário fosse adequado a nossa vida, talvez um bônus ajudaria a motivar, mas, éé, eu acho que o Estado manipula muito o professor nesse sentido né, ele dá um bônus pro professor mas ele não dá um salário, então ele não me pega nisso de motivar, entendeu. Ah, por exemplo, eu tenho vários amigos que não faltam de jeito nenhum por causa do bônus tá, mas não faltar não garante uma boa aula, [...] Então, eu acho que precisa ter sim uma motivação, uma valorização dentro do processo, sabe, de pequeno, da coordenação pro professor, da gestão pro professor, e do governo, eu acho que precisa, mas eu não sei se bônus resolveria, sabe, porque, às vezes, o professor, ele ganha um chocolatinho, ele já fica super feliz, motivado, porque o ambiente fica leve né, quando você tem esse processo de querer que o professor dê o melhor dele, o ambiente fica mais leve né, então, é um contínuo ali que vai favorecendo todo mundo né.” (Professora Frida).

“[...] diante da nossa realidade e da educação hoje, acho que seria importante uma bonificação, coisas que eles tentam fazer, mas isso é ridículo se for pensar pra fazer como mecanismo de controle pra fazer a gente trabalhar né, então não deveria ter, o

que deveria ter é realmente equilíbrio dentro de todas as áreas né, [...]” (Professora Regina).

Nesse ínterim, o entendimento de que o bônus, uma recompensa em dinheiro, vai motivar o professor e vai melhorar a qualidade da educação não é eficaz, pois como a Professora Regina comentou, muitos professores não faltam do trabalho para que não ocorra o desconto no bônus, mas como a Professora Frida comentou, o professor não faltar do trabalho não quer dizer que ele está dando uma boa aula, que está tendo qualidade na educação. Os professores mostraram com seus depoimentos a capacidade que o professor possui de analisar criticamente esse contexto de recompensas por parte do governo, apontando-os como mecanismos de controle docente que indicam as reais intenções do governo, as quais se sobressaem diante do aparente discurso de melhorar a qualidade da educação.

A Professora Marisa apontou também o maior desgaste físico e mental que os professores que atuam com o público dos anos iniciais possuem, comentando que esse olhar diferenciado com relação à uma aposentadoria especial seria uma valorização, uma recompensa, enfim, poderia haver um olhar mais diferenciado, estudos mais aprofundados para compreender melhor esse contexto para futuras propostas e ações governamentais.

De acordo com Jesus (2004) os fatores que mais contribuem para o bem-estar profissional são o trabalho em equipe e a formação profissional. Sendo assim, a formação continuada pode constituir-se uma oportunidade para o trabalho em equipe, e:

Para promover o bem-estar docente diversas medidas podem ser implementadas, nomeadamente uma maior valorização social e política da profissão docente, uma maior participação dos pais na vida escolar dos filhos, mas gostaríamos de destacar a importância que a formação de professores pode ter nesta perspectiva. A formação de professores pode constituir um instrumento para a aquisição de competências profissionais relevantes, para aumentar a sua autoconfiança e probabilidade de sucesso, tornando-os mais eficazes no confronto com potenciais factores de stress. Nesse sentido, os professores deveriam ser treinados em competências que permitissem uma melhor gestão do imprevisível ou do espaço de incerteza que é actualmente a sala de aula, principalmente em aptidões sociais e assertividade (JESUS, 2004, p. 199).

O autor ainda complementa que:

Para além da formação dos professores é também necessário dar-lhes condições de trabalho que possam permitir concretizar a sua motivação e competência profissional e realizar um trabalho de qualidade. Neste sentido, é prioritária a diminuição do número de alunos, no sentido duma relação mais personalizada que possa permitir a empatia necessária para a confiança colocada sobre o professor, e a formulação de programas curriculares menos directivos e extensos, permitindo uma maior autonomia e envolvimento de cada professor. São ainda necessários melhores equipamentos, nomeadamente meios audiovisuais e informáticos, bem como uma melhoria dos espaços físicos (JESUS, 2004, p. 199-200).

Arroyo (2011) também aponta o ato de aumentar os níveis de qualificação dos professores como lhes dando uma maior segurança e motivação, coadunando com os estudos de Jesus (2004) e com os resultados desta pesquisa.

A Professora Ana apontou situações simples onde ela se sente valorizada:

“Eu fico feliz quando a professora da universidade me indica pra fazer estágio, ser chamada pra fazer alguma pesquisa assim, eu fico feliz, eu falo, ah, de certo modo é um reconhecimento por alguma coisa né que eu tô tentando fazer.” (Professora Ana).

Em resumo, investir na formação dos professores foi o que mais destacou-se para contribuir na motivação dos mesmos. O ato de estudar já se caracteriza como um ato de resistência/luta/comprometimento. É esperado, com esta pesquisa, além de relatar um processo onde os próprios professores estejam envolvidos numa busca por uma politização e desalienação docente, sendo sujeitos ativos e buscando uma colaboração entre seus pares, também é intenção dar destaque à importância de uma formação contínua para professores.

3.4. (4º) Os meios – Metodologia dialógica e as mídias e tecnologias

3.4.1. Metodologia dialógica

Como já explicado anteriormente, os ideais freireanos foram inspiração para esta pesquisa, assim, os meios de comunicação entre os professores de EF participantes desta pesquisa foram embasados e analisados por esse viés, o da metodologia dialógica. Ao buscar, nas dez entrevistas individuais, temas que sejam de interesse dos professores de EF para discussão em grupo, foram apontados os temas geradores a seguir:

- Professor Cabral: Discutir sobre temas que temos dificuldades em trabalhar com nossos estudantes para verificarmos novas formas de trabalho e buscar visão dos colegas.
- Professora Ana: Boas práticas/Educação remota.
- Professora Mara: As mídias e tecnologias como ferramenta de aprendizado e conhecimento.
- Professora Frida: Quem é a nossa comunidade? (*“Como a gente levanta características da comunidade pra poder propor espaços pra eles né se fazerem presentes, lutarem ali nas suas instâncias né, cada um no espaço que atua.”*).
- Professora Marisa: Motivação do professor.
- Professora Regina: Filosofia – levar a pensar. (*“Então, mas eu acho que falta pro professor saber, compreender um pouquinho o homem, a concepção de homem que ele trabalha né, o*

que que é, qual que é essa inspiração, às vezes ele atua diante de uma teoria e nem compreende, não sabe né.”)

- Professor Artur: Ações coletivas.
- Professora Andreia: Como trabalhar no coletivo?
- Professor Paulo: Organização do tempo.
- Professor Francisco: Tecnologia no esporte.

Se olharmos para os temas geradores sugeridos pelos professores de EF já podemos notar a preocupação dos professores com a sua contínua formação, a preocupação com a qualidade e melhora de sua função, isso já mostra que os professores reconhecem a importância de seu papel e buscam aprofundamento em temas que podem promover melhorias para o processo educativo escolar.

Com relação aos temas geradores escolhidos, poderiam ser outros, mas a questão é que qualquer tema, qualquer conteúdo, qualquer conhecimento é humano, é passível de necessidades, utilizações, contribuições, enfim, podem desenvolver a consciência crítica, mas, no entanto, depende do tipo de trato pedagógico que vai ser dado, deve haver estímulos para atingir esses fins. O mais importante é a dinâmica partilhada e participativa do processo do que os temas que estão sendo trabalhados em si, pois eles podem variar de acordo com os interesses do grupo. Mas é necessário ressaltar que os temas advêm dos interesses e demandas do grupo, assim, tornam-se temas essenciais e significativos a serem trabalhados.

Por exemplo, na minha dissertação de mestrado, em Patrinhani (2018), fazendo uso de uma prática pedagógica dialogada com meus estudantes nas aulas de EF na escola, surgiram inúmeros temas, diversos assuntos, ao longo das aulas que, muitas vezes, nem imaginávamos que iriam surgir e que iríamos tratar deles, principalmente em aulas específicas do componente curricular EF, como por exemplo suicídio, veracidade de informações midiáticas, política, entre outros, mas surgiram ao longo das rodas de conversa e foram desenvolvidos a fim de estimular uma consciência crítica nos estudantes. Assim, não existe um tema ou conteúdo específico, qualquer um que for do interesse do grupo pode ser trabalhado para fins de conscientização crítica e assim também podemos mostrar na prática como todos os conhecimentos, todas as áreas de conhecimento, estão interligados e possuem potencialidades formadoras. Cada tema sugerido serve para embasar o diálogo, o debate, servindo como mola propulsora para o surgimento de novos temas, de novos debates, atendendo as demandas atuais e possíveis novas demandas ali do grupo.

Os temas geradores apontados nas entrevistas individuais realizadas entre cada um dos dez professores de EF e a pesquisadora nesta pesquisa foram buscados na pauta e nos encontros

virtuais em grupo a fim de serem mais destrinchados. Os professores de EF participantes das reuniões em grupo, os que atenderam ao chamado para essa aventura, foram o Professor Mantovani e o Professor Rô, ambos casados, brancos, possuem pós-graduação, são professores efetivos e atuantes na educação básica pública há mais de uma década e meia.

Pensando nas solicitações do Professor Cabral e Professora Ana sobre a temática de boas práticas e buscar visões dos colegas, segue recortes de alguns depoimentos realizados no encontro em grupo que atendem à essa demanda e se mostraram naturalmente ao longo das discussões:

“[...] aí eu vou falar pra eles de futebol americano né, legal né, a maioria deles não tem tv por assinatura né, então eles não seguem a ESPN né, e não assistem o Tom Brady, mas né, pra eles, eu acho que é mais interessante, por exemplo, falar alguma coisa a mais sobre futsal né, porque é a realidade deles ou próprio futebol de campo ou outras variações do futebol né, futebol de areia ou mesmo futebol de campo com jogos aí eletrônicos, o FIFA, O PESS, e outras coisas mais. Você pode contextualizar, seria mais produtivo digamos, do que eu, você pegar um assunto que está aqui né, mas, como é que eu te falo, a realidade não é deles, então a gente faz algumas adaptações necessárias, alguns conteúdos eu passo muito rapidamente pra que os alunos saibam, quem se interessar a gente conversa, mas não vou ficar perdendo tempo, geralmente, tentando aprofundar certos conteúdos que estão completamente fora do universo deles.” (Professor Mantovani).

“Então, eu acho importante tentar mostrar pros alunos que a prática esportiva, ela não tá isolada numa bolha que você entra, pratica e depois sai, ela é o reflexo da sociedade em que você vive né, do momento histórico que você vive, então esse tipo de capacidade de perceber, eu tento passar pra eles, principalmente quando se trata de outras modalidades né, talvez alguém chega e pergunta, que esporte é esse que tão falando e tal? Beach tênis! Aí eu tenho que falar, olha, isso é uma invenção que surgiu a pouco tempo com o pessoal que gosta de tênis. Então você passa algumas novidades pros alunos, aí você discute, fala, você já viu? Você já jogou? Por que que não joga? Porque não tem quadra pública, porque é um esporte caro, porque o equipamento é caro, você não tem condição, às vezes, a pessoa não tem condições de pagar por uma academia ou ser sócio de um clube, essa é a parte que eu quero que eles entendam né, pra que eles possam depois falar assim, ah tá bom né! Então, por que que o futebol é um esporte é tão popular? Justamente porque as características do futebol, do esporte, com uma regra relativamente simples de entender, um esporte que você pode jogar ou brincar com a bola em praticamente qualquer lugar né, você não precisa ver, ah, tem que ter um campo de futebol oficial? Não, joga num terreno baldio. Beleza, vamos jogar né! Então, essas particularidades de cada modalidade eu gosto de trabalhar com os alunos né, em relação a parte prática propriamente dita, normalmente eu tento chegar e falar assim, primeiro jogue, eu mostro lá, tento mostrar primeiro um filme, um trecho de como é o pessoal jogando, pega um jogo da super liga lá, bota lá uns minutinho, agora vamos brincar? Vamo! Depois que eles começam, tentam lá, eu pego e falo, vamos tentar melhorar, como é que toca a bola? Como é que faz a manchete? Será que dá pra manter a bola no alto por mais tempo? Então é um pouco assim, aquela história de você pegar a experiência prévia né, não só o conhecimento, mas também a experiência que a criança tem né, da prática de alguma modalidade esportiva, e depois, devagarinho, você vai dando um apoio aqui, uma informação ali né, de forma que eles se aproximem da prática que eles viram no filme, e depois a gente contextualiza, você pode discutir, falar assim, ó, é igualzinho ao que a gente fez na quadra e o que você viu na televisão? Quais as diferenças? Né! Aí a gente pode trabalhar mais essas discussões, eu acho que é por aí.” (Professor Mantovani)

“[...] a questão das técnicas do vôlei, do futsal, de qualquer outro esporte, como o Mantovani colocou, eu também gosto muito de trabalhar com essa experimentação, boto os alunos pra jogar, experimento e depois a gente tenta entender as dificuldades e a gente entra, qual que é a construção humana né, qual que é o legado, qual que é o patrimônio da humanidade em cima dessa prática corporal, por exemplo né? A gente entra, eu tenho esse privilégio lá com meus alunos, meus alunos, eles são meio nerd pessoal, eu não sei se vocês conseguem avançar nesse nível aí com seus alunos no ensino médio, mas a gente entra num conceito de técnica né, o que que é técnica né? Que não é uma coisa que é só no esporte né, a técnica tá no mundo né, as pessoas precisam de técnica pra fazer fogo, pra construir pontes né, pra fazer comida né, e como que essas técnicas se apresentam no esporte né? A gente discute muito isso né, a questão da filosofia, a gente tematiza as lutas hoje em dia né, por exemplo, o MMA né, a gente, o MMA é um esporte? Tem alunos que também não consideram, tem alunos que consideram que é uma forma de legalizar a violência né! Como que a gente, é uma forma de a gente debater as coisas que a gente assistiu na tv né e se chocar com isso né.” (Professor Rô).

“Eu fiquei dois anos aí dando aula de educação física remota, vocês também né, a gente, lá no instituto a gente usava uma plataforma que chama moodle, todas as minhas aulas com slides, não eram só remotas né, a gente tinha que fazer aulas e deixava lá disponível pros alunos né, as provas também, a plataforma, ela possibilita que a gente faça questionários né, e então tem essa questão instrumental né das mídias que nos ajudam aí, que podem nos ajudar a ilustrar melhor o que a gente quer né pros alunos né, até coisas que a gente não sabe executar né, você pode mostrar os movimentos, uma figura, uma imagem né, você exemplifica através das mídias né e isso ajuda bastante. E outra questão também é a questão do conteúdo né, que está nas mídias né, que vai pra além do instrumental né, que a gente aí pode usar programas televisivos né, vídeos, mas pensando no conteúdo sim, comerciais de televisão que trazem esporte e bebida alcoólica no meio do comercial né, perai, o que que tá presente nisso né, bebida alcoólica relacionado com uma coisa que tem um discurso de saúde né, como que tá isso aí né? Ou o que que leva um cara a jogar uma banana dentro do campo de futebol lá, na hora que você tá assistindo o jogo né? Então, eu acho que as mídias, elas servem tanto como recursos pra gente ilustrar melhor nossas aulas como a gente também tematiza as práticas corporais que aparecem nesse universo midiático nas nossas aulas, [...]” (Professor Rô)

Desvelando a questão sugerida pelos Professores Artur e Professora Andreia de como trabalhar no coletivo, a falta de um tempo coletivo de formação dentro do período/horário de trabalho dos professores foi citado como um empecilho para um trabalho voltado ao coletivo, pois a realidade atual dos professores são inúmeras formações impostas, já com suas programações construídas e que devem ser seguidas pelos professores, onde há formações pelo CMSP e pela DE e a formação da escola acabou reduzida e também segue pautas orientadas pela Secretaria, restringindo os espaços de discussões sobre o cotidiano específico da escola. Também, os professores possuem uma carga horária muito grande de atuação com os estudantes, dando suas respectivas aulas, não sobrando muito tempo para expandir seus horizontes com estudos e reflexões que poderiam melhorar esse contexto de trabalho coletivo. Os projetos também foram apontados pelos professores Rô e Mantovani, como a Professora Andreia também apontou na sua entrevista, como uma alternativa viável para um trabalho coletivo, desde que seus objetivos atendam as demandas e necessidades da comunidade.

Com relação a temática indicada pela Professora Frida: Quem é a nossa comunidade? (“Como a gente levanta características da comunidade pra poder propor espaços pra eles né se fazerem presentes, lutarem ali nas suas instâncias né, cada um no espaço que atua”), podemos trazer as contribuições de Arroyo (2011, p. 249), onde ele aponta que podemos nos aprofundar no conhecimento sobre a comunidade dialogando, “possivelmente conhecendo mais sobre seus mecanismos de resistência à barbárie, à desumanização e à degradação humana”, onde o professor através disso pode pensar em formas de vincular esse conhecimento à educação básica a fim de reforçar esses mecanismos de resistência. O Professor Rô apontou os eventos escolares como ótimas oportunidades para dialogar e conhecer melhor a comunidade, são oportunidades que vão além da convocação para uma reunião de pais. O Professor Mantovani concordou com o Professor Rô e também complementou com a questão de que quando se atua na mesma escola por muito tempo o professor acaba conhecendo melhor a comunidade:

“De qualquer maneira, sim, os eventos são uma boa oportunidade! O meu caso é muito particular porque eu tô lá há muito tempo, então eu conheço um pouquinho rs da comunidade né, alguns alunos, eu dei aula pros pais ou pras mães né, então a gente tem um pouquinho de noção de qual é a realidade de cada família, quais são os problemas, então, com quem falar, com quem conversar pra tentar ajudar a criança. Mas é sério, principalmente em escolas que você tem uma quantidade enorme de alunos, enfim, em escolas muito grandes né, conhecer a comunidade, digamos assim, é complicado né rs, é difícil, se não for a par dos eventos que reúnem e tal é mais difícil.” (Professor Mantovani).

Quando indagados sobre a questão do Professor Paulo referente a formas de organização docente, os professores contribuíram explicando que buscam um planejamento unificado para as turmas que são semelhantes para otimizar tempo, mas sempre levando em consideração possíveis modificações ao longo das aulas devido às características e demandas de cada turma em particular e que se orientam em um diálogo crítico com os estudantes para o desenvolvimento de suas aulas. O Professor Mantovani coloca que tenta também otimizar seu tempo de trabalho na escola encaixando suas formações entre as janelas das aulas com os estudantes, onde essa orientação foi dada a todos os professores.

A Professora Regina indicou como tema gerador o ato de levar a pensar, o qual a área da filosofia tem muito a contribuir. O Professor Mantovani, exemplificando com sua experiência de vida, afirmou que é essencial o ser humano ter uma atitude filosófica, a qual se baseia no ato de perguntar, de questionar constantemente. O Professor Rô explicou que é aí que o professor de EF deve se basear para transcender o processo educativo no componente curricular de EF do somente movimento pelo movimento, o professor de EF deve se apoiar em outras ciências:

“Eu acho que o grande lance que a gente tem de transcender o movimento pelo movimento é a gente se apoiar nessas outras ciências aí né, sem entrar na discussão se a educação física é ciência ou não, mas a gente se apoia muito nos conhecimentos das outras ciências né! O que o Mantovani colocou aí de como a gente trabalhou o futebol né, essas questões das mudanças, foi simplesmente de a gente entender as práticas corporais como históricas né, a historicidade nas práticas corporais, entender que quem criou foram seres humanos né, seres humanos se transformam né, e a gente vai transformando né, então eu penso muito e me apoio muito nas outras, nas outras ciências né nas minhas aulas, não sei até que ponto a psicologia, eu poderia falar que eu uso o conhecimento específico da psicologia né, ou da filosofia né, da sociologia e a gente acaba bebendo nessas ciências aí né, nessas áreas né, mas eu não sei delimitar não né, mas a questão das técnicas do vôlei, do futsal, de qualquer outro esporte, como o Mantovani colocou, eu também gosto muito de trabalhar com essa experimentação, boto os alunos pra jogar, experimento e depois a gente tenta entender as dificuldades e a gente entra, qual que é a construção humana né, qual que é o legado, qual que é o patrimônio da humanidade em cima dessa prática corporal, por exemplo né?” (Professor Rô).

Com relação à temática levantada pelo Professor Francisco e pela Professora Mara e que também engloba os objetivos desta pesquisa de doutorado, sobre as mídias e sobre as tecnologias e como fazer com que elas se transformem em ferramenta de aprendizado e conhecimento, o Professor Rô apontou duas dimensões nesse contexto, a dimensão instrumental, onde as mídias e tecnologias são ótimas pedidas para otimização do tempo, e a dimensão do conteúdo, onde podemos utilizar conteúdos divulgados por diferentes meios para enriquecer nosso processo educativo. O Professor Mantovani levantou questionamentos sobre ter o acesso e sobre saber lidar com as mídias e tecnologias:

“Acho que o grande problema é, tá bom, vamos disponibilizar, o governo do Estado fez aí um investimento, disponibilizou novos equipamentos, colocou computadores novos, laptops e tal, televisões nas salas né, o material que tá lá, qual que é o grande problema? O problema, na verdade, é que não basta você saber mexer né, você vai ter que ter um tempo pra lidar, pra mostrar pros alunos como fazer né, alguns alunos eventualmente sabem né, às vezes sabem mais que o professor, mas na minha realidade a maioria não, a maioria não tem esse contato, então o último problema, que também envolve a questão da seleção do conteúdo a ser trabalhado né, quando você fala da mídia e da tecnologia, pô, você fala, eu tenho um computador na minha frente, eu tenho uma conexão de internet, então eu aperto no google né, dá um google aí, vamos googlar, e aí você acha um mundo lá dentro, e qual é o problema? O problema é que esse mundo de coisas né, aí entra a questão né, você, como pesquisadora né, sabe muito bem disso, é a qualidade da informação né, a fidedignidade né, a qualidade de quem está, que fez, que produziu aquela informação e disponibilizou né, se você pegar, ah, vamos pegar alguma coisa na wikipédia tá, tem coisas interessantes? Tem, mas infelizmente tem muita gente que entra lá e mexe nos artigos e fala um monte de baboseira né, então trabalhar com os alunos, não só no aprender a mexer com o equipamento, aprender a mexer com o dado aplicativo, mas também a selecionar as fontes de informação né, que sejam confiáveis né, pra que ele possa aprender, pra que ele possa discutir, tendo uma boa base, isso é importante tá, então acho que é um pouco isso, se temos o acesso, se temos o equipamento e temos os aplicativos, o professor tem que estar atualizado pra saber lidar com tudo isso e também fazer com que os alunos percebam a diferença entre uma informação que possa ser válida, que tenha conteúdo né e uma informação que pode ter sido manipulada, uma informação falsa, enfim, né.” (Professor Mantovani).

Voltando a temática da motivação dos professores solicitada pela Professora Marisa, os depoimentos convergem para o mesmo sentido já discutido anteriormente, é inerente ao professor esse gosto pela profissão e o retorno positivo advindo dos estudantes domina esse panorama motivacional:

“[...] e aí você acompanha a evolução deles né, como eles estão crescendo na vida e isso é muito legal. Então, eu acho que é uma combinação disso, existe a necessidade? Claro que sim né! A gente tem que pagar conta, enfim, tem família, tem os compromissos né, por outro lado, existe também o tal do amor a profissão, se não tivesse, se fosse só pelo dinheiro, a gente não tava aqui, ou pelo menos a maioria não estaria.” (Professor Mantovani).

Em suma, com relação aos Círculos de Cultura virtuais - reunião online síncrona com um grupo de professores de EF via Google Meet - não houve um grande número de professores participantes como era o esperado e desejado para fins de inúmeras trocas de experiências e oportunidade de voz a variados indivíduos. Em contrapartida, atingiu os objetivos propostos e foi significativo para o pequeno número de professores que puderam participar, pois destrincharam mais a fundo alguns temas geradores, refletindo sobre eles baseando-se na realidade dos professores participantes, apontaram soluções para dilemas enfrentados, entre outros, em contrapartida, alguns temas poderiam ter sido mais aprofundados. Por exemplo, a temática da motivação foi discutida muito superficialmente, poderia ter havido um aprofundamento maior nessa questão nesta reunião com o grupo, analisando fatores que interferem tanto negativamente e positivamente na motivação dos professores, onde surgem esses fatores e porquê, como também aproveitar a pedida da Professora Frida e pensar sobre algumas técnicas para o professor se auto motivar.

É essencial ressaltar aqui que, inspirando-se e baseando-se no processo de desalienação e politização docente, o desenvolvimento crítico das temáticas percorre os caminhos de compreensão da realidade, destrinchando sobre causas, efeitos, origens, consequências, ideologias dominantes, entre outros fatores, desenvolvendo-se o que chamamos popularmente de um ganho de conhecimento mais profundo da temática, e necessariamente é primordial finalizar com propostas e com ações que visam transformação.

Voltando à análise dos meios dos Círculos de Cultura virtuais, o ponto que deve ser levado em consideração é a participação (como atingir um maior número de professores participantes?), que vai ser discutido adiante na comparação entre os meios utilizados, mas de antemão já registramos que esse meio midiático e tecnológico (Google Meet - síncrono) atende aos interesses de politização e desalienação docente, pois há a possibilidade de promoção de

diálogos críticos sobre variados temas como práticas pedagógicas, a importância social do trabalho docente, exemplos de resistências, entre outros.

Já no Círculo de Cultura virtual assíncrono - grupo de WhatsApp dos professores de EF - onde a intenção da pesquisadora era mais voltada para a observação do ambiente e não intervenção intensa, podemos notar que há um grande número de participantes no grupo, em contrapartida, são poucos os professores que tem uma postura ativa de postagens e devolutivas, onde a maioria dos participantes do grupo apresenta um comportamento de espectador perante interações dos colegas e predominam posturas mais diretivas perante posturas dialogadas. Houve um grande número de postagens e interações no grupo, mas foram poucas interações que realmente proporcionaram um aprofundamento nos temas abordados pelos participantes, podendo ser atribuídas a um processo educativo crítico, como vamos detalhar a seguir.

Resumidamente, para lembrar, como já explicado anteriormente, com relação ao grupo de WhatsApp, aqui na DE de Bauru possuímos um grupo de WhatsApp controlado pela PCNP de Educação Física com cento e dez professores de EF que atuam na educação estadual pública do Estado de São Paulo aqui na DE de Bauru, mas ele é configurado para somente a administradora do grupo, a professora coordenadora do núcleo pedagógico (PCNP), poder enviar mensagens, o que limita a possibilidade de intervenção e impossibilita um diálogo entre todos os participantes. Mas, em compensação, mantemos um grupo de WhatsApp “alternativo”, aberto para amplo diálogo com a participação de setenta professores de EF atuantes nas escolas das redes públicas municipal bauruense e estadual paulista de nossa região.

Os assuntos discutidos no grupo de WhatsApp alternativo ao longo de todo o ano de 2021 e no 1º semestre de 2022 foram diversos: convites a palestras, encontros e cursos, dúvidas sobre manipulação de materiais/instrumentos esportivos, compartilhamento de vídeos do Youtube sobre assuntos relacionados à nossa área de EF, anúncio/divulgação de oportunidades e vagas de emprego, divulgação de concursos públicos, dúvidas sobre recebimento de salário, busca por informações sobre práticas esportivas de diferentes modalidades esportivas na cidade, informações sobre os Jogos Escolares (JEESP), pedido de colaboração em pesquisas universitárias, discussão sobre conteúdos do currículo e habilidades essenciais, discussão sobre leis, regulamentos e ações do governo, compartilhamentos de livros em pdf e compartilhamento de notícias (sites), discussão sobre a exigência do registro no CREF para professores de Educação Física, dúvidas sobre mudanças nas organizações dos ATPCs nas escolas, informações sobre calendário escolar, informações sobre falecimentos de profissionais da educação, pedido de indicações de diferentes profissionais para serviços que atendam demandas pessoais (por exemplo assistência técnica de notebook, compra de aparelhos e materiais

esportivos), mensagens comemorativas de épocas festivas, compartilhamento de memes e piadas, mensagens de parabenização, agradecimentos e motivação a colegas de trabalho, compartilhamento de fotos e experiências de trabalho, compartilhamento de desaparecimento de estudantes e pedido de ajuda financeira e diversas doações para estudantes, dúvidas sobre processo de atribuição de aulas, orientações sobre vacinação, indicação de séries e filmes, divulgação de excursões, busca por tirar dúvidas e troca de experiências sobre diferentes situações com colegas que tenham passado pela mesma situação, convites para práticas esportivas, acompanhamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio, divulgação de protestos, discussões sobre o Novo Ensino Médio e sobre PEI, divulgação de boas práticas, alerta sobre golpes (WhatsApp clonado), vendas de objetos pessoais, convite a assinatura de petições, informes de exoneração de colegas, informações sobre a pandemia Covid-19, informações sobre as aulas do CMSP, compartilhamento e doação de materiais e pedido de doações de sangue.

A maioria das postagens foi ao encontro de simples informativos. Podemos destacar, com base nos diários do grupo do WhatsApp, alguns dias onde houve um maior aprofundamento das discussões em algumas temáticas. No dia 09/01/21 os professores iniciaram a discussão partindo da problemática da extinção de aulas de ACD, onde apontaram um crescente movimento de sucateamento da educação, verificando ocorrências do tipo diminuição de verbas para os jogos escolares e a falta de professores nas escolas. No dia 14/01/21 trouxeram à tona a falta de competência do presidente para lidar com o contexto pandêmico, onde, conseqüentemente, pessoas famosas abraçaram a causa de ajudar o povo do Estado do Amazonas com a falta de oxigênio para pacientes nos hospitais (os professores também seguiram com críticas a ações do presidente nos dias 07/01/21, 14/01/21, 12/02/21, 20/05/21, 27/10/21, 29/10/21 e 31/10/21).

No dia 26/01/21 discutiram sobre os riscos do retorno presencial das aulas devido a pandemia. No dia 27/01/21 realizaram análises críticas sobre as aulas do CMSP como também no dia 29/01/21 discutiram sobre a problemática dos comentários ofensivos presentes no chat das aulas do CMSP. No dia 03/02/21 houve colaboração com indicações de ideias para aulas de futsal durante a pandemia. Mensagens de motivação foram destaque em diversos momentos (dias 04/01/21, 22/01/21, 18/03/21, 27/05/21, 06/08/21, 27/11/21 e 28/03/22) como também os professores demonstraram apreço pelo trabalho do humorista Diogo Almeida que tem como cerne de seu trabalho a vida de professor (12/01/21, 02/02/21, 06/04/21 e 22/04/21). No dia 18/02/21 discutiram sobre o dilema de aulas prontas/currículo versus a liberdade de construção

das aulas/criatividade do professor apontando que isso é uma afronta às funções que são inerentes ao professor contribuindo para uma desvalorização da profissão.

Houve compartilhamento de boas práticas (dias 08/06/21, 17/06/21, 14/07/21 e 15/02/22), como também houve discussões críticas com relação ao Novo Ensino Médio no dia 23/06/21. Importante ressaltar também que houveram convites e informativos de reuniões e protestos, os quais são importantes a fim de aproximar os professores e sindicatos (dias 19/01/21, 27/01/21, 24/06/21). Nos dias 19/09/21 e 22/09/21 houveram discussões sobre a perseguição do governo aos ideais freireanos e os professores seguiram em defesa de Paulo Freire. No dia 30/10/21 houve discussão com relação ao discurso de empresas estatais brasileiras estarem “quebradas”, onde apontaram que esses discursos ocultam interesses de privatização. No dia 17/12/21 houve discussão com relação a temática de constrangimento de professores devido a vigilância da gestão das escolas onde possuem câmeras.

Os temas surgidos no grupo, que podemos chamar de temas geradores, que foram os mais abordados, que se destacaram ao longo dessas interações mais críticas que se sobressaíram com relação às citadas acima, pois receberam maior atenção e resultaram em maior participação dos professores, foram relacionados à identidade docente (dias 19/01/21, 28/01/21, 05/02/21, 06/02/21, 09/02/21, 12/02/21) e política (dias 27/10/21, 29/10/21, 31/10/21 e 01/11/21).

Mais especificamente, com relação a identidade docente, houveram discussões recorrentes sobre os professores de EF serem considerados profissionais da saúde, onde muitos professores ainda possuíam dúvidas sobre essa temática, pois nota-se que ao trabalhar no ambiente escolar acabam se reconhecendo e se aproximando mais do contexto educacional e pedagógico, ficando esse reconhecimento com o contexto da saúde em segundo plano em alguns casos. Houve compartilhamento de materiais referentes à legislação a fim de provar que perante a sociedade os professores de EF pertencem ao grupo de profissionais da saúde. Porém, mesmo havendo esse embasamento ainda há a necessidade de fomentar discussões sobre essa temática para toda a sociedade, pois os profissionais de EF afirmam que ainda não possuem o reconhecimento que outras profissões também integradas no grupo da saúde já se deleitam como por exemplo os nutricionistas, psicólogos e médicos. Nesse caminhar, destacamos a importância de levantar discussões sobre essa temática não somente em formações de professores de EF, mas para a sociedade em geral.

Surgiram dúvidas sobre os direitos de vacinação contra Covid-19, dilemas sobre vacinar com o grupo de profissionais da saúde ou com o grupo de professores, onde apontaram que independente do grupo, todos devem vacinar-se o quanto antes a fim de contribuir para a contenção da pandemia. Foi apontado também que esses dilemas acabaram surgindo devido à

falta de competência governamental no gerenciamento dos processos de aquisição e aplicação das vacinas em território brasileiro. Também houve muitos compartilhamentos de informativos sobre acompanhamentos de ações do CREF sobre esse contexto pandêmico na busca pela valorização da profissão de EF.

Com relação à temática da política, as discussões geravam em torno de críticas aos posicionamentos e ações do governo federal, onde se sobressaía conflitos de ideais, havendo uma aparente disputa entre professores de direita e professores de esquerda¹⁴. Podemos destacar que ao longo das diversas discussões contidas no grupo de WhatsApp, houve momentos onde ocorreram discussões intensas relacionadas ao contexto político, constituídas de diferentes opiniões, de contradições, gerando conflitos, tensões no grupo, onde alguns colegas pediam para que não fossem discutidas questões políticas no grupo para não gerar desavenças e que o foco do grupo não era política e sim Educação Física. Foi necessário seguir com as discussões e desenvolver o pensamento crítico de que a política está relacionada com tudo e que não podemos deixá-la de lado porque ela faz parte também da nossa área de EF, das nossas ações, das nossas escolhas, dos nossos objetivos.

No grupo de WhatsApp temos um espaço de diálogo aberto, onde todos os participantes podem realizar o exercício de argumentação, garantindo que as posições diferentes tenham iguais condições de serem ouvidas, debatidas, avaliadas, tendo como base um processo de construção dialógica embasada nas vivências/experiências do grupo. O real desafio é construirmos novos saberes a partir das situações dialógicas que são responsáveis pelas interações e partilhas de visões de mundo diferentes, de opiniões diferentes, mas que no fim podemos dizer que comungam de um mesmo objetivo, sonhos e esperanças de um crescimento e desenvolvimento humano, tanto individual como coletivo, o que Freire (1996) nomeia como uma vocação ontológica dos seres humanos, o de querer “ser mais”.

É através do diálogo que podemos refletir sobre o mundo, sobre nossas experiências, nossas vivências, a nossa existência em sociedade, e podemos enxergar que tudo isso é um processo, sempre em construção, uma realidade inacabada passível de constantes transformações. Como defende Freire (2007), o diálogo é a força propulsora para um pensar crítico e problematizador.

¹⁴ Para Bobbio (2001), direita e esquerda continuam sendo expressões muito utilizadas para designar diferenças no pensar e no agir políticos. Não indicam apenas ideologias, mas abrangem “programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade” (p. 51). Por exemplo, sujeitos de direita preocupam-se em manter tradições, já sujeitos de esquerda pretendem libertar-se delas (tradição x emancipação).

O conflito precisa existir e ele não pode ser considerado algo ruim, destrutivo, pois são essencialmente esses momentos que nos impulsionam às reflexões e para novos sentidos na vida humana. Segundo Apple (2006), os conflitos fazem parte da estrutura mutante da sociedade, conduzem ao progresso, devem ser considerados fundamentais e benéficos. O conflito aponta áreas que necessitam de atenção e retificações.

É preciso voltar a frisar os ideais freireanos, pois muitas vezes ao longo das discussões entre professores de posicionamento político contrários (direita e esquerda) no grupo de WhatsApp, ocorreram divergências que levaram a ofensas e a falta de respeito ao pensamento contrário dos colegas. Muitas vezes, é difícil aceitar as falas e pensamentos de outros quando estas entram em embate com as nossas, mas devemos ter em mente o que Freire (1996, 2000, 2007) defende como respeito às diferenças, onde esse ato de respeitar não nos coloca numa posição de submissão, mas de ter a consciência de que somos seres inacabados em constante construção e de que ninguém é superior a ninguém, e a oportunidade de falar, de expor suas ideias, suas visões de mundo, não é privilégio de alguns, mas é um direito de todas as pessoas. Ele coloca como sendo características fundantes do diálogo o amor, a humildade, fé nas pessoas, a esperança e pensar crítico. Esses conflitos de ideais são necessários, pois a partir do momento que são apresentados, discutidos, avaliados, criticados, existe a possibilidade de uma mudança de pensamento em alguns indivíduos. Temos que ter em mente o compromisso de uma “humanização” do mundo e todas essas pedras ao longo do caminho nos levam para uma evolução histórico-sociocultural de todos.

Também, com relação aos conflitos de ideais políticos contidos nos diferentes professores participantes do grupo, o que não podemos perder de vista é que as lutas políticas partidárias dos professores devem ter como finalidade central a superação dessa educação para o capital em busca de uma educação mais humana. Esses conflitos são necessários para embasar reflexões sobre nossa práxis educacional, para agir conscientemente na direção de uma superação, e, para ir além dessa educação para o capital que temos na realidade das escolas, precisamos compreender sua origem, sua natureza e acompanhar suas implicações em nossa contemporaneidade marcada por uma crise.

Em suma, com relação aos Círculos de Cultura virtuais - grupo de WhatsApp assíncrono de professores de EF - houve um maior número de professores participantes possibilitando inúmeros informativos e trocas de experiências, dando oportunidade de voz a variados indivíduos que assim aproveitaram o espaço. Atingiu os objetivos propostos com relação a ser um meio que potencializa uma participação coletiva a fim de politização e desalienação docente, onde podemos destacar para exemplificar os inúmeros diálogos e troca de informações

que possibilitaram um conhecimento mais aprofundado e uma conscientização dos professores de EF como fazendo parte do rol de profissionais da saúde, assumindo uma identidade coletiva, perpetuando com isso um ato político, como também podemos citar o engajamento dos professores participando nas discussões sobre políticas governamentais, discutindo e pensando decisões para ações. Contudo, o ponto que deve ser levado em consideração é o aprofundamento crítico com relação às outras temáticas trabalhadas, pois há a possibilidade de promoção de diálogos críticos como os que surgiram e servem como exemplos com relação a identidade docente e política, mas é necessário frisar a necessidade de haver uma massa de participantes que estejam dispostos a enriquecer os diálogos realizando aprofundamentos mais críticos nas temáticas surgidas e não deixando as oportunidades passarem com simples informativos e denúncias, como ocorreu por exemplo com algumas temáticas no grupo.

Citando uma experiência em particular para mostrar o potencial desse aplicativo, quando estávamos vivenciando o processo de adesão ao programa PEI em diferentes escolas, lancei no grupo de WhatsApp questionamentos sobre esse programa ser viável ou não, ser mais positivo ou negativo para nosso contexto educacional, pedindo contribuições de colegas para melhorar meu entendimento sobre essa temática e buscar quebrar meus preconceitos com relação a esse programa. Não houve muitos retornos no grupo, no coletivo, mas recebi mensagens de diferentes professores no meu WhatsApp em particular, apontando suas visões sobre o projeto, onde pudemos tirar dúvidas, trocar informações e experiências sobre os pontos positivos e negativos do projeto, contribuindo para a formação de uma consciência mais crítica sobre esse tema.

Também, justificando a minha propensão pela metodologia dialógica, vou dar as minhas considerações pessoais sobre o contexto vivenciado, o uso de mídias e tecnologias versus as escolhas metodológicas, onde eu poderia ter utilizado o Google forms, por exemplo, e ter enviado o link com o roteiro de perguntas para os professores responderem. Haveria a possibilidade de eu receber mais retornos de diferentes professores devido a questão de não depender do trabalho de verificar horários disponíveis na agenda dos professores, pois cada professor entraria no link e responderia no momento que lhe fosse oportuno. Mas, qual seria a interação nesse meio? Seria mais fácil para mim ter as respostas já digitadas dos professores para inserção no texto da tese, mas tanto eu como eles perderiam a oportunidade de conhecer novos companheiros de profissão e de reencontrar companheiros de profissão já conhecidos, onde esta experiência nos aproximou ainda mais. No entanto, não posso afirmar que um meio é melhor do que o outro, mas levando em consideração os meus ideais e para atender às minhas necessidades e às minhas expectativas para com essa experiência, a opção pela utilização do

Google Meet para mediar a comunicação entre os participantes foi a melhor escolha, em contrapartida, não foi o meio que obteve maior número de professores participantes. Assim, apontamos uma linha tênue entre o ideal versus o funcional. Vamos, a seguir, nos aprofundar nas diversas possibilidades do uso das mídias e tecnologias e buscar aprofundamento nessa linha.

3.4.2. Possibilidades das mídias e tecnologias

Quando dialogamos sobre o uso das mídias e tecnologias como meios para atingir fins de politização e desalienação docente, para mediar a troca de experiências e oportunizar encontros entre o grupo de professores, os professores de EF apontaram que esses meios podem ser sim contributos para atingir tais objetivos mas ressaltam que é necessário aprender a utilizá-los, pois o modo como esses meios serão utilizados vai fazer toda a diferença:

“Eu acho que ela diminui, diminui tempo, diminui distância entre os conhecimentos, entre as informações, eu acho que facilita as pesquisas, eu acho que abre muito mais rápido, perdão, a porta do conhecimento, [...] não se sabe mexer ainda completamente, não se sabe usar todo o potencial da tecnologia, que eu acho também importante aprender.” (Professor Cabral).

“Ah, eu acho bem atrativo, em ATPC, por exemplo, quando é usado vídeos, filmes né, então, eu acho que ter um olhar crítico de selecionar vídeos, programas, enfim, reportagens né, pode contribuir aí pra ajudar ou não né na postura crítica do professor né. Então, também, a escola pode passar alguma coisa e o professor ter uma visão de não acreditar naquilo né, então, eu acho que é um conjunto de todo mundo estar vendo com diversos olhares né, porque, às vezes, o que você acredita não é o que eu acredito, aí você como coordenadora, você vai passar alguma coisa pra mim e aí eu tenho que me posicionar né. Eu acho que esse momento é muito rico, a gente vê que em algumas escolas isso acontece e em outras não, que como, éé, a gente tá ali mesmo pra cumprir, é um protocolo aí então assiste logo ali, encurta logo pra não ter discussão né, mas o que você pensa dos governantes, o que eu penso né do secretário da educação, é importante né, vai refletir né em como a gente vai conversar com os alunos e em como a gente vai dar a nossa aula.” (Professora Ana).

“Super! Eu fiz o mestrado a distância né, uma parte no PROEF e uma parte é online e, meu, foi muito bacana, olha, lembro de ver uma aula de uma menina do Rio Grande do Norte, com aqueles tiozinhos na janela assim ó, aquela rua de terra e ela com os cones fazendo atletismo, sabe. Meu, você olha a realidade do outro, é muito diferente, é muito diferente. Então, e eu acho que a tecnologia traz esse benefício né, de você poder conversar com uma pessoa, igual a gente tá conversando e não vai, não precisa ser pessoalmente, então, ela dá esse momento de você estar perto mas ao mesmo tempo facilita a sua vida né, com relação às experiências né, dividir experiências com n lugares né. Então, eu acho que ela bem utilizada né, porque essa é o grande diferencial, porque a galera não aproveita os recursos né tecnológicos e acaba sendo a mesma dinâmica lá da escola tradicional, de vomitar conhecimento e o aluno engole, vira pra dinâmica da tecnologia né, e aqui a gente tem um rol de possibilidades né, então eu acho que super colabora ela sendo bem utilizada.” (Professora Frida).

O Professor Paulo reforçou o que já frisamos nos aportes teóricos desta tese de doutorado quando aponta que *“a tecnologia veio como ferramentas pra gente facilitar, facilitar o nosso trabalho, então, são ferramentas que a gente tem que aprender a usar pra facilitar. [...] mas são ferramentas que nos auxiliam pra chegar onde nós queremos, [...]”*. É pertinente deixar registrado aqui a contribuição de Martino (2015, p. 269), onde frisa que *“as mudanças podem acontecer, mas não virão das tecnologias de informação. Se é possível mudar algo, isso acontece a partir de relações de comunicação entre seres humanos”*.

Em suma, comparando os dois meios de comunicação vivenciados nos Círculos de Cultura virtuais entre os professores de EF e analisados nesta pesquisa, onde houve a utilização do aplicativo WhatsApp que possui característica assíncrona e o aplicativo Google Meet que possui característica síncrona, destaca-se que os meios de comunicação assíncronos se mostram mais eficazes quando o intuito é atingir um maior número de participantes, mas ressaltamos que para um uso crítico do WhatsApp como também do Google Meet é necessário um compromisso entre os participantes para que as temáticas surgidas não fiquem somente no superficial, somente no âmbito informacional, necessitando realizar mais diálogos de aprofundamentos nas diferentes temáticas a fim de atingir o âmbito do conhecimento, como verificamos acontecer com mais frequência e podemos exemplificar em nossa análise dos diários do grupo de WhatsApp, onde alguns temas não foram bem explorados, só ficaram no âmbito informativo e perderam a oportunidade de um aprofundamento crítico, principalmente no uso do WhatsApp, como no dia 29/01/21, onde os professores apontaram o fato da ocorrência de comentários ofensivos no chat das aulas do CMSP. Detectaram o problema, mas não se aprofundaram nas discussões sobre as possíveis causas desse fato, quais ações seriam possíveis a fim de amenizar esse comportamento, entre outros. Existe a possibilidade de ir além, o recurso midiático e tecnológico possibilita isso, mas depende unicamente da ação das pessoas, esse é o ponto culminante que estamos frisando constantemente nesta tese.

Em contrapartida, quando a intenção é uma maior aproximação entre os participantes, os meios síncronos que possibilitam uma visualização dos participantes, deixando a mostra suas expressões, gestos, como o Google Meet por exemplo, são os mais indicados, como também facilitam interações em tempo real e um bom retorno simultâneo das mensagens, colaborando para uma discussão mais aprofundada das temáticas, como pudemos observar nas análises e nos resultados com base nas dez entrevistas individuais e na reunião em grupo com os professores Rô e Mantovani.

Ambos os meios de comunicação, o síncrono e o assíncrono, mostram-se como recursos promissores para intermediar um processo de politização e desalienação docente, mas, devido

aos impasses, as dificuldades vivenciadas pelos professores com relação a agrupar um maior número de professores e a falta de tempo e a dificuldade na organização de horários alternativos aos de trabalho entre os professores, os meios assíncronos mostram-se mais promissores a fim de superá-los, como veremos mais adiante.

Verificamos que os meios de comunicação utilizados aqui agruparam os professores de EF, proporcionaram uma união dessa categoria em prol de interesses em comum e mobilizaram professores para ações desenvolvidas em seus respectivos contextos/realidades. Foi possível, através do diálogo e troca de experiências oportunizados pelos aplicativos, tomando como exemplo a temática da construção de identidades, conscientizar-se e assumir a identidade de profissionais da saúde (WhatsApp) e trabalhadores da educação/profissionais transformadores (Google Meet). Acompanhamos também, através do recurso WhatsApp, com o compartilhamento de notícias, a luta do CREF por reconhecimento e divulgação a fim de exercermos a identidade de profissionais da saúde na esfera pública. Foram discutidas e pensadas decisões no ambiente online que resultaram em ações no ambiente off-line, como por exemplo a temática de adesão ao programa de escolas PEI. Pois bem, claramente, tudo isso reforça e vem ao encontro das possibilidades das mídias e tecnologias apontadas por Martino (2015).

Deixo aqui a minha contribuição para futuras pesquisas e criações de plataformas que visem como objetivo o processo de desalienação e politização docente, descrevendo a ideia de uma plataforma/aplicativo que exerça a função de agrupar os professores interessados no processo de politização e desalienação, onde assincronamente, cada professor pode ter acesso a conteúdos postados por seus companheiros professores como também podem alimentar essa base de dados com seus próprios conteúdos. Fazendo uso de três categorias apontadas aqui nesta tese (compreensão do contexto, consciência de classe e resistência/luta/comprometimento), a programação desse recurso já aponte para qual categoria a postagem do professor faz referência, analisando com base em algumas palavras-chave e/ou temas geradores apontados pelos professores. Os conteúdos das postagens podem ser através de gravação de voz, texto digitado, o download de imagens, etc.). Para o layout, é interessante ficar visível no menu do aplicativo/plataforma as categorias, facilitando a navegação dos professores. Poderia ser opcional a identificação dos usuários para que haja a possibilidade de conexão entre os professores, no sentido de que se ocorrer de algum professor se interessar pelas postagens de algum colega e quiser trocar mais ideias, haja a possibilidade de entrar em contato. Em suma, esse aplicativo/plataforma se constituiria como um Círculo de Cultura virtual ressignificado para nossos tempos.

Embasando-se nos princípios filosóficos e metodológicos freireanos, a viabilização de temas diferenciados, o reconhecimento do outro e a coletividade são princípios essenciais a serem desenvolvidos e é possível essa aproximação através do uso de diferentes meios midiáticos e tecnológicos. O amparo das TDICs são meios promissores para atingir esses objetivos.

Apontamos também que a utilização de várias plataformas pode abranger um número maior de conexões, pois tomando como base a pesquisa de campo realizada nesta tese, enquanto alguns professores participaram do grupo de WhatsApp, outros participaram das reuniões em grupo pelo Google Meet, assim, diversificar as plataformas é um fator crucial para aumentar a exposição e a participação.

3.4.3. Motivação x mídia e tecnologia

Para responder à pergunta sobre a questão das mídias e tecnologias, se elas motivam o professor ou é o contrário, é o professor motivado que vai desenvolver e que vai incorporar as tecnologias e as mídias no seu trabalho, no seu cotidiano, a maioria das opiniões são que o responsável é o professor, é o professor motivado que vai fazer uso desses meios:

“O professor motivado que vai incorporar. Eu acho que o professor que tá motivado e eu tenho algumas experiências de professores que, assim, a gente vê né que utiliza, que dão ótimas aulas, então eu acho que é o professor motivado, ele vai inserir, ele vai inserir novas tecnologias, novas formas de aprendizagem. Antes das tecnologias ele mudava a didática dele, ele transformava de alguma forma, com as tecnologias, ele vai inseri-las pra auxiliar e tornar ainda melhor né o que já fazia bem.” (Professor Cabral).

As professoras Mara, Frida e Regina apontaram uma questão importante nessa discussão sobre o uso da mídia e tecnologia versus a motivação, a relação do conhecimento e prática, explicando melhor, se eu sei usar essa mídia e essa tecnologia eu vou fazer uso dela, eu vou me sentir motivada a usar e a continuar aprendendo como usar esses e outros meios, mas antes precisamos estar motivados a aprender, a conhecer mais, compreender a fundo como usar, a função, para qual objetivo, como, quando, onde, e nesse caminhar, podemos afirmar que é o professor motivado que vai incorporar e fazer uso das tecnologias. Em algum momento ele se motivou para ir em busca desses recursos, desses meios, dessas plataformas, para alcançar algum objetivo em específico.

A Professora Mara explica que *“a gente tem que ter motivação, eu acho que o professor motivado é que vai procurar né. Não adianta, você pode ter as ferramentas todas lá, mas se*

você não tiver aí motivação pra aprender e pra usar, não vai servir de nada”.

Complementando:

“Eu acho que é o professor motivado porque se ele não tá motivado a mídia vai desmotivar pacas, vixe, muito, e a motivação também, ela anda acompanhada com conhecimento né, então se ele não tem conhecimento da plataforma, a plataforma vai ficar pesada pacas, [...] Então, eu acho que o professor precisa ter motivação sim, eu acho que é nessa vibe, mas a motivação, ela tem que vir com conhecimento sabe, eu acho que você não tem motivação se você não tem conhecimento sobre o assunto.” (Professora Frida).

“[...] acho que vai variar de cada professor, mas pra mim, no meu caso, eu acho que as mídias me motivam né, e por eu estar motivada também gosto de usar e eu sei usar e eu tenho a facilidade porque eu fui criada nesse meio né, mas se eu não tivesse lá com dez anos um computador e só fosse oferecido pra mim com, sei lá, trinta anos, talvez eu né não desenvolvesse né a característica, não sei.” (Professora Regina).

“Ah, eu penso que é o professor motivado né porque no meu próprio caso mesmo, eu tive uma coordenadora que motivava eu correr atrás dessas novas tecnologias né, de montar aula em slides né, porque ganha tempo né, você acaba né, nossa, em uma aula você já passa aquela parte conceitual que, de repente, você demoraria vários né, não precisa mais escrever na lousa, aluno não copiar nada entendeu, então ganha muito tempo, você acaba dinamizando a sua aula entendeu, melhora muito as situações de aprendizagem, mas eu fui motivado né, de repente não teria partido de mim entendeu, então, assim, ela que me motivou pra que eu pudesse conseguir, e correr atrás né dessas novas tecnologias.” (Professor Artur).

“Eu acho que é mais esse ponto aí, o professor motivado, você entendeu? Porque a tecnologia não vai te motivar, a não ser que seja algo que te prepare, olha, eu queria isso na minha aula e agora eu tenho essa tecnologia pra fazer isso né, éé, mas eu acho que o professor, ele sempre busca né, o professor, ele quer dar uma coisa diferente, ele busca essas coisas diferentes. Que nem eu falei pra você, hoje, se eu for numa sala de aula e ter uma televisão, o celular e a televisão, eu faço tudo aquilo que eu fazia antigamente, que eu tinha que carregar uma tela, um projetor, um datashow, caixa de som, hoje eu faço tudo com mais facilidade, então, a tecnologia existe pra nos facilitar certo, facilitar o nosso trabalho, ela não vai fazer o trabalho pra nós, nós é que temos que trabalhar, mas ela facilita muito né, então.” (Professor Paulo).

No depoimento da Professora Marisa verificamos que os grupos de WhatsApp são meios tangíveis de facilitar a troca de experiências entre professores como também motivam, mas chamamos a atenção que para se ter conteúdos nos grupos algum professor teve que ir lá e postar algo, contribuir com algo, é uma troca de dar e receber, e precisa-se estar disposto para isso, por fim, o professor se motiva a participar do grupo pela recompensa dessa troca de experiências e ganho de conhecimento:

“Eu acho que motiva, motiva porque a gente, éé, nesses grupos, principalmente esses grupos mais fechados, a gente acaba disseminando as boas práticas né, então acaba sendo um veículo que acaba estimulando alguns aspectos negativos, que às vezes a gente compartilha do dia-a-dia, que foi negativo, mas é muito mais coisa boa, olha o que eu fiz, que legal, deu certo e tal, mas na minha sala não deu certo, ah, mas muda isso, então eu acho que acaba motivando muito mais. Até mesmo o que você falou assim ó, eu fiz isso aqui não deu certo, eu desmotivei porque não deu certo, aí o outro muda um detalhe do que você fez, diz ó, tentei desse jeito e deu certo, ah é, vou tentar. Eu acho que mais motiva do que desmotiva.” (Professora Marisa).

Observem os depoimentos do Professor Francisco e da Professora Ana onde é possível interpretar que quando eles falam sobre ambas as coisas poderem ocorrer, o sentido que entendo é que as mídias e tecnologias podem ser sim um bom instrumento para motivação, tanto para os professores como para os estudantes, e como sempre há inovações, estar atento às novas tecnologias para utilizá-las pode ser motivador. Mas notem que eles usaram a palavra buscar esses recursos, alguém tem que buscar, então nos remetemos ao professor motivado a buscar esses recursos para utilizá-los:

“Ah, eu creio que o professor vai criar, as mídias podem motivar o professor sim, tem vários aspectos tecnológicos que, eu falo por mim, que na particular eu uso muito a parte da tecnologia, eu me motivei muito por saber que a tecnologia nos dá suporte, [...] eu uso muito esses recursos tecnológicos que fazem eu me estimular, [...] E, também, o professor também pode, ele continuando buscando outros recursos, também, através das mídias e das tecnologias pode, pode ter um grande ensinamento também, as duas correm juntos, tanto a mídia estimular o professor como o professor baseado pode usar esses recursos tecnológicos.” (Professor Francisco).

“Eu acho que pode acontecer as duas coisas sim, mas eu acho que pra motivar é um bom instrumento né, é um bom caminho, porque a gente tá vivendo numa era tecnológica né, então, as mídias né, tudo é um jeito que a gente tem que se adequar, e aprender, e usar né, no nosso dia-a-dia, então, é uma boa maneira, pelo menos pra mim funciona né buscar esses recursos. Agora, com certeza, um professor motivado, um professor, éé, que tem ânimo aí, garra pra tudo também vai usar né desses recursos. Indiscutivelmente, éé, as aulas, hoje, principalmente né, tem que ter as mídias né, não tem como ignorar e usar a lousa e o giz e usar apenas um texto no papel.” (Professora Ana).

O que vem a ser relevante também trazer para discussão é a contribuição de Pinto (2005) sobre a era tecnológica, onde explica que sempre vivemos em eras tecnológicas, mas hoje em dia predomina um pensamento de que as velhas se sobrepõe sobre as novas, mas como defende Santaella (1996), elas se complementam e não devemos pensar que as novas são melhores que as velhas, depende muito do contexto, do objetivo, da disponibilidade, para ver qual meio vai ser o ideal para o momento/realidade/objetivos vivenciados.

O Professor Artur também comentou sobre o entendimento do que é tecnologia, pois muitas vezes entendemos como sendo tecnologia o objeto palpável em si, mas vai muito além disso também abrangendo aspectos que não são palpáveis:

“Então, eu andei dando uma estudada né nesses últimos tempos em relação às tecnologias né, e pra mim tecnologia era isso aí, era Datashow, slide, vídeo né, filme, mas não né, na verdade, as tecnologias assim pelo pouco que eu li né são situações, ferramentas pedagógicas de aprendizagem né pra você tornar o ensino mais inovador, mais motivador e que você consiga aumentar esse alcance né, desse ensino né de várias formas diferentes.” (Professor Artur).

Nesse ínterim, concluímos que a motivação é uma questão política de comprometimento com um projeto, no qual as mídias e tecnologias poderão ser utilizadas e inovadas para potencializá-lo.

3.4.4. Superações do uso das mídias e tecnologias

Quando dialogamos ao longo das entrevistas sobre recursos disponíveis, plataformas acessíveis para utilizarmos como meios para facilitar a comunicação no processo educativo e na busca por essa comunicação entre os pares, os nomes dos meios citados pelos professores de EF foram: Google Meet, Microsoft Teams, Zoom, WhatsApp, Youtube, E-mail e Facebook. A Professora Frida comenta que *“o Google Meet é uma das que, que eu acho que você colocaria próximo né de x professores né, mas depende o modo como você usa a plataforma, [...]”*. Mas, o mais citado e indicado pelos professores foi o WhatsApp. Segue em destaque alguns depoimentos:

“Ah, eu acho que vídeos no Youtube pelo WhatsApp são a melhor forma, mas uma reunião online né, onde todos estejam ao vivo é mais legal né, que dá pra interagir, mas pra alcançar um número grande é vídeos no WhatsApp né, alcança um número maior.” (Professora Ana).

“Ah, online né Gi, porque pessoalmente, na nossa correria né! Mas eu já cheguei trocar material, de buscar material em outra escola, de ceder meu material pra outra escola né, e a pessoa ir buscar, éé, fazer essa trocas aí por e-mail, mandando material, mandando site, mandando inscrição de alguns cursos que vão ter, palestra, então a gente sempre tá ali né, ó, vai acontecer tal coisa, sempre tá informando um ao outro né. [...] Bom, a gente usa muito o WhatsApp né Gi. O WhatsApp, eu acho que ele é o meio mais rápido né. A gente tem outros aí, mas eu acho que o WhatsApp é a mais rápida, a mais eficiente aí.” (Professora Mara).

“[...] eu acho que os grupos de WhatsApp agora é uma via de comunicação, assim, muito direta né, então, assim, você fica sabendo de muitas coisas, você tá no grupo também dos mais legais da escola, e aí você acaba trocando muita figurinha ali, a questão tecnológica do celular, do WhatsApp ajuda bastante, tem um grupo também da faculdade, e aí na faculdade você consegue também trocar experiências com colegas que, às vezes, estão distantes que vivem em outras realidades, tudo mediado por esse aplicativo, porque se não tivesse esse aplicativo, como que eu ia conversar com eles.” (Professora Marisa).

Arroyo (2011) afirma que as condições precárias de trabalho dos docentes, como a falta de estabilidade, fraco ambiente cultural das escolas, turnos duplicados e ainda adição do trabalho doméstico, tudo isso não apenas limitam mas impossibilitam uma constante formação docente. Podemos exemplificar com os acontecimentos ocorridos ao longo da pesquisa de campo desta tese, onde os professores apontaram como sendo viáveis o uso de plataformas que possibilitam reuniões síncronas online, como por exemplo o Microsoft Teams, o Google Meet

e o Zoom, porém, muitos professores não puderam participar dos encontros virtuais em grupo realizados via Google Meet e deram um retorno informando no WhatsApp particular da pesquisadora motivos relacionados a horário de trabalho, estar com atividades atrasadas que precisam ser entregues, também compromissos de ordem familiar, sentirem-se sobrecarregados por ter que estudar, trabalhar e ainda dar conta de cuidar da família, entre outros. Todo esse rol de dificuldades acaba levando os professores a priorizar determinados compromissos, fazendo uma seleção para determinar sua respectiva agenda. Segue situação vivenciada pelo Professor Rô como exemplo:

“Quer começar aí Mantovani? Só uma ressalva aqui viu, eu vou poder ficar só até às oito e meia, se você quiser marcar um outro dia pra gente conversar de novo, eu fico a sua disposição, porque eu fiz um acordo conjugal aqui que eu ia ficar até às oito e meia, tá bom rs?!” (Professor Rô).

Podemos considerar para fins de conclusão que os professores só “abraçam a causa” e priorizam essa busca participativa na medida em que se deparam com necessidades, entraves, desafios, dúvidas, enfim, na medida em que esses aparecem em seu próprio cotidiano, e, a partir desse chamamento, dessa anúncio e convite ao compartilhamento, os professores sentem a necessidade de aceitar e seguem no desvendamento e busca por superação e/ou auxílio aos colegas que necessitem. A partir da interação, a troca de experiências, a cooperação e colaboração entre os participantes do grupo formado, isso os deixam mais conscientes dos laços que os unem.

O problema dos aplicativos de encontro de pessoas síncronos, como por exemplo o Google Meet, é conseguir reunir os colegas em um momento onde a maioria possa ou queira discutir elementos do nosso contexto profissional. Um meio de comunicação assíncrono utilizado aqui, o WhatsApp, tem uma vantagem no que tange à possibilidade de obter as informações e discuti-las em outro momento, bastando para tal que o professor identifique o colega que postou a informação e entrar em contato direto com ele (a), ou dar uma devolutiva no grupo sobre as questões expostas ou até mesmo lançá-las quando se tem necessidade.

Vivemos em tempos em que as pessoas têm seu tempo livre cada vez mais reduzido e dificilmente deixarão o pouco tempo livre que lhes resta para discutir questões profissionais. É triste, mas é uma realidade! O tempo é o bem mais precioso que temos, pois ele passa e não retorna mais. O nosso maior problema é que vendemos nossa força de trabalho, nosso conhecimento acumulado, por muito pouco e por isso temos que trabalhar cada vez mais para podermos ter uma vida digna. Resta cada vez menos tempo livre para nós mesmos (as) e para a família. Reuniões realizadas sincronicamente só funcionam englobando um grande número de

professores quando realizada dentro do horário de trabalho e por imposição do “chefe”. A busca por atualização e troca de experiências passa pela possibilidade de cada um dos professores, no seu tempo individual, que varia de acordo com o momento da vida e da carreira profissional.

Para fins de superação, também lembrando de que houve atritos de ideais no grupo de WhatsApp resultando em alguns momentos em ofensas para com professores que pensam e mantêm posturas diferenciadas (professores de direita versus professores de esquerda), como também pensando em futuras interações com outros grupos, que podem ocorrer situações semelhantes e/ou até bem mais preocupantes, nesse ínterim, vale relembrar o referencial teórico de Martino (2015) com relação ao bom uso das mídias e tecnologias, há regras a serem respeitadas, assim, não podemos pensar que por estarmos em um ambiente virtual temos a liberdade de falar qualquer coisa e tratar os outros de qualquer forma, devemos manter a postura de respeito e lembrar que como em todo ambiente, virtual ou presencial, podem haver punições por um comportamento ofensivo se alguém resolver levar adiante essa problemática.

Assim, finalizamos esta parte das categorias reforçando algumas superações necessárias neste contexto da utilização das mídias e das tecnologias, tais como: a necessidade de sempre direcionar a comunicação de uma postura diretiva para uma postura dialogada; estar disposto a lidar com as imprevisibilidades advindas ao longo do processo, dificuldades no uso de equipamentos, aplicativos, plataformas, necessitando de uma busca por conhecer melhor e compreender seu funcionamento; realizar avaliações constantes sobre a eficácia dos meios utilizados, sempre mantendo a postura de busca por meios que melhor se adequem as necessidades e demandas do grupo, a fim de atender os objetivos do grupo; estar sempre vigilante com relação ao seu próprio comportamento como a dos colegas, sempre buscando respeito e quebra de preconceitos. Tarefas difíceis, mas necessárias!

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve uma busca por reconhecimento das subjetividades, objetividades, fatores que nos aproximam e nos distanciam, as diferenças e semelhanças de pensamentos, evidenciar as condições de trabalho dos diversos professores, o nível das relações pessoais, intrapessoais, interpessoais e grupais, que permanentemente estabelecem ao longo de sua formação docente, que se estende por toda a vida. Verificamos que muitas questões nunca foram pensadas ou imaginadas pelos professores participantes nesta pesquisa, colocando em dúvida e discussão as suas próprias identidades. Nos encontramos diante do reconhecimento de que nossa identidade é, na verdade, plural e complexa. As diferenças foram detectadas e evidenciadas a partir da análise dos nossos encontros que possibilitaram relações mais profundas, constantemente permeadas pelas mídias e tecnologias disponíveis.

Para as considerações finais acredito ser primordial deixar registrado que a Escola é mais do que um lugar de trabalho, é um espaço de luta e de politização. As mídias e as tecnologias podem contribuir para a superação das limitações apresentadas ao longo da pesquisa (como por exemplo a falta de tempo e espaços de formação crítica dentro da escola com impedimentos de organizações), para fins críticos e transformadores nesse ambiente, abrindo possibilidades virtuais que podem atender dentro e fora da Escola. As incursões são motivadas por manifestações subjetivas e espontâneas dos professores, mas que ao ingressar nos espaços coletivos de discussão em grupo proporcionados pelas mídias e tecnologias, abrem possibilidades para ações motivadas pelo coletivo e com objetivo de consciência de classe.

Os professores atuantes em escolas básicas públicas são essencialmente representantes do povo e trabalham para o povo no enfrentamento aos governos e à essa tendência neoliberal e neoconservadora e o que os move é a esperança de uma sociedade mais justa e democrática. Os professores em processo de politização acreditam nessa luta, provocam agitação, são resistência. Lutam contra o desmonte da educação e dos serviços públicos, contra a penalização aos servidores e a retirada de direitos dos trabalhadores, lutam contra a política de criminalização dos movimentos sociais e sindicais, entre outros. E o que os motiva? O que os faz continuar nesse caminho? Com base na pesquisa de campo pudemos verificar que o foco são os estudantes, em busca da defesa e dos direitos dos estudantes, consequentemente, das pessoas em geral e de si próprio, é o compromisso com a comunidade e o fato de que de alguma forma está contribuindo para melhorias. A questão é pensar na educação para além do capital, uma educação mais humana. Essas considerações já são suficientes para justificar a importância de uma formação política permanente dos professores.

A docência é uma “profissão do conhecimento”, legitimada pelo conhecimento e o saber. Nessa perspectiva, os professores são profissionais que trabalham com o conhecimento, e, para tanto, necessitam ter compromisso com a aprendizagem discente, e com a sua formação permanente. O papel da docência é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem, onde os professores, ao passo que ensinam, também aprendem. Docentes e discentes aprendem juntos, em um encontro democrático e afetivo, em que todos podem se expressar. Pois, de acordo com Freire (1996), sem discência não há docência.

Se o fundamento da socialidade manter suas bases no trabalho alienado, a educação vai continuar no caminho de uma educação para o capital, por isso a importância dos professores reconhecerem seu papel e importância, rumo a uma mudança nesse paradigma, pois não podemos perder de vista que é na práxis humana que se criam as determinações que constituem a sociabilidade e a esfera educativa contribui para isso.

Há, assim, implicações diretas dos elementos apresentados nesta pesquisa para a problemática da formação docente, no sentido de que se por um lado pouco se pode fazer em termos da influência do sistema no ambiente escolar, de ideologias dominantes que trabalham em prol da imobilização e cerceamento dos professores, embora saibamos que isso afeta o processo de construção da identidade e a motivação docente, por outro lado foi apontado que há possibilidades de resistência no decorrer da trajetória docente, em seu processo de escolarização e nas experiências de vida, tanto pessoais como profissionais, e as mídias e tecnologias podem ser considerados meios facilitadores e aliados. Nesse caminhar, cabe deixar claro às instituições responsáveis pela formação docente a sua importância no quanto elas podem contribuir ou não nesse contexto, no processo de desalienação e politização docente.

Respondendo aos questionamentos feitos na introdução, é possível sim utilizar-se de recursos midiáticos e tecnológicos para criar ações de incentivo à troca de experiências do profissional da educação não somente dentro do ambiente escolar, como também fora, o qual é interessante frisar que é essencial isso acontecer também fora, pois as iniciativas buscando formações e espaços de ordem mais crítica não virão das instituições escolares e seus governos, mas sim dos professores que desejam ir além. A formação permanente dos professores não pode ocorrer somente nos espaços formais proporcionados pelas instituições a quais são vinculados/trabalham, dentro de uma estrutura geralmente rígida, que tende a conservar e reproduzir uma determinada cultura dominante, que muitas vezes não reconhece e/ou valoriza outras culturas, pensamentos, diferentes olhares, onde é de extrema importância para a docência a ocorrência dessa variação a fim de contribuir para a politização e desalienação dos professores.

Como verificamos nos depoimentos dos professores, os legados dos professores para com as próximas gerações são inegáveis, assim, podem servir como exemplos e suas ações podem gerar repercussões em toda a nossa sociedade. Os recursos midiáticos e tecnológicos podem servir de meios para fins de desalienação e politização focados no professor de EF da educação básica pública, pois os meios utilizados nesta pesquisa (WhatsApp e Google Meet) servem como exemplos e mostraram-se tangíveis e potencializadores nesse caminhar, porém, temos que ressaltar que há a necessidade de escolher os meios que mais se adequam às necessidades e demandas de cada grupo e que o desenrolar dessa comunicação poderá atingir níveis mais críticos dependendo da participação dos indivíduos envolvidos. A mídia e a tecnologia podem auxiliar na valorização e no reconhecimento da profissão de professor de educação básica pública e, conseqüentemente, na motivação dos professores, por possuir características que facilitam a comunicação e disseminação de informação e conhecimento, mas a questão que deve ser lembrada é que as mídias e as tecnologias são simplesmente meios a serem utilizados que possuem potencialidades a fim de facilitar o trabalho das pessoas, o ponto culminante é a práxis, a ação e reflexão das pessoas perante a utilização desses meios.

Ainda, seguindo respondendo aos questionamentos específicos feitos na introdução, apesar dos diversos fatores que influenciam negativamente na motivação docente, é possível os professores se auto motivarem buscando uma melhor compreensão da raiz desses fatores a fim de superá-los propondo alternativas de resistência, pois a motivação faz parte do exercício consciente da docência, parte do próprio professor e sua prática, o professor se motiva na medida que vai atuando. É possível a própria comunidade escolar realizar ações de desalienação e politização da profissão docente como mostramos nesta pesquisa assumindo uma postura problematizadora, reforçando que a partir do momento que surgem desafios, dilemas, entraves, estes são a alavanca para iniciar uma busca pela resolução dos problemas, e os conflitos que emergem nesse processo agem como molas propulsoras, potencializadores, para avançar nas discussões e aprofundamentos mais críticos, os conflitos devem ser vistos como benéficos, pois são indicadores das áreas que necessitam de maior atenção para melhorias.

Fazendo uma ligação com a questão de como fazer com que seja inserido o uso da mídia e tecnologia no cotidiano escolar de maneira interna e não externa, ou seja, fazer com que a própria comunidade escolar faça uso desses meios para beneficiar-se, sem partir de iniciativas de fora, mas sim de dentro, seguimos na mesma linha de pensamento problematizador, pois se os meios de comunicação não atenderem as necessidades e demandas da própria comunidade eles não vão ser efetivamente utilizados como também não vai se obter sucesso na investida, sendo assim, a própria comunidade deve ser a protagonista nesse contexto.

O trabalho coletivo para fim de desalienação e politização docente é viável no sentido de que, como falamos popularmente, quanto mais mentes pensantes melhor, nesse caminhar, as interações com o grupo potencializam esse processo, pois através do diálogo entre os participantes podemos ter acesso a diferentes visões de mundo, possibilitando reflexões críticas sobre o cotidiano, abrindo portas para mudanças de pensamento, possibilitando análises de todo o processo de formação do ser docente e do seu papel na sociedade, facilitando também a construção de uma identidade coletiva docente, firmando parcerias para fins de resistência/luta, entre outros. É nesse sentido descrito acima que as mídias e tecnologias redefinem nossas percepções do mundo social, sobre relacionamentos pessoais e sobre nós mesmos em um cotidiano no qual identidades passam pelas mídias, são meios que facilitam essa comunicação entre pessoas, contribuindo para uma construção coletiva de conhecimento, para o reconhecimento do outro e de afinidades, desenvolvendo um potencial de aproximação entre pessoas.

Baseando-se no meu envolvimento enquanto pesquisadora e também professora atuante na educação básica pública, posso afirmar que essa comunicação, proporcionada pela ida a campo nesta pesquisa, entre mim e outros companheiros de profissão, ações como esta vivenciadas por mim e meus companheiros, abrem os caminhos ou até mesmo são suficientes para estabelecer vínculos afetivos e de formação continuada entre professores, onde aprendi muito com eles, são aliados nessa minha jornada permanente rumo a minha própria desalienação e politização. Podemos falar que através dessa comunicação entre pares, pudemos construir juntos uma tese de doutorado, pois eles foram essenciais apontando elementos e ideias que transformaram o rumo inicialmente traçado por mim nos primórdios desta pesquisa.

Após essa minha experiência, onde percorri caminhos em prol da minha própria politização e desalienação, a qual tive o prazer de compartilhar com alguns colegas de profissão que muito me auxiliaram nesse caminhar ao participarem desta pesquisa, posso dizer que minha admiração e apreço por eles cresceu ainda mais e posso imaginar como seria se mais oportunidades assim surgissem ao longo da carreira de todos os professores. A manutenção e fortalecimento desses vínculos criados, dessas ações desenvolvidas, podem ter seguimento na medida em que os professores se manterem dispostos a participar de encontros e grupos entre seus pares, fazendo uso de diferentes meios facilitadores para esses fins. Seguimos na manutenção desse canal de comunicação escolhido e muito utilizado por nós, professores de EF, onde o nosso grupo de WhatsApp ainda continua aberto. A lição que levo é de nunca duvidar da força de um trabalho coletivo para fins de transformação em nossa sociedade.

Concluimos que o processo de desalienação e politização docente não pode ser padronizado, mas se constitui na ação criativa, em situações experimentais testando os meios e verificando quais são os que criam melhores condições para esse caminho. É necessário frisar que o que alavanca esse processo são as experiências vivenciadas, o cotidiano, os professores vão atuando conforme vão surgindo as problemáticas, e a partir desse surgimento que vão organizando-se a fim de superá-los, e esse processo pode-se dar por diferentes meios. Podemos estimular os professores a mobilizarem-se e/ou organizarem-se para esse fim em algum momento, mas esse processo é muito mais significativo e impactante quando parte da própria realidade momentânea vivenciada desses próprios professores, algo que venha de dentro e não colocado em pauta de fora para dentro. Nesse contexto, os professores envolvem-se uns com os outros em diálogos críticos, desencadeando o ato de mobilização, onde eles próprios decidem tornarem-se agentes investigadores e transformadores de sua própria realidade, assim sendo, a ação dos professores é o foco principal, sendo eles que decidem e testam os melhores meios a serem utilizados para esse processo.

A alienação política dos professores da educação básica pública se faz presente e faz parte do projeto de desmonte da educação brasileira. Um dos diversos elementos potencializadores desta alienação, que ficou evidente, é que as atividades de trabalho pedagógicas, a carga de trabalho dos professores atuantes na educação básica pública, absorvem quase a totalidade da vida dos professores a ponto de não conseguirem organizar tempo e forças para trilhar um caminho rumo a desalienação. Aponto que a redução da jornada de trabalho é uma das condições fundamentais para facilitar esse caminho rumo a desalienação.

Também é importante manter em pauta a indagação de a quem interessa a manutenção da ideologia de que política e educação não se misturam, a favor de quem, contra quem, no sentido de que as classes dominantes necessitam dessa constante alienação das classes oprimidas para continuarem seguindo com sua dominação. Devemos destacar que a falta de entendimento do que realmente é a política atrapalha o processo de politização docente contribuindo para a alienação, assim, demonstrando a necessidade de uma atenção especial a esse tema nas formações de professores, priorizando a compreensão de elementos que atuam nessa visão ideológica político-pedagógica que visa separar e dicotomizar a política da educação (Ex.: influência neoliberal na educação, compreensão do projeto de desmonte da educação, entre outros). É preciso ultrapassar visões simplistas e desmistificar a política, encarar a política para todos, como produto de ações e passível de mudanças, é preciso vê-la como possibilidade, e como defende Maar (2013), a política precisa ser compreendida como um produto da história.

Também, quando pensamos na mídia e na tecnologia em conjunto com a política e conseguimos definir os detalhes no caminho de seu uso para atingir determinados fins, nos convencemos de que é possível acreditar em uma mudança de paradigma e que podemos sim transformar o mundo. O ponto chave é colocar as pessoas como base, como foco, como ponto central, levando em consideração seus objetivos e suas ações, e devemos frisar que as mídias e as tecnologias são meios utilizados pelas pessoas para atingir tais objetivos, elas têm potencial para auxiliar as relações de comunicação entre as pessoas.

Foi apontado e relatado nesta pesquisa um caminho da utilização dos Círculos de Cultura, contextualizado para a época e demandas em que estamos vivendo (pandemia da Covid-19 e uso de recursos midiáticos e tecnológicos digitais), e portanto ressignificado, visualizando os Círculos de Cultura como importante estratégia de politização e desalienação docente perante “tempos de chumbo”¹⁵ vivenciados atualmente. Este é o diferencial desta tese de doutorado.

Ao estudar a construção da docência em seus primórdios até nossa contemporaneidade, verificamos que o sistema dividiu os professores, fragmentou-os, assim, é urgente que retomemos um caminho de união que envolve estações de desenvolvimento de ações coletivas concretas. Nesta presente pesquisa foi relatado um caminho seguido por professores de EF atuantes na educação básica pública brasileira, que agora está visível e à disposição dos interessados, mas que poderia ter abrangido todos os professores, de todos os componentes curriculares. Coadunando com Freire e Shor (2001), os professores que querem transformar a sua prática podem beneficiar-se imensamente do apoio de seus companheiros de trabalho. Também é importante frisar que esse caminho não é o único, não existe apenas um caminho e um meio, nem um recurso específico, mas que ao longo dessa jornada rumo a desalienação e politização docente, novos e melhorados meios podem ser conhecidos, identificados, desvendados e utilizados.

É importante chamar a atenção que tomarmos consciência da alienação não resolve o problema da alienação, nesse caminhar, é importante seguir uma práxis de reflexão cotidianamente sobre esse contexto, temos que manter a resiliência na manutenção dessa pauta e seguirmos na luta. A formação política é um processo permanente, que ocorre a todo momento, por toda a vida, é uma construção cotidiana permanente, é como se necessitássemos de reformas constantes em nossos pilares construídos, e esse processo de formação se dá pelas interações em diversos ambientes e entre diferentes indivíduos.

¹⁵ Com relação aos tempos de chumbo ver Sousa, Nogueira e Maldonado (2019).

Com base na experiência desta presente pesquisa, a compreensão da identidade, da história, do contexto e da valorização docente estão vinculadas, articulam-se com o processo de formação política, é primordial essa base de conhecimento para uma consciência de classe tão necessária em nossos dias a fim de se manter na luta e na resistência, e uma metodologia dialógica aliada com as mídias e tecnologias podem servir como meios para atingir esses fins.

Acredito que o professor motivado a buscar, o professor que é movido pela busca às respostas das suas indagações, o professor que se interroga constantemente, esse professor está no caminho da politização, e digo caminho porque é uma constante busca, não tem fim, somos seres inacabados eternamente. As mídias e as tecnologias, como diz no título dessa tese, são meios, estão presentes ao longo desse caminho a ser trilhado pelo professor, e é inerente a ele fazer suas próprias escolhas, analisar e compreender quais recursos utilizar ao longo desse caminhar constante que, por perdurar por um longo tempo, por toda a sua vida, com certeza vai ter muitas variantes nesse meio tempo, muitos recursos utilizados, muitas escolhas a serem feitas. Preciso comentar que essa busca por um processo de politização e desalienação é mais um fardo para os professores, mas um fardo necessário.

É esperado aos leitores em geral dessa pesquisa que ao se deparar com a essência dessa pesquisa, com as vozes dos professores, as reflexões e ações dessa pesquisa, verifiquem o poder que o conhecimento produzido a partir do diálogo, da voz, a partir da comunicação e troca de experiências entre os professores, têm sobre sua formação e sua atuação na sociedade. Realmente, as tecnologias são apenas os meios utilizados por pessoas para atingirem seus fins, e as recentes tecnologias digitais, como por exemplo as utilizadas aqui nessa pesquisa também, como reuniões no Google Meet, o arquivamento e troca de arquivos, o WhatsApp, vieram a enriquecer e facilitar uma tecnologia criada e conhecida há tempos, a fala humana, a comunicação humana, a linguagem humana, que podemos ressaltar que é um elemento chave do viver em sociedade.

É através da luta e do trabalho coletivo que vai se criando condições para uma consciência crítica. Disciplina, esforço, persistência, trabalho. Por isso a citação “aprendi fazendo parte” de Paulo Freire (2001, p. 44) no início, epígrafe. Fico na esperança de que esse meu trabalho inspire muitos professores e estudantes de licenciaturas a se reconhecerem também como políticos, como agentes cientes e capazes de promover transformações em sua realidade e em nossa sociedade, assim podemos brincar que podemos ser chamados também de profelíticos. Perpetuemos mecanismos de respeito aos coletivos de professores que têm mostrado coragem de ir além. Termina aqui confiante de que a temática discutida nesta tese de

doutorado seja considerada como um dos núcleos centrais para programas de formação e aperfeiçoamento de professores.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, A. F. O pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia: traçando novas perspectivas. In: V Colóquio Internacional Paulo Freire. 2005, Recife. **Anais...** Recife: Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, 2005. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/16407780-O-pensamento-de-paulo-freire-sobre-a-tecnologia-tracando-novas-perspectivas.html>>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 18 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- APPLE, M. W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 60, p. 03-14, fev. 1987. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1229/1233>>. Acesso em: 07 dez. 2020.
- APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- APPLE, M. W. O que os pós-modernistas esquecem: capital cultural e conhecimento oficial. In: GENTILI, P. A. A.; SILVA, T. T. (Org.) **Neoliberalismo, qualidade total e educação**: visões críticas. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 179-204.
- ARROYO, M. G. Trabalho – educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO, G. (Org). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 138-165.
- ARROYO, M. G. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- AZEVEDO, A. C. B.; MALINA, A. Memória do currículo de formação profissional em educação física no Brasil. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 129-142, jan. 2004. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/231>>. Acesso em: 23 jul. 2022.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- BENITES, L. C.; SOUZA NETO, S. de; HUNGER, D. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. **Educação e Pesquisa** [online]. São Paulo, v. 34, n. 2, p. 343-360, mai./ago. de 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022008000200009>>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- BETTI, M. Fundamentos e princípios pedagógicos da educação física: uma perspectiva sociocultural. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 237-244.
- BETTI, M. PIRES, G. L. Mídia. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.) **Dicionário crítico de educação física**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 457-462.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

BOSSLE, F. Atualidade e relevância da educação libertadora de Paulo Freire na educação física escolar em tempos de “Educação S/A”. In: SOUSA, C. A. de; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. (Orgs). **Educação Física escolar e Paulo Freire**: ações e reflexões em tempos de chumbo. Curitiba: CRV, 2019. p. 17-31.

BRACHT, V. A educação física escolar como campo de vivência social. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas/SP, v. 9, n. 3, p. 23-39, 1988.

BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de uma casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas/SP, v. 22, n. 1, p. 53-63, set. 2000. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/753>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Decreto n.º 23.252, de 19 de outubro de 1933**.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Decreto-Lei n.º 8270, de 3 de dezembro de 1945**.

BRASIL. Câmara dos deputados. **Lei n.º 1.821 de 12 de maio de 1953**. Dispõe sobre o regime de equivalência entre diversos cursos de graus médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores. Rio de Janeiro, 1953. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1821-12-marco-1953-366631-normaatualizada-pl.html>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília-DF, 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-lei n.º 705, de 25 de julho de 1969**. Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0705.htm>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Parecer n.º 215, de 11 de março de 1987**. Documenta n.º 315, Brasília, 1987a.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução n.º 3, de 16 de junho de 1987**. Diário oficial n.º 172, Brasília, 1987b.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm#:~:text=Fixa%20Diretrizes%20e%20Bases%20para,graus%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias.&text=Art.%201%C2%BA%20Para%20efeito%20do%20que,m%C3%A9dio%2C%20o%20de%20segundo%20grau>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 7.044, de 18 de outubro de 1982.** Altera dispositivos da Lei n.º 5.692 de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização do ensino de 2º grau. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1982. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7044.htm>. Acesso em 19 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da república federativa do Brasil de 1988.** Diário Oficial da União, Brasília-DF, 1988.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 1996a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996.** Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, na forma prevista no art. 60, § 7º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 1996b. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9424.htm>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 9.696, de 1º de setembro de 1998.** Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9696.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.696%2C%20DE%201,Art.>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.172, de 9 de Janeiro de 2001.** Aprova o Plano Nacional de Educação (2001- 2010) – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2001a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.328, de 12 de dezembro de 2001.** Introduz a palavra "obrigatório" após a expressão "curricular", constante do § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2001b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10328.htm>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES 7, de 31 de março de 2004.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física,

em nível superior de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 11.494, de 20 de junho de 2007**. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/111494.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008**. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111738.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº. 2, de 28 de maio de 2009**. Fixa as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2009a, seção 1, p. 41-42. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_cne_ceb002_2009.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Normativa n. 9, de 30 de junho de 2009**. Institui o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica no âmbito do Ministério da Educação. Brasília, DF: MEC, 2009b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/port_normt_09_300609.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Resolução nº. 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2010a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

BRASIL, Presidência da República. **Lei n.º 12.351, de 22 de dezembro de 2010**. Dispõe sobre a exploração e a produção de petróleo, de gás natural e de outros hidrocarbonetos fluidos, sob o regime de partilha de produção, em áreas do pré-sal e em áreas estratégicas; cria o fundo social - FS e dispõe sobre sua estrutura e fontes de recursos; altera dispositivos da lei n.º 9478, de 6 de agosto de 1997; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2010b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112351.htm>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF,

2014. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2016a.

BRASIL. Presidência da República. **Emenda constitucional n.º 95, de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2016b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL, Presidência da República. **Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei n.º 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei n.º 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto n.º 9.465 de 2 de janeiro de 2019**. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Educação, remaneja cargos em comissão e funções de confiança e transforma cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57633286>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Emenda constitucional n.º 108 de 26 de agosto de 2020**. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 2020. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc108.htm>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 6 ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2000.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. 27 ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CANTARELLI, J. M.; FERREIRA, P. F. A construção do trabalho docente a partir do conceito gramsciano de classe social. In: 10º Encontro Redestrado Brasil Autonomia do trabalho docente: caminhos para sua organização político-pedagógica. **Anais...** Recife: Rede Estrado, 2019.

CARVALHO, F. A. F. A “valorização do magistério” como uma das dimensões do trabalho do dirigente municipal de educação (DME): uma análise da proposta formativa do PRADIME/MEC. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v. 2, n. 5, p. 22-35, maio/ago. 2012. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/2146/1223>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1988.

CORRÊA, E. A.; HUNGER, D. A. C. F. Cultura corporal de movimento: os saberes docentes no campo das tecnologias. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 22, n.º 1, p. 1-24, jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19897>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CORREIA, M. S.; MARQUES, B. G.; MIRANDA, M. L. J. Educação Física escolar ancorada na gênese ideológica da educação popular: um caminho para conscientização dos esfarrapados e esfarrapadas do mundo. In: SOUSA, C. A. de; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. (Orgs). **Educação Física escolar e Paulo Freire**: ações e reflexões em tempos de chumbo. Curitiba: CRV, 2019. p. 33-49.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 14 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

DARIDO, S. C. Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas-SP, v. 20, n. 1, p. 58-66, setembro, 1998.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DIAS, V. C. Programa de Ensino Integral Paulista: problematizações sobre o trabalho docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, e180303, p. 1-18, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844180303>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

DOWNING, J. D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

ENGUITA, M. F. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991.

FABRIS, E. T. H. As marcas culturais da pedagogia do herói. In: 24º Reunião Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Educação (ANPED), 2001, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2001. Disponível em: <<http://24reuniao.anped.org.br/tp.htm>>. Acesso em: 28 junho 2021.

FELJÓ, M. C. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 42 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 46 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 35 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FRIGOTTO, G. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 235-274, jan/abr. 2011.

GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a04v31n1.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

GATTI, B.; BARRETO, E.S.S. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2021.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista**: a Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1988.

GINDIN, J.; MELLO, S. D. G. A internacionalização do debate sobre o sindicalismo dos trabalhadores em educação na América latina. **RepHipUNR**, Rosário, Argentina, 2011, p. 265-281. Disponível em: <<http://biblioteca.puntoedu.edu.ar/handle/2133/5636>>. Acesso em: 26 mai. de 2022.

GIROTTTO, E. D.; CÁSSIO, F. L. A desigualdade é a meta: Implicações socioespaciais do Programa Ensino Integral na cidade de São Paulo. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Arizona/Estados Unidos, v. 26, n.º 109, p. 1-29, set. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3499>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

GIROTTTO, E. D.; JACOMINI, M.A. Entre o discurso da excelência e a lógica do controle: os riscos do Programa Ensino Integral na rede estadual de São Paulo. **Rev. Cienc. Educ.**, Americana, ano XXI, n. 45, p. 87-113, jul./dez. 2019. Disponível em: <<http://www.gepud.com.br/pdf/Entre%20o%20discurso%20da%20excel%C3%Aancia%20e%20a%20l%C3%B3gica%20do%20controle.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 67-80.

GOMEZ, M. V.; FRANCO, M. (Orgs.). **Círculo de cultura Paulo Freire: arte, mídia e educação**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015. Disponível em: <<https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/circulo-de-cultura-arte-midia-e-educacao-2013-paulo-freire>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GONÇALVES JÚNIOR, L. **Motricidade: experiências de educar e educar-se**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

GUARESCHI, P. A.; BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUMUCIO-DRAGON, A. Take Five: a handful of essentials for ICTs in development. In: _____, **THE ONE to watch: Radio, New ICTs and Interactivity**. Rome: Friedrich Ebert Foundation and Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2003.

HERNANDES, P. R. A reforma do Ensino Médio e a produção de desigualdades na educação escolar. **Educação**, Santa Maria/RS, v. 44, p. 1-19, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/34731>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

JESUS, S. N. de. Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. **Katálisis**, Florianópolis/SC, v. 7, n. 2, p. 192-202, jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/6458>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6 ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

KUNZ, E. Pedagogia do esporte, do movimento humano ou da educação física? In: KUNZ, E. TREBELS, A. H. **Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 11-22.

KUNZ, E. Se-Movimentar. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.) **Dicionário crítico de educação física**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 608-610.

LIBÂNEO, J. C. As tecnologias da comunicação e informação e a formação de professores. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 163-169.

LUCKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

LUCKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social 2**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACENO, T. E. **Educação e reprodução social**: A perspectiva da crítica marxista. São Paulo: Instituto Luckács, 2017.

MAGNONI JÚNIOR, L. A ideologia neoliberal, o processo de globalização e a escola pública. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 84-102.

MANOVICH, L. **El software toma el mando**. Barcelona: Editora UOC, 2013.

MAAR, W. L. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOTTA, V. C.; FRIGOTTO, G. Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). **Educação e Sociedade**, Campinas/SP, v. 38, n. 139, p. 355-372, abr./jun., 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v38n139/1678-4626-es-38-139-00355.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>>. Acesso em 12 jan. 2021.

NERI, A. L. A motivação do estudante? Abordagem comportamental. In: PUENTE, Miguel de La. (Org.) **Tendências contemporâneas em Psicologia da Motivação**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982. p. 203-220.

NORMAS.LEG.BR. **As normas federais na linha do tempo**. Constituição da República Federativa do Brasil. 2022. Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:constituicao:1988-10-05;1988#/CON1988_15.09.2015/art_206_.asp>. Acesso em: 23 de jul. de 2022.

OLIVEIRA, A. A. B. Metodologias emergentes no ensino da educação física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá/PR, v. 8, n. 1, p. 21-27, 1997.

OLIVEIRA, M. W. et. al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: 32 Reunião Anual Da Associação de Pós-graduação e pesquisa em Educação. 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2009, v. 1, p. 1-17. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PATRINHANI, G. F. **Conteúdos midiáticos das Olimpíadas e Paralimpíadas Rio 2016: contribuições para a práxis pedagógica dialógica na educação física escolar**. 2018. 257 f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.

PATRINHANI, G. F.; AMÉRICO, M.; OSÓRIO, W. G. A pandemia da Covid-19 e seu impacto na educação básica pública: um relato sobre limites, possibilidades e superações. In: BIZELLI, J. L.; REIS, M. L. (Orgs.). **Prometeu revisitado: gestão e tecnologias educacionais**. Bauru: Gradus, 2020. p. 313-342. ISBN: 978-65-88496-21-3. Disponível em: <<https://www.graduseditora.com/prometeu-revisitado?fbclid=IwAR2BEoDYG1YskwDvp5j1vOk6yZ-97l2nyXINGx1xZ87IpgPUbyUWtun3hhg>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PICH, S. Cultura corporal de movimento. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.) **Dicionário crítico de educação física**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 163-165.

PINHEIRO, M. C. de O. A “crise da educação” em tempos de neoconservadorismo: a contribuição da história da educação para compreender o presente. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 120–142, 2019. DOI: 10.33241/cadernosdogposshe.v2i1.1525. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/1525>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

PINOCHET, L. **Tecnologia da informação e comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIRES, G. L. **Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

PIRES, G. L. Cultura esportiva e mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: BETTI, M. (Org.) **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 19-44.

RIBEIRO, R. J. **A pátria educadora em colapso: reflexões de um ex-ministro sobre a derrocada de Dilma Rousseff e o futuro da educação no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

ROSSI, F.; HUNGER, D. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de educação física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 26, n.º 2, p. 323-38, abr./jun. 2012a. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/45902/49505>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ROSSI, F.; HUNGER, D. A Formação continuada de professores: entre o real e o “ideal”. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 4, p. 915-932, 26 dez. 2012b. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/15564>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

ROSSI, A. M. F. Educação e competência: desafio para o século XXI. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs.) **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 116- 123.

RUBIO, K. **O imaginário esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói**. 2001. 286f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RUFINO, L. G. B. Transformando tias em professoras: contribuições do pensamento de Paulo Freire para o processo de profissionalização de quem “ousa ensinar”. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 23, n.º 2, p. 203-223, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/10434>>. Acesso em 30 mar. 2021.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Coordenação geral Maria Inês Fini; coordenação de área Alice Vieira. São Paulo: SEE, 2010.

SÃO PAULO (Estado). **Lei Complementar n.º 1.164, de 4 de janeiro de 2012**. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 5 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.legislacao.sp.gov.br/legislacao/dg280202.nsf/589653da06ad8e0a83256cfb0050146b/73994a487db0df348325797c004a5694?OpenDocument>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

SÃO PAULO (Estado). **Resolução SE n.º 52, de 2 de outubro de 2014**. Dispõe sobre a organização e o funcionamento das escolas estaduais do Programa Ensino Integral, de que trata a Lei Complementar 1.164, de 4 de janeiro de 2012, e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 3 out. 2014. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/lise/sislegis/detresol.asp?strAto=201410020052>>. Acesso em: 5 mai. 2019.

SILVA, T. T. A “nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILI, P. A. A.; SILVA, T. T. (Org.) **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 09-30.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SOARES, S. G. **Educação e comunicação: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, A. J. O novo papel do Estado e a escola pública. In: VALE, J. M. F. et. al (Org.). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 60-62.

SOUZA, R. A. DE; SILVEIRA, J. VENTURINI, M. C. A extrema-direita e a escola: condições de produção, embates e luta de classes. **Interfaces**, Guarapuava/PR, v. 10, n.º. 3, p. 21-32, 2019. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6233>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SOUSA, C. A. de; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. (Orgs.). **Educação Física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. Curitiba: CRV, 2019.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.

TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. **Educação e Sociedade**, Campinas/SP, v. 34, n.º. 123, p. 551-571, jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302013000200013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 30 mar. 2021.

TOYAMA, K. Can technology end poverty? **Boston Review**, November, 2010. Disponível em: <<http://bostonreview.net/forum/can-technology-end-poverty>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

VALMORBIDA, I. C.; SILVA, M. R. da. As diversas instâncias de formação política dos docentes da rede pública de ensino: aproximações introdutórias. **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba/PR, v. 10, n.º 19, p. 68-76, jan./jun. 2016. ISSN 1981-1969. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/48619/32571>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

VALMORBIDA, I. C.; SILVA, M. R. da. Trabalho e formação política dos professores da educação básica. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n.º 45, p. 313-328, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/7468>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

VENDITTI JÚNIOR, R. **Autoeficácia docente e motivação para a realização de profissionais de educação física adaptada**. Curitiba: CRV, 2014.

VERGER, A.; NORMAND, R. Nueva Gestión Pública y educación: Elementos teóricos y conceptuales para el estudio de un modelo de reforma educativa global. **Educação & Sociedade**, Campinas/SP, v. 36, n.º 132, p. 599-622, jul./set. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302015152799>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Portugal: Porto, 1994.

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa com título provisório de “As mídias e as tecnologias como meios para fins de desalienação e politização de professores da educação básica pública”. O objetivo geral da pesquisa é analisar, discutir e avaliar as possibilidades do uso dos recursos tecnológicos e midiáticos para auxiliar programas voltados à desalienação e politização dos professores atuantes na educação básica pública. Os objetivos específicos da pesquisa são: identificar fatores que interferem na motivação do professor; contribuir para formação continuada de professores; organizar e relatar um programa de incentivo à desalienação e politização dos professores a partir da proposta dialógica, voltada ao debate sobre o uso das mídias e tecnologias como possibilidades para esses fins, tendo como cerne o trabalho coletivo. Metodologia: A presente pesquisa faz uso de pesquisa bibliográfica, observação participante, entrevistas e análise de documentos. Ela encaixa-se nas pesquisas qualitativas do tipo etnográfica, com uma longa imersão da presente pesquisadora que também é professora no contexto estudado, interagindo com os demais professores participantes da pesquisa em busca de uma maior compreensão da realidade do grupo, partilhando significados, trazendo à tona a cultura docente da educação básica pública brasileira. Outras informações: A participação é voluntária, podendo interrompê-la a qualquer momento, os dados obtidos poderão ser utilizados para estudos e publicações científicas, onde as identificações dos participantes serão mantidas em sigilo, não se prevê riscos ou desconfortos dos participantes como também nenhum gasto financeiro e ciente que a pesquisa poderá ter benefícios para a formação de professores. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, outorgando aos pesquisadores o direito de fazer uso dos materiais coletados sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos através do telefone celular (14) 996151130 – Doutoranda Giseli Fregolente Patrinhani/Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/UNESP/Bauru/SP, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Américo.

Autorizo, _____

Data: ____/____/____

APÊNDICE B - Roteiro das entrevistas

- Nome fictício escolhido:
- Gênero:
- Idade:
- Formação acadêmica:
- Carga horária de trabalho:
- Tempo de serviço:
- Efetivo ou outro:
- Acúmulo de cargos:
- É sindicalizado? Por quê?
- Qual o motivo da escolha em ser professor? Por que escolheu ser professor de educação física?
- Na sua opinião, quais são as condições favoráveis e desfavoráveis em ser professor?
- Como foi sua formação inicial? Atingiu suas expectativas?
- Como foi a transição de estudante para profissional?
- O que você acha que mais contribuiu para a sua formação de professor (experiência vivida antes da graduação, formação inicial (graduação com suas disciplinas, estágios, etc.), formação continuada (pós-graduação, cursos extras, etc.), atuação profissional (saberes construídos da sua experiência adquirida em seu cotidiano de trabalho)? Por quê?
- Como está sendo atuar no ensino básico público (Expectativas x realidade)?
- Quais são os seus sentimentos perante diversos momentos de sua atuação? Dê exemplos.
- Você acha que o professor pode se auto motivar? Como?
- O que você espera para o futuro?
- O que você acha da formação continuada oferecida pelo Estado e/ou Município?
- Na sua opinião, qual é a relevância social do trabalho docente?
- Teve algum acontecimento marcante em sua trajetória docente até o momento? Explique.
- Já pensou em exonerar seu cargo/deixar de ser professor? Por qual motivo?
- Quais vínculos os professores criam com sua profissão resultando na manutenção de sua carreira?
- Você sente-se satisfeito e/ou realizado com sua profissão? Explique.
- Você acha que se esforçou, se empenhou adequadamente para fazer jus ao título de professor? Explique.

- Você acredita ser possível separar a vida pessoal da vida profissional quando se é professor? Explique.
- Quais aspectos foram negativos ao longo de sua carreira até o momento, acarretando em desmotivação, desencantamento e/ou sentimento de abandono?
- Quais aspectos foram positivos ao longo de sua carreira até o momento, proporcionando-lhe motivação para continuar seguindo por esse caminho?
- O que te faz superar os problemas e dificuldades em sua carreira? Como?
- Quais estratégias você utiliza para resolver problemas e/ou fugir de situações onde sente-se incapaz de resolver?
- Você atribui o seu aprendizado da profissão de professor a quais elementos?
- Quais recompensas/privilégios você acha que seriam ideais para motivar os professores? Você acha que precisa disso ou não?
- Na sua opinião, como a sociedade vê e como deveria ser o perfil de um professor de educação física? Como você o descreveria?
- Na sua opinião, qual é o trabalho/função do professor?
- Qual é a base do trabalho docente?
- Você acha que a profissão de professor está desconectada de seus pressupostos?
- Você encara o professor como sendo um herói? O que acha de atribuir esse título à ele? Você se sente um herói?
- Você segue à risca as normas e ações profissionais impostas?
- Teve algum acontecimento marcante em sua trajetória de estudante relacionado às práticas de seus professores? Descreva.
- Você pode destacar algum professor que você teve que tenha sido seu preferido, que seja especial? Quais as características desse professor que o torna especial para você?
- Qual foi o legado ou o que mais foi impactante com relação a atuação de todos os seus professores para sua vida?
- Você tem algum colega de trabalho/profissão que você admira e encara como exemplo? Quem? Por quê?
- Os professores sabem trocar experiências? Como fazem? Essa troca tem utilidade?
- Você acredita na neutralidade da educação? O professor pode ser neutro?
- Como você compreende a questão da politização e alienação docente?
- Como usar as TICs para objetivos de politização e desalienação dos docentes?
- Como usar as TICs para criar possibilidades de encontros entre professores e divulgação de suas práticas?

- Quais plataformas/recursos midiáticos e tecnológicos são mais acessíveis para você?
- Você acredita que as mídias e as tecnologias motivam o professor ou é o professor motivado que vai desenvolver/incorporar as TICs em seu trabalho/cotidiano?
- Quais temas/assuntos tratados em nossa entrevista que você acha importante e que gostaria que fossem abordados em círculos de cultura virtuais (busca dos temas geradores)?
- Indique algum professor(a) de educação física colega de trabalho para entrevista.

APÊNDICE C - Transcrição das entrevistas

Entrevista 01 - Prof. Cabral - Dia 12/04/21 - 11:00 h

Professora Giseli: Bom dia professor, a gente vai dar início a primeira entrevista da minha pesquisa de doutorado e o título provisório tá, “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência da educação básica pública” e eu vou falar alguns termos para ver se você aceita, tá bom? A participação é voluntária, e aí você pode interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento. Sobre as perguntas, se você não quiser responder alguma pergunta, pode ficar tranquilo, fica à vontade, não precisa responder, não é obrigado tá bom? Os dados que a gente for ter da entrevista poderão ser utilizados em estudos, publicações científicas, mas com sigilo da identidade tá, a gente até vai escolher um nome fictício pra você aí, um sigilo da sua identidade, e tá ciente que não vai receber nenhum valor né, não vai ter nenhum gasto, e ciente que a pesquisa poderá ter resultados pra benefícios pra formação de professores. Aceita os termos?

Professor Cabral: Sim, aceito.

Professora Giseli: Ok! Podemos gravar, então vamos lá. É uma entrevista aberta, tá? Assim, as perguntas é mais pra gente ter um roteirinho, mas a gente pode ter uma conversa e você pode falar do que você quiser, tá bom?

Professor Cabral: Tá jóia!

Professora Giseli: Pra começar, que nome que você quer escolher pra pesquisa, que vai ser um nome fictício pra usar.

Professor Cabral: Rsrs vixi rsrs!

Pesquisadora: Fala um nome pra você ser chamado lá na pesquisa, fictício.

Professor Cabral: Ah, põe Cabral, sei lá!

Professora Giseli: Cabral?

Professor Cabral: É, é meu apelido mesmo.

Professora Giseli: Tá bom. Sexo?

Professor Cabral: Masculino.

Professora Giseli: Idade?

Professor Cabral: 43

Professora Giseli: 43. E para sua formação acadêmica, onde que você se formou? Que ano?

Professor Cabral: Unesp de Presidente Prudente, 2003.

Professora Giseli: 2003?

Professor Cabral: Isso.

Professora Giseli: Foi licenciatura plena ou bacharelado?

Professor Cabral: Plena, licenciatura plena.

Professora Giseli: Ah, o meu também foi.

Professor Cabral: Ah, eu tô meio velho já!

Professora Giseli: Rsrs, e você fez alguma coisa depois, outra formação depois?

Professor Cabral: Não, eu fiz uma pós-graduação e agora tô numa outra de gestão escolar né. Eu fiz uma de didática no ensino superior na educação física mesmo e tô fazendo agora uma em gestão escolar. Eu comecei aquela do pro, ai, não lembro como era aquele programa de pós-graduação do Estado né.

Professora Giseli: ProfMat?

Professor Cabral: Eu não lembro como que era, era em Campinas, pela Unicamp, só que eu não terminei não, eu não entreguei o TCC, eu tive um desentendimento com o orientador, ele perdeu, não sei o que aconteceu, era EAD né! E prestei mestrado recentemente aí, mas não entrei não, nesse último, no programa profissional.

Professora Giseli: Você tá tentando entrar?

Professor Cabral: Ah, eu tô tentando Gi, tô tentando! Enquanto a gente não desanimar a gente vai tentando.

Professora Giseli: Ah, eu fiz também assim, todo ano eu ia tentando, até que uma hora deu certo. Na primeira também não deu.

Professor Cabral: Mas nesse ano eu também não estudei né. Fica pro próximo.

Professora Giseli: Mas é assim mesmo. E a sua carga horária de trabalho?

Professor Cabral: Eu tô com vinte e quatro horas/aula na prefeitura e vinte e quatro no Estado. Fora os ATPC.

Professora Giseli: Tá. E você é efetivo né? No estado e na prefeitura?

Professor Cabral: É, e na prefeitura.

Professora Giseli: E você acumula cargos né? Na prefeitura de Bauru?

Professor Cabral: E no Estado.

Professora Giseli: E no Estado. E você é sindicalizado?

Professor Cabral: Sou, na APEOESP, pelo Estado.

Professora Giseli: E por que que você escolheu, assim, porque que você quis, resolveu se sindicalizar?

Professor Cabral: Ah, eu acho que pra ter um amparo, pelo menos o mínimo de amparo judicial né! Apesar de que não me ajudaram muito nas vezes que eu precisei, sozinho eu resolvi, mas

assim, eu acho que já te dá um norte né, um mínimo possível de norte. E aí eu mantenho por conta disso, mais que isso também, eu já fui mais ativo dentro do sindicato, mas hoje não.

Professora Giseli: E qual que foi o motivo da escolha de você querer ser professor, por que que você escolheu a profissão de professor de educação física?

Professor Cabral: Eu acho que eu fui escolhido, viu? Eu fui fazer a faculdade e, inclusive, eu até suspendi o curso dois anos, durante, fiz o primeiro e suspendi, e depois eu voltei. Quando eu voltei que eu conheci uma outra educação física né, eu entrei com aquela visão de atleta, de trabalhar com esportes, e tudo mais, daí eu voltei e tive acesso ao, lá em Prudente nós temos o LAR, que é o Laboratório de Atividade Lúdica Recreativas, trabalha com crianças de inclusão né, de todos os tipos possíveis, e aí eu tive acesso à esse conhecimento e conheci um outro lado da educação física e foi aí que eu me interessei pela parte pedagógica né, e aí eu me aprofundei mais nisso e acabei entrando nesse mundo e larguei, larguei a academia, larguei, trabalhei como técnico, mas também não quis mais não, me interessa mais isso, me preenche mais essa parte pedagógica.

Professora Giseli: E na sua opinião, quais são as condições favoráveis e quais são as desfavoráveis em ser professor?

Professor Cabral: Ah, favorável eu acho que é esse retorno que nós temos, né. Pode parecer que não, mas eu acho que ainda é uma profissão que é reconhecida pelas pessoas, principalmente pelos alunos, eu acho que eu vejo isso, eu sinto, porque eu tenho alunos que eu dei aula lá em 2006, no meu primeiro ano, eu nem me achava, eu tava começando né, não era, eu não tinha um conhecimento que eu tenho hoje, não tinha a didática que eu tenho hoje, e mesmo assim eles me agradecem por tudo que aconteceu né, pelas aulas, enfim, por todo o esforço que eles vinham, pelas coisas que eles carregam e que aprenderam durante o tempo que a gente teve junto, né. O desfavorável vai nesse lado da desvalorização mas é uma desvalorização da sociedade que a gente precisaria, por exemplo, a sociedade governamental né, que viesse a dar mais amparo à nossa profissão. Eu vejo, por exemplo, na prefeitura, nosso plano de carreira é muito bom. Agora, por conta da pandemia, nós tivemos alguns cortes, enfim, mas mesmo assim, eu acho um plano de carreira bom. É necessário você ter um plano de carreira. Nós temos outros setores como o SESI, o SESC, que te dão isso. Então você vê a pessoa lá, o profissional, ela é mais dedicada a se preparar. Então, eu faço todos os cursos possíveis né, de atualização, cursos de trinta horas, de vinte horas, se tem mesa redonda eu tento participar, se é curso de sessenta, enfim, eu faço porque é bom pra mim, ééé, eu uso numa evolução funcional né, mas assim, eu acho que até essa valorização disso que a gente faz, desses nossos esforços, que sempre são fora dos nossos horários, é, eu acho que não há essa valorização de um modo tão, tão equilibrado né

como lá na prefeitura, por exemplo, se você fizer, eles valorizam curso de uma hora, se você participou de um debate de uma hora, duas horas, é valorizado isso né, porque entende que aquilo ali, ele vai ser revertido pra sua prática pedagógica, então eu acho que tinha que mudar e ser revisto esse plano de carreira. Eu não quero nada de mão beijada, eu sempre falei isso, eu acho importante isso, você tá se dedicando, tá procurando, tá evoluindo, tá estudando, e aí, o Estado vai, por exemplo, vai te ajudar, te favorecer, ajudar isso, como eu podia falar, assim, ele vai valorizar como deveria ser? Pô, eu tenho um doutor no meu quadro de funcionários, eu tenho um mestre, eu tenho pessoas que vão melhorar em muito a qualidade do ensino né, e eu não vejo isso, na prefeitura eu já vejo né, por isso que eu ainda tenho esperança, o que me mantém assim.

Professora Giseli: E a outra pergunta é sobre sua formação inicial né, a sua graduação, você acha que atingiu as suas expectativas?

Professor Cabral: Não, não. Como eu te falei né, eu tenho o antes e depois do meu, da suspensão do curso. Porque antes tinha uns professores já em final de carreira né, ele já vai tirando o pé né, o professor não quer, não tá a fim. Depois, quando eu voltei, tinham professores novos, nesses dois anos que eu fiquei fora, teve uma mudança no quadro, então professores que queriam, que tavam a fim, que faziam a gente ir junto né. Aí foi um dos motivos que mudou muito minha cabeça, assim, lá dentro.

Professora Giseli: E como foi essa transição pra você, de estudante pra virar profissional, pra trabalhar, como foi essa transição de estudante pra professor?

Professor Cabral: Então, é engraçado porque, durante todo o meu tempo de estudante ali dentro da faculdade, nos períodos, nos anos que eu tava lá, e até depois, eu trabalhava só em academia e, assim, quando eu entrei, passei no concurso em 2005, que aí em 2006 nós assumimos, simplesmente você chega na escola, a diretora fala tais salas são suas, vai lá e seja feliz né rs, é mais ou menos isso, então foi um choque né, porque até então eu tinha os estágios, e estágio não tem nada a ver com você reger uma sala de aula né, você dá conta dos problemas que vão decorrer naquele ano. Você vai ficar o ano inteiro na sala de aula, você vai ter altos e baixos né. A minha sorte é que eu fazia parte de uma equipe que tinham professores mais velhos, e eu consegui né, vendo eles, eu consegui ver a coisa flui né, isso, porque senão seria um baque né, maior do que já foi, porque eu vejo que não dá o amparo que a gente precisa assim né, a formação né, a parte literária, a parte teórica é fantástica, você pode fazer todas as leituras possíveis, te apresentam, te dão, te fomentam com isso, mas a parte prática, os estágios são poucos né, são poucos e não condiz com a realidade que você vai depois enfrentar, né?

Professora Giseli: É, verdade. E o que você acha que mais contribuiu para sua formação como professor, a experiência que você tinha na sua vida mesmo, desde pequenininho, antes da graduação, a sua formação inicial, que foi a graduação né, com as disciplinas, os estágios, a sua formação continuada né, os cursos complementares que você fez né, as especializações, ou a sua atuação profissional, que são os saberes que você tá construindo conforme você vai criando experiência no seu cotidiano, qual que você acha dessas coisas que mais contribuiu pra você ser professor, assim?

Professor Cabral: Ah, eu acho que a formação continuada e os saberes que eu vou adquirindo, principalmente nas trocas com outros professores, a gente aprende muito. Ééé, você sempre vai tá buscando éé ações éé positivas, ações que tiveram efeito legal, e que teve um retorno né positivo, por parte de toda a comunidade ali. Essa troca, esses saberes que você vai adquirindo aliado às formações que a gente faz, eu acho que contribuiu bastante.

Professora Giseli: E, assim, como que tá sendo você atuar no ensino básico público né, porque tem a rede particular que é diferente do público, então como que tá sendo você atuar no ensino básico público, assim, qual era a expectativa e a realidade?

Professor Cabral: Éé, você tem que ser criativo, muito criativo né, porque você tem que trabalhar com a falta de material, trabalhar assim com o descaso dos locais, por exemplo, o nosso local né, a quadra, sempre tem problema. Você tem que trabalhar com adaptações né, por exemplo, vou citar o basquete, que é o mais clássico, que sempre, sempre faltam as tabelas, aí quando você tem os dois você não tem bola, enfim, quando você tem tudo isso aí você tem poucos alunos que estão dispostos a participar daquela atividade, sempre você vai ter éé, pelo que eu tenho experiência no setor público, você sempre vai se esbarrar num desses obstáculos né. Eu conseguia trabalhar por exemplo o atletismo, que eu acho mais chato de trabalhar né do que alguns esportes como o basquete, porque não tinha aro, não tinha, às vezes, a tabela, não tinha, às vezes, a quantidade de alunos necessários pra participar, ou o material, a bola não era interessante, mais ou menos isso.

Professora Giseli: E vamos falar agora da questão assim de sentimentos né, porque às vezes eu, na minha atuação também eu passo vários sentimentos do meu trabalho assim, então, em determinados momentos da sua atuação, assim, quais os sentimentos que você tem ao longo do seu cotidiano, da sua atuação assim, dá alguns exemplos.

Professor Cabral: Ah, olha, eu faço muita comparação dos anos iniciais, assim, que eu comecei, como eu falei, o primeiro ano foi um pouco difícil, por ser novidade, e depois você vai se adaptando e vai aprendendo coisas novas e vai sabendo contornar todas as situações. Só que chega num ponto que parece que dá uma estagnada justamente que, eu acho que por isso, essa

falta do apoio do governo né, do governo que eu falo assim, principalmente Diretoria de Ensino e tudo mais. E então, o que acontece, eu vejo que essa estagnação ela gera frustração, então aí eu me sinto frustrado várias vezes, porque parece que o seu trabalho não tá sendo valorizado, não tá fazendo efeito, não tá surtindo as coisas que você esperava dele né, e aí já vem crise de ansiedade, aí você se sente incapaz, você fala assim nossa, pô, eu domino, domino o conteúdo, eu domino toda a teoria, eu tenho uma didática que pode não ser a melhor didática, mas eu tenho uma didática que lá atrás ela fazia efeito, eu sei que eu tenho que transformar isso constantemente, a gente entende que a educação é um processo mutável né, ela não é inerte, então eu tenho que ir me adaptando aos novos tempos, só que chega nesse ponto que parece que estagna e aí você não tem o apoio de quem você deveria ter, aí gera essas frustrações. Eu acho que é o principal, o principal sentimento é esse, atualmente, de frustração é de não ver. Às vezes tá acontecendo, você não tá vendo né. Eu tenho um retorno legal, agora eu tô, esse ano eu tô no ciclo I só, tanto no Estado quanto na prefeitura, e eu gosto, prefiro, eu tô tendo retorno, é eu gosto, eu gosto de ouvir o que tá acontecendo, eu falo pros pais né, pergunta pra ele, questiona, e porque isso pra mim é importante né, é um norte também pra gente além do que você planeja, e aí se você vê, você fala nossa, tá acontecendo, diminui um pouco essa frustração, mas eu acho que o principal sentimento é esse.

Professora Giseli: Tamo junto rs!.

Professor Cabral: É complicado Gi.

Professora Giseli: É rsrs. Você acha que o professor consegue se auto motivar?

Professor Cabral: Olha, eu acho que vai meio junto aí com o que eu falei né, por exemplo, eu participo, você vê, de todas as atividades, a gente participa né, vai nos cursos, brinca junto né. Você, você ouve outros professores, você tenta, nossa, eu vejo que não tá tão, tão diferente do que eu tô vivendo né, e aí eu pego, eu falo assim, eu vou ver algo novo. Eu acho que dá, dá pra se auto motivar, mas é complicado né, eu acho que existem muitas barreiras que atrapalham isso, e assim, essas barreiras, elas caem até inclusive na própria escola né, porque várias vezes eu já tive com alguns projetos na escola e foi cortado, e projetos que eu tinha apoio de outros professores. É, então, você fala assim, você se motiva a fazer com todas as barreiras e limitações possíveis e aí quando você chega lá você tem alguns cortes né, empecilhos burocráticos, que a própria escola fala, isso não pode acontecer, isso não pode fazer, assim, assado, e assim vai né.

Professora Giseli: Vamo lá! E o que você espera pro futuro? O que você pensa, o que você espera pro futuro?

Professor Cabral: Ah, eu tenho esperança ainda viu Gi. Eu tenho esperança da educação ter uma reviravolta. Eu acho que essa pandemia veio pra isso, pra ajudar, pra mostrar o quanto é

importante o papel do professor, mostrar que o professor hoje não é detentor né de todo um saber e todo um conhecimento porque é de alguns anos que vem essa coisa de mostrar que o professor é mediador, de que o professor é parte do processo né, que tanto o professor quanto os pais são importantes nesse processo, o aluno é o sujeito principal né de sua própria aprendizagem, e eu acho que, assim, eu não perco a esperança, eu acho que eu me mantenho ainda justamente por isso, por ter esperança nessa reviravolta né. Como eu disse, a pandemia, ela veio pra isso. Eu espero que não agora, já, urgente, mas daqui uns dois ou três anos, quatro, cinco anos, sei lá né, então vamos dizer assim mais ou menos, a educação ela realmente tenha essa reviravolta aí e a gente não só seja valorizado, mas todas as nossas ações possam gerar frutos aí, bons frutos né. Já geram né, mas eu vejo tão pouco né, acho que mudou muito.

Professora Giseli: E o que que você acha da formação continuada que o Estado oferece pra gente, os cursos que o Estado oferece pra gente, qual que é a sua opinião?

Professor Cabral: Rs, eu acho fraco e falho. Eu acho, eu acho muito fraco. Eu, esses últimos cursos aí que foram oferecidos aí, cursos que em uma hora você faz, assim leitura, enfim, só com um pouco de conhecimento prévio você faz. Eu, às vezes, aprendo, eu sigo o professor João Batista, e às vezes numa live com ele eu acho que eu tenho, eu absorvo mais coisas do que esses cursos que são oferecidos pelo Estado. Eu acho que tá muito falho, eles precisavam rever. Até entendo, a EFAP tem condições total pra isso né, eu acho que tem profissionais lá que são totalmente capacitados. Eu vou citar, não sei se isso vai ter mais pra frente, se você vai perguntar, mas o material que nos é oferecido, ele vem com falhas né, eu não sei se você chegou a ver, mas eu até comentei isso, é um material que foi trabalhado num ano inteiro eu acho, um ou dois anos, esses livrinhos né, os caderninhos dos alunos, e veio com falhas né, e os caras só se dedicavam àquilo, e ele vem com falha, e os cursos imagina, que é largado e deixado lá, você faz, não tem um tutor, não tem alguém pra, não tem um fórum, não tem um momento que você troca com os outros e você busca as outras visões, outras opiniões.

Professora Giseli: Entendi. Ééé, e sobre a relevância do nosso trabalho assim, éé, qual que você acha que é a relevância social do nosso trabalho como professor?

Professor Cabral: É, eu acho que o papel do professor é de altíssima relevância né. Tá sendo mostrado isso agora né. Eu acho que o professor, ele como mediador, então, principalmente, eu sempre gostei, eu gosto de deixar o aluno, de dar protagonismo né, e mediar, mediar os conflitos, mediar o direcionamento da aprendizagem, fazer ele olhar. Eu acho que a nossa relevância social, justamente porque eu falei lá no começo da entrevista né, você, os alunos éé, podem passar dez anos, tem aluno que faz dez anos que eu dei aula pra ele mas, o cara vem e fala com você, ah, ele sempre tem alguma coisinha, você nem lembra mais porque passaram

tantos né, mas ele sempre lembra de alguma situação, de alguma coisa que você possa ter falado pra ele, alguma coisa que você possa ter ensinado né. Em outras profissões não vai ter isso, eu acho que não vai ter esse negócio né. O médico, ele vai sarar uma pessoa, o advogado vai livrar uma pessoa de alguma coisa, o engenheiro pode construir algo bom pra alguém, mas o professor, o que ele faz, às vezes lá na infância, é tão relevante porque pode ser relevante pro lado bom ou pro lado ruim, ele pode fazer algo que vai ficar na cabeça daquela pessoa, que vá deixar ela né deixar de gostar de educação física, que ela vai carregar como ruim pro resto da vida ou muito bom, então, eu, graças à Deus eu tenho muitas experiências, não sei se tive alguma coisa com aluno que ele carregou de ruim né, mas a maioria, e eu vejo e eu ouço eles falando é de coisas boas que ficaram.

Professora Giseli: A gente já tá embalando com a próxima pergunta aqui ó, se teve algum acontecimento marcante na sua trajetória docente até o momento, assim, o que mais te marcou, assim, no momento, na sua carreira até agora?

Professor Cabral: Ah, eu acho que assim, eu, as vezes que eu consegui levar os meus alunos a conhecer coisas novas né, foram várias né, principalmente, assim, por conta dos jogos escolares né, vou citar os jogos escolares, eu levava os meus alunos não à jogos né, eu levava eles à outra realidade, então nós íamos pros jogos, mas nós íamos pros jogos pra aprender coisas né, então principalmente os que foram comigo pra outras fases, competições estaduais, éé, além das viagens, além das coisas que eu proporcionava pra eles, eu acho que isso ficou gravado demais assim, porque eles entenderam que não era só o esporte que tava ali, eles entenderam que não era obrigação deles, ah, eu vou vencer a qualquer custo, eu vou competir, né, eu vou competir primeiramente, dentro das minhas limitações, cada um conhecia e sabia e entendia as limitações que vinham desde lá da base né, de como a gente treinava, de como outros atletas que estavam na ponta treinavam, éé, o que eu tinha pra mim, o que eu queria pro meu futuro, então eu acho que isso ficou muito gravado assim, ficou marcante pra mim.

Professora Giseli: E você já pensou alguma vez, já passou pela sua cabeça exonerar seu cargo?

Professor Cabral: Ah, do estado ô Gi, passou, diminuiu até eu me afastar, assim, por um tempo né, aquela licença de dois anos, isso passou sim, pra tentar fazer alguma coisa. Eu, em 2017, eu passei no concurso do SESC e fiquei dois anos esperando ser chamado, e aí eu falava, eu pensava que eu sairia né do Estado, ficaria só no SESC, eu fico no Estado um pouco, vou no SESC, então eu tive esse impasse. Acabei não sendo chamado, mantive o Estado e, assim, o que eu gosto é que eu fui pra uma outra região no ano passado, dei aula pra ensino médio, coisa que fazia tempo que eu não dava, então você muda um pouco né, até o que você tava acostumado até então, aí volto pra cá esse ano, do ensino médio eu volto só pro ciclo I, eu dava

aula pra primeiro, segundo, agora tô dando pra segundo ano do ciclo I dos anos iniciais, então essas mudanças eu acho que é bom, te renova né, te faz ver coisas diferentes, buscar coisas novas.

Professora Giseli: E qual vínculo que você cria que faz você resultar éé, continuar mantendo a sua carreira? Acho que você já comentou um pouco assim né, o vínculo que você cria pra conseguir se manter e continuar na carreira?

Professor Cabral: Ah rs, pergunta difícil né? Eu acho que acima de tudo, além da questão profissional e financeira, ser efetivo, de você ter essa estabilidade, isso já ajuda um pouco, a você pensar nesse vínculo né. E, eu ainda, como eu falo assim, eu ainda mantenho a esperança né, já ouvi de muitas pessoas, desde o dia que eu passei no vestibular, professora minha de educação física, que tava fazendo uma outra faculdade, ela falou pra mim que era pra eu nem começar o curso, que era pra eu mudar de profissão, buscar outra coisa, e é engraçado que ela tava fazendo letras, ela era professora de educação física e fez letras, não mudou muita coisa né, hoje ela dá aula de inglês, mas é professora, entendeu, e ela falando pra eu mudar, e é engraçado porque eu não mudei né, e eu acho que você vai criando essa paixão né, não sai mais de você, isso aí, a hora que cria raiz já era né, onde você tiver né. Eu tenho amigos que falam, porque, assim, você vê a diferença do professor e outras pessoas, é aquele que vai falar mais, é aquele que vai querer organizar o negócio, é aquele que vai querer interagir o tempo todo né. Eu ainda não tenho problema de falar alto né rsrs, tem professores que falam alto independente do ambiente, acostumam a falar alto né, eu ainda não tô com isso não, mas eu acho que o vínculo, primeiro, primeiro de tudo é a questão da estabilidade, no meu caso né, por conta do setor público, e aí depois vem essa paixão que ela vem aumentando né, esse carinho, essa coisa de você olhar pro passado e ver o que você fez, de você falar assim, nossa, eu quero fazer isso de novo, eu quero mudar né, eu tenho algumas intenções né, por conta do mestrado que eu quero prestar, até mais por conta de estudar algo que eu quero, que eu penso e entendo né. E é interessante porque eu tô fazendo agora um curso sobre de inteligências com o Rubens e um aluno dele que tá fazendo mestrado, e é bem o que eu queria estudar. Então, assim, a gente vai fazendo isso né, vai se mantendo dessa forma, vai se fomentando, e acaba se auto motivando, que foi o que você perguntou anteriormente né rs.

Professora Giseli: Uma coisa liga a outra né?

Professor Cabral: Sim, sim.

Professora Giseli: Éé, então, se perguntar agora pra você se você se sente realizado, satisfeito com a profissão, a sua resposta?

Professor Cabral: Quase realizado viu, eu ainda não diria totalmente realizado, eu acho que ainda falta alguma coisa né, falta. Eu acho que ainda precisa né, algo pra completar. Eu acho que a gente poderia tá um pouquinho melhor, não precisa falar que tamém, outro dia, tem a questão, vou usar a questão financeira, quanto um professor precisa ganhar? Não precisa ganhar como um deputado eu acho, mas eu acho que financeiramente, já, eu não precisando trabalhar em dois, três lugares, já seria ótimo né, e eu acho que é isso assim rs. Ah, essa é a questão, falhou agora o que eu ia falar, não lembro agora éé o que eu ia te comentar sobre isso né. Eu, mas eu acho que é essa a questão.

Professora Giseli: Acabou de tocar campainha aqui, minha filha vai lá atender rsrs.

Professor Cabral: Rsrs.

Professora Giseli: Pra variar rsrs. Ó, você acha, assim, na sua opinião, que você se esforçou, assim, adequadamente, pra você fazer jus ao título de professor?

Professor Cabral: É, eu acho que eu me esforço ainda viu, me esforço bastante, éé, ó, como eu te falei, um pouco de frustração, um pouco de desanimação, se fica, se perde um pouco da força né, tudo que você faz, você dá aquela minada, dá uma desanimada, mas eu acho que eu ainda continuo me esforçando, dentro de todas as possibilidades né e limitações, eu ainda acho que eu continuo me esforçando, justamente por conta desses cursos né, das leituras e das coisas que você busca por si próprio.

Professora Giseli: Agora a grande pergunta aqui ó, você acha possível o professor conseguir separar a vida pessoal e a vida profissional. Você acha que professor consegue separar?

Professor Cabral: Impossível né, até quando você se reúne com amigos né, principalmente se forem amigos professores né, a conversa sempre vai girar em torno disso né, o que aconteceu dentro da sala de aula. O seu próprio nome, você acaba perdendo, às vezes, eu tenho amigos de infância que me chamavam pelo nome e hoje me chamam de professor. Brincam, e nessa brincadeira acaba ficando, você perde de certo modo a sua identidade, você se torna um profissional, um ser, eu sou professor, ah, quem que fala, o Mauro, o Mauro Betti, eu lembro que em um dos encontros ele falava isso, que você não vê ninguém gritando na rua oo médico, oo advogado, engenheiro, mas ooo professor, então eu acho que é isso. O professor, ele cria essa capa que não tem como tirar né. Eu acho que nem quando aposenta tira mais né rsrs.

Professora Giseli: Verdade né!

Professor Cabral: Você pode sair da profissão, pode trabalhar num banco, sei lá, vai vender sorvete, vai vender aqueles icegourt da vida lá, a pessoa vai te gritar ooo professor, tá vendendo icegourt agora né, acha que é pra complementar a renda né. Mas é isso, eu acho que é uma capa que é colocada em você quando você assume lá e essa capa não tem mais como tirar.

Professora Giseli: Verdade. Então, assim, resumindo, o que você cita que seja os aspectos negativos que você percebeu ao longo da sua carreira até o momento, que faz com que o professor se desmotive, ele se desencante né, ele perca, se sinta abandonado na profissão, então, quais aspectos que influem, assim, negativamente pro professor se sentir dessa maneira?

Professor Cabral: Eu acho que a desvalorização da profissão, nesses anos todos que eu tô aí, eu vejo uma desvalorização grande. A falta de material, a falta de amparo né, do Estado, esse distanciamento que há né do Estado e, também, a questão da sociedade né, a cobrança da sociedade em cima dos números né, vamos dizer números né, porque eles não tão preocupados com o que realmente a educação proporciona né. Eu tento explicar pros meus amigos que a progressão continuada por exemplo, ela é um processo, ela não é promoção automática, mas ela é um processo porque ela vê que os alunos aprendem em ritmos e velocidades diferentes né, e cada qual dentro da sua limitação, uns estimulam mais fácil outros mais lentamente, e que esse processo, ele tem um prazo, ele tem um ciclo pra acontecer né, e a sociedade não vê isso, a sociedade quer números, ela acha que todos são iguais, e aí massacra o professor e isso eu acho que desmotiva bastante né, porque você pega aí agora, fala, ah, o professor tá em casa, o professor não tá fazendo nada, tá em casa, ele tá, mas tá, tá fazendo, tá fazendo duas, três vezes mais né. Então, agora eu tava no Centro de Mídias, eu tenho que fazer os planos de ensino, eu tenho que atender os pais que estão me mandando atividade, se tem que dar um retorno, um feedback, porque senão vai parecer que realmente você não faz nada, e aí você fazendo tudo isso e você não ter essa valorização, tanto do seu superior, que seria o Estado né, não digo nem Diretoria de Ensino, tô dizendo lá em cima mesmo, Secretaria da Educação, ela fala uma coisa mas faz outra, e a própria sociedade, que é a que vai se prevalecer disso né, o aluno que sai, formado, por você, professor, ele vai atuar na sociedade, desde o caixa de mercado até o médico, o engenheiro, o piloto de avião ou o construtor do avião, ele vai passar pela escola né, ele tem que ter uma formação, e parece que esqueceram disso né. Eu acho que isso é um item desmotivador assim.

Professora Giseli: E agora a gente falou do negativo né, e agora o positivo assim, éé, quais são os aspectos que são positivos né, que você percebeu na sua carreira, que traz motivação pra conseguir continuar nesse caminho?

Professor Cabral: Nossa, ó, é como eu te falei né, no começo eu via muita coisa positiva, eu achava isso, eu entendia como isso, éé, o carinho, o carinho que eu tinha com os alunos, e esse carinho, ele tinha um retorno né, você vê a evolução deles né. Eu acho que o aspecto positivo, ele se dá no dia-a-dia ali, principalmente, e a longo prazo você vai ter, você vai ter um retorno disso né. O que eu acho é que ao mesmo tempo, pela sociedade que te desmotiva, os filhos

dessa sociedade que estão ali no dia-a-dia com você, e valorizam isso, eles te dão essa motivação né, eles te, eles são pra você o aspecto positivo. Tem problemas na escola? Vai ter! Eu falo que criança é criança aqui em Prudente, em São Paulo, no Japão, ele vai ter momentos de desinteresse, ele vai ter momentos de total desatenção, éé, então eu acho que esse retorno que eu tenho, desses alunos que passaram pelas minhas mãos e que você vê eles te agradecendo lá na frente, isso aí eu acho que é um aspecto muito positivo e motivacional.

Professora Giseli: Então, tipo assim, em uma palavra, tipo assim, o que te faz superar as dificuldades do dia-a-dia?

Professor Cabral: Nossa Gi, eu acho que é esperança, a esperança do futuro melhor. Como eu falo assim, eu deito imaginando que amanhã vai ter algo novo, que, vamos falar assim, que a educação, ela teve uma reviravolta, que a educação mudou né, que a educação se transformou completamente e é diferente do que ela é hoje. Eu acho que é isso, a esperança eu acho que é a principal palavra.

Professora Giseli: Gostei da palavra rs, gostei. É, vamo lá, e, essa aqui eu já perguntei, e assim ó, éé, por exemplo, tem situações no nosso cotidiano que, às vezes, a gente se sente incapaz de resolver, às vezes fala, nossa, não vou conseguir me resolver, não vou conseguir fazer isso, assim, qual estratégia que você utiliza pra resolver assim, éé, ou tentar fugir dessa situação que você acha que você não vai conseguir resolver?

Professor Cabral: Eu geralmente eu busco em outras pessoas. Eu tento conversar né, eu passo a situação com outras pessoas e, o que que você faria? Já aconteceu com você? Como que foi? Enfim, eu tento buscar, por isso que eu falei, a troca de saberes, eu acho ela importantíssima né. Um dos motivos que eu gosto de participar de cursos é justamente pra isso, pra sempre tá aprendendo coisas novas. Algumas coisas eu consigo por no meu dia-a-dia e algumas coisas você não vai usar, mesmo que seja muito, tenha sido muito boa pra aquela pessoa, pra aquele momento né, mas pra mim, às vezes não. E, então, eu tento fazer isso, eu tento resolver dessa forma né. Se eu não achar uma situação pra mim, eu tento ver com alguém, que às vezes tem uma situação, tem uma solução, tem uma visão que você não teve né. Às vezes deixa de sair da casinha, e quem está fora da casinha consegue ver melhor.

Professora Giseli: Verdade.

Professor Cabral: Né!

Professora Giseli: Ó, em uma palavra, então, você atribui o seu aprendizado de professor ao quê?

Professor Cabral: O meu aprendizado de professor? Nossa rsrs, agora você me pegou hein?! Eu acho que é, vou usar uma palavra do Paulo Freire então, inquietação, curiosidade, eu acho que

isso é importante, tem que ser curioso, tem que né, ser um grande pesquisador, constante pesquisador.

Professora Giseli: Beleza! E quais recompensas, quais privilégios, que você acha que seria ideal pra motivar os professores? Você acha que seria necessário ter alguma recompensa pra motivar e quais seriam?

Professor Cabral: Eu não vejo isso, como eu te falei, eu acho que, eu sou muito cético com isso né, com essa coisa, você trabalhou, você recebe pelo seu trabalho, independente se você formou um cara que vai se transformar num médico ou se você formou um cara que vai trabalhar num caminhão recolhendo reciclado né, eu acho que você fez o seu melhor, e que cada qual, dali em diante, desse dia em diante, decidiu o seu caminho. A recompensa, eu acho que seria a valorização. Valorizou o que você fez e entendeu que isso é relevante socialmente, eu acho que seria um ponto. Criar um plano de carreira é importante porque vai fomentar os próprios professores né, eu num, eu sou totalmente contra essa questão do bônus né, porque eu acho que eu preferia que falassem assim, vamo, fez tantos cursos, você, o professor com mestrado, ele tem que ganhar mais, ele tem que ter uma valorização maior, com doutorado maior, claro que aquele cara que tem duas faculdades, que ele tem dois cursos superiores, o cara que tem pós-graduação, então, tudo isso tem que ser valorizado, e bem valorizado, porque não é fácil fazer, e o Estado sabe disso né, eu acho que seria a valorização mesmo.

Professora Giseli: Agora vamos ver a visão da sociedade, assim, éé, na sua opinião, como que você acha que a sociedade vê o professor de educação física? Como que eles enxergam o professor de educação física?

Professor Cabral: Eu acho que ainda enxerga como um treinador né, por incrível que pareça cara, é absurdo, é o professor que vai ter que fazer o alongamento, é o professor que vai levar pra quadra, é o professor da liberdade né. Tanto, eu falo dos alunos, mas é também os pais dos alunos né, ah, o que que você fez hoje? Hoje tive aula de educação física. Nossa, legal, você brincou? Ele não se preocupa em entender que, tipo, ao brincar, se o filho aprendeu alguma coisa. E é interessante porque agora que você manda a atividade, ele brincou, brincou, mas e aí, o que ele achou, o que ele aprendeu, o que ele absorveu disso né? Então eu tô fazendo isso agora, porque se tá tendo esse momento então dá pra fazer, pra ver se a cabeça muda um pouco né. Mas eu acho que eles ainda veem a gente, eu ouvi várias vezes de próprios professores, nossa, professor de educação física faz isso, professor de educação física tem opinião, professor de educação física fala né, nas reuniões pedagógicas né rsrs. Eu acho que o Alexandre, você lembra o Alê do Instituto Esporte Educação, ela falava isso, que a gente tinha que se impor, eu acho que o professor de educação física, ele tem que se impor, ele tem que mostrar o quão

importante é, o professor João Batista também fala isso, então eu acho que eu uso um pouco disso né, cê se mostra competente e capaz também e é de igual como todos os outros que estão ali.

Professora Giseli: Eu ia perguntar qual é a visão que deveria, que realmente qual que deveria ser o perfil, na sua opinião, você já comentou.

Professor Cabral: Já vai atropelando né?!

Professora Giseli: É, vamo lá! E, assim, na sua opinião, resumindo assim, qual que é o trabalho, qual que é a função do professor de educação física na escola?

Professor Cabral: Eu acho que é de educador como todos os outros. Eu não sei se eu tô correto, mas eu venho de um pensamento nesses últimos anos que deveria, que deveríamos ser todos educadores, eu acho que independente da sua disciplina né. Eu acho interessante essa questão da divisão por áreas, e, mais pra frente, que acabe com as áreas e sejam educadores na escola né, porque, por exemplo, eu posso trabalhar matemática no meu contexto, eu posso trabalhar língua portuguesa, eu procuro fazer isso, eu posso trabalhar ciências, eu posso trabalhar geografia né, posso não, nós trabalhamos isso né, por exemplo, corridas de orientação, você vai trabalhar os pontos cardeais, que é a geografia lá embaixo, você vai trabalhar o uso da bússola, cê vai trabalhar localização, isso é geografia, você vai trabalhar uma questão da capoeira, você vai trabalhar toda a história né dos negros, da escravidão, éé, e tudo mais. Então, a matemática, então a língua portuguesa tá inserida, não tem como fugir disso, e tantos outros, tantas outras disciplinas você consegue né, passar por elas, e o legal é que a gente consegue contextualizar isso, isso você leva pra quadra, pra uma parte prática. Eu acho que a educação física tem esse papel né, éé, de conseguir se atrelar a todos os outros saberes dentro dela.

Professora Giseli: Então a base do nosso trabalho docente seria?

Professor Cabral: A base, como assim Gi? Eu não entendi?

Professora Giseli: O nosso trabalho, ele se baseia especificamente, assim, pelo que você comentou né, o nosso trabalho realmente se baseia no conhecimento em si, nos saberes.

Professor Cabral: Nos saberes, isso. Eu acho que seria isso, éé, porque ao ficar preso, atrelado, especificamente, a determinado, a minha disciplina, eu acho que eu perderia muito.

Professora Giseli: E você acha...

Professor Cabral: Hã.

Professora Giseli: Pode falar, pode falar.

Professor Cabral: Eu ficaria preso na prática né, a prática pela prática simplesmente.

Professora Giseli: E você acha que a nossa profissão de professor, ela tá desconectada desses pressupostos?

Professor Cabral: Eu acho.

Professora Giseli: Você acha que o professor acaba fazendo outra coisa, outra função?

Professor Cabral: Tá, tá muito desconectada, justamente por conta da, do, como que eu vou dizer, éé, o social, ele é importante né, então eu acho que tinha que ter né, eu falo assim que o problema nosso não é somente educacional né, não é, ele não acontece dentro da escola, ali naquelas quatro, cinco horas que o aluno tá dentro das paredes ali da escola né, ele é todo um contexto geral né, o aluno, ele vai pra casa dele, ele não vai dar continuidade ao que aprendeu, ele vai vir da casa dele, às vezes, já trazendo problemas, então ele não vai prestar atenção, então, nós temos que fazer isso, às vezes você tem que tirar o aluno daquele, éé, dos pensamentos dele que estão lá na casa dele, éé, você tem que trazê-lo pra cá, pra aquele momento da escola, das aulas, e então o professor é mais do que educador né, tá sendo naquele momento, e aí vai aquela coisa né, a estruturação. Se tivesse uma estrutura legal, alguém que desse, que fizesse essa ponte né. Seleciona, vê alunos que estão com dificuldades e vai buscar sanar essas dificuldades, só que não posso eu professor somente fazer isso porque né, o meu trabalho em si, a minha disciplina, as minhas habilidades, as competências que eu tenho que trabalhar, elas ficam presas e perdidas né, porque você tem que fazer um trabalho que não é seu, que poderia muito bem ser de alguns profissionais, e a gente sabe, por exemplo, a direção, a coordenação também não tinha que tá preso nisso.

Professora Giseli: Agora, a palavra herói, o título de herói, assim, você acha que pode atribuir ao professor esse título ou não?

Professor Cabral: Eu acho que nos dias atuais o professor tá sendo um herói né, não usando o termo completamente assim, mas eu acho que tá sendo herói sim, eu acho que o professor, ele conseguir dar conta, por exemplo, eu, o ano passado, tinha que dar conta dos alunos conectados, dos alunos desconectados, dos alunos de inclusão, assim, dar conta da educação especial, e ainda você tinha que fazer uma busca ativa daqueles alunos que não estavam em nenhum desses setores né, e, eu acho que o professor tem que se desdobrar, nesse desdobramento aí ele acaba se tornando esse herói né.

Professora Giseli: [Barulho de latido de cão] Professor Cabral, chegou a água. Minha filha vai lá pegar a água. Então, assim, você se sente um herói então?

Professor Cabral: Ah, um pouco sim viu. Um pouco sim, por conta de todas as coisas que acontecem, eu acho que é um pouco herói sim.

Professora Giseli: Você segue à risca as ações [latido de cão], ah, minha cachorra, é que chegou a água aqui, faz parte rsrs!

Professor Cabral: Faz parte, faz parte rs!

Professora Giseli: Teresa, chiu! É, você segue à risca as normas, as ações profissionais que são impostas pra gente?

Professor Cabral: Ah, já segui mais viu, algumas coisas que eu não concordo eu procuro dar uma desviada, uma enganada né, porque eu acho que tem muita coisa que não precisa seguir à risca não.

Professora Giseli: [latido de cão] Ainda tá latindo aqui rsrs! E assim ó, quando alguém toca a campainha ela fica desesperada aqui, latindo rs. Ó, vamo pra próxima. Tá quase acabando tá, tá quase! Teve, assim, algum acontecimento marcante, que você lembra, mas de quando você era pequeno, de seus professores, pensando nos professores que você teve, na sua infância, na sua adolescência, teve algum acontecimento marcante, assim, na época que você era estudante, de algum professor seu?

Professor Cabral: Ah, teve sim, teve o professor, a professora de matemática, que sempre me chamava pras olimpíadas, o próprio professor de educação física da escola né que me ajudava muito né, fora da escola, a questão da gente treinar, essas coisas, de aprender coisas novas, e ele sempre tava disposto né, ainda mais cidade pequena e ele ainda morava na frente da escola, a gente ia lá na casa dele pegar a bola pra treinar a tarde. Então, essas coisas todas foram marcando né. Eu guardo até hoje o professor de língua portuguesa, eu sempre tento conversar com ele, a gente, sempre que encontra, a gente fica lembrando de algumas coisas, das vezes que ele punha a gente de castigo, que não tinha feito a atividade. Mas tudo isso eu acho que fica marcado sim, não tem uma ação isolada não, são várias.

Professora Giseli: Ah, você respondeu a próxima, que eu ia fazer assim, se você tinha um professor, éé, se você tinha um professor preferido assim, um professor preferido em especial e as características dele, com que faz com que ele seja especial?

Professor Cabral: Ai, o professor de educação física do SESI, nossa, ele faleceu recentemente, mas era um amigão, nossa, é um cara que a gente podia contar com ele pra tudo assim, pra tudo, e então, sempre, sempre, a gente corria nele né, era o cara que ajudava a gente né, e aí você vai se voltando pro lado do esporte, vai se tornando o professor mais querido rs, então era ele sim.

Professora Giseli: Então, assim, éé, pensando assim no geral, de todos os professores que você teve na sua vida, qual foi o legado dos professores pra você, na sua vida, o legado?

Professor Cabral: Ah, eu acho que eu devo a eles assim, porque a minha formação de pessoa, inclusive, sabe, porque, por exemplo, esse professor de educação física, ele dava muitos toques né, como eu não tinha pai, ele acabava se tornando um pai. O professor de língua portuguesa, tudo que eu aprendi, com tudo assim, o que eu escrevo, como eu escrevo hoje, é graças à ele né, tudo que ele ensinou, e na faculdade eu tive um professor que direto eu mando mensagem

pra ele agradecendo, o professor de didática, o Zé Milton, que eu acho fantástico, um professor que eu nunca vi pra estimular como ele assim que é um absurdo, então, eu acho que nesse percurso aí, foram de suma importância pra minha formação, tanto pessoal como profissional.

Professora Giseli: E agora falando dos nossos colegas de trabalho né, da nossa turminha aqui que trabalha com a gente, que nós somos professores de educação física, tem algum colega seu, professor de educação física que você admira muito?

Professor Cabral: Tem, tem, além de vocês, a Luciana, a Lu, eu acho a Lu fantástica, eu trabalhei com a Lu anos lá numa escola né, e a gente tinha uma ligação, e é engraçado porque a gente, a gente tinha uma ligação muito legal assim, a coisa fluía muito fácil assim, é absurda né, porque às vezes a gente tinha que resolver, dividir quadra e conseguia e não atrapalhava, e a Laura, a Laurinha também, eu influenciei a vinda dela pra Bauru, e a gente tem, além da amizade né, você vai criando isso né, os trabalhos que você vai vendo, e tudo mais.

Professora Giseli: Ah, e você acha que os professores né, a gente, os colegas, e todos os professores da nossa área, você acha que a gente sabe trocar experiências?

Professor Cabral: Não, eu acho que não. Eu acho que, bom, pelo menos, a maioria das vezes, das reuniões, é só reclamação, só se reclama e não se busca algo melhor, algo mais novo, algo que foi prazeroso, que foi bom pra aquilo lá. Como eu falei, se eu falo assim, ah, nossa, isso aqui foi bom, vou tentar fazer isso, então eu vou tentar, se não der certo, a gente tenta outra coisa né, mas não, eu vejo muita, muita, reclamação de tudo, reclamação porque não tem o cafezinho, porque não tem a bolachinha, reclamação se tem a bolachinha, enfim, pra você ter uma ideia.

Professora Giseli: Ao longo da sua fala eu percebi, assim, que você valorizou bastante a questão da troca de experiências, que é importante pra gente, e realmente né, foi o que você falou, éé, a questão é como a gente conseguir fazer essa troca de experiência né, então assim, éé, pelo que eu percebi, você acha que é válido a gente fazer essa troca?

Professor Cabral: Eu acho, eu acho que é válido. A gente, não sei né, todos nós sabemos que cada aluno tem sua individualidade, cada escola tem sua realidade, e é como eu disse, éé, por exemplo ó, nós fizemos uma atividade, a Laura, ela saiu com os alunos dela e foi numa escola, depois dessa escola foi lá na escola dela na Vila, e os próprios alunos tiveram essa troca de atividades que eles vivenciaram dentro da sua escola e depois foram vivenciar com outras pessoas. Pra eles já foi um ganho, já foi uma, além do lado lúdico né, de você tá vivenciando isso, e aprendendo com esse prazer, com essa alegria, os próprios professores né, porque ali, éé, foi ensinado algo, o beisebol não, o base quatro, então eu ensinei o base quatro, eu tenho a minha forma de ensinar pros meus alunos, outro professor terá a forma dele de ensinar, e ali, na

hora da troca, na hora de jogar, os alunos vão perceber às vezes isso, e eu vou perceber a forma que ela ensinou, ela percebe a forma que eu ensinei. Às vezes eu vejo um erro meu, às vezes ela vê um erro dela né, no que o meu foi melhor, então eu acho que essa troca sim seria importantíssima né. Entanto que aqueles anos de curso no Instituto, foram cinco módulos, eu acho que os três primeiros anos, até o quarto ano ali, foi muito importante, eu aprendi muita coisa e trago, eu carrego né comigo muita coisa.

Professora Giseli: E a questão assim que o pessoal fala que o professor, ele tem que ser neutro, você acredita nisso, você acha que existe neutralidade na educação? Que o professor consegue ser neutro?

Professor Cabral: Não, eu acho que não consegue ser não Gi. Ele tende, cada um tem, como eu falei, a sua forma de ensinar, a sua didática, defende o seu né, de alguma maneira, então eu acho que aí fica difícil você manter uma neutralidade né. Você sempre vai ser tendencioso, mesmo que pouco. Não sei se é nessa questão, mas por exemplo, eu jogo basquete né, então aí, o que eu vou fazer, eu vou sempre defender o meu né, tem outro professor que ele vem da dança, então, ele vai influenciar mais os alunos dele a isso, então eu acho que tem isso né. As coisas que eu gosto, os meus alunos, então eu procurei tentar ser neutro dessa forma, e não influenciar né, tanto que eu trabalhei bastante o handebol, que não era um esporte que eu dominava, eu procurei, eu aprendi com alunos meus no percorrer dos anos aí, porque teve um ano que eu dei aula numa escola, então eu aprendi bastante ali com as meninas também que já eram do hand, e o atletismo, quando eu trabalhei em outra escola, eu tive um contato grande com o Cabo Alcides, e vai a troca, a troca sempre acontece né, e então, com base nisso, eu fui carregando meus alunos, primeiramente dessa escola, e depois eu fui, voltei pra outra escola, e fui mostrando e levando esses alunos também para o atletismo. Então, eu acho que, assim, de certa forma, eu acabei sendo tendencioso por algo que eu vi, que eu vivenciei e achei importante, mas não sei se é possível manter não, eu acredito que não.

Professora Giseli: E sobre essa questão assim, do professor politizado e do professor alienado, como que você compreende isso, assim, como que é um professor politizado e o alienado?

Professor Cabral: Eu, bom, eu acredito que não haja um professor que eu não aceito que não exista professor alienado, acho que todo professor deve ser politizado, ele deve ser, independente da ideologia que ele vai seguir, que ele vai acreditar, que ele vai defender, mas tem que ser, tem que ser, porque já, a nossa própria profissão, ela já requer isso né. Por exemplo, eu tô aqui falando sobre algo né, valorização, desvalorização, visão da sociedade, isso é de certa forma uma política né, porque é o jeito que eu vejo o mundo, e eu preciso transformar esse mundo em que eu acredito, se eu achar que tá errado né. A partir desse momento que eu faço

isso, e levo os meus alunos, as pessoas que estão sob a minha tutela a ver esse mundo e tentar transformar, eu acho que já é uma forma de política né. Os meus nonos anos, eu sempre, sempre trabalhava nos nonos anos políticas públicas de lazer, pra fazer com que eles entendam os direitos deles e saibam buscar, mas saibam buscar, eu não vou lá xingar, eu quero porque quero, eu quero porque eu tenho direitos tais tais tais né. Então, se o professor, ele já não tem isso, e não traz isso pro aluno, então eu acredito, eu não quero acreditar que exista né, professor alienado assim, mas tem, a gente sabe que tem, e temos que mudar isso né.

Professora Giseli: Então, essa que seria a próxima, se você acha que tem alguma coisa assim que interfere, que atrapalha nessa questão da vida do professor, de ele conseguir tipo se politizar, se desalienar, o que que você acha que interfere, que atrapalha nisso?

Professor Cabral: Ah, eu não sei, eu vou, eu falo por mim, das minhas experiências, eu sempre gostei de política, então, éé, no começo, você perguntou do sindicato, eu fui pro sindicato porque eu gostava de estar ali, de saber o que acontece, enfim, depois você fica pela questão judicial e tudo mais, mas eu acho que vai do gosto né, eu não sei se, não vejo a formação como uma influenciadora disso né, como o pessoal fala, ah, professor, ele fica, como que eles usam o termo, éé, que nós professor ficamos tentando transformar todo mundo né, obrigando ele a ser aquilo né, éé, não é evangelizando, eu não vou lembrar o termo agora, eu estou com falhas memórias, minha estafa mental tá feia, mas eu não vejo isso porque assim, eu brincava com meus alunos, eu mostrava pra eles né todas as coisas justamente pra deixar que eles escolham o caminho a seguir. Eu tenho alunos que, você vai ter todo tipo de aluno ali, que acredita em tal coisa, aluno que acredita nisso, na política, o que acredita no outro, que defenda, e o que eu mais éé fico feliz é de saber que ele criou uma capacidade crítica e criou sua personalidade, eu acho isso importante. Por isso que eu falo, ser um alienado, ainda mais professor, é difícil né, eu não consigo ver, não consigo entender e não consigo ver como que possa mudar isso, porque como educador né, vamos trabalhar com todo tipo de gente.

Professora Giseli: E, eis a questão, a questão assim chave da pesquisa, que a gente tá quase finalizando, como que a mídia e a tecnologia pode contribuir pra essas questões que a gente tá discutindo, assim? Como que a mídia e a tecnologia pode contribuir, pode ajudar na questão da gente conseguir trocar experiências, pra gente se politizar, pra se desalienar?

Professor Cabral: Eu acho que ela diminui, diminui tempo, diminui distância entre os conhecimentos, entre as informações, eu acho que facilita as pesquisas, eu acho que abre muito mais rápido, perdão, a porta do conhecimento, porque, eu falo na escola, por exemplo, ah, você tá dando uma aula e às vezes o aluno pergunta e você fala, às vezes você não tem resposta, mas se eu tenho uma lousa digital, se eu tenho um notebook pronto ali, uma internet, eu consigo

mostrar pra ele. Eu acho que, eu entendo que isso facilitaria muito mais, e nós estamos vendo isso né, porque se não fosse pela tecnologia hoje e todas essas programações, programas e todas essas mídias, já não conseguiria acontecer o mínimo possível né, de aprendizagem, que já é difícil justamente porque não se sabe mexer ainda completamente, não se sabe usar todo o potencial da tecnologia, que eu acho também importante aprender.

Professora Giseli: E quais os recursos que são acessíveis pra você assim, de fácil utilização, que plataforma, que recurso que é mais acessível pra utilizar?

Professor Cabral: Olha, o notebook e o celular como aparelho, aí dentro deles eu acho assim, tem esses aplicativos né, de conversação, como o Meet, o Teams, o Classroom, o próprio aplicativo do Centro de Mídias hoje mesmo, de manhã, eu tava no grupo da prefeitura da escola que eu trabalho lá falando sobre isso, sobre o uso desse, porque parece que a prefeitura, as salas estão lá disponíveis e não se usa, porque a prefeitura não aceitou, mas você não pode se negar, num momento desse, que há uma tecnologia à disposição, ao alcance, e eu não vá usar, então eu tenho, eu gosto, eu gosto de tecnologia, eu não domino né, ainda tenho muita dificuldade com algumas coisas, eu acho fantástico quem já tá com certo domínio, por exemplo, um padlet, que o cara consegue fazer, consegue levar as informações de forma sucinta para as pessoas que acessam, de fazer as pessoas acessarem, por exemplo, usar o Youtube, fazer um vídeo, ou usar uma tecnologia pra fazer um bom vídeo né, uma tecnologia de edição. Às vezes eu não tenho paciência pra tanto né, mas eu gosto e tento usar, mas claro, com todas as limitações que eu ainda tenho.

Professora Giseli: Beleza! Agora, a pergunta que eu queria responder na minha pesquisa, vamos ver se você tem essa resposta, vamo lá, você acredita que as mídias, as tecnologias, elas motivam o professor ou é o contrário, ou é o professor motivado que vai desenvolver, que vai incorporar as tecnologias e as mídias no seu trabalho, no seu cotidiano?

Professor Cabral: O professor motivado que vai incorporar. Eu acho que o professor que tá motivado e eu tenho algumas experiências de professores que, assim, a gente vê né que utiliza, que dão ótimas aulas, então eu acho que é o professor motivado, ele vai inserir, ele vai inserir novas tecnologias, novas formas de aprendizagem. Antes das tecnologias ele mudava a didática dele, ele transformava de alguma forma, com as tecnologias, ele vai inseri-las pra auxiliar e tornar ainda melhor né o que já fazia bem.

Professora Giseli: Nossa Professor Cabral, muito bom hein! Agora assim, isso que a gente tá fazendo, de dialogar, de conversar sobre temas assim né, você acha que seria legal fazer uma formação de professores, por exemplo, um encontro virtual entre todos os nossos colegas,

professores de educação física, pra gente poder discutir esses temas, você acha que seria interessante?

Professor Cabral: Ah, eu acho que sim Gi. Eu acho importante. Foi como eu falei, eu acho que toda troca de experiência se faz importante, necessária, porque eu vou levar pra você as minhas angústias e minhas práticas positivas, efetivas, e eu vou pegar um pouco de cada um que foi bom, vou levar o que foi bom ou ruim pra mim mostrar pra eles e eles olhando mostram algo que eu poderia mudar pra tornar aquilo bom.

Professora Giseli: E pra finalizar assim éé, a gente já, foi o que eu falei pra você né, seguindo assim a metodologia de Paulo Freire, a gente dialogando né, todos nós, todos os nossos colegas de profissão né, professores de educação física, a gente conversando, seria tipo um círculo de cultura, e na pandemia, teria que ser virtual assim né, e daí, assim, quais os, éé, você falou que seria interessante né, e quais os temas, que a gente chama de temas geradores, quais temas que você acha que seria ideal a gente discutir nesse círculo de cultura, nessas conversas entre os nossos colegas de trabalho?

Professor Cabral: Nossa!

Professora Giseli: Os temas assim pra gente falar na roda.

Professor Cabral: Um tema específico? Não sei, por exemplo, ó, pra dar um exemplo, eu sou péssimo com dança, então eu acho que eu conhecer formas diversas. Eu já fiz cursos, eu acho que fiz uns três, quatro cursos de danças circulares no SESC, eu já participei de formação com a Nilza, então, quer dizer, falar que eu não vi, não vivenciei aquilo, que eu não tentei, é mentira, eu já tentei, mas eu ainda tenho dificuldades, então, eu acho assim, éé, alguns temas que a gente tenha dificuldade né, no meu caso, seria a dança, seria, não a dança em si, mas a didática de fazer a parte prática, ou até mesmo outras formas de trabalhar. Porque com essa nova formação né, da nomenclatura da BNCC, o esporte de invasão, o esporte de marca, de precisão, ou, vamos supor, as lutas né, esportes de combate, então tudo isso acho que teria que ser revisto de alguma forma e buscar a visão de cada um né. Porque, às vezes, eu tenho uma visão do que seja aquilo né e outro tem uma visão que vai me fazer até às vezes mudar a minha, porque né, eu posso não estar vendo o que ele está, é a questão da ótica né. Mas, assim, acho que não tem um termo específico, eu não consigo ver não.

Professora Giseli: O que eu achei legal assim, éé novas formas de trabalho né, a gente discutir sobre vários tipos de didática né, novas formas de se trabalhar, e buscar a visão do colega né, entender mais a visão do colega, é mais isso que eu anotei aqui. Bem legal! E pra última coisa, pra você indicar alguém pra eu entrevistar, indicar alguém que você ache, nossa Gi, você tem que entrevistar aquela pessoa pra sua pesquisa, vai ser legal e muito importante!

Professor Cabral: Eu acho que a Laura ou a Mara, a Mara. Eu não sei se você tem o contato delas, mas eu acho que elas ajudariam bastante, principalmente a Mara, ela está em uma escola de tempo integral, já é totalmente diferente da minha vivência né. Eu posso ver com um amigo meu de Prudente também, o André, que ele tava como PCNP, e também é outra visão né, já é o cara que tava aqui, e deixou de ser, ele voltou pra sala de aula, entendeu. Mas a Laura e a Mara, eu acho que seria interessante.

Professora Giseli: Eu tenho elas no Facebook, vou entrar em contato com elas lá no Facebook pra tentar entrevistá-las.

Professor Cabral: Vai sim, dá uma cutucada lá! Eu falo pra elas ajudar sim rs.

Professora Giseli: Professor Cabral, ó, muito obrigada, muito obrigada, não tenho como agradecer pela sua contribuição, tá? Muito obrigada! Valeu demais! Você quer comentar mais alguma coisa, tem mais alguma coisa?

Professor Cabral: Não, não, só desejar sucesso aí pra você, muita sorte e tudo de bom aí no decorrer da pesquisa aí e depois dá um retorno pra gente.

Entrevista 02 - Profª Ana - Dia 13/04/21 - 10:30 h

Professora Giseli: Olá, bom dia!

Professora Ana: Bom dia!

Professora Giseli: A gente vai começar a segunda entrevista da minha pesquisa, que tem o título provisório “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública”. E, alguns termos da pesquisa né, que a participação é voluntária, que você pode interromper a sua participação a qualquer momento, e se não quiser responder alguma pergunta, tranquilo, não precisa responder, não é obrigada. Os dados que a gente vai conseguir né através da intervenção pode ser usado para estudos e publicações científicas, mas com sigilo da identidade, até a gente vai escolher um nome fictício né, agora, na entrevista. E ciente que não tá recebendo nenhum valor né, não tá tendo nenhum gasto pra participar da pesquisa, e que a pesquisa pode resultar em benefícios pra formação docente. Aceita os termos?

Professora Ana: Claro!

Professora Giseli: Beleza! O nome fictício agora. Que nome que você gostaria de ser chamada na pesquisa?

Professora Ana: Vamos colocar Ana.

Professora Giseli: Ana. E sexo?

Professora Ana: Feminino.

Professora Giseli: Idade?

Professora Ana: Éé.

Professora Giseli: A sua idade?

Professora Ana: 39.

Professora Giseli: E a formação acadêmica Prof^a Ana, você se formou onde? Quando?

Professora Ana: Em educação física, em 2003.

Professora Giseli: Foi em qual instituição?

Professora Ana: Na Unesp de Bauru.

Professora Giseli: Foi licenciatura plena ou não?

Professora Ana: Plena, foi.

Professora Giseli: E qual que é sua carga horária de trabalho?

Professora Ana: No município 24 aulas mais 8 horas individuais e 2 coletivas e no Estado 10 aulas e 3 ATPCs. E tem as horas livres lá né.

Professora Giseli: Esqueci de perguntar, depois da educação física você fez mais coisa né? Você fez pedagogia.

Professora Ana: Eu não concluí a pedagogia. Eu tenho quatro pós, duas na área de educação física, uma na área do autismo e uma na neurociência.

Professora Giseli: É especialização?

Professora Ana: Isso, essas quatro foram lato-sensu. E agora eu tô terminando o mestrado na Unesp de Bauru.

Professora Giseli: Qual mestrado que é?

Professora Ana: O de docência.

Professora Giseli: O de docência na educação básica?

Professora Ana: Isso.

Professora Giseli: E tá quase acabando rs?

Professora Ana: Tá. Tô quase acabando e ele tá acabando comigo rs.

Professora Giseli: Tamo junto rs, tamo junto. Então você é efetiva né?

Professora Ana: Sim.

Professora Giseli: No Estado e na prefeitura, então você acumula cargo. Você é sindicalizada?

Professora Ana: Sim, nos dois.

Professora Giseli: E por que que você escolheu, assim, ser sindicalizada?

Professora Ana: Bom, eu fiz magistério antes de fazer faculdade né, e eu me lembro que desde aquela época a gente teve algumas palestras né e eu fui vendo a importância né, de ter alguém

que soubesse dos meus direitos e conseguisse lutar por eles. Então, desde que eu dava aula em escola particular, antes de ingressar na escola pública, eu sempre procurei o sindicato pra defender os meus direitos né, pra entender um pouco mais se a gente tem dúvida né, eu sempre consultei esses órgãos. Cortou o áudio. Tá sem microfone.

Professora Giseli: Por que que você escolheu ser professora de educação física? Por que que você escolheu essa profissão?

Professora Ana: Ah, no ensino fundamental, eu tive uma boa formação nessa área né, então eu fui influenciada pelos meus professores, e aí eu né sempre gostei, me identificava, com a educação física escolar, e aí eu procurei né, depois do magistério, também comecei dar aula né, éé, entrei na faculdade pra dar aula especificamente da educação física.

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, quais são as condições favoráveis e desfavoráveis de ser professora? Que que é favorável e o que é desfavorável?

Professora Ana: Ah, essa é difícil hein! Bom, desfavoráveis né, a gente sabe que no nosso país, infelizmente, não é uma profissão reconhecida, valorizada né, nem pela sociedade, éé, nem financeiramente né, a gente não tem um retorno justo né, pelo que a gente faz, e isso acaba desanimando um pouco né, e a gente vê também que as condições na escola, éé, deixam a desejar né, pelo menos nas escolas que eu trabalho, a gente vê muita gente a fim né que a coisa aconteça, que dê certo, mas a gente sempre empaca né, bate de frente com muitas burocracias, que não conseguem um material específico, que não consegue desenvolver coisas diferentes, e mesmo, éé, mudar né muita coisa né, éé, ir de encontro aí, a gente tem que aceitar muitas coisas de currículo, aceitar muitas coisas que são impostas pelo sistema né, então, às vezes, a gente fica meio de mãos amarradas, e isso acaba não respeitando a realidade né, a gente acaba não indo muitas vezes de encontro ao que realmente é os alunos ali da nossa realidade precisam né. É, entre muitas desvantagens, acho que essas, que mais me chamou a atenção. Agora, vantagens, assim, eu gosto né, eu gosto do que eu faço, éé, eu gosto de acreditar, éé, que cada dia eu estou dando o meu melhor né, éé, eu gosto de estar buscando, éé, formação, eu gosto de estar me atualizando, de estar sendo, sempre procurando melhorar a minha prática né. Eu acredito que eu vou, éé, ali, às vezes, de passos de formiguinha né, mas melhorar alí a realidade dos meus alunos, contribuir com uma formação pra eles, uma formação, éé, melhor né, uma formação pra que eles se tornem, éé, que eles consigam vislumbrar um futuro melhor né. A gente vê na escola pública que muitos não pensam em fazer uma faculdade ou tão alí mesmo pra cumprir tabela né, então, eu gosto de pensar que eu tô dando um significado né na vida deles, pra aquele momento que eles estão ali, pra aqueles anos que eles passam na escola né.

Professora Giseli: Entendi. E a sua formação inicial atingiu as suas expectativas? A formação que você teve na graduação?

Professora Ana: Ah, hoje, depois de muitos anos, a gente vê que, éé, falta muita coisa, mas também a sociedade vai mudando né. Eu tive uma boa formação né, uma base, mas né, o currículo foi mudando né, hoje a gente tem a BNCC, então a minha formação não tem muita coisa né que hoje a gente precisa pra trabalhar em sala de aula, bom, eu não vi muita coisa, mas aí cabe ao professor tá buscando alguma coisa extra pra tampar essas lacunas né, preencher essas lacunas.

Professora Giseli: E essa transição de estudante pra profissional, assim, como que foi essa transição de virar profissional assim?

Professora Ana: Ai, é difícil né? Eu acho que nenhum sistema, eu já passei pelo particular, pelo público da prefeitura, do Estado né, municipal e estadual, e é difícil ter um suporte né. Hoje, atualmente, a prefeitura oferece um curso pra professor ingressante, mas na minha época não tinha, então a gente tinha que se virar. Eu lembro, foi bem traumático assim, eu planejava aula e aí chegava no final do dia e falava ah, eu não vou conseguir, nada acontece do jeito que eu queria, assim, foi meio frustrante, mas com o tempo a gente vai né tendo jogo de cintura, vai avaliando e conseguindo planejar outras coisas. O Estado também, nesse cargo que eu tô, não teve nenhuma formação, depois eu até cheguei a fazer um outro curso pra ingressantes, mas também eu acho que tá longe pra preparar pra realidade. É uma fase que a gente deveria ter um acompanhamento, acho que de um ano, dois anos ali, pra entender o sistema que você tá ingressando, pra saber se realmente tá acontecendo o que deveria acontecer né, das dificuldades, se realmente o plano, o currículo tá sendo aplicado né.

Professora Giseli: Desde quando você atua? Esqueci de perguntar, quando que você ingressou na carreira?

Professora Ana: Eu me formei em 2003, e em 2004 eu comecei a dar aula no município, mas antes eu dava aula de educação infantil.

Professora Giseli: Aha, aí na educação física mesmo?

Professora Ana: Foi em 2004.

Professora Giseli: 2004, desde 2004 até agora você tá atuando né?

Professora Ana: Isso.

Professora Giseli: E aí, ao longo dessa sua formação de professor, o que que você acha que mais contribuiu pra essa sua formação, a sua experiência vivida desde pequenininha, antes da graduação, a sua formação inicial que foi a graduação com as disciplinas, os estágios, ou a formação continuada né, que foi as pós que você fez, os cursos extras, ou a sua atuação

profissional né, que na sua experiência, os saberes que você vai adquirindo ao longo do cotidiano de trabalho. Qual dessas questões que você acha que mais contribuiu pra sua formação de professora?

Professora Ana: Ah, é difícil né por um peso em tudo isso né. Todas as etapas foram importantes né, mas, assim, ah, eu acredito que a formação inicial da graduação teve um peso importante sim, mas eu vejo que o que eu busco também contribui bastante porque daí a gente vai focando no que a gente realmente acha importante né. A prefeitura, por exemplo, ela oferece semestralmente cursos de formação, então, você vai escolhendo o que você acha interessante pra você né, os cursos de pós, você vai buscando o que você precisa né. Mas o saber que a gente vai adquirindo ao longo do tempo, isso é indiscutível né. Agora, parando pra pensar, quando eu comecei a dar aula e hoje, você fala, eu já sei lidar com muitas situações, ainda mais na nossa área que a gente, éé, muitas vezes propõe eventos na escola né, aí no começo você ficava com medo, não sabia como ia ser né, hoje você já tem uma bagagem que você já sabe lidar com tudo isso, então eu acho que é o conjunto.

Professora Giseli: E, assim, você atua no ensino básico público né e qual que é assim, como que tá sendo atuar no ensino básico público né? Qual que era sua expectativa e a realidade, porque é diferente né, a particular e o público, a gente que tá no público assim, como que é?

Professora Ana: Na verdade no particular eu só dei aula na educação infantil, então é difícil comparar, mas a gente espera que, eu esperava que eu ia fazer e acontecer, que eu ia mudar o mundo, e a hora que você começa e você vê que não é tão simples assim, que a gente não consegue fazer muita coisa né, éé, que a gente tem que bater o pé pra conseguir fazer alguma coisa né, éé, a gente vê que não é tão simples, mas que algumas coisas são possíveis né, que não adianta ficar só reclamando, achando mil defeitos, mas que tem que ir fazendo o que dá né, não dá pra cruzar o braço né, empurrar com a barriga. Já que tamo ali, vamo né, vamo trabalhar!

Professora Giseli: E em relação aos seus sentimentos assim, porque em diversos momentos da nossa atuação, a gente passa por vários sentimentos né? Eu vejo por mim, assim. Qual exemplo que você pode dar de algum momento, e falar de algum sentimento ao longo da sua atuação? Tipo, algum momento que você sentiu medo, alegria, ou que você sente frustração, algum exemplo assim?

Professora Ana: Ah, eu acho que alegria, satisfação, éé, eu acho que é bem nítido nos momentos de inclusão né, quando a gente tem os alunos, agora eu já nem sei mais se o último termo seria portador de necessidade especial né, mas quando você tem eles na sua turma e você percebe que você realmente está fazendo com que ele participe né, com que ele esteja sendo incluído na sua aula né, eu acho que isso é um momento de realização, tem muitas dificuldades, a gente

sabe, e quando isso acontece é bem legal. Agora frustração, ah, é o sistema, quando você chega numa reunião de professores ou no ATPC né, e existe aquela pressão de nota, de aprovar, de não ser aprovado, de colocar falta, de não colocar, sabe, a gente percebe que muita coisa é uma mentira, que a gente tem que dançar conforme a música, e passar por cima de muita coisa que a gente acredita, então isso eu acho que é bem frustrante, e não considera ali a realidade, o que é importante né, muitas vezes, se o aluno tá se desenvolvendo, tá aprendendo, não é importante.

Professora Giseli: Você acredita que o professor, ele consegue se auto motivar?

Professora Ana: Ah, eu acredito. Tem vezes que é difícil né, tem ano que é mais pesado que o outro né, depende da escola, das turmas que você tem, mas, pra mim, a formação é um bom escape né, a formação é uma boa motivação né. Quando você escuta os pares, quando você né tem contato com textos acadêmicos, com informação e conhecimento que pode dar uma luz. Nem sempre é a saída né, mas, éé, pra mim, eu gosto de pensar que o conhecimento pode abrir portas, pode dar outros caminhos.

Professora Giseli: E o que você espera pro futuro?

Professora Ana: Ai, essa é a mais difícil de todas rs! Eu espero que passe logo a pandemia né, eu acho que tá sendo uma fase bem difícil e eu acho que obscura na educação né, que mais do que nunca a gente tem muitos, muitos desafios, muitas coisas estão sendo maquiadas, e eu sei que por vários anos a gente vai ter que, digamos assim, remediar tudo isso que a gente tá passando né, que vai ser, os alunos vão arrastar muitas dificuldades por muito tempo, que a gente vai ter que correr atrás aí nos próximos anos né. Então, eu espero que os profissionais né estejam motivados né, que nós estejamos aí preparados pra tentar melhorar tudo isso né, que a gente vê que a sociedade, as famílias estão passando muitas dificuldades né, então, eu acho que não tem como não refletir na educação né, é uma coisa só, mas que a gente não pode desistir né, como educador a gente tem que acreditar que dias melhores virão.

Professora Giseli: E sobre a formação né continuada, você comentou que a prefeitura, ela dá bastante curso pra vocês escolherem qual vocês querem fazer, e a formação continuada oferecida pelo Estado, assim, qual que é a sua opinião, o que que você acha?

Professora Ana: A do Estado eu acho bem pobre, porque tem algumas formações em convocação, por exemplo, eu tenho acúmulo de cargo, muitas vezes eu não consigo participar, então, além de elas serem poucas né, tipo, uma vez no semestre, uma vez no ano, sei lá eu, uma ou duas vezes, você tem que ter aula naquele dia, tem que coincidir de ter aula, e, às vezes, se você tem outro colega na sua escola, se sua escola é grande né, aí tem que revezar com ele, então eu acho muito pouca, específico da educação física, que nos ATPs a gente tem algumas coisas de formação, mas que não são da nossa área né, então, contribui, mas às vezes a gente

precisa mais específico. Então, acho que o Estado poderia, por ser uma rede grande, por ter um sistema de ensino já estruturado, poderia oferecer bem mais pra gente.

Professora Giseli: E qual que é a relevância social do trabalho do professor? Qual que é a relevância do nosso trabalho como professor na sociedade?

Professora Ana: Ah, eu acredito que nós estamos pra ajudar na formação né, contribuir para o desenvolvimento aí dos cidadãos que vão atuar na sociedade né, que o conhecimento que é trabalhado na escola vai refletir na sociedade, vai refletir nessas pessoas né que nós estamos formando. O aluno de hoje é o cidadão de amanhã, então, se a gente simplesmente reproduz algumas coisas, eles vão ser vaquinha de presépio né. Agora, se a gente passa um posicionamento crítico, um olhar crítico né, eles vão poder atuar na sociedade também criticando, se posicionando, buscando seus direitos né, atuando aí pra um mundo melhor. Então acho que a gente contribui, o professor contribui pra mudar a sociedade ou não né.

Professora Giseli: E, ao longo da sua trajetória, teve algum acontecimento marcante pra você comentar? Um acontecimento marcante.

Professora Ana: Ai, essa também é difícil, achei que aquela era difícil, mas essa também é difícil! Ai, um só?

Professora Giseli: Alguma coisa que marcou, assim, durante a sua trajetória docente, algum exemplo assim.

Professora Ana: Tô pensando Gi.

Professora Giseli: Alguma coisa que mexeu com você, assim, algo que ficou bem marcado na sua memória.

Professora Ana: Ah, são muitos, são muitos momentos né, acho que no dia-a-dia, um simples, ah professora, eu tô feliz porque eu consegui fazer uma estrelinha né, marca né, daquele aluno que chegou todo emburrado, que não gostava de educação física, e de você ter conquistado né, éé, de uma turma que gostava de esporte e de repente você trabalhou dança, ginástica né, e mudou o olhar, é sempre marcante. Eu acho que eventos também são bem marcantes. Eu me lembro, não vou saber a data, éé, numa olimpíada que nós fizemos um trabalho, éé, com todos os professores, e aí a gente dividiu a escola de sexto ao nono, por equipes, por cores, então misturou. Então a gente tinha, éé, alunos de todas as séries em cada equipe, e aí as equipes tinham desafios, provas, éé, e no começo houve aquela resistência, que queria ficar com a sala né, que vem aquela tradição de quando tem competição ser sala contra sala, então esse evento foi bem legal assim, éé, não só eu né mas os professores que estavam organizando de ter mobilizado né, todas as turmas, os professores que a gente sabe que tem professor que resiste a certas atividades né, mas que depois foi bem legal assim, a gente teve vários encontros, éé, e

vários dias de atividades, eu acho que foi bem legal, e precisava que os pais ajudassem, então aí os grupos se mobilizaram. Eu acho que foi um momento assim de união, de que se eu fizer um pouquinho e você fizer um pouquinho né, a gente consegue mobilizar todo mundo.

Professora Giseli: Legal! Você já pensou em exonerar seu cargo? Já passou pela sua cabeça?

Professora Ana: Vixe, muitas vezes rs!

Professora Giseli: Por que você pensou?

Professora Ana: Ah, primeiro assim, éé, você também tem, eu tenho acúmulo de cargo, a gente fica pensando, ah, será que eu estou fazendo o melhor né? A gente sabe que sendo professor não vamos ganhar rios de dinheiro, não vamos ficar ricos né, e aí você fala, será que resolveria, será que eu ficaria mais tranquila se tivesse um cargo, será que eu ficaria melhor em um cargo só? Então acho que isso vem bastante, em vários momentos vem isso na minha cabeça né, e muitas vezes de você pedir alguma coisa, ou de escutar alguma coisa né, ah, um pai reclamando, e aí, ao invés da direção vir perguntar o que aconteceu né, vem com pedras na mão. Então, às vezes, isso dói né, de não ser escutado, de muitas coisas que a gente quer fazer e não consegue, sabe que não vai conseguir né. Então, é normal né de pensar! Mas também, assim, eu fico pensando, ai, se eu fosse dar aula em escola particular, então, seria melhor? Seria diferente? Eu acho que cada esfera tem as suas dificuldades né. Então, não existe, aí, aqui você é a melhor professora do mundo, aqui eu tenho plenas condições né, acho que todo lugar a gente vai ter dificuldade na educação, e cabe a nós lutar né, não desistir.

Professora Giseli: Então, o vínculo assim, que você cria pra continuar, éé, acho que tem a ver com o que você comentou agora, você pensa que em todo lugar tem seus problemas, assim, o vínculo que você, o que você pensa pra continuar fazendo você continuar no cargo?

Professora Ana: É, sim, porque eu acho que nenhum lugar é perfeito né, acho que não vou chegar num lugar e dizer aqui eu vou conseguir fazer tudo o que eu quero, então eu acho que a gente tem que saber lidar com essas dificuldades né, tem que ter jogo de cintura, rebolar aí pra dar o nosso melhor, que nem sempre a gente vai ter o resultado que a gente esperava né.

Professora Giseli: Então, se eu perguntar agora se você se sente realizada com a sua profissão, satisfeita, aí você vai falar sim ou não?

Professora Ana: Rs, essa, ah, tá ficando cada vez mais difícil Giseli rs! Eu me sinto realizada. Acho que plenamente é difícil né, se a gente começa a refletir a gente vê que tem algumas dificuldades, mas como eu faço o que eu gosto né, então, éé, eu acho que se colocar na balança, a gente tem um pouquinho mais de satisfação, ou não sei se é por estar no meio da carreira um pouco de vontade de fazer a coisa acontecer, mas não tem como a gente não enxergar as

dificuldades, não tem como a gente fingir que é tudo lindo né. A gente tem que encarar e saber de tudo isso né!

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, você acha que você se esforçou, assim, se empenhou adequadamente pra fazer jus ao professor assim, ao título de professor?

Professora Ana: É, se auto avaliar é difícil né, mas eu acredito que sim né, e, como todo mundo, em alguns momentos, com certeza né, posso ter enfraquecido né, mas, eu acho que se eu tô até hoje né. Eu fico feliz quando a professora da universidade me indica pra fazer estágio, ser chamada pra fazer alguma pesquisa assim, eu fico feliz, eu falo, ah, de certo modo é um reconhecimento por alguma coisa né que eu tô tentando fazer.

Professora Giseli: E você acredita que o professor, ele pode separar a vida pessoal e a vida profissional? É possível o professor conseguir separar a vida pessoal e profissional?

Professora Ana: É possível, mas é difícil né, porque muitos valores que a gente tem tá embutido na nossa vida em geral né, então eu sou profissional na escola mas, ao mesmo tempo né, também sou mãe, também sou esposa né, então são valores que estão todos em mim né. Nunca tinha pensado sobre isso Gi, mas, éé, se faz necessário, mas nem sempre a gente consegue.

Professora Giseli: Então, assim, os fatores negativos né, que impactaram assim ao longo da sua carreira, que acarretou desmotivação, desencantamento assim, éé, sentimentos ruins, coisa negativa, pelo que eu vi, que você já comentou, éé, algumas coisas assim, de problemas com o sistema em si né, que você comentou né? Tem mais alguma coisa que você encara como negativo assim, que te desmotiva?

Professora Ana: Ah, é o sistema em geral né, o número de alunos, éé, saber que ah, é mês de dissídio, e daí? Não se consegue nada né. Até mobilizar greve pra ir atrás de seus direitos é difícil né. A categoria muitas vezes não acredita, então a gente fica meio que dando murro em ponta de faca. Materiais também, a nossa área sempre precisa de bastante coisa, aí você tem que ficar, assim, parece que implorando. Eu sempre entro na APM pra ver se eu vou ter voz pra poder pedir alguma coisa rs, aí eu cheguei na escola, mudei de escola, o que que eu vou fazer, não tem nada, já ia começar o ano letivo, aí eu tive que pedir, arrecadei com os alunos materiais recicláveis pra, ai, são coisas assim que vai chateando né. É legal o trabalho também, mas é sempre a mesma história né. A questão de, também, dos alunos, éé, que deveriam ter um suporte de sala de recurso, mas também é uma tapeação né, vai maquiando tudo e, aí você fala, queria ajudar, queria contribuir, mas, não sei até que ponto realmente a gente ajuda né, poderia ser diferente, poderia ser mais né! Então, são essas coisinhas assim que vão desanimando né.

Professora Giseli: E a parte positiva né, pelo que eu percebi, que você comentou até o momento, a parte positiva que te leva a continuar e te motivar, pelo que eu vi, você comentou né dos

alunos, de eles conseguirem realizar e aí você fica feliz né? Tem mais alguma coisa assim, de positivo, que te motiva?

Professora Ana: Ah, de você encontrar um aluno na rua depois e falar que lembra de você, que lembra da sua aula né, que está fazendo faculdade ou que está trabalhando e, ai, minha filha está lá na escola, de saber que os alunos, éé, fizeram a escolha de ser pessoas de bem.

Professora Giseli: Então, resumindo, o que te faz superar os problemas e as dificuldades na sua carreira?

Professora Ana: Esperança.

Professora Giseli: A mesma coisa que o outro entrevistado falou, a mesma palavra rs.

Professora Ana: Rsrs.

Professora Giseli: E, assim, às vezes tem situações na escola que a gente fica incapaz, a gente se sente incapaz de resolver, fala, eu não vou conseguir resolver isso, e, às vezes, a gente tenta fugir da situação ou tenta resolver né! Que estratégia que você tem nesse momento? Que é uma coisa que você acha que não vai conseguir resolver, que estratégia que você faz, tenta fugir ou o que que você faz pra tentar resolver?

Professora Ana: Ah, éé, eu tento conversar com direção, coordenação e com os colegas né. Às vezes você vê um aluno ali, que tem problemas de indisciplina, que tem problema de aprendizado e você quer ajudar né. Muitas vezes esses alunos se identificam com a gente, mas você queria contribuir um pouco mais, aí eu tento conversar com os pares né, éé, com a direção, com a coordenação, pra ver se a gente consegue fazer alguma coisa, ou entender melhor o que tá acontecendo.

Professora Giseli: Então, o seu aprendizado né da profissão de professor, você atribui o seu aprendizado à?

Professora Ana: Tanã rs.

Professora Giseli: Você atribui o seu aprendizado da profissão de professor à? Ao quê?

Professora Ana: Ao conjunto da minha formação inicial, dos saberes adquiridos na prática, da formação continuada.

Professora Giseli: E você acha que o professor, ele, pra ele, pra gente conseguir motivar, ele tem que ter algum privilégio ou ele tem que ter alguma recompensa? Você acha que tem necessidade de ter uma recompensa, algum privilégio? Você acha que precisa disso ou não precisa ter alguma recompensa, algum privilégio?

Professora Ana: Eu acho que não seria uma regra né, uma necessidade, mas que com certeza, éé, a gente ter algumas evoluções né no cargo, são motivantes né, muitas vezes são mínimas né, mas é um incentivo né. A gente, ah, eu vou fazer um curso que eu vou ter uma valorização

no meu salário, com certeza isso motiva. Não deveria ser o único caminho, mas acho que um simples, a minha aula vai funcionar melhor, vai ser mais tranquila, acho que já é uma motivação.

Professora Giseli: E como você acha que a sociedade vê o professor de educação física? Qual que é a visão que a sociedade tem, que faz do professor de educação física?

Professora Ana: Ah, é triste né? Infelizmente, a maioria né da sociedade em geral vê como um professor não muito importante né, que tá na quadra, que tá fazendo qualquer movimento e pronto né, não vê como, ah, um professor importante, um professor que pode contribuir pra formação, desenvolvimento dos alunos.

Professora Giseli: E qual que é a função do professor de educação física assim na escola? Qual que é a função dele, o trabalho dele na escola?

Professora Ana: Tã rs! Ah, eu acredito que contribuir aí no desenvolvimento global do aluno né. A gente tem um objeto específico né, a gente trabalha com a cultura corporal de movimento, com o movimento, mas que a gente contribui aí pra formação do cidadão.

Professora Giseli: Acho que você já respondeu a próxima, que era a base do nosso trabalho né? Seria a cultura corporal de movimento né?

Professora Ana: Isso.

Professora Giseli: E você acha que a nossa profissão né tá desconectada dos nossos pressupostos? Que a profissão de professor está desconectada dos pressupostos do que ele tem que fazer?

Professora Ana: Ah, teoricamente não né, porque a gente sabe o que a gente está aí pra fazer, mas na prática fica bem longe né. A gente sabe que algumas escolas conseguem fazer um trabalho um pouco melhor, mas, é, que as coisas funcionam um pouco melhor, mas, infelizmente, por conta da visão da sociedade em geral né, e das dificuldades da escola pública, é difícil. A gente vê um nivelamento do básico do básico né, que poderia ser diferente né, deveria ser melhor.

Professora Giseli: A gente acaba fazendo coisas que, às vezes, não seria da nossa atribuição, assim, na escola?

Professora Ana: Também, também.

Professora Giseli: Agora, sobre o título de herói, você acha que, você encara o professor como sendo um herói? O que você acha de atribuir esse título de herói ao professor? Você se sente um herói? Uma heroína?

Professora Ana: Eu nunca tinha pensado sobre isso, mas, éé, se a gente passa alegria pros alunos né, a nossa disciplina principalmente, que a gente é esperado né e dependendo de como a gente conduz, o negócio fica bem atrativo né, então, é um momento que eles querem né, que a gente

escuta, ai, ninguém falta no dia da educação física né, então, eu acho que cabe né esse título sim. Éé, muitas vezes a gente fala, passa alguma coisa que pra muitos fica superficial, mas eu acho que, também tem aquela parcela que a gente marca né, então, o que a gente consegue fazer nas condições que a gente tem é coisa de herói sim.

Professora Giseli: Você comentou ao longo da entrevista que tem muita coisa que é imposta pra gente, eu também atuando eu sinto que tem muitas coisas que são impostas né. Você segue à risca as normas, as ações que são impostas pra gente?

Professora Ana: Seguir a risca eu acho que é impossível né, mas, éém tem coisas que cada escola interpreta de um jeito, então eu vou de acordo com o que também é cobrado né, éé, a gente sabe que dentro da sala de aula né, a gente fechou a porta, a gente pode fazer do nosso jeito, mas que muitas coisas a gente tem que falar amém, infelizmente, não chega a ser à risca mas tem que ser daquele jeito.

Professora Giseli: Agora lembrando de quando você era pequenininha, de todos os professores que você teve quando você era criança, adolescente e ao longo da faculdade né, de todos os professores que você teve na sua vida até o momento, teve alguma trajetória marcante, assim, um acontecimento marcante, pensando em todos esses professores, assim, que você já teve na vida? Você teve algum professor preferido?

Professora Ana: Ah, eu também assim nunca comparei de todos os níveis né. Já pensei no professor que me marcou quando eu era menor né, na faculdade, mas, assim, pensando de um modo geral, éé, eu acredito que a minha formação né, assim, como pessoa também, não só como profissional, teve muita, muitos traços né, foi muito marcado pelo meu magistério né. Eu fiz o CEFAM que era um projeto que não existe mais hoje né, a gente estudava o dia todo, tinha aula de manhã e à tarde, e os professores também eram selecionados e tinham que apresentar um projeto diferenciado, então eu acho que muitos professores do meu magistério me marcaram, éé, professores de metodologia, professores de psicologia, que me fizeram assim pensar no mundo de uma maneira diferente, me fizeram enxergar coisas que eu nunca tinha enxergado.

Professora Giseli: Então esse seria o legado de seus professores, assim, pra você?

Professora Ana: Sim.

Professora Giseli: E, assim, você tem algum colega de profissão que você admira? Que você encara como exemplo? Algum colega, algum professor de educação física, assim, que você encara como exemplo?

Professora Ana: Ah, difícil escolher um né? A gente sempre conversa né, gosta do que vários falam né, de um pouquinho de cada, difícil analisar tudo de uma pessoa só, mas, assim, eu tive sorte de vários professores que trabalharam comigo, que dividiram né, a escola, assim, que

contribuíram né. Quando eu ingressei na prefeitura, eu trabalhei com uma professora, a Deise, ela já aposentou, e pra mim, assim, eu acho que ela ajudou bastante, porque ela era um espelho né, e eu tinha muitas dificuldades, ai, como que eu faço isso, ai, eu tenho um aluno assim, então eu conversava bastante com ela, então pra mim ela foi um exemplo.

Professora Giseli: E na sua opinião, você acha que os professores, eles sabem trocar experiências? Como que, essa utilidade de trocar experiências assim, você acha, como que eles fazem ou não fazem né? Tem utilidade ou não?

Professora Ana: Ah, é difícil viu! Tem os que conseguem, mas, acho que a maioria não consegue, e eu acho que também não é oportunizado né, que nem, no ano passado, a gente teve um encontro online com os professores de educação física do Estado, entramos poucos professores. Tá certo que a situação remota, online, é diferente, mas no Estado a gente tem poucas oportunidades de que isso aconteça. Que nem, na minha escola do Estado só tem eu no período da tarde, aí o outro professor faz ATP de manhã, eu não converso com ninguém. Na prefeitura também, eu fico em um ATPC e o outro fica no outro, mas ainda na prefeitura a gente tem um encontro, esse ano não teve ainda, mas o ano passado a gente teve online, e antes a gente tinha, não lembro se era uma vez por mês ou a cada dois meses, de fazer um ATPC de área, que unia os professores, então ali a gente conversava um pouco, mas, mesmo assim, a gente percebe que, às vezes, alguém começa a falar e você fala, puxa, não sabia que as professoras faziam isso, ou trabalhava assim, então, você entra na rotina do dia-a-dia ali né, você entra, que às vezes você esquece de registrar uma atividade legal que você faz, ou mesmo de contar pro colega, porque se eu falar ele vai achar que eu tô fazendo isso pra me mostrar ou pra falar isso né, então tem vários sentimentos envolvidos aí. Então, eu acho que poderia ser um hábito né, melhor trabalhado né, pela coordenação.

Professora Giseli: Já tamo chegando nos finalmente aqui Ana, tamo no finalzinho. E você acredita na neutralidade da educação? Você acha que o professor, ele pode ser neutro? Como muitas vezes a gente tem essas questões né, você acredita que o professor pode ser neutro ou não?

Professora Ana: Não, é impossível! Por mais que ele fale que é, não tem como. Não, a educação é política né, você tem que se posicionar, não tem como ficar em cima do muro, então, o que você pensa você vai ensinar, você vai educar, você vai se posicionar daquela maneira. Não tem como separar a sua posição política do seu trabalho ou de você né.

Professora Giseli: E como que você compreende essa, esse contexto de politização do professor e de alienação do professor? O que que seria, assim, um professor politizado e um professor alienado?

Professora Ana: Olha, acredito que o professor alienado é o que fala amém pra tudo que é dito né, e o professor politizado é o professor que estuda, é o professor que reflete, é o professor que tem uma postura crítica, é o professor que vai buscar as informações, é um professor que luta pelos seus direitos, que está preocupado com a educação, que está preocupado com seus alunos, que chama seu aluno pelo nome, que vê um problema no aluno e quer saber se pode contribuir.

Professora Giseli: E agora, como que a mídia e a tecnologia pode contribuir nesse contexto, como que a gente pode usar a mídia e a tecnologia pra contribuir nesse contexto?

Professora Ana: Ah, eu acho bem atrativo, em ATPC, por exemplo, quando é usado vídeos, filmes né, então, eu acho que ter um olhar crítico de selecionar vídeos, programas, enfim, reportagens né, pode contribuir aí pra ajudar ou não né na postura crítica do professor né. Então, também, a escola pode passar alguma coisa e o professor ter uma visão de não acreditar naquilo né, então, eu acho que é um conjunto de todo mundo estar vendo com diversos olhares né, porque, às vezes, o que você acredita não é o que eu acredito, aí você como coordenadora, você vai passar alguma coisa pra mim e aí eu tenho que me posicionar né. Eu acho que esse momento é muito rico, a gente vê que em algumas escolas isso acontece e em outras não, que como, éé, a gente tá ali mesmo pra cumprir, é um protocolo aí então assiste logo ali, encurta logo pra não ter discussão né, mas o que você pensa dos governantes, o que eu penso né do secretário da educação, é importante né, vai refletir né em como a gente vai conversar com os alunos e em como a gente vai dar a nossa aula.

Professora Giseli: E qual plataforma assim, qual recurso que daria pra gente utilizar pra facilitar essa comunicação assim? Facilitar essas discussões, essas divulgações de nossas práticas, essa troca de experiências entre nós, professores? Que plataforma, que recurso que daria pra gente usar? Que é acessível, assim?

Professora Ana: Ah, eu acho que vídeos no Youtube pelo WhatsApp são a melhor forma, mas uma reunião online né, onde todos estejam ao vivo é mais legal né, que dá pra interagir, mas pra alcançar um número grande é vídeos no WhatsApp né, alcança um número maior.

Professora Giseli: E agora vamo, você sabe que Paulo Freire, na nomenclatura dele, nós temos temas geradores né? Temas geradores que aí a gente poderia trabalhar nessas reuniões, nesses, o que ele chama de círculos de cultura que a gente poderia fazer né? E qual o tema gerador que você indicaria pra trabalhar? Qual tema que você acha importante discutir, assim, num círculo de cultura com os professores?

Professora Ana: Ah, é, eu acredito assim, mais específico da área seria, só os professores de educação física, seria legal boas práticas. Agora, pensando na escola, eu acho que a gente poderia pensar, hoje, éé, acesso à internet, alguma coisa assim pra realmente a gente ver se o

que estamos oferecendo pra escola, pros alunos, éé, está sendo eficaz né, no sentido que, ah, os alunos estão acessando o Centro de Mídias, qual porcentagem não está? Que é preocupante porque a gente tem um retorno né, que não é a sua totalidade, e aí no final todos são aprovados, então eu acho que, não sei, um tema específico, mas, éé, de pensar na educação remota.

Professora Giseli: Marcar aqui que eu já tô buscando os temas geradores aqui. Beleza! E agora, a última pergunta, que é o que eu queria responder assim também na minha pesquisa né é sobre, aqui ó, você acredita que as mídias e as tecnologias motivam o professor ou é ao contrário, é o professor motivado que vai desenvolver e incorporar as mídias e as tecnologias no seu trabalho, no seu cotidiano?

Professora Ana: Eu acho que pode acontecer as duas coisas sim, mas eu acho que pra motivar é um bom instrumento né, é um bom caminho, porque a gente tá vivendo numa era tecnológica né, então, as mídias né, tudo é um jeito que a gente tem que se adequar, e aprender, e usar né, no nosso dia-a-dia, então, é uma boa maneira, pelo menos pra mim funciona né buscar esses recursos. Agora, com certeza, um professor motivado, um professor, éé, que tem ânimo aí, garra pra tudo também vai usar né desses recursos. Indiscutivelmente, éé, as aulas, hoje, principalmente né, tem que ter as mídias né, não tem como ignorar e usar a lousa e o giz e usar apenas um texto no papel.

Professora Giseli: E pra finalizar, quem que você indicaria pra próxima entrevista? Que você acha que traria contribuições pra pesquisa, assim, um colega pra você indicar pra ser entrevistado?

Professora Ana: Então, você quer só da prefeitura ou você quer do Estado?

Professora Giseli: Pode ser do Estado, os nossos colegas do Estado.

Professora Ana: Pode ser de qualquer nível de ensino?

Professora Giseli: Pode, de educação física, professor de educação física. Quem que você indicaria pra entrevistar?

Professora Ana: Você já falou com a Frida?

Professora Giseli: Não, pode ser. Eu tenho ela no Facebook e tenho o WhatsApp dela. Você indica a Frida então?

Professora Ana: Indico a Frida, se você quiser mais, depois eu vejo mais também rs.

Professora Giseli: Eu vou entrar em contato com ela. Bele! Ana, não tem como eu te agradecer. Você tem mais alguma coisa que você acha interessante que a gente tem que registrar? Alguma coisa que você queira falar mais?

Professora Ana: Não, mas é bem amplo né? Você perguntou bastante coisa, vai ter bastante coisa pra analisar né?

Professora Giseli: Tem rs, pra transcrever, analisar, eu tenho que terminar esse doutorado até dezembro. Até o final do ano tem que terminar rs! Mas são esses assuntos que eu tô abordando assim na pesquisa. Eu não tenho como agradecer, muito obrigada por você ter contribuído.

Professora Ana: Eu tô muito feliz viu, que eu tenho uma amiga doutoranda rs.

Professora Giseli: Ah, obrigada eu também, a gente vê que tem que ter muita força, a gente vê que você também tá nesse caminho de estudar também, e a gente sabe como que é difícil, e obrigada pela contribuição, pela ajuda aqui que você tá dando pra mim. Pode contar comigo.

Professora Ana: Imagina Gi.

Entrevista 03 - Profª Mara - Dia 14/04/21 - 09:00 h

Professora Giseli: Bom dia.

Professora Mara: Bom dia.

Professora Giseli: Vamos dar início à entrevista número três da minha pesquisa de doutorado, e o título provisório da minha pesquisa é “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública”. E aí eu vou comentar sobre os termos das pesquisas né, que a participação é voluntária, muito obrigada por você participar voluntariamente da pesquisa né! Você pode interromper a qualquer momento a participação, também se não quiser responder alguma pergunta não precisa responder, não tem problema, não tem problema em não responder, os dados poderão ser usados pra estudos, publicações científicas, e com sigilo de identidade, a gente vai escolher um nome fictício pra você na pesquisa. E, assim, ciente de que não está recebendo nenhum valor, não vai ter nenhum gasto, nenhum risco com a pesquisa, e que a pesquisa poderá resultar em benefícios pra formação dos professores. Aceita os termos? Beleza?

Professora Mara: Sim.

Professora Giseli: Que nome fictício você quer pra a pesquisa? Como você quer se chamar?

Professora Mara: Ai, vai, deixa eu ver aí, Mara, pronto!

Professora Giseli: Mara. Vamo lá! Sexo?

Professora Mara: Feminino.

Professora Giseli: Idade?

Professora Mara: 48.

Professora Giseli: Formação acadêmica? Onde você se formou? Quando?

Professora Mara: Eu me formei na Faculdade de Educação Física de Santo André né, antiga FEFISA, que hoje já não existe mais né, fechou.

Professora Giseli: Era plena? Licenciatura plena?

Professora Mara: Sim, plena, licenciatura plena. E fiz pós-graduação em Didática do ensino superior e tô fazendo pedagogia.

Professora Giseli: Agora. E que ano você se formou em educação física?

Professora Mara: Eu me formei em 94.

Professora Giseli: 94.

Professora Mara: Faz tempo já!

Professora Giseli: Rsrs. A sua carga horária de trabalho, como que tá?

Professora Mara: Quarenta horas semanais.

Professora Giseli: Você tá de coordenadora?

Professora Mara: Não, não, eu tô no ensino integral.

Professora Giseli: Ah, professora de educação física na escola de ensino integral.

Professora Mara: Isso, isso.

Professora Giseli: E, você é efetiva né?

Professora Mara: Sim.

Professora Giseli: E você acumula cargo?

Professora Mara: Não.

Professora Giseli: Não dá né?

Professora Mara: Não dá.

Professora Giseli: É sindicalizada?

Professora Mara: Não, não tô. Bom, tenho o CREF né, que se for ver né, mas não é, não tô, não faço parte da Apeoesp não.

Professora Giseli: E, assim, porque, assim, você.

Professora Mara: Não, eu fazia, eu paguei um bom tempo, mas daí, entendeu, eu tive, é que quando eu precisei eu não tive ajuda, então eu dei uma parada de pagar, né. Faço parte da, como que é, aquela Piesp, não, como que é? Ah, que é uma outra lá que é de viagem, que acaba entrando também nessa parte, mas a Apeoesp eu deixei, só o CREF mesmo.

Professora Giseli: E qual o motivo que você resolveu ser professora de educação física? Por que que você escolheu essa profissão?

Professora Mara: Na realidade, eu acho que eu falo que nem foi eu que escolhi, foi ela que me escolheu né, porque quando eu pensei né, no meu curso da universidade, eu queria ser veterinária, né, quando eu era lá criança, a gente queria ser tanta coisa, mas eu queria ser veterinária pra trabalhar com animais de grande porte, e trabalhar num haras, que eu sempre gostei de cavalos rs, mas não mudou muito, então, mas daí como eu era atleta né, meu técnico

né me falou assim, se você for capaz de passar num vestibular de educação física eu vou conseguir uma bolsa de estudo, então, naquela época, meus pais não tinham condições de me manter né numa Universidade fora né Gi, aí eu falei, ah, então ele duvidou da minha capacidade, eu vou prestar o vestibular. Prestei, passei, e já tinha né esse contexto todo de atleta, já tinha toda essa vivência esportiva e me encontrei. Eu acho que como veterinária, eu sou melhor na educação física mesmo rs!

Professora Giseli: E na sua opinião, quais são as condições favoráveis e desfavoráveis em ser professora de educação física na escola?

Professora Mara: Bom, eu, como eu falei pra você, a profissão me escolheu, e apesar de eu ter essa vivência toda, eu acho que eu acabei me inspirando. Eu acho que você, principalmente na nossa área da educação física, que a gente tem um contato né mais próximo com os alunos né, esse contato e esses laços que você acaba criando, porque não tem como falar que você vai deixar né o lado pessoal com o lado afetivo, mas eu me encontro muito, eu me identifico muito na educação física, em tá dando aula e ver que, independente do talento e da capacidade física que o aluno tenha, só o fato de ele se propor a fazer, de você ver que você pode modificar isso né, você incentivar, fazer com que aquela pessoa que, às vezes, tinha alguma né, tinha algum ranço, ou algum problema, ou aquela coisa de não sou capaz de fazer, e você conseguir né, então eu respeito, a gente aprende a ter esse respeito com o limite de cada um, porque a gente não tá, eu sempre falo pra eles, eu não tô aqui pra formar atletas né, e esse contato acaba também fazendo né com que a gente não forme só o aluno em si, mas o ser humano. Eu falo que na educação física a gente consegue ter esse contato maior, não que as outras disciplinas né não tenham, depende muito do profissional, mas a gente consegue aí tá formando não só o aluno, mas o ser humano né, e é o que a gente precisa lá na frente né. O pessoal fala que mundo nós vamos deixar, mas que pessoas nós vamos deixar nesse mundo né, eu falo, eu gosto muito, então eu me identifico. E hoje né, mais do que nunca, a gente tá vendo aí, que a atividade física aí tá inserida no nosso contexto, nunca se falou tanto em atividade física né, a gente sempre ficou um pouco deixado de lado, sempre o professor de educação física era o que dava brincadeira, mas hoje as pessoas têm essa consciência de como a atividade, o exercício físico, ele é importante no seu cotidiano. Como eu coloco pros meus alunos, hoje a gente não pode ver, dentro da educação física, o aluno, o indivíduo, como o mecânico, só na parte do movimento, só na parte mecânica, a gente tem que trabalhar esse lado psicológico né, os entraves que ele tem, a gente tem que entender o lado espiritual, hoje eu não tô bem, não consigo, então a gente tem que ter esse jogo de cintura, então, eu acho que essa relação né, entre o professor e o aluno, e eu ainda falo que o esporte né, não o esporte, mas a atividade física né,

nós né, coloco o esporte como uma ferramenta de educação, eu acho que ela é muito importante, e ela é uma ferramenta transformadora do ser humano né, porque eu falo pros meus alunos que um grande homem faz um grande atleta, mas nem sempre um grande atleta faz um grande homem né. Então, essa formação conjunta que a gente pode, dá um significado, ressignificar pra eles me deixa, assim, muito, muito feliz né. Você participa dos jogos escolares e a gente vê quantas mudanças que a gente consegue gerar aí em pequenas ações que a gente faz em alguns alunos, são todos? Não, não são né, mas eu acho que se de dez, um a gente conseguir direcionar, eu fico, eu acho muito importante pra nós enquanto pessoa, enquanto ser humano, enquanto profissional. Os contras né, a falta de valorização, não adianta né Gi a gente cai, infelizmente a mesmice, se mudou um pouco o olhar, eu não posso reclamar porque hoje dentro da escola que eu tô trabalhando, as pessoas aprenderam a valorizar o nosso trabalho né, aprenderam a ver né a importância, éé, deixaram um pouco de lado ah, vou lá na quadra só pra brincar né, eles veem o trabalho que nós fazemos relacionados à isso, de tá trabalhando de forma interdisciplinar, de mostrar que não é só o movimento em si, mas o que, o porquê desse movimento, entender o porquê de você tá fazendo tal atividade, o que que você tá trabalhando dentro dessas atividades. Mas eu acho que a desvalorização, não só na educação física, mas em qualquer disciplina, dentro do nosso país, do profissional de educação física ainda é uma coisa que peca. E investimento né, se cobra muito do profissional, mas não se investe nesse profissional né. Você vê que muitos, você tá correndo atrás né, você tem ajuda mas tem os gastos, se você for pôr na ponta do lápis, você tá né proporcionando isso, apesar de ter essa ajuda mas nós não temos. Se você quer fazer um curso, se você quer fazer uma pós, às vezes eles não, não abrem um leque de horário, não te ajudam, não colaboram dentro disso pra você estar fazendo esse aperfeiçoamento, se especializando, porque quando você faz isso você tá melhorando enquanto profissional, então isso vai ter um efeito na sua aula, isso vai ter um efeito na sua didática, na sua metodologia, mas ainda falta ainda muito né, um investimento e a valorização.

Professora Giseli: Ah, eu tenho um monte de falta da escola pra poder estudar, justificada.

Professora Mara: Eu acho que isso é tão cruel, eu acho isso uma crueldade, porque é um investimento no profissional, você tá investindo na sua profissão, e se você tá investindo e você se tornar aí, você adquirir conhecimento, porque conhecimento nunca é demais né, você tá adquirindo conhecimento, você vai colocar isso em prática pros seus alunos dentro, não só com os alunos, mas a troca entre os próprios profissionais, a gente troca tanto com professor de biologia, de ciências né, então é bacana essa troca, e eu acho, assim, que ainda falta muito, é muito arcaico ainda essa relação dessa visão de ah, se você quer fazer o problema é seu, a gente não tem nada a ver com isso, não é assim.

Professora Giseli: Mara, esqueci de perguntar, quanto tempo faz que você atua, que você dá aula?

Professora Mara: Ó, no Estado já faz mais de vinte anos, se for ver, no Estado, mais de vinte anos, é de efetiva quinze, mas eu tenho aí como ACT né desde lá de São Paulo, então tem mais de vinte anos. Dentro do setor aí, eu tenho de município também, eu vou aí pra, só dentro da educação, vinte e nove anos.

Professora Giseli: Nossa Mara! E a sua formação inicial atendeu às suas expectativas?

Professora Mara: Olha Gi, a gente era muito exigida lá né! Falar assim, que, éé, plenamente não, mas eu não posso reclamar da faculdade não, eu não posso reclamar muito dos conteúdos, faltou, faltou, mas eu acho que eu fui bem assessorada dentro da faculdade em relação ao começo né, ao básico né. Lógico que se você quiser se especializar você tem que ir atrás, mas eu não posso reclamar não, porque eu acho que pro embasamento ali inicial eu tive uma boa formação.

Professora Giseli: E como foi essa transição de estudante pra virar profissional? Como que foi?

Professora Mara: Nossa né! Sabe Gi, eu sempre tive, assim, essa vivência aí, né, de atleta, então meu técnico, ele sempre assim, eu falo que eu trabalho com criança desde os quatorze anos, porque eu sempre acompanhei muito o meu técnico com as categorias de base, e eu acabava, ele acabava me atribuindo né, essa função de auxiliar técnico, então, muitas vezes ele falava vai lá você e dá lá as coordenadas pro atleta, segue, então organizar né as crianças, fazer, então, pra mim assim, falar que foi fácil, não, mas que é diferente né dentro da escola né, e nesse contexto, mas como eu já tinha essa vivência né, com crianças né, uma criança cuidando de outras crianças, eu até que não senti muito, mesmo porque eu sempre me reconheci com criança né, então eu sempre gostei. Quando eu comecei, eu comecei lá com o infantil né, com os pequeninhos, eu acho que você trabalhar com os pequeninhos te dá uma bagagem muito grande lá com os demais, o pessoal acha que é ao contrário né, você tem que trabalhar com os grandes pra saber trabalhar com os pequeninhos, eu já penso ao contrário, eu acho que trabalhar com os pequeninhos te dá um embasamento muito grande lá na frente, porque não é fácil trabalhar com os pequenos né.

Professora Giseli: E quais dos fatores que você acha que contribuiu mais pra sua formação de professora, a sua experiência que você vivia desde pequena antes da graduação, a sua formação na graduação com os estágios, com as disciplinas, a sua formação continuada que é as pós, os cursos extras, ou a sua atuação profissional, que é a sua experiência que você ganhou ao longo da carreira?

Professora Mara: Eu acho que é um pouco de tudo viu Gi. Eu acho que lá atrás me deu um embasamento muito grande dessa convivência, do saber conviver, dessa interação social, aí eu complementei vindo com a faculdade, venho complementando através dos cursos que a gente sempre faz, e lógico né, essa minha carreira aí, até mesmo o contato com outros colegas, com outros profissionais, você vai errando e aprendendo, você vai colocando em prática aquilo que você aprendeu, aquilo que você, e vê, muitas vezes a gente sabe que não vai atingir todo mundo, nenhuma sala é igual a outra, nenhum aluno é igual ao outro, então você vai se reinventando, você vai se redescobrimdo, você vai buscando ferramentas pra tentar atingir ou conseguir o seu objetivo, porque na maioria das vezes a gente também tem que se fazer das tripas coração porque não tem o material que você, necessário às vezes pra aquela disciplina, pra aquele conteúdo que precisa trabalhar, então eu acho que a gente sempre tem que se reinventar Gi, a gente sempre vai, é uma somatória de tudo né, não tem como não olhar, às vezes, lá pra trás e falar poxa, eu, quando eu tinha lá meus quinze anos eu fiz isso e vou tentar, ou na faculdade aconteceu isso, ou interagir com uma colega que deu certo na escola dela né, uma colega de profissão, eu vou tentar na minha, então eu acho que é uma continuidade, eu acho que todo dia a gente tem que tá aberto à aprender.

Professora Giseli: E agora como que tá sendo trabalhar no ensino básico público, porque às vezes o pessoal fala, ah, é diferente né, particular, público, e ainda o básico, ensino básico público, como que tá sendo essa atuação no ensino básico público?

Professora Mara: Olha Gi, é lógico que não dá pra você, eu falo que não dá pra comparar o aluno, eu falo assim que não dá pra comparar o aluno do público com o aluno do particular, eu falo assim em questão, vamo colocar em questão social financeira, eu acho que a financeira, ela pesa mais. Você sabe que quem tá na escola particular é quem tem poder aquisitivo né, melhor, então ela vai ter aí mais acesso às ferramentas. E é lógico que, quando você né tá numa escola particular, você sabe que o ensino é mais puxado mesmo né, até mesmo porque eles precisam mostrar trabalho e os pais estão lá pra cobrar isso né. Hoje em dia eu vejo né, eu ainda né, fico, uma coisa que me deixa muito frustrada porque eu tive pais assim que, meu pai estudou até a terceira série, minha mãe foi se formar com sessenta e sete anos, sessenta e sete anos de idade, fez EJA porque eu falei pra ela né, não, vamos estudar, porque eu vinha embora pra Bauru, então pra ela não ficar sozinha, mas assim, eles sempre tiveram uma visão de que o estudo era importante na minha vida, que eu precisava estudar pra ser alguém, que eu precisava estudar pra ter uma profissão. Então, assim, muitas vezes na escola pública a gente vê que o famoso crechão, vamo colocar o português né, creche, então eu falo que é uma coisa, éé, que parece que é histórica de uns tempos pra cá, parece que vem carregando isso, que escola é creche né,

não que não tenha, não vamos generalizar, tem pais que valorizam, mas ainda a gente tá um pouquinho aquém, apesar que lá na escola eu não vou puxar sardinha não que quando a gente tem que falar, mas eu vejo ali os professores que trabalham pra caramba e trabalha interagindo, conteúdo, corre atrás de conteúdo fora do currículo pra tá trabalhando com os alunos e eu acho que não é só dentro da nossa escola, profissional bom tem em qualquer lugar, tem profissional que não é tão bom e tem em qualquer lugar e em qualquer profissão né, e não é generalizando não, eu acho que o professor faz muito pelo muito pouco que ele tem, entendeu, pelo muito pouco que ele tem, faz bastante até, mas eu acho que tem que mudar um pouco essa visão aí do que é, do que está, de como eles enxergam a escola, de como eles enxergam o ensino, do que que eles enxergam aí naquele momento e a visão de futuro que eles não tem né, porque eles não conseguem enxergar que isso é importante pra eles hoje, e que vai gerar né, e vai gerar um futuro pra eles lá na frente, vai gerar uma mudança de vida, eles não veem isso. Então, assim, hoje, no ensino público, não são todos, a gente tem pais que tem a consciência, e tem pais que têm consciência e os alunos que não tem, eu falo assim, é uma mesmice né, eu falo que é a geração do achismo, eles acham que sabem tudo mas eles não sabem nada, e quando eles acordam pra isso, às vezes já tá um pouquinho tarde pra correr atrás de tudo, mas em relação aí ao estudo né, eu não acho que deixa assim muito aquém né, na medida do possível, currículo, isso, eu acho que falta muito ainda pra melhorar, tem que se pensar muito que quis fazer um currículo único, legal, pra quem se transfere, mas tem que se pensar também no, pra mim né, no contexto escolar, de como é esse contexto escolar né, mas em relação à conhecimento, eu não acho que deixa à desejar de material né, vamos dizer, e até mesmo pelos professores que correm atrás né. A gente tá sempre aí tentando se inovar, correndo atrás, a gente sempre tá aí tentando melhorar, reforçar, se a gente vê que uma coisa tá muito simples, muito simplista, a gente vai atrás pra tentar né, principalmente aí pro pessoal dos anos finais aí que já tá indo aí pro ensino médio. Mas não é fácil não! Eu até gosto, eu acho assim que peca em alguns momentos o nosso currículo de educação física, até mesmo pelo tanto que eles não proporcionam e não investe né, porque a gente sabe que é duas aulas por semana, tô falando da educação física, então não dá pra você ficar parando aula pra ficar, éé, preparando material, adaptando material, a gente às vezes não tem tempo pra fazer isso né, então tem uma sobrecarga muito grande, dentro do integral então, que é um monte de documento, documento, papel, papel, papel, papel, mas eu acho que não deixa à desejar não, eu só acho assim que deveria ter uma colaboração, acho não, tenho certeza, que deveria ter uma colaboração maior, não colocando, jogando o problema pra fora, aí, não é só culpa da família, eu falo que é culpa do contexto social que a gente tá vivendo. Até essa desvalorização né, conforme nossos governantes colocam aí,

quebram nossa credibilidade perante as famílias né, as famílias ficam assim, ah, se até o né, o empregador tá falando, porque que eu vou valorizar. Então eu acho que essa valorização, um olhar diferenciado né, a gente tá mostrando, a gente corre atrás, essa pandemia veio mostrar muitas coisas pra muita gente né, de ficar com seu filho em casa, de saber como que é, de conhecer, eu acho que vai ser, tomara, que venha pra alavancar aí esse olhar né, pra escola né, mudar esse olhar de creche pra um olhar mesmo de ensino, de aprendizagem, de futuro né, de perspectiva de vida. Ah, não sei se eu respondi.

Professora Giseli: Sim, respondeu. E sobre os seus sentimentos assim, porque às vezes a gente tá atuando e a gente passa por vários sentimentos, alegria, frustração, tristeza, medo, e dá um exemplo assim de algum momento que você sentiu algum sentimento assim.

Professora Mara: Ah Gi, eu acho que a gente tenta se reinventar, não é fácil, você vai, você tá acostumada, pra gente que é do movimento, pra gente que é do lugar aberto, pra gente que é do ar livre, você hoje estar na frente de uma câmera, que nunca foi uma coisa que me atraiu muito, eu usava, sempre usei, sempre foi uma ferramenta que eu utilizei nas minhas aulas, de tá usando slide, que eu tive que aprender né, que eu achava né, pra mim, eu preciso né, preciso aprender, preciso melhorar, preciso dinamizar as minhas aulas né, não só ficar ali né, e lançar mão dos vídeos, dos slides né, pra tá, éé, chamando a atenção, incrementando a minha aula, melhorando a minha aula né, mas assim, quando, às vezes, você tá ali dando aula e de repente aquelas câmeras todas fechadas e você tá ali implorando pros alunos abrirem, é muito frustrante né, porque você quer ver ali a reação das pessoas. Eu falo pra eles, olha gente, é gostoso quando vocês abrem a câmera porque eu tô olhando pra vocês, eu sei se vocês concordaram com o que eu falei ou não porque o corpo fala, eu falo sempre isso, o corpo fala, então se eu falei alguma coisa que vocês não gostaram, ainda eu brinco com eles, ah, quando a sua mãe manda você ir lavar louça e você não quer, como que você faz, hum, eu brinco com eles, ah, professora é assim mesmo, então, então essa interação de poder tá olhando vocês, eu sei que vocês né, tem vergonha, é isso, mas é bacana porque vai me dando um feedback do que vocês estão achando da aula. Ah, eu já até dancei com vassoura, eu tô fazendo aula prática, que se eles estão fazendo ou não, tem sempre um ou outro que abre, eu já cheguei a ter uma participação na minha aula e dei aula prática, eu fiz a minha aula prática, eu e o meu aluno, ainda ele brincou, é professora, eu tô de personal hoje! Então assim, é frustrante, é frustrante porque por mais que você queira atingir, por mais que você brinque, por mais que você vai usando, com o pessoal do ensino médio eu boto musiquinha antes de começar a aula né, pra chamar a atenção, pra eles quebrar um pouco o gelo, coloca lá, bom dia, o sol já nasceu na fazendinha! E eles dão risada, eles falam, professora, o que tá acontecendo? É pra vocês acordarem! Então eu coloco uns recursos

lá de vídeo, coloco música, coloco rock pesado, nossa professora, acabei de acordar! Então, é pra você ficar alerta! Então a gente vai, vai tentando fazer de tudo um pouco. Já me, ó, fantasiei, já fiz coraçãozinho pra utilizar, falo, ó, aqui ó, tal coisa, tal coisa, ó, assim ó, um quatro, olha, azul você vai pra direita, e fiz coraçãozinho, e falam, mas professora, por que que você não fala a cor? Não, eu quero que vocês prestem atenção, eu quero que vocês olham, eu não vou falar, eu quero que vocês olhem o coração e vocês vão fazer o movimento aí da cor que tá. Mas é frustrante né Gi, a gente é muito contato, a gente é muito, assim, próximo né, olho no olho, a gente tem esse contato, então eu confesso que isso, assim, pra mim, pesou, pra quem é ligada nos duzentos e vinte, pra quem não pára né, tem que parar a vida né, a minha vida pessoal de não fazer mais nada, porque eu não tô fazendo mais nada, não tô jogando vôlei, não tô indo pra academia, não tô fazendo nada porque eu abdiquei, eu tenho meus pais, então, assim, eu achei que, mas, enquanto professora, é complicado você ter que ficar na frente da câmera e ter que realizar né as suas aulas, eu tentei inovar, tentei dar as minhas aulas práticas na medida do possível, dei né, pra quem estava lá, se todo mundo fez né, mas se um já fez, às vezes é essa né, a gente às vezes pensa na quantidade, mas a gente tem que pensar na qualidade, se aquele um fez e fala, pô professora, que dez, que legal, nossa professora, suei bastante, poxa, que legal, tá pago o de hoje! Então, a gente se agarra a isso, eu falo que professor, o mínimo já tá bom, já se satisfaz né, pra gente poder continuar minimalista né! Mas é isso.

Professora Giseli: Você acha que o professor, ele consegue se auto motivar sozinho?

Professora Mara: Ah, tem dia que consegue Gi! Mas nem todos os dias não! Eu vou confessar que tem dias que, nossa, eu olho no espelho, passo até batom, passo uma base pra mudar a cara, pra ver se né, tento respirar fundo. Vou falar a verdade pra você, mas tem dia que eu não tô não, mas eu sou sincera com eles, principalmente com o ensino médio, eu falo, olha, hoje eu não tô legal, éé, eu vou fazer aqui, se vocês precisarem interromper, me interrompam, eu espero que vocês colaborem comigo na aula porque hoje eu não tô bem! Né, eu sou bem sincera com eles em relação a isso, pode até ser errado, mas que nem semana passada eu perdi meu tio, e falei pra eles, olha gente, falei assim, colaborem comigo hoje porque aconteceu isso, aí eu respirei fundo, falei opa, minha vida continua, e eles, não professora, vai de boa, se precisar parar a senhora pára! Então, assim, eu tento ser transparente com eles pra eles entenderem que nós também somos seres humanos, que nós também temos sentimentos, que a gente, como eles, tem dias que não tá bem, eu falo pra eles que levanta com o pé esquerdo, tá de ovo virado, que olha pro espelho e fala meu Deus! Pra eles aprenderem, eu falo pra eles, vocês vão ter que lidar aí na sociedade, e vai ser assim, tem dias que você vai levantar muito bem, tem dia que você não vai, e você não pode descontar nos outros aquilo que você tá sentindo.

Professora Giseli: E o quê que você espera pro futuro?

Professora Mara: Seres humanos melhores rsrs! Se eu fosse falar assim, um mundo melhor, eu seria hipócrita, o mundo é bom, quem é ruim é o ser humano, então seres humanos melhores! Que essa pandemia aí né mostre, e vem já mostrando que nós não somos nada né, que nós, não importa título, não importa a condição social, financeira, você, quando acabou, acabou mesmo, e o fim é certo pra todo mundo, é aquele onde você não leva nada, então a gente tem que ter mais empatia pelo próximo, mais amor ao próximo e entender e deixar de ser egoísta. Eu falo que o ser humano é muito egoísta, então eu desejo aí seres humanos melhores né! Que eles respeitem um ao outro e valorizem um ao outro né! Valorização aí da nossa classe né! Valorização aí dos nossos professores! Valorização pros nossos alunos também, que a gente sabe que educação não é prioridade dentro do nosso, não só do nosso Estado, do nosso país, então que a gente possa ter aí governantes que tenham né, tenham senso né, que não sejam tão egoístas e pensem só neles aí, então, eu gostaria muito aí de seres humanos melhores, que eu acho que um ser humano melhor, ele vai fazer um mundo melhor. Que a gente seja valorizado, que a gente tenha piscina na escola kkkkkk!

Professora Giseli: Ah, isso sim hein, ó!

Professora Mara: Eu queria uma pista de atletismo na escola, que a gente tenha material rs!

Professora Giseli: Rsrs! Mara, sobre a formação continuada que o Estado oferece, assim, pra gente, o que que você acha, qual é a sua opinião?

Professora Mara: Bom, pra gente aí né aumentar os nossos pontos aí é uma boa né, pra melhorar a nossa carreira, mas eu acho que a gente poderia ter coisas mais específicas pra nossa área né Gi, porque a gente tem assim uma coisa mais global né, ah, pedagogia, isso e aquilo, mas assim, realmente direcionado né, nem que fosse pras áreas então né, linguagens né, lá pra área de ciências humanas, matemática, mas assim eu acho que fica muito restrito português e matemática, eu acho que eles deveriam fazer, quanto tempo faz que a gente não tem uma formação de educação física né, e também quando vai ter essa formação, não é uma coisa assim, é mais pra falar da parte, mais assim, burocrática né. Vamo trabalhar um pouquinho a teoria, mas vamo conciliar a prática né, vamo aí, até mesmo pros novos que tão iniciando, como que é né, como que eu posso agir, então é trabalhar mais assim aquela base pra esses professores que estão chegando dentro de uma escola, pra eles entenderem. E trabalhar a prática também, por que né, que a gente não pode atrelar uma coisa à outra, não tô dizendo que é pra desvincular, que não tem como desvincular, a gente tem que saber o que a gente tá fazendo. Se eu cobro isso do meu aluno eu tenho que fazer isso também pra entender né. Mas eu acho que tinha que ter mais formações direcionadas pra nossa disciplina, que falta!

Professora Giseli: Foi a mesma coisa que o último entrevistado falou, a mesma coisa! Que assim, às vezes, foca, assim, no geral, e esquece da nossa área mesmo. E qual que é a relevância social do professor, pra você, assim, qual que é a relevância social do trabalho do professor?

Professora Mara: Nossa, eu acho que é essencial, eu acho que ela é assim, muito efetiva, porque a gente fica, ó, eu quarenta horas dentro da escola, eu vou falar por mim, esses alunos têm mais contato conosco do que com a própria família. Eu falo assim que a presença do professor, ela é mais ainda, chega a ser, dependendo da criança, mais efetiva, mais forte, mais relevante do que dentro de casa, da família. Até né é difícil falar isso, mas não é, até mesmo porque o pai, éé, o pai e a mãe tão deixando de lado, o pai e a mãe, éé, a gente sabe que nos dias de hoje, eles precisam trabalhar pra sustentar né, e a gente acaba tendo aí um papel primordial no exemplo né, e até mesmo aí, éé, não só no exemplo de ser humano, de profissional, mas acaba sendo ali o psicólogo, o terapeuta, a gente tem um papel muito grande dentro da vida dos alunos né. E em relação à formação, não só a formação de conhecimentos, mas a formação do ser humano, de vida, do cidadão, eu falo que professor, hoje em dia, ele é o maior exemplo ali né, dentro desse contexto que os nossos alunos vivem, pra muitos. Tem gente que não vê o pai, porque quando o pai chega, já tá dormindo né! Essa loucura do nosso dia-a-dia aí, por mais das vezes que os pais tente né, não são todos, mas muitas vezes aí os pais até tentam, mas aí eu falo que a convivência com a família é, hoje em dia, ela é muito pequena né! Eles convivem mais com a gente dentro da escola do que com os pais em casa, então, é um papel do professor hoje, não tem, éé, como falar assim, ai, professor é só uma coisa à parte, não, aquela coisa que eu ouvia da minha mãe, que professor é como pai e mãe né, e a gente vê isso, que a escola é a segunda casa, tipo, pra alguns alunos é a primeira, e a maior referência que eles tem, éé, às vezes, é algum professor que eles se identificam mais.

Professora Giseli: Você pode citar um momento marcante, assim, da sua carreira, até o momento?

Professora Mara: Nossa Gi, a gente tem tanta coisa né? A gente tem tanta coisa, mas assim, eu acho que, vou citar uma que assim né, pra mim, foi muito legal foi quando cinco alunos meus, sete na realidade, mas eu tenho três alunos, quatro, um entrou um ano antes, mas que escolheram educação física, prestaram Unesp, passaram, tão fazendo Unesp, e mais outros dois tão fazendo educação física né, no particular, não na Unesp, mas também prestaram, e o agradecimento deles né, e assim, você ouvir assim, você é minha inspiração e eu tô fazendo educação física por tua causa, é assim, eu acho que não tem muito o que falar né Gi!

Professora Giseli: É emocionante!

Professora Mara: Nossa, e mães né, então é, às vezes, por causa né desses detalhes assim, essas coisinhas aí que às vezes as pessoas acham que não faz, mas faz, mãe mandando mensagem falando assim, pô professora, você foi inspiração pro meu filho, se ele é o que é hoje, eu devo à você, ele escolheu o curso certo, ele se inspirou em você. E, às vezes, assim, um aluno coloca lá né, ai, professor de educação física né, nunca vi um professor de educação física jogando bola e isso e aquilo, e o seu aluno embaixo, pois eu vi a minha, a minha joga badminton, a minha joga tênis, a minha joga futebol né, então, é gostoso que, você vê que se nem todos viram, alguém viu né, então, alguém valorizou, então tá bom né, então você tá fazendo a coisa certa.

Professora Giseli: E você já pensou em exonerar alguma vez? Já passou pela sua cabeça?

Professora Mara: Já rs!

Professora Giseli: O que aconteceu, assim, que você falou, vou exonerar!

Professora Mara: Já! É quando você vê assim, que você fala assim, poxa vida, eu queria fazer tanta coisa, eu queria poder fazer mais, mas, às vezes, você se sente engessado né. No começo, quando eu entrei, eu tinha uma visão diferente né, eu achava né, quando a gente entra, a gente acha que vai mudar o mundo, que a gente vai mudar muita coisa, e quando a gente ingressa, que a gente vê que a realidade é totalmente outra né. No começo, eu sempre falei que o Estado engessa a gente né, você vai ficando tão desmotivado que você acaba deixando você de lado, a sua profissão de lado e vai seguindo o fluxo né. Mas aí, vem alguns momentos, como eu falei pra você, algum aluninho, ou isso, ou aquilo, que você vai vendo que você vai fazendo a diferença, falo não, eu não posso cair na mesmice, independente do que for, você tem que fazer a sua parte né, então faça o seu melhor, enquanto você estiver lá, faça o seu melhor! Então, eu sigo, por mais que tenha dia que a gente desanima, eu sigo assim, sempre pensando no fazer o meu melhor né, fazer sempre um pouco mais do que eu posso.

Professora Giseli: Eu acho que você já respondeu a próxima que eu ia perguntar, qual que é era o vínculo que você criava pra se manter né na carreira, e você acabou falando né, essa recompensa do retorno né do seu trabalho.

Professora Mara: Que você fez a diferença, que você, de repente, fez alguma atividade que, né, você conseguiu atingir um maior número de pessoas, você atingiu aquele que nunca você né, que sempre ficava ali no cantinho, e você vê que você conseguiu fazer, ou, às vezes, a pessoa até não gostava de fazer, mas vai fazer porque gosta de você, tá bom professora, eu vô fazê! Né, então, é isso que te faz levantar todo dia e falar assim, você vai fazer a diferença na vida de alguém!

Professora Giseli: Então, se alguém te perguntar agora se você se sente realizada com a sua profissão, você vai falar sim ou não?

Professora Mara: Sim! Acho que eu tenho que realizar mais coisas, mas hoje eu não posso reclamar não. Tem as adversidades né, o fator externo né, mas internamente, eu sou feliz com que eu faço, eu amo o que eu faço!

Professora Giseli: E você acha que você se esforçou adequadamente pra fazer jus ao título de professor?

Professora Mara: Ah, me esforcei! E me esforço todo dia viu Gi! Me esforcei sim porque foi uma batalha né, foi uma batalha! Às vezes as pessoas falam, ah, estudei com bolsa de estudo, eu sempre tive bolsa de estudo, meu pai e minha mãe abdicaram de coisas né, família humilde, simples, então, tudo que eu consegui até hoje foi através do esporte, eu devo a minha formação ao esporte, mas tudo com muito sacrifício, não foi nada fácil não!

Professora Giseli: E você acha que é possível pro professor separar a vida pessoal da profissional? Você acha que o professor consegue separar o pessoal do profissional?

Professora Mara: Olha Gi, hoje eu tento! Eu acho que eu mudei muito aí essa questão, até mesmo pra um bem físico, um bem físico, mental né, porque senão a gente acorda escola, almoça escola e janta escola né, então, a gente tem que saber dividir e separar isso, à duras penas, não é fácil! Falar que a gente consegue de primeira, a gente não consegue, porque você fala, não vou me envolver, mas a gente, eu falo, o pessoal da educa é muito sentimental rs, a gente, não só da educa, outros de qualquer um, eu falo por ter esse contato mais próximo que a gente tem, por mais que a gente não queria, a gente acaba tendo né, esse olhar aí, diferenciado, é aluno que às vezes vem falar da sua vida pessoal, e você fala não vou me envolver, não vou me envolver, mas isso acaba tocando, a gente é muito sentimento, muito coração. Não sei se ser humano consegue, não sei se eu conseguiria ser diferente, mas hoje eu vou dizer pra você, até pro meu bem-estar físico né, pra eu poder tá aí junto com a minha família e eu ter qualidade de vida, eu tô tentando tá, eu melhorei bastante nisso rs, melhorei muito, melhorei muito, mas ainda, ainda não sou cem por cento não.

Professora Giseli: Então, resumindo, assim, os aspectos negativos, assim, que causam desmotivação, desencantamento, essas coisas, o que que você citaria, que são a parte negativa, que causa desmotivação, então, no professor? Resumindo.

Professora Mara: Olha, eu acho que uma das principais né, que eu falei né, essa desvalorização, lógico, né, éé, questão salarial, também entra, pô, né! As pessoas falam muito, mas não sabem o que é o contexto dentro da escola. E também, eu falo assim, que veio uma coisa lá de cima né, de quem tá lá coordenando né, não sabem o contexto escolar, e muitas vezes né, vem impondo, colocam, mandam, faça isso, faça aquilo, desmandos e desmandos, então eu acho que a gente sofre muito aí, éé, em relação a gestão, a gestão dentro da secretaria, a gestão dentro da

nossa diretoria, a gestão até mesmo dentro da escola né, porque, às vezes, eles esquecem o lado humano do professor, ele esquece que professor tem lado humano né. Se visa muito, aí, o aluno, mas esquece que o professor é um ser humano né, e que antes de você ter um cargo, você é um professor né, o diretor foi um professor, o vice-diretor foi um professor, o coordenador foi um professor, e assim, a gente não tem um poder de cátedra né, muitas vezes né, a gente não tem um poder, falam né, ah, a escola, ela é um espaço democrático, e a gente sabe que nem sempre a escola é um espaço democrático né, que, às vezes, a gente se priva de fazer alguma coisa porque, aí, não pode, aí, não, porque isso, aí, não, porque aquilo, e você tá tentando fazer uma coisa pra melhorar né sua aula, pra dar um conhecimento, pra fazer uma diferença na vida desses alunos né, pra fazer uma aula diversificada, pra você né tá aí melhorando a sua metodologia, a didática, o ensino né, aprofundando alguns conteúdos, e a gente fica ali, barrado ali na burocracia né, pra não dizer burrocracia, então, muitas vezes, alguns desmandos que vem lá de cima e que as pessoas obedecem fielmente né, como se aquilo fosse, eu falo, como se fosse a bíblia né, que a bíblia é a bíblia, é um livro único né, e as pessoas, às vezes, seguem e não veem o contexto, cada escola é um contexto, cada escola é um contexto. Eu acho que a gente tinha que ter um poder de cátedra um pouquinho maior dentro da escola né, às vezes, não sei se tanta burocracia, às vezes, vai fazer diferença na vida do aluno, eu acho que não se pensa muito no que é próprio pro aluno, será que aquilo vai fazer diferença na vida dele, será que aquilo vai ser significativo, então eu acho que tinha que ressignificar aí algumas coisas aí em relação à isso, isso às vezes te frustra!

Professora Giseli: Verdade! E os pontos positivos, resumindo, ao longo de sua carreira?

Professora Mara: É os alunos kkk!

Professora Giseli: Os alunos kkk?

Professora Mara: Os alunos kkk!

Professora Giseli: Que te motivam a continuar né?

Professora Mara: É, porque, eu falo né, que o problema não é, não é, às vezes, o pessoal fala assim, aí, eu já fui coordenadora né Gi, você sabe, então, eu falo assim, qual que é o problema? Os alunos são o problema? Eu falo assim, não, os professores, não são todos, mas alguns a gente sabe que tem, não é só aluno que é difícil, tem professor que é difícil né, mas eu falo assim, me realizar profissionalmente praticamente já era pra eu estar aposentada mas não tenho idade, eu tenho trinta e três anos aí recolhidos de imposto né, então eu já podia tá saindo, mas sou novinha Gi, não tenho idade, mas é você se sentir viva! Porque, às vezes, você chega, você tá tão desanimado, às vezes, você chega na escola e você vê, ô Profª, vai ter aula né? Ô Profª, hehe (faz coração com a mão), a época do coraçãozinho, e você fala assim, poxa né, te acalma o

coração né, eu falo assim, passa a mãozinha no coração né. Se bem que hoje, a gente chega e tem que manter o distanciamento, mas mesmo assim né, você vê ô Prof^a, ô Pro, ô Pro, mesmo no final da aula, às vezes né, você tá ali no final da aula online, você dá tchau, eles, tchau Pro, brigado pela aula, brigado, beijo, tchau, manda coraçãozinho, eu falo né, isso aquece teu coração né, isso faz com que você fale assim, não, vale a pena, vamo continuar, estamos fazendo a diferença!

Professora Giseli: Você já respondeu a próxima, que é o que te faz superar os problemas e as dificuldades né! Então, é isso que te faz superar, então, os problemas e as dificuldades! Às vezes, acontece, assim, de a gente ter alguma situação que a gente fala, não vou conseguir resolver, impossível né, a gente passa por isso na escola, aí a gente fica com aquela, nossa, sou incapaz de conseguir resolver essa situação, o que que eu vou fazer? Então, assim, qual estratégia que você utiliza nessa hora que chega que você fala, nossa, não vou conseguir resolver, o que que eu faço? Que estratégia que você faz pra fugir da situação ou pra resolver, assim, a situação?

Professora Mara: Vixe Gi, eu, bom, assim, éé, eu sou, como minhas amigas dizem, eu sou a super sincera rs, eu tenho esse grave problema de não mandar recado, falar né! Isso é bom? Não, nem sempre é bom! Ah, me orgulho disso? Não! Mas, assim, eu tento dialogar, dependendo da situação né, porque são n situações, como eu falei pra você, tem os entraves, mas o que eu tento fazer? Eu tento deixar as minhas coisas todas em dia, eu tento fazer o meu trabalho da melhor forma possível, eu tento não dar o que falar porque quando eu preciso de alguma coisa, as pessoas não podem jogar na minha cara né, qualquer coisa, então, eu, assim, eu me respaldo né, pra ter, ali, depois, não é uma arma mas ter argumentos, então, assim, eu tento argumentar se foi em relação, ah, mas por que não né, tento mostrar né, olha, mas é isso, isso, muitas vezes eu me responsabilizo por isso, muitas vezes a gente sabe que a gente não pode fazer isso mas a gente faz, se for em relação à material, antigamente eu já tive muita né, muito, como se diz, muita frustração em relação à isso, mas quando eu, já mais ou menos, vou pesquisando antes, vejo, peço pros alunos, se for em relação à material, eu tento fazer várias parcerias né, nesse online agora não dá, mas parcerias pras pessoas estarem indo, eu acho bem bacana ter uma fala diferenciada de uma outra pessoa, um outro olhar, uma outra forma de explicar, então, eu tento correr atrás, éé, não só dentro da escola mas fora da escola ajuda né, pra poder tá resolvendo isso dentro da nossa disciplina né. Até mesmo algumas coisas, conteúdos que, eu falo, eu sei, mas eu sei o básico, e eu queria que fosse mais aprofundado, então eu vou atrás de outras pessoas, eu não tenho vergonha disso não, eu vou atrás de outras pessoas, eu falo, você sabe mais, você não pode fazer uma palestra? Explicar? Eu acho que por

mais que eu estude, eu ainda acho que o meu conhecimento disso é raso, então, eu acho que a gente tem que saber até onde a gente pode ir né Gi, e delegar. Eu não tenho vergonha disso não, de delegar ações e de pedir ajuda, de correr atrás, entendeu, eu acho que a gente precisa, é uma troca, hoje você me ajuda, amanhã eu te ajudo, e a gente vai fazendo isso né. Então, assim, eu tento resolver pensando sempre no bem-estar do meu aluno, vai fazer, vai dar certo, vai ser bom pra eles né, e tento resolver, dependendo do que for, junto com eles.

Professora Giseli: Então, assim, pelo que eu percebi né, ao longo da entrevista, na sua fala, que você atribuiu o seu aprendizado né da profissão de professor, você falou assim, de toda a sua vida, de toda a sua experiência, desde atleta até a formação, e até a sua experiência no cotidiano, assim, então, você, é correto assim, você atribui a todos esses elementos né?

Professora Mara: É.

Professora Giseli: Você acha que precisa ter uma recompensa ou um privilégio pro professor pra se motivar? Você acha que é necessário ter alguma recompensa pra ele, pra motivar o professor?

Professora Mara: Não, eu acho que ele deveria ter um salário justo todo mês. Eu acho que não precisa ter recompensa, não. Isso de recompensa é um toma lá da cá, eu não acho isso legal, nunca gostei disso, olha, se você tirar dez eu te dou um bombom, olha, se você tirar dez eu te dou um celular, não. Eu falo assim que se a gente tivesse um salário justo todo mês, porque você trabalha, todo mês você trabalha quatro semanas aí né, por mês né, não é brincadeira né, então, se você fosse valorizada todo mês eu acho que você não precisaria de nenhuma recompensa, de nenhum troféu e nenhum bônus lá no outro ano.

Professora Giseli: E sobre a visão da sociedade com relação ao professor de educação física, como que você acha que a sociedade vê o professor de educação física?

Professora Mara: Infelizmente, ainda vê, os mais novos não né, tão mudando, até mesmo aí pra essa questão da atividade física né, pras questões dos padrões de beleza, estão indo mais pra academia né, mas valorizam mais os professores da academia, os personal, e não entende né que um personal também passou pela mão de um professor né, mas eu acho que o pessoal mais novo, ele tá vendo né, essa diferença, tanto que dentro da escola eles falam professora, você vai dar um fut hoje, eu falo não, fut tem no Gererê, no Noroeste, então eles já, já, né, eu não tenho tanto problema em relação à isso, lógico que, de vez em quando você tem que deixar, poxa, né, seria até ridículo da minha parte não fazer isso, porque faz parte do contexto da vida deles né, é da nossa história né, do brasileiro, mas eu acho que o pessoal mais novo mudou. O pessoal mais antigo, às vezes, me perguntam, mas você dá aula teórica? Nossa, mas você fala sobre isso? Porque, lá atrás, era a queimada, era o futebol, mas também não recrimino o pessoal lá

porque não tinha material também, então fazia o que podia né. Às vezes, a gente recrimina muito, mas não olha qual era o contexto lá atrás, e não é assim. Você vai pegar aí trinta e cinco crianças e uma bola, você vai fazer o quê? E a gente sabe né, lógico, tem a boa vontade né, também vai do profissional, mas a gente não pode só recriminar. Mas, eu acho que esse pessoal mais novo aí, eles têm uma visão, não cem por cento, mas um pouco mais melhorada sim da nossa profissão da educação física.

Professora Giseli: E, na sua opinião, qual que é a base do trabalho do professor de educação física na escola? Qual que é a base do nosso trabalho?

Professora Mara: Ah, eu gosto muito de trabalhar com a consciência, a conscientização né. Eu brinco, a questão do Se-movimentar né, a gente falar pra eles, eu acho assim, que não é assim, éé, o esporte propriamente dito né, a gente fala muito, mas eu falo assim, a questão deles saberem o que eles estão fazendo e o porquê do que eles estão fazendo, e o autoconhecimento né, ah, eu não consigo, eu falo assim, mas você já tentou? Então, assim, eles saberem se conhecer, saber entender o funcionamento do seu corpo, do seu organismo, dos seus limites, respeitarem né os seus limites, mas também se, éé, não dar o braço a torcer, não serem, não desistirem né, sempre tentar buscar, não se compararem aos outros, cada um, eu sempre falo, cada um é cada um, somos um ser único, então, assim, eu tenho que trabalhar, não é assim, aí, tal esporte e vamo embora, não, ó, presta atenção, a consciência corporal, respeite seus limites, mas também desafie né, o desafio, então eu falo assim, o desafio. Eu desafio muito eles né, eu brinco, eu falo assim, mas, você já tentou? Se não tentou, então eu falo assim, primeiramente, é se conhecer né, e se desafiar, eu falo pra eles, se desafiem, ah, mas eu não, se desafie, tente, experimente, eu falo pra eles, depois você vai poder dar um diagnóstico daquilo que você fez. Eu acho que o desafiar aí né e o autoconhecimento, o respeitar a si próprio, eu falo não, não, você não é, você não pode olhar o outro, você tem que olhar pra você, o outro é o outro, você é você, então, essa valorização pessoal, cada um é bom, eu falo pra eles, cada um é bom naquilo que faz, mas isso não quer dizer que ninguém possa fazer tudo, dentro dos seus limites.

Professora Giseli: E você diria que a profissão de professor, ela tá desconectada de seus pressupostos?

Professora Mara: Não rs. Mesmo porque eu acho que a gente não consegue né Gi, a gente não consegue se desvincular disso, não, desconectar, não consegue, quando você vê você tá lá, poxa, não consegue, tô fazendo isso, tô fazendo aquilo. Eu acho que não dá.

Professora Giseli: E seguindo o caminho né?

Professora Mara: E seguindo o caminho.

Professora Giseli: Sobre o título de herói, você acha, assim, você encara o professor como sendo um herói? Você acha que dá pra atribuir esse título de herói ao professor? Você se sente uma heroína?

Professora Mara: Nossa, olha, me pegou agora hein! Eu sempre falo né que professor é herói mesmo porque ele combate tantas coisas dentro da escola né, mas assim, nunca me atribuí, eu, como heroína, nunca pensei, atribui pro outro mas não pensei assim, éé, eu né, como heroína. Mas eu acho, assim, que o professor, ele é porque ele mata um leão todo dia né, ele, muitas vezes, ele monta sua aula, chega lá, aconteceu alguma coisa, que nem agora, online, você chega lá, cadê, caiu a internet, ai, não deu, o notebook não tá aparecendo a câmera, é isso e aquilo, e a gente tem que se virar nos trinta, a gente tem que, éé, sempre ter uma carta na manga né, sempre ter um coringa, então eu acho que a gente, às vezes, pássa sim do profissional né, até pra ser aí um herói, e se virar nos trinta pra conseguir fazer o seu melhor né, dar o seu melhor pro seu aluno né. Eu acho que a gente sempre procura mais, agora, eu assim, eu brinco com meus alunos, que eu falo, olha gente, eu não sou exemplo pra ninguém, eu falei assim, às vezes eles perguntam as coisas e eu falo, olha, eu tô falando o que aconteceu na minha vida, mas não sou exemplo pra ninguém não, cada um é cada um, mas eu acho que a gente tem que dar o seu melhor. Então, assim, se tentar dar o seu melhor, realizar um bom trabalho, é o que eu sempre penso todo dia, que eu preciso realizar um bom trabalho, eu gosto de procurar né, até uma professora falou pra mim, ah Mara, que legal, eu dou aula de projeto de vida né Gi, então, educação física e projeto de vida né, então eu levo muito, assim, exemplos né também do esporte no projeto de vida e, às vezes, eu pego outros exemplos, e a professora de arte falava, nossa Mara, você usa arte também nas suas aulas de projeto de vida né, então, se dar o seu melhor é ser, é você ganhar esse título de herói né, é você sempre buscar melhorar, então, vou atribuir esse título também pra mim rs.

Professora Giseli: E tem muita coisa na escola que é imposta né, que vem de cima pra baixo, você segue à risca, assim, todas essas coisas impostas, assim, essas normas, ações?

Professora Mara: Olha Gi, eu vou ser bem sincera! Na parte burocrática de documento não tem como fugir tá, de realizar os documentos né, às vezes a gente atrasa uma data ou outra mas eu vou ser bem sincera, a minha sala de aula, quem manda sou eu rs!

Professora Giseli: É isso mesmo rs!

Professora Mara: Na minha sala de aula, quem manda sou eu, entendeu? Então, eu faço, ah, mas, não, eu sei o que eu tô fazendo. Eu falei assim, olha, eu tenho quarenta e oito anos de idade, eu lido com criança desde os quatorze, se eu não souber o que eu tô fazendo, então, eu posso sair dessa profissão. Então, assim, dentro da minha sala de aula, que às vezes, ah, mas a,

não, mas a tal atividade que o caderno tá propondo não vai ser relevante pra eles, então eu vou fazer essa que pra mim vai ser mais relevante pra eles do que esse negócio aí do passo-a-passo, eu trabalho o tema, eu trabalho o conteúdo, mas eu vou ser bem sincera, tem passo-a-passo, que se a gente for seguir dentro daquele currículo, ninguém vai querer ir pra sua aula de educação física. Agora faça tal, agora faça tal, então não, eu acho que a gente não tempo muito com duas aulas na semana pra ficar passo-a-passo, são só duas, aí a gente não consegue, éé, realmente atingir o aluno e fazer aquilo que você quer, e você sabe que eles gostam da prática também. Não desvinculo, mas eu tento, éé, né, dar o geral no começo e durante a prática eu vou falando pra eles, e depois, numa retomada, eu falo ó, tal coisa, vocês viram, fez isso, isso, isso, mas se for seguir à risca passo-a-passo, então assim, minha sala de aula, minhas regras rs!

Professora Giseli: Sim! Estamos quase acabando aqui ó! Agora, pensando na sua vida, ao longo da sua vida, nos professores que você teve desde pequenininha, adolescência, a graduação, até hoje, todos os professores que você teve, éé, teve alguma coisa que te marcou, um professor especial assim, que você pode citar em um momento marcante?

Professora Mara: Nossa, eu tive tantos, que eu falo assim que eu tive uma leva de professores maravilhosos, que, assim, cada um né, com o seu modo, cada um, mas eu falo assim que eu tive uma professora na terceira série, professora Marília, éé, sempre gostei de estudar, o pessoal tira sarro de mim, fala que eu sou louca, que eu isso, que eu aquilo, que eu devia dar trabalho na escola, mas eu nunca dei trabalho na escola, nunca repeti de ano, nunca tirei nota vermelha, nunca matei aula, ninguém acredita né, então, assim, minha mãe tem guardada as minhas carteirinhas até hoje, e a dona, eu era a aluna, aquele ano eu lembro que ganhei uma homenagem porque eu não faltei nenhum dia na escola, na minha terceira série, e eu era a primeira aluna da sala, e eu criei um vínculo com essa professora, a dona Marília, que eu lembro que um dia eu sai atrasada de casa, eu tinha prova, eu fui correndo, correndo, eu era muito branquinha, cheguei na escola assim, seu Filomeno tava fechando a porta, pra você ver como foi marcante porque até o nome eu lembro, eu falei assim, eu tenho prova, eu tenho prova, cheguei chorando, subi aquelas escadarias da escola, a escola era imensa, quando eu virei no corredor, a dona Marília tava na porta me esperando, ela não tinha começado a prova. E eu cheguei chorando e ela veio me encontrar de braços abertos e me abraçou e eu abracei ela e chorei, chorei, chorei, chorei, e falei pra ela assim, eu tô atrasada Pro, você me perdoa? Ela falou assim, eu te perdoo meu amor, vai lá lavar seu rosto, ela foi lá e buscou um copo de água pra mim, me deu água, me colocou sentada perto da carteira dela pra eu poder fazer a prova. Então, assim, não tem como desvincular né, fala assim, que professor vive à parte, vai lá, dá sua aula e sai, porque não dá

né! Então, foi uma coisa que me marcou muito né, ela não começou a prova enquanto eu não cheguei, então isso, éé, né, é muito gratificante! Eu falo que é o que mais marcou rs.

Professora Giseli: Encheu meu olho de lágrima aqui!

Professora Mara: Nossa, é, eu não posso nem começar à falar muito aqui que, eu tenho, assim, loucura de poder reencontrar com ela, porque ela foi essencial na minha vida, eu achei lindo, que lindo a atitude dela né? Eu era criança, ela podia tá à parte né, mas não, ela foi assim, essencial!

Professora Giseli: Então qual foi o legado de todos os professores, assim, que você teve na sua vida pra você? Qual foi o legado deles pra você?

Professora Mara: Nossa, assim, eu falo que foi aquele legado de profissionalismo Gi, porque eu tenho, se eu for falar pra você, desde o meu primeiro ano eu tenho coisas boas pra falar dos meus professores, eu não posso, até na Universidade, até na pós-graduação, a gente sempre tem professores ali que, éé, que você vê que fazem, com prazer aquilo que estão fazendo, então, assim, o amor à profissão né, o amor à profissão. Por mais, às vezes, que você seja desvalorizado, você, éé, faz por amor, você faz porque você gosta e você faz com profissionalismo, você faz com o coração, é uma mistura de tudo né, é um conjunto que forma uma coisa tão linda, uma ação tão linda né?!

Professora Giseli: E você tem algum colega de trabalho, professor de educação física, que você pode citar como exemplo, que você admira, um companheiro de trabalho da educação física?

Professora Mara: Ó, eu tenho, o Rodrigo! Nossa, eu admiro o Rodrigo, acho o Rodrigo um cara máximo, falei dele essa semana! Eu falo assim, gente, éé, falei dele essa semana, falei assim, pô, o Rodrigo, um cara, assim, tem um mestrado, você também né Gi, a humildade, eu falo assim que é tão gostoso né, as pessoas, muitas pessoas tem os títulos e aqueles títulos sobem à cabeça, o Rodrigo aí fez mestrado, tá no doutorado, tá lá no colégio, o cara é a mesma coisa sempre, sempre pronto pra ajudar quando você precisa, você manda uma mensagem pra ele, ele, não, vamo lá, vamos fazer, então, assim, eu admiro muito o Rodrigo, é um cara assim, tem várias né, dentro da nossa D.E. de Bauru a gente tem tanta gente boa né, que faz seu trabalho, a gente vê né, que faz um trabalho bacana! Mas o Rodrigo, eu confesso que é um cara, assim, que eu admiro muito!

Professora Giseli: E você acha que a gente né, os professores de educação física, a gente sabe trocar experiência? Como, assim, você acha que a gente consegue trocar experiência?

Professora Mara: Ah, eu acho Gi que a gente tem uma turma boa de educação física lá em Bauru, e eu acho que a gente consegue trocar bem sim, eu acho que a gente consegue se ajudar bastante e trocar informações, porque eu falo por mim, eu sempre tô trocando, eu sempre tô

perguntando né, e quando a gente pode ajudar a gente ajuda, e quando a gente não pode, a gente fala, olha, tal pessoa ajuda. Eu acho que a gente consegue sim fazer bem isso.

Professora Giseli: E quais meios, assim, como que a gente faz pra conseguir trocar experiência, assim?

Professora Mara: Ah, online né Gi, porque pessoalmente, na nossa correria né! Mas eu já cheguei trocar material, de buscar material em outra escola, de ceder meu material pra outra escola né, e a pessoa ir buscar, éé, fazer essa trocas aí por e-mail, mandando material, mandando site, mandando inscrição de alguns cursos que vão ter, palestra, então a gente sempre tá ali né, ó, vai acontecer tal coisa, sempre tá informando um ao outro né.

Professora Giseli: E você acredita na neutralidade da educação? Você acha que o professor pode ser neutro?

Professora Mara: Ah, eu não acredito não! Eu acho que não dá pra você, né, ficar neutro do que tá acontecendo né! Você tá falando fora do contexto da escola, dentro do contexto, não, não tem como. Mesmo, porque, a gente trabalha, vamos dizer, éé, com informações também, então não dá pra você se fechar né, eu falo que o estudo transcende né, que é uma fala né, os muros da escola, então você tem que trabalhar o cotidiano lá do seu aluno, você tem que saber o que ele traz, a gente tá falando aí dos conhecimentos prévios, o que que vai atingir esse aluno? Às vezes, dentro da escola ali, o que eu vou propor não vai ser significativo pra ele, então, não dá pra ser neutro né. Não dá pra ser neutro no geral né, porque, hoje, a gente sabe que a gente tem que trabalhar aí de forma interdisciplinar, muitas vezes você vai ter que parar porque aconteceu alguma coisa, que nem né, eu tava dando uma aula lá e o pessoal falou da Tiffany, do SESI, o que que eu achava né, e você não pode se colocar neutro, você vai ter que falar a sua opinião né, eu falei, gente, mas a minha opinião não é uma verdade, é minha opinião né, então a gente tem que deixar claro isso pra eles também né, mas eu acho que não tem como ser neutro e ficar à parte.

Professora Giseli: E o que que seria, assim, então, o professor politizado e o professor alienado? Como que você compreende esses campos?

Professora Mara: Eu acho assim, que a gente tem que não ser alienado, eu falo assim, não ser alienado é achar que só a sua opinião é a certa né, você pode ter a sua opinião, mas você sabe que tem um conjunto de ações, fora a sua opinião, que acontece, tem muita coisa que acontece, então você não pode ser, achar que você tem uma verdade né, certa, e só seguir aquela sua verdade. A gente sabe, enquanto professor, como você falou daquela questão da neutralidade né, eu falo que o professor alienado, ele acha que a única verdade é a sua, e quando ele segue né, éé, um conjunto de ideias de certo grupo, ele acha que aquilo só é certo e esquece que cada

um né, é um ser individual e tem a sua opinião. Eu brinco muito com eles né, time de futebol, religião e política, cada um tem o seu e sabe a dor e a delícia de ser o que é, a gente pode conversar, mas a gente tem que dialogar, nenhuma verdade é a certa, a sua opinião talvez seja contraditória à minha, mas a gente tem que saber que eu tenho que respeitar, a sua opinião é a sua, a minha é a minha, então a gente tem que saber colocar as nossas opiniões sem impor. Eu acho que a partir do momento que você começa a impor né, você começa a partir pra esse lado né, da alienação. Política a gente faz todo dia né Gi, a gente acorda fazendo política, política da boa vizinhança, política da amizade né, então, eu falo assim, o ser político é ele saber, éé, usar as suas ferramentas de acordo com aquilo que tá acontecendo sem impor. Eu acho que a imposição não leva há nada, principalmente, é um desgaste né, é um desgaste de relações. Então, eu acho que a política a gente faz todo dia, então, o professor, ele tem que ter um jogo de cintura, ele pode até ter a sua opinião mas nem sempre ele deve colocar a sua opinião né, tem que saber como colocar essa opinião né, não impondo, eu falo muito isso pros meus alunos, você pode colocar a sua opinião, o que seria do verde né, se todo mundo gostasse do amarelo né, então a gente tem que ter muito essa, ai, ô Gi, acabou a bateria do meu notebook menina, eu coloquei na coisa e coloquei errado aqui na tomada. Seu microfone tá desligado Gi.

Professora Giseli: Beleza Mara, voltou, tá normal agora. Éé, como que você acha que a mídia e a tecnologia pode ajudar nesse contexto pra facilitar a troca de experiência, facilitar o nosso diálogo, encontro entre os professores? Que recurso que a gente pode utilizar, que plataforma?

Professora Mara: Bom, a gente usa muito o WhatsApp né Gi. O WhatsApp, eu acho que ele é o meio mais rápido né. A gente tem outros aí, mas eu acho que o WhatsApp é a mais rápida, a mais eficiente aí. Só tirando, só saindo dos grupos que falam muito de política kkk!

Professora Giseli: Então, aí pelos grupos do WhatsApp, pela facilidade do WhatsApp, a gente consegue ter essa facilidade então?

Professora Mara: Sim, a troca né. Seja em grupo, seja individual.

Professora Giseli: Agora, a pergunta que eu quero responder também na minha pesquisa né, você acredita que as mídias e tecnologias motivam o professor ou é o professor motivado que vai desenvolver e incorporar as mídias e a tecnologia no seu cotidiano, no seu trabalho?

Professora Mara: Olha, eu, hoje né, vendo aí, nós somos obrigados né! Muitos que não trabalharam com as mídias né, eu tinha sim, contato sim, eu já fazia algumas coisas, mas eu confesso que agora, é lógico né, bom, quando eu era coordenadora eu também tinha que usar, mas eu confesso que agora a gente teve a necessidade né fez com que a gente aprendesse. Então, assim, a gente tem que ter motivação, eu acho que o professor motivado é que vai procurar né.

Não adianta, você pode ter as ferramentas todas lá, mas se você não tiver aí motivação pra aprender e pra usar, não vai servir de nada.

Professora Giseli: E Paulo Freire, ele fala dos temas geradores né, que a gente tem que buscar os temas pra serem trabalhados. Qual tema gerador que você acha interessante né, sobre esse contexto que a gente discutiu, um tema que seria interessante pra gente trabalhar com os professores, dialogar sobre isso?

Professora Mara: Hum, deixa eu pensar aqui. Ah, eu acha que a questão da tecnologia como ferramenta e a mídia né vem aí, a gente tem, eu gosto muito de trabalhar com charge né, então tá apresentando, então, a tecnologia aí como ferramenta e as mídias também como ferramenta de aprendizado e conhecimento né, a gente lançar mão aí de algumas mídias, e eles tão fazendo assim, tão tentando usar, assim, até o Tik Tok com eles pra tá fazendo né, então, estar usando essas redes aí como ferramenta, até mesmo pra eles aprenderem né, então, eu acho bem legal aí como utilizar né, como formatar vídeos, como usar as redes sociais pra tá, éé, utilizando as redes sociais não pra falar mal só dos outros né, mas também pra adquirir conhecimento né, pra aprendizado. Eu acho bem legal, eu lancei mão disso aí esses dias, eu consegui fazer.

Professora Giseli: E, pra finalizar, quem que você indica, um colega de trabalho que você indica pra eu entrevistar agora, o próximo?

Professora Mara: A Laurete, você já entrevistou? A Laura.

Professora Giseli: Ah, a Laura, eu tentei contato com ela, eu mandei WhatsApp pra ela, ela não respondeu. O Cabral indicou a Laura também, mas aí eu não consegui contato com ela. Tem mais outra pessoa, assim?

Professora Mara: Será que a Laura trocou de, ah, tem a Lu que trabalha comigo.

Professora Giseli: Ah, a Luciana, eu vou tentar contato com ela pra entrevistá-la.

Professora Mara: Eu mando o contato. Você tem o contato dela?

Professora Giseli: Eu tenho no grupo né, ela tá no grupo dos profs rs.

Professora Mara: Então tá bom, então é ela, a Lu.

Professora Giseli: Mara, tem mais alguma coisa que você queira deixar registrado?

Professora Mara: Não, já falei demais já, pelo amor de Deus rs!

Professora Giseli: Imagina. Eu agradeço muito pela sua participação, pela sua colaboração. Agradeço muito, qualquer coisa que você precisar, tamo aqui também. E muito obrigada Mara! Eu tô aprendendo aqui também, deixa eu interromper a gravação, tô aprendendo a mexer também rs.

Professora Giseli: Boa noite.

Professora Frida: Boa noite.

Professora Giseli: A gente vai iniciar a entrevista número quatro da minha pesquisa de doutorado. O tema provisório né da minha pesquisa é “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública” e os termos da pesquisa é que assim, a participação é voluntária né, você pode interromper a sua participação a qualquer momento, se não quiser responder alguma coisa também não precisa tá, fica à vontade. Os dados né, que a gente, podem ser usados pra estudos e publicações científicas, mas com sigilo da identidade, a gente até vai escolher um nome fictício pra você nessa pesquisa. Não tá recebendo nenhum valor pra participar né, também não tá tendo nenhum gasto, nenhum risco, e a pesquisa pode contribuir em benefícios pra formação docente. Aceita os termos?

Professora Frida: Opa! Desculpa só minha cara de cansada e pesado só, mas vamo, que vamo!

Professora Giseli: Éé, nome fictício Frida?

Professora Frida: Ah, você escolhe aí, tranquilo.

Professora Giseli: Não quer colocar? Escolhe um nome aí pra você, pra ser chamada.

Professora Frida: Frida, Frida.

Professora Giseli: Beleza! Sexo?

Professora Frida: Feminino, pode ser.

Professora Giseli: Idade?

Professora Frida: A mesma idade, quarenta anos.

Professora Giseli: Formação acadêmica?

Professora Frida: Agora é a minha né? São as coisas minhas né? Eu sou formada em Educação Física e tenho mestrado na área de Educação Física Escolar.

Professora Giseli: Em que ano que você se formou em educação física?

Professora Frida: Em 2003, na Unesp de Bauru.

Professora Giseli: E o mestrado?

Professora Frida: Eu defendi no ano passado, 2020, no PROEF, que é um programa de mestrado online. Uma parte dele é online.

Professora Giseli: Acabou recentemente.

Professora Frida: Sim.

Professora Giseli: Tá aliviada rs!

Professora Frida: Vixe, nossa, tirou quilos e quilos das costas!

Professora Giseli: Nossa!

Professora Frida: Maravilha!

Professora Giseli: A carga horária de trabalho que você tá Frida?

Professora Frida: É quarenta horas semanais. Eu tenho um cargo efetivo e eu tenho um substituindo, mas eu só substituo na minha escola mesmo, então é bem esporádico, assim.

Professora Giseli: Entendi. Quanto tempo faz que você tá atuando? Tempo de serviço?

Professora Frida: Ah, desde 2004. Dezesseis anos, dezessete, vai pra dezessete anos.

Professora Giseli: Efetiva né?

Professora Frida: Sim, sou efetiva.

Professora Giseli: E você comentou que você tá acumulando cargo né, um é efetivo e o outro tá substituindo.

Professora Frida: É, um é O, é, substituindo.

Professora Giseli: Tá. Você é sindicalizada? E por que que você escolheu ser?

Professora Frida: Eu sou sindicalista e eu, além de ser também associada ao sindicato, eu sou conselheira do sindicato, então, além de me associar, eu participei das votações pra representar os professores enquanto sindicato aqui na nossa região né, na APEOESP de Bauru. Ah, eu acho que escolher foi meio que, eu fui pra uma escola, que tem, que tinha bastante referência de professores mais velhos, que eram bastante engajados em lutas, tudo, e foi onde eu tive contato com eles, porque antes disso eu não tinha tanto entendimento sobre a importância de participar dessas instâncias né. Até tem uma fala aqui na faculdade, eu adorava que tivesse greve porque eu ficava na lá na minha casa meses, então, era muito bom, mas eu não sabia muito a importância né e o peso dessas instâncias. Então, foi mais assim atuando mesmo e tendo boas referências na realidade né, tinha ótimos professores na minha escola.

Professora Giseli: Entendi. E por que que você escolheu ser professora de educação física?

Professora Frida: Ah, eu, na realidade eu fiz educação física porque eu queria ser técnica da seleção brasileira de handebol, meu sonho era ser técnica de algum time de handebol, e daí na faculdade eu tive aula, em específico com a Professora Lilian né, de escolar, e que eu vi um rol de atuação de n conteúdos que você poderia desenvolver e não só aquela educação física que eu tive de rola a bola né, então eu me apaixonei pela escola, pela, éé, por tudo que a escola pode oferecer pros alunos né, e que não era nada daquilo que eu tinha né, que eu tive, e eu gostei dessa parte e resolvi trabalhar na escola, prestar concurso, principalmente na parte pública né, eu não tenho interesse em dar aula em escola particular, sabe, eu acho que, estudei em escola pública, fiz faculdade pública e eu gosto dessa área de atuação.

Professora Giseli: E, na sua opinião, quais são as condições favoráveis de ser professor e quais são as desfavoráveis?

Professora Frida: Favoráveis tá difícil viu rs, elencar aí alguma condição favorável, mas, faz de novo a pergunta, deixa eu só entender o contexto.

Professora Giseli: É que, na sua opinião, quais são as condições favoráveis e desfavoráveis em ser professor?

Professora Frida: Então, eu acho que hoje há muito mais desfavoráveis né, até porque quando um adolescente né agora escolhe a sua profissão, ela tem que ser atrativa né, ela tem que ser rentável, ela tem que ter uma série de coisas que hoje ela não tem né, então ela tá mais desmotivada, tem mais motivos para não ser professor do que ser né. A minha história de vida, eu tive um momento que eu quis sair da educação, prestei vários concursos públicos, mas não passei né, e daí resolvi prestar o mestrado, que é um outro problema né, então, desfavorável, você que banca a sua formação continuada e quem, legalmente falando, o Estado é responsável por isso, mas ele não banca num nível essencial, assim, pra dar uma aula boa, com contexto, com conteúdo né. Mas, éé, favorável, hoje, particularmente, não sei não, você me pegou assim, não vejo como uma profissão atrativa, sabe, não tenho.

Professora Giseli: Vou falar pra você Frida que eu tive que dar um monte de justificada pra poder conseguir ir na aula da faculdade, nossa!

Professora Frida: Pois é! E aí você, pra começar, o nosso plano de carreira pra aumento de salário é horrível né, não tem nexos nenhum com a nossa realidade né, de sociedade, a gente tinha que ganhar mais pra fazer cursos né e aí chega nisso, você põe sua vida né, sua carreira em risco pra poder fazer, pra poder estudar cara, é, assim, extremamente complexo isso né.

Professora Giseli: Essa parte pega mesmo! Éé, a sua formação inicial atingiu as suas expectativas?

Professora Frida: Ah, eu acho que dentro da média sim, sabe. Eu acho que refletindo sobre toda a experiência que eu tive na Unesp, ela atingiu sim minha expectativa, é que assim, a gente ainda é, foi formada numa época é, eu levei um susto na escola né, ainda eu peguei os pequenos, eu tava com pavor, eu quase morria pra dar aula pra eles, eles sugavam muita energia, eu chegava em casa tremendo assim! Porque não existe receita né, eu acho que a gente ainda teve professores né, eu falo a gente porque a gente meio que fez faculdade próxima né Gi, e daí, éé, acho que a gente não teve muitos professores bons que falassem assim, olha, quando você for dar aula você vai, não existe receita pra você aplicar e você vai aprender diariamente porque cada aula é uma aula, e ao mesmo tempo que você ensina você também aprende né. Mas eu acho que no meio de tudo isso, éé, eu tive bastante base, muita base assim, de conteúdos né, e professores bons ligados à educação física escolar né, em específico. Então, eu acho que eu tive bastante base sim pra atuar.

Professora Giseli: E como foi essa transição de você, de estudante pra virar profissional?

Professora Frida: Foi um choque, um choque, nossa, eu lembro até hoje de uns aluninhos subindo na grade e, nossa, chegava em casa chorando, minha mãe falava, você não precisa disso, pra que isso, porque, também, eu me efetivei na prefeitura em Minas, então, eu dava aula pro ciclo I né, que era o ciclo I, os pititicos, nossa, muita energia, eu não tenho muito tato porque eu gosto mais dos adolescentes, dos finais do, éé, fundamental, que você consegue já dialogar com as crianças, então eu sofri bastante, sofri muito. E logo que eu saí eu já quis fazer uma especialização porque eu achava que eu tava perdida, sabe! Mas, é mais essa gana mesmo de, podia ter ficado mais uns cinco anos aí batalhando pra depois fazer uma pós, eu já saí e já fui fazer uma pós porque eu já tava, meio, achando que eu tava fazendo errado né. E na época, também, a cidade né onde eu me efetivei não tinha currículo, então você não sabia se tava fazendo certo ou errado, se tava seguindo né, você seguia os PCN mas, assim, parecia que ainda tava meio vago sabe, então, eu sofri bastante.

Professora Giseli: Na sua opinião, o que que você acha que mais contribuiu pra sua formação, assim, de professora, a sua experiência da sua vida inteira, desde pequenininha, tudo que você viveu até hoje, a sua formação inicial que foi a graduação, com as disciplinas e os estágios, ou a formação continuada que foi as pós que você fez depois, os cursos extras, ou a sua atuação profissional, que é o saber que você foi ganhando com a experiência do cotidiano?

Professora Frida: Eu acho que de tudo isso que você falou, cada um tem um peso, sabe, importantíssimo, porque, éé, você refletir sobre a sua experiência na escola enquanto aluna é muito importante porque, éé, às vezes, você se pega reproduzindo aquilo que você teve de vivência de professores né, e não fazendo diferencial, ou buscando estratégias né diferentes. Então, eu acho que cada um tem seu peso, sabe, e a gente, enquanto professor, a gente tem que colocar cada um no seu devido lugar. Então, a experiência enquanto estudante, na formação, a formação continuada e no chão da escola né, que é a experiência de cada aula é uma coisa diferente, você tem sempre que se planejar, cada aluno é cada aluno, nem sempre você está bem também, então tem todo esse trâmite né. Não é fácil assim, dar aula não é vender alguma coisa né, então, éé, eu acho que todas essas partes que você falou são importantes, e o que é mais importante é o professor ter consciência da importância de cada um e colocar cada um no seu devido lugar, senão ele vai acabar dando aula igual à um professor x que ele teve né, mesmo tendo boas metodologias, na faculdade ele não vai conseguir colocar em prática.

Professora Giseli: E, assim, como que tá sendo atuar no ensino básico público, assim, a expectativa versus a realidade, assim? Que a educação básica pública tá meio, complicada,

assim! Foi meio o que você falou, você quer mesmo atuar na educação básica pública, você não tem interesse na privada.

Professora Frida: Não tenho interesse na privada, assim, não tenho interesse, tá ficando pior com o passar do tempo porque né, por exemplo, a reforma do ensino médio avacalhou com a vida dessa molecada, e é uma judiação, e me causa muito mal estar porque essas reivindicações dessa legislação foi em 2015, então a gente fez no sindicato vários movimentos pros professores entrarem em greve, pra fazer esse movimento, o sul do país né teve várias ocupações nas escolas, mas mesmo assim a consciência política é muito rasa né, infelizmente, ninguém percebeu que era tão importante não passar essa reforma e agora você vê vários professores querendo se movimentar e virou lei, então, pra você mudar isso agora tem um processo gigantesco, não é impossível, mas você tem que mudar um governo né, é muito complicado. Então, eu acho que pro ensino médio nós perdemos muito, muito, porque perdemos enquanto educação física né, porque diminuiu as nossas aulas e perdemos também enquanto conteúdos né, qualquer pessoa pode dar os itinerários lá formativos e a iniciativa privada vai cair matando nessa lógica né, pra formar mão de obra barata. Então, eu acho, eu não tenho boas expectativas, eu acho particularmente o projeto uma graça, te juro, porém, precisava estrutura, sabe, precisava de menos aula, professor tinha que estudar mais, nossa, montar um itinerário formativo é extremamente complexo, então eu acho que falta estrutura né. Igual as disciplinas do INOVA, são uma graça, eu adoro trabalhar com as disciplinas, porém você precisa de tempo pra poder estudar, organizar, ter esse contato com o aluno né, ouvir ele. Então, como a gente não tem essa estrutura, as coisas vão sendo jogadas e atravessadas né. Então, tipo, no projeto de vida você tinha que ouvir o aluno pra montar uma eletiva, não conheço escola que faça isso, a não ser escola de tempo integral, e ainda olha lá, porque a maioria monta uma eletiva e bingo, vida que segue né. Então, eu acho que a estrutura, éé, no Estado de São Paulo, é muito ruim, muito ruim, e tá ficando pior né, por conta também de um outro fator, não tá tendo concurso público, então você contratada professores substitutos né, que não tem vínculo com a escola nenhum né, então ele fica um ano lá, e a educação não se dá em um ano né, você precisa de um contínuo né, então, eu não vejo com bons olhos.

Professora Giseli: A gente assim, quando a gente tá atuando a gente passa por vários sentimentos assim né, alegria, medo, insegurança, éé, esperança, e, às vezes, você fica meio cansado, então, assim, você pode citar algum exemplo, do seu cotidiano, de algum sentimento, assim, que você sentiu?

Professora Frida: Ah, eu acho que hoje, o que mais me causa não é com relação assim, eu acho que são vários sentimentos a escola assim, não dá pra você falar que é só uma coisa né, mas,

com relação aos alunos eu gosto muito do contato com eles, então, assim, não tenho muito problema assim, ah, essa geração é difícil, é a geração, a gente que também precisa entender, toda geração é difícil né, então, eu não consigo ver, assim, com relação aos alunos, mas o que mais precisa aprender é a relação com os professores e com essa estrutura que não tem como mudar, essa burocracia, é essa relação que me irrita muito. Então, eu passo muito mal de ver coisas, que eu falo, cara, eu não acredito que as pessoas fazem isso, sabe, e falam isso, agem dessa forma, e aí isso me faz mal, isso, nossa, eu, me dá, sabe, desespero, um sentimento de desespero de ver, pensar, nossa, mas não é possível que ninguém tá vendo o que eu tô enxergando, então isso me causa muito mal estar. Mas, com relação aos alunos, eu não tenho esses sentimentos negativos né, é sempre uma alegria, na realidade né, trabalhar, principalmente quando você consegue organizar, tem tempo pra estudar, tudo.

Professora Giseli: Ah Frida, esse seu sentimento foi o que me levou à minha pesquisa rs!

Professora Frida: Ah rs!

Professora Giseli: Essa é a justificativa, de eu estar na escola e falar, nossa, eu não acredito que eu tô vivenciando, vendo, ouvindo essas coisas, e foi isso que me levou à fazer essa pesquisa, assim.

Professora Frida: Então, você pode saber que ele é compartilhado por alguns professores. Eu gostaria de falar que seriam muitos, porque aí a gente ia tá fazendo a diferença né, mas, infelizmente, a minoria que tem esse sentimento. A maioria fecha a porta, vai embora e brisa né, difícil!

Professora Giseli: Você acha que o professor, ele consegue se auto motivar?

Professora Frida: Se ele for, éé, receber estímulos para isso, ele consegue, entendeu, então, eu acho que se auto motivar, pra você se auto motivar, você auto, precisa estar bem, então, eu preciso estar bem para me motivar né, eu estando mal eu não vou conseguir me motivar, e aí eu vou precisar de ajuda extra né. Eu acho que auto motivar, éé, ele precisaria não assim ser ensinado, mas precisaria ter algumas técnicas pra ele se motivar a fazer essas coisas sabe. E aí, eu não sei se eu fui clara, mas acho que é difícil se auto motivar pra fazer uma coisa que você não tem a vontade né, esse desdobramento pra isso né. Eu acho que seria isso. Ele precisaria, não de um curso né, mas, éé, precisaria de técnicas né, tipo, talvez, chutando, talvez, na faculdade, ele poderia ter tido uma disciplina pra isso sabe, porque é importante, é essencial. As habilidades sócio emocionais não são só pra alunos né, nós, professores, também precisamos, então eu acho que talvez seja isso um passo né, pra se auto motivar.

Professora Giseli: E o que que você espera pro futuro?

Professora Frida: Ah, eu espero me autocontrolar rs na realidade, eu espero ver as coisas e não ficar doente sabe, porque você perde o sono e aí não somatizar coisas com relação a isso sabe, mas eu não tenho expectativas positivas de jeito nenhum, não tenho mesmo. Eu acho que nós vamos ladeira abaixo pra depois, alguns anos, ter aí um certo crescimento né. Mas, não tenho perspectivas positivas pra futuro não, não tenho.

Professora Giseli: Tipo, a gente vai ter que aprender com os erros, assim.

Professora Frida: E ainda olha lá, e ainda olha lá, porque tem muita gente no poder, muita gente acima da gente na hierarquia da escola que subiu um carguinho já subiu pra mente, e já esqueceu os seus valores, a sua ideologia. Ideologia? Esquecem! Muitos se vendem por muito pouco né, então eu não tenho muita perspectiva positiva não com relação a isso.

Professora Giseli: A questão é as pessoas mesmo né, ter essa consciência né.

Professora Frida: Eu acho muito difícil, eu acho muito difícil! E essa situação da pandemia que a gente tá passando, éé, uns falam, ah, vai melhorar a situação, eu acho que não melhora não, eu acho que quem pensa assim vai pensar, não adianta, então, você vê situações, tipo, na escola, de retorno, assim, você vê que ninguém tá indignado de retornar sabe, eu falo nossa, que mundo que o povo vive, gente morrendo três mil pessoas por dia sabe, igual a greve sanitária, e tudo, tipo, professor com comorbidade, uma série de fatores foi trabalhar, então, a que ponto chegamos sabe, nem a sua própria vida tem valor, então, meu, esquece, sabe, eu não tenho muita perspectiva positiva nesse sentido, sabe.

Professora Giseli: Entendi. Éé, e a formação que a gente tem, a formação continuada que o Estado oferece, que que você acha?

Professora Frida: É pra padronizar, entendeu, não é uma formação, assim, de dezessete anos no Estado, a gente teve uma parceria com as Universidades, foi muito bom, muito legal. Eu acho que as parcerias com as Universidades, elas rolam muito bem, sabe, porque é bem diferente dessas capacitações que eles dão, eles burocratizam e eles não te dão a liberdade, eles querem te colocar num quadradinho pra você reproduzir e educação não é reproduzir, então, você tem um discurso lá do Paulo Freire lindo, maravilhoso, mas você quer reproduzir as coisas num quadradinho, então, não olha, não combina né, não tem como, então eu acho que o que eles oferecem depende muito do governo que tá no poder. Como eu já tô há dezesseis anos, uma especialização que a gente fez foi muito bacana sabe, com a Universidade. E esses cursos pequenos mesmo, em parceria com a Universidade super rola, eu acho que como eles estão, tem tempo né de estudar, de pesquisar, acaba sendo mais interessante pra gente na prática, eu acho.

Professora Giseli: E qual que é a relevância do trabalho do professor socialmente? Qual que é a importância social do trabalho do professor?

Professora Frida: Eu acho que é tudo né! Ele é importante justamente porque é na escola que você buscar a mudança né, o movimento da cultura né de um modo geral, porque ali você tem acesso a todo, tudo que foi produzido tudo e, dependendo da forma como você tem esse acesso, você se ver produtor de cultura né, porque infelizmente, a maioria repassa como reprodutor né, e fica reproduzindo aquilo, então, quando você tem uma educação, que é uma educação que te liberta, você se vê sujeito do processo né, então, é essencial culturalmente falando, porque, éé, e socialmente falando porque você vê um cidadão ali e consegue visualizar o mundo, porque você está ali, qual é a sua função, dentro de todo o sistema né capitalista, qual é, o que que você tem que fazer pra ser diferente, quais são suas escolhas, então eu acho que o professor, ele tem um papel fundamental na formação de um cidadão né, que vai atuar na sociedade de modo geral. E é difícil porque a maioria é formado pra reproduzir, então o aluno vai pra escola e aí a gente não consegue desenvolver essas aulas né, a gente acaba reproduzindo ou cumprindo o protocolo lá do governo que é essas formações quadradinhas né.

Professora Giseli: Você poderia citar algum acontecimento marcante na sua trajetória até o momento, alguma coisa que te marcou ao longo da sua carreira?

Professora Frida: Positivamente ou negativamente?

Professora Giseli: Pode escolher, um momento marcante, assim, na sua carreira?

Professora Frida: Ah, eu acho que positivo é você reencontrar seus alunos na sociedade como cidadãos, éé, em várias áreas né, atuando de algumas formas como éé, no mercado, e acho que encontrar eles, na sociedade, ocupando os espaços, e tendo autonomia, e tendo essa visão de mundo, eu acho que é uma das partes mais assim felizes da educação, sabe, que você consegue visualizar que seu trabalho valeu a pena né, eu acho que seria essa parte. Agora negativo, vixe, tem bastante, né, tipo, os embates, que são os embates com os professores é muito, são muito difíceis né, porque eu acho que eles esqueceram ou foram se perdendo também no tema, porque não dá pra falar, pra julgar né, porque cada história é cada história né. Eu lembro sempre de uma professora que falava assim, quando eu entrei tinha aquele professor que não faz nada, que é enrolado, olha, quando ele começou ele era outro, então o sistema foi comendo, acabando com as esperanças, ou com a capacidade da pessoa né de fazer a diferença, então, é difícil, eu acho que isso bem complicadinho.

Professora Giseli: Você comentou acho que no começo da entrevista, você já pensou em exonerar seu cargo?

Professora Frida: Várias vezes, várias vezes, inclusive fiz os cursinhos pra prestar concurso público pra sair da área da educação né, antes de fazer o mestrado, porque tava muito pesado né, muito pesado você conviver com isso e a defasagem salarial também, nossa, mudou assim, em dezessete anos nosso salário não tem, não teve o aumento que deveria né, e pelo contrário, agora tá tendo os descontos né porque aí a nossa, o imposto de renda não, o da aposentadoria aumentou a faixa e assim vai indo né, então eu acho que, éé, eu já pensei em várias vezes em exonerar e fazer qualquer outra coisa sabe, mas né, infelizmente, ou felizmente falando, a gente vai caminhando né.

Professora Giseli: É a próxima pergunta, qual o vínculo que você cria pra conseguir se manter?

Professora Frida: Ah, estudar, eu acho que o estudo, eu não seria a mesma se eu não tivesse tão ligada à Universidade, fazendo as disciplinas do mestrado como aluna ouvinte, fazendo os cursinhos que apareçam assim, sabe, aleatoriamente da Universidade, ou fazendo especialização. Eu acho que o que me deixou ainda mais próximo de não desistir, porque existe aquele que desiste e exonera é uma coisa, mas existe aquele que desiste e não dá aula mais né, que é o funcionário público que tá ali só sobrevivendo né, então, o que não me deixou dessa forma foi estudar. Eu acho que, infelizmente, igual você falou, a gente falta, a gente rebola aqui, faz aquilo, e vai tentando fazer, pelo menos deixar, ficar próximo da Universidade né, e aí eu acho que isso motiva muito, motiva demais sabe você a trabalhar.

Professora Giseli: Eu te entendo, eu sinto isso também rs, eu sou assim também.

Professora Frida: É.

Professora Giseli: Então, se eu perguntar agora se você se sente satisfeita ou realizada com a sua profissão?

Professora Frida: Eu acho que em uma porcentagem, assim, é que aí, tipo, satisfeita ou realizada, o que depende de mim, sabe, eu acho que em parte sim, mas como não depende só de mim, então a parte que convém do Estado, que ele deveria fazer é a parte que eu não me sinto realizada, satisfeita, entendeu. Eu acho que a gente tinha que dar menos aulas e ter tempo pra estudar, ter tempo pra se dedicar mais na profissão.

Professora Giseli: E, assim, você acha que você se esforçou, se empenhou pra fazer jus ao título de ser professora?

Professora Frida: Se eu me esforcei? Como assim título?

Professora Giseli: Se você se esforçou, assim, na sua opinião, se você se esforçou, assim, se empenhou assim adequadamente pra fazer jus ao título de professora, assim?

Professora Elis: Ah, eu acho que sim, eu acho que dentro dos limites que eu coloquei né, que não cabe só a gente, não dá pra culpar só o professor em si, a responsabilidade dele né, mas eu

acredito que eu busco né, na realidade, busco isso sempre, pra até pra não se perder aí nesse mundo né, então eu acredito que sim.

Professora Giseli: Aí, então, só pra gente resgatar que os aspectos negativos né ao longo da sua carreira, e que te desmotivaram né, que causam um certo desencantamento você comentou que é a questão do sistema né, o problema de lidar com os professores e com o pessoal em si na escola né, esse sistema em si. E a parte positiva que você comentou, pelo que eu percebi, a parte positiva, é mais de ver essa relevância do seu trabalho, os alunos né, a importância pros estudantes.

Professora Frida: Sim, isso. Eu acho que o positivo é você ver que você plantou uma sementinha ali e que eles estão cuidando e tão crescendo aí ao longo da vida, eu acho bem bacana reencontrá-los.

Professora Giseli: E, assim, em uma palavra, o que te faz superar os problemas e dificuldades em sua carreira?

Professora Frida: Estudar, estudar.

Professora Giseli: E quando tem alguma situação que a gente fala na escola assim, aí, não vou conseguir resolver, aí você fica, aí, essa situação, assim, eu sou incapaz de resolver, éé, que estratégia que você usa, assim, pra tentar resolver ou pra escapar, assim, dessa situação?

Professora Frida: Mas é uma situação pedagógica ou uma situação em que âmbito assim?

Professora Giseli: Assim, eu vou dar um exemplo, assim, uma situação que você acha que não vai conseguir resolver, como que você faz assim?

Professora Frida: Eu acho que eu não vou conseguir resolver não passou pela minha cabeça não, sabe, eu acho que tudo tem uma forma de resolver. É que tem coisa que não é da nossa ossada né, eu acho que emperra nisso. Tem coisa que eu gostaria de fazer, mas sempre empaca na burocracia, e aí você tem que ficar rebolando, criando estratégias pra amenizar um pouco o impacto né. Mas, quando, assim, eu acho que ter apoios também de outros profissionais que também, éé, não que pensam igual a você, mas que também vê o mundo da mesma forma, eu acredito que é uma forma também de resolver os problemas que apareçam, sabe. Mas eu acho muito difícil, eu não me vejo numa situação de que olha, eu não vou conseguir fazer x coisas sabe, eu consigo fazer sim, ainda consigo fazer mais ainda, às vezes a galera fala assim, nossa, como que você consegue montar esse curso, viajar? Meu, tem projeto, tem dinheiro! E como você consegue ter esse monte de material? Faz parte da APM, vem grana pra escola, é um direito seu, intima sua diretora. Então, acho que tudo tem uma forma de você resolver né, aí vai das estratégias que você busca aí no caminho né, mas, assim, eu acho que ter um grupo forte,

éé, faz toda a diferença também, nossa, faz muita diferença porque se for só você sozinho no meio do caos da humanidade, nossa, você sofre muito.

Professora Giseli: É verdade, verdade Frida! Então, assim, você atribui o seu aprendizado da profissão de ser professor, então, a qual elemento, a quais elementos, assim, você atribui o seu aprendizado de ser professor?

Professora Frida: À formação, às minhas experiências de vida, a formação inicial, a formação continuada e o chão da escola que é o essencial, é onde se concreta, concretiza tudo isso né, porque você não vem com tudo isso formado, você vem com tudo isso, porém, o aluno traz a bagagem dele, a sala tem uma característica diferenciada, então eu vejo tudo num contínuo né, eu não consigo colocar coisas, assim, tipo, pôr o peso só em uma coisa sabe. Eu acho que o processo se dá aí, no chão da escola com todas essas características né.

Professora Giseli: O conjunto né?

Professora Frida: O conjunto, justamente.

Professora Giseli: Você acha, assim, que é preciso o professor ter alguma recompensa, algum privilégio pra motivar o professor? Você acha que tem que ter alguma recompensa, um privilégio?

Professora Frida: Ah, eu não, tipo um bônus né? Eu acho que se o salário fosse adequado a nossa vida, talvez um bônus ajudaria a motivar, mas, éé, eu acho que o Estado manipula muito o professor nesse sentido né, ele dá um bônus pro professor mas ele não dá um salário, então ele não me pega nisso de motivar, entendeu. Ah, por exemplo, eu tenho vários amigos que não faltam de jeito nenhum por causa do bônus tá, mas não faltar não garante uma boa aula, então eu acho muito difícil esse bônus para motivar, ele, na educação, eu acho muito complexo, sabe, porque os critérios precisam ser bem criteriosos né rs, porque, como que você vai, tipo, como que você vai ganhar, tem professor que ganha bem, vários bônus e não faz porra nenhuma na sala de aula, e daí, eu acho que a motivação, ela é bem complicada, sabe. Então, eu acho que precisa ter sim uma motivação, uma valorização dentro do processo, sabe, de pequeno, da coordenação pro professor, da gestão pro professor, e do governo, eu acho que precisa, mas eu não sei se bônus resolveria, sabe, porque, às vezes, o professor, ele ganha um chocalatinho, ele já fica super feliz, motivado, porque o ambiente fica leve né, quando você tem esse processo de querer que o professor dê o melhor dele, o ambiente fica mais leve né, então, é um contínuo ali que vai favorecendo todo mundo né.

Professora Giseli: Eu percebi, é que eu tenho dois cargos né, aí uma escola, a gente, em todas as reuniões, a gente sempre recebe, nem que for uma balinha, um bombomzinho, ou um cartãozinho com alguma frase, e na outra a gente não tá vendo isso à muito tempo.

Professora Frida: É, pesa né!?

Professora Giseli: Eu sinto o ambiente numa escola e na outra, como eu trabalho em duas né, é isso que você comentou, quando a gente ganha um bombomzinho, alguma coisa, eu percebo que a gente fica feliz com isso.

Professora Frida: É, e é um bônus, não chega a ser um bônus porque essa motivação eu acho interessante porque você não tá dando porque o professor foi bom né, você tá motivando todos do mesmo jeito né, e cada um vai receber de uma forma. Então, eu acho que compensa mais trabalhar dessa forma, mas aí vai das estratégias deles né.

Professora Giseli: E, assim, como que você acha que a sociedade vê o professor de educação física, qual que é a visão que a sociedade tem da gente?

Professora Frida: Vixe! Oh, se eu for te falar que a maioria das pessoas que eu falo, ah, você é professora é, de educação física, ah, não parece, achei que fosse de história, de português, de educação física nunca, né, em todos os âmbitos do sindicato, em qualquer outro lugar, menos de educação física, porque a sociedade vê a gente do jeito que eles foram, do jeito que foi a educação física deles né, porque a educação física foi boa pra minoria, porque a minoria que jogava, a minoria que se dava bem, e é a maioria é excluída, que não tem tanta habilidade e que não deram oportunidade, então você vê a educação física como algo vazio, algo sem conteúdo, porque é prático, não é conteúdo. Então, a sociedade não vê nada bem nós, professores de educação física né. Vai demorar anos pra gente poder modificar isso, porque a experiência do aluno faz a diferença né. Ah, eu acho que seria assim.

Professora Giseli: E, assim, qual que é o trabalho, nossa função dentro da escola, professor de educação física?

Professora Frida: Eu acho que todos os professores deveriam ter a mesma função, é óbvio né, que é uma função extremamente social mesmo, que é o que eu falei, nós trabalhamos com a cultura de movimento, então tudo que foi produzido na cultura de movimento a gente precisa apresentar para o aluno de uma forma que ele não reproduza né, e sim que ele produza conhecimento em cima disso né. Então, eu acho que a nossa função social, ela é muito importante, mas não é o que a gente consegue fazer né, porque a escola ainda é muito conteudista né, e ela não tem esse processo de liberdade né, de produzir, criar né, nada, pelo contrário, eles vão te colocando ali no seu quadradinho né. Você vê, agora no começo do ano, essas avaliações externas, não tem nexos nenhum, no meio de uma pandemia, trocentas avaliações externas, pra quê isso? Então, tipo, que mundo que esse povo vive né? É muito sem noção! Não consigo entender essa lógica, sabe, porque o discurso é muito bonito, mas a prática, não orna.

Professora Giseli: Eu tô sentindo também esse peso, fica focando nas avaliações externas e, às vezes, você quer focar no aluno, na dificuldade né, e aí, nossa, você tem que dar avaliação, tem que fazer o aluno fazer avaliação, tem que entregar resultado e tal.

Professora Frida: Exatamente! E o discurso é de focar no aluno, então, é muito, uma coisa não anda com a outra né.

Professora Giseli: Verdade. Então, a próxima, eu acho que você já respondeu, qual seria a base do nosso trabalho docente, daí você comentou agora pouco né, a base do nosso trabalho na escola, que a gente trabalha com a cultura corporal de movimento né, e essa questão da gente produzir né, e não só reproduzir.

Professora Frida: Sim.

Professora Giseli: Você acha que a nossa profissão de professor, ela está desconectada de seus pressupostos, do que o professor realmente deveria fazer, ele está desconectado na escola?

Professora Frida: Ah, total! Eu acho que em uma porcentagem oitenta por cento tá desconectado, e quem não tá ainda tá lutando aí pra se manter, sabe, firme no propósito porque é muito difícil, que é isso que a gente tá comentando, um monte de avaliação externa, trocentos papel pra você preencher, essas coisas tudo, e que te tira do foco né, do aluno em si né. Eu acho que oitenta por cento dos professores não vivem num lugar onde deveriam rs.

Professora Giseli: E, assim, sobre o título de herói, você encara o professor como sendo um herói, você acha que dá pra atribuir esse título de herói ao professor?

Professora Frida: Eu acho podre falar que professor é herói! Herói de quê? Sabe, quer dizer, porque pra mim herói nenhum é, nem os médicos são heróis entendeu. Tipo, é uma colocação social que se colocou pro professor, e que é trocentos antiga né, é assim em outra época, em outra situação, e professor não é herói, não salva ninguém, tipo, herói é só em quadrinhos lá pra você divertir, ler, lazer, agora, na sociedade não existe herói né. Infelizmente, no Brasil tem essa de que tem que ter um herói, uma pessoa que vai salvar o mundo né, vem até do cristianismo isso, mas não vejo a gente como um herói de jeito nenhum e nem gostaria que os outros também falassem isso pra gente, sabe.

Professora Giseli: Entendi. Assim, conforme a gente vai atuando, a gente tem várias coisas que são impostas pra gente né, dentro da escola, e você segue à risca as normas e as ações que são impostas?

Professora Frida: De jeito nenhum, nada, o que, o currículo, inclusive eu tenho uma fala, que antigamente, quando não tinha currículo eu era muito mais criativa, nossa, muito mais criativa porque eu usava a BNCC e montava a minha logiquinha lá né de trabalho, depois quando veio de cima pra baixo me emburreceu pacas sabe, porque aí você se via numa situação de que você

era obrigado a fazer né aquilo, e hoje, eu acho que com a experiência e a segurança né, porque você é cobrado de algumas coisas né, eu acho que a educação física nem tanto é cobrado, acho que outras disciplinas são mais cobradas, mas hoje eu não sigo ao pé da letra as coisas, então eu busco sempre trabalhar com aquela habilidade mas pode ser qualquer conteúdo entendeu, então, eu não sigo o conteúdo que eles mandam, por exemplo, entendeu, eu tento fazer assim dessa forma porque tem salas que quando né, tem salas que vai muito bem né, flui, então dá pra você fazer um monte de coisa e dá pra você ir além daquilo que é proposto né e tem sala também que você tem que dar uma segurada e você não consegue desenvolver tudo em um semestre ou em um bimestre né. Cada realidade é uma forma né!

Professora Giseli: Sim! Pensando na sua vida, assim, de estudante, todos os professores que você teve na sua vida desde pequeninha até agora, você pode citar um exemplo ou um acontecimento marcante nessa sua trajetória com relação a seus professores?

Professor Frida: A Lilian! A Lilian é um divisor de águas da minha vida em todos os sentidos porque eu não via a educação física escolar com um olho, assim, de apaixonada pra dar aula porque a minha educação física era uma rola a bola, então eu me dava super bem porque eu gostava de jogar, não tinha erro nenhum com isso, mas nunca tinha parado pra pensar nas minhas amigas né, e aí quando você tem uma aula onde, éé, você começa a olhar quando seus amigos não gostam de fazer atividade física hoje em dia e por conta de uma série de fatores que eles vivenciaram né, é complicado isso, você fala, nossa, olha o impacto na sociedade né, então você tem você tem amigos hoje que tomam remédio né pra x coisas e poderia ter uma vida ativa né. Então, eu acho que a Lilian é a que foi um divisor de águas pra mim na faculdade e agora no desenrolar do mestrado também porque eu entrei com uma vontade de falar sobre disciplina na escola, nesse âmbito, e eu tava meio brigada com o esporte porque eu não via muito caminho pro esporte e as novas estratégias né, de ensino do esporte, meu, são show de bola, então, um aluno precisa pensar no que ele tá fazendo, onde ele vai jogar, ele precisa refletir sobre a situação né, e aí eu me apaixonei por essa parte que foi um cursinho que ela ministrou também para os professores né da escola pública. Então, eu acho que ela foi um divisor de águas aí na minha trajetória.

Professora Giseli: Grande Lilian!

Professora Frida: É!

Professora Giseli: Então, tipo, ela foi a sua professora preferida, assim?

Professora Frida: Ah, sem sombra de dúvidas! Se você perguntasse pra mim, ah, pensa em uma professora, eu vou pensar nela, entendeu, porque não pensei, agora na escola normal não vai ter uma que vai me motivar a ser professora porque minha paixão veio na Universidade né, então,

tem muita gente que fala assim ah, eu queria que você dá aula igual fulano, aquela professora, não tenho isso sabe, o que eu tenho é na Universidade mesmo.

Professora Giseli: E pensando assim, qual seria o legado de todos os professores que você teve pra você, assim, o legado dos professores na sua vida?

Professora Frida: De todos? Ah, vários de como não fazer, de como não ser, éé, eu acho que de todos, o grande legado positivo é você despertar no aluno a curiosidade, éé, essa vontade de fazer as coisas né, de querer sempre fazer mais do que lhe é imposto ou lhe é dado né, eu acho que esse sonhar alto sabe. Eu sou uma pessoa bem pessimista mas tenho um pouco de esperança de que essa geração né que tá aí na escola agora possa né fazer a diferença no futuro né, que é cíclico né, mas eu acho que de um modo geral professores que fazem isso né, eles deixam você sempre querendo estudar, querendo saber as coisas né, e isso é nosso né, não adianta. Tá fazendo doutorado, dando aula numa escola pública, então, alguma coisa te faz desdobrar nesse sentido né.

Professora Giseli: E, estamos quase acabando aqui ó, e pensando nos nossos colegas de profissão né, nossos companheiros de trabalho, tem algum em especial que você admira, que você vê como um exemplo, assim, a ser seguido?

Professora Frida: Ah, tem, mas não é da minha área entendeu, eu acho que eu gosto muito dessa área de sociologia, história, sabe, eu curto muito essa parte, então, tem professores que eu, falar, puta, esse professor é fera viu, consegue fazer tudo isso e mais dar aula, mais atuar em tal lugar, mais, nossa, eu tenho, mas não é da nossa área de educação física né, porque, da nossa área tem bastante gente bacana que atua tudo, mas ainda acho que a forma como, assim, se posiciona no mundo sabe, não dá, então se você falar pra mim eu ia te dar um nome de uma pessoa que não é da nossa área.

Professora Giseli: Entendi, que é o que, assim, o que tá te chamando mais a atenção assim?

Professora Frida: É, que me motiva à fazer as coisas né, então, assim, porque não adianta nada você ser uma ótima professora na escola né, e aí, na sua vida, você ter uma postura diferenciada né, então eu acho que as coisas caminham juntas né.

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, os professores, eles sabem trocar experiência? Como que a gente troca experiência? A gente sabe inserir assim essa troca de experiência teria utilidade pra gente, os nossos profissionais da educação física, assim?

Professora Frida: Eu, particularmente, prefiro trocar experiência com universitário, ultimamente, porque eles tão vindo numa pegada de querer aprender com a gente e traz muito conhecimento né. Então, eu acho que essa dinâmica de trocar as experiências, no nosso âmbito de professores, ela é muito difícil porque o professor tem um ego muito né, ele se acha o bam

bam bam ou ele não acha que ele vai aprender com os outros né, então eu acho que não foi criada essa dinâmica entre a gente né, e que é super rica né, nossa, trocar experiência com os colegas é muito bacana né, ter momentos e espaços pra isso né, no Estado não tem nenhum momento, porque o momento que o Estado tem o professor acaba virando muro de lamentação né, que a gente reclama, reclama, reclama, reclama, mas a prefeitura tem os momentos que você troca ali experiência, é bacana, muito bacana.

Professora Giseli: E como a mídia e a tecnologia pode contribuir pra esse contexto, assim, quais, você acha que a mídia e a tecnologia pode contribuir pra facilitar a nossa troca de experiência?

Professora Frida: Super! Eu fiz o mestrado a distância né, uma parte no PROEF e uma parte é online e, meu, foi muito bacana, olha, lembro de ver uma aula de uma menina do Rio Grande do Norte, com aqueles tiozinhos na janela assim ó, aquela rua de terra e ela com os cones fazendo atletismo, sabe. Meu, você olha a realidade do outro, é muito diferente, é muito diferente. Então, e eu acho que a tecnologia traz esse benefício né, de você poder conversar com uma pessoa, igual a gente tá conversando e não vai, não precisa ser pessoalmente, então, ela dá esse momento de você estar perto mas ao mesmo tempo facilita a sua vida né, com relação as experiências né, dividir experiências com n lugares né. Então, eu acho que ela bem utilizada né, porque essa é o grande diferencial, porque a galera não aproveita os recursos né tecnológicos e acaba sendo a mesma dinâmica lá da escola tradicional, de vomitar conhecimento e o aluno engole, vira pra dinâmica da tecnologia né, e aqui a gente tem um rol de possibilidades né, então eu acho que super colabora ela sendo bem utilizada.

Professora Giseli: Você pode dar um exemplo de um recurso ou de alguma plataforma que você acha acessível pra ser utilizada?

Professora Frida: Eu não, não, assim, pro professor em si você tá falando?

Professora Giseli: Isso! Pra facilitar esse contexto da gente poder dialogar e trocar experiência?

Professor Frida: Ah, eu sou péssima de tecnologia viu, assim, tipo, não manjo dos paranauê, eu não sei te explicar qual plataforma ajudaria, mas o Google Meet é uma das que, que eu acho que você colocaria próximo né de x professores né, mas depende o modo como você usa a plataforma, então vou te dar um exemplo que me veio agora na mente, tô fazendo pedagogia e eu faço um grupo de estudo online, tem cento e noventa pessoas no grupo, que grupo de estudo que você aprende alguma coisa com cento e noventa pessoas entendeu, numa hora de grupo de estudos, então é pra inglês ver mesmo, é claro, e é uma puta de uma plataforma, que você poderia transformar num espaço de conhecimento né, mas, é a forma como a plataforma é utilizada, que é isso que eu tô te falando, a mídia e a tecnologia é super, vai favorecer a isso mas vai depender de como ela vai ser utilizada.

Professora Giseli: A pergunta que eu queria responder na minha pesquisa, você acredita que as mídias e as tecnologias motivam o professor ou é o professor motivado que vai desenvolver, que vai incorporar as mídias e tecnologias no cotidiano dele, no trabalho dele?

Professora Frida: Vixe! Eu acho que é o professor motivado porque se ele não tá motivado a mídia vai desmotivar pacas, vixe, muito, e a motivação também, ela anda acompanhada com conhecimento né, então se ele não tem conhecimento da plataforma, a plataforma vai ficar pesada pacas, então, assim, você não sabe, coisas simples, então, conheço uma professora extremamente pra frente, faz, quer fazer, só que ela não tem base na área de tecnologia, então, tipo, às vezes ela fica horas pra fechar um negocinho sabe, então ela tá motivada mas não flui sabe, não caminha. Então, eu acho que o professor precisa ter motivação sim, eu acho que é nessa vibe, mas a motivação, ela tem que vir com conhecimento sabe, eu acho que você não tem motivação se você não tem conhecimento sobre o assunto.

Professora Giseli: E eu esqueci de pergunta se você acha, se você acredita na neutralidade da educação, assim, se o professor, ele pode ser neutro?

Professora Frida: Nada na vida é neutro né, tudo está embargado de ideologia e de valores né, resta saber quais são e da onde vem eles né, então não existe educação neutra em nenhum espaço, mas a gente precisa saber, então, qual ela é né, porque se tem um discurso lindo, maravilhoso, mas uma prática que não caminha ao lado né, assim.

Professora Giseli: Então, o que que seria um professor politizado e o professor alienado, na sua opinião, assim?

Professora Frida: Acho que o politizado, ele questiona tudo, tudo e todos, então, você recebeu uma ordem você vai questionar, você fez tal coisa você vai questionar, porque tudo é um contínuo né, nada vem sem uma função. Então, o politizado, ele questiona e ele vai atrás de respostas né, que possam, naquele momento, suprir x necessidade né. E o politizado, ele sabe de onde ele vem, o que que rege a sociedade, qual pecinha ele é nessa roda entendeu, ele não vai ali só pra cumprir um protocolo sabe, ele sabe o que que ele tá fazendo ali naquele momento, então ele não vai reproduzir somente porque ele sabe a importância da postura dele ali de uma forma crítica né, e o alienado não, o alienado não quer nem saber, ele fechou, ele saiu da escola, ele toma um rivotril, ele fechou, vai lá pra casa dele com a família dele, ah, não quer nem saber o que vai acontecer, o que tá acontecendo no mundo, a influência de cada instância né na escola, ah, porque a pandemia não influenciou nada na minha vida, um monte de gente fala isso né, então, éé, eu acho que falta são momentos de que o professor possa questionar né, então, a gente fala tanto pra propor momentos que o aluno questione, que o aluno faça, mas a gente, nas nossas

formações, a gente cumpre protocolinho, então o que que vai acontecer lá na hora que for dar aula, cumprir o protocolinho.

Professora Giseli: E quando a gente fala da, falando da nomenclatura de Paulo Freire assim né, quais seriam, na sua opinião, os temas geradores que a gente deveria trabalhar com os professores e discutir, que seria importante, os temas geradores?

Professora Frida: O que que o Paulo Freire fala sobre temas geradores?

Professora Giseli: Seria assim, a gente busca as palavras, os assuntos, a gente busca nos participantes o que que seria ideal a gente discutir né, e analisar em grupo, e estudar pra poder propor ações, assim. Qual tema que você acha interessante que a gente tinha que tratar disso, nós, professores?

Professora Frida: Na escola, assim?

Professora Giseli: Pensando na formação dos professores de educação física?

Professora Frida: Ah, eu acho que a comunidade né, eu acho que a gente precisaria de espaços pra discutir quem é a nossa comunidade né? Como a gente levanta características da comunidade pra poder propor espaços pra eles né se fazerem presentes, lutarem ali nas suas instâncias né, cada um no espaço que atua. Então, eu acho que pra nós, professores, deveríamos ter momentos de estudos assim, e aí vai muito além de só dialogar com a comunidade, precisa entender o que é comunidade, qual é a função dela na sociedade, qual é o peso que tem, então, assim, éé, eu acho que falta muito isso pra gente sabe, de entender o nosso público ali, quem tá ali com a gente. Então, eu acho que é um dos temas que poderia ser um tema gerador sabe.

Professora Giseli: Show! Quem você indicaria agora, pra quem que você vai passar a bola, assim, que seria interessante pra entrevista?

Professora Frida: Eu vou passar pra minha amiga, que também fez mestrado comigo e entrou no doutorado, a Regina. Vou te mandar o contato dela, inclusive, porque quando você falou pra mim ah, a Professora Ana te indicou, vixe, então ela vai perguntar pra mim quem eu indicaria né, então eu indico a Regina. Não sei se você conhece ela ou se já fez entrevista com ela né?

Professora Giseli: Ela dá aula no Estado ou na prefeitura?

Professora Frida: É, ela dá aula no Estado, mas lá em Bocaina, mas ela tem, ela entrou no mestrado aí na Unesp nessa parte, ah, não sei, fisiologia, não sei o que, motivação, porque o orientador dela não é o Rubens, é outro, como que chama, o da motivação aí também, eu não sei o nome dele, e daí ela, como ela entrou no doutorado, então é uma boa pessoa pra indicar pra Gi, pra Gi entrevistar.

Professora Giseli: Ah, eu não conheço, você manda o contato dela pra mim?

Professora Frida: Mando, eu já falei com ela, ela falou super! Quem faz mestrado, assim, pelo menos no grupo de mestrado, foi muito bom, eles são extremamente solidários sabe, solícitos, o que você pede tem um ali pra te ajudar, então, eles entendem né que pesquisa não é fácil né.

Professora Giseli: Frida, tem mais alguma coisa que você quer comentar, deixar registrado aqui?

Professora Frida: Não! Boa sorte amiga, porque seu tema é extremamente amplo, complexo, pra você depois lá, assim, afunilar certinho esses dados, Nossa Senhora rs, e gostaria de ler depois a sua dissertação né, ver a que ponto você chegou aí da sua pesquisa, dissertação não, da sua tese né.

Professora Giseli: Eu tenho que acabar até o final do ano rs! Até o final do ano eu acabo rs!

Professora Frida: Boa sorte!

Professora Giseli: Eu divulgo pra vocês.

Professora Frida: Sim, sim, que é o feedback né, pra gente mesmo, eu acho que o interessante da pesquisa é esse mesmo né. Mas, assim, não tenho mais perguntas não.

Professora Giseli: Sim. Frida, não tenho como agradecer, muito obrigada de você ter topado a entrevista. Qualquer coisa, também estou à disposição. Deixa eu interromper aqui, tô aprendendo também a mexer aqui rs.

Entrevista 05 - Profª Marisa - Dia 20/04/21 - 19:30 h

Professora Giseli: Boa noite! Nós vamos iniciar a entrevista número cinco da minha pesquisa de doutorado, o tema provisório da pesquisa é “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública”, aí eu vou citar os termos, que a participação é voluntária, você pode interromper a sua participação a qualquer momento, se não quiser responder alguma pergunta tá, fica à vontade, os dados poderão ser usados pra estudos, publicações científicas, mas com sigilo da identidade, a gente vai escolher o nome fictício pra você agora na entrevista. Ciente de que não vai receber nenhum valor, não vai ter nenhum gasto né e nenhum risco com a pesquisa e que a pesquisa poderá resultar em benefícios pra formação docente. Aceita os termos?

Professora Marisa: Sim.

Professora Giseli: Vamo lá Marisa, que nome que você escolhe pra pesquisa, pra colocar pra você?

Professora Marisa: Que nome? Ah, não sei, sei lá. O que que você já usou de nome? Pra eu não repetir.

Professora Giseli: Ah, o pessoal colocou Cabral, Frida, Ana, é mais uns nomes assim.

Professora Marisa: Éé, Marisa, pronto.

Professora Giseli: Marisa? Tá.

Professora Marisa: Marisa.

Professora Giseli: Sexo?

Professora Marisa: Feminino.

Professora Giseli: Idade?

Professora Marisa: Quarenta e um.

Professora Giseli: E sua formação acadêmica?

Professora Marisa: Eu sou professora de educação física né, e tô fazendo agora uma pós em gestão escolar e tô fazendo pedagogia também. Eu comecei a um tempo e acabei jubilando, olha que feio, mas é que eu fiquei doente e não acabei na verdade, mas agora tô retornando, fazendo pedagogia e uma pós junto. Vamos ver se eu consigo terminar.

Professora Giseli: E onde você fez educação física e quando você se formou?

Professora Marisa: Eu fiz na Unesp em Bauru e eu me formei em 2002.

Professora Giseli: E a sua carga horária de trabalho, como que tá?

Professora Marisa: Eu tô na coordenação agora Gi, então agora quarenta horas né.

Professora Giseli: Tem que cumprir quarenta né.

Professora Marisa: E você, tá na sala de aula?

Professora Giseli: É, eu tô com dois cargos ainda rs. Eu tô com vinte e quatro em um e dez no outro, assim, básica e reduzida. Há quanto tempo faz que você tá na carreira? Você é efetiva né, no Estado?

Professora Marisa: Sim, eu ingressei no Estado em 2006. Eu prestei o concurso em 2005 e daí 2006 eu ingressei, mas desde 2004 eu substituí.

Professora Giseli: E na coordenação você está recentemente né?

Professora Marisa: Eu tô desde fevereiro de 2019.

Professora Giseli: Tá. Você acumula cargo?

Professora Marisa: Não, não.

Professora Giseli: É sindicalizada?

Professora Marisa: Não.

Professora Giseli: Por quê que você decidiu assim não ser, assim? Ou nunca pensou nisso, assim?

Professora Marisa: Porque eu acho que o sindicalismo éé, às vezes, confunde um pouco as bandeiras sabe, éé, eu já fui, sem ser sindicalizada, mas eu já fui pra São Paulo quando teve a

greve, várias vezes junto com a APEOESP já fui lá, já fiz a caminhada e tal, já participo nesse aspecto, mas assim, eu comecei a perceber que eles levantam algumas bandeiras que eu não, eu acho que mistura muito né, por isso que eu decidi não me sindicalizar.

Professora Giseli: Entendi! E qual o motivo que você escolheu ser professora de educação física? Por quê que você escolheu?

Professora Marisa: Porque eu queria ser jogadora de vôlei num primeiro momento, olha o tecnicismo né rs, eu sempre gostei de vôlei, e aí por conta disso que eu me envolvi na carreira na parte esportiva né, na carreira esportiva, então eu sempre jogava, nadava, sempre gostei disso, e assim, eu tinha como éé, como mestres assim os meus professores de educação física, eu gostava muito dessa relação que o professor de educação física tem além da sala de aula com o aluno né, então, eu acho que eu me inspirei neles, aliado à esse gosto pelo esporte e eu sempre gostei do ambiente escolar né, no ambiente escolar, minha vida, eu cresci na escola né, então eu acho que tudo isso acabou contribuindo. Eu não tenho ninguém, pra falar que eu não tenho uma professora na minha família que tenha me inspirado, no fim não tem nada a ver com família porque tem uma professora, é uma tia minha mas ela nem exercia assim, então não tem nada a ver com inspiração da família, é por questão acho que dos modelos que eu tive com os professores e do gosto pelo esporte né.

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, quais são as condições favoráveis e quais são as desfavoráveis de ser professora?

Professora Marisa: As condições favoráveis, eu acho que a gente éé, participa da formação do ser humano né, então, eu acho que isso é muito gratificante, ao passo que você vê que a tua contribuição pode gerar uma mudança de vida, uma mudança social lá na frente. Que que é desfavorável, a gente não é igual médico que a gente consegue, se tá doente vai no médico, você toma aquele remédio, dali dois, três, quatro dias você volta e vê o resultado do seu trabalho ali. Na educação a gente percebe esse resultado um pouco mais lá na frente, às vezes a gente nem consegue ver os resultados efetivamente, a gente vai, às vezes, depois de dez, quinze anos você acaba encontrando um aluno seu aí você vê que você influenciou na vida dele, mas os resultados da educação não são imediatos né, não são, eu acho que isso, às vezes, deixa o professor desmotivado, fora a questão salarial, a questão desse sucateamento que tá a educação né. Mas acho que se o professor talvez visse o resultado do serviço dele no dia seguinte, talvez isso, isso seria um fator motivante assim. É o que tem nas outras profissões, o engenheiro vai e constrói a casa, dali, sei lá, quatro ou cinco meses você vê a casa em pé, o professor não vê isso né, algumas mudanças a gente consegue observar no dia-a-dia do aluno mas assim, éé, são pequenas perto do que a gente pode proporcionar pra ele a longo prazo.

Professora Giseli: E na sua formação inicial, éé, atingiu as suas expectativas? Como que foi, assim, a sua formação inicial?

Professora Marisa: Assim, eu fiz o curso de licenciatura e eu sempre quis trabalhar em escola, então essa era a minha meta, trabalhar em escola, porém, e acho que eu tive excelentes professores na graduação, excelentes, assim, na questão de, de, na parte da educação física escolar eu acho que deu conta de todo esse, dessa minha formação. O que que eu senti dificuldade, quando eu cheguei na rede, eu senti dificuldade, assim, de uma distância muito grande entre o que passava na faculdade e o que tem (tosse), ah, desculpa Gi, e o que tem efetivamente na rede, então, assim, a questão prática da rede, eu senti dificuldade, e como é um curso de licenciatura eu penso que poderia ter uma, uma, um olhar diferenciado porque o nosso mercado de trabalho, agora não é mais licenciatura plena né, agora mudou, mas, por exemplo, na época da licenciatura plena, então qual era o mercado de trabalho de maior expansão que ia né aí acabar consumindo todo mundo que tava formando, era a escola né, apesar de que, mesmo num curso de licenciatura, cinco alunos só da minha turma queriam ir pra escola, depois a gente percebe que outras, outros vão pra escola também né, a escola acaba abraçando, talvez porque a escola não fecha, quer dizer, não fecha não né, agora na pandemia é diferente, mas assim, sempre tem aluno, sempre tem aula, e talvez por conta da dificuldade do mercado de trabalho, não sei, a escola acaba abarcando mais gente do que gostaria, por isso que a gente vê muitos professores infelizes porque tão na escola mas não queriam estar na escola. Então, eu acho que talvez uma, uma, como o Estado, é uma escola pública né, o meu curso foi uma escola pública e eu, o meu emprego direto é uma escola pública, eu acho que poderia ter, assim, algumas éé, algumas ligações aí pra facilitar o trabalho de quem chega na rede, porque a gente chega crua se você for ver no âmbito da Secretaria da Educação né, do Estado, a gente chega crua, éé a questão assim de prática mesmo, de preencher um diário de classe sabe, de, e isso eu acho que, aí eu fiquei perdidinha assim, aí eu falo que a faculdade não me ajudou, me ajudou assim no sentido de eu criar alguns conhecimentos, algumas relações que eu pudesse procurar ajuda né, isso sim, mas efetivamente aquele trabalho burocrático ali, que tem muito dentro da escola, isso não me ajudou não, só as relações de contato né que você acaba tendo, de conhecimento né, aí você vai buscando. Mas eu acho que falta porque um curso de licenciatura né qual é o mercado de trabalho? A escola, a gente tem que pensar numa escola pública porque a gente tá numa Universidade pública né, então eu acho que precisava ter sabe, alguma, a Lígia agora e o Rodrigo sabe, que era PCNP, eles tentaram fazer uma aproximação, eu percebi que quando eles estavam, a Lígia ainda tá lá, faz uma aproximação, mas ainda assim é muito distante porque ela também deve enfrentar um monte de burocracia né, então.

Professora Giseli: Sim. E essa transição, assim, de estudante pra virar profissional, assim, como que você sentiu essa transição?

Professora Marisa: Ah, a gente chega na escola perdida né Gi? Chega ali na escola assim querendo colocar tudo, éé, porque que eu falo perdida, eu me formei em 2002 aí eu fui pra escola em 2006, então, desde esse período eu fiquei dando aula eventual, que fica picando né, uma aula aqui, uma aula ali, e eu ficava, dava aula em academia, e quando eu passei no concurso eu falei vou pra escola, e na época, o que eu ganhava na academia, trabalhava numa academia nova aqui em Bauru na época né, e eu ganhava assim o dobro do que eu iria ganhar na escola, então sabe quando você vai por um ideal, ah, mas o meu sonho é trabalhar em escola, eu larguei tudo e fui pra escola. E aí você acha que você chega na escola, você acha que você vai éé resolver o problema do mundo né, quem acaba de se formar tem aquele monte de ideal na cabeça, e não é bem assim, então no meu primeiro ano eu quase exonerei, quase exonerei, então foi bem complicado, aí eu pensei assim comigo, bom, ou eu vou mudar as coisas pela revolução de chegar na escola e colocar tudo pra baixo e tentar mudar na briga ali e aí o meu desgaste ia ser muito grande, e por isso que eu quase exonerei, ou eu vou comendo pelas beiradas devagarzinho, devagarzinho, e aí vou conquistando o meu espaço e fazendo o que eu consigo, o que eu acho que é certo fazer na escola, e aí eu fiz isso. Então essa minha transição, no primeiro ano eu quase exonerei por conta disso, por esse embate do que eu queria fazer e qual era a cultura da minha escola, como que eram as aulas de educação física na minha escola, então aí foi complicado. Agora eu percebo que, é que eu saí de sala de aula, mas o que que eu percebo, depois de um tempo eu acho que a gente perde um pouco aquela vibração, sabe aquela coisa de fazer diferente, não sei se você acaba se acostumando com o sistema, não sei, mas você acaba, não que eu chegue na escola e largue a bola pros alunos, não era isso, mas tem hora que você fala assim, caramba, porque que eu fico brigando com eles, que saco sabe, pô, então eu acabo fazendo alguns contratos com os alunos, acabava fazendo alguns contratos com os alunos que eu percebia que era assim, que no começo da carreira eu não faria, entendeu, você acaba fazendo, se moldando ali, não que você seja corrompida, não é isso, mas você acaba se moldando de acordo com a sua realidade. Então, essa transição aí, quando eu cheguei na escola, foi bem tenso!

Professora Giseli: Eu ia perguntar se você já tinha pensado em exonerar e você já respondeu agora nessa.

Professora Marisa: No primeiro ano eu quase exonerei.

Professora Giseli: Eu passei por isso também.

Professora Marisa: Você entra em choque porque eu sempre quis ser professora de educação física pra trabalhar na escola pública, sempre, e aí eu falo, caramba, quando eu consegui, eu quero exonerar, aí você começa a pirar né, o que que eu fui arrumar pra minha vida né, você fica pirando, mas depois as coisas foram se ajeitando e aí eu percebi que era mais fácil eu ir devagarzinho, conquistando o meu espaço do que eu chegar e querer brigar com todo mundo, aí eu ia me desgastar demais e daí não dá né!

Professora Giseli: É!

Professora Marisa: É questão da maturidade, que a gente tem com a idade porque a gente chega novinho, eu cheguei com vinte cinco pra vinte e seis anos na escola, então você chega bem crua né.

Professora Giseli: É! E falando da sua formação como professora, assim, ao longo da sua carreira, o que que você acha que mais contribuiu pra sua formação de professora, a sua experiência de vida né, desde pequena até agora, a sua formação inicial com a graduação, os estágios, as pós e outros cursos que você fez na formação complementar ou a sua atuação profissional, a sua experiência, o seu cotidiano ao longo da sua carreira? O que que você acha que mais contribuiu pra sua formação de professora?

Professora Marisa: Eu acho que não tem uma coisa que mais contribuiu, eu acho que tem a questão de experiência de vida, a questão da formação na Universidade e a questão da minha atuação na escola, da minha prática na escola. Então, eu acho que isso tudo forma uma, olha seu gatinho passando aí rs, isso tudo forma um bolo que acaba crescendo e contribuindo pra profissional que eu sou hoje, com meus erros e com meus acertos, então eu acho não tem uma coisa só, junta tudo. E a experiência profissional, a prática em si, é extremamente importante só que se a gente não tomar conta, não prestar atenção, a gente acaba fazendo a prática pela prática, você acaba sendo, você não pode esquecer da teoria ali, que é tão importante aquele embasamento né, e a gente tem que tomar cuidado porque na escola é muito fácil a gente fazer a prática pela prática, ficar reproduzindo ali sem pensar sobre isso, porque a rotina escolar é tão, é tão puxada, cada cinquenta minutos você tem que trocar e aí mais trinta alunos e aí, então você acaba virando um robozinho, então isso a gente tem que tomar muito cuidado, e aí quando a gente retorna pra teoria que a gente fala opa, peraí né, preciso melhorar nisso, isso aqui tá legal, isso aqui não tá legal. Então eu acho que não tem uma coisa só, eu acho que junta tudo. Mas assim, se eu tivesse a prática que eu tenho hoje lá no começo da minha carreira, eu teria sofrido muito menos, muito menos.

Professora Giseli: Sim, a gente vai aprendendo né.

Professora Marisa: E como tá sendo atuar na educação básica pública, assim, você tinha expectativa e caiu na realidade, assim, como que é atuar no ensino público?

Professora Marisa: É assim ó, tem os seus encantos e desencantos né. Eu fiquei encantada, por exemplo, com a questão, quando eu comecei com os anos iniciais, a questão da alfabetização, de como o aluno é tratado, dessa questão de incentivo à leitura assim, isso me encantou, me encantou no primeiro momento né, aí, só que é assim, quando a gente vê, éé, as políticas públicas pra principalmente pra educação, o fundamental, os anos finais e o ensino médio, aí isso dá uma desmotivada assim sabe, a gente fica éé chateada com o rumo que, porque assim, a criança entra na escola feliz e parece que aí ela vai minguando aos poucos e chega lá no ensino médio vira aquele adolescente apático e caramba, será que é só uma característica da idade? Tudo bem, tem a característica da idade, mas assim, eu acho que a escola contribui muito pra ir matando esse aluno, sabe, assim, de ir podando ele, de não tratando ele com respeito que ele deveria ser tratado, então isso desencanta, e aí você vê assim que a escola vai virando éé uma empresa que tem meta pra você cumprir, tem lá os índices. Eu terminei o MMR sexta feira, gente, aquilo lá é a ideia empresarial dentro da escola pública e daí isso chateia sabe, isso, e é política pública né, você vai fazer o que, você vai brigar, eu vou lá brigar com o Dória, então é complicado, isso é bem desmotivante, então o que era pra ser um lugar ali de construção de conhecimento acaba dando espaço pros índices, metas, resultados e é isso, vamo, e cobrança, então isso chateia, isso desmotiva.

Professora Giseli: Então, ao longo da nossa carreira, assim, da nossa atuação, a gente vai passando por vários sentimentos né, aí você falou de chateação, às vezes a gente sente alegria, às vezes a gente sente medo, ou frustração, assim, você poderia dar algum exemplo de um sentimento, de algum momento, assim? Você pode citar um exemplo ao longo da sua carreira de um sentimento e um exemplo assim?

Professora Marisa: Assim ó, um sentimento positivo, quando a gente faz uma, eu planejava uma aula, por exemplo, planejei uma aula, aí você percebe que naquela aula você acabou não dando certo em algumas situações, acabou não dando certo a sua atividade, e aí você, com a prática que a gente tem dentro da sala de aula você já consegue tirar uma outra, um coelho da cartola, transformar aquele momento e aí dá certo, entendeu, então quando a aula termina e eu falo assim gente, vamo pra sala de aula e o pessoal fala assim ah, não acredito! Sabe isso motiva muito, eu falo assim, caramba, que legal, que aula legal, ou, às vezes, quando eu perco o horário de descer pra sala de aula porque eu tô ali extremamente ali envolvida com meu aluno e eu esqueço da, que eu tenho horário pra cumprir, eu acho que é uma entrega né, então você acaba se entregando tanto que aí é muito legal. Outro aspecto que é legal também, eu tô na mesma

escola desde 2006, então agora eu acabo encontrando os, peraí, deixa eu falar com a minha filha, o Lê, fecha a porta pra mamãe (filha responde tá bom), ela veio aqui pegar a coberta! Você acaba encontrando ex-alunos que já estão no mercado de trabalho, e aí eu tenho alguns alunos que optaram pela educação física, então, de certa forma, eu acabei motivando eles porque eles tiveram à mim como professora de educação física, e alunos que passaram em colégio público, e isso aí me deixou muito feliz sabe, então é muito gostoso de ver, isso deixa a gente alegre. Agora, o que que entristece, quando você vê, é angustiante isso, quando você vê um aluno no nono ano e ele não aprendeu a ler e escrever e ele tá lá no nono ano, quando você vê que tem aluno no ensino médio que ele sabe ler mas ele não consegue interpretar o que ele lê, o que ele leu, então aí, ou então quando tem um aluno que se envolve éé, numa situação de crime, eu sei que a gente faz parte de uma parcela pequenininha da formação dele, mas a gente se sente frustrada porque dá impressão que a educação falhou com ele, como a gente faz parte da educação, a gente se sente falha também. Eu sei que a gente não consegue consertar o mundo, que a nossa influência no aluno é uma parte do que ele é, tem os pais, têm a família, tem o meio que ele vive, eu sei de tudo isso, mas não deixa de ser um fracasso pra gente, quando a gente vê que lá na frente, eu tô falando isso porque agora a gente consegue já ver, eu consigo já ver os frutos do que eu plantei porque eu já tô na escola, na mesma escola desde 2006, então eu consigo ver a trajetória do aluno. Quem teve aula comigo lá no primeiro aninho já até concluiu o ensino médio né, então eu consigo ver, mas aí você vê e fala, caramba, eu não pude contribuir na educação dele pra ele ter uma outra vida, pra ele ter uma outra perspectiva, então, mesmo sendo parte desse todo eu me sinto frustrada assim, me dá uma sensação de fracasso, e é isso, eu falo, caramba, o que que eu tô fazendo aqui, o que que a escola tá fazendo na vida desse menino? É isso!

Professora Giseli: Na sua opinião, você acha que o professor consegue se auto motivar?

Professora Marisa: Ai Gi, eu já tive com a motivação interna dele enquanto ser humano do que com a motivação, se a gente for esperar pelas políticas da rede pública, porque, assim, é difícil, eu ver, o professor é aquela questão, aquela qualidade dele, sabe, uma coisa pessoal, porque se for pra, não sei, ele tem que gostar muito pra estar na escola, e essa motivação é muito pessoal, porque, assim, quem gosta mais ou menos acaba ou fazendo igual o que tá aí disseminado ou acaba desistindo, sabe, porque tem que gostar muito pra estar na escola, então essa motivação talvez seja um, não sei nem se é um ideal de carreira, um ideal ali do, ah, do ser professor sabe, aquela, eu falo que tem sempre um bichinho que pica o professor, você fala assim ó, amanhã eu não volto, eu não volto amanhã, eu vou vender pipoca na rua mas eu não volto pra dar aula, aí no dia seguinte você respira fundo e você volta, entendeu, então o que que, tem alguma coisa

de especial que faz você, esse cara voltar pra dar aula de novo, entendeu, pode ser muitas vezes que ele tenha a questão de ser o sustento da família, de ele não ter outra coisa pra ele fazer, mas assim, se é tão ruim então vá fazer outra coisa né, mas aí ele consegue voltar, então essa motivação que eu acho que é interna dele, é motivação dele mesmo sabe e aí é muito fácil de perdê-la né, é muito, tem altos e baixos, altos e baixos. A gente vê os professores novos chegando na escola extremamente motivados, e aí a gente vai, éé, parece que vai minguando, minguando, e são poucos professores, não que não existam, mas são poucos professores que chegam lá depois de dez, quinze anos de magistério, que ainda estão motivados, são poucos, dá pra contar assim no dedo os professores que ainda estão se mantendo motivados, éé, mesmo nesse processo todo, mesmo tanto, tanto de serviço, então são poucos. Se você perguntar, muita gente vai falar assim, não, não tô aqui por opção, isso eu não posso falar porque eu tô na escola pública por opção, eu tive um emprego melhor na época e eu acabei largando porque eu queria escola pública mesmo, às vezes eu me arrependo disso, eu falo, caramba era pra eu estar bem melhor que agora, às vezes eu me arrependo, mas é uma motivação, não sei se a gente é boba, a gente apanha e volta e tá lá, ou se é uma, não sei te explicar, éé, eu acho que é o gostar mesmo né, o ambiente escolar, eu gosto do ambiente escolar.

Professora Giseli: E o que que você espera pro futuro?

Professor Marisa: Pro futuro meu? Pro futuro da educação? Pro futuro do quê?

Professor Giseli: É assim, no geral, seu, da educação, o que que você espera, assim, pro futuro?

Professora Marisa: Primeiro eu pretendo me rs, eu espero que eu consiga me aposentar viu, porque tá tão difícil, porque tá tão difícil, a gente tá vendo que a aposentadoria tá cada vez mais distante, então eu pretendo me aposentar e me aposentar com saúde né, e eu queria lá na frente ver que os alunos que passaram pela escola éé, realmente passaram e não foi só pela passagem de tá ali presente na sala de aula, mas que tenha, que a escola tenha contribuído de alguma forma né, que tenha sido significativo na vida deles, que tenha realmente mudado de, que tenha feito uma ação na vida deles. Eu sei que isso é utópico de acreditar que só a educação não muda, tem vários outros aspectos e tudo, mas eu queria lá na frente conseguir enxergar isso, que a escola fez diferença na vida do aluno, e assim, não de um, dois alunos, mas que isso fosse uma, éé, regra né, um ou outro que não teve, porque parece que antes, lá atrás, parece que era isso que acontecia, um ou outro, por exemplo, as pessoas que estudaram comigo, um ou outro, você vê que tá numa vida errada, você vê que tá numa vida que não consegue manter o sustento, a grande maioria dos que estudaram comigo, em colégio público, viraram pessoas de bem, éé, uns são formados, outros não, mas assim, conseguem manter o sustento. Agora, parece que não tem mais isso né, não sei se é porque a escola abriu pra todo mundo e lá atrás a escola era mais

fechada, era só pra uma elite, eu não sei, parece que a educação não faz mais a diferença na vida das pessoas, então, o que eu queria ver lá na frente era exatamente isso, uma diferença na vida deles, até mesmo pra eu conseguir ter sentido mesmo no que eu faço, pra poder levantar todo dia e trabalhar.

Professora Giseli: E sobre a formação continuada que o Estado oferece, assim, qual que é a sua opinião, o que que você acha da formação continuada que é oferecida pra gente?

Professora Marisa: A formação continuada, então, é assim né, éé, na verdade é o que a gente tem que seguir o currículo né, tem que seguir as diretrizes que eles estão, então assim, é uma formação, é, mas é uma formação casada ali né, não é uma formação, é uma formação casada, você tem essa formação, você tem agora o Centro de Mídias que tem formação de manhã, à tarde e à noite, mas é tudo em função do quê? De atingir metas e resultados. Essa questão de falar que a educação tá visando o aluno integral é muito bom no papel mas na prática você vê que não funciona muito bem assim, que o governador não me ouça, mas assim, o ensino médio hoje, tá formando o aluno pra quê? O aluno de escola pública, ele concorre com o aluno do vestibular? O aluno de escola pública, muitas vezes, ele não sabe nem o que é o vestibular nem quais opções que ele tem, então assim, então pro vestibular o aluno não tá sendo preparado. Muitos alunos passam em universidades pagas? Passam, mas aí é só você passar lá, deixar o RG, você tá matriculado, então não é por conta do conhecimento dele. O aluno tá preparado pro mercado de trabalho? Não sei, o mercado de trabalho, talvez aquele mercado de trabalho massificado que é todo mundo faz a mesma coisa talvez sim, mas tá preparado pra vida? Também eu vejo que não porque às vezes você chega, os meninos do ensino médio, éé, perdido assim, não tem sentido o que eles estão estudando, agora tem essa questão do ensino médio, que eles vão ter que escolher o itinerário, eu não sei né como que vai ser isso porque, gente do céu, eles estão tão imaturos pra escolher, e eu também era imatura pra escolher, apesar de eu saber exatamente o que eu queria desde, sei lá, desde que eu tava no sexto, sétimo ano, mas assim, dá um medo na hora que você vai escolher a sua profissão. Então, assim, éé, eu acho que a questão da formação continuada tá ligado diretamente na política pública que o governo quer né, então, assim, ele tá formando professor, mas ele tá formando professor pra quê? Pra seguir a cartilha lá do Aprender Sempre, do Mais Educação, porque ele precisa melhorar os índices da escola pra falar que a educação do Estado de São Paulo tá indo bem, então, eu não sei até que ponto isso é uma formação. Agora, que nenhum outro governo teve a questão de fazer a formação em massa, isso eu não me recordo de ter né, então talvez isso esteja melhor porque tá tendo a formação, do jeito deles, mas tá tendo a formação. Mas eu não sei, vamos ver como vai ser daqui uns anos se a gente vai ter realmente, éé, eu acho que pra entrar na escola pública

tinha que ser um critério de formação muito maior, pra entrar, a gente tem ali professores que estão chegando na escola pública agora, que assim ó, caiu de paraquedas, então, éé, sabe assim, eu vou pra escola porque na escola nunca vai me faltar emprego, nunca vai faltar hospital e nunca vai faltar escola, então eu vou ser professor, e aí você faz um curso à distância pra ser professor e você cai na escola pública, só que assim, hoje em dia pra ser professor é a fase mais difícil que tem pra ser professor é hoje, não só por conta da pandemia, a pandemia veio pra dificultar isso, mas não só por conta da pandemia mas é difícil ser professor, você não precisa só entender da sua matéria educação física, você tem que entender do comportamento do aluno, você tem que entender da questão sócio emocional, você tem que entender da tecnologia agora também, então tá cada vez mais difícil você ser professor, e eu acho que vai piorar. Então, a seleção pros profissionais do Estado, eu acho que tinha que ser criteriosa, a valorização, ele não pode ter uma seleção tão criteriosa porquê? Olha o salário que ele paga! Então, por exemplo, você pega a Google, quem trabalha na Google? São os melhores profissionais que trabalham na Google. Como você faz pra chegar na Google? Qualquer um que entra na Google? Não, não é qualquer um que entra na Google. Por que não é qualquer um? Porque o salário deles é altíssimo, então, o que que acontece? Só vai lá os top. Na educação pública entra todo mundo, abraça todo mundo, todo mundo, e aí devagar o professor vai se formando, vai se né, começando a ter as formações tal, só que aí, nessa questão de formação, já passou muito aluno por ele, e o que ele fez naquele ano se perdeu, se perdeu não, mas teve um resultado que talvez não seja tão significativo pro aluno, é um ano que o aluno passou com ele né, então isso, não sei, a questão de formação, eu, pra você se formar você tem que estar motivado pra você buscar a formação, então, se o professor tá desmotivado, éé, eu acho que é difícil você conquistar a formação, você fica lá na sala de aula, você tá recebendo a formação, você tá ligado no Centro de Mídias, mas você tá aberto à receber essa formação, você tá motivado pra isso? Então, não sei se é tão benéfico assim! Agora, por que que o Estado, todo mundo acaba indo pro Estado? Porque pra quem tá começando agora, você pega umas aulinhas pra se manter, você escuta muito isso, e é revoltante né, eu fico brava quando eu escuto isso, mas tá virando realidade, mas pra quem gosta de escola realmente, pra quem quer ser professor sabe, não dá pra ficar empurrando só com a barriga ali porque tá lidando com ser humano né, é a formação do ser humano, então ele precisa estar motivado pra ele poder se, ter uma formação continuada ali.

Professora Giseli: Agora, já meio ligado com a próxima assim né, na sua opinião, qual que é a relevância social do trabalho docente, a importância pra sociedade?

Professora Marisa: Total né porque a gente participa da formação de todas as outras profissões né e além das formações de todas as outras profissões a gente participa também da formação de seres humanos, então o professor é, a ação dele pra formação de uma sociedade melhor ou pior cai diretamente no trabalho do professor né, é a base ali, é o alicerce. Tô falando muita besteira Gi? É meio que um desabafo rs!

Professora Giseli: Deu uma travadinha mas voltou rs! Você pode citar um acontecimento marcante ao longo da sua trajetória docente até o momento, assim? Um momento marcante da sua carreira até agora.

Professora Marisa: Positivo ou negativo?

Professora Giseli: Os dois, assim, pode ser.

Professora Marisa: Ai, é tanta coisa, deixa eu pensar. Ó, eu vou citar um mais recente agora, veio o ano passado a pandemia e aí a gente conseguiu com que todos os alunos da nossa escola tivessem alguma interação com a escola, então a gente teve cem por cento de interação. É lógico que a interação não garante a aprendizagem, porque a gente sabe que o aluno, às vezes, fica ali interagindo com a escola mas o aluno não aprendeu, mas pra ter a aprendizagem tem que ter a interação, então um ponto positivo que a gente ficou muito feliz foi que éé, a gente conseguiu no ano passado, e eu tenho participação nisso porque a gente ia em casa de aluno, visitava os alunos, alunos que não tinham acesso eu levava material impresso pra eles, ia na casa deles, e aí além disso, além dos cem por cento de interação da minha escola, o que que acontece, acaba ficando muito próximo do aluno, então você acaba conhecendo o aluno dentro da casa dele, é o que não acontecia com a gente, a gente conhecia o aluno dentro do contexto da escola, fora disso a gente não conhecia, então eu acho que isso foi marcante assim, de você chegar na casa do aluno e de ser recebida, a gente vê da forma como é recebido que o professor tem muita importância na vida deles, eles ainda valorizam bastante o professor, então essa atenção que eles deram pra gente, talvez seja por ter ido na casa deles, em nenhum momento da história aconteceu isso, sei lá, então esse reconhecimento da busca, da atenção, eu acho que foi recentemente assim foi um fato que me deixou muito feliz.

Professora Giseli: E a gente comentou assim que você já falou que pensou em exonerar e tal, e assim, qual o vínculo que você cria pra se manter na carreira assim? Resumindo, assim, no que que você se apegar e se mantém pra continuar nessa carreira?

Professora Marisa: Primeiro porque eu penso na minha filha né, eu dependo do meu emprego rs, segundo, porque eu gosto do ambiente escolar, eu gosto muito da escola, eu gosto muito do que eu faço sabe, então, eu realmente escolhi, eu não sei se amanhã eu posso mudar de escola, de ideia e sair da escola, isso não aconteceu ainda, mas eu gosto muito do que eu faço, então eu

me sinto bem, eu gosto de, eu tenho prazer de ir pra escola, levantar e ir pra escola, e aí é uma motivação pessoal, é minha, porque se a gente for depender da escola pra gente ficar motivada, eu acho que não vem da escola, eu acho que não, é uma opção minha mesmo, porque eu gosto. Professora Giseli: Então, se perguntar agora se você está realizada, satisfeita com seu trabalho você vai falar sim ou não?

Professora Marisa: Sim, sim. Óbvio que eu queria mudar muitas coisas, eu posso falar que duas coisas na minha vida que eu realizei primeiro, eu amo ser mãe, eu sou mãe, e segundo eu queria trabalhar em escola pública, e aí eu me realizei, eu fiz o que eu queria né, aos trancos e barrancos né, como algumas coisas eu concordo outras não, éé, eu posso dizer que eu sou realizada sim.

Professora Giseli: E você acha assim que você se esforçou, se empenhou adequadamente pra fazer jus ao título de professor?

Professora Marisa: Eu acho que sim, eu acho que a gente nunca tá completa né, eu poderia ter me esforçado mais, poderia ter estudado mais, poderia ter feito mil coisas a mais, mas éé não vou dizer também que eu não me esforcei porque eu me esforcei sim, eu corri atrás, quando eu enfrentei vários problemas na escola assim de desmotivação, e aí você acaba, fala, caramba, e agora, o que que eu vou fazer, vou largar tudo, daí você procura meios pra te mostrar também, pra continuar, eu penso que sim, eu me esforcei sim pra ser professora.

Professora Giseli: E você acha que o professor consegue separar a vida pessoal e vida profissional? Você acha que o professor consegue ter essa separação, vida pessoal e profissional?

Professora Marisa: Precisa separar, pra você manter sua sanidade mental você precisa separar, mas assim, os laços afetivos que a gente cria com os alunos, a gente acaba vendo os problemas deles né, isso não tem como você se desvencilhar, você acaba se chateando, quando você chega na escola você acaba se alegrando, quando tem problema você traz pra casa né, então eu acho que em partes, consegue separar em partes, porque é um trabalho de relações humanas né, então não tem como você se dividir lá, um dia você é professora, é lógico que tem coisas que você tem que manter um certo distanciamento, é trabalho de relações humanas, então não tem como você falar que é sempre imparcial, que você não mistura as coisas, não tem como.

Professora Giseli: Então assim, resumindo, quais são os aspectos negativos que interferem no professor pra questão de desmotivação, de desencantamento assim, os fatores negativos, então, que influenciam negativamente?

Professora Marisa: Aspectos negativos, eu acho que as condições de trabalho do professor, as condições de trabalho e a questão salarial. Eu falo assim ó, a questão salarial deles, a questão dos materiais que ele usa, a questão do número de alunos por sala, isso eu acho que é um fator

desmotivante né, que acaba pesando. A questão principalmente do professor de educação física, ele tá na quadra, aí há uma aula vaga, a quadra é a sala de aula do professor de educação física, tem aula vaga aí vai duas salas pra quadra, isso é uma forma de desmotivar o professor, tudo bem que o professor é bacana, o professor de educação física sempre é legal né, ele sempre fica com a sala, o professor fica com a sala porque ele tá tentando ajudar a escola ali, ele vê que o circo tá pegando, não tem professor pra ficar e ele acaba ficando porque ele tá ajudando a escola, porque eu, na verdade, quando mandavam mais alunos pra minha sala eu ficava, ficava, porque eu sabia que naquele momento não tinha ninguém pra ficar, mas é uma desvalorização do professor, não da professora Marisa, mas do espaço ali que é a quadra. Outro aspecto que eu acho desmotivante é que assim, o nosso trabalho, como a escola tá virando uma empresa com relação ao alcance metas e índices, e quando seu trabalho é avaliado, você não é avaliada pelo seu trabalho, você é avaliada pelo trabalho do aluno, pelo trabalho do outro, daí é uma valorização desleal, porque você não vai ser, você depende do trabalho do outro, depende do convencimento do outro pra chegar no seu trabalho. Foi como eu falei, o engenheiro, ele vai ver ali, ele construiu a casa sabe, fica supervisionando a obra, a parede tá quebrando, ele vai lá destrói a parede e constrói de novo, ele vê o produto final do trabalho porque aquela casa ali ficou ótima, ele depende de um só, da supervisão dele com os pedreiros, de construir, ele pode desmontar e montar de novo, agora o professor não, então, por exemplo, éé, tem as avaliações externas, o professor é avaliado, o trabalho dele é avaliado, só que quem fez a prova? Foi o aluno, tudo bem que o professor tá ali, tá passando todo conhecimento pro aluno, mas quem realiza a prova? É o aluno. E quem foi avaliado? Acaba sendo o professor, sendo a escola, então isso desmotiva porque o nosso trabalho é avaliado pelo trabalho dos outros né, e isso, se o outro não contribui pra isso, como é que faz né? Você pode ser o melhor do mundo, mas se metade da sala não tava prestando atenção na sua aula, se você só conseguiu motivar metade da sala né, você tá sendo avaliado em cinquenta por cento ali? Tudo bem que a gente tem que ter esse parâmetro pra gente ver se a nossa aula tá legal, se não tá, o que eu preciso mudar, o que eu não preciso, só que daí ele alia isso ao mérito de você ganhar uma bonificação, aí o negócio fica, porque daí você ganha um dinheiro a mais ou não de acordo com o seu desempenho e de outros professores, então aí isso mexe no bolso dele, eu acho que quando mexe no bolso do professor judia, é avaliado pelos outros e mexe no bolso, então eu acho que é, isso desmotiva, de bonificação, isso desmotiva.

Professora Giseli: E a parte positiva assim, os aspectos positivos que você atribui, como sendo assim, que proporciona motivação, pra resumir?

Professora Marisa: Eu acho que o reconhecimento do aluno, quando encontra um aluno seu, depois de dez anos, fala ô professora, que legal professor, eu gostava da sua aula, fui fazer educação física, ou então bate aquele papo, eu acho lindo, que você conversou com o aluno e ele tá lembrando, então, assim, o que motiva é saber que a sua fama, pontualmente, fez diferença na vida do aluno né, ficar sabendo que o aluno passou num curso, passou numa universidade, tem um emprego bom, você fala, caramba, eu participei disso né, dessa transformação dele, então eu sou responsável por isso também, então isso motiva.

Professora Giseli: E em uma palavra, então, o quê que vocêalaria que faz você superar os problemas e dificuldades na carreira? O que que te faz superar os problemas e as dificuldades?

Professora Marisa: Em uma palavra só?

Professora Giseli: É.

Professora Marisa: Vixe Maria, deixa eu pensar. Eu acho que desafio, eu gosto de desafio, eu gosto de ser desafiada. Talvez seja por isso que eu não tenho muito trato com o primeiro ano né, então eu acho que esse desafio de você levantar, ir pra escola, só que assim, esse desafio também, quando o desafio é muito grande, a gente fala, caramba, éé, amanhã eu não volto, eu vou procurar outra coisa pra minha vida, mas não sei o que acontece, você acaba ficando né, voltando, talvez, eu não sei, se eu acabar encontrando outra coisa pra eu fazer que eu veja que vai ter menos desgaste e ganhe mais talvez eu mude de ideia, eu não sei, mas então, o desafio de ir pra escola né, nenhum dia é igual ao outro, você acaba falando, eu vou fazer melhor que ontem, tem dia que você faz melhor, tem dia que você faz pior, mas você volta e faz né.

Professora Giseli: E, às vezes, tem alguns momentos na escola que a gente fica assim, ah, eu não vou conseguir resolver isso né, tipo, tem alguns momentos que a gente se sente incapaz de resolver aquela situação assim, que estratégia que você utiliza ou pra tentar fugir dessa situação ou pra resolver, que estratégia?

Professora Marisa: Ultimamente, eu tenho me sentido bastante assim, porque tá tendo uma onda de coisas pra gente fazer burocráticas, uma demanda muito grande, eu falo eu não vou conseguir dar conta disso, então o que que eu faço? Eu respiro fundo e falo assim ó, uma coisa de cada vez, então eu pego um probleminha ali, um tema, vou tentando destrinchar ali, quando eu conseguir, aí eu vou pro próximo, aí eu vou pro próximo, pensando ali e tentando ir por partes. Eu falo assim ó, hoje eu fiz isso, amanhã, vou respirar fundo e fazer outra coisa, uma coisa de cada vez, porque senão eu fico, eu entro em desespero, porque tem coisas que parece que você fala, eu não vou dar conta de fazer, daí eu vou quebrar e tentando fazer por partes, sabe, uma coisa de cada vez, porque o que que acontece, tem coisas que acontecem ao mesmo tempo né,

que você tem que dar conta, se você for ficar esperando pra resolver eles passam em cima de você, mas eu tenho feito isso, uma coisa de cada vez.

Professora Giseli: E, assim, pra resumir, assim, então, você atribui o seu aprendizado de professora à?

Professor Marisa: Ah, é uma vivência né, uma vivência de ir pra faculdade, uma vivência da sala de aula, uma vivência com os colegas, porque, assim, conversando com outros professores a gente aprende muito também né, aprende a não ser igual e aprende a ser igual e melhor né, então eu acho que é tudo isso, essa, essa, são vários pedacinhos do bolo aí que contribui pra isso.

Professora Giseli: Você acha que teria que ter um privilégio ou alguma recompensa pro professor? Você acha que há a necessidade de ter um privilégio ou uma recompensa?

Professora Marisa: Ai, um privilégio, eu acho que tinha que ser mais valorizado, eu acho que o professor precisava assim ó, éé, qual que seria o privilégio dele? Atuar numa escola só, ele não ficar pingando de galho em galho, em várias escolas, sabe assim, o privilégio dele seria o respeito, porque na realidade eu acho que a gente acaba conquistando, porque que muitos professores são respeitados e outros não né? Então assim, eu não acho que tem que ser éé, talvez uma aposentadoria especial como a gente tem, talvez diminuir uns cinco anos aí, não sei como tá agora, mas que isso já seja um privilégio pra gente, porque quando você tá no ensino na universidade que você tem, tá lecionando pros maiores, talvez você consiga estender a sua vida útil por mais tempo, mas, imagina um professor, por exemplo com sessenta anos dando aula pros pequeninhos com a energia total, é desumano, então talvez isso é pra se pensar, lá na frente, quando você dialoga com seu aluno né, de igual pra igual, o seu desgaste físico é maior, é menor, na educação de base, naquele vuco-vuco dentro da escola é difícil pela questão da idade do professor, pra acompanhar aquela rotina doida de criança né, então essa aposentadoria especial aí para os anos iniciais principalmente, eu acho que isso seria de bom tamanho.

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, como que a sociedade vê o professor de educação física? Qual que é a visão que eles têm do professor de educação física?

Professora Marisa: Então, a gente vê muito que o professor de educação física é o legal da escola né e a gente tem muita ainda, eu acho que ainda assim tá mudando isso, mas eu acho que ainda tem a questão do professor como um técnico esportivo, então vê o professor como um técnico esportivo entendeu, só a área do esporte, só jogar bola, então eu acho que isso tá mudando, tá mudando assim, tá vendo o professor de educação física como éé, esse negócio da formação, a questão da saúde né, que cuida da saúde física, mas ainda, a grosso modo, eu acho que eles veem o professor de educação física como técnico, tá muito ligado ainda. Talvez, essa

geração aí que tá agora, sei lá, com cinquenta, sessenta anos, tem ainda vivenciado uma educação física tecnicista e aí é isso que eles têm como modelo, então aí eu acho que é a questão do esporte que fala alto com relação ao professor de educação física sabe, fazem essa relação com ele, apesar que isso tá mudando.

Professora Giseli: Então, assim, na sua opinião, qual que é o trabalho, qual que é a função do professor de educação física na escola?

Professora Marisa: Qual que é a função?

Professora Giseli: É, na escola.

Professora Marisa: A função é contribuir com a educação integral, daí quando eu falo da educação integral é a questão do físico dele né, da parte biológica, da parte da relação pessoal, da parte de emoção, de saber como eu devo me comportar, quando eu tô ganhando, quando eu tô perdendo, ensinar o aluno por exemplo, éé, a jogar um determinado jogo, na parte técnica e na parte física, mas tem que ensinar o aluno que lá na frente ele pode reivindicar, por exemplo, éé, um espaço de lazer que não tem no bairro dele, que ele consiga enxergar isso, que não é só a educação física ali na quadra, a parte técnica, o aquecimento, mas de fazer com que ele perceba que aquilo ali é importante pra ele e aí ele percebe que depois, ele vai no bairro dele, por exemplo, não tem nenhuma praça de esporte e ele conseguir ter consciência, vamos lutar por isso, vamos reivindicar isso, vamos fazer um movimento aí, então assim, não é só o lado físico né, o lado do organismo, de fazer atividade física, mas de ser humano, de ser crítico, de entender que ele, tá faltando uma coisa, ele pode ir atrás disso, ele pode ir buscar né, então por isso que eu falo que é educação integral né, principalmente porque o professor de matemática ele fica ali só na sala de aula mas o professor de educação física tem a vantagem né, a grande vantagem de mexer com o corpo, mexendo com o corpo mexe com as emoções né, então eu acho que é isso, é enxergar o aluno não só com aquele corpo ali que tá correndo, tá suando, tá jogando bola, mas naquilo que ele faz, no que ele pode gerar mais na frente.

Professor Giseli: A base do nosso trabalho então seria essa questão da conscientização né, de que não é só corpo né, e você também tem que pensar né, e ver como vai agir né, em torno da sua realidade né, mais nesse sentido assim?

Professora Marisa: Só que a gente tem uma vantagem né, a gente trabalha com isso mexendo o corpo, que é a coisa mais gostosa do mundo né, é a nossa grande vantagem né, criança principalmente gosta disso, de se movimentar, gosta, ela é movimento puro, então, assim, é o nosso ápice assim, nossa carta na manga é a questão de ser a área do movimento. A gente tem que tomar cuidado de não deixar a educação física muito teórica né, não esquece que a educação

física tem que brincar, então tem que comemorar que tá perdendo aquela parte de tecnicismo de só jogar, mas tem que tomar cuidado porque senão a educação física pode ficar muito teórica.

Professora Giseli: Sim. Você acha que a profissão de professor ela tá desconectada de seus pressupostos, a gente acaba fazendo coisas que às vezes não é da nossa ossada assim?

Professora Marisa: Acaba, acaba, principalmente professor de educação física, ele tá lá na quadra, ele acaba também não só socorrendo a escola, colocando os alunos na quadra, mas também, assim, talvez, porque o professor de educação física tem uma proximidade com o aluno, não sei, se movimenta, não sei, acompanha o aluno mais de perto, acaba fazendo o papel de psicólogo sabe, vai lá, conversa com a Má, conversa com a Marisa sabe, então a gente acaba exercendo várias funções dentro da escola que não é apenas dar aula né na quadra.

Professora Giseli: A palavra herói, você acha que assim, você encara o professor como sendo um herói? Você acha que a gente pode atribuir esse título de herói ao professor? Você se sente uma heroína?

Professora Marisa: Eu me sinto, eu acho que sim, eu acho que sim, ainda mais numa sociedade que não valoriza muito a educação né, então eu acho que sim, que o professor é um herói sim.

Professora Giseli: E a gente tem muita coisa assim que, às vezes, é imposta né no nosso cotidiano, vem muita coisa de cima e é imposta pra gente. Você segue à risca as normas e as ações impostas?

Professora Marisa: É assim ó, na rede a gente tem o CPF né, e esse CPF que gera o meu pagamento, então assim, eu não posso ir contra o que é me pedido, sou um número ali, depende daquele momento, mas dizer que eu sigo inteiramente não, o que eu não concordo e que eu tenho que seguir a risca tudo bem, eu deixo a minha reivindicação, eu não concordo com isso mas assim, porque sou dona do meu próprio nariz, atuo na rede estadual e eu tenho que seguir a diretriz da rede estadual, mas assim, eu percebo que eu acabo fazendo alguns arranjos aí pra tentar meio que mascarar algumas coisas que eu não concordo, sabe assim, eu acabo criando alguns macetes assim, do que eu tenho que seguir né, por exemplo, na sala de aula, não tem como eu não seguir o currículo, eu tenho que seguir o currículo, porém o que acontece, alguns aspectos que eu acho muito legal no currículo e eu vou seguindo, outros que eu acho que não tem nada a ver, preciso me aprofundar mais ou isso aqui não tem nada a ver, você acaba fazendo aquela manobra ali na sala de aula, você tá seguindo o currículo, mas também você tá deixando a sua marquinha ali né. Mas eu sigo a formação daquilo né.

Professora Giseli: Estamos chegando nos finalmente aqui Má, tá quase acabando. Aí, agora pensando ao longo da sua vida inteira, assim, na sua vida de estudante você teve vários

professores assim, você poderia citar algum momento marcante de algum professor seu que foi especial pra você ao longo da sua vida?

Professora Marisa: Tem vários, tem vários. Tem a que foi a minha professora de educação física, acho que é a que mais me marcou, éé, tive um professor que a gente conversava muito com ele e era um professor assim que no final do ano ele fazia uma cartinha pra cada um, individualizada, e aquilo pra mim era tão legal, tão máximo ele entregar uma cartinha pra cada um, e então tem esse aí, até pela questão dos modelos que a gente segue, tive uma professora de Língua Portuguesa por exemplo que ela entrava na sala, ela não alterava o tom de voz e ela conseguia com que todo mundo entendesse naquele tom de voz sabe, naquele sabe, tive uma professora de matemática que falava que a gente tinha que estudar, ainda mais a gente sendo mulheres, que a gente ia penar muito na vida, então ela falava, estudem, vocês que estão em escola pública, você são pobres, filhas de mulheres pobres, estudem, e isso eu me lembro muito ela falando isso, tiveram vários professores assim que me marcaram.

Professora Giseli: E, assim, se você fosse resumir, qual foi o legado dos professores pra sua vida? Qual foi o legado de todos os seus professores pra você?

Professora Marisa: O legado deles é a minha profissão, eles me influenciaram, porque eu não tenho influência na minha família de professor. Eu tava fazendo direito quando eu, porque minha mãe queria que eu advogasse, então aí eu tava no curso de direito, e aí saiu o resultado da Unesp, nessa época demorava pra caramba pra sair, eu já tava até frequentando o curso, então, assim, se eu fosse levar em consideração a influência familiar eu não seria professora, com certeza, é porque eu gosto muito da profissão de professora, e eu tenho um professor de educação física que eu falo que o que eu sou é por conta dele, então eu falo você é culpado disso viu, ele dá risada rs.

Professora Giseli: Tem algum, desculpa, pode falar Má.

Professora Marisa: O que ficou aí deles é o que eu sigo hoje.

Professora Giseli: E você tem algum colega de profissão, algum professor de educação física que você acha como exemplo, assim, que você admira?

Professora Marisa: Tenho vários, tenho vários, éé, precisa de nomes?

Professora Giseli: Dá um exemplo, assim, por que que você acha que ele é especial, que ele serve como exemplo, assim?

Professora Marisa: Tem um professor, hoje ele já é aposentado, mas ele dava aula na escola pública e também fazia parte de uma empresa, não empresa privada, uma empresa mista, e essa empresa mista funciona muito, na verdade né é uma economia mista que fala né, público-privado né, e aí, eu falei, errado, e aí ele, a mesma postura que ele tinha lá, ele era extremamente

limpo, educado, que ele era extremamente, éé, vislumbra assim, era uma coisa, parecia que, nossa, ele conhecia todo mundo, a mesma postura que ele tinha lá ele tinha na pública, o mesmo tratamento que ele tinha lá onde ele trabalhava ele tinha na escola pública, então, assim, ele me influenciou bastante, e ele me falou uma coisa que eu nunca esqueço, eu falava assim pra ele, professor, aqui no SESC é tudo impecável, é tudo limpo, aí ele falava assim, tudo era impecável, impecável, aí ele falava assim, tô dando um exemplo, tá tendo um evento, se você vê sujo, a gente não vai, se a gente jogar mais um pacote, é lógico que vai ser assim, vai jogar papel no chão, de qualquer forma, todo mundo suja, mas a maioria ia se constranger ver que o ambiente tá limpo, e acabar sujando, então a gente educa pelo exemplo, tornou isso de não jogar o papel no chão um hábito na vida dele e aí que a gente vai construindo o cidadão, e aquilo que ele falou pra mim me marcou, até hoje eu fico reproduzindo essa fala dele, e ele é professor de educação física, e as aulas dele eram impecáveis, e ele teve uma grande influência tecnicista, então ele não deixava a aula dele ser um suporte do tecnicismo, mas ele não dava a prática pela prática, ele conseguia muito pela limitação dele, já um senhor aposentado, mas ele conseguia fazer as duas coisas.

Professora Giseli: E você acha importante a gente trocar experiências entre os professores? Você acha que a gente consegue trocar experiências?

Professora Marisa: Sim. No espaço de formação do ATPC a gente não troca muito não, principalmente agora que é só formação, formação, formação, tem hora que eles não dão espaço pro professor.

Professora Giseli: Tá puxado né!

Professora Marisa: Tá, tá. Troca experiência assim ó, na cozinha, no corredor, observando o professor, então, aquela troca de experiências, você não precisa falar, você tá observando, caramba, como que aquela sala de aula é daquele jeito? Então, nossa, vou observar, queria que a minha sala de aula ficasse daquele jeito, ou, também, a gente acaba, puxa vida, que zona que tá aquela sala, o que que ele faz que ele não consegue ter o domínio daquela sala? Então, tem aquela troca de experiência do que você quer pra você e tem aquela troca de experiência, não vou falar que é negativa, acaba contribuindo para a visão do que você não quer pra você, você sabe que daquela forma você vai ter aquele resultado né, então, eu acho que as duas formas são positivas, você vê o que você não quer pra você também né.

Professora Giseli: E com relação à, pra facilitar essa questão da gente conseguir dialogar e trocar experiência, éé, assim, como que você acha que a mídia e a tecnologia pode contribuir pra esse contexto?

Professora Marisa: A mídia e a tecnologia pra trocar experiência do que acontece na sala de aula?

Professora Giseli: É tipo facilitar o nosso diálogo né, a gente conseguir, como se comunicar com os nossos colegas de profissão, éé, assim, você acha como que a mídia e a tecnologia pode ajudar, se tem algum recurso ou alguma plataforma que é acessível pros professores?

Professora Marisa: É, eu acho que os grupos de WhatsApp agora é uma via de comunicação, assim, muito direta né, então, assim, você fica sabendo de muitas coisas, você tá no grupo também dos mais legais da escola, e aí você acaba trocando muita figurinha ali, a questão tecnológica do celular, do WhatsApp ajuda bastante, tem um grupo também da faculdade, e aí na faculdade você consegue também trocar experiências com colegas que, às vezes, estão distantes que vivem em outras realidades, tudo mediado por esse aplicativo, porque se não tivesse esse aplicativo, como que eu ia conversar com eles. Agora não, teve um professor que teve uma publicação, esse dia saiu um livro de um cara que estudou comigo, eu falei, caramba, que legal! Então, facilitou muito, a questão da internet, do celular, facilitou muito essa troca de professor, não é só besteira né que a gente publica nos grupos, tem bastante coisa boa.

Professora Giseli: Rsrs! E a pergunta que eu queria responder na minha pesquisa, você acredita que as mídias e as tecnologias motivam o professor ou é ao contrário, é o professor motivado que vai desenvolver, que vai incorporar as mídias e as tecnologias no seu cotidiano, no seu trabalho?

Professora Marisa: Eu acho que motiva, motiva porque a gente, éé, nesses grupos, principalmente esses grupos mais fechados, a gente acaba disseminando as boas práticas né, então acaba sendo um veículo que acaba estimulando alguns aspectos negativos, que às vezes a gente compartilha do dia-a-dia, que foi negativo, mas é muito mais coisa boa, olha o que eu fiz, que legal, deu certo e tal, mas na minha sala não deu certo, ah, mas muda isso, então eu acho que acaba motivando muito mais. Até mesmo o que você falou assim ó, eu fiz isso aqui não deu certo, eu desmotivei porque não deu certo, aí o outro muda um detalhe do que você fez, diz ó, tentei desse jeito e deu certo, ah é, vou tentar. Eu acho que mais motiva do que desmotiva.

Professora Giseli: E eu esqueci de perguntar, assim, você acha que, você acredita na neutralidade da educação, assim, o professor, ele pode ser neutro?

Professora Marisa: Não acredito, a educação não é neutra, ela é política, não acho que tem neutralidade, não acredito. A educação é política, eu não falo de política, eu falo de política do ideal do professor, do que ele acha certo, do que ele acha errado, ele fala pro aluno, então, não é neutra, não é neutra e nunca foi e eu acho que nunca será.

Professora Giseli: E o que seria um professor politizado e o que seria um professor alienado, na sua opinião?

Professora Marisa: Um professor né, e aí eu não tô falando de política né, mas quando ele entra na sala de aula, ele dá o que ele sabe ali de conteúdo técnico dele, ele não quer saber se ele deu, naquela aula dele ali ele é completamente alienado, ele não quer saber se chegou no aluno, se ele conseguiu estar ou se não tá, é aquela coisa assim, ele faz assim como que se ele fosse fazer um bolo, coloca os ingredientes ali, coloca pra assar e pronto, é uma coisa automática, eu acho que um trabalho alienado é um trabalho automático, que você não pára pra pensar e fala, caramba, essa aula que eu tô dando, o que que tá mudando no meu aluno, o que que ele aprendeu com essa aula, o que que ele pode aprender, o que que vai mudar na vida dele isso, né, então isso é um professor politizado, e daí não tem nada a ver com política, com partido político né, você pode ser politizado sem ser filiado à Apeoesp, por exemplo, sem ser de algum partido. Então, o professor, quando ele é politizado, eu acho que é quando ele tem uma reflexão do que ele tá fazendo e o alienado é quando ele dá aula ali, pronto, acabou, acabou a aula dele, sabe, não mexeu com ele, não fez ele pensar. Tô falando muita besteira Gi?

Professora Giseli: Não, não, eu entendi, isso mesmo. Éé, agora, pra finalizar, assim né, usando os termos do Paulo Freire, quando a gente fala de fazer o levantamento dos temas geradores né, então, sobre a nossa entrevista, que a gente comentou né, da questão da troca de informação, experiência e de como utilizar as mídias e as tecnologias né pra facilitar esse nosso diálogo e compartilhamento né, éé, que tema que você acha que seria interessante pra gente discutir, assim, com os professores, éé, que a gente chama de tema gerador né? O que que você acha que é importante pra gente conversar e discutir entre os professores?

Professora Marisa: A questão da motivação do professor, a gente falou bastante sobre isso. Eu acho que a motivação do professor é um tema que rende bastante assunto aí.

Professora Giseli: Rende bastante assunto rsrs, verdade!

Professora Marisa: Por quê que ele é professor? O que fez ele ser professor? O que faz ele continuar, porque uma coisa é ele ser professor, outra coisa é ele continuar sendo professor e querer continuar ser professor ainda? Então, essa motivação é que é um tema legal pra gente discutir.

Professora Giseli: E agora a última é passar a bola pra alguém, assim, quem que você, conhece um professor de educação física que você indicaria pra eu entrevistar, que você acha que seria legal?

Professora Marisa: Uma professora que ela se formou comigo, não sei se você conhece ela, é a Andréia, ela tá numa escola de tempo integral.

Professora Giseli: A Andréia? Tá numa escola de tempo integral?

Professora Marisa: Isso. Eu tenho o contato, se você quiser, não sei se você já falou com ela.

Professora Giseli: Eu não tô lembrada quem que é, mas passa o contato pra mim.

Professora Marisa: Passo sim. Na minha turma tinham só cinco alunos que queriam ir pra escola, e a Andréia também, ela gosta muito de escola, acho que ela era mais apaixonada do que todos ali, ela gosta muito de escola, parece uma, ela se mantém motivada, vira e mexe, ela se mantém motivada. Quando eu tava desmotivada, acabei encontrando ela, e ela é super motivada, e aí, eu conversando com ela, acaba se motivando junto né, você acaba se motivando junto, então aí ela acabou me ajudando sem saber.

Professora Giseli: Ah, manda o contato depois pra mim que eu tento entrevistar, ver se dá certo.

Professora Marisa: Tá.

Professora Giseli: Má, tem mais alguma coisa que você queira comentar, pra finalizar?

Professora Marisa: Não. Eu espero que eu não tenha falado muita besteira rs.

Professora Giseli: Não, imagina. Eu só tenho a agradecer por você ter topado participar da pesquisa

Professora Marisa: Eu tô falando porque eu tô na coordenação e a gente acaba se distanciando um pouco da educação física, e muitas vezes, eu retornava no ambiente da educação física quando você via o professor de educação física, aí eu retomava, porque eu fico assim sabe, no professor geral entendeu, com todos os professores sabe, aí eu acabo me distanciando um pouco da educação física, o que é normal também né, então, eu falava, o professor de educação física é importante pra mim porque eu vou lá na educação física.

Professora Giseli: Não, você contribuiu muito pra minha pesquisa, muito obrigada, eu não tenho como agradecer. E quando você precisar também de mim, só dá um toque aí, você sabe onde me encontrar pra gente discutir, no que você precisar, pra trocar experiência. Má, muito obrigada viu! (som de beijo).

Entrevista 06 - Profª Regina - Dia 21/04/21 - 11:00 h

Professora Giseli: Vamos dar início a sexta entrevista da minha pesquisa de doutorado, o título provisório é “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública”. Os termos da pesquisa é mais assim, que a pesquisa é voluntária, você pode interromper a qualquer momento né, se não quiser responder à alguma pergunta, não tem problema, os dados podem ser usados pra publicações científicas, estudos científicos, mas com sigilo da identidade, a gente vai escolher um nome fictício pra você. Ciente

de não tá recebendo nenhum valor né, não ter nenhum gasto e nenhum risco, e a pesquisa poderá resultar em benefícios pra formação docente. Aceita os termos?

Professora Regina: Sim, sim, aceito.

Professora Giseli: Então vamo lá! E qual o nome fictício que você quer escolher pra você na pesquisa?

Professora Regina: Pode pôr, não sei, põe Regina.

Professora Giseli: Regina. Sexo?

Professora Regina: Feminino.

Professor Giseli: Idade?

Professora Regina: Trinta e oito.

Professora Giseli: E a formação acadêmica?

Professora Regina: Hoje eu estou doutoranda em Psicologia e tenho mestrado na Educação Física.

Professora Giseli: E onde você fez a graduação?

Professora Regina: Eu me graduei em Educação Física pela Faculdade de Educação Física de Barra Bonita e Pedagogia pela Uninove em Bauru, em Psicologia pela Faculdades Integradas de Jaú.

Professora Giseli: Nossa rs!

Professora Regina: Tem um caminho aí rs.

Professora Giseli: Em que ano você se formou em Educação Física?

Professora Regina: Em 2005.

Professora Giseli: Ai, igual eu rs.

Professora Regina: Rsrs.

Professora Giseli: E quanto tempo que você tá atuando como professora de educação física?

Professora Regina: Desde 2006, um ano depois. Eu já atuava né com recreação e lazer, então eu trabalho desde os quinze anos com recreação e lazer, de certa forma né é a área da educação física, trabalhava em hotéis e acampamentos, e aí depois, quando eu me formei, eu já entrei pelo concurso na educação física em Jaú né.

Professora Giseli: E você é efetiva né então?

Professora Regina: Eu sou efetiva. Exonerei um cargo em Trabiçu também, eu fiquei acho que uns cinco anos lá e exonerei o Estado há dois anos atrás. Também tava no Estado, mas não compensava a correria.

Professora Giseli: Agora você não acumula cargo, só tá com um.

Professora Regina: Não, só com esse. Acumulo cargo de mãe né rs, acumulo outros cargos kkk.

Professora Giseli: No Estado você ficou quanto tempo?

Professora Regina: No Estado eu fiquei de 2016 a 2019, um pouquinho, três anos aí.

Professora Giseli: E, assim, porque que você optou ficar no município, assim?

Professora Regina: Porque o meu cargo já era mais antigo né, no município, desde 2005 e eu tenho a possibilidade de ampliar a carga horária né pelo município, e não dá conta de ter essa ampliação no município e mais no Estado. E o valor, como era um cargo novo pelo Estado, o valor hora aula não compensava né, então eu optei por ficar mesmo só com o município né, que ganhava mais e viajava menos também né, já tava ali.

Professora Giseli: Sim. E você é sindicalizada ou não?

Professora Regina: Não sou não.

Professora Giseli: Éé, e qual o motivo de você escolher ser professora de educação física? Por quê que você escolheu essa profissão?

Professora Regina: Ah, na verdade a vida me levou, não foi uma escolha né propriamente dita, foi éé, eu fiz o concurso na época, logo que eu me formei, antes de eu me formar na verdade, no finzinho da Faculdade eu já fiz o concurso e aí, em 2006, eles me chamaram né. Então, tem essa questão da estabilidade né, assim, tudo que eu ganhei hoje, tudo que eu tenho é graças à prefeitura, então eu não posso também cuspir pra cima, mas eu sempre almejava a área da recreação, do lazer, só que nós somos mulheres né e assim, a vida na recreação e no lazer não é simples né, chega uma hora em que a gente tem que dar uma segurada, tanto pra casar, pra ter filhos, não dá pra, então eu comecei a pensar né nessa questão também, não daria pra ficar, se eu quisesse ter filhos, se eu quisesse constituir família, não seria tão simples me manter viajando sempre, indo à hotéis, trabalhando nos feriados né, então eram escolhas muito complicadas né, deixar a família de lado também né, que eu me conheço rs, na área de recreação acho que todos os carnavais, desde dois mil e, desde noventa e oito, eu trabalhei em todos, até 2011, então feriados eu não tinha né, deixava natal, réveillon, momentos importantes aí com a família pra trabalhar, então aí a gente foi pesando na balança, vai ficando mais velho, mais maduro, e eu fui trocando a área do lazer pela escola mesmo, né.

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, quais são as condições favoráveis de ser professora e quais são as desfavoráveis?

Professora Regina: Hum rs! Favoráveis né, é a estabilidade mesmo, éé, hoje, por ter um cargo mais antigo eu tenho algumas bonificações né, um pouco a mais no salário, então eu acho que a questão do salário é bastante importante, que nem na área da psicologia eu consigo em um concurso bater essa questão salarial, e os pontos desfavoráveis, eu acho que a estrutura em que eu trabalho hoje né, eu não gostaria de me aposentar onde eu trabalho, na escola em que eu

trabalho em termos estruturais, eu acho que eu tenho uma equipe muito boa, eu gosto muito da escola, a direção também me dá uma boa liberdade atualmente, é uma direção nova hoje, faz acho que dois anos, um ano que ela assumiu, eee, mas essa questão estrutural mesmo, a quadra sem, éé, com o chão ralador que eu brinco né, que eu falo que as crianças se machucam direto, então eu ouço muitos dos pais em relação à isso, coisa de primeira aula, a criança já se machucar e aí já vir pai e mãe reclamando, brigando comigo, que eu não cuidei e tal, mas é a estrutura em si, e a falta de uma cobertura né, é o que mais me frustra né, assim, tanto tempo na escola e nunca viram a minha quadra, nunca mexeram em nada, nunca fizeram nada né pra arrumar, são dezesseis anos aí, e não tem, na verdade, era uma quadra que tinha, era cercada por árvores, eles foram lá e cortaram, ao invés de podar eles cortaram todas as árvores, eu compreendo que eram árvores que poderiam cair, que tava perigoso e tal, mas não tiveram nenhuma outra mudança né, então isso me machucou muito, chorei, frustrei muito porque eu vou me aposentar do jeito que tá indo, mais quinze anos no sol né, no sol mesmo, não tem nenhum muro pra encostar sabe, então uma hora da tarde eu tô no sol, das sete horas da manhã até às seis da tarde eu tô no sol, então isso é, assim, eu não consigo admitir né, então, eu acho que é isso assim o ponto mais marcante e pior da minha escola. Se tivesse mesmo uma estrutura, uma cobertura, não precisa ser nem um ginásio, nada de mais sabe, uma cobertura assim simples, eu já seria muito feliz, eu me aposentaria tranquilamente ali, entendeu? A minha clientela é muito legal, é uma clientela assim bem, tem claro crianças em vulnerabilidade, mas, éé, tem crianças de classe média, então, assim, é uma clientela mais tranquila de se trabalhar, já tive uma clientela, já passei por vários tipos de clientelas aí de classe econômica né, eu creio que hoje a gente tá, eu tô num ambiente tranquilo assim pra trabalhar, número de alunos também, já tive classes com quarenta, hoje não, hoje tem trinta no máximo né, então acho que é isso.

Professora Giseli: E, pensando assim na sua formação inicial, atingiu as suas expectativas, a sua graduação em Educação Física?

Professora Regina: Na época sim! Na época, com certeza né, a gente vivia um momento mais tradicional e pra gente né tudo que a gente tava aprendendo na faculdade era novo né, então na época sim. Hoje eu vejo uma grande diferença né que, meu, eu aprendi a marchar rsrs, a marchar rs.

Professora Giseli: Foi licenciatura né?

Professora Regina: Foi licenciatura plena, eu aprendi a marchar então hoje não tem significado nenhum, só mesmo pra gente avaliar, analisar o contexto do que era antes e hoje né, mas tive bons professores em termos de fundamentos né, acho que se eu fosse uma profissional na área de esporte, treinamento, eu seria uma grande profissional, mas não era esse, não foi esse o

caminho que eu percorri, então, na escola, fez muita falta né, assim, principalmente no contexto da cultura né, no contexto cultural, nas atividades tanto físicas como na proposta cultural mesmo, acho que ficou bem distante da realidade escolar, mas em termos né do esporte o que a gente aprendeu na época supria né e pra época também supria né. Hoje já tá bem, eu tive que fazer bastante formação, buscar outras coisas.

Professora Giseli: E como foi essa transição de você ser estudante pra virar profissional assim?

Professora Regina: Na época, você fala?

Professora Giseli: É.

Professora Regina: Então né, assim, eu não tinha muita transição, foi assim, eu chorei muito, vou falar a verdade, a real né, a gente aprende na escola porque tá tudo ali né, eu tinha, na faculdade eu tinha um carrinho de bolas com trinta bolas, uma bola pra cada aluno né rs, então era tudo mais tranquilo, depois que eu entrei, e eu assim, eu marco bem né, quando eu falo, quando alguém me questiona, quando a gente conversa sobre início de carreira, eu tive duas realidades, a realidade de Jaú e a realidade de Trabiju, porque em Trabiju eu entrei em 2006 também mas em julho, então foi seis meses Jaú e aí eu já tava na outra prefeitura. Trabiju me oferecia muita coisa legal, tinha muita estrutura, bolas assim sabe, era uma, é uma comunidade bastante carente em termos de profissionais, então quando, aquela coisa de valorizar quem não é de dentro da cidade, é uma cidade pequena e aí vem alguém de fora, nossa e tal, então assim, eu fui muito valorizada e assim tenho grandes amigos até hoje de lá né, eu exonerei em 2011, fiquei bastante tempo, e já em Jaú é uma estrutura maior de cidade, então não tinha né, material bem pouco e assim, acho que uns seis meses depois a gente recebeu bastante material e quando a gente recebeu material, eu te falo, em 2006 eu recebi o material né, até hoje eu trabalho com aquelas mesmas bolas rsrs, então é, pra você ver como é que é a situação né, então eu chorei bastante, a gente dava aula, quando a gente entra, entra com aulas super picadas né, não é tudo no mesmo lugar, então eu saia tipo dava duas, três aulas das sete às dez da manhã, de repente eu tinha que sair correndo, e juro, eu atravessava a cidade, ia pro outro lado da cidade pra dar mais duas aulas e assim ia né, era tudo muito picado, e aí que eu tive muito contato com a vulnerabilidade social né, de ver crianças, alunos é passando droga na frente da escola, crianças chegando chorando, nossa, eu lembro que eu chorei com uma menininha que os pais estavam se batendo em casa né e ela via tudo aquilo e ela chorava pra mim na aula, eu nunca esqueço que eu tive um dia, nossa, foi um dia muito interessante e muito triste e bem assim, lógico, um choque de realidade logo em início da carreira né, de eu conversar com essa menininha e tentar falar pra ela, olha, seus pais, talvez, não possam ficar mais juntos mas eles te amam né, e falar isso, e eu lembro que eu sai chorando da escola e na hora que eu atravessassei a rua pra entrar no

carro uma senhorinha me parou, num bairro bem pobre né, hoje é um bairro que já tá bem mais estruturado mas era um bairro bem pobre, e a senhorinha parou e falou assim, você é professora né? Acho que é coisa de Deus, e aí ela falou assim, ah, eu admiro tanto vocês! Eu, obrigada né, e eu já tava chorando, meio chorosa da aula e aí ela falou assim, ai, é que agora não dá mais tempo mas eu queria tanto ter sido professora porque eu acho incrível o seu trabalho, e não sei o quê, eu agradei e tal né, muito obrigado, eu lembro que foi um dia muito marcante, eu fechei a porta do carro e voltei pra Bocaina, que eu moro em Bocaina, são quinze quilômetros e eu voltei chorando aquele dia sabe, e é esse choque de realidade que a gente teve, sem material, estrutura, conhecer os colegas, saber quem é quem né e compreender assim o sentar na sala dos professores era bastante complicado, sempre o pessoal brigando ou falando muita coisa sobre a realidade da própria escola, dos alunos, enfim, era um ambiente muito carregado, e a gente vai aprendendo a lidar né, aos pouquinhos a gente vai filtrando o que realmente é e o que não é da escola e vai levando, mas no início foi, foram assim três meses, igual eu falo das crianças, não tem três meses de adaptação pras crianças que estão chegando na escola? Eu passei pelos três meses de adaptação também rs.

Professora Giseli: Ah, não é fácil né!

Professora Regina: Não.

Professora Giseli: Até o que me levou a fazer essa pesquisa mesmo foi o ambiente na escola mesmo que tá bem pesado né, aí eu falei eu preciso pensar em como melhorar e contribuir de alguma forma.

Professora Regina: É.

Professora Giseli: E pensando assim na sua carreira, ao longo da sua formação como professora, o que que você acha que contribuiu mais, a sua experiência de vida, ao longo de toda a sua vida, a sua formação inicial com a graduação né, os estágios, a sua formação continuada, as pós que você fez, outros cursos, ou a sua experiência né, os saberes que você foi construindo ao longo do seu cotidiano de trabalho?

Professora Regina: Ah, então né, assim, se eu tivesse no começo da carreira eualaria que é a experiência e a parte prática, mas eu acho que é tudo junto né, é um processo, não adianta, a gente não pode excluir a minha formação inicial lá né na faculdade porque muita coisa eu ainda lembro, eu ainda, às vezes eu até aplico né, assim, é possível, claro que trazendo pro contexto hoje, éé, todo o meu processo de formação hoje, eu acho que vem pra somar né, então, eu não consigo excluir uma coisa ou outra, eu acho que tudo vem pra somar e pra auxiliar. É claro que hoje eu tenho uma ideia muito maior e muito mais teorias né, muito mais coisas éé, mas também não descarto que é na prática, porque a gente vive o dia-a-dia, vive um dia de cada vez, eu acho

que a inclusão é um processo de dia-a-dia, inclusão social, inclusão mesmo das deficiências, das diferenças, é um processo do dia-a-dia, de você saber quem é a sua turma, acho que hoje a gente tá bastante perdido em relação à isso, de saber quem é a turma com esse ensino remoto, com né os trinta e cinco por cento na escola, eu não sei quem é quem mais né, um ano que fez muita diferença na nossa, então eu acho que é tudo, tantas formações, a formação inicial como as formações que eu fui tendo e as experiências do dia-a-dia, as experiências práticas, bem, foram se somando aí pra o que eu sou hoje né. Eu acho que é tudo junto.

Professora Giseli: E, assim, como que tá sendo atuar no ensino básico público né? Qual a expectativa que você tinha, assim, e aí cai na realidade, como que é trabalhar na educação básica pública?

Professora Regina: Como não era meu objetivo eu nunca tive grandes expectativas pra escola, eu confesso, eu caí na escola meio que porque os meus pais falavam vai lá fazer o concurso, quem sabe você passa sabe, uma coisa nada muito, e assim, passei em uns quatro rsrs, então, mas eu nunca né pensei nisso né, eu acho que eu tô mesmo no ensino público pela segurança que dá, e ainda mais nesse contexto de pandemia a gente repensa mesmo, nossa, que bom né, que eu tô, porque eu tô vendo grandes amigos aí que foram mandados embora, muito competentes por sinal e que a empresa em si não conseguiu segurar né, então, assim, levanto a mão pro céu e falo ainda bem que eu tô nessa situação. Mas eu acho que o ensino público é muito difícil, não é simples, não é pra qualquer um né, se fosse uma outra Regina, com outras vivências pessoais né, familiares e tal, talvez eu não aguentaria né, não é pra qualquer um mesmo, eu já vi várias pessoas exonerar, e falarem não é pra mim, eu acho que precisa de muita resiliência, precisa de muito éé, muita garra pra se manter, mas depois que você né percebe éé, não vou falar que é dom mas acho que é algo assim, algo mais em você mesmo e a persistência aí de tentar garantir alguma diferença social, acho que faz a diferença de se manter, mas não é fácil rs, é um processo complicado assim, de adaptação, de tudo né!

Professora Giseli: Ao longo da nossa atuação a gente passa por vários sentimentos né, às vezes a gente sente medo em determinado momento, ansiedade, frustração, alegria, então, você poderia citar algum exemplo de algum sentimento em um momento na sua carreira?

Professora Regina: Nossa, tem vários rs assim né! Eu gosto muito de trabalhar com projetos assim, eu vejo que alguns projetos foram muito bons e me deixaram muito feliz né, projetos de éé, a gente tinha um projeto com filmagem né, montava algumas peças na escola, eu gostava muito de trabalhar nesse sentido, então isso me deixava muito feliz. O que me deixa assim cansada é da mesmice sabe, toda hora, o outro ano, vamo lá, o que a BNCC, acaba deixando a gente meio né assim engessado né, e o trabalho no Estado, por exemplo, todo ano a mesma

coisa, todo ano o mesmo caderninho, isso, nossa, me deixava, acabava comigo porque eu não conseguia ter essa liberdade de atuar éé, a minha direção, antigamente era muito assim tradicionalista também então deixava a gente meio engessado, ah, eu posso fazer tal coisa? Não! Sabe, eram umas coisas assim, então isso também me deixava meio chateada, e essa questão da quadra mesmo, a frustração de ter chegado à quinze anos, já tá lá dentro e eles terem detonado com né a possibilidade que já tava mais tranquila, essa acho que é a pior parte sabe, muito frustrada com essa situação, de você ter trinta alunos e às vezes ter que trabalhar num corredorzinho com uma baita quadra ali e sem estrutura porque não dá pra mandar a criança de seis, sete anos no baita sol do meio dia, sabe, não tem como, então isso me deixa muito frustrada, é um sentimento de frustração sim, e que eu acho que vai perdurar por um bom tempo rs!

Professora Giseli: Você acha que o professor, ele consegue se auto motivar?

Professora Regina: É, então, foi o que eu falei, acho que a minha automotivação está em atividades diferenciadas né, tentar buscar inovar, sair da mesmice, éé, porque querendo ou não eu tenho vinte turmas nessa escola mais sete na outra, se eu for fazer a mesma coisa pras vinte e sete turmas né que é o que está acontecendo agora nesse ensino louco de trinta e cinco por cento aí, não tem como eu fazer vinte e sete aulas diferentes pra uma criança, a gente tá recebendo uma ou duas crianças sabe, nossa, eu falo eu vou pra escola desmotivada por saber que eu vou, tá certo que é um ensino individualizado, você tá ali só com uma criança, né, pra ela vai fazer a diferença e tal, mas é terrível assim, é uma realidade que a gente não viveu mesmo né, então nesse sentido, mas eu acho que sim né, acho que dependendo do professor, dependendo das vivências, as possibilidades que ele tem aí de tempo, de se organizar, é possível se-motivar, mas acho que o fator externo seria também interessante, de repente alguém pra motivar e pra tá auxiliando seria legal também né.

Professora Giseli: E, assim, o que que você espera pro futuro? O que que você espera pro futuro assim, pro seu futuro, pro futuro da educação pública?

Professora Regina: Sinceridade, eu não gostaria mesmo de me aposentar onde eu estou, na estrutura que eu tô, sabe! Gostaria de ter sim uma outra proposta, uma coisa que equivale, que fosse equivalente ao que eu ganho hoje e tal, mas eu acho muito difícil né, eu acho muito difícil né, então, provavelmente eu vá me aposentar, mas de uma maneira bem frustrada lá na frente né, eu não gostaria de me aposentar ali onde eu tô. Mas, éé, não sei, tá conciliando a área da psicologia com a educação física, eu vejo que eu vou me aposentar na escola, justamente por essa questão de estabilidade e financeira, mas que seja de uma outra forma né, o meu desejo é que realmente cubram a minha quadra, que eu possa me aposentar com qualidade. Mas eu busco outra área tá, um pouco mais firme na questão da psicologia ou na área acadêmica né, eu tô

fazendo doutorado justamente aí pra dar aula, já dou à noite, já tô dando aula em faculdade, e justamente é isso que me motiva, que me dá mais esperança de continuar enquanto professora, e o que eu falo muito, assim, eu sou psicóloga em formação né, eu atuo com clínica também, mas eu sou professora na minha essência, sabe quando a gente não tem como buscar uma outra área, eu sou professora né, talvez eu esteja muito cansada de ser professora de crianças né, já tô bastante cansada, éé, mas eu sou professora então eu vejo que buscar outros, outras idades, outra área aí né, tanto no contexto, principalmente no contexto acadêmico é uma coisa que eu almejo sim né pro futuro, manter e continuar.

Professora Giseli: A gente acaba procurando formações fora né da nossa instituição que a gente trabalha né.

Professora Regina: É.

Professora Giseli: Então, você que já trabalhou no Estado né, foi professora efetiva do Estado e agora tá atuando na prefeitura, como que você classifica essa formação continuada assim, o município é melhor que o Estado ou ao contrário, pra sua formação continuada assim, esses cursos que eles dão?

Professora Regina: Você fala, assim, em termos de formação continuada, o Estado é muito melhor! O Estado, ele dá bastante oportunidade online né pra poder tá atuando, pra poder estar se formando, as prefeituras, elas poderiam ter assim uma certa ligação com o Estado nesse sentido né de tá, pô, o negócio tá lá né, assim, o curso online tá ali né, eu acho que o Estado poderia oferecer e deixar aberto também à outros professores né, isso seria importante e interessante. A minha prefeitura ela traz alguns fóruns, algumas coisas, mas faz tempo que assim, eles se engajem sabe, faz tempo que eles tão menos engajados nessa questão da formação. Uma coisa que eles tavam fazendo era um processo de formação dos professores, por meio da Universidade lá de Araraquara, que era por meio de um trabalho de um dos nossos professores de educação física inclusive né, então ele trouxe um processo de formação, houve uma aproximação em relação à filosofia que foi bem legal né, mas assim, poucas coisas, bem assim, pouco trabalhadas né assim, mais focadas por exemplo na educação física, não muito né, então acho que poderia sim, ainda mais com essa nova, com essa grande mudança que a gente teve com relação à BNCC, não mais trabalhar por conteúdo mas trabalhar por habilidades, eu vejo que a gente teve que se reformular, ainda está se reformulando, se reorganizando né, porque é outro contexto o trabalho de habilidades, e aí tem a interdisciplinaridade, poder contextualizar tudo isso é diferente, então eu acho que éé, falta formação sim, principalmente na prefeitura. O Estado tenta, mas o Estado, a maneira como ele é, pouco éé, eu acho que assim, falta muito essa questão da realidade do contexto de cada ambiente, eu acho que se tivesse a

estrutura que o Estado tem em termos de formação éé, só que mais individualizado né, mais controlado, não vou falar, não vou usar essa palavra controle, mas acho que mais analisado ali, dentro de cada município seria outra, outra coisa. Eu sou muito a favor à municipalização, mas com repasse de verba estadual sabe, uma coisa que, porque o Estado recebe muita grana, e que não é às vezes muito repassado, então eu acho que eu sou a favor dessa municipalização pela questão da, dessa individualização, de saber o seu contexto, saber cada escola, eu acho que se pudesse ter uma bairrificação rs seria muito melhor sabe, acho que quanto mais individualizado, mais visto éé, mais organizado, menorzinho ali acho que seria muito bom, porque eu lembro que Trabiçu, uma cidade de três mil habitantes era fantástico porque era uma escola que era municipalizada e estadual, então era uma escola muito rica, a única escola da cidade né, era uma escola muito rica que recebia muito material do Estado e, ao mesmo tempo, tinha sua individualidade, a gente sabia quem era o aluno, conhecia cada um, conhecia cada família, então isso que era muito legal e que, às vezes, não acontece, tanto que um professor do Estado, em São Paulo, uma puta cidade grande vai conhecer seus alunos sendo que ele dá umas cinco, seis aulas ali, de repente sai correndo pra outro lugar, isso eu acho absurdo sabe, isso eu acho detestável, terrível, não vai ter nunca qualidade desse jeito né.

Professora Giseli: Conversando com você e das outras entrevistas que eu já fiz né, pelo que eu percebi, o que funciona assim é o vínculo, essa ajuda das Universidades assim, você comentou da formação da prefeitura.

Professora Regina: É, sim.

Professora Giseli: Por questão de vincular com a Universidade, pelo que eu percebi, conversando, que é uma grande ajuda esse vínculo com a Universidade.

Professora Regina: Lógico, é uma ajuda gratuita que ajuda, auxilia tanto a Universidade, porque ela precisa ter esse vínculo com a realidade da escola né, nós, enquanto alunos da Universidade precisamos ter esse vínculo com a escola pra nossos projetos, atividades complementares e tudo mais, então é uma ajuda gratuita, que muitas vezes o município desconhece dessa possibilidade e, às vezes, nem permite, por ignorância ou sei lá o quê né, questões políticas, não sei né, mas que poderia sim ser um vínculo ótimo e, assim, que vai ajudar todos os lados né, mas desconhecem. Eu vejo que Bauru é muito bom porque tem várias Universidades e isso acontece, é possível, mas talvez fique mais difícil né pra outras cidades mais distantes da própria Universidade né, isso dificulta bastante né, mas como a gente tá muito nessa questão do online, puxa vida né, formação de professores seria toda segunda-feira, sei lá, a gente teria HTPC, não poderia vir um professor né, um estudante, doutorando, mestrando, fazer uma formação com os professores online? Ele não precisa sair da casa dele né, não precisaria se deslocar de Bauru pra

Jaú. É uma possibilidade que a gente nunca viu antes da pandemia, e poderia tá acontecendo né, tranquilamente.

Professora Giseli: A questão que você falou que você já exonerou né um cargo do Estado né e ficou só com a prefeitura mais por condições de salário mesmo né, condições estruturais, e, assim, qual vínculo que você cria pra conseguir se manter nessa carreira de ser professora de educação física? Resumindo, assim, que vínculo que você criou pra conseguir se manter nessa carreira?

Professora Regina: Nossa, e agora? Sei lá! Essa questão salarial é muito importante né, a gente tem que pagar as contas, eu não vou ser hipócrita de falar que não é, é uma questão muito importante, éé, mas em termos assim, sentimento, emocional, eu acho que é uma área que eu sou, ah, eu sempre me formei dentro da educação física, mesmo lá na época dos acampamentos, então eu acho que é uma área que eu tô muito tranquila né, assim, não vou dizer acomodada porque eu sempre estudei, sempre busquei, então eu acho que é uma questão do lado de estar acomodada, mas o meu vínculo é esse né, assim, atrelar a teoria e a prática sempre e, assim, tô muito tranquila dentro da área né, não tenho grandes dificuldades né, assim, se eu receber um aluno éé autista, um aluno, eu sei lidar, eu sei trabalhar, então eu tô tranquila e familiarizada com a área né há muito tempo já, então.

Professora Giseli: Se perguntar agora então se você se sente realizada, satisfeita, você vai falar sim ou não?

Professora Regina: Não, não, não, porque né, justamente por essas questões estruturais aí, não, não sou realizada dentro da educação física e por isso que eu busco outra, busquei outra área, porque eu me vi lá com cinquenta anos embaixo do sol, e aí né, como é que vai ser, né, assim, hoje eu vou fazer, tô com trinta e oito, já vou fazer quarenta, a gente sabe que não é mais a mesma éé, a gente não tem o corpo dos vinte rs entendeu, então é isso né, eu acho que a gente tem que pensar no futuro sim né, que professor que vai se formar lá, que vai tá atuando com cinquenta e poucos anos éé né, das sete às seis da tarde embaixo do sol? Então a minha esperança é que eu possa reduzir a minha carga, manter na escola enquanto aposentadoria e essas questões futuras, mas eu diria que não, eu não sou realizada éé, completamente, já fui mais né, fui mais feliz na escola, mas em algumas coisas assim, acho que a gente tem pouco retorno né, gosto muito da minha equipe, a gente trabalha assim cada dia sorrindo, não é reclamando, esse é um dos motivos de eu estar nessa escola, porque são professoras muito motivadas, que gostam do que fazem, mas ao mesmo tempo tem a desvalorização da educação física em si, nós temos uma aula por semana, é nesse sentido que eu vejo que eu não faço diferença alguma na escola, a gente, que nem eu tenho uma professora de artes também que

tem uma aula por semana, e ela fala, somos perfumaria, é só pra dar uma perfumadinha ali no currículo e beleza, toca pra frente e vamo embora, entendeu?

Professora Giseli: É pouco espaço né pra gente né!

Professora Regina: É, nesse sentido, como que a gente vai ser realizada completamente se a gente sabe que a gente vai ver uma criança hoje e daqui uma semana a gente volta a ver essa criança e talvez ela já nem lembre mais da aula, sabe, não tem né, assim, não dá pra aprofundar em cinquenta minutos né.

Professora Giseli: É.

Professora Regina: Eu acho um absurdo!

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião você se esforçou, se empenhou assim adequadamente pra fazer juz ao título de professora?

Professora Regina: Ah, sim, com certeza, nesse sentido eu acho que sim. Eu sempre fui uma professora muito atenciosa, apesar dos mil né, mil alunos, seiscentos alunos, hoje são seiscentos, mas já tive mil alunos por semana, passava né, mil alunos passavam por mim por semana gente, você tem qualidade aí? Não tem qualidade, não dá pra ser feliz né, pensando em tudo assim, não dá né, então, assim, eu acho que é, rsrs a gente tá muito aquém né do que realmente deveria ser.

Professora Giseli: Você acha, assim, que o professor consegue separar a vida pessoal da vida profissional?

Professora Regina: São fases, eu acho que fases da vida. No começo eu acho que eu não separava muito não, tinha essa certa dificuldade, levava muita coisa pra casa éé, deixava coisas de casa influenciarem nas aulas lá dentro né, de dentro influenciar em casa e tal. Acho que hoje acho que eu consigo dar uma maior equilibrada, vamos dizer, é claro que vai ter dia que a gente vai ter uma aula super frustrante, alguma né questão que incomoda lá e vai trazer pra casa revoltado, inclusive, vai ter alguma questão pessoal que pode levar pra lá também, mas acho que hoje eu consigo lidar melhor com isso né. No começo da carreira era, acho que era mais difícil, a gente vivia, eu tava com vinte e um anos, eu tava saindo né da adolescência, hoje dizem que vai até mais a adolescência rs, mas assim né, a gente ainda era muito, nossa né, efervescente tal, acho que hoje a gente consegue equilibrar melhor essas questões.

Professora Giseli: E agora quais aspectos que você elenca né, que são negativos pra ao longo da sua carreira e quais são os aspectos positivos, pra gente resumir assim?

Professora Regina: Resumindo, negativos, essa questão da estrutura mesmo, éé, não sei, acho que negativo acho que é só isso mesmo, né, eu tinha a questão da direção, mas a direção mudou, se aposentou, então, eu gostava muito dela, não tenho muito o que falar, mas era uma direção

rígida né, autoritária, da maneira como ela foi formada né, então eu entendo muito o lado também, mas hoje eu acho que tenho mais pontos positivos em relação a escola do que né negativos. Eu acho que positivos é a minha formação, a minha busca é muito importante pra aprender também a lidar com o contexto e com a falta de estrutura, éé, eu acho que positivo as crianças né, o local onde eu estou em termos de clientela e tal também é muito importante, muito bom, éé, que mais, assim, ah, é a própria equipe, a gente já se conhece, só no olhar a gente já sabe né, ah, essa turma hoje não tá muito rs, não vai rolar, a aula vai ser difícil, a gente já sabe só no olhar, fala iii, então tá bom, tô entrando, eu tô preparada sabe, isso é legal né.

Professora Giseli: Verdade né! A gente se olha na escola e já dá pra saber né!

Professora Regina: Já sabe é, então, olha, hoje você já prepara, hoje você veio de bom humor? Tá de bom humor? Então prepara que hoje o bicho vai pegar né, tal aluno tá revoltado, tá acontecendo tal coisa, então acho que a gente, acho que a equipe faz muita diferença, sempre fez pra mim né, eu odeio, eu acho que no início da carreira eu tinha esse choque também porque a gente trabalhava muito sozinho, professor é muito sozinho apesar de ter todo mundo é muito sozinho, é você e a sala né, e com o tempo a gente vai criando né experiência, vai juntando, vai conversando e vai conhecendo e vai na casa né, e vai, aí as coisas ficam mais equilibradas, ficam mais tranquilas né, então a equipe faz muita diferença. Eu tenho pena daqueles professores categoria O e não sei o quê que às vezes tá numa escola, de repente em outro ano tá em outra, de repente, sabe, não cria vínculo, e esse vínculo é importante né, enquanto equipe e tal, então eu acho que esse é um ponto positivo também né. Acho que é isso!

Professora Giseli: E, em uma palavra, assim, o que te faz superar os problemas e dificuldades na carreira?

Professora Regina: Resiliência, eu acho que eu sou a pessoa mais resiliente do mundo kkkk!

Professora Giseli: Às vezes, na escola, tem alguma situação que a gente fala não vou conseguir resolver, você se sente incapaz de resolver, aí, que estratégia que tem pra isso ou pra fugir da situação ou pra resolver, que estratégia, quando você acha que você não vai conseguir resolver?

Professora Regina: Ah, enfrentando, não sei assim, não tem, eu não sou assim da técnica, da estratégia, não gosto sabe, não existe receita, não tem, é enfrentando, é entrando lá na sala, esse moleque tá surtando, já peguei né criança que já me mordeu, enfim, é enfrentar, é ir lá e tentar definir com ele, com a criança ou com a sala, ou com o contexto o que tá acontecendo pra gente resolver na hora né, e é isso né, resolver na hora né, ser pontual na hora, não deixar pra depois, porque também, se deixar pra depois você só vai formando a bola de neve né. Eu acho que é isso, não tem, não tem técnica, ah, não, eu vou lá com a musiquinha tal e vou conseguir dominar a sala, não, não existe, não né, é da experiência, é claro que a Regina lá de 2006 com certeza

iria entrar tremendo e ia tentar buscar técnica e buscar outras coisas mas hoje acho que pela experiência a gente sabe que não existe né, cada contexto é um, cada dia é um, é uma coisa que vai acontecer e aí na hora você define né, de acordo com o que você tem de bagagem e vai se orientando por ela. Isso vai dar certo? Ah, não sei, talvez dê, talvez não dê, talvez vai ficar pra próxima semana mesmo aquela aula que você programou que vai ser frustrada né, que com o 2º A foi incrível mas que com o 2º B não foi e assim vai, é um dia de cada vez. Eu falo, eu brinco né, eu faço terapia, eu brinco com minha terapeuta né, eu falo pra ela, é só por hoje né, é bem o contexto dos edictos, do pessoal que usa droga, é só por hoje, a gente vai entrar, e vai vivenciar e esperar deles, vir deles, pra gente poder dar uma resposta né diante do que tá acontecendo, não tem receita né.

Professora Giseli: Eu acho que você já comentou a próxima que é assim, você atribui o seu aprendizado né da profissão de professor a quais elementos? Você comentou da experiência assim.

Professora Regina: É, então, eu acho que é isso né. Que bom aquele aluno de faculdade que conseguiu aproveitar os seus momentos de estágio né, que teve a oportunidade de aproveitar esses momentos de estágio porque acho que faz muita diferença, eu não tive isso né, eu tive um professor que rolava a bola e eu olhava né o voleizinho acontecendo e o futebolzinho acontecendo, era isso né.

Professora Giseli: Meu estágio foi assim também!

Professora Regina: Foi assim, então que bom aquele aluno que pode pôr a mão na massa né! Eu até perguntava, professor, posso tentar fazer alguma coisa? Pode, mas você não vai conseguir, sabe, era assim, então não tinha essa liberdade de realmente entrar ali e fazer alguma coisa diferente e, assim, eu tinha medo né, ah, eu vou atuar eu com vinte anos né vou atuar com molecada de dezessete, dezesseis anos ali, super próxima a idade né, então eu não me sentia capaz de falar, galera, vamo parar tudo e vamo né fazer outra coisa, a aula não é isso! Não tinha como fazer isso né, você acha que eu ia entrar na aula do professor que já tá lá vinte anos, não, não é isso a aula! Não, não tinha possibilidade, então eu acho que sorte daquele aluno que conseguiu estágio e fazer no estágio o que ele realmente aprendia na escola, na faculdade, e é isso, é a experiência, com o tempo você vai percebendo algumas coisas, você vai compreendendo que algumas coisas vão funcionar naquele contexto e outras não, você vai tentando fazer algumas coisas funcionarem naquele contexto, então é sentir mesmo né assim. E eu falo mesmo, são três meses pra todo mundo, não só a entrada mas pra todo ano, até você compreender, com tantos alunos, até você compreender cada turma, entender o que realmente

vai, vai um bimestre né, vai um bimestre aí pra você se adaptar e compreender como é que eles estão né.

Professora Giseli: Verdade. Você acha que precisa ter uma recompensa, um privilégio pro professor? Você acha que é necessário?

Professora Regina: Eu acho que seria necessário né, diante da nossa realidade e da educação hoje, acho que seria importante uma bonificação, coisas que eles tentam fazer, mas isso é ridículo se for pensar pra fazer como mecanismo de controle pra fazer a gente trabalhar né, então não deveria ter, o que deveria ter é realmente equilíbrio dentro de todas as áreas né, porque que o médico ganha dez mil reais pra trabalhar seis horas dentro de um hospital público e por que que um professor ganha mil reais pra trabalhar né, sei lá, vinte horas dentro de um contexto de uma escola pública? Entendeu, acho que é muita discrepância, é muito né distante né, sendo que nós formamos aquele médico que tá ali dentro né, passou pela mão de um professor, então acho que a cultura brasileira em relação aos professores ainda tá muito aquém do que os professores realmente mereciam né.

Professora Giseli: E, na sua opinião, qual que é a visão que a sociedade tem do professor de educação física? Como que eles enxergam o professor de educação física?

Professora Regina: Enxergam o rola bola kkkk!

Professora Giseli: Até hoje ainda né!

Professora Regina: Até hoje! Eu acho que tá mudando e vai muito de bons professores que passaram no contexto, por exemplo, a gente tem um contexto aqui de Bocaina né, com professores muito bons que passaram e que, Bocaina é uma cidade, também tem a questão política, o próprio prefeito é professor de educação física, então, assim, é uma cidade que valorizou muito o esporte, a atividade física, é uma cidade que, hoje nem tanto mas há uns dois, três anos atrás era bem forte né a questão do se cuidar, a atividade física pela saúde né, então acho que vai muito do contexto de cada lugar, então o professor de educação física é bem visto aqui. Já em Jaú, não tem nem área de esporte, são poucas as turmas de treinamento, são poucas coisas que acontecem, então, meu, por exemplo, se eu tenho um atletinha dentro da minha turma e eu gostaria que ele continuasse e fizesse alguma coisa diferenciada na área do esporte, por exemplo, eu não tenho nem pra onde encaminhar em Jaú, é muito triste, muito triste sabe! Então, a nossa função ali dentro enquanto né formador de críticos, emancipados e tudo mais, ela termina no quinto ano, então, um aluno de quinto ano, com dez anos de idade, quando chegar nos seus dezoito, vinte anos, ele nem vai lembrar mais da gente sabe, claro, salvo exceções, quando a gente fez uma certa grande diferença, mas, e aí, assim, passa né, que nem a gente discutiu né, a profissão de professor é muito triste nesse sentido, porque a gente só vai saber o

efeito que a gente fez talvez no insight de uma criança, de um adolescente né ou de um adulto lá na frente, nossa, devia ter prestado mais atenção na minha professora ou nossa, o que ela me falou sobre saúde hoje faz efeito e tal, a gente não vai saber nunca né qual foi o efeito que a gente fez nessas crianças né depois, mas acho que é isso né, não sei.

Professora Giseli: Você atua até o quinto ano né?

Professora Regina: É, é, mas já atuei em todos né, já passei pelo médio, já passei por todas as áreas, até a EMEI, até os pequeninhos, tudo, mas eu acho que só eu não dei aula pro terceiro colegial, primeiro e segundo eu dei aula. Então, assim, do primeiro ao quinto ano a gente fica, assim, faz a diferença naquele momento, mas acho que, assim, não sei né, com essa construção social deles depois, como vai se dar, como vai ecoar, mas existem sim, acho que o retorno social em relação aos professores de educação física de primeiro ao quinto ano assim né, educação infantil, é bem, bem pouco assim, não sei se depois, os mais velhos vão ter mais éé, vão ter mais o professor de educação física uma visão maior assim, mas agora acho que não.

Professora Giseli: Na sua opinião, qual que é a relevância social do trabalho do professor?

Professora Regina: Muito grande né, é a gente que ensina todo o contexto cultural em relação ao movimento, em relação né à socialização, é a gente que faz essas vivências acontecerem, sem a gente ali, a molecada é vidrada, que hora que é a educação física né, eles querem brincar, eles querem se movimentar, sair do quadradinho ali da sala, isso é importante, mas não é visto assim né, acho que a sociedade ainda não conhece o real valor. Eu recebi hoje, a gente recebe as atividades dos pais né, das crianças, eu recebi hoje uma atividade, atividade não, uma pergunta do pai, viu professora, o aluno precisa, meu filho precisa mesmo fazer essas atividades? É só desenhinho e só brincadeira! Sabe rs, nessa hora você fala, nãoooo né rs, aí eu mandei, então né, essas brincadeiras têm uma função muito importante do movimento né, até pela ludicidade em casa, eu sei que eles estão tristes, sem poder ver os colegas e tudo mais, então isso aí é muito importante que eles vivenciassem, e aí eu dou como tarefa geralmente fazer um desenho né em relação ao que eles vivenciaram, porque muita gente também não vai ter bola, material, coisas em casa, então, dependendo da atividade dá pra fazer e algumas não, as que não derem né, tirem uma foto do desenho no caderno pelo menos pra mostrar que ele teve contato com né a atividade em si né, e aí a gente não é valorizado né, é só desenhinho, é só brincadeira rs.

Professora Giseli: Aconteceu comigo nessa semana na escola, a coordenadora tava comentando que teve pai, mãe, responsável que reclamou na escola que tava tendo aula de educação física, aí, a pandemia, voltou as aulas agora e meu filho vai na escola pra estudar e tá tendo aula de educação física rs.

Professora Regina: Pois é!

Professora Giseli: É complicado essa questão!

Professora Regina: É difícil né! E mesmo a gente contextualizando, mas assim, primeiro a quinto ano, até o quinto ano eles podem até falar do valor da educação física em casa, mas primeiro, segundo, terceiro, quarto talvez, é difícil eles falarem, pai, é muito importante pra mim, sei lá, pras funções de coordenação, ou é muito importante pras questões sociais! Eles não vão falar isso né, então é difícil né colocar, eu acho que isso vai mudar né se os professores lá no ensino médio mostrarem o real valor da educação física, e esses adolescentes, quando se formarem pais e mães, compreenderem em casa com seus filhos o valor da educação física, aí tem esse giro né, mas tá difícil alcançar isso aí, eu acho que só com as novas gerações e aprender mesmo a realidade né, as velhas gerações vai ser difícil, a gente tem que aprender a lidar com elas, por enquanto rs.

Professora Giseli: Então, na sua opinião, qual que é o trabalho, a função do professor de educação física na escola?

Professora Regina: É uma formação completa, não é só no contexto do brincar né, como eles acreditam, ou só do contexto do esporte em si, mas no contexto cultural, no contexto social né, na função crítica, compreender porque uma amarelinha é importante ou não é, se isso vai resgatar valores né tradicionalistas ou valores tradicionais, não tradicionalistas, mas os nossos valores, as nossas vivências né de culturas tradicionais né, que podem trazer, ser meio para uma formação social e pensar na história enquanto cultura, eu acho que é uma função muito ampla né, é muito difícil eu falar na educação física enquanto uma coisa só, é muita coisa.

Professora Giseli: A base, então, a base, assim, pelo que você comentou, seria estimular a consciência né e valorizar as diversas manifestações.

Professora Regina: Sim, eu não sou contra essa base, eu sei que tem muita gente assim que é contra e tal, que engessa, engessa sim em alguns pontos essa questão mesmo da habilidade e tal, mas eu acho que ela vem pra dar maior credibilidade, pelo menos pra nossa área, eu acho que é importante essa credibilidade de colocar a educação física ali como algo né essencial diante da matemática e do português que geralmente é mais essencial né, claro que a gente podia ter maior visibilidade né enquanto formadores, mas eu acho que a educação física tem suas funções sim, tem sim os seus porquês né e poderia ter maior. Acho que a gente vive um mundo muito éé, que vai estratificando, vai dividindo muito né essa questão das disciplinas e tudo mais né, seria bom se a gente pudesse trabalhar éé tudo junto e misturado né, seria né, por isso que eu gosto de projetos, os projetos nos permitem isso né de tá falando de esporte e, ao mesmo tempo de falar sobre a cultura, ao mesmo tempo trabalhar o português e a matemática

e tá tudo junto ali né, então eu acho que isso é muito legal, e saindo da individualidade né, saindo do individualismo do professor né, um tem que ajudar o outro pra poder fazer a coisa fluir.

Professora Giseli: E você acha que a profissão de professor, ela tá desconectada dos seus pressupostos? A gente acaba fazendo coisas que às vezes não é da nossa ossada assim?

Professora Regina: Então né, eu acho que isso é uma discussão que vai assim uma live completa de três horas rs.

Professora Giseli: Rsrs!

Professora Regina: Eu não consigo, isso eu já parei pra pensar muitas vezes, eu não consigo tomar partido de uma coisa. O que eu acho, assim, eu gosto muito da proposta cultural né, eu acho que é muito importante que as crianças tenham, principalmente até o quinto ano, tenham todas as vivências, as maiores vivências possíveis, mas quando a gente fala de uma proposta cultural, que amplia as vivências, ao mesmo tempo eu tenho muito medo do que é tratado ali dentro como o ensina tudo e não ensina nada entendeu, é isso que eu tenho medo, porque quando o professor vai escolher as suas propostas curriculares, ele pode vagar nessa situação né, éé, não gosto, assim, de pensar né, eu vejo que a cultura educacional dos Estados Unidos, por exemplo, é uma cultura capitalista né e tudo mais, e aí eu fico pensando assim lá é muito focado no esporte, nessa formação do esporte em si e pra que essa criança se torne um esportista no decorrer da sua vida, e esse valor do esporte é agregado pra faculdade em si também né, então, o cara que é bom esportista, ele com certeza vai ter uma vaga muito boa em uma faculdade, então, nesse sentido seria bom pros nossos, pras nossas crianças né tenham uma formação dentro do esporte pra agregar valor lá em cima né, na sua formação enquanto faculdade. Quantos alunos nossos que são tidos como os burros né, ah, porque não tem habilidades no português e na matemática, mas que seriam aceitos em grandes Universidades porque o cara joga muito né, então, nesse sentido, eu acho que a educação física deixa a desejar, numa aula por semana, dar conta da cultura corporal de movimento né, e aí eu fico com muito medo mesmo de não, de tentar ensinar tudo e não ensinar nada sabe, de tentar buscar o beisebol e nem dar conta do futebol, das meninas saírem sem a formação pro futebol né, levando pra essa questão do esporte né. Agora, enquanto contexto social, é muito importante a gente também trazer né uma capoeira, coisas culturais e muito boas e bonitas da nossa cultura que às vezes fica esquecida em detrimento do esporte em si. Então é isso, é uma discussão que dá pano pra manga aí de debater e brigar, não, a gente tem que dar conta só dos esportes porque a educação física tem que ter essa cultura, não, a gente tem né que focar só na cultura corporal de movimento porque tem que dar uma ampla, então, não sei, eu tô ainda em cima do muro, eu ainda não

consigo identificar né, assim, porque escolher um determinado tema é abrir mão de muitos outros, aí a gente fica nessa dificuldade de escolha né.

Professora Giseli: Eu acho que aí a gente já entra assim ó, você acredita na neutralidade da educação? Você acha que o professor, ele pode ser neutro?

Professora Regina: Não, nem dá, não tem como.

Professora Giseli: A gente tem que fazer essas escolhas né sempre.

Professora Regina: É, meu, não dá né, não tem nem como ser neutro, e ainda mais diante dessas discussões hoje, do machismo, feminismo, matar gay na rua, sabe, se a gente for neutro a gente vai chegar na barbárie né, como dizia o tal do Adorno lá de Frankfurt, se a gente for neutro, a gente vai dizer amém e fazer com que nossos alunos digam amém e vai ser uma sociedade de robôs né, os robózinhas vão ser criados ali pra apertar parafusos e não, nem dá, tem que gerar discussão, tem que fazer pensar, tem que ser chato, eu falo que a gente tem que ser chato, mais chato do que eles, do que as crianças rs.

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, o quê que seria um professor politizado e um professor alienado?

Professora Regina: Politizado né? Politizado tem a ver com escolha né, com escolher, é um cara que tem, assim, na veia essa cultura corporal de movimento né, que sabe e compreende muitas facetas do que a própria educação física, do que a própria educação, que compreende seu contexto atual, que compreende seu contexto no passado e que tenta reverberar algumas questões pro futuro né, então esse é um professor politizado. Um professor alienado é assim, a gente não tem como ser autêntico e politizado por completo, então eu tenho muito cuidado com essa palavra de alienação né, por exemplo, eu gosto muito de novela né rs, e aí né, eu gosto muito de filmes, adoro Hollywood, mas, ao mesmo tempo, eu preciso ter um olhar crítico sobre o que é a novela, o que é o filme construído pra falar criticamente, aquele filme que é construído pra vender né, então, assim, alienado, eu tenho muito cuidado, assim, eu acho que é uma palavra muito alienante, muito forte sabe, acho que, mas o professor alienado, se a gente for trazer aí é aquele professor que se acomodou, que não une a teoria com a prática, mas eu não culpo esse professor, diante do que ele vive né, eu mesma já tive muitos momentos na vida que, pô, joga a bola aí sabe, porque ninguém me valoriza entendeu, então eu acho que vai muito do momento, de como ele tá né, é claro, que se puder unir teoria e prática, se puder se manter compreendendo o contexto da vida, o contexto do que tá acontecendo politicamente, que nós estamos vivenciando uma coisa muito complicada no país, então eu acho que alienado nós todos somos, não tem como fugir, em algum aspecto a gente é né, mas dá pra ser mais alienado ainda né não se apropriando do que tá acontecendo, não se apropriando dessas questões aí né.

Professora Giseli: E sobre a palavra herói, você encara o professor assim, como sendo um herói? Você acha que a gente pode atribuir esse título de herói ao professor? Você se sente uma heroína?

Professora Regina: Ah, eu acho que não, sabe, eu acho que assim, o que que é o herói né gente? É o que sai, foge a realidade sabe! Eu acho que não! Eu acho que nem meu pai mais é herói sabe rs! Não sei se é uma, eu falo que eu não sou uma pessoa otimista tá, eu sempre fui uma pessoa pessimista, mas não porque eu sou, ai, mal humorada e tal, não por isso, mas eu prefiro pensar no pessimismo de maneira crítica pra receber coisa boa depois sabe rs. Eu preciso chegar e falar assim, isso não vai dar certo pra não criar grandes expectativas entendeu? Então, assim, eu acho que a gente não é herói, a gente só tá tentando fazer um trabalho sem grandes estruturas, hoje eu vi um vídeo, depois eu te mando, achei incrível, o do Diogo Almeida, que ele tá debatendo, ah, o Diogo Almeida ele me representa rs.

Professora Giseli: O humorista?

Professora Regina: É, o humorista. Ele é muito engraçado mas ele também tem alguns momentos críticos e ele tem esse papel, esse vídeo que ele fez, acho que há pouco tempo, e assim, ele me representa, a gente não é herói, a gente só quer ser, a gente só tá fazendo o nosso papel social dentro da escola e a gente só quer ser reconhecido por isso né, e não é reconhecimento igual aos nossos deputados que ganham vinte mil reais por mês rs, não é isso né, mas ser reconhecido enquanto sociedade né, dentro da sociedade, pra não ouvir mãe, pai, falar assim, ah, vai trabalhar! Foi o que responderam naquele negócio ali, que a gente tava reclamando, de ter que se submeter à pandemia e aí sem necessidade e tal, e a mãe que falou assim, vai trabalhar e pára de mimimi! É só isso que eu não queria ouvir dessa mãe né, ela poderia ter falado de outra forma, olha professores, é muito importante que você esteja na escola né, pra ensinar meu filho que tá aqui chorando há muito tempo! Sei lá, tem tantas outras formas de falar né, é só isso que é ter reconhecimento, a gente não é herói, a gente faz o nosso papel social, e quem tá ali foi porque escolheu tá ali, às vezes a gente não escolhe estar ali mas estamos ali né. Não sei se a gente é herói não, eu acho que é resiliente né, tenta lidar com a estrutura, às vezes dá, às vezes não dá, então, mas vai.

Professora Giseli: E fazer o nosso trabalho né?

Professora Regina: Eu acho que o mundo não consegue ter tantos mil heróis assim kkk.

Professora Giseli: Às vezes, assim, muita coisa é imposta pra gente, vem de cima pra baixo, você segue à risca as normas e as ações impostas?

Professora Regina: Não rs, não. Então né, eu acho que a gente tem que ter um equilíbrio né, compreender sim que em alguns momentos é preciso hierarquia, por valores sociais né, pra

poder entender o contexto de cada lugar e tal né, mas eu sempre agi com muito respeito, se eu não quero e acho que não tá certo é tentar combater, olha, eu posso ir até aqui, eu posso fazer de uma outra forma, posso né, mas, assim, não. Na verdade, eu sempre tive muita sorte também, acho que nem o público também permite a gente né, por mais que a minha diretora fosse mais autoritária e tal, eu sempre tive muita sorte de com jeitinho conversar, pedir, ver se dá certo e às vezes ela até liberava, e era possível, ou às vezes não era possível no momento que eu queria e depois né, então eu acho que é no diálogo né, assim. Mas não, assim, eu não aceito tudo não rs, a gente vai debatendo, dá pra discutir.

Professora Giseli: Tamo chegando nos finalmente já aqui ó.

Professora Regina: Tá jóia.

Professora Giseli: Pensando na sua vida de estudante, você pode citar algum professor que te marcou na sua vida? Quais as características desse professor? Um momento que um professor te marcou assim?

Professora Regina: Nossa, tenho muitos né, assim, vou citar, vamos ver. Na minha formação da educação física, eu acho que todos eles fizeram, ai, eu não consigo escolher um sabe, meu professor de vôlei, meu professor de ginástica, meu professor, a minha professora de recreação, eu lembro de todos sabe, em alguma coisinha eles me marcaram né. A minha formação da psicologia também, nossa, eu tenho um professor que me levou pra filosofia que foi uma coisa assim, foi o antes e o depois da Regina né, que me fez procurar a Universidade, até então eu não sabia o que era um aluno especial, eu não sabia o que era uma Unesp né, então ele assim, me abriu muito, eu sou grata à ele muito, inclusive ele é de Bauru e vinha dar aula aqui em Jaú na Faculdade. Éé, ah, e tem os nossos, assim, os que brilham os olhos né, assim, na minha linha da própria psicologia tem alguns que eu, nossa, só falta babar ovo né, é demais, os caras são muito inteligentes e não sei o quê, enfim né, assim, a minha primeira professora de primeiro aninho, eu lembro dela né, eu acho que, a tia Ivonil, a tia Sônia, quando eu tava no primeiro e segundo ano, aliás, no terceiro ano, quando eu mudei de escola, eu lembro dela, eu tenho contato até hoje com ela e com o filho dela que a gente estudou junto. Eu acho que, assim, acho que vai de cada aluno né, pra mim a escola sempre foi, sempre fez muita diferença, assim, sempre foi muito importante, e eu acho que a família também apoiando né, minha mãe, meu pai, sempre foram muito, tem que estudar né e tal, então, deu valor pro professor e deu valor pra escola, então isso é muito importante também, eu acho que a família faz essa diferença. E é isso né, eu acho que essa grande importância que eu tive com a escola me faz lembrar de todos eles e, né, assim, não é um não, são vários kkkk!

Professora Giseli: Bom, o legado de todos esses professores pra sua vida, assim, qual que é o legado de todos eles pra sua vida?

Professora Regina: Nossa, e agora? Como eu posso resumir tudo isso? Sei lá, acho que, éé, eu acho que a questão do emocional né, acho que é muito importante. O contato que eu tive com eles não foi meramente professor e aluno né, assim, eu consigo lembrar deles como aquele que me deu o pito na hora certa, sabe, que éé, me influenciou de outras maneiras né, então eu acho que essa questão da emoção é muito importante pra nossa vida né, e fazer a diferença não só passando conteúdo, passando matéria, mas eu lembro do Dadá, que era meu professor de vôlei, éé, como um cara, assim, que veio da mesma cidade que eu, a gente tinha os nossos apelidos, sabe, é uma proximidade diferente. O próprio Alexei da filosofia né, que dá aula, inclusive até dá aula em Bauru, ele, éé, senta aqui Regina, vamos conversar exatamente o que é, sabe, eu acho que é essa proximidade que é o mais importante aí do professor.

Professora Giseli: Tem algum colega de trabalho, algum professor de educação física que você pode citar assim, que você admira, que você vê como um exemplo a ser seguido?

Professora Regina: Ah, todos os meus colegas ali, cada um no seu quesito, sabe, cada um na sua importância. Isso a gente aprendeu a ver quando a gente começou a fazer a tal da formação continuada, que não dá pra gente falar, não, esse cara não presta sabe, esse cara tá muito atrasado! Não, acho que, puta, cada um sabe, e com o mestrado eu fiz com eles né, fiz com mais professores de educação física, eu passei na escola de cada um, eu vi as realidades de cada um, então, assim, eu não tenho um né, assim, todos assim, os mais velhos que a gente fala, tem os mais velhos e tem os mais novos, e eu que tô no meio que eu sou de uma geração do meio aí, então, os mais velhos, com todo o seu tradicionalismo, eles trazem aulas encantadoras, que a gente olha, até agora a gente tá tendo contato né por éé pela mídia, pelo Youtube e tal né, a posição deles, a maneira como eles falam daquele ensino tradicional, mas são encantadores sabe, o professor, você vê um professor de quarenta e tantos anos, de quarenta e seis, não, cinquenta anos, por exemplo, um amigo meu, o Du, o cara tem cinquenta anos e ele aparece no vídeo lá, vamo lá, sabe, cantando éé, e assim, pra hoje, terceiro e quarto ano, que hoje se a gente for ver, e fazendo a diferença sabe. Então, acho que do nosso clubinho ali, da nossa turma de Jaú, eu acho que cada um tem um potencial, algo diferente assim pra somar.

Professora Giseli: E você acha que, assim, é importante essa troca de experiências entre os professores? Você acha que a gente consegue trocar experiências?

Professora Regina: Graças a Deus rs! É muito importante e graças à Deus a gente troca, porque tem semana que você fala assim, meu, eu não sei o que que eu faço com meus alunos, principalmente no ensino remoto, e isso, nossa, isso nos juntou mais ainda! O que que eu faço

Du? O que que eu faço Silvana? O que que eu faço Ana? Tal, meu, faz assim, olha, eu fiz essa aula, tem tudo a ver com as habilidades dessa semana! Puta, eu nunca ia pensar e sai, entendeu. Então, eu acho assim, a troca é essencial, é importantíssima.

Professora Giseli: E como que a mídia e a tecnologia pode contribuir pra facilitar esse contexto? Qual recurso, plataforma, que a gente pode usar pra ajudar?

Professora Regina: Todos rs! Eu acho que tudo! Eu sou muito da tecnologia, sempre fui né, de brincar com Datashow, de levar a câmera, filmar, assim, eu levava câmera, não tinha celular ainda rs, a gente levava câmera e tentava pôr a fitinha no vídeo, puta, olha eu lembrando de cada uma, foi no início de carreira rs, então não era, eu tinha um celular que era aqueles tijolo né, a gente só usava pra ligar né, hoje, nossa, hoje é muito mais fácil. Então, acho que tudo vem pra ajudar e é a linguagem da molecada, não adianta você querer fugir, então é muito importante né. E hoje, com a pandemia, todo mundo ficou muito mais, aprendeu muito né, essa sensibilidade da mídia e tudo mais, então acho que com a pandemia veio pra fazer com que a gente né se mobilizar pra isso, fez a gente aprender muito, professoras que eu nunca imaginei, minhas colegas de trabalho de cinquenta anos, nunca imaginei que iam gravar vídeo, olá turminha né rs, e tão, e tá fazendo a diferença aí, eu acho que a tendência é manter e aprofundar e continuar aí nessa pegada tecnológica né.

Professora Giseli: Então, o que que você usa, o que que é mais acessível pra você usar, assim?

Professora Regina: Ah, eu tô usando, a gente ainda não faz aula online né, mas eu acho que o Meet é o melhor canal, eu gosto muito do Meet, mas já uso pras aulas da faculdade eu uso o teams, já uso o Zoom, tenho todos esses, assim, éé, pra, o Youtube é muito importante assim, é o que eu mais usei né pra salvar aulas, recados e tudo mais, porque a gente acessa pelo Facebook, então eu já deixo o link do Youtube, então pra mim é muito importante e interessante. O próprio Facebook né porque o nosso município é bem sem vergonha e não ofereceu nenhuma plataforma, isso eu acho um absurdo porque as plataformas do Estado estão aí e nada tão difícil que não seja vincular o município ao Estado né nesse momento, eu acho um absurdo éé, então a gente tá usando o Facebook, o WhatsApp, que também é importante, a minha mãe apareceu rs, eu tô fazendo uma entrevista.

Professora Giseli: Oi rs!

Mãe da professora Regina: Oi! Desculpa!

Professora Giseli: Imagina, já tô liberando ela aqui já rs!

Mãe da Professora Regina: Não, pode ficar à vontade, a minha secretária tá fazendo todo o serviço.

Professora Regina: Ainda bem que tem uma secretária hoje rs!

Professora Giseli: Olha que beleza!

Mãe da Professora Regina: Dá licença.

Professora Regina: Então, eu uso muitas mídias sabe, as principais é o WhatsApp pra manter o vínculo, conversar com os alunos, o WhatsApp e o Facebook mesmo, que tá bem difícil né pra lidar com seiscentos alunos aí né via WhatsApp, via Facebook, éé, o Youtube, o Meet pros momentos mais online.

Professora Giseli: E pra conversar com seus colegas de trabalho, que você falou, pra trocar experiência?

Professora Regina: A gente faz pelo Meet, geralmente a gente se encontra pelo Meet, HTPC, geralmente é pelo Meet que a gente faz. Éé, eu gosto, eu tenho um programinha que chama Direct Recorder, uma coisa assim, que eu uso pra gravar tela, então eu filmo muita coisa também pra enviar, só no PowerPoint é legal, uso PowerPoint bastante, sempre usei desde as aulas presenciais né, sempre gostei porque como a gente não tem estrutura na escola, como que a gente vai mostrar o que é um beisebol realmente, como que a gente vai mostrar o que é uma ginástica artística? Então eu sou a rata da sala de vídeo kkkk, eu levo muito as crianças na sala de vídeo, às vezes até brigo com as outras professoras, opa, e meu horário rs!

Professora Giseli: Pra auxiliar a gente né!

Professora Regina: É.

Professora Giseli: Agora, a pergunta que eu queria responder também na minha pesquisa, você acredita que as mídias e as tecnologias motivam o professor ou é ao contrário, é o professor motivado que vai desenvolver, que vai incorporar as mídias e as tecnologias no seu cotidiano?

Professora Regina: Então, eu acho que as mídias motivam, mas também são oferecidas por um professor motivado né, porque éé, as mídias, assim, no meu caso né, tem professores que não vai motivar porque eles não tiveram essa vivência, e eu, com dez anos, eu já tinha um Pentium em casa, eu brincava de fazer texto no Word né, diferente de professores que estavam né com trinta anos nesses momento de vida e que não tiveram nenhuma vivência né e que celular hoje pra eles é pra mandar mensagem pelo WhatsApp e só, não sabem mexer em outras coisas. Então, acho que vai variar de cada professor, mas pra mim, no meu caso, eu acho que as mídias me motivam né, e por eu estar motivada também gosto de usar e eu sei usar e eu tenho a facilidade porque eu fui criada nesse meio né, mas se eu não tivesse lá com dez anos um computador e só fosse oferecido pra mim com, sei lá, trinta anos, talvez eu né não desenvolvesse né a característica, não sei.

Professora Giseli: Bom, assim, agora pra finalizar, falando, assim, no vocabulário do Paulo Freire, nós temos os temas geradores né, então, qual tema que você acha que seria importante

ser discutido entre os professores de educação física, um tema gerador assim, que seria ideal, que seria necessário, pra gente falar com os professores?

Professora Regina: Relacionado à mídia, você acha?

Professora Giseli: Todo esse contexto que a gente discutiu na entrevista inteira, assim, que a gente falou da identidade do professor, como a mídia e a tecnologia pode contribuir, e essa questão de politização e alienação, então, qual tema você acha que seria ideal e necessário pra poder discutir com os professores?

Professora Regina: Bom, no meu contexto, tudo que vier é lucro kkk!

Professora Giseli: kkkk!

Professora Regina: Eu acho que filosofia hoje pra educação física, é uma coisa que precisa instigar mais, o levar à pensar, o levar à né à essa questão crítica e social né, até mesmo acho que o professor bem embasado nessas questões filosóficas e teóricas, vai saber lidar com qualquer outra questão né, éé, a própria tecnologia, como ela está vindo, como ela deve ser usada né. Eu acho que a filosofia precisa muito ser mais engajada aí né, e também o âmbito da psicologia, eu vou puxar sardinha pro meu lado né, acho muito bom ter na BNCC questões das habilidades em relação às habilidades emocionais, nosso mundo tá precisando disso né, mas como lidar e como fazer, como trabalhar com isso, não é simples né, no nosso contexto, e tendo que lidar com tanto conteúdo, talvez seja uma possibilidade também né de discussão aí essas questões das emoções e como que o nosso mundo tá sendo formado, mas também aí a filosofia também vai dar conta rs, então, né, essas questões filosóficas são muito importantes pra todos estarem discutindo e que poucas faculdades, acho que nenhuma faculdade de educação física dá conta dessa discussão.

Professora Giseli: É a questão de fazer a pergunta né e não dar as respostas.

Professora Regina: Exatamente!

Professora Giseli: De provocar inquietação.

Professora Regina: Isso! Eu acho que a gente não foi treinado, odeio essa palavra, a gente não foi treinado pra isso, não foi estudado pra isso, a gente foi pra procurar receita de bolo, tentar né fazer, com uma turma, fazer a coisa acontecer e tal, mas acho que questões de filosofia seriam muito importantes pra nossa, pra complementar e completar a educação física, eu acho que só falta isso assim, até o emocional eu acho que a educação física ajuda muito né, porque é o único lugar que a gente vai socializar realmente, vai acontecer as brigas reais em termos de regras, moralidade né e tal. Então, mas eu acho que falta pro professor saber, compreender um pouquinho o homem, a concepção de homem que ele trabalha né, o que que é, qual que é essa inspiração, às vezes ele atua diante de uma teoria e nem compreende, não sabe né. É isso!

Professora Giseli: Bom, chegamos ao fim rs, eu queria agradecer muito. Você quer comentar mais alguma coisa, deixar registrado alguma coisa?

Professora Regina: Não, eu acho que é muito importante, assim, essa questão da gente estar dando continuidade e visando a própria formação pública né, a própria formação da escola, éé, eu acho que se tiver que usar a palavra heróis, eu acho que também é importante tá utilizando aí essa continuidade e parabéns pra você, por estar continuando e sendo resiliente suficiente pra se manter ainda estudando, muitos desistiram no caminho né, não valia mais a pena, não quiseram, e, que pena né, que pena né! Tem muitos professores que na prática são incríveis, como eu falei, nos alimentam com suas posturas, mesmo tradicionalistas, tem alguma coisa a somar, e que pena que eles não tenham esse universo, hoje eles estão cansados, eu entendo né, mas nunca tiveram esse universo né, que a gente teve a oportunidade ou que a gente se oportunizou em buscar né, então, por isso que eu falo que a filosofia é importante né, porque é o que falta aí pra atrelar ao ensino. O que eu penso, assim, que a educação física deixa a desejar nesse lado sabe, existem teóricos né, o próprio Mauro Betti, ele tenta se apropriar, por exemplo, da fenomenologia, que é a minha linha, mas tem tanta coisa pra se ver em relação a fenomenologia que, às vezes, ele não consegue porque não deu tempo, ele já tá mais velho né, ainda não deu tempo de se apropriar, então eu vejo que, puta, quantos professores de educação física fenomenológicos poderiam ter né se estudassem e se apropriassem mais, mas também não tiveram oportunidade de ter contato com algumas teorias que vai passando o tempo e não vai né tendo possibilidade. Então, eu acho que falta isso pra educação física evoluir ainda mais né.

Professora Giseli: E, assim, eu sempre pergunto no final se tem alguém que você indicaria, assim, que você acha que seria interessante, que iria contribuir pra ser entrevistado, assim, pra pesquisa, algum professor de educação física?

Professora Regina: Da minha turma eu acho que sim, nossa!

Professora Giseli: A Frida indicou você pra entrevistar né, e você, tem alguém?

Professora Regina: Ah, então, nossa, me veio o Artur por essa questão crítica, o Artur do próprio mestrado seria interessante.

Professora Giseli: Ele atua?

Professora Regina: Atua, agora não sei onde que ele tá dando aula, acho que ele é de Rio Preto, não sei. E, assim, eu acho que ele é um cara que traz essas questões filosóficas pro contexto profissional, acho que ele é um cara que iria contribuir bastante, tem uma visão política, bem politizado sabe, acho que seria legal.

Professora Giseli: Você tem o contato dele pra me mandar?

Professora Regina: Eu passo, eu passo.

Professora Giseli: Beleza então, aí você me manda por WhatsApp lá.

Professora Regina: Beleza, mando sim!

Professora Giseli: Regina, muito obrigada viu, não tenho como agradecer, foi um prazer, muito o brigada, quando você precisar também de mim pode chamar.

Professora Regina: Já precisei, agora tô retornando aí em agradecimento, você me ajudou uma vez, tô retornando aí rs.

Professor Giseli: Muito obrigada!

Entrevista 07 - Profº Artur - Dia 22/04/21 - 20:00 h

Professora Giseli: Boa noite Artur! A Professora Regina indicou você para entrevistar, você atua na área de educação física escolar?

Professor Artur: A gente sofre com um problema, já faz algum tempo aqui, na prefeitura de Rio Preto, que todo ano passa algumas salas do fundamental II pro Estado, então já faz três anos que eu não tenho aula, entendeu? Eu não tenho sede também, então eu danço conforme a música né, todo ano a Secretaria da Educação me manda pra algum lugar diferente. Já fazem dois anos que eu estou trabalhando num Centro, a gente atende crianças que apresentam transtornos de aprendizagem, tem dislexia, discalculia, e então já não é aquela abordagem da escola mesmo, a educação física escolar né, eu acabo trabalhando um pouquinho por meio de uma perspectiva psicomotora né, a partir da psicomotricidade, então a gente trabalha com a avaliação dessas crianças né, elas são indicadas pelas professoras do NAI, da escola, aí passa por uma avaliação multidisciplinar né, tem médico, tem neuro, tem psicóloga, tem as pedagogas né, e tem a gente da educação física que faz parte dessa primeira avaliação, e se o aluno realmente for perfil nosso né, pra atendimento nosso, a gente atende essa criança, só que né, agora, a gente tá atendendo através do ensino remoto né, aqui em Rio Preto ainda não, o município, em nenhum momento esse ano voltou presencial né.

Professor Giseli: Então você é da prefeitura de Rio Preto?

Professor Artur: Prefeitura de Rio Preto.

Professora Giseli: Você é contratado ou concursado?

Professor Artur: Concursado desde 2014.

Professora Giseli: Desde 2014.

Professor Artur: Isso.

Professora Giseli: Você já trabalhou também no Estado ou só no município?

Professor Artur: Não, não. A minha trajetória profissional desde a minha formação, a minha primeira formação foi em 2007 né, licenciatura em educação física, eu sempre trabalhei em projeto social né, a vida toda, eu fui começar a atuar em escola mesmo a partir de 2014.

Professora Giseli: Tá. E você falou que você já deu aula pra qual público?

Professor Artur: Éé, então, o público específico mesmo do meu cargo é de sexto ao nono ano, então eu já trabalhei com essa faixa etária de sexto ao nono ano, mas também já trabalhei no ensino integral aqui no município né, nós tínhamos escolas de ensino integral, e a gente trabalhava com AEC, não é a disciplina de educação física, AEC significa Atividade Educativa Complementar, então eu trabalhei também nessa época com primeiro a quinto ano né e agora, lá no Centro, a gente atende crianças do terceiro ano até o nono ano do ensino fundamental né, então atende também inclusive crianças do Estado lá, não são somente crianças do município, então, atualmente, seriam crianças do terceiro ano até o nono ano.

Professora Giseli: Entendi. Então, vamo lá! O nome provisório né da minha pesquisa é “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública”, alguns termos da pesquisa, é tipo assim, a participação é voluntária então quando, se você quiser interromper a qualquer momento tá, fica à vontade, se não quiser responder alguma pergunta também, os dados poderão ser usados pra estudos e publicações científicas né, mas com sigilo da identidade, a gente vai escolher um nome fictício pra você, éé, não tá recebendo né nenhum valor pra participar da pesquisa, também não tem nenhum gasto e nenhum risco, e ciente de que a pesquisa poderá resultar em benefícios pra formação docente. Você é a minha sétima entrevista rs. Aceita os termos?

Professor Artur: Sim, aceito. Ok!

Professora Giseli: Então, vamo lá! Um nome fictício que você quer escolher pra você?

Professor Artur: Hum, Artur.

Professora Giseli: Artur. Sexo?

Professor Artur: Masculino.

Professora Giseli: Masculino. Idade?

Professor Artur: Trinta e cinco.

Professora Giseli: Trinta e cinco. E a sua formação acadêmica, você se formou em licenciatura plena?

Professor Artur: Eu tenho a licenciatura em educação física e depois eu fiz o bacharel e eu tenho mestrado na educação física escolar.

Professora Giseli: E onde você fez educação física mesmo?

Professor Artur: Aqui em Rio Preto, chama UNIRP. É Centro Universitário de Rio Preto.

Professora Giseli: Em que ano que você se formou?

Professor Artur: Em 2007.

Professora Giseli: 2007. E aí você já entrou no mestrado ou demorou um pouquinho?

Professor Artur: Não, no mestrado eu fui entrar só em 2018.

Professora Giseli: 2018. Foi aqui em Bauru?

Professor Artur: Bauru.

Professora Giseli: Na Unesp?

Professor Artur: Na Faculdade de Ciências. Isso!

Professora Giseli: E aí você terminou o mestrado quando?

Professor Artur: 2020, ano passado.

Professora Giseli: Ah, tá recente, você tá aliviado agora rs!

Professor Artur: Sim!

Professora Giseli: Você tá naquela fase que tipo nossa né, acabei, que alívio!

Professor Artur: Graças à Deus!

Professora Giseli: Eu vou chegar lá ainda rs!

Professor Artur: Vai, você já passou já!

Professora Giseli: Eu tenho que terminar o doutorado até o final do ano, eu tenho que acabar rs!

Professor Artur: Vai acabar sim!

Professora Giseli: E a carga horária sua de trabalho, quantas horas?

Professor Artur: Quarenta horas semanais.

Professora Giseli: Quarenta horas semanais né, e quanto tempo que você tá atuando desde que você ingressou no cargo?

Professor Artur: Na prefeitura de Rio Preto ou desde que eu me formei?

Professora Giseli: Na prefeitura de Rio Preto.

Professor Artur: 2014, vai fazer sete anos.

Professora Giseli: Então você é efetivo né, e você acumula algum cargo ou não, só tem esse?

Professor Artur: Não, só tenho esse.

Professora Giseli: Tá. Você é sindicalizado ou não?

Professor Artur: Não, não sou.

Professora Giseli: E qual o motivo que você escolheu ser professor de educação física?

Professor Artur: Ah, eu sempre pratiquei esporte na escola né, aquelas turmas de treinamento, nós disputávamos campeonatos né escolares, e eu jogava basquete na época né, e eu fui progredindo né no basquete, comecei a jogar aqui pela cidade de Rio Preto mesmo né, até os

meus dezoito anos, e eu só parei mesmo porque eu acabei me lesionando né, o meu joelho né, uma questão muito séria, e aí por esse motivo, assim, eu sempre quis ou mexer com ciências da computação que tem aqui na Unesp de Rio Preto ou fazer educação física, e eu fiz o ENEM né na época, no terceiro colegial, e aí, nesse ano de 2006 foi o ano que, foi o primeiro ano do PROUNI, não sei se você conhece né esse programa do PROUNI, aí veio uma cartinha do governo federal né, no final de 2006, pra que a gente pudesse se inscrever né no PROUNI, e como eu sempre gostei do esporte a minha primeira opção foi educação física e a segunda opção foi ciências da computação né, eu não cheguei a fazer o vestibular da Unesp, eu até fiz junto com o terceiro colegial né, um ano de cursinho, eu fazia à noite, e de manhã eu estudava no terceiro colegial, mas eu acabei nem fazendo o vestibular, e eu consegui né, pela nota do ENEM entrar na educação física, fui bolsista integral né, no curso, e por opção própria, eu até passei em ciências da computação também pra fazer na UNIRP né, na mesma faculdade, mas a minha primeira opção foi educação física, e eu fiquei na educação física muito fortemente éé, em relação ao esporte mesmo.

Professora Giseli: E, na sua opinião, quais são as condições favoráveis e quais são as desfavoráveis em ser professor de educação física?

Professor Artur: Ah, favorável, eu acho que é essa interação com o aluno né, porque não adianta, assim, uma das características principais são as práticas corporais, tá ali na quadra, tá ali, você acaba interagindo com o aluno de uma forma diferente do que um professor que fica somente em sala de aula né, e eu acho que essa interação, essa visualização né do desenvolvimento integral do aluno seria uma vantagem do professor de educação física e, também, não ficar no mesmo ambiente o tempo todo né, que é a sala de aula né. A gente tem, conforme o espaço físico da escola, a gente tem, pode dar aula em qualquer lugar né, aberto, assim, eu acho isso muito legal também, eu não me vejo dentro de uma sala de aula. E o aspecto desfavorável é a desvalorização da educação física dentro da escola em relação aos outros componentes curriculares né, a desvalorização da gestão, a desvalorização às vezes dos próprios alunos, a desvalorização né dos professores das outras disciplinas e até os professores próprios da educação física, e isso se amplia né em outros termos mesmo né, recentemente eu tive uma situação, esse mês, eles tiraram cinco aulas suplementares né que eu trabalhava né, lá no Centro, na verdade, minha carga original é trinta e cinco, mas por causa da rotina de trabalho é necessário quarenta horas, nós somos em quatro professores, e eu fui o único professor que tiraram essas cinco horas, ninguém me deu explicação, eu fui nos chefes de departamentos, ninguém soube explicar, só falaram que foi uma decisão lateral, e aí eu entrei com requerimento né, coloquei lá as resoluções que eles estavam ferindo né, todas as situações né, isonomia

também porque só eu que tinha esse desconto, enfim, e no mesmo dia me deram a resposta que eu ia continuar com a carga suplementar né, justamente por esse movimento que eu fiz de forma individual. Agora, assim, a conclusão que eu chego né, claro que é uma conclusão que não tem base nenhuma, eu tô esperando a resposta desse documento até hoje porque eu quero a causa ainda né, é a educação física, infelizmente, ah, ele deve trabalhar menos né, ele deve interagir menos, e a gente vai pagar menos pra ele, infelizmente.

Professora Giseli: Nossa, complicado essa situação né. Quando eu entrei no Estado, eu fui escolher o cargo lá em São Paulo né, aí depois eu escolhi uma escola lá em Registro, que eu nem conhecia, eu fui escolher meio, você nem sabe pra onde vai, aí eu escolhi lá, aí quando eu cheguei na escola não tinha aula pra mim, aí eu fiquei adida né, igual você, só que aí eu fui pra DE, daí a gente consegue pegar aula em outro lugar, mas é, essa sensação de você ficar adido e não saber pra onde vai é complicado né.

Professor Artur: No começo foi difícil, agora a gente acaba se conformando né!

Professora Giseli: Você já está se acostumando com a situação?

Professor Artur: É, você não pode fazer planos né.

Professora Giseli: Nossa! Vamo lá, então, e a sua formação inicial, na graduação, ela atingiu as suas expectativas?

Professor Artur: Sim, eu gostava muito do meu curso, assim, dos professores né, foi uma época que as faculdades particulares, elas investiam em professor com uma boa formação né, professores mestres, professores doutores, no final do percurso mesmo, já no final de 2007, aí não sei se mudou a legislação né que normatiza a graduação, o ensino superior, mas a maioria dos professores foram mandados embora e aí contrataram professor especialista com pouca experiência, mas noventa e cinco por cento do curso eu tive uma boa base né, assim, inclusive, eu tive a oportunidade de comparar a grade curricular né do meu curso de educação física com a grade curricular atual da Unesp de Bauru, da graduação de educação física e, praticamente, é a mesma entendeu, então, assim, penso que eu tive uma boa formação em relação a graduação.

Professora Giseli: E como foi essa transição de estudante pra virar profissional de educação física?

Professor Artur: Então, talvez até vai soar como contraditório né, mas mesmo com uma boa formação né, professores né que tinham uma boa base acadêmica, éé, ainda não foi o suficiente né pra gente entrar sabendo de tudo o que tinha que ser feito na escola né, no ambiente escolar, nas primeiras aulas, enfim, éé, então é um choque né, a realidade, o contexto educacional é um choque, o desestímulo dos alunos né, o espaço físico, o material que não existe né, muitas vezes você tem que tirar do próprio bolso, éé, algumas vezes, a gestão escolar, ela acaba interferindo

de forma negativa na sua atuação também, isso a formação inicial não te prepara pra esses confrontos né, isso aí é só a partir da prática mesmo, da vivência, e, nesse primeiro momento, que é o que você perguntou né, aí depois, já com um pouquinho mais de experiência, você começa a utilizar um pouquinho mais do que você viu na teoria né, na formação inicial né, pra melhorar a sua prática, mas isso já com um amadurecimento né, no início é muito difícil né e eu penso que eu tenho alguns colegas que desistiram justamente porque talvez não conseguiu se adaptar ou não conseguiram superar essa primeira fase aí de adaptação.

Professora Giseli: E, assim, o que que você acha que mais contribuiu pra sua formação em ser professor, a sua experiência de toda a sua vida né, desde pequeno até agora, a sua formação inicial com a graduação, os estágio, ou a formação continuada, as pós que você fez, os cursos extras, ou a sua atuação profissional, os saberes que você foi aprendendo no cotidiano, com a sua experiência, o que que você acha que mais contribuiu?

Professor Artur: A atuação profissional, no meu caso específico, com certeza absoluta, porque o meu curso, na época, era cinco anos, você saia com a licenciatura e o bacharel né, e a minha primeira oportunidade de estágio foi numa academia né, e eu comecei na academia, eu gostava e tudo mais, achei bacana né, por ter a minha primeira experiência profissional, nunca tinha trabalhado antes, o meu primeiro trabalho foi meu estágio, eu entrei na faculdade com dezessete anos né, e depois, virando o ano, já no segundo ano da graduação, eu tive a oportunidade de começar a trabalhar como estagiário num projeto social, e seria um período maior né, seria o dia inteiro, e a remuneração seria maior também, então, a princípio eu fui somente pela remuneração mesmo né, só que esse foi um despertar né, foi um divisor de águas pra minha formação, porque eu me apaixonei por projeto social, a forma que trabalha entendeu, juntamente com o embasamento teórico do curso de graduação né, com as proposições metodológicas né, de trabalho, a gente, foi assim, nós não vivemos o movimento renovador né que foi na década de 1980, mas os nossos professores enfatizaram muitas proposições né embasadas na teoria crítica né, então, assim, isso, com projeto social, ela encaixa né, porque você vê ali no dia-a-dia crianças desamparadas né pela, assim, coisas básicas mesmo que o governo não dá, crianças que não tem o que comer, crianças que vivem no meio de uma situação, assim, bem vulnerável mesmo sabe, que não tem uma roupa limpa pra colocar. Eu trabalhei numa escola que ela era uma ONG na verdade, que as crianças, traziam de ônibus pra escola porque essa escola não ficava perto da comunidade, ela ficava longe né, você via criança que com a mesma roupa no dia seguinte, roupa suja, muitas vezes descalço porque não tinha chinelo entendeu, então não é só aula né, você dá o projeto, você dá toda essa ajuda, toda essa humanização mesmo, básico pra criança né, pra pessoa em si né, pro ser humano, isso me

despertou de uma forma, eu tive a oportunidade e foi um divisor de águas porque quando eu entrei na educação mesmo né, enquanto professor de educação física mesmo na escola, a nossa clientela da escola pública não se difere quase nada das crianças de projeto social entendeu, e eu sempre trabalhei em escola de região periférica também sabe, bairro bem humilde mesmo e, assim, foi uma paixão, uma necessidade, ela transcende né somente o lado profissional né, você quer fazer alguma coisa, nem que for mínimo pra melhorar a situação daquela criança né, aí eu nunca mais trabalhei em academia né, não fiz o bacharel mais, eu tranquei o bacharel mesmo tendo bolsa integral, não quis fazer mais o bacharel, depois eu fui fazer o bacharel em 2015 porque faltava mais um ano, eu tive a possibilidade financeira também, tive que pagar a faculdade né na época, e também tinha alguns movimentos né pra levar as crianças pra disputar campeonatos escolares, tinha que ter o bacharel nessa época, aí eu falei, vou fazer por garantia, o meu diploma de bacharel tá na gaveta até hoje, nem sei passar treino pra mim mesmo na academia rs.

Professora Giseli: E, assim, como que tá sendo assim atuar no ensino básico público, acho que você até comentou um pouco né, expectativa e a realidade, você trabalhava com projeto, depois foi pra educação básica e você percebeu que o pública é praticamente o mesmo né, e como que é, assim, atuar no ensino básico público assim?

Professor Artur: Éé, são muitos desafios né, eu acho que em geral mesmo, não que os professores de escola particular também não tenham esses desafios né, às vezes, as crianças, elas éé, por ter muito em relação à rede particular, elas também acham aquela atividade, aquela inovação do professor chata né, porque eles tem muita coisa, eles veem muita coisa, e as nossas crianças também, as crianças da rede pública muitas vezes também elas tem esse mesmo sentimento né em relação às aulas, o que a gente propõe, mas é uma cultura né, em relação a desvalorização da educação física, também tem outras questões também que preocupam a cabeça delas né, se vai ter alguma coisa pra comer em casa, se às vezes se o pai tá preso ou se o irmão mais velho né começou a se envolver com droga entendeu, então, tem outras, eles tem muitas outras, tem que cuidar do irmão mais novo que às vezes, só tem essa pessoa, ela é, mesmo sendo adolescente, ele tem o irmão mais novo que tem que cuidar, então eles tem outras preocupações também que acabam tirando o foco deles da escola né, então eu acho que essa situação assim é, penso que assim, em suma, seria a falta de interesse do aluno né, na aula, no conteúdo né, muitas, mas assim, éé, eu sempre busco entender o contexto né, o que tá acontecendo e trocar uma ideia com os alunos, ser sincero, mostrar a importância, convencer eles de que aquilo é importante pra vida deles né, éé, que aquilo pode de uma certa forma, de repente ser um norte para que eles possam melhorar a vida, mudar, melhorar em casa, ajudar a

família, enfim né, que a educação é a base né, é a oportunidade que eles tem né de buscar estudar, de buscar o conhecimento, de poder sei lá, de ter uma vida melhor, nesse sentido né, através da educação.

Professora Giseli: Ao longo da nossa atuação assim, como professora, professor, na escola, a gente sente, passa por vários sentimentos, por várias situações, então, tem situações que a gente sente medo, alegria, frustração né, você poderia dar um exemplo assim, de alguma situação e um sentimento seu no momento?

Professor Artur: Ah, sim né, a gente passa por muitas situações de alegria né, é aquele abraço do aluno ou eu já recebi carta de aluno falando assim, eu não tenho pai professor, mas eu vejo você como um pai né, o que você fala pra gente, você orienta né, tudo que você se preocupa né, e também tem situações assim que, de frustração também né, quando a gente fica sabendo que um aluno é um ex, que um ex aluno nosso foi preso sabe, essas situações assim também que, nossa, será que eu podia ter feito algo a mais né, o que que poderia ter feito pra comunidade em si, e de repente fazer um projeto amplo que atendesse essas crianças, sei lá, trabalhar como voluntário de final de semana, enfim né, mas são diversas situações assim, quando eu era mais novo eu ficava me frustrando e ficando bem mal sabe, mas hoje a gente começa a compreender que é um sistema né, que são vários fatores que acabam né interferindo, prejudicando né, o nosso próprio governo, já começa as leis né e as resoluções que amparam a educação, a prática né, elas acabam levando, é difícil o professor que tem o mínimo de consciência da sua função social na escola, ele quer realmente intervir, colocar em prática essa função, ele tem muita coisa que desgasta no dia-a-dia né, tem muitas situações que acabam por contrariar né, por dificultar uma atuação assim, dessa forma né, e, mas assim, éé, não pode se desistir né, você tem que tentar fazer, estudar, o conhecimento é a porta de tudo né, penso eu. O professor que tem essa essência né de querer mudar a realidade social dos alunos, ele não tem como ele fazer isso sem buscar o conhecimento né, sem buscar uma teoria que embasa, sem buscar um respaldo na lei, sem buscar, enfim, porque você tem que convencer a diretora que você quer desenvolver um projeto, que você tem que motivar os seus alunos, você tem que bater de frente, às vezes, com colegas de trabalho, com professor, você tem que de repente abrir um espaço na comunidade pra você explicar o que você quer fazer né, porque tem situações, por exemplo, de que às vezes, eu já tentei desenvolver algumas coisas assim na escola né, às vezes a noite com as crianças e tudo mais ou final de semana eu ia lá visitar eles às vezes na comunidade, eu já fiz isso algumas vezes, e a própria comunidade não te aceita entendeu, os alunos falam, ó professor, não fica aqui muito tempo porque é perigoso pra você e tudo mais entendeu, sabe, ou senão você vai querer desenvolver alguma coisa diferente, algum projeto, tem uma iniciação esportiva à noite

só que a comunidade tão ali usando a droga deles ou praticando o futebol de sempre deles e não dá espaço pra você também adentrar e poder ajudar, então, são muitas situações assim desafiadoras que eu também não julgo né, algum colega, algum professor mais antigo que já tá a ponto de se aposentar e quando ele chuta o balde né, quando ele desiste, quando ele empurra com a barriga assim, você tem que tentar entender o contexto né, espero que isso não aconteça comigo, mas eu também não julgo com aqueles que já aconteceu infelizmente.

Professora Giseli: Você acha que é possível o professor se auto motivar?

Professor Artur: Ah, sim, com certeza né! Existe, mesmo dentro desse monte de fator né que eu falei, que acabam por interferir né, o professor, a pessoa em si né, ela não pode, ela tem que buscar né essa luta contra ela mesmo pra que ela não perca essa essência, essa vontade, esse objetivo né, éé, oi filho, tem um Pokémon aqui, papai tá fazendo uma entrevista agora tá bom, meu filho tá caçando Pokémon rs!

Filho do Professor Artur: Pokémon!

Professor Artur: Pokémon! Depois a gente brinca tá bom?

Professora Giseli: Legal rs!

Professor Artur: É rs, então, que nem eu tava dizendo, e fazer esse olhar né pra dentro dele mesmo, nossa, lembrar do que ele já defendeu, do que ele pensa, das necessidades dos alunos, do que eles precisam, e, é que é difícil lutar contra essa situação de conformismo, porque você acaba se conformando, você acaba né reproduzindo, mas tem que fazer né essa reflexão né, essa reflexão crítica mesmo né, o eu queria quando era mais jovem, o que eu sou hoje em dia, o que eu posso fazer dentro das minhas possibilidades, mesmo que for alguma coisa mínima, mas eu vou tentar fazer entendeu.

Filho do Professor Artur: É novo esse.

Professor Artur: Então tá bom filho, daqui a pouco a gente conversa.

Professora Giseli: E o que que você espera pro futuro, assim, o que que você espera pro seu futuro e pro futuro da educação pública?

Professor Artur: Olha, a pandemia, ela acabou um pouco por colocar, tirar um pouco os nossos sonhos né, porque agora a gente tá sonhando com o fim da pandemia né, só que ela também mostrou claramente pra sociedade né, pros pais principalmente, que existem muitas desigualdades educacionais em consequência das desigualdades sociais entendeu. Ficou muito claro pra sociedade que a falta de um lugar, um ambiente de estudo prejudica né a criança de adquirir conhecimento né, ficou muito claro pra sociedade que precisa minimamente de recurso materiais pra que a criança possa aprender, então, a criança, infelizmente, que não tem esses recursos, que não tem um lugar legal pra estudar, que não conta com um né, com todos esses

fatores né que possibilitam a educação, ela vai ser prejudicada. Então, assim, eu espero que diante desse né, assim, muita gente que critica os professores também falando que estamos em casa sem trabalhar, mas acredito que é a minoria, mas dentro dessa realidade né, a gente sempre soube de tudo isso, mas agora ficou evidente né, eu espero realmente que tem que vir da classe política né, não adianta, a gente não vai conseguir fazer por conta própria enquanto professor, enquanto gestor da escola, tem que partir da classe política, mas eu acredito assim né, que nós temos muitos partidos né que defendem a educação né, mesmo que sejam minoria, eles ainda conseguem né evitar muitas situações que poderiam prejudicar mais ainda né, a situação do Brasil em relação à educação. E penso que através dessas evidências, eles vão poder ter dados né, subsídios pra traçar políticas públicas né, pra ver que a escola precisa desse investimento material, precisa dessa estrutura física, que os professores, eles precisam de uma formação né específica, uma formação continuada com qualidade né, porque ficou claro também que a gente não sabia lidar com a situação de ensino remoto entendeu, a gente teve que aprender por conta própria né, muitas redes de ensino inclusive, agora que eles estão começando a oferecer cursos né pra mexer nessas tecnologias né, nessas redes sociais, enfim, e que o professor precisa de formação, o professor precisa de material, o aluno precisa também desse ambiente, o aluno, principalmente o aluno que vive né em situação de vulnerável, ele precisa dessa estrutura familiar, ele precisa de tudo isso né. Então, penso que políticas públicas em relação à educação, políticas públicas em relação a parte de assistência social, políticas públicas em relação a saúde, enfim, tem que usar todas essas situações de adversidades pra criar situações né benéficas pro futuro, penso que a pandemia, ela pode ajudar nesse sentido, e isso pode melhorar a educação como um todo.

Professora Giseli: Ah, eu vou aproveitar pra linkar com a outra pergunta, você falou da formação né, como que é a formação oferecida aí no seu município?

Professor Artur: Ela já foi melhor né, em outras gestões. Quando eu entrei existiam professores né, colegas meus da educação física né que passaram por processos seletivos e se tornaram professores formadores, mas nós tínhamos um professor formador específico pra educação física né, por exemplo, então ele tratava de vários temas né relacionados à prática pedagógica da educação física na escola, isso eu acho muito bacana né, e era uma vez por semana, num lugar específico né, e era muito legal mesmo, muito embora muitos colegas não gostavam disso né, não valorizavam essa situação de formação, eu achava muito bacana a forma de organização, só que muitos professores eram afastados, precisavam contratar professores temporários e tinha um custo né, uma coisa que gera um custo, não era um custo excessivo não, era um custo necessário né, porque é diferente, só que veio outras gestões né, achou esse custo desnecessário

né, cortou esse modelo de formação, então ficou um formador em cada área do conhecimento né, então o professor de educação física não era mais, era um professor pra área de linguagens né, nossos encontros se tornaram uma vez no mês somente, e era uma coisa né generalizada porque tinha professor de inglês, tinha professor de arte, tinha professor de educação física, tinha professor de língua portuguesa, tudo no mesmo ambiente, então perdeu muito a qualidade nesse sentido né. E nesse ano continua no mesmo formato, agora nossos encontros ainda é uma vez por mês né, só que pelo Meet né, agora no formato remoto, mas é a mesma, isso já faz, essa situação aí já, essa que eu acabei de descrever, que é a nossa situação atual, já tá indo pro quinto ano né, infelizmente tá nesse modelo aí que eu acho muito ruim né.

Professora Giseli: No Estado também, a gente faz no grupo de linguagens, aí tem inglês, arte, educação física, e é bem assim, vários temas né que não é focado na nossa área mesmo, até eu entrevistei alguns professores daqui de Bauru e eles comentaram também sobre isso, que falta formação específica da nossa área mesmo né, que às vezes acaba se perdendo no meio de tanta coisa.

Professor Artur: Ah, com certeza!

Professora Giseli: Vamo lá, aqui, na sua opinião, qual que é a relevância social do nosso trabalho? Qual que é a importância pra sociedade, assim, do nosso trabalho?

Professor Artur: Ah, eu já falei um pouquinho né sobre isso, eu acho que a esperança de dias melhores é através da educação né, mostrar pro aluno o que né, tentar mostrar pro aluno, tematizar né os conteúdos, você também não pode deixar de oferecer os conteúdos específicos da educação física né, da cultura corporal, mas você tem que problematizar esses conteúdos né, mostrar pros alunos, por exemplo, o futebol, por que o futebol é jogado mais por meninos do que por meninas? Por quê que na mídia né, na televisão, só mostra futebol né? Então, por quê que as mulheres que jogam futebol profissionalmente ganham muito menos do que os homens né? Essas coisas específicas assim pra que eles possam compreender que existem né fatores externos né que acabam interferindo até no nosso próprio gosto, naquilo que a gente gosta, naquilo que a gente pratica, como que a gente pensa, como que a gente acredita ser aquele movimento né, aquela prática corporal em si, e como a gente é, muitas vezes até manipulado né por essas forças externas né, invisíveis né e visíveis ao mesmo tempo né, que a gente possa refletir sobre toda essa atuação né contra uma, que é um pouco né até que Paulo Freire fala, bom, é que eu não sou especialista em Paulo Freire né, na minha dissertação eu usei algumas teorias críticas, principalmente a teoria crítica da sociedade né, a primeira geração de Frankfurt né, a escola de Frankfurt foi um pouquinho mais assim o meu tema assim, foi um marxismo já um pouquinho assim mais renovado né, diferenciado, mas enfim, assim, são situações que

acabam alienando né a gente né, acabam manipulando as nossas decisões e a gente faz por impulso pra seguir esse sistema, enfim, então eu acho que o papel social do professor, desde que o professor não esteja né nessa situação de conformismo, que tem muito professor também que ele contribuiu pra essa situação de reprodução da sociedade, enfim, dessa ideologia dominante né. Então, o professor tem que estar esclarecido né, tem que ter uma prática politizada, não adianta, a educação não é neutra, mesmo aquele professor que pensa que não tá fazendo nada né a favor né, que desistiu da parte pedagógica da aula, que rola a bola, que deixa as crianças brincarem, ele tá tendo uma atuação política também, não é neutro, nada é neutro né. Enfim, a forma que o professor né, ele assumir a sua função social é fazer o aluno refletir sobre a prática né, não só reproduzir.

Professora Giseli: Nossa, você já respondeu umas quatro perguntas que eu ia fazer aí rs.

Professor Artur: Foi mal.

Professora Giseli: Não, beleza, aí você já foi ligando né, que eu ia comentar também qual que era o nosso trabalho, a nossa função como professor na escola, aí você acabou comentando toda essa questão da conscientização, não é só a parte prática também né, e também você ligar essas questões das discussões né, e a base do nosso trabalho de educação física na escola né seria a cultura corporal né de movimento, e também eu ia perguntar sobre a questão da neutralidade da educação, você falou que não tem como né o professor ser neutro, porque a gente sempre tá fazendo escolhas, agindo né, e assim, na sua opinião, o que que seria um professor politizado e o que que seria um professor alienado?

Professor Artur: Eu estudei um pouquinho também a pedagogia histórico crítica né, e Saviani, ele fala que o professor né, ele tem a obrigação de ser politizado, participar de sindicatos e tudo mais né, até hoje, inclusive, se você for no Youtube, a maioria das participações do Saviani é dentro do sindicato né, então, assim, ele defende muito isso, então eu penso que essa sindicalização que é uma forma de se politizar também, o grande x da questão, eu até tive situações que eu fui convidado a participar do sindicato aqui dos servidores municipais de Rio Preto, o problema é que houve nos últimos anos um conflito porque o sindicato, ele era dos servidores públicos né, todos os servidores públicos do município, e como ele tinha que fazer esse movimento geral né, de várias pautas né que tem que ser defendidas por diferentes tipos de funções né públicas, alguns professores da rede se movimentaram e criaram um sindicato da cidade específico pra professor e eu vivenciei muito esse momento e eu vi situações desagradáveis sabe, um sindicato querendo complicar pro outro e no final das contas eles complicavam o coletivo, a situação do coletivo né, situações que acabaram incidindo em perseguições políticas pra muitos professores né, enfim, e por esse motivo assim até hoje eu

tento acompanhar os movimentos né, mas realmente eu não sou ativo né, nessa situação específica em relação aos sindicatos né, eu defendo né a atuação deles né, até porque isso é, não só em relação aos professores, mas qualquer classe trabalhadora tem que ter seu sindicato ativo, mas também, infelizmente, existem algumas situações que eles acabam se alinhando né com o executivo né, muitas situações assim que eu presenciei também desse alinhamento de acordos assim só pra manter o status mesmo, o sindicato consegue ter a voz, ele consegue ser ouvido, ele consegue ser influente dentro do poder executivo mas, na verdade, quando vai negociar, tudo fica na mão do executivo e nada fica pra gente enquanto servidor entendeu, então foram essas situações que eu acabei meio que ficando desmotivado pra ter uma participação ativa mesmo em relação a, eu tento acompanhar sim, eu já tive, já acompanhei grupo de WhatsApp, já acompanhei assim, mas, hoje em dia, realmente eu não acompanho mais nada, eu fico sabendo das notícias por terceiros mesmo né, então penso que isso é uma falha minha né, o professor politizado ele precisa sim estar ligado a essas pautas, a essas lutas específicas do professorado, da educação em si, então essa é uma falta minha, eu tenho isso como consciência minha, e essa questão também das dimensões do conhecimento né, não ficar só vou desenvolver a parte motora, vou ensinar um esporte, enfim, mas essa dimensão do conhecimento no meio social, política, ter essa noção de mundo né, bem esclarecido né, de todas essas situações, penso que também o professor politizado precisa dessas informações também.

Professor Artur: Você já pensou alguma vez em exonerar seu cargo, assim, em algum momento da sua atuação, de falar vou exonerar que eu não aguento mais?

Professor Artur: Já, inclusive eu tô pensando muito nisso nos últimos dias, mas não chegar ao ponto de exonerar entendeu, justamente por aquelas situações iniciais que eu falei, a minha situação como professor, que eu não tenho sede, vivo à mercê dos mandos e desmandos da Secretaria da Educação. Eu tô pensando seriamente em prestar, futuramente, não sei quando, de repente, pra um cargo de coordenador ou diretor sabe, e quem sabe até depois até pra supervisor de ensino né, porque aqui em Rio Preto, tem algumas cidades que é cargo político né, direção, mas aqui não, aqui é concurso mesmo sabe, coordenador, diretor, supervisor de ensino, é concurso que nem do professor, e eu tô pensando seriamente mesmo nos próximos anos aí, não só crescer profissionalmente também mas garantir né, porque eu acho que a nossa situação enquanto professor nada tá garantido né, o pessoal do Estado de vez em quando fala alguma coisa de privatização, você que tá no Estado você deve ouvir alguma coisa nesse sentido, no município ainda não chegou nada disso entendeu. Enquanto professor excedente, amanhã eles podem mudar a lei e falar professor excedente vai ser exonerado ué, isso pode acontecer também.

Professora Giseli: Desde quando eu entrei no Estado que eu escuto algumas escolas, aí, vai privatizar, aí vai fechar aqui, só que assim, desde quando eu entrei eu sempre escuto todo ano, mas até agora não aconteceu comigo assim na minha escola né, de privatizar ou de fechar a escola, mas sempre tem essa coisa sondando assim, todo ano, tipo vai, não vai.

Professor Artur: É, então, existe esse movimento né.

Professora Giseli: Sim. E qual vínculo, então, que você cria pra se manter na profissão? Qual o vínculo, o que te faz se manter assim como professor de educação física?

Professor Artur: Ah, eu acho que é o amor à profissão mesmo né, é muito difícil né, há dois anos atrás, inclusive no último concurso pra coordenador que teve, faz pouco tempo, acho que faz uns dois ou três anos atrás, eu não prestei porque eu nunca quis ser coordenador, nunca quis ser diretor entendeu, éé, sempre gostei de estar ali dando aula né, já tive oportunidade de ser diretor ou coordenador substituto né, já tive oportunidade de ser professor formador, mas eu gosto dali né, de estar com o aluno né, isso aí é uma coisa minha mesmo, só que, em virtude da situação atual né, do nosso governo atual que desvaloriza muito o servidor público, desses boatos em relação à privatização e tudo mais, do fechamento de salas de aula que é uma situação específica aqui da rede municipal entendeu, eu comecei a pensar, mas se realmente eu chegar nessa situação de prestar um concurso, de passar, enfim, eu vou sair muito triste né, eu queria continuar sendo professor.

Professora Giseli: Então, se eu perguntar agora se você está satisfeito com a sua profissão, se você se sente realizado, sua resposta é sim ou não?

Professor Artur: Sim, com certeza sim.

Professora Giseli: E, assim, você acha que você se esforçou, se empenhou adequadamente pra fazer jus ao título de professor?

Professor Artur: Sim. Não é o suficiente ainda né porque a gente nunca pode, o nosso conhecimento sempre é provisório, mas por enquanto penso que eu estou no caminho certo.

Professora Giseli: E você acha que é possível o professor conseguir separar a vida pessoal da profissional?

Professor Artur: Ó, difícil né, porque planejamento, estudo, pesquisa, eu tenho até um tempo reservado pra fazer na escola assim sabe, que é inclusive remunerado aqui na rede municipal, mas não é suficiente, não adianta. Em relação também à esse ensino remoto, éé, tem aluno meu que me mandou mensagem no feriado, quarta-feira entendeu, com dúvida em relação à atividade, muitas situações também em relação à noite né, ou final de semana, e você sabe que aquele momento ali é um momento que ele tá com o celular, que o pai não tá no trabalho entendeu, que o pai tá em casa e é aquele momento que ele tá vendo o que ele tem pra fazer,

que ele visualizou as mensagens que a gente mandou de atividade né, de videoaula e tudo mais e, então assim, hoje em dia, não tem como separar né totalmente a vida profissional da particular, tem situações que eu mando devolutiva por áudio, pelo WhatsApp, aí eu tenho que sair da sala porque eu estou com meus filhos fazendo barulho, eu peço pro meu filho mais velho ó, fica quietinho que o papai tem que mandar um áudio pra um aluno agora entendeu, então, isso acaba sendo uma mistura né, com certeza, não tem como você, até porque você tá em casa também né, não tem como.

Professora Giseli: E, assim, às vezes a gente passa por algum momento assim na escola, por algumas situações que a gente fala ah, não vou conseguir resolver, é impossível resolver, que estratégia que você usa pra você ou conseguir resolver a situação ou até fugir da situação, que estratégias que você usa nesses momentos ah, eu não vou conseguir fazer?

Professor Artur: Olha, eu tenho por, assim, hoje em dia eu jogo bastante essa responsabilidade nas costas do coordenador pedagógico entendeu, porque ele tá ali pra isso também, pra ajudar, nos auxiliar, éé, assim né, nessas situações extremas, mas situações assim que eu não sei resolver eu conto muito com meus colegas também né, os professores né, pergunta, a gente conversa muito, troca experiências né, agora as difíceis mesmo né, teve um caso mesmo que eu tava trabalhando nesse período inverso né, no ensino integral né, nessas atividades educativas complementares que eu te falei, no início do ano falaram ah, não vai precisar de diário de classe tal porque não é ensino regular, beleza, aí chegou no meio do ano pediram o diário de classe nosso, que a gente tinha que atualizar desde o começo do ano as faltas dos alunos, enfim, só que você sabe né, professor de educação física, nessa época eu trabalhava em quatro escolas pra conseguir completar minha carga, então eu só dava duas aulas em uma das escolas, então eu não tinha acesso aos professores né do regular pra pedir pra ele tirar cópia do diário né, dá pra atualizar, você consegue atualizar né, aí eu falei, quer saber, eu vou chegar no coordenador e chamar a responsabilidade pra ele, fui lá, cheguei um pouco mais cedo na escola né, conversei ó, eu vou atualizar, claro que eu vou atualizar, você tá pedindo, a culpa não é sua mesmo, a secretaria que pediu pra você e você tá repassando pra gente, sem problema nenhum, só que eu vou precisar que você tire a cópia pra mim da caderneta de todos os professores do ensino regular né pra que eu possa fazer isso rs! Não, põe presença pra todo mundo, fica tranquilo! Entendeu, resolvi meu problema né, resolvi meu problema e sabia que isso provavelmente ia acontecer né porque eu dei trabalho pra ele, ele sabia que era a função dele, enfim, né, e tá tudo resolvido, não é da melhor forma mas foi resolvido rs.

Professora Giseli: Então, assim, resumindo, quais são os pontos positivos ao longo da sua carreira e os negativos, assim, pra resumir, o que que foi de positivo que te motivou e o que que foi de negativo que te deixou pra baixo assim, te desmotivou?

Professor Artur: Ah, o positivo eu creio que foi a oportunidade de continuar buscando o conhecimento né, porque tudo tem que ser encarado como uma oportunidade né, situações ali da vida assim né, que foram encaminhando pra essa possibilidade, porque, infelizmente, tem professores que não teve a mesma oportunidade, então penso que as situações positivas foi a possibilidade de eu buscar uma formação com qualidade né, buscar embasar a minha prática através de uma teoria né, enfim, esse é o ponto positivo. E o ponto negativo é saber continuar né nessa mesma realidade educacional né, de quando eu comecei em 2014 pra hoje éé, pode-se dizer sim que mudou, mas mudou pra pior, então essa é a situação negativa assim né, nesse sentido, a falta de investimento em relação à educação pública né, poderia ser muito melhor, nossa, eu pego a minha formação, por exemplo, de outros professores meus da rede pública e de, às vezes eu comparo com colegas meus que trabalham com educação física na rede particular entendeu, as nossas metodologias, a forma que a gente trabalha, como a gente sistematiza, planeja o nosso trabalho, é anos luz adiante deles né, entendeu, é essa a realidade, a gente tem muito conhecimento teórico né, muito conhecimento até da prática mesmo em si, só que falta esse, falta muita coisa né, é a realidade educacional, a falta de investimento, uma mudança né dessa cultura né de que a educação pública, ela não tem qualidade, um investimento também do Estado pensando em situações, em políticas públicas pra diminuir essas desigualdades sociais e todas essas situações que acabam interferindo na vida do pessoal particular do nosso aluno que acaba, não tem como né, ela acaba interferindo na sua vida educacional também dentro da escola. Então, são essas situações, as desigualdades educacionais e também a falta de investimento educacional são os pontos negativos, porque negativo? Porque a gente não vê perspectivas de melhora nos próximos anos.

Professora Giseli: E, em uma palavra, o que que te faz superar as dificuldades?

Professor Artur: A esperança que virá, a esperança, uma palavra né, a esperança.

Professora Giseli: Esperança, muitos entrevistados falaram isso também rs. E, vamo lá, que eu já passei aqui, e na sua opinião, como que a sociedade, ela vê o professor de educação física? Qual que é a visão que a sociedade tem da gente?

Professor Artur: Ah, eu acho que eles gostam da gente sabe, eles tem, a gente tem muita lembrança de professor de educação física, lembranças boas e lembranças ruins né, então, o professor de educação física sempre é lembrado né, mesmo que até um passado recente ou talvez até o nosso presente, muitas práticas né exercidas pelo professor de educação física, elas

eram exclusivas né, prejudicava muito os alunos, muitos traumas psicológicos inclusive e tudo o mais, enfim, mas de certa forma o professor de educação física, ele tem uma essência diferente né, é uma coisa que os alunos gostam, é um momento em que eles podem sair daquele ambiente fechado, enfim né, são muitas situações que acabam né, éé, construindo essa imagem né do professor de educação física de forma positiva né, penso eu que seria isso.

Professora Giseli: E você acha necessário, você acha que devia ter alguma recompensa, algum privilégio pros professores? Você acha que seria necessário ou não ter alguma recompensa assim, algum privilégio?

Professor Artur: Ah, eu acho que em relação à parte de investimento né do conhecimento, eu acho que o professor tinha que ter um cartão alimentação, mas um cartão alimentação de livro né, que o professor pudesse comprar uma cota ali mensal, isso aí seria um benefício em relação a parte educacional né. E a parte financeira também né, de repente, sei lá, não precisar pagar imposto de renda sabe, ter desconto, bom, desconto a gente já tem né em cinema né, essas coisas assim nesse sentido né, mas penso que ter mais tempo né porque poucas redes de ensino, nem muita gente ouve falar que eles respeitam aquela lei de um terço né, muito poucas né, aqui na região de Rio Preto eu não conheço nenhuma, em Rio Preto também não respeita, eu não sei se o Estado respeita, mas ter um tempo né, pensar nesse tempo remunerado pro professor preparar as aulas, buscar essa, não buscar uma formação continuada porque isso aí também é um problema do professor né, ele acha que tudo tem que ser gratuito né, e sendo que ele pode buscar por conta própria muitas coisas também, ler pesquisas, ler artigos né, dissertações, teses, que falam sobre situações né, que tá gratuito na internet, não precisa pagar nada entendeu, éé, então ele acha que tudo tem que ser, muitos professores também acabam achando que tem que ser de mão beijada né, que não pode ter, que tem que ser fácil, e não é bem assim também né. Então penso eu né, a parte financeira, de repente né, não precisar pagar imposto de renda, ter um incentivo né em relação a compra de livros né, penso que seria esse o nosso benefício.

Professora Giseli: Estamos quase nos finalmente aqui pra finalizar. Então, você atribui, pelo que eu percebi, você atribui a sua formação de professor à sua experiência né que você citou bastante né, ao longo da entrevista, e você acha que a nossa profissão, ela está desconectada dos seus pressupostos? A gente acaba fazendo coisas que às vezes não seriam da nossa ossada e a gente acaba fazendo na escola, assim?

Professor Artur: Depende do ponto de vista né, penso eu. Se você pensar nessa função social da educação né, enquanto objetivo de mudar a realidade do país né, alguns professores que não tomam essa iniciativa, que não tem isso como base, eles estão desconectados da educação, entendeu. Agora, você vendo por um outro ponto de vista né, alguns professores, não só

professores né, mas a sociedade em si que entende a educação como transmissão de conhecimento, de conteúdo necessário pra vida, pro trabalho, necessário, de repente, pra fazer um vestibular, pra um curso superior, enfim, eles, se o professor tiver essa visão social aí ele vai estar desconectado né dessa visão de educação. Então, depende muito do ponto de vista mesmo, mas agora, de forma atual, falando de mim mesmo, éé, diante dessas interferências né advindas da gestão, da secretaria da educação, do governo federal, enfim, penso que o professor que tenha e que assuma essa função social de através da sua prática pedagógica buscar mudar de uma forma mínima que seja a realidade social dos alunos, ele é visto como desconectado né, da proposta da educação, porque ele tá nadando contra a corrente né, ele tá tentando resistir contra essas imposições.

Professora Giseli: E, ao longo da nossa atuação, tem muita coisa que às vezes vem imposta né, que vem de cima pra baixo, imposta pra gente.

Professor Artur: Sim, a maioria.

Professora Giseli: Você segue as riscas essas normas, essas ações impostas ou não?

Professor Artur: Eu, assim, o professor, especificamente em relação à educação física vai, vamo falar da BNCC, do currículo paulista, enfim, que é a nossa realidade, eu acho que até o professor que tenta seguir à risca, eu acho que não tem como, entendeu; jogos eletrônicos, como que você vai trabalhar jogos eletrônicos entendeu, assim, eu mesmo não sei como se trabalha, tenho essa dificuldade entendeu; práticas corporais já consegui né minimamente trabalhar, dá pra trabalhar práticas corporais, um exemplo, ginásticas, brincadeiras, jogos, enfim, dá pra fazer tranquilo, a maioria das coisas ali dá pra fazer entendeu, só que pouco se propõe né de você abordar esses conteúdos de uma forma mais crítica né, então, o professor, ele pode lá organizar todos aqueles conteúdos né, da forma que eles sugerem né, distribuídos por bimestres, pelos anos escolares e trabalhar, através, de repente, de uma iniciação esportiva, de trabalhar somente os fundamentos, as técnicas, enfim, isso é de escolha do professor, e é o que tá no papel, ele pode trabalhar dessa forma, ou, senão, mas assim, vou até corrigir a minha fala porque os PCNs eu acho bacana, o PCN em relação à BNCC é mil vezes melhor, espero que não caia em desuso, que não seja esquecido nos cursos de formação inicial entendeu, porque o PCN, éé, ele aborda se eu não me engano os temas transversais né que seria essa tematização do conteúdo assim a grosso modo, penso eu entendeu, então, de repente, se o professor buscar esse conhecimento no PCN ele consegue ter uma prática um pouquinho mais crítica né, mas é que nem eu falei, aí tem a coordenadora que pede, mas você tá seguindo à risca os conteúdos e tudo mais? Aí você tem que explicar, já aconteceu comigo né, olha, eu não vou trabalhar isso não por causa disso, disso e disso, as crianças, isso aí não tem significado nenhum pras crianças, a gente não tem estrutura,

a gente não tem material, enfim, não tem como trabalhar isso, em cima da realidade deles isso aí não agrega nada, enfim, talvez né eu tive sorte que as minhas coordenadoras costumavam me ouvir entendeu, mas já aconteceu essas situações específicas né, e não tem como seguir, não deve ser seguido né, não tem, eu tenho um sonho, infelizmente eu não tive mais oportunidade porque eu não tô trabalhando em ensino regular né, mas meu sonho é tentar implementar, através de pessoas que já conseguiram né um planejamento participativo, junto com os alunos né, não tive essa experiência ainda né, mas eu tenho muita vontade de tentar fazer essa situação né, através de alguns princípios né, tem que ter alguns combinados, conversar com os alunos que a gente tem que seguir né alguns conteúdos da educação física específica, que é necessário, mas aí dentro disso já tematizar ali né o que vai ser falado no ano inteiro, já começam a refletir, é uma coisa que eles realmente participaram, o professor participou, faz mais sentido pra eles né, eu não tive essa experiência mas eu tenho muita vontade, de pegar assim o que é de referencial né porque o professor também, ele acaba tendo que seguir, se bem que assim, eu nunca olhei o currículo paulista, nunca abri, nunca li rs, não sei se tô errado, se tô certo, entendeu. A BNCC a gente acabou tendo uma formação específica, então eu conheci mais as primeiras versões, a última versão também nunca parei muito pra ler entendeu. Eu tenho o meu plano de ensino específico né, todo ano eu modifico ele né diante de situações né que ocorrem, diante de novos conhecimentos que a gente adquire através do estudo, enfim, é uma coisa assim em constante mudança, sempre embasado por uma teoria, por uma sistematização, por uma coisa assim que dá pra você trocar ideia né com o coordenador, explicar pra ele, olha ó, diante disso, disso e disso eu tenho uma forma de trabalho, pra convencer ele né das situações que dá pra fazer e das situações que não valem a pena nem tentar.

Professora Giseli: Perfeito. O título de herói, você acha que dá pra atribuir ao professor, assim, esse título de herói? Você encara o professor como sendo um herói? Você se sente um herói?

Professor Artur: Boa pergunta hein! Não sei sinceramente te responder se a gente é um herói ou não. Já tem, a maioria dos meus colegas, vou citar exemplos né, já a maioria dos meus colegas, eu também em algumas situações já tive que comprar material usando dinheiro próprio entendeu, já tive que levar aluno machucado né de repente na minha aula no meu carro pro hospital entendeu e tudo o mais, já tive que intervir em situações pessoais dos alunos quando estavam assim chorando, quando estavam assim, você via que a coisa tava muito feia mesmo sabe, às vezes aluno se cortando né, alguma coisa assim, falando de suicídio, enfim, teve que sim intervir, já tive que intervir muitas vezes pra proteger ou pra defender aluno diante de situações de injustiça né que a própria gestão tava cometendo desse aluno né que não conhece o contexto, a realidade desse aluno, enfim, e acaba julgando, enfim, não sei se isso, éé, a relação

específico à pandemia né, a gente trabalhar de casa, tive que comprar uma impressora pra imprimir relatório, essas coisas, tive que melhorar o pacote de internet com recurso próprio né, enfim, sem contar a energia e tudo o mais que você gasta, manutenção do computador, enfim, tive que, a gente teve que correr atrás, quando eu falo eu tive é o coletivo né, todos os professores, teve que correr atrás de uma formação mínima, aprender a mexer no WhatsApp Business, aprender a usar Meet, Zoom, enfim, por conta própria né, principalmente no início, enfim, não sei se essas prerrogativas aí que eu falei nos torna heróis né.

Professora Giseli: Se fazer o nosso trabalho né é ser um herói então né, que a gente faz, foi uma professora que eu entrevistei, ela comentou comigo, ela falou assim, se tudo que a gente faz né, o nosso trabalho né, se a gente pode ser tudo isso, se a gente pode encarar né como atribuição de um herói então a gente é, ela comentou isso comigo assim.

Professor Artur: É herói injustiçado né. Tem alguns heróis aí que o cara faz, faz, o homem aranha né, um exemplo né, de vez em quando a sociedade tá contra ele né, ou alguns heróis que acabam destruindo algumas coisas durante as lutas e o pessoal fica contra, eu acho que o professor é tipo assim né, a gente destrói, a gente, com a nossa prática, a gente acaba destruindo práticas que, condicionadas né, práticas sociais condicionadas, a gente tenta mudar a situação vigente e, às vezes, a gente acaba sendo julgado por isso.

Professora Giseli: Sim. Tem algum professor, ao longo da sua vida inteira, você teve algum professor que você, assim, admira muito, que ele foi especial pra você, algum professor que você teve?

Professor Artur: Ah, eu tive vários né, mas eu tive uma professora assim de Biologia no ensino médio que, nossa, ela foi assim não sensacional, mas ela marcou eu não é nem por situações educacionais não sabe, é por situações ali, duas situações específicas, mas assim, enfim, era porque ela buscava ver o contexto né, buscava entender as situações. Teve uma situação uma vez que tinha uma professora de matemática que não gostava de mim de jeito nenhum né, e eu não era muito bom de matemática, aí teve uma reunião de pais que, nossa, ela acabou comigo né pra minha mãe e tal e aí minha mãe falou você vai melhorar e eu falei tá bom, eu vou melhorar, e eu comecei a tirar muita nota boa, eu sentava na frente sabe, só que ela era aquela professora que seguia a cartilha né, só que eu queria, eu aprendi, eu queria ir além, eu fazia exercícios além e mostrava pra ela e ela falava não, eu não tô passando isso, porque que você tá fazendo isso? Tipo assim entendeu, e aí teve uma reunião que a minha mãe foi perguntar pra ela, e aí, melhorou? E eu melhorei, comportamento, nota e tudo, e ela mentiu pra minha mãe, falou que não, que eu continuava ruim e tudo mais entendeu, e a professora de biologia tava do lado e ouviu e comprou a briga cara, entendeu, e me defendeu pra minha mãe sabe.

Professora Giseli: Aham rs!

Professor Artur: São situações assim entendeu, que você acaba, e ela nem sabe que eu sei disso porque quem falou foi minha mãe, você tá entendendo, ela não fez isso pra se gabar, chamar a atenção entendeu. Teve outra situação também que tava reformando o andar de cima, o segundo andar da escola, e tava muita poeira e eu sofria muito com rinite né, rinite alérgica naquela época, e a professora de biologia sabia disso né, via né, muitas vezes eu tinha que sair da sala e tudo o mais, e a nossa sala era no segundo andar, ela foi lá na direção e falou, olha, tem um aluno lá que tá com problema de rinite e vai precisar trocar a sala dele, vai passar uma sala de baixo pra cima e a dele vai pra baixo pra não ficar no meio da poeira entendeu. Eu lembro da situação também que ela brigou por mim né e tudo o mais e não vai nada pedagógico né, são situações extra pedagógicas né, que o professor não tem obrigação nenhuma, mas ele faz e, às vezes, eu me pego pensando né, será que, várias vezes eu tive essa mesma atitude com alguns alunos né, aí, nossa, será que eles vão lembrar também disso da mesma forma que eu lembro da minha professora de biologia né? E, de repente, são situações que acabam mudando né de uma certa forma, quebrando paradigmas, sei lá, enfim né, a gente nunca vai saber.

Professora Giseli: Então, qual foi o legado de todos os seus professores pra sua vida assim? Qual foi o legado deles pra você?

Professor Artur: Ah, a gente, eu passei né por uma educação muito técnica assim né, não era incentivado muito pensar criticamente, enfim, e é uma situação que faz refletir bastante né. Eu fui até indagado na minha defesa né, da minha dissertação por um professor da banca né, ele é lá da Unicamp, professor Mário Nunes, e ele falou assim, Artur, como que foi sua educação no ensino básico, você lembra? Ah, foi super técnica né, foi super tradicional e tal. E você tem esse pensamento crítico né, buscar, defender na sua dissertação, defender uma prática pedagógica a partir da perspectiva crítica, ela foi, a sua educação tradicional interferiu em alguma coisa, ajudou você a pensar dessa forma? Nossa, ele quebrou minhas pernas né, porque, tipo, não, não, a verdade é essa, não! Então, qual que é a resposta, de repente o professor politizado ou o professor que pensa dessa forma, o professor que busca assumir essa função social, normalmente né, a gente, tem muitos professores agora mais novos do que eu né, mas a base nossa foi tradicional, de onde que a gente tirou isso? Por que que a gente seguiu esse rumo né, por que que a gente seguiu esse caminho? Éé, foi o legado dos nossos professores, foi o legado da educação tradicional e tecnicista que a gente teve? Talvez, muito provavelmente não né. Então, eu não sei te falar o legado específico da educação né que eu tive né, enquanto aluno né, da educação básica, não sei te falar se tudo isso partiu né, se tem alguma coisa relacionada específica né ou éé, bem relevante em relação à educação, não sei te falar isso.

Professora Giseli: Esse assunto dá uma boa discussão, uma outra tese né rs.

Professor Artur: Né! Bastante.

Professora Giseli: Bons estudos. Tem algum colega seu de trabalho, professor de educação física que você toma como exemplo, que você admira, algum companheiro de trabalho, professor de educação física?

Professor Artur: Ó, eu tenho vários viu, aqui na prefeitura de Rio Preto né eu tenho vários. Eu tenho um colega mais velho nosso né, já tá pra aposentar já, ele é bem engajado né na luta política sabe, bacana né, até nos últimos dias ele luta por todos os seus direitos né, é bem bacana assim mesmo né, eu me espelho bastante nele, ele tem um conhecimento também absurdo né de legislação né, de prática e tudo mais. E eu tenho também tipo colegas que entraram junto comigo né assim que são professores maravilhosos sabe, buscam né melhorar a prática todos os dias né, que são melhores do que eu inclusive sabe, muito, muito melhores do que eu assim, então, graças à Deus, eu tenho quase que, eu tenho uma admiração por todos entendeu, mas a maioria, assim, eu penso que eles são assim inclusive muito melhores do que eu né, mais preparados, éé, tem uma prática pedagógica melhor, um trato com o conhecimento melhor, enfim, tudo melhor do que eu, a gente tem uma equipe muito boa aqui em Rio Preto.

Professora Giseli: Você acha importante trocar experiências com os colegas? Assim, vocês conseguem fazer isso, trocar experiências?

Professor Artur: Nossa, eu acho primordial! Eu acho que toda formação nossa, assim, no coletivo né, deveria ser assim, não toda né, mas pelo menos um terço do tempo de formação tinha que ser pra trocar experiência, trocar figurinha que nem a gente fala né. E a gente tinha um pouco disso no modelo anterior de formação que eu falei pra você sabe, mas hoje em dia não tem mais entendeu, infelizmente não tem mais. Eu fiz a minha pesquisa de mestrado com duas professoras aqui da rede né, porque eu tava sem aula, eu ia fazer comigo mesmo porque a nossa modalidade é mestrado profissional, então tem que ser a nossa prática entendeu, só que eu não tinha prática, eu não tinha aula, então eu pedi uma autorização específica né pro pessoal pra que eu pudesse fazer essa pesquisa com outras duas professoras, então, nossa, eu me apaixonei ainda mais, a gente conseguiu, foram encontros formativos né, quatro encontros formativos de duas horas cada encontro né, tudo gravado também por vídeo pra depois transcrever, enfim, foi maravilhosa nossas trocas de experiência, a forma que elas lidam com a educação entendeu, isso tinha que ser obrigatório em qualquer rede de ensino isso aí, ter um momento para os professores de educação física conversar sobre as suas práticas entendeu, trocar experiências né, de repente conteúdos que deu certo né, vivências que funcionaram diante de uma situação espontânea, planejada, enfim, isso aí tinha que ser primordial, penso eu.

Professora Giseli: E como que a mídia e a tecnologia pode contribuir pra esse contexto, que é a questão assim da minha pesquisa, como que a mídia e a tecnologia pode facilitar essa troca de experiência? Quais plataformas, recursos que a gente pode utilizar?

Professor Artur: Então, eu andei dando uma estudada né nesses últimos tempos em relação às tecnologias né, e pra mim tecnologia era isso aí, era Datashow, slide, vídeo né, filme, mas não né, na verdade, as tecnologias assim pelo pouco que eu li né são situações, ferramentas pedagógicas de aprendizagem né pra você tornar o ensino mais inovador, mais motivador e que você consiga aumentar esse alcance né, desse ensino né de várias formas diferentes. E a formação, por exemplo, tá ocorrendo pelo Meet né, éé, a formação específica nossa, mas também a gente tá tendo algumas palestras tipo em formato de live, éé, vai ter quatro encontros com o professor Morin, não sei se você conhece o professor Morin, semana passada ele teve a primeira live né pra rede né, então é pelo Youtube, depois tem uma lista de presença pelo formulário Google né que você assina, então você assiste e tudo mais. Então, essa amplitude né, penso eu né, chega a ser muito mais pessoas porque a live era aberta, outras pessoas que nem eram professores da rede também puderam assistir, tá gravada lá pra você assistir novamente né se tiver alguma eventual dúvida e tudo mais. Então, a forma como a educação chega através dessas tecnologias né, a amplitude delas é maravilhosa né, mas em relação à nossa formação específica na área de linguagens, mesmo sendo de forma generalizada né, eu acho que estar ali presencialmente não substitui né, esse é o meu pensamento.

Professora Giseli: E uma pergunta que eu queria responder na minha pesquisa, você acredita que as mídias e as tecnologias motivam o professor ou é ao contrário, é o professor motivado que vai incorporar, que vai desenvolver as mídias e as tecnologias no seu cotidiano de trabalho?

Professor Artur: Ah, eu penso que é o professor motivado né porque no meu próprio caso mesmo, eu tive uma coordenadora que motivava eu correr atrás dessas novas tecnologias né, de montar aula em slides né, porque ganha tempo né, você acaba né, nossa, em uma aula você já passa aquela parte conceitual que, de repente, você demoraria vários né, não precisa mais escrever na lousa, aluno não copiar nada entendeu, então ganha muito tempo, você acaba dinamizando a sua aula entendeu, melhora muito as situações de aprendizagem, mas eu fui motivado né, de repente não teria partido de mim entendeu, então, assim, ela que me motivou pra que eu pudesse conseguir, e correr atrás né dessas novas tecnologias.

Professora Giseli: E a última pergunta, de tudo que a gente falou na nossa entrevista, falando assim no vocabulário do Paulo Freire né, que tema gerador assim, que assunto que você acha interessante que a gente deveria discutir com os professores, sobre tudo isso que a gente falou

na entrevista, assim, qual tema que você escolheria assim, um tema gerador pra ser discutido, pra ser incorporado numa formação dos professores?

Professor Artur: Ah, penso que ações coletivas né, ações coletivas né em detrimento das ações individuais né, pensar no coletivo, decidir no coletivo né, pensar no próximo, no outro né. Infelizmente, o professorado né, o sistema gerou várias situações que eles acabam, muitas vezes, éé, competindo um contra o outro né, ah, eu vou fazer mais curso pra conseguir mais pontuação, eu vou conseguir aulas nos períodos que eu quero e meu amigo vai ter que completar em várias escolas né. Eu já vi situações, por exemplo, que o cara pediu, olha, eu tenho jornada né, eu tenho cargo no Estado também, no Estado eu só tenho aula à tarde entendeu, deixa as aulas aqui do município pra mim de manhã, e a professora foi lá e pegou de propósito entendeu, então assim, eu penso que os professores precisam ser mais unidos né, muito mais unidos e organizados, então é por isso que a função do sindicato serve pra isso, pra juntar as ações dos professores né, e o professor tem que participar, tem que estar ativo, tem que estar ciente, tem que ter voz ativa né, enfim, são essas situações aí que eu acho que tem que pensar no coletivo né e deixar de tomar só de forma individual né, é isso.

Professora Giseli: Artur, ó, não tenho como agradecer, foi muito bom conversar com você que tem uma visão assim de outro lugar, de outro município né, de outro contexto, clareou bastante assim as coisas pra mim e, assim, muito obrigada, e você queria acrescentar mais alguma coisa, algum comentário que você acha importante?

Professor Artur: Ah, então, eu só fiquei na dúvida, você é professora de educação física também?

Professora Giseli: De educação física.

Professor Artur: Ah, legal! Eu achei que era de outra área, depois que você foi falando, ah, eu acho que ela é de educação física também.

Professora Giseli: Eu tenho dois cargos de educação física aqui em Bauru no Estado, mas eu fiz pedagogia também, aí depois o meu mestrado foi em mídia e tecnologia né e o doutorado também tá no programa de mídia e tecnologia que é aqui da FAAC da Unesp mesmo.

Professor Artur: Ah, bacana essa área assim, eu tô me interessando bastante inclusive né, e eu tô pensando, eu tô anotando todo o meu planejamento desse ano né em relação ao ensino remoto, a forma como eu tô abordando com os alunos, a forma participativa, as interações, tô gerando dados, até tô pensando em escrever um pouco sobre isso, de repente um artigo pra ajudar outros professores a traçar um caminho né um pouco mais sólido, mais consistente né, mas embasado teoricamente, enfim, mas assim, eu penso que o caminho é esse né, nós, professores, ajudar né a parte acadêmica né, que são vocês, eu sei que você é professora também

mas eu já tô falando em relação ao lado acadêmico né, e vocês também contribuir com a gente em relação aos resultados das pesquisas né pra que possa melhorar a nossa prática né, então, assim, penso que você né sabe disso, essa troca, ela tem que ser mais constante né. Depois do mestrado eu aprendi a escolher os artigos que eu leio de uma melhor forma. Os artigos que não tem estudo de campo, prático, que só se referencia, bibliograficamente, esses aí eu nem leio mais entendeu. Então, tem que ter essa troca né, tem muitos professores da academia né que se preocupam com isso né, que tem projetos de extensão nas escolas né, que tem essa troca, mas ainda tem muita coisa pra melhorar né, assim, nem vou jogar toda a responsabilidade na Universidade pública né, até nas Universidades particulares né, eles podiam interagir, podiam ter mais projetos de extensão, podiam ter mais, motivar os alunos em relação à isso também, mas não, fica só na preparação mesmo pro profissional, pro trabalho, aquela preparação que a gente sabe né, irrefletida né, uma coisa de reprodução, e é sem embasamento né, no fim em si mesmo, e é isso aí rs.

Professora Giseli: Não, eu tenho que acabar até o final do ano, assim, dezembro, espero acabar rs.

Professor Artur: Vai acabar sim.

Professora Giseli: Ai eu dou um retorno sim. E, assim, eu tenho até março pra defender né.

Professor Artur: Ah, beleza!

Professora Giseli: Eu tô tentando planejar pra terminar até dezembro né, vamos ver se eu consigo rs.

Professor Artur: Não, é bom porque aí já vira o ano mais tranquila. E a gente que tá esperando o nosso diploma até hoje por causa da pandemia.

Professora Giseli: Nossa!

Professor Artur: Porque na Unesp tá tudo fechado né. Agora, dia vinte e oito agora de abril faz um ano da minha defesa.

Professora Giseli: Nossa, e ainda não pegou o diploma?

Professor Artur: Não, nada. E aqui em Rio Preto é bacana a nossa, como é que fala, éé, a nossa valorização né, com o mestrado, aumenta uma porcentagem bacana, mas é só se apresentar o diploma, caso contrário não tem como, então tem que correr.

Professora Giseli: E você tá esperando.

Professor Artur: Tô, ainda mais agora né, assim, cortou alguns benefícios nossos né, a minha esposa também tá sem trabalhar, bom, enfim né, todo mundo tá quebrado né, e graças à Deus a gente tem muito à agradecer né, graças à Deus, porque tem muita gente em situação muito pior que a nossa.

Professora Giseli: Sim. Artur, muito obrigada! Tomei bastante o seu tempo rs.

Professor Artur: Ah, tranquilo, eu falo muito.

Professora Giseli: Imagina, nossa, foi muito bom, eu falei pra você, você contribuiu muito e aí deu pra expandir mais a minha visão.

Professor Artur: Beleza!

Entrevista 08 - Profª Andreia - Dia 28/04/21 - 19:00 h

Professora Giseli: O título provisório da minha pesquisa é “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública”, e os termos, a participação é voluntária, então você pode interromper a sua participação a qualquer momento, se não quiser responder alguma pergunta não tem problema, os dados poderão ser usados pra estudos e publicações científicas, mas com sigilo da identidade, a gente vai escolher um nome fictício né pra você, ciente de não estar recebendo nenhum valor, não ter nenhum gasto, não correr nenhum risco, e que a pesquisa poderá resultar em benefícios para formação docente. Aceita os termos?

Professora Andreia: Sim.

Professora Giseli: Ok. É a oitava entrevista rs.

Professora Andreia: Quantas você vai fazer?

Professora Giseli: Ah, eu tava querendo chegar no dez, vamos ver.

Professora Andreia: Você tá próxima! Eu achei que você tivesse pensado assim, sei lá, quinze, vinte.

Professora Giseli: Eu tenho que ver com meu orientador né o quanto que é o ideal assim, eu tava pensando dez, vamos ver rs.

Professora Andreia: Eu acho que dez é o ideal se for ver pela questão de depois você analisar né, é isso que mata, porque é difícil, demanda tempo.

Professora Giseli: É, então, é mais assim longa né.

Professora Andreia: É.

Professora Giseli: E vamos escolher, qual o nome fictício que você quer?

Professora Andreia: Ai, pode pôr, deixa eu pensar, Andreia.

Professora Giseli: Andreia. Sexo?

Professora Andreia: Feminino.

Professora Giseli: Idade?

Professora Andreia: Quarenta, quarenta e um, olha eu mudando a idade kkk.

Professora Giseli: E a sua formação acadêmica?

Professora Andreia: Eu me formei em 2002 em licenciatura plena pela Unesp de Bauru tá, aí em 2010 eu fiz uma especialização em Educação física escolar pela UFSCAR e 2018 eu iniciei o mestrado profissional, o PROEF em rede e finalizei no ano passado, 2020.

Professora Giseli: Nossa, tá aliviada recentemente rs.

Professora Andreia: Nossa, nem me fale, que alívio! Dava até uma, você fala, meu Deus, que bom rs!

Professora Giseli: Consegui entregar, terminei rs!

Professora Andreia: Consegui entregar, terminei! É bem isso mesmo rs!

Professora Giseli: Nossa! E a carga horária sua de trabalho, como que tá?

Professora Andreia: Ó, eu tô, desde 2018, eu tô no ensino integral. Iniciou o ensino médio né lá na escola que eu tô e desde o ano passado também veio a PEI né porque antes era aquele que o Estado fazia, o federal, que só ficava ensino médio, e no ano passado nós aderimos à PEI com o fundamental também, de sexto ao nono ano. A carga horária são quarenta horas semanais.

Professora Giseli: E você é efetiva né, você falou.

Professora Andreia: Sim, sou efetiva.

Professora Giseli: E acumula cargo?

Professora Andreia: Não. Acumulei até 2020, até o ano passado. No ano passado eu tive que me desligar de um cargo pra permanecer no integral.

Professora Giseli: Tava muito puxado ficar com os dois, assim?

Professora Andreia: Na verdade eu não podia né, desde quando eu entrei na integral, por ter as quarenta aulas e as outras dez aulas era com o fundamental I, batia o horário então daí eu me afastei, peguei aquele afastamento 202 sem vencimento e no ano passado eu tinha que decidir, ou eu retornava ou ficava no tempo integral, e aí eu decidi ficar no tempo integral e exonerei o segundo cargo. Mas, se eu tivesse com os dois cargos eu acho que eu estaria doida, eu acho que eu teria exonerado no ano retrasado, 2019, no meio do mestrado rs.

Professora Giseli: Ah, é muito puxado né, nossa!

Professora Andreia: Nossa, é!

Professora Giseli: Quando que você se efetivou? Há quanto tempo que você atua?

Professora Andreia: Eu iniciei no Estado em 2007, nós estamos em 2021, vai fazer quinze anos, quatorze anos né.

Professora Giseli: Você é sindicalizada?

Professora Andreia: Não. Já participei de greve tá, em 2010, eu participei da greve que teve que foi logo próximo daquela prova do mérito que teve a prova do mérito e fiquei uns quinze dias parada e daí mas não me sindicalizei.

Professora Giseli: E por qual motivo que você escolheu ser professora? Por quê que você escolheu ser professora?

Professora Andreia: Ó, logo que eu iniciei a faculdade de educação física, se eu falar pra você que eu fui pensando diretamente né na escola não, em primeiro momento eu conheci professores dentro de academia que eu fazia aqui na época né, lá na década de noventa, era ginástica aeróbica, localizada, e eu conheci professores que estavam fazendo educação física na Unesp, e a partir dessas professoras eu fui me interessando em fazer educação física também na Unesp e sabia que era licenciatura plena, que eu poderia estar atuando tanto em escola quanto em clube, academia e tudo mais, e logo que eu iniciei, quando eu tive a matéria de História da Educação com o Professor Danilo, aí eu fui mudando a minha visão pra dentro da educação física ir pra educação física escolar, a partir dessa disciplina aí dentro da educação física que se eu não me engano é o segundo ano aí eu mudei a visão e me apaixonei assim pela área da educação física escolar e uma das coisas que eu pensava que antes de né falar assim eu vou pra escola, eu falava comigo, se fosse pra eu ir pra escolar eu gostaria de fazer diferente do que a educação física que eu tive, principalmente no ensino médio. Então, aí a partir disso foi abrindo horizontes, conhecendo a questão da LDB, as diretrizes e bases da educação, a didática da educação, a parte, eu não vou lembrar qual era a matéria que foi uma professora muito boa também que deu, que abriu horizontes pra essa parte da educação, do que a gente podia fazer com os alunos e, a partir disso, aí entrou a Lilian na educação física, a Professora Lilian, e ela passando pra nós a parte de educação física escolar I e a educação física escolar II, aí que eu me apaixonei mesmo, eu falei, não, eu sei o que eu quero, eu quero ir pra escola.

Professora Giseli: E, na sua opinião, quais as condições favoráveis e as desfavoráveis em ser professora de educação física?

Professora Andreia: Ó, favoráveis, se nós formos pensar né, é que os alunos sempre nos amam, não importa o que você rs, mesmo que você, às vezes, vem com outras propostas que não é o que eles esperam logo de início, que depois eles vão acostumando com você, mas o que eu penso é que a gente, como professor, consegue mudar a visão né desses alunos, de muitas, às vezes a realidade, atuando em escola pública, alunos que a gente sabe que tem uma realidade muito triste, que vem, que acha que tem que ser ou igual aos pais, que os pais não tiveram condições e tem que ser igual, então a gente mostrar pra eles que é possível essa mudança né, que através da educação, de estar estudando, que você pode melhorar tudo, então, o que eu vejo,

assim, que eu pensei na educação foi nisso daí, o poder de transformar né aquele aluno, dando um exemplo aí, é que aconteceu agora, a semana passada, ainda eu falei, são essas pequenas coisas que, às vezes, a gente vê só a longo prazo o resultado né, que valem a pena. Tem uma aluninha minha, aluninha rs, já tá no ensino médio, ensino médio nada, entrou esse ano na Federal de Viçosa em química e eu dei aula pra ela no quinto ano do ensino fundamental e aí quando ela, olhando lá Facebook, redes sociais, ela pôs um agradecimento enorme e começou lá com os professores lá do ensino fundamental I, e aí eu dei aula pra ela no quinto ano e tava lá, brigada professora Andreia, eu falei, nossa, aí coisas que você nem, passando tantos alunos por nós né, que às vezes você fala, ah, acho que não fiz a diferença e você fala ah, teve aquele, então eu acho que é isso, aquela sementinha que a gente planta. Acho que é isso que faz a gente continuar, permanecer na educação.

Professora Giseli: E a parte desfavorável, assim?

Professora Andreia: O desfavorável, ó, dentro da educação física, o que eu vejo, muitas das vezes, eu já passei por várias escolas né desde quando me efetivei, iniciei em escola pequena, do interior, lá de Lucianópolis, em que tinha aquele ensino de tempo integral, que de manhã era aula comum curricular e à tarde as oficinas, e desde lá, o que eu vejo negativo é a questão de fornecer né os materiais que a gente tem pra nós dentro da escola, parte de bolas, éé, outros tipos de materiais né, instrumentos, às vezes, pra você apresentar uma capoeira e a questão de visão que outros professores também têm da nossa área, muitas das vezes, o que eu lembro muito bem, quando eu me efetivei, a diretora me conheceu tudo e falou, olha, Andreia, espero que você faça diferente do professor que tava aqui, eu falei assim, como assim né, na hora, você acabando de entrar, aí ela falou assim, ai, porque eu sei que a educação física não é só o futebol, só o basquete, só o vôlei, eu espero que você trabalhe com eles, ainda ela tinha um bom conhecimento da área, ainda eu falei, nossa, eu espero que você trabalhe com eles a cultura corporal, que apresente pra eles outras coisas, então isso foi uma das coisas que me motivou e que muitas vezes, muitas direções né, outros professores de outras disciplinas não veem a nossa disciplina com esse olhar né, só conforme você vai desenvolvendo o seu trabalho que eles começam a te ver de outra maneira, que às vezes vem aquelas brincadeiras né, ah, ser professora de educação física é fácil, você dá a bola, senta e acabou, nananam, e, uma coisa que eu vejo também é a nossa desvalorização em relação a salários né, que poderia ser muito melhor, às vezes, o que desanima um pouco né, que você pára e pensa, e você fala, não sei você quantos anos está né, mas vamos dizer, catorze, quinze anos, às vezes você fala, nossa, eu poderia estar ganhando tanto e ganho tanto. Então, os negativos eu vejo essa parte.

Professora Giseli: Ah, eu entrei em 2006.

Professora Andreia: Ah, então próximo também rs.

Professora Giseli: Próximo rs. E como foi a sua formação inicial, atingiu as suas expectativas?

Professora Andreia: Olha, se eu falar pra você que lá na faculdade eu aprendi a dar aula, não, é o que eu falo, onde a gente vai mesmo, que aprende, que você vê a realidade, é a hora que você começa né, lá no início, mas a minha formação inicial, muitos dos professores que eu tive na parte de estágio curricular, que você tinha que ir né pra prática e, vou dar um exemplo, não sei, acho que você pegou a mesma época que quando eu fiz o estágio do ensino fundamental I, foi aquela época em que os professores especialistas de educação física não estavam atuando no ensino fundamental I, mas a gente tinha que fazer o estágio né, então esse foi o momento em que daí você se depara né, você fala assim opa, peraí, eu vi tudo aquilo lá na faculdade né, tô começando no estágio, mas como que eu punha isso na prática, essa teoria aí que me passaram, como fazer isso? Então daí eu fui atrás né dos professores que estavam ali dentro da Unesp, que eu sabia que tava dentro da área da educação, da escola, e eu vejo que esse estágio, esse primeiro estágio aí me ajudou e muito pra prática do dia-a-dia depois que você vai pra escola mesmo, pra realidade né, é a hora que você começa a ver a realidade e você começa a falar, eu quero ou não quero né, que você se depara com aquilo e fala, ou eu vou pra isso ou não. Então, ajudou bastante, principalmente a questão de ver as pedagogias né desenvolvidas aí por vários teóricos da educação física, então faz bastante diferença.

Professora Giseli: E como foi essa transição de estudante pra virar profissional?

Professora Andreia: Ah, é uma transição que você, no começo é difícil né rs, vou falar, logo que eu me formei, meu ideal era, não, quero escola, quero escola, quero escola! Mas o que que eu encontrava logo de início, era o eventual né, eu dava aula de eventual, e você como eventual é uma outra realidade, diferente do estágio ainda né, que aquele estágio lá que eu ia, eu dava a minha aula né pros pequenininhos mesmo que a professora da sala estava junto, a hora que você vai mesmo pra realidade você fala, nossa, você fala agora eu não sou mais estudante, agora eu tô aqui dando aula e de eventual, e aí, o que que eu vou fazer pra com que esses alunos, pra que eu chame a atenção desses alunos, como eu vou fazer isso? E foi meio que um choque de realidade porque eu iniciei como eventual quando aqui tinha o Rodrigues de Abreu que tinha muitos alunos que eram liberdade assistida, então turmas assim de quinze, a quantidade não era tanta, mas, entretanto né, aqueles quinze que já tinham uma idade além, vamos supor, tavam no nono ano, que tinham dezoito, dezessete anos, já tinham vivido várias realidades e eu tava lá pra apresentar né, eu falei, ai, meu Deus, e agora, o que que eu vou fazer com esses alunos, de educação física, como que eu vou chamar a atenção deles? Aí logo de início né, o que que eu vi? Ah, gostam de futebol, então vamos fazer uns acordos aí, a gente, eu dou futebol pra vocês

ai que eu sei que vocês gostam, mas eu quero uma parte da aula pra eu poder desenvolver o conteúdo que eu tenho que passar pra vocês. Então, de início, foi isso, foi essa realidade aí, foi um choque rs.

Professora Giseli: Aí você foi fazendo acordos com eles e aí foi indo rs.

Professora Andreia: Foi indo, foi indo, mas é assim né, eventual era o quê? Acho que fiquei quinze dias, nem isso, e aí depois vai pra outra, só que aí nesse meio tempo eu fui chamada pra trabalhar com uma outra área da educação física, a parte de personal, então daí eu larguei a escola por uns dois ou três anos e quando eu prestei o concurso eu retornei em 2007, mas já sabendo como ia funcionar né, pensando lá, eu falei, bom, mesmo que tenha sido como eventual eu sei que o que eu vou enfrentar agora também não vai ser rs muito fácil, e eu ia pegar de sexto, comecei com sexto à terceira do ensino médio, numa escola que eles ficavam das sete às quatro né, daí a gente tinha lá as oficinas e no início pra eles foi aquela negação né, não, nós não vamos fazer isso que você quer professora! Eu falei, gente, mas vamos combinar, são acordos, eu dou uma parte da aula, outra parte, os três primeiros meses era uma coisa de maluco né, bateção de boca, de eles brigarem comigo e eu tentar explicar, conversar, ah, nós não vamos fazer, então nós vamos sentar, até eles entenderem o sistema tudo, a forma como eu queria trabalhar com eles, foi uma adaptação aí de uns três meses.

Professora Giseli: E o que que você acha que mais contribuiu pra sua formação de professora, a sua experiência toda ao longo de toda a sua vida, a sua formação inicial, que é a graduação né, com as disciplinas e os estágios, a sua formação continuada, as pós, os cursos extras, ou a sua atuação profissional que foi o saber que você foi construindo ao longo do seu trabalho no seu cotidiano?

Professora Andreia: Ah, o que eu penso Giseli é que é um pouco do todo né, como a gente brinca, é tudo junto e misturado né, então, se a gente vai desde lá do início, do que eu vivi lá na educação física escolar minha, isso ajudou pra minha parte profissional, assim como a minha graduação, então eu creio que foi toda a minha experiência de vida né, toda experiência de vida profissional, junto com a parte pessoal de quando eu era aluna né, aquela coisa, assim, espera aí, quando eu era aluna, o que eu pensava, será que se eu fizer o que faziam comigo eu vou gostar ou não? Então, tudo isso daí também somou pra pensar em fazer diferente né, peraí, eu vou ter que lidar com o aluno não sendo autoritária, mas tentando mostrar a minha autoridade pra eles né, vendo que também a partir do momento que eles cedem, eu também posso ceder, então eu vejo que é tudo, é o todo, não foi só uma, se eu falar, ah, foi só a parte aí das minhas pós e tudo mais não, foi o, ah, e a experiência né, que com o tempo a gente ganha, e essa questão aí de tentar sempre melhorar né, de você ver aí, ah, peraí, isso que eu tô fazendo não tá dando

certo, como eu posso melhorar, o que que eu posso fazer pra trazer o meu aluno pra mais próximo?

Professora Giseli: E como que tá sendo atuar, assim, no ensino básico público? Porque o pessoal, às vezes, compara o particular com o público, outros contextos, mas como que tá sendo atuar no básico público?

Professora Andreia: É, eu só tenho a experiência com o básico público tá, nunca, eu atuei assim, acho que o quê? Peguei uma licença de um professor, de vamos dizer um mês numa escola particular, isso lá no início né, de quando eu me formei, e o que eu vejo é que conforme a gente vai mostrando pra eles e dando valor pra nossa disciplina pra como, o que a gente quer apresentar pra eles, eles começam a ter um olhar diferente pra educação física, e eles começam também a se sentirem importantes dentro daquele conteúdo que você tá dando, o que eu como professora de educação física estou trabalhando, então eu vejo que a educação pública, ela pode nos fornecer muitas, muitas possibilidades de mudanças pros nossos alunos, pra nós mesmos né, a gente crescer aí na parte de se transformar, em como dar aula, em como você lida com os seus alunos e é um leque de possibilidades, vou falar assim, eu, no tempo integral, o que eu vejo, são os mesmos alunos que eu dava aula no regular, não muda, o aluno é o mesmo, a escola é a mesma, mas, o que eu percebo? Que o aluno, ele começa a dar mais importância pra aquela escola, ele começa a se sentir parte da escola, então ele começa a se preocupar com algumas coisas que lá no regular esse mesmo aluno, às vezes, ele não se preocupava, então ele começa a ter mais cuidado com carteira, com o computador que ele sabe que ele vai ter que usar todo dia, e se quebrar não vai ter, quando a escola tem né porque eu já trabalhei em escola que não tinha né rs, então até tudo isso daí, você tentar mostrar pro aluno que ele tem que também é, vai dele, ele tem o direito, ele tem que exigir isso dos governantes tudo, ó, aqui não tem computador, eu preciso disso, você tem que mandar pra mim, a minha escola é isso, é aquilo, então, tentar trabalhar dessa maneira, que eu vejo, e o público eu acho que é o que dá mais leque pra nós né, essa abertura aí grande, mesmo tendo que seguir um currículo e tudo mais, mas eu ainda vejo uma abertura maior.

Professora Giseli: E, ao longo da nossa atuação, a gente passa por vários sentimentos né, às vezes a gente sente alegria, em determinado momento frustração, medo, várias coisas, você pode citar um exemplo de algum sentimento e uma situação assim, da sua atuação?

Professora Andreia: Posso, ó, eu vou falar de uma que eu me, aquela questão assim de não saber éé, peraí, eu fiquei seis anos numa mesma escola né logo quando depois que eu vim pra Bauru em 2010 eu consegui me remover pra Bauru, e logo quando eu entrei nessa escola, essa questão aí do medo, qual foi? Eu sempre, 2007, 2008, 2009, era do ensino do sexto ao nono e ensino

médio, aí eu me deparei numa escola em que todo mundo falava, ah, é uma escola excelente e isso, e aquilo, só que eu peguei aula no ensino fundamental I, criança de seis anos, aí bateu aquela insegurança, aquele medo de falar assim, meu Deus, e agora? Eu tava três anos já tendo montado né todos aqueles planos, você já sabendo lidar com aquele aluno, a questão de trabalhar com acordo, ó, uma aula a gente faz isso, tá, numa determinada parte da aula eu deixo livre pra você ou se a gente conseguir manter, desenvolver todo o conteúdo previsto pra um mês lá no final do mês eu deixo uma aula livre pra vocês, e agora os pequeninhos, seis aninhos, o que que eu vou fazer com esses alunos? Aquela insegurança de falar, meu Deus, uma diferença grande né porque sexto ano ainda eles já entendem mais, eu falei, aí, meu Deus, perdida, fiquei perdida! Aí foi o momento em que eu falei, vou ter que voltar a estudar, foi quando eu procurei uma especialização, que eu falei, mesmo a outra professora que já trabalhava lá me falando, ó, tem que ser assim, assado, a escola é isso, é aquilo, mas ainda eu me senti insegura. Voltei ao contato com professores da Unesp, a que foi a minha orientadora perguntando, ah, e agora, o que que eu faço né? Tô perdida, porque até agora eu tava com fundamental II e médio e agora eu vou lá com os pequeninhos, não sei nem o quê que né, como eu vou tratar eles? O quê que eu vou fazer tudo? Aí eu vi que precisava da questão da atualização, então eu acho que onde foi assim aquele divisor de águas né que você fala, meu Deus, agora bateu aquela insegurança, foi nesse momento meu, lá quando eu iniciei com o fund, e medo, medo, o Giseli, pode contar o que aconteceu de algum acidente, briga, essas coisas?

Professora Giseli: Pode, pode.

Professora Andreia: Pode também, tá! Então, assim, uma que eu passei em 2019 foi que a gente tinha na escola o slackline e os alunos estavam andando no slackline e muitos já tinham feito aula e a gente tinha, tem as eletivas e tinha uma eletiva de circo, então a gente deixava lá disposto na quadra em intervalo porque a gente sabia que tinha os alunos mais velhos que ajudariam os outros que não sabiam andar, e um desses mais velhos, éé, no que ele tava andando, ele foi saltar baixinho e voltar, o slackline arrebentou e foi direto no pé dele e cortou o pé dele e nisso né, lá vai, nossa, esse momento aí foi um também que já tinha alguns alunos que já tinham tido convulsão em aula né, às vezes cair e quebrar um dente, mas assim, um dos mais graves meu que eu fiquei, que eu falei, meu Deus, e agora né? Porque a gente tá, é professor de educação física, já fiz cursos de primeiros socorros, mas você nunca precisou né, pelo menos eu assim nunca tinha precisado naquele momento ser rápida e você falar, é sangue frio e, então esse momento também foi um momento meu que eu falei de medo rs. E, situações em uma das escolas em que eu fiquei em dois mil, que eu tinha acho que vinte aulas em 2016, em 2017 eu resolvi me remover pra lá, e eram alunos que tinham, viviam em condições né uma

classe mais baixa tudo e tinha muitas brigas, então, às vezes, no meio do intervalo da tarde, principalmente o fundamental II, começavam uma briga e a hora que a gente via juntava pai, mãe, já tava todo mundo dentro da escola, e nós, como professores, a gente tinha que subir lá pra cima e cuidar dos nossos alunos em aula e o negócio rolando solto lá embaixo e você fala, meu Deus, e agora, eu saiu ou não saiu da escola rs?

Professora Giseli: Rs, eu já passei por momentos assim também rs!

Professora Andreia: Nossa, de coisas que eu falava, meu Deus, juntava a família toda pra bater no outro e o pessoal falava, gente, agora vocês sobem pra dar aula! Como assim, a gente vai dar aula com tudo isso aqui? Sobe, sobe, e segura todo mundo lá em cima!

Professora Giseli: E você acha, assim, que o professor, ele consegue se auto motivar?

Professora Andreia: Eu penso que sim, a partir, às vezes é uma coisa meio sonhadora né, sei lá, mas assim, essas situações que a gente acaba passando, são situações que ou te levam pra frente né pra você se auto motivar e tentar correr atrás que nem pra melhorar uma realidade como essa, pra tentar diminuir brigas, ah, o que que a gente pode fazer pra trazer pra dentro da escola pra tentar melhorar? Ou, você se né, larga tudo e deixa como tá e eu vou só pensar em mim e acabou! Então, eu vejo que nesses momentos assim, da né, são escolas pontuais, mas que você tem que fazer algumas ações pontuais pra tentar melhorar essa escola a longo prazo, então, eu vejo que é uma maneira da gente se auto motivar. Muitas das vezes né, logo no momento que acontecem, que você fala, meu Deus, olha onde eu tô né, que escola é essa, o que que é isso tudo? Mas o que que eu vejo, se tem um, os professores em si são professores que têm a mesma, querem, tem o mesmo objetivo né, a mesma filosofia de falar assim, a gente vai fazer melhorar, esses alunos têm que melhorar! A escola melhora, anda né, projetos que você propõe na escola, se todo mundo abraça você vê que o negócio anda, mas depende de todos, que aí você se automotiva, porque se você fala, vou fazer, e é só você e você vê que o resto não tá nem aí, aí parece que você vai ficando desmotivado da situação né.

Professora Giseli: E o que que você espera pro futuro, assim, pro seu futuro, pro futuro da educação? O quê que você espera?

Professora Andreia: Olha, se a gente for pensar em tudo que a gente viveu agora em 2020 e que estamos agora em 2021, principalmente a educação, e nós da educação física né, que esse início de 2021 com o retorno de trinta e cinco por cento, que fosse dez, quinze alunos, e aí, e agora né, como trabalhar, dependendo do conteúdo, o que que vai fazer com esse aluno? Porque não pode ter o contato, que isso, que aquilo, então eu vejo que daí vai mais ainda essa automotivação pra tentar ver melhoras, e porque se a gente pensar no momento como tá, melhoras nesse momento a gente não consegue ver, eu digo de toda a situação né, e pensando aí na educação,

é tentar trabalhar com projetos entendeu, envolver a maior quantidade de pessoas dentro da comunidade pra trazer né a comunidade pra dentro e ver que a educação é o que vai melhorar a vida aí da maioria dos nossos alunos, que não tem outra questão, tudo bem, precisa trabalhar, tem o trabalho, precisa ajudar na família e tudo, mas ele tem que também ver que não é só o trabalho, dependendo da onde ele vai trabalhar, que será que ele quer isso pra vida toda, esse trabalho, entendeu? Então tentar motivar os alunos também com isso. Então, o que eu vejo como futuro pra educação, o que eu penso, o voltar ao que era o antes eu não vejo que nesse momento, vamos se dizer, acho que mais dois anos aí a gente vai ficar nessa coisa né, vai e volta, vai e volta, vai e volta, e é tentar motivar o aluno pra que estude, pra que não largue, pra que faça, que veja a importância né, que muitos das muitas vezes fala, ah, professora, esse modelo aí desse remoto eu não aprendi nada, foi uma coisa que passou! Não, a gente tem que tentar mostrar pra ele que algo ele vai, tudo bem, não vai ser igual o presencial, mas algo ele aprende, só que também depende dele né, tentar essa motivação aí.

Professora Giseli: E a gente tem várias formações né continuadas que o Estado oferece e tal, e qual que é a sua opinião sobre essa formação que o Estado oferece pra gente?

Professora Andreia: Ai Giseli, eu vou ser sincera, se a gente pegar, que nem, o mestrado, vou falar assim por mim né, o mestrado que eu fiz, a especialização que eu fiz, esses cursos que o Estado oferece, às vezes, de trinta horas, eu vejo que é muito pouco, é mínimo né, esse último que eu fiz que era da educação, ah, qual que foi, eu terminei agora ele em janeiro, da educação, educação remota, ensino híbrido, esse último que ele.

Professora Giseli: É ensino híbrido né.

Professora Andreia: Ensino híbrido né, e, assim, é muito raso né, é uma formação rasa, é uma coisa assim, pássa, mas e aí, tá, mas peraí, o que que isso vai adiantar pra mim, o que que isso vai me acrescentar? Porque muita gente fala, ah, vou fazer os cursos porque vale pra, como é que fala? Pra evolução né, evolução funcional tudo, mas e aí, mas isso vai melhorar, vai me trazer essa auto motivação pra eu continuar me atualizando e tudo mais? E muitos dos cursos deles eu não vejo como essa automotivação, na minha opinião tá.

Professora Giseli: É bem assim quadrado né.

Professora Andreia: Bem quadrado, entendeu, é aquilo assim, é isso que você tem que ver e acabou e não adianta você querer ir além.

Professora Giseli: É, é mais aquilo lá que tá lá mesmo e é isso.

Professora Andreia: E aí depois eles pedem né, e depois querem projetos assim de coisas espetaculares em cima de um curso que, às vezes, você fala, meu, mas e aí?

Professora Giseli: Sim. E, na sua opinião, qual que é a relevância social do trabalho do professor?

Professora Andreia: Ah, eu vejo que ele é aquele que consegue atingir ainda hoje, apesar de tudo, uma maior parcela da população né, esse professor aí, vamos dizer, nós na educação pública básica, eu consigo ir desde aquele aluno que pode viver lá na miséria, não ter condição nenhuma e, às vezes, achar que a realidade dele é aquela e ele não consegue mudar e, até atingir aquele aluno que já tem uma outra realidade, que o pai e a mãe trabalha, consegue ter uma vida um pouco melhor, consegue ver expectativas né de vida melhor ainda no futuro, mais do que o pai e a mãe já deram pra ele, então, a gente consegue atingir todos esses públicos, o que, muitas vezes, muitas das profissões aí não conseguem fazer, chegar né tão próximo assim das pessoas.

Professora Giseli: E, ao longo da sua carreira, qual foi o momento mais marcante, assim, da sua trajetória, um acontecimento, assim, que mais te marcou até o momento?

Professora Andreia: Ó, na parte aí, eu vejo que foi, essa, uma das coisas que mais me lembro muito bem foram projetos que eu desenvolvi quando eu tava nos dois cargos né, que era um cargo que, esse mais velho que eu tô e o outro que eu tinha doze aulas, a gente começou a fazer um projeto junto com a Unesp, o brincando e dialogando, em que trabalhava a cultura africana e indígena e, a partir daí, em um dos anos, acho que se eu não me engano foi 2017, a gente conseguiu fazer na escola uma semana cultural africana e trazer assim um estudante de história pra palestrar, pra falar sobre a questão da escravidão no Brasil, nós trouxemos pra falar com os alunos de primeiro à quinto ano né, então isso aí foi mais legal, que são alunos que você consegue ter, eles ficam, você consegue chegar mais neles né, são aqueles alunos que conseguem, tem percepções diferentes de tudo, do todo, aí nós chamamos uma palestrante angolana pra falar sobre a Angola e eu tava numa, nessa escola que tinha brigas constantemente e tudo, a gente tava desenvolvendo um outro projeto e eu consegui levar os alunos dessa escola que tavam fazendo um teatro sobre bullying pra apresentar nessa escola e levar eles pra essa semana cultural, e o que eu percebi foi assim, eu consegui levar eles pras duas escolas em que eu atuava né e a gente tava trabalhando toda essa temática e os alunos que foram, nossa, eles ficaram assim realizados, uma coisa mínima né, que é levar de uma escola pra outra, mas eles se sentiram assim importantíssimos porque depois da apresentação do teatro, os alunos de primeiro à quinto ano quiseram tirar fotos com eles, quiseram perguntar se eles já tinham sofrido mesmo bullying, como que foi, então foi uma experiência, assim, pra mim, o que eu vejo foi essa, como que eu posso dizer aí, essa ligação né de escolas, de realidades diferentes se encontrando.

Professora Giseli: Conhecer né realidades diferentes e se encontrar com outros né.

Professora Andreia: Isso! Acho que o mais marcante pra mim foi esse momento porque eram alunos ali da terceira série, de uma realidade que só tinham brigas tudo e foram pra uma escola de primeiro ao quinto ano apresentar algo que eles nem imaginaram né que iriam pra duas escolas diferentes apresentar, então percebia neles que eles se sentiam pessoas importantes, entendeu, que saiam ali daquela realidade deles e foram pra outros, e o trabalho deles né que foi algo que foi criado entre eles com a professora de geografia, foi uma pessoa pra explicar pra eles o que que era um roteiro, como fazer esse roteiro pra depois eles comecem a ensaiar esse teatro e a gente, como professor, deu importância né, deu motivação pra eles realizarem tudo isso. Acho que foi o mais marcante assim que eu me lembro que foi muito diferente, que eu consegui né trabalhar com realidades e alunos de, sei lá, vamos dizer, lá do Bauru I, do Fortunato Rocha Lima e do Geisel entendeu, então foi bem diferente, foi uma coisa assim que marcou e que eu falo que, eu vejo que faz diferença na vida dos alunos.

Professora Giseli: E a próxima a gente já até já comentou, se você já pensou em exonerar o seu cargo e por quê, você já?

Professora Andreia: Então, esse meu segundo cargo sim por causa do tempo integral né, porque eu não poderia tá com os dois cargos atuando já depois de ter pedido a licença 202 sem vencimento, e se acho que em 2019 eu tivesse com os dois cargos e fazendo o mestrado e, eu tinha o que, acho que vinte e oito aulas numa escola e dez na outra, trinta e oito e mais os ATPCs né que eram a noite tudo, eu creio que eu teria exonerado o cargo assim de com menos aula também, nessa realidade rs.

Professora Giseli: E, mas aí você se mantém num cargo só agora.

Professora Andreia: Me mantenho num cargo só.

Professora Giseli: E qual vínculo que você criou pra se manter assim no cargo de professora? Que vínculo que você criou pra falar vou continuar nessa carreira?

Professora Andreia: Ah, o que eu vejo Giseli foi assim ó, uma das coisas que eu falo que me puxou, vamos dizer, essa automotivação né, essa escola aí que eu fiquei 2016, 2017, nós, professores, a realidade deles era muito triste, dos alunos em si, então era tráfico de drogas, a violência em casa, a questão, às vezes, de pai e mãe não trabalhar ou viver com a avó porque pai e mãe tá preso e foram os projetos que nós, professores, conseguimos desenvolver lá e tentar transformar a realidade deles, escola em si e mesmo o bairro e, a partir disso, eu já pensava né, eu queria ter essa experiência do tempo integral, ver como é que era, que todo mundo falava que era isso e aquilo, eu falei, gente, eu queria ver! Porque se numa escola que é regular esses projetos dão certo, imagina no integral né, quando tá todo mundo pensando numa mesma coisa né, querendo ir pro mesmo barco que a coisa dê certo! E aí eu fiz a entrevista né, passei tudo, e

a supervisora que era da escola viu o meu trabalho também tudo, então, o que me motiva, o que eu vejo é esse permanecer fazendo coisas, éé, tentando fazer coisas pra transformar a realidade dos alunos, pra eles poderem ver que pode ser diferente, é isso que me motiva se eu falar pra você rs.

Professora Giseli: Você é movida ao desafio.

Professora Andreia: Isso, mais ou menos isso rs.

Professora Giseli: Eu percebi, você gosta de desafio rs.

Professora Andreia: Quando você vê que tá muito assim, ah, eu já me acostumei com a escola, já tá tudo certinho, tudo bonitinho né, os alunos também acostumaram, peraí, vamos pra outra pra ver o que que, o que eu consigo fazer.

Professora Giseli: Legal! Então, se eu perguntar agora se você se sente satisfeita ou realizada com a sua profissão, sim ou não?

Professora Andreia: Sim, sim.

Professora Giseli: E você acha que você se esforçou, se empenhou adequadamente pra fazer jus ao título de professor?

Professora Andreia: Sim.

Professora Giseli: E você acha que é possível o professor conseguir separar a vida pessoal da profissional?

Professora Andreia: Ah, eu creio que é possível, pode até ser, mas muitas das coisas que acontecem na nossa parte pessoal influencia na nossa parte profissional sim, não tem como, você falar, ah, não é, eu consigo separar totalmente, não, não tem como.

Professora Giseli: E, assim, resumindo, assim, então, quais os pontos negativos que você aponta né, ao longo da sua carreira, que causa desmotivação, desencantamento, um sentimento ruim assim?

Professora Andreia: Ó, eu devo falar, você quer saber do professor em si ou do professor de educação física ou do todo?

Professora Giseli: Ah, explica aí rs.

Professora Andreia: Ó, éé, eu poderia dizer que uma das coisas, o que a gente vê é o salário tá, mesmo o salário inicial nosso como professores, essa questão né da desvalorização que, às vezes, os pais dos alunos colocam na educação como um todo, que eles não enxergam, às vezes, que o seu filho pode melhorar né, pode ser melhor do que ele é a partir da educação, éé, a desvalorização que a sociedade coloca em cima de nós né, como vamos dizer agora dentro da crise dessa Covid-19 tudo, colocando que nós professores não, era a única classe que não queria trabalhar não sabendo né tudo que a gente fez aí de busca ativa atrás de aluno, tentando fazer

com que esses alunos não desistissem de estudar, não perdessem o ano e, às vezes, você escuta, professor ficou um ano sem trabalhar e agora tá sem trabalhar e não quer voltar porque, como que a saúde, que isso, então esses comentários, isso daí é um ponto negativo bastante, e sempre quando começam a falar isso eu falo que então você não conhece nenhum professor porque se você conhecesse um professor você ia saber que ele não ficou parado não! Éé, essa questão, dependendo da escola né, a escola largada, que às vezes o professor chega, isso desanima muito, é um ponto negativo, a questão de não ter os recursos necessários, os recursos materiais, éé, escola que, às vezes, é roubada fiação, vidro quebrado, tudo, então esses são, a direção, quando a direção quer ela pode te por lá pra cima ou quando ela quer ela pode te por lá pra baixo, também é outro ponto negativo, a gestão em si né, a equipe gestora, eu vejo que tudo isso é o negativo.

Professora Giseli: E, resumindo, a parte positiva, assim, que até o momento você percebeu né ao longo da sua carreira, que proporciona motivação pro professor continuar seguindo?

Professora Andreia: Que é aquela sementinha que, às vezes, você planta lá naquele aluno que você nunca imagina que ele às vezes vai lembrar de você, ou que algo que você falou, algum conteúdo que você propôs pra aquele aluno mudou a forma de ele ou ver a educação física ou ver a realidade que ele vive e, às vezes, você encontra com esse aluno depois de muito tempo e você vê que aquela sementinha que você plantou teve frutos né, foi pra frente, que o aluno acredito nele, conseguiu vencer, então eu acho que eu vejo é isso daí como positivo.

Professora Giseli: E, em uma palavra, assim, o que te faz superar os problemas e as dificuldades e continuar?

Professora Andreia: Ah, eu vejo, uma palavra só?

Professora Giseli: É, o que te faz assim superar tudo e continuar?

Professora Andreia: Seria os alunos né, penso eu, apesar de tudo rs, são eles, porque senão, não tem.

Professora Giseli: Vai ao encontro de todas as entrevistas que eu tô fazendo, sempre os pontos positivos o pessoal tá falando a parte dos alunos, tá indo sempre no mesmo.

Professora Andreia: É, porque se não forem eles né, se a gente não pensar nisso, acho que o positivo mesmo são eles, são eles que vão assim aos pouquinhos, mesmo que seja né esse, ah você plantou, você não vai colher ali, mas lá no futuro você vê que fez diferença, às vezes, você encontra esse aluno depois de muito tempo e foi pra uma faculdade ou tá trabalhando ou abriu o seu negócio, ah, tá bem né, se deu bem.

Professora Giseli: E, assim, às vezes, tem situações que a gente se depara no nosso cotidiano que a gente fala assim, ah, não vou conseguir resolver, sou incapaz de resolver isso daí, que

estratégia que você usa, assim, pra tentar resolver ou pra tentar fugir dessa situação, assim, que estratégia?

Professora Andreia: Olha, eu tento, quando é aquela situação que você já não, você fala, meu Deus, e agora, éé, tentar perguntar pra outros professores da área que eu conheço ou que tá na educação, ó, tá acontecendo isso, isso e isso, o que que você fez, você já passou por isso, como resolver? Ou com o próprio grupo de professores dentro da escola né, conversar e pensar numa estratégia em conjunto pra ver se melhora aquela situação, com a equipe gestora também pra tentar melhorar. A estratégia que eu vejo, assim, a principal é essa, que o fugir é fácil né rs.

Professora Giseli: Né rs! Mas essa troca, assim, de experiência é muito, ajuda muito né.

Professora Andreia: Ajuda bastante!

Professora Giseli: E, assim, você atribui o seu aprendizado da profissão de professor à?

Professora Andreia: Ah, eu vejo, à prática profissional desde o início lá, desde quando eu iniciei pensando na educação física pra academia e depois vendo que não, idealizando uma educação física escolar e eu vejo que é isso.

Professora Giseli: E você acha que precisa ter uma recompensa, um privilégio pro professor? É necessário ter uma recompensa, um privilégio?

Professora Andreia: Ah, o que eu penso Giseli é assim ó, uma recompensa, um privilégio, acho que uma recompensa maior é quando você vê, você pensa num determinado projeto e você vê aquele projeto dando certo e você vê a finalização dele né, como foi o decorrer, o processo, o que que os alunos aprenderam nesse processo, essa é uma das, é, assim, a principal recompensa que eu vejo né. Mas, se a gente for pensar em dinheiro né, a parte de valorização profissional pensando no que move aí né, a questão de dinheiro tudo, eu não concordo com essa questão de prova de mérito e tudo mais, eu, Andreia, eu penso que todos deveriam ganhar igual né, porque o trabalho é o mesmo, tudo bem que às vezes são realidades que são muito piores, mas todo mundo deveria ganhar igual e nós, professores, deveríamos ser valorizados com isso né, mas não pensando aí, ah, porque você trabalha bem então você tem o bônus, que nem o bônus que é colocado, eu vejo como uma forma de o Estado em si tentar afastar cada vez mais a nossa classe né, numa mesma escola, às vezes, ah, eu trabalho lá, eu ganhei os vinte e cinco por cento lá naquela prova do mérito primeira e você não, então, daí, já tem aquela né, meio que, assim, pode não ser o pessoal mas a pessoa sempre acaba ficando né, mas por quê que ela ganhou e eu não? Então, eu vejo dessa maneira, eu não concordo.

Professora Giseli: Eu vejo também uma escola querendo competir com a outra pra ir melhor no SARESP pra ganhar bônus.

Professora Andreia: SARESP, tem escola que só vai no SARESP, o objetivo do ano é SARESP! E não é assim né! Se você fizer todo um projeto trabalhando com os alunos tentando englobar aí a área, vamos dizer assim, a área de linguagens, a área de humanas ou o todo mesmo, você vê que o negócio anda e os alunos se motivam e aprendem.

Professora Giseli: E, assim, como que a sociedade, ela vê o professor de educação física? Qual que é a visão que a sociedade tem da gente?

Professora Andreia: Ah, depende, tem pessoas que a partir do momento que conhece o trabalho de alguns professores, de como o professor trabalha tudo, vê o professor com bons olhos né, com aquela coisa assim, ah, esse professor faz projetos diferentes, desenvolve conteúdos diferentes, mas, a maioria, eu vejo que vê como aquele lá, ah, o professor de educação física não faz nada né, é aquele professor, é o bam bam bam da escola porque é o que menos trabalha.

Professora Giseli: E, assim, qual que é a nossa função, o nosso trabalho na escola?

Professora Andreia: A função nossa, eu vejo que se a gente for depender de equipe gestora, eles acham que nós, como professores de educação física, tem que estar participando de tudo quanto é evento e mais um pouco né, é o que eu falo, cabe a nós enquanto professor mostrar que não, que eu tô ali, que eu tenho um conteúdo a desenvolver, a minha disciplina é importante, o meu conteúdo é importante pro aluno pra vida dele e que tem coisas que não dá pra serem feitas naquele determinado momento. Então, eu vejo que a gente tem que mostrar esse valor dentro da escola né, essa nossa importância porque dependendo do lugar eles acham que você tem que, é só evento, evento, evento, evento, e não é bem assim! Tá, eu vou fazer um evento mas eu quero saber aí, eu posso estar desenvolvendo um projeto em cima desse evento pra conter uma finalidade né porque só fazer por fazer? Então, eu vejo assim, nós, como professores de educação física, a gente tem que mostrar, que não deveria né, mas nós temos que mostrar a importância do nosso conteúdo, muitas das vezes.

Professora Giseli: E a base do nosso trabalho, assim, na escola então é?

Professora Andreia: Uma palavra?

Professora Giseli: É, assim, a base do nosso trabalho na escola.

Professora Andreia: Ah, eu vejo que é trazer pros alunos né, mostrar pra eles que a educação física é um leque muito grande de conteúdos, que a gente pode desenvolver uma cultura corporal aí com eles de coisas que muitas vezes eles nunca imaginaram ver dentro da escola né, desenvolver aí, sei lá, ah, vou dar um determinado conteúdo, mas ao invés de eu propor esse, vou dar um exemplo tá, mais ou menos, que nem na segunda série que tem no terceiro bimestre a questão do tchoukball e que muitas das vezes a gente não tem o material tudo, então, pedir né pra que eles proponham outros esportes que eles não conheçam e a gente tentar adaptar pra

escola também esse esporte, o que eu vejo muito e eles gostam né de dar as ideias, então, o que eu vejo é a gente propor desafios pros alunos, situações problemas que eles possam resolver e essa diversidade aí de conteúdos.

Professora Giseli: E você acha que a profissão de professor, ela tá desconectada de seus pressupostos? A gente faz as coisas que não é da nossa ossada, assim?

Professora Andreia: Ó, dependendo pra muitas das vezes né a gente mostrar a nossa importância, você acaba, e não dando sempre um não, não, não, você acaba fazendo algumas coisas, mas eu vou falar, eu vou usar eu como exemplo, se eu, professora do tempo integral que tô lá, éé, eu tento fazer o que cabe a mim, a minha função entendeu, vou dar um exemplo, assim, pra clarear, a gente, eu tô em Lençóis né, o meu cargo tá lá em Lençóis, a escola que eu trabalho e lá, e hoje seria aniversário da cidade, se nós tivéssemos no normal nós teríamos o desfile da cidade, o prefeito propõe um tema e você tem que pensar nesse tema e desfilar em cima desse tema com os alunos, lá no ano que eu entrei em 2018, foi num sábado e o tema foi a descoberta da cidade, então, a nossa escola lá ficou com o início desde quando os bandeirantes chegaram, os indígenas tudo, então a gente montou toda uma, nós estudamos com os alunos né, o professor de história mostrou pra eles ali como iniciou Lençóis tudo pra gente pensar em como representar na avenida esse início de Lençóis com os alunos que quiseram participar. Aí eu falei assim ó, tudo bem, eu vou, eu ensaio, eu chamo, eu vejo quem quer participar, quem não quer, só que no dia do desfile tem que estar todos os professores e não só eu, entendeu? Eles não gostaram muito, eu sei, ué, mas por que que eu tenho que ir e eles não, sendo que é a mesma escola? Aí fiz carregarem faixa da escola e não sei o que, eu vi que uns no início me olharam meio que de atravessado entendeu, porque o que eles acharam? Que eles iam lá pra escola cumprir o horário né, e eu lá bonita ia com os alunos pra avenida! Eu falei não, eu falei ó, falei pra minha diretora, eu vou, faço, consegui lá sessenta alunos pra vir pra apresentar tudo que a gente pensou, só que eu quero todo mundo junto comigo, entendeu? Ela falou, não, tudo bem, vai todo mundo, não sei! Então eu penso, tudo bem, mas também tem que mostrar que não é só eu, que é a escola inteira que vai ter que trabalhar! Não sei se eu respondi a sua pergunta Giseli.

Professora Giseli: Não, sim, respondeu. Éé, e às vezes, assim, tem muita coisa que vem imposta né, vem de cima pra baixo assim, você segue à risca as normas e as ações impostas?

Professora Andreia: Ah, eu, se eu falar pra você assim ó, vamos se dizer, o nosso currículo, tá lá, o nosso currículo né, ah, você tem que seguir e acabou, vamos colocar aí o currículo em ação e, agora, o novo ensino médio que veio a primeira série, tudo que eles pedem lá, se a gente for seguir tudo que eles pedem, primeiro, que não vai ter, nesse momento que a gente tá aí, não tem internet numa sala de aula pra por tudo que eles pedem lá numa primeira aula, vou dar um

exemplo, ah, faça um circuito em que o aluno passe visualizando na internet uma propaganda, procure influencer digital, se a minha internet não chega nem lá, como que eu vou fazer isso com esses alunos, entendeu? Então, o que eu tento, eu tento adaptar dentro da minha realidade! Ah, mas você tem que trabalhar desse jeito! Eu falo não, não tem como, como que eu vou trabalhar, então, a internet tá aqui pra eu trabalhar daquele jeito? Entendeu? Então, eu tento fazer adaptações, agora, se eu falar pra você, tá tudo ali, eu sigo certinho, não.

Professora Giseli: E, assim, falando do tema da neutralidade da educação, você acha que a educação pode ser neutra, o professor, ele pode ser neutro?

Professora Andreia: Não, neutro, neutro não, não tem como! A gente tem as nossas opiniões né, os alunos perguntam sobre as nossas opiniões, a neutralidade, o neutro, eu creio que não tem como, porque você tem a sua filosofia naquilo que você acredita né, então, é isso que você vai tentar passar pro aluno, mostrar pra ele, não que eu vou impor aquilo, falar, isso é a verdade, vamos dizer, é a verdade absoluta, que não existe né! Essa é a verdade absoluta, você tem que acreditar nisso e acabou, tá! Não, mas neutralidade não.

Professora Giseli: E, assim, o que seria, ao ser ver, o professor politizado e o que seria o professor alienado?

Professora Andreia: Ó, o politizado, na minha opinião é aquele que vai, éé, mostra, eu vou falar primeiro aí na prática tá, eu como professor e com o aluno, eu posso mostrar, colocar a minha opinião e, às vezes, falar que eu não concordo com a opinião dele e mostrar os pontos né, os argumentos, os prós e contra, mas não falar assim, ó, você tem que fazer isso e acabou! Não, na minha opinião. E aquele alienado é aquele que, ah, desse jeito tá bom, vai ficar assim e eu não vou fazer nada pra que isso melhore, dependendo de situações dentro da escola mesmo, ou o próprio sistema em si né, você, ah, tá bom assim, eu vou deixar assim e acabou, não vou ir contra, não vou dar a minha opinião em ATPC pra coordenação e tudo mais. Não! Eu penso que a gente tem que mostrar, assim, bater de frente quando você não concorda com aquilo e não falar amém pra tudo.

Professora Giseli: E, agora, o título de herói, você acha que o professor, você encara o professor como sendo um herói? Você acha que a gente pode atribuir o título de herói ao professor? Você se sente uma heroína?

Professora Andreia: Olha, se a gente for pensar né no herói na imagem figurada do herói que se coloca como super mulher, mulher maravilha, na na nam, na na nam, eu vejo que o professor em si, se a gente for pensar no sentido figurado do herói, por tudo que ele pássa no dia-a-dia dele, ele seria um herói e de permanecer né na educação, que muitos, às vezes, não permanece né, não consegue, não aguenta muitas realidades de escolas que vive e exonera mesmo, não

consegue seguir em frente, fala que educação nunca mais, não quer, nem pensar! Então, eu vejo que o professor, ele é herói, por aguentar tudo isso entendeu, só que fala assim, ah, o professor é um herói? Não, eu vejo que ele é, por todas essas situações, por tudo que se passa, mas, a gente, o que eu vejo que a gente teria que ser, é um agente de transformação né, de tentar transformar a realidade em que a gente tá tudo, então, eu penso que eu me vejo mais como assim aquela pessoa que tenta transformar, tenta melhorar a realidade em que você está inserida, a realidade escolar sua.

Professora Giseli: Estamos quase chegando nos finalmente aqui. Agora, lembrando de todos os professores que você teve na sua vida, tem algum professor em especial, assim, que você guarda no coração esse professor?

Professora Andreia: Ah, tem. Eu vou falar de professores, éé, mas você diz professor da graduação, agora, que nem momento atual ou professores também lá do início?

Professora Giseli: Da sua vida inteira, tipo assim, professor que você destacaria, que foi especial pra você.

Professora Andreia: Ó, a minha professora de ensino fundamental, primeira série na época foi aquela professora assim que, excepcional, sabe aquela professora que acolhia todo mundo, ajudava todo mundo, então, uma professora que marcou; minha professora de quarta série também, era uma professora que sempre te estimulava sabe, tava sempre ali te mostrando que era possível e que você podia ir pra frente, se eu não me engano era a professora Lúcia e, agora, no ensino fundamental e ensino médio também, um professor que eu gostava muito no ensino médio, meu professora de literatura, me marcou muito, e ele mostrava ali a literatura na realidade né, então ele trazia pro dia-a-dia; o professor de história do ensino médio também e, na graduação, eu tenho a professora Lilian da Unesp de Bauru que me marcou muito, foi minha orientadora até, mas foi assim, foi uma que abriu caminhos, que mostrou que era possível a educação, a educação física escolar; a professora Graça também da graduação, o professor Danilo, a partir do que ele mostrou da história da educação, de todo o sistema, e, no decorrer aí, da Unesp também a professora Denise que mostrou essa importância de trabalhar com a cultura africana, a cultura indígena, e a professora que me orientou também, a professora Andreza da Unesp.

Professora Giseli: E, assim, resumindo, qual foi o legado de todos esses professores pra sua vida?

Professora Andreia: Eu ia falar, era mais fácil ter falado né só um rs, éé, o que eu vejo, que cada um marcou, é aquele jeito especial né de tratar o aluno, de conhecer você, conhecer o aluno, não ir só assim, ah, ele é mais um aluno! Não, é você conversar, ir mais a fundo, conhecer,

saber, querer saber né da vida daquela pessoa e tudo! Então eu vejo que é, o que a gente fala dentro do tempo integral, a tal da pedagogia da presença né, você estar presente na vida do aluno, você se preocupar né, então eu vejo que é esse o legado aí, que me marcou deles.

Professora Giseli: E, pensando nos seus colegas de trabalho, professores de educação física, tem algum colega de trabalho que você enxerga como um exemplo a ser seguido, que você admira?

Professora Andreia: Sim, ó, eu trabalhei em duas, e eu vou falar sobre professores que eu trabalhei assim tá Giseli, que daí, éé, que às vezes a gente fala né, ah, eu trabalho numa mesma escola, tem dois professores mas eu não me dou bem com aquele professor, a gente não desenvolve projeto, não compartilha experiências, eu vou lá perguntar, nossa, eu tô com dificuldade em tal conteúdo, você pode me ajudar? Uma que a gente teve muito esse compartilhamento aí de ideias, de projetos e tudo mais, da educação física, é a Susi, eu trabalhei com ela né, ela começou em 2013 e eu já tava lá acho que há um ano, dois anos, e a gente desenvolveu várias parcerias junto e agora ela tá comigo agora lá em Lençóis, mas é uma professora, assim, que eu admiro muito e que a gente pode trocar; a Marisa também, sempre no início de carreira, era ela já que já tava mais de um ano na escola, então, aí Marisa, me ajuda, eu preciso disso, me ajuda, o que que eu posso fazer? Então, a Marisa também.

Professora Giseli: E, assim, a gente comentou né que é muito bom a gente trocar experiências né, que contribui, e, você acha, assim, que os professores, eles sabem trocar experiências? Como que a gente troca experiências, assim, tem utilidade?

Professora Andreia: Ó, o que eu vejo, às vezes, tem professores que ficam meio que, ah, não é medo, não seria essa a palavra, mas, assim, ah, se eu mostrar o meu trabalho que eu fiz, vão roubar a minha ideia! Sabe, coisas nesse sentido, mas o que eu vejo no compartilhamento, a gente cresce bastante porque, que nem, quando você apresentou lá o seu projeto, essa questão dos jogos que você trabalhou com eles e tudo, eu tava lá né, eu tinha uma informática tudo, e naquele momento quando você começou a falar disso, a gente tava lá pensando em como trabalhar a educação física e auxiliar nos tais do MMR, na na nam, na na nam, e eu me utilizar do conteúdo que eu estava fazendo com eles, foi quando me veio, você falando dos jogos, me veio a ideia de eu utilizar na terceira série o conteúdo do RPG e que tinha alunos lá que jogavam RPG tudo e que podiam explicar muito bem, então, nossa, foi, a hora que você falou nisso eu já falei, nossa, já sei como usar tudo que a Giseli tá falando aí, uma parte dessa sua experiência que você teve lá no seu mestrado tudo e me utilizar de algo que você já fez com o médio, e, nossa, foi muito legal quando eu fiz com eles e tudo.

Professora Giseli: E, agora, incluindo a mídia e a tecnologia, assim, como que a mídia e a tecnologia, ela pode facilitar esse nosso diálogo, essa troca de experiências? Como que a mídia e a tecnologia pode ajudar no nosso contexto, assim?

Professora Andreia: Ah, eu vejo que, éé, essa questão né de você conseguir, por exemplo, vou dar um exemplo aí né da mídia dentro, que nem, terminei o mestrado agora, aí teve a publicação de um livro, de um e-book do Interdisciplinaridade, possibilidades na educação básica, foi lançado agora há pouco tempo, e você colocando que nem é um e-book, a quantidade de pessoas que vão conseguir ter acesso à esses, à todos esses capítulos né do livro tudo e vai poder auxiliar na prática dessas pessoas, é muito maior do que, se a gente pensar num livro ali impresso né, que, às vezes, a pessoa não consegue tá pagando né, não tem as condições tudo, então, a mídia, tanto pra nós, pras nossas aulas aí, tudo bem, às vezes o aluno não tem acesso à internet, mas o tanto de informações, de conteúdos que eu consigo disponibilizar pra ele é muito maior do que quando só dependia do impresso e tudo mais, é infinitas possibilidades.

Professora Giseli: E você pode dar exemplo, assim, de plataformas, de recursos acessíveis, fácil de a gente usar, assim?

Professora Andreia: Ó, que eu vejo, um recurso que eu tenho gostado, que esse ano, eu não sei né como foi aí a escola onde você tá tudo, que eu tenho gostado bastante de quando a gente vai fazer aula online, que no ano passado a gente utilizava muito o Meet né, e, às vezes, eu não gostava, eu né, vou falar por mim, o Meet dá pra você gravar e tudo né, mas eu falava, ah gente, eu queria algo mais assim, mais real, não sei, e uma coisa que eu gostei muito é o Centro de Mídias, quando você faz aula ao vivo e você consegue mandar a notificação direto pros aluno tudo em tempo real né e você vê que daí eles entram e participam tudo, então, essa plataforma aí do Centro de Mídias da aula ao vivo eu achei muito interessante; o Teams, éé, que mais que eu posso falar? Aquele do, nossa, agora eu não vou lembrar o nome dele, que você consegue fazer as palavras lá, não é o Claude, você põe uma determinada ideia e aí os alunos vão colocando cada palavra do que ele acha que é, aí, que eu me lembre, assim, nesse momento agora pra te falar são essas Giseli.

Professora Giseli: É, assim, agora na pandemia que a gente não pode se ver, assim, e tá cada um no seu canto, acho que esses recursos que a gente tá utilizando, até que a gente tá conseguindo se ver né e conversar é o que tem pra hoje né rs.

Professora Andreia: É o que tem pra hoje sim rs.

Professora Giseli: Que a gente tá conseguindo usar com os alunos e com os professores, pra fazer as formações nossas.

Professora Andreia: Sim, Youtube né.

Professora Giseli: O Youtube.

Professora Andreia: Youtube, redes sociais, o Face né, o canal da escola, o Facebook da escola, WhatsApp né, os grupos de WhatsApp aí das salas, Podcast.

Professora Giseli: É legal também! A pergunta que eu quero responder, assim, é uma das perguntas que eu quero responder na minha pesquisa, você acredita que as mídias e as tecnologias motivam o professor ou é ao contrário, é o professor motivado que vai incorporar as mídias e as tecnologias no seu trabalho em seu cotidiano?

Professora Andreia: Eu penso que é o professor motivado que vai incorporar no seu cotidiano as mídias e tecnologias, porque se a gente for pensar aí vai, vamos tirar 2020, os outros anos, o que que nós como professores nos utilizávamos de mídia e tecnologias né, no nosso dia-a-dia aí? Tudo bem, a gente vai pensar, não tinha acesso ao Wi-Fi, isso e aquilo, às vezes a sala de informática da escola não era tão boa, mas se eu falar pra você, ah, você utilizava muita coisa? Não, entendeu, então eu penso que nós, professores motivados, que vamos inserir né as mídias e as tecnologias no nosso dia-a-dia.

Professora Giseli: E, assim, agora tá finalizando assim né, eu queria que você indicasse assim um tema ou um assunto que Paulo Freire chama de tema gerador né, os temas geradores, que você achar que seria importante a gente discutir em formação com os professores né, em reuniões, um tema que você acha essencial, que a gente teria que colocar em pauta?

Professora Andreia: Olha, nesse momento, o negócio tá, parece que, eu falo que é tanta informação, é tanta coisa que, às vezes, você fica até meio né, eu falo, você tem que, mas um tema que eu vejo para os professores que ainda, na maioria das escolas, é essa questão aí de projetos, na minha opinião, que é o que, é onde às vezes você quer desenvolver e tudo só que daí é engessado né, você não consegue fazer a escola como um todo né, o todo né, o todo que eu digo é todo mundo, tudo junto, todo mundo na mesma, e pensando em Paulo Freire aí né, como trabalhar projeto? Como fazer isso? Você pega uma escola, não sei, que tenha mil alunos, acho que tem sei lá eu, noventa professores tudo, a dificuldade é grande.

Professora Giseli: Como conseguir trabalhar no coletivo, assim, né?

Professora Andreia: Como conseguir trabalhar no coletivo.

Professora Giseli: Beleza! E, assim, éé, chegamos ao final, você quer acrescentar mais alguma coisa que você acha importante pra deixar registrado?

Professora Andreia: Não, o que eu vejo, assim, creio eu que falei tudo rs.

Professora Giseli: E aí, assim, tem algum professor que você fala, nossa Gi, você tem que falar com aquele professor, você tem que entrevistar, tem alguém que você indicaria assim?

Professora Andreia: Ah, eu não sei se te indicaram a Susi já?

Professora Giseli: Não.

Professora Andreia: Então.

Professora Giseli: A Susi né.

Professora Andreia: É!

Professora Giseli: Eu vou tentar entrar em contato com ela pra ver se eu entrevisto ela. Andreia, muito obrigada!

Professora Andreia: Por nada, você acha Giseli, desculpa eu fazer ah, seis e meia, é terça, é quarta, essa correria aí, eu falei, nossa, a Giseli vai achar que eu tô.

Professora Giseli: Não, imagina, a nossa, do jeito que a gente tá, cheio atribulado, cheio de trabalho assim, eu só tenho à agradecer de você ter topado participar e contribuído, ajudou muito aqui na minha pesquisa e, assim, muito obrigada, e quando você precisar de mim também pode contar comigo.

Professora Andreia: Pode deixar. Eu que agradeço por você ter me chamado aí né, que sempre, ainda quando você me mandou eu falei, nossa, mas essa semana né, fechamento de notas, você já pensa em tudo né, eu falei, não, mas é para um bem maior, ela tá fazendo o doutorado dela, é algo que vai ser publicado e vai valer a pena pra nós tudo, e a gente tem que se ajudar né, um ajudar o outro né porque, assim, se nós não nos ajudarmos não tem como né, não vai.

Professora Giseli: Sim, a gente não consegue fazer nada sozinho, a gente precisa sim de ajuda sim.

Professora Andreia: Não.

Professora Giseli: E no coletivo é muito melhor, assim né, igual você comentou.

Professora Andreia: É mais fácil, sim, com certeza! A carga parece que fica um pouco menor né!

Professora Giseli: Sim, e os resultados, assim né, são bem melhores do que a gente fazer sozinho.

Professora Andreia: São visíveis né depois, no decorrer.

Professora Giseli: Sim. Deixa eu interromper a gravação pra salvar pra eu analisar depois.

Entrevista 09 - Profº Paulo - Dia 24/05/21 - 13:45 h

Professora Giseli: Vamos dar início a nona entrevista da minha pesquisa de doutorado, o tema provisório da minha pesquisa é “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública”. Os termos da pesquisa é que, assim, a participação é voluntária, você pode interromper a participação a qualquer momento, se não

quiser responder alguma pergunta, não precisa responder, os dados poderão ser usados para publicações científicas, mas com sigilo da identidade, e não tá recebendo nenhum valor, não tem nenhum gasto e a pesquisa poderá resultar em benefícios pra formação de professores. Ok? Tudo bem?

Professor Paulo: Sim.

Professora Giseli: Escolhe um nome fictício pra você.

Professor Paulo: Um nome fictício? Ah, põe Paulo.

Professora Giseli: E para o seu perfil, qual sexo?

Professor Paulo: Oi, o meu perfil?

Professora Giseli: Sexo?

Professor Paulo: O Paulo é masculino rs.

Professora Giseli: Idade?

Professor Paulo: A idade é cinquenta.

Professora Giseli: E a formação acadêmica?

Professor Paulo: É licenciatura plena na Unesp.

Professora Giseli: Em que ano?

Professor Paulo: 2005.

Professora Giseli: 2005. E qual que é a sua carga horária de trabalho?

Professor Paulo: A minha carga horária é quarenta horas.

Professora Giseli: E quanto tempo faz que você tá atuando como professor? Quando que você ingressou no cargo? Há quantos anos?

Professor Paulo: É sete de janeiro de 2000, de 2000. Fazem vinte e um anos.

Professora Giseli: Você é efetivo né?

Professor Paulo: Efetivo, efetivo. Efetivo desde essa data que eu passei aí, tive pouco tempo de categoria O, categoria, nem lembro, substituto, na época, que a gente falava né, tive pouco tempo.

Professora Giseli: Você acumula cargo?

Professor Paulo: Não.

Professora Giseli: Não.

Professor Paulo: Não.

Professora Giseli: Você é sindicalizado?

Professor Paulo: Já fui, não sou mais.

Professora Giseli: E por qual motivo você escolheu ser professor de educação física? Por quê que você escolheu essa carreira?

Professor Paulo: Então, até eu tava conversando com uns colegas hoje aqui sobre os alunos né, de escolha de profissão e esse tipo de coisa, e a gente tava falando sobre a questão de ser professor, poucos alunos escolhem a carreira hoje, e quando eu escolhi a faculdade, eu tava no terceiro ano que eu escolhi a faculdade, foi assim, éé, eu pensava em publicidade e propaganda, mas eu já sabia na época que era mais difícil, na época que eu prestei o vestibular, nos anos noventa, era mais difícil já passar em publicidade e propaganda do que em medicina, e até hoje é, então eu quero mas eu já desisti; história, eu sempre adorei história né, mas a história ficava uma coisa na minha cabeça, se eu fizer história eu só vou poder ser professor ou trabalhar em museu né, aí eu falei, pô, eu quero um leque maior, e a educação física, ela tinha esse leque, ela tinha um leque de trabalhar em escola, de trabalhar em academia né, o pessoal tava surgindo mas já tinha alguma coisa, trabalhar em hotéis né, então, o campo de trabalho era maior, mas o meu foco, quando eu prestei, o meu objetivo era trabalhar com o basquete, na faculdade, conhecendo mais dos esportes, conhecendo mais da própria educação que eu fui migrando pra esse lado educacional, então, a faculdade me fez optar por isso, e na minha época era licenciatura plena né, então eu tenho bacharelado e a licenciatura, então eu tenho essa liberdade de poder atuar em qualquer área da nossa profissão. Então, o leque era maior, isso me fez ir pra educação física e lá dentro do curso eu optei por essa parte educacional.

Professora Giseli: Na sua opinião, quais são as condições favoráveis e as desfavoráveis em ser professor?

Professor Paulo: Olha, as favoráveis é tá sempre na questão, principalmente hoje, da evolução do conhecimento né, então, como a gente tem contato com o pessoal de outras áreas de ciências e áreas de conhecimento, porque a educação física no Brasil, ela não é uma ciência, ela é uma área de conhecimento, éé, você tá sempre vendo coisas novas e, historicamente, eu tive sorte de nascer em um período que teve essa transição de surgimento da internet, dos computadores pessoais chegarem, de ver o celular, o computador hoje, então, o acesso à informação e o tratamento dessa informação, transformar isso em conhecimento, isso sempre me fascinou, então isso é um dos pontos positivos que eu vejo de trabalhar como professor, éé, estar sempre na vanguarda das informações, políticas, sociais, tecnológicas, éé, eu vejo isso muito, uma coisa muito boa né, e transmissor disso para os alunos né, e ir aprendendo muito com eles porque eles também vem trazendo muita coisa pra gente, então eu acho isso um ponto positivo muito legal. O ponto negativo que eu via, principalmente no começo da carreira, era você, eu tive sorte na verdade porque eu sempre fiquei em uma ou duas escolas no começo né, mas eu vejo colegas até hoje indo pra três, quatro, cinco escolas, isso aí eu acho que judia muito do professor. A questão do salário, pra mim, assim, pesa, é difícil né, o salário não é aquelas coisas, mas a gente,

nós somos adultos, então você tem condição de pensar, ah, tá ruim, vamos fazer outra coisa! Agora só reclamar também não adianta, você tem que reclamar e fazer um curso, fazer os cursos que o governo oferece, você tem que evoluir, só reclamar pra mim não dá, então tá ruim? Tá ruim, o que que eu posso fazer? Então, eu vou fazer o que me for possível, certo? Tem gente que concorda, tem gente que discorda, cada um tem sua opinião, sem problema nenhum, mas a gente tem que correr atrás do nosso né. Hoje eu consigo trabalhar só com as quarenta horas, pra mim tá tranquilo isso daí. Ah, falta dinheiro? Não me falta dinheiro, às vezes a gente tem um desejo de alguma coisa a mais, mas a gente vê que são coisas materiais, então são coisas que eu posso me programar pra adquirir, pra comprar, então é questão de a gente se adaptar e, agora, é claro que um aumento salarial sempre é bem-vindo né, principalmente, não é nenhum aumento, é uma correção de tudo isso que se perdeu durante os anos, mas a gente sabe que isso não vai acontecer e se for vai ser mínimo né, mas a gente tem que ir brigando por isso daí, agora não posso esperar que as coisas aconteçam, eu tenho que fazer acontecer na minha vida também, então, ah, tá difícil? Ué, é como eu disse, a educação física te dá um leque, vai numa academia, vai de personal, vai em outra escola, nós temos dessa opção, então, penso nisso.

Professora Giseli: E, assim, a sua formação inicial, ela atendeu às suas expectativas?

Professor Paulo: Ah, sim, atendeu, eu gostei muito de fazer a faculdade na Unesp, não fiz em outro lugar pra poder comparar, mas a gente vai comparando pelos colegas que nós vamos conhecendo e muitos colegas que fizeram faculdade privada, éé, avançaram também nisso daí, não é a faculdade em si, mas você vê que é da pessoa né, agora, que a Unesp te dá um leque maior pra você poder conversar com pessoas que estão estudando nas outras áreas, isso é muito legal, o campus de Bauru é muito jóia, então eu tinha amigos na engenharia, tinha amigos no design né, você tem o pessoal da psicologia, você conversa com todo mundo, professores e alunos, então eu acho que o campus da Unesp de Bauru, éé, foi muito benéfico pra mim nesse tipo de coisa né, e aquilo que eu já falei, a educação física, por não ser uma ciência, ela é uma área de conhecimento, ela tem que buscar em outras áreas e você tem o contato com o pessoal ali, da educação, da psicologia, da matemática, éé, isso aí foi muito legal, eu gostei muito disso né.

Professora Giseli: E como que foi essa transição de estudante pra virar profissional? Como que foi?

Professor Paulo: Olha, foi uma coisa engraçada que eu penso né, falei, pô, desde quando eu tô na escola né? Pô, eu tô na escola desde os meus seis anos de idade rsrs, não sai nunca da escola! Então, no começo, a transição, dava um de frio na barriga porque pô, eu não sou mais aluno, eu sou professor agora, agora eu tô aqui pra ensinar, é diferente, e você tem que ir preparado, só

que assim, quando eu fiz a educação física não tinha o caderno do aluno, não tinha um norte né, éé, você podia dar aquilo que você quisesse, você planejava, tava tudo, era tudo educação física, então vou trabalhar num semestre o basquete, vou trabalhar um semestre de vôlei, vou trabalhar um semestre de atletismo, ah, esse ano tem olimpíada, então vou falar de olimpíada, então era muito livre, e o caderno do aluno, ele trouxe um norte, com as falhas que tem certo, que isso é outra coisa, opa, mas agora eu tenho um rumo a seguir né, então essa transição, essa chegada do caderno do aluno, isso facilitou, eu acho, a gente trabalha no conjunto. Tem falhas, tem erros, pode ser aprimorado, deve ser aprimorado, mas deu um norte pra nós, e aí, você vê, antes de chegar o caderno do aluno já existia os Parâmetros Curriculares Nacionais, mas a gente não dava nem conta, eu falava, mas o que que é isso aqui? Não conseguia nem falar né! A faculdade, por exemplo, tem algumas coisas que no meu modo de ver, não sei como que está hoje, mas por exemplo, eu nunca tinha visto um diário na vida na faculdade, mas falei, o que que é isso aqui? Por quê que eu tenho que preencher isso? Então faltou isso na faculdade, tem esses documentos obrigatórios aqui, tem uma legislação que um professor tem que seguir né, como que eu faço pra terminar aqui? Onde que eu vou? Vou na escola e falo o quê? Ô, quero abrir uma portaria né! Então faltou isso, nessa parte do trabalho em si na faculdade eu acho que faltou pra gente, a gente teve que aprender na raça rs, mas nada que não possa ser corrigido e é algo simples também, só que é simples pra nós que já vivenciamos, pro cara que tá terminando não. É como eu falo dessa questão da tecnologia hoje, ah, isso aqui o aluno manja, o aluno sabe, ele sabe vê o Youtube, ele sabe ver o Facebook, ele sabe o WhatsApp, mas ô meu querido, faz o Word pra mim, manda um e-mail pra mim. Professor, eu não uso isso! Então, quando a gente sai da faculdade é a mesma coisa, então como é que é isso aí agora? E aí quando você chega na escola, graças à Deus eu fui muito bem recebido né, e peguei uma coordenadora na época lá que olha, faz assim, faz desse jeito, seja firme nesse momento, nunca, ela falou uma coisa pra mim que eu não esqueço, nunca entre na sala de mão vazia porque o aluno vai ver você de mão vazia, é uma coisa psicológica, ele vai falar, esse cara não tem nada pra me ensinar! Olha que coisa interessante né, você tem que chegar com o material porque o aluno vai pensar, esse cara vai passar alguma coisa pra mim rs né, e isso não pode gerar, mesmo que não passe nada de parte teórica, mas você tem que chegar com material na mão, então, são detalhes que a gente aprende pela vivência e eu tive uma coordenadora que já chegou falando, olha, nunca entre numa sala de mão vazia, senão o cara vai pensar o quê? Você não tem nada pra passar, então o senhor não vai dar nada; É uma coisa engraçada, mas funciona né.

Professora Giseli: Aí a gente vai aprendendo com o tempo né.

Professor Paulo: Vai aprendendo na pancada rs.

Professora Giseli: O que que você acha que mais contribuiu pra sua formação de professor, acha que foi a sua experiência da sua vida inteira, desde pequeno até agora, a sua formação inicial né, com a graduação, as disciplinas, os estágio, a sua formação continuada, os cursos extras, as pós, ou a sua experiência, a sua atuação profissional, o saber construído ao longo da sua experiência? O quê que você acha que mais contribuiu?

Professor Paulo: Eu acho que é tudo isso daí, só que, assim, dentro da nossa história, dentro da nossa sociedade, você tem momentos e períodos né. Uma coisa, por exemplo, que na faculdade eu fiz né, foi os primeiros socorros, é legal, fiz tudo, mas eu não achava que eu ia usar tanto o quanto eu usei, gente, como eu usei, agora não que tá na pandemia, mas sempre usei os primeiros socorros, sempre me atualizei, eu falei, mas pra quê que eu vou usar isso aqui? E sempre, então, eu acho que são momentos, toda a nossa história, toda a nossa experiência né, as coisas que a gente viveu como aluno, quando que eu era aluno o que que eu não gostava que eu não quero fazer pro meu aluno, o que que eu não gostava mas foi necessário e me auxiliou né, essa multidisciplinaridade que existe hoje, porque, por exemplo, eu vou lá fazer educação física e quando eu vou fazer um cálculo do IMC os alunos falam, ô professor, mas tem matemática na educação física? Vocês estão vendo gente, como é que tem! Por quê? Porque ainda o estudo para o aluno, ele é fragmentado, a gente não vê a educação como um todo e a gente tem que explicar pro dia seguinte, tem matemática, português, educação física, física, química, biologia, tem isso pra facilitar você a entende, mas o conhecimento, ele é uma coisa só. Então, de tudo isso que você falou, a gente vê em etapas né, então, num primeiro momento, a sua história de vida que influencia você à escolher a sua carreira acadêmica, dentro da faculdade dividir, olha, eu não quero mais o esporte, eu quero ir pra educação, porque o esporte, ele é complicado também, ele é um meio que não é só você treinar né, tem muita coisa por trás do esporte, a parte de marketing, a parte financeira, não vou falar falcatrúas aqui porque a gente não pode acusar ninguém, mas o mundo do esporte é complicado viu, é complicado, é lavagem de dinheiro, não é só no Brasil não, você ouve, a gente vê o futebol mundial, gente, o cara compra por vinte e vende por quinze, eu não entendo um negócio desse, transferência de jogador cai presidente do clube, então o esporte, ele tem esse lado negro aí que é complicado né. E a educação, apesar de todos os problemas, eu vejo que ela avançando na questão de transparência, eu acho que existe uma crise mundial na educação, o que ensinar e por quê ensinar né? Éé, a gente tá meio sofrendo com isso, tá, educação para a vida, mas que vida você quer ter? Que vida você tem né? Éé, o que é um conhecimento básico? O que é básico pra um, o que é básico pra outro né? Então, sabemos que o cara tem que ler bem, mas ele também tem que produzir, também tem que escrever bem né, ele tem que ter conhecimento matemático, mas qual que é o

conhecimento matemático real da vida dele? Onde ele vai empregar? Como funciona esse raciocínio lógico né? Conhecer a sua história, conhecer a história, éé, conhecer como o seu corpo funciona, as respostas que você tem. Então, a escola tem que ter essa mudança, e é uma mudança difícil porque é uma mudança mundial, éé, eu tenho até uma entrevista guardada da secretária da Noruega falando que a Noruega caiu no PISA, e ela fala, mas a Noruega não educa seus jovens para o PISA, ela educa para a vida né, e é diferente, e é complicado porque, ah, precisamos de um ensino técnico, precisamos de um ensino mais humano, precisamos, precisamos que as pessoas também trabalhem, não podem ir tanto contra o ensino técnico, o cara precisa trabalhar, agora, ele precisa dominar aquilo e, opa, eu tenho opções de evolução. Eu tenho opções de evolução, você tá aí, fazendo doutorado, graças a Deus, que legal né, eu poderia fazer um mestrado, eu posso fazer um doutorado também, mas eu preciso correr atrás, o que que eu quero? Então, éé, quanto mais a gente avançar nisso, mais opções a pessoa tiver, o aluno tiver, mais liberdade ele vai ter, quando ele tem um caminho só, não tem jeito, ele tem que seguir aquilo, é uma judiação né. Então, eu vejo, por exemplo, o ensino integral que existe hoje, ele, pra mim, foi uma coisa boa, eu acho que é legal ter opção, ah, mas a maioria não pode ir, tá, então, mas se tem uma minoria que pode ir então não vai poder ir então? O aluno precisa trabalhar, poxa, que Deus abençoe o trabalho, eu também trabalhei, também estudei no noturno certo, mas se eu tivesse a condição de fazer integral na época eu acho que seria muito melhor em termos de educação. Agora, as condições têm que ser boas, mas o sujeito também tem que querer, então temos que dar as condições e querer, e não é porque tem o ensino integral que o outro ensino tem que ser arrebitado e moído né, são coisas diferentes que a gente tem que ir trabalhando aí.

Professora Giseli: E como que tá sendo atuar no ensino básico público? Porque, às vezes, a gente faz essa comparação né, entre público e particular, como é trabalhar no público?

Professor Paulo: Olha, eu nunca trabalhei no particular, eu já fui convidado várias vezes pra trabalhar mas eu sempre, eu sempre pensei assim, eu não quero ter os pés em duas canoas né! Primeiro, porque todos os convites que eu recebi pra trabalhar na particular era uma aula por semana, eu falei, gente, com duas eu já não trabalho aquilo que eu quero, e com uma então, como que eu vou trabalhar rs né? Porque você tem o anseio de querer desenvolver o seu aluno e até questão da própria saúde, a gente fala em três vezes por semana pra fazer atividade física, você não tem isso na escola, e outra, se você tivesse essas três aulas os alunos fariam atividade física? Isso é uma outra questão também né. Então, vamos dar um outro exemplo aqui, aquele país picholé lá, aquela pobreza, como que é, Suécia, Suécia né kkkk, gente, lá tem uma aula de educação física por semana, o que que ensina? Ensina a usar as coisas que o Estado lá tem para

o cidadão, então as academias ao ar livre, uma caminhada, esse tipo de coisa, então ensina a criança, o jovem, a usufruir das benéficas que o Estado lá tem, ou que a empresa lá tem né. Então, eu vejo assim, não é só a quantidade de aulas, é como você vai dar essa aula. Porém, no particular, só ter uma, acho muito pouco, então finquei meu pé no Estado e trabalhar com essas duas aulas por semana. Agora, a gente sabe que tem escolas que pagam muito bem, sem problema, são profissionais que merecem né, porque ela manda embora mesmo, não tem gente fazendo meia boca lá né, éé, no Estado, nós temos algumas vantagens porque você éé, tem o aluno que quer muito fazer, tem o aluno, é diferente, não que no privado não tenha, tem também, mas principalmente aquela molecadinha, a vontade de eles fazerem uma coisa prática né na educação física é sensacional né, isso vai se perdendo com a idade, éé, eu tive um nono ano, é muito legal, eles eram muito participativos, jogavam basquete, vôlei, se davam atividade nova, frisbee, beisebol, eles faziam tudo, era muito legal! Chegou o natal, eles ganharam um celular, eles foram pro primeiro colégio, eles queriam jogar Free Fire, eu falei gente, legal, é esporte, beleza, mas não é só isso, tem que ter o seu momento também, mas não pode ser só isso aí, e nós estamos perdendo cada vez mais, aquilo que ia acontecendo no jovem, quando chegava no segundo, terceiro ano no colégio, olha, não quero porque eu vou suar, eu vou trabalhar depois, acontece agora de forma diferente, agora eu prefiro o jogo porque no jogo eu saí vitorioso, porque tem jogos, hoje, a facilidade de jogar é muito grande, então o jovem joga e se ele não ganhar ele troca de jogo, e o nosso caso não, uma das críticas que eu faço ao caderno do aluno, por exemplo, é isso aí, não ter quatro meses ali trabalhando, dois bimestres ali trabalhando uma modalidade, por exemplo. Porquê? Porque ele precisa de um tempo pra aprender a parte motora. Então, quando fala na ginástica artística lá, por exemplo né, precisa ter um leque maior, mais tempo pra gente poder fazer aquilo lá com os rolamentos, algumas coisas pra aprender essa parte motora. Quando você fala do basquete, você não tem quatro meses de trabalho, aí o cara vai arremessar na cesta dez bolas, ele erra todas, o que que acontece, você vai querer jogar um jogo que você só erra? Prefiro jogar videogame porque no videogame eu acerto de tanto que eu repito o videogame mas o videogame não me cansa, então, se a criança fica lá no movimento, vai se repetindo esse movimento, e ela começa a acertar, ela começa a gostar do jogo, e a gente tá perdendo isso, eu acho que é uma coisa que a gente tem que trabalhar, independente do caderno do aluno ou não, a gente tem que fazer, e eu vejo essa facilidade que o professor da escola pública tem e que no privado eu acredito que não tenha, o privado, ele é mais engessado, ó, você tem que fazer isso aqui e acabou! A gente, nós vamos fazer também o que Estado tá mandando, mas eu posso acrescentar né. Era até uma crítica que eu fazia quando saiu o diário digital, logo quando saiu o diário digital você não podia colocar coisas, mas eu fiz mais, cadê o

que eu quero por mais aqui? Não tinha, agora já tem condição da gente escrever, então eu vou trabalhar o caderno do aluno, eu quero isso aqui e eu vou fazer isso a mais né. Então a gente pode, eu vejo no Estado, essa flexibilidade é maior do que no particular.

Professora Giseli: E, assim, às vezes, na nossa atuação, a gente passa por vários sentimentos né, então às vezes você fica triste, às vezes com tédio, ou mais feliz, alegre, você poderia dar um exemplo de alguma situação e de algum sentimento?

Professor Paulo: Ó kkkk, já tive muita situação e muito sentimento, muito sentimento de alegria quando os alunos conseguem fazer as coisas, quando eles vem contar pra gente, uma vez aconteceu, que eu tava ensinando a molecadinha da quarta série na época, éé, quedas e rolamento no judô, então tava ensinando, tinha tatame lá na escola, tava ensinando queda e rolamento, queda e rolamento, aí ensinava uns golpezinhos básicos do judô ali né, coisa bem simples, mas de vez em quando vinha um aluno e dizia, professor, cai de bicicleta e fiz aquele rolamento que você me ensinou, eu falei, pô, que legal né, salvou uma vida aí rs né! Então alguma coisa eu tô achando jóia. Sentimentos de raiva também bastante, os alunos que aprontam né, de quase sair na mão, Gi do céu, tem hora que dá vontade de falar ó, ah, você não pode, que lei, lei o cão, vamo sair no tapa aqui agora né rs! O moleque prende a bola no telhado aí tenta jogar a outra, não meu filho, não faz isso, vai prender as duas bolas! Ah, não enche o saco! Quê? Você tá maluco moleque kkk? Então, já teve desavenças também né, éé, situações constrangedores kkk, teve uma vez um moleque, homossexual, isso era quinta série, quinta série, um menino homossexual e o pessoal zuava o moleque e o moleque não tava nem aí, ele era assumido já, gente, eu vou falar uns palavrões aqui e depois você corta na entrevista viu, não põe isso aí no Youtube não que as crianças menor de idade não pode escutar isso aí kkk, e fomos pra fila, e isso aqui é a fila dos meninos e isso aqui é a fila das meninas, quero separado aqui, vamo organizar né, fazer a fila em ordem, por que da fila né? Pra não bagunçar com as outras salas, você vai levar que nem boiada, a molecada sai andando por tudo! Tem gente que não gosta da fila, fala que é uma coisa militar, mas é uma coisa pra ter ordem, a escola desse tamanho aqui, vamos ter fila! E aí, bom, vai na fila dos meninos. Ah, você é da fila das meninas! É, eu sou daqui da fila dos meninos! Não, você é da fila das meninas, não sei o que, não sei o que! Ah, você é viado! Falou pro moleque, o outro falou pro outro, e eu tava chegando perto, não deu nem tempo de chegar, sou, sou viado sim, comi o cú do seu pai e nasceu você que é um bosta! Nossa rs, eu não sabia se eu dava risada, eu queria dar risada mas eu não podia né, eu tinha que ficar sério, não, pára os dois, o que que é isso, separa aqui, vamo pra lá, todo mundo andando! Aí levei pra direção, expliquei a situação, tomou advertência ali os dois, foram pra quadra, mas depois eu fui no banheiro, mas eu dei risada, falei, gente, o que que é isso que tá

acontecendo comigo, mas que louco o moleque! Depois voltei e ficou tudo bem, porque era uma coisa do dia-a-dia deles e foi uma situação, assim, pro menino homossexual ali, ele enfrentou e acabou o problema de ofender ele na sala, todo mundo tratava bem, de vez em quando xingava um ou outro, mas era uma coisa normal porque tem isso né, o cara não aceitar o bullying, e você vê que isso é da personalidade da pessoa né, e depois o menino se formou, e tudo bem, o pessoal sempre respeitou, não é que, olha, mas são situações que a gente passa no dia-a-dia que eu vou falar, que são fogo né. Situações de emergência, de acudir aluno, por exemplo, uso os primeiros socorros, passei muito isso aí, já acudi professor né, professor que desmaiou porque o aluno desmaiou, eu falei, meu Deus do céu, o que que tá acontecendo aqui né rs? Situações de depredação de material, pô, pegar o cara no flagra, eu falei, pô cara, vou ter que entregar você, vou ter que punir você! Ô sor, não faz não, você é legal! Não tem nada a ver se eu sou legal, a escola é nossa, nós temos que cuidar né! Então, são várias situações desse tipo aí que a gente passa, a gente passa muitas emoções na escola né, de colegas que se aposentam e a gente se emociona né, éé, alunos que passam no vestibular, alunos que a gente encontra, não tá mais na escola, mas a gente encontra trabalhando, ô professor, eu tenho família agora, agora tô com um negócio de pintura! Eu falo, ô, que legal cara! Então, não é só a escola né, a gente cria pra vida e eles vão dar uma resposta pra gente, e mensurar o que se aprende é muito complexo, a gente dá uma prova e mensura ali, aprende, sabe, não sabe, desenvolveu habilidade, não desenvolveu habilidade, é uma coisa, mas quando eles vem trazer o resultado, olha, eu tenho, eu tô trabalhando, eu tenho família, ó, o senhor vai dar aula pro meu filho hein professor! Isso é muito legal, aí você vê que você teve realmente um resultado dentro da sociedade né, seu trabalho tem valor, isso emociona a gente sim né, tanto que eu não gosto nem de formatura não gosto, eles falam, você não vai na formatura? Não vou, não gosto, chego lá eu fico chorando, falta água, não pode faltar água que eu vou chorar demais rs, então eu me enrolo por causa disso.

Professora Giseli: Você acha que o professor, ele consegue se auto motivar?

Professor Paulo: Olha, você vê que é uma coisa, é pessoal isso aí, eu conheço vários colegas que essa profissão aqui é uma tristeza, só que o cara não larga, sempre tá ruim, sempre tá difícil, nunca melhora, beleza, até concordo com isso, ué, você não vai fazer nada? Não vou dar uma boa aula? É a profissão que eu escolhi, se tá ruim, eu que mude. É fácil mudar? Não, não é fácil mudar, é muito mais fácil aceitar e reclamar, sabe, então, eu acho que depende muito do indivíduo, eu vejo colegas aí se superando todo dia certo, pelas dificuldades que tem. Esse negócio da busca ativa na escola no ano passado, eu vi professores ali ó, vou falar pra você, heróis, heróis mesmo, gente que foi na favela, que foi levar pro aluno, eu não fiz isso, então eu

tenho, eu tiro o chapéu pra esse pessoal, sabe, que a gente vê que é gente que se desdobra e trabalha feliz, gostariam de ganhar mais? Gostariam de ganhar mais, gostariam de ter passado nas provas que o governo deu, mas eles não se abatem por isso. Então, você vê que é uma coisa pessoal certo? Então, eu acho que cabe do professor, e assim, eu sempre gostei, eu nunca fui bom, é diferente rs, mas eu sempre gostei de estudar né, a matemática pra mim, por exemplo, sempre foi um desafio, o meu cérebro foi desenvolver a matemática, eu fui desenvolver a matemática lá na metade da faculdade, hoje eu conheço um pouquinho mais né, éé, mas eu acho que a gente tem que estar sempre estudando, sempre renovando, sempre procurando informações. Eu gosto muito de entender como o cérebro funciona, na questão de aprendizagem, por quê que eu tenho que aprender assim? Então, a gente fala, olha, eu preciso desenvolver essa parte mecânica que eu tô aprendendo, eu preciso desenvolver a parte desse raciocínio que eu não tô compreendendo, o que que tem de novo? Como é que eu aprendo de uma forma melhor? A questão de eu me recuperar do sono, tanto pra atletas como para estudo, então, eu sempre gostei disso daí, e pra mim, é difícil você falar, ah, Paulo, e agora, como é que você vai fazer? Pra mim é tranquilo, vamo em frente! Esse cargo novo de PROATEC, eu vim pra cá, eu aprendi muita coisa e ensinei também, o que eu ensinei aqui foi até pouco, ainda mais pros alunos, mas eu aprendo muito né, o Excel, por exemplo, era uma coisa que eu não mexia muito, tô mexendo aqui, tô aprendendo né, mais da ideia, o WhatsApp web por exemplo, eu nem sabia que existia o WhatsApp web, eu usava tudo no celular, pra quê que tem esse WhatsApp web? O Meet, o Meet eu achei um barato porque eu tive oportunidade de dar aula no Meet no ano passado mas não usei, eu preferi o Youtube, eu deixo gravado aqui e o aluno assiste a hora que ele puder porque tem aluno que tá trabalhando, tem aluno que tá ajudando o pai, então ele vai me devolvendo, dando as devolutivas depois, éé, mas eu vejo, por exemplo, o Meet, tá usando o Meet no computador aí agora? Então, o leque dele é diferente do celular, o celular não tem a condição de trabalhar como você trabalha no computador né, então eu acho que a gente tem que estar sempre aprendendo e eu acho que é da pessoa e dos momentos também, tem momentos que você tá baixo astral, tem momentos que você tá triste né, mas são momentos, ninguém pode viver plenamente numa tristeza infinita porque senão vai pra uma depressão e só piora e ninguém vive em alegria, não é bobo alegre que tá sempre feliz rs, isso não existe né, então nós temos momentos de alegria, momentos de tristeza, temos que saber lidar com esses momentos né. E uma coisa que é importante, que você falou das emoções lá, é entender que eu sou o professor, eu posso vibrar com os meus alunos, eu posso aprender, mas eu não sou o aluno, eu sou o professor, então eu também tenho que mostrar isso daí, não é que eu tô num pedestal e o aluno no outro, não é isso, mas entender, opa, peraí, eu tô aprendendo,

mas eu tô aprendendo pra ensinar pro meu aluno, eu tenho que aprender bem, eu tenho que saber isso aqui bem, porque senão eu vou transmitir errado e vou estar prejudicando um jovem, então, né, esse tipo de situação, eu não vejo pessoalmente uma dificuldade pra mim, eu vejo que tem colegas que sofrem, vejo que tem momentos, mas a gente tem que dar uma força aí e ajudar essa turma a dar a volta por cima, penso eu assim né.

Professora Giseli: Eu já vou aproveitar que você citou a palavra herói, que era uma das perguntas que eu vou fazer pra você. Você acha que o professor, ele pode atribuir esse título de herói pra ele, você se sente, assim, um herói?

Professor Paulo: Então, mas o quê que é um herói? O que é um herói né? O quê que é um gênio? Existe uma definição pro gênio, o gênio é aquele cara que muda a área que ele trabalha, então esse cara, ele é um gênio, ele não é só um contribuinte. O quê que é um herói? Um herói é aquele que salva as pessoas? Mas salva do quê? Salva da ignorância? Se for desse jeito assim, talvez nós sejamos herói todo dia né, mas, éé, é um herói porque ele faz acontecer? E você tem que fazer acontecer, eu não posso aceitar que um aluno entre na escola e ele saia igual todo dia né, repetidinho, a música do Pink Floyd lá, The Wall né, ele tem que sair diferente, ele tem que entrar, ele tem que aprender uma coisa nova hoje, ele precisar ver uma coisa nova, ele precisa de algo que faça a diferença. Então, nós temos que ser heróis nesse sentido aí, de trazer algo novo, e não é fácil, porque, assim, você dar uma aula que prenda o aluno todo dia, você tem que ser muito criativo e isso não é fácil, não é toda hora que você está disposto a criar, e tem coisas que são técnicas, inclusive na educação, que você tem que passar por aquilo e fazer aquilo daquele jeito né! Ensinar tabuada, por exemplo, tabuada é técnica, decora, acabou, a hora que der o tchan, agora eu entendi, que vai dar esse insight no aluno, beleza, vamo pra frente né, você tem que arrumar o movimento, tem que puxar pra frente, tem que erguer o braço, tem que sair, tem que treinar, não tem solução, então, da parte técnica sair pra uma parte criativa, você tem que dominar isso, e isso aí não é legal, você repetir sempre, cansa, enche o saco, e você repetir de uma forma nova, cara, tem que ser um herói realmente né. Agora, não sei se o professor, ele é só um herói ou ele é um sobrevivente também dessa situação toda que existe né, ah, você é um herói? Não sei, acho que sou um sobrevivente rs, certo! Você não tinha que botar essa pergunta aí não rs porque o cara também é um sobrevivente, pô, você já imaginou o cara que trabalha, com o nosso salário, lá na capital que o custo de vida é maior? Eu falei, gente, que loucura né! Essa pergunta cabe também, uma coisa interessante, que eu só parafraseando, eu vejo o torcedor de futebol, que vai, quando tinha, antes da pandemia, ir no estádio dez horas da noite pra assistir o time dele do coração, o torcedor de verdade, não aquele que arruma briga, pra depois ir embora meia noite sem metrô lá na capital, então esses caras são apaixonados, e

quando ele é apaixonado, essa dimensão do heroísmo, parece que ela aumenta, eu não sou mais um sobrevivente, eu sou um herói porque as coisas que eu faço, que a coisa aconteça né, éé, mas eu não, eu acho que é uma missão que a gente tem que cumprir, eu escolhi essa profissão, eu tô nela, gosto dela, tem seus altos e baixos, tem seus problemas sim, mas eu sou feliz trabalhando como professor, éé, eu podia, eu prestei vários concursos da Caixa, passei, não passei bem, mas podia continuar prestando até passar em uma, mas não sei se eu ia ser tão feliz porque o contato que a gente tem da educação é uma coisa diferente, você construir um outro ser humano, você se auto estar sempre construindo, sempre se renovando né, éé, não só por essa questão tecnológica, olha onde nós estamos, usando a tecnologia como uma ferramenta pra se comunicar, o importante é a comunicação, a tecnologia é a ferramenta pra gente chegar lá né. Então, essa questão do herói aí, acho que nós temos momentos de heróis e momentos de sobreviventes viu rs.

Professora Giseli: Perfeito! Então, se eu perguntar, assim, agora, se você se sente realizado, você vai falar sim ou não, sobre a sua profissão?

Professor Paulo: Olha, sim e não também rs! Sim, por quê? Porque meu salário evoluiu, minhas condições de trabalho foram melhorando com o tempo, porque você vai tendo mais pontuação, você vai escolhendo numa escola só, então são condições que vão te melhorando. Realizado, ainda não porque sempre tem que melhorar né, sempre tem coisa, preciso melhorar isso, preciso melhorar aquilo, preciso avançar nisso daqui, preciso fazer isso de forma mais rápida, por exemplo, lá nos vídeos do Youtube, se você assistir alguns vídeos meus, você vê lá que tem vídeos de vinte minutos e eu acho um inferno vídeo de vinte minutos, o vídeo tem que ser mais rápido, o aluno não prende a atenção com vinte minutos, é muita coisa, então né, preciso melhorar isso né, mas eu preciso falar disso aqui, não posso esquecer, não posso ter outro vídeo, então, a gente tem que sempre estar buscando melhorar né. A gente faz as autorreflexões né, você fala assim, nossa, hoje eu dei uma aula que foi sensacional, ah, você olha, você vê daqui uns dois meses, três meses, eu falei, gente, porque que eu fiz isso, não fiz diferente né? Então, você tem que estar fazendo essa auto avaliação sempre! Pô, agora surgiu isso aqui, como que eu vou fazer isso de uma forma mais rápida? Eu lembro que eu queria passar um pequeno vídeo pros alunos, eu tinha que levar o notebook, o Datashow, a caixa de som, extensão, parecia que eu ia, uma tela, parecia que eu ia acampar, os alunos falavam, nossa, você vai acampar professor? Eu falava, vou acampar na sala aqui, e depois ainda ir pra quadra, senão a molecada ficava aquela tristeza né. Essa é uma coisa interessante também, por exemplo, as aulas duplas, tem as suas vantagens e desvantagens; a vantagem é que você consegue fazer mais, então eu consigo passar um vídeo e depois levar pra quadra pra executar aquilo que nós vimos no vídeo;

a desvantagem é que se você pega um feriado, você perde tudo! Então, são situações, e eu acho que a gente tinha que brigar na educação física, no futuro aí, pra ter a sua aula de prática mesmo, ó, essa aqui é aula de prática pessoal, isso aqui vai ser prática, nós vamos andar, nós vamos correr, nós vamos fazer exercício, isso aqui é aula de prática, nós vamos conhecer o movimento, e isso aqui vai ser seu momento de teoria pra você usar fora da escola, então, como é que eu agacho pra pegar um peso? Como é que eu vou usar a força da perna? Como que eu faço os primeiros socorros em casa, coisa básica né, éé, como é que eu me porto? Como que eu sei que o professor da academia não tá me tomiando, não tá me enganando? Então, as coisas, os momentos da escola, porque você tá vivendo a escola, e os momentos para o dia-a-dia, eu acho que a escola precisa ter essa diferenciação no futuro, institucionalizada. Vou te dar um exemplo aqui, éé, eu lembro quando eu cheguei aqui num ano, eu trabalhei tudo, teve as férias da molecada, eu falei, ó, vamos passar esse texto! Ô sor, leva nós pra quadra, leva nós pra quadra! Eu falei, não, vamo passar aqui rapidinho já vou levar vocês pra quadra, copia isso aqui, vamo fazer rapidinho! Ô sor, vamo pra quadra! Ô, vocês passaram as férias inteira jogando bola! Não professor, não passamos as férias inteiras jogando bola, aonde a gente jogava bola construíram um supermercado, aonde a gente jogava bola, tomaram lá o terreno e fizeram outra coisa! Então, o espaço do jovem tá sumindo também, e tem aluno que só faz atividade física na escola, só pode jogar bola na escola, então, a escola tem que ser um centro também! Já faz tempo que a escola tem que servir à comunidade, que ela tem que abrir a noite, que ela tem que ter outras funções, que ela tem que vir aqui, que o cara pode jogar uma bola, não precisa ser o professor de educação física, pode ser outro professor, mas ela tem que ser, ela tem que ter essa sala de leitura funcionando, com computador, com internet, o cara lê um livro, faz uma pesquisa, então, a escola tem que mudar, ela não tem que ser só escola mais, ela tem que ser um centro cultural, na minha modesta opinião né, mas eu acho que isso aí vai levar um tempo ainda.

Professora Giseli: Ah, era a próxima que você ia responder, o quê que você esperava pro futuro e você acabou de falar.

Professor Paulo: Não só pro meu futuro né, eu quero que a escola vá além dos muros né, e que a comunidade entre na escola. Você pega, por exemplo, e outra, vamos supor, você constrói uma escola em determinado bairro, aquele bairro cresce, e tem pouca criança, a escola vai perdendo a função, então, aquela escola se torna um centro de integração daquela comunidade, ela é escola, ela é um centro de comunicação, ela é uma quadra pra prática esportiva orientada certo, ela é um centro cultural, ela vai ter dança, ela vai ter para os adultos, então, eu acho que a escola, ela tem que se ampliar, é claro que a gente fala isso pro pessoal mais velho, o pessoal arrepiado pelo né, diretor então gela rs e, muita gente teve experiências fantásticas na escola da

família e muita gente teve experiências negativas, têm que ponderar tudo isso daí certo, e eu acho que a presença da família na escola é importante e se for num bairro que o pai pode ir pra escola porque não? Ó, lá na escola vai ter um teatro hoje pai, vamo lá assistir à noite né! Então, só que aí entra na questão de carga horária de professor, de carga horária de trabalho, é uma coisa que precisa ser remodelada, ah, eu já trabalho minhas quarenta horas, tem que vir mais à noite ainda, vou ganhar GTCN, não vou, como é que vai ser isso? Então, tudo isso tem que ser estruturado né, tudo isso tem que ser pensado, analisado, tem que se pagar sim, as pessoas não podem trabalhar de graça né, mas a escola tem que ir além, como ela já vai hoje através da internet, isso tem que continuar né, o acesso aos pais mais fácil, o acesso ao aluno, tem aluno, mãe que veio aqui me visitar e falou, ah professor, não fiz nada por causa da tecnologia! Então, meu querido, se você não fez nada por causa da tecnologia vamo arrumar, mas eu também preciso falar da parte pedagógica pra ele, você precisa fazer, você precisa se organizar, você tem que ter os horários, então, é difícil pros jovens, é difícil pro adulto, é difícil pra nós, ó, agora nesse momento eu vou fazer isso, nesse momento eu vou fazer aquilo né, é chato, mas funciona, e você tem resultados, e tem hora que você precisa ter resultado, eu preciso criar, eu preciso desenvolver, como é que eu vou fazer se eu não pegar firme, se eu não colocar um horário, não estipular, pra eu poder fazer um curso, por exemplo? Não tem como, o seu doutorado, se não for assim, você tem que se organizar!

Professora Giseli: E sobre a formação continuada que o Estado oferece, qual que é a sua opinião sobre as formações do Estado?

Professor Paulo: Olha, é assim, éé, vou dar um exemplo pra você, eu fiz uma formação pro ensino híbrido há muitos anos atrás né, e foi muito boa, foi muito legal, e agora teve uma renovada e eu fiz também porque aquela não valia mais, então, o que eu acho é esse peso e medida, peraí, eu fiz uma formação, ela vale, é legal tudo, eu vou fazer outra porque tem coisas novas, porque hoje é assim, então eu acho que já facilitou certo, porque também, olha, o que que o Estado quer? Eu quero isso do meu professor, então vou dar essa formação, ah, eu discordo dessa formação! Tudo bem, você pode discordar, eu faço ela, não concordo com isso, não concordo com aquilo, eu fiz uma formação de nutrição, agora foi patrocinada pelo Estado pela USP né, sobre nutrição e tinha coisas que eu discordava e coisas que eu concordava, ah, transformar a escola, uma horta na escola, eu falei, gente uma horta na escola, quem que vai cuidar, os alunos vai cuidar, o pai vai cuidar, o aluno vai poder vim, o pai vai poder vim, quem que vai regar isso aqui todo dia? Então, são coisas que são muito lindas na teoria, mas na prática a coisa pesa! Então você precisa verificar isso daí, essas condições né, óia, mas não é fácil não!

Professora Giseli: E, assim, qual que é a relevância social do trabalho do professor?

Professor Paulo: Olha, social, é ter o aluno em casa, o aluno no depósito aqui rs, eu conversei isso hoje com o professor de história aqui, olha, nossa profissão tá sendo valorizada agora pela sociedade porque os pais estão com os filhos em casa e não tão conseguindo ensinar, isso é uma coisa, a outra é porque só porque tão com os filhos em casa e não aguentam os filhos em casa certo rs, então até que ponto a escola é depósito de aluno e até que ponto é um lugar que vai fazer a diferença na vida e vai modificar a vida desses alunos? E, nossa, eu tenho uma crítica né, de uma forma geral, assim, éé, a progressão continuada, ela foi, assim, eu tenho muitas críticas sobre ela, mas uma coisa a gente tem que entender, eu tive um irmão que reprovou um ano, e pra ele não foi bom, não serviu pra nada pra ele reprovar um ano, isso na minha experiência pessoal certo, então, a reprova anual, ela é muito complicada, eu acho que a escola precisava trabalhar com módulos, você sabe esse módulo, agora você vai pra outro módulo, você já sabe esse módulo, então você já sabe somar e subtrair, então você vai multiplicar e dividir, e assim você vai indo, ah, você sabe éé, correr já, ótimo, então vamo correr na ponta do pé em uma distância curta, vamo correr com o pé chapado à uma distância, então você já vai aprimorando, então você já vai avançando no conhecimento e vai mudando, só que uma escola por módulos, ela é cara, porque o aluno frequenta aquele módulo até ele aprovar, até ele passar, até ele entender, até ele dominar aquela habilidade pra ele poder ir pra outra, então isso facilita né, porém ela é uma escola cara porque, às vezes, esse aluno precisa ficar dois bimestres aqui nesse módulo, talvez ele precise ficar três, talvez ele fique um só, só que ela se torna muito mais individualizada também né, e a gente generalizada, ó, vamo fazer educação assim pra todo mundo ir igual, mas nós somos tudo diferente, porque que nós temos que ir todo mundo igual certo rs? Olha o Centro de mídias, que loucura, você já assistiu as aulas no Centro de mídias? A molecada quer morrer, a molecada que tá estudando fica louca. Porquê? Porque é repetitivo, e é repetitivo por quê? Porque tem aluno que não fez nenhuma vez ainda, tem aluno que tá sem acesso à internet, então a gente tem que entender isso daí, só que o quê que o Centro de mídias não entendeu é o seguinte, que ele pode falar assim, olha, pessoal, nós estamos estudando isso, isso e isso, e quem perdeu essas aulas, está no repositório, quem perdeu essa aulas, está no Youtube! Então o cara pode ir atrás né, não precisa estar sempre repetindo, repetindo, repetindo a mesma aula, repetiu uma coisa, olha, nós falamos isso nessa aula, foi assim, assim, assim, dá um resumo rápido é uma coisa, mas estar sempre repetindo a mesma coisa, judia da turma né! Então, a escola tem muito que contribuir e avançar, e essa progressão continuada, por exemplo, muita gente entendeu errado, ah, então o aluno vai passar? Então eu não preciso dar nada, ele vai passar de qualquer jeito! Não, não é isso, é um crime meu filho! E o aluno precisa aprender sim e a maioria dos professores trabalham bonitinho sim sabe, a maioria trabalha bem, mas éé,

o problema dos Estado é que nem professor e aluno, você tá na sala de aula e em quem que você presta atenção? Naqueles dois malditos que te dá trabalho, você não presta atenção no resto que vai bem, e o Estado é parecido, ele pune todos os professores por causa de uma pequena parcela que vai mal, certo, então, precisa desmitificar isso daí, precisa parar isso daí, separar o joio do trigo, ô perai meu amigo, essa turma que vai mal? Tchau e bença, essa turma que vai bem? Opa, vamo lá, condições de trabalho melhor pra eles. Ah, não, todo mundo é igual! Não é, não é, não é igual! Você não tá fazendo doutorado? Então, eu não tô fazendo, nós não somos iguais, viva a diferença, graças à Deus certo, cada um do seu jeitinho, poxa vida! Então não tem, esse papo de tudo igual, tudo igual, pra mim não cola certo, pra mim, tudo igual, o que que acaba acontecendo, acaba nivelando por baixo. Ah, vou tratar todos os meus alunos iguais! Não, precisa tratar diferente o diferente, esse aluno é especial, preciso lidar mais com ele aqui, ô, esse aluno é mais inteligente, dá um desafio pra ele né. E aí tem aluno, ô professor, você deu dez, você deu oito pra mim e deu dez pro maluco lá que não sabe escrever! Eu falo, mas filho, você não é igual a ele, você é diferente, você pode mais, ele tá no máximo dele! Isso tem que ser claro, as regras do jogo têm que ser claras para o aluno no dia-a-dia. Por quê que você tá tendo essa nota? Por causa disso, disso e disso, ó, esse trabalho é isso aqui, então, a primeira coisa que tem que ter é aumentar essa transparência né. Então, a progressão continuada veio, existe certo, não acho que a reprova seja o caminho, mas acho que a maneira como a gente entendeu a progressão também não é a forma, e, assim, o cara reprovar hoje, um ano, num mundo de alta velocidade que a gente tem, putz, é duro também hein! Vamo voltar no modelo antigo, reprova, reprova, reprova, tá, mas, o cara não desenvolveu, ele tem o tempo dele, por isso que eu acredito numa escola por módulos no futuro, então esse módulo, você desenvolveu isso, então vamo passar pra frente agora, fica aqui mais um pouco comigo, com esse professor, depois você vai lá pro outro né. Mas, isso aí também é um sonho né rs!

Professora Giseli: Você já pensou em exonerar seu cargo alguma vez?

Professor Paulo: Ah, se eu passasse na receita federal eu tinha exonerado hein kkkk! Eu fiquei uma época nos concursos aí, prestando, e ao mesmo tempo eu fui evoluindo na educação né, agora, se eu passar eu exonero, mas nem, mas é só ideias né? Agora, assim, vou exonerar pra ir morar nos Estados Unidos, minha irmã tá morando nos Estados Unidos, vou exonerar aqui pra ir nos Estados Unidos, bom, primeiro que eu não vou trabalhar lá como professor, vou ter que trabalhar lá como faxineiro, não que seja ruim, porque minha irmã trabalha como faxineira lá e tem uma vida muito boa, mas é o seu sonho de profissão entendeu? É o que você quer como profissão né? Então, eu nunca pensei em exonerar porque eu aprendi a gostar de ser professor, eu tive medo de ser professor no começo, porque eu tinha medo de falhar né, putz, eu vou errar

e eu não posso errar, eu não posso errar porque eu tô prejudicando uma vida! E aí eu fui aprendendo que eu erro todo dia rs, mas que eu posso corrigir, ir lá depois procurar o aluno e falar, ó, não é mais assim, é desse jeito, ó, faz assim, faz desse jeito aqui né, pô, pensei dessa forma, conversei com um colega, pô Paulo, e se você fizer diferente? Putz, olha que legal, esse jeito também aí é jóia de fazer, vou fazer assim! Então fui aprendendo também com os colegas de profissão né, muita coisa do dia-a-dia, muita coisa boa, ô Paulo, fiz isso, isso e isso, achei que era uma aula sensacional, daí eu expus, e se você fizesse assim? Putz, olha que sacada né, que legal! Então, a gente tem sempre que tá aberto né, tem coisas que a gente recusa sim, no começo, vou te dar um exemplo aqui, o ano passado eu não dei meu WhatsApp pra nenhum aluno, eu não queria, nesse ano chegou o chip do governo pro professor, opa, agora eu dou, tá aqui ó, porquê? Porque agora eu tenho um chip profissional, esse aqui é da profissão, só que não é o particular, então a gente tem saber, a gente quer dividir as coisas pra facilitar, mas tem que tentar deixar o profissional no profissional e o particular no particular porque senão a gente fica louco, só que é assim, a gente é um pouco de cada um né.

Professora Giseli: Já era a próxima pergunta, se você acha que o professor consegue separar a vida pessoal e a profissional, você acha que dá pra separar?

Professor Paulo: Não tem um botãozinho né, ó, agora eu tô no pessoal, ah, agora eu tô no particular. Eu vejo alguns professores aqui, e isso é uma coisa muito legal né, eles falam assim, aquilo que é pro aluno eu corro atrás, aquilo que é burocrático eu não vou fazer fora do horário de serviço! Só que é assim, a gente tem que aprender a ser eficiente né, no sentido de se sentir bem também, então, aquilo que eu puder fazer no meu horário de trabalho, burocrático ou pedagógico, eu tenho que fazer, agora, se tem alguma coisa que me incomoda, e tá lá no meu particular, eu vou tirar o fim de semana mas tem alguma coisa me incomodando, você precisa resolver senão você não vai curtir o fim de semana também, você não vai curtir o seu horário de lazer, certo, então, o que eu posso fazer? Eu posso fazer isso, então eu vou fazer isso, pô, mas isso aqui tá me incomodando, isso aqui tá, vai ler, vai, ah, esse negócio que eu tenho que entregar, leia, pega, faça, entrega, entendeu, e eu acho que aquilo que a gente tava falando das ferramentas, o computador facilitou muito, o celular também, então, tem documentos que são burocráticos, você vai fazer ele, ele tá feito, tá feito no Word, pronto, tá salvo, perdão, agora eu vou lá, mudo alguma coisinha, mudo outra, acrescento isso que eu estudei e vou renovando esse documento, mas você já pensou, todo ano tem que estar mimeografado tudo aquilo, outra vez? Então, a tecnologia vem pra facilitar esse trabalho repetitivo, na minha opinião, e eu não posso deixar o trabalho ser repetitivo, agora, tem coisas que tem que ser repetitivas, que você tem que repetir ali, e tem coisas que você pode mudar, acrescentar, criar, que também não é fácil criar

né, agora, o negócio de ó, desliguei, agora eu tô particular, não sei, depende muito da consciência de cada um né. Eu via meu pai, por exemplo, ah, eu preciso espairer, ia pro boteco e enchia a cara, eu falei pô, kkk, que problemas né, devia ter mil problemas financeiros, na época a gente era criança tudo, mas a fuga da realidade era aquilo né, mas eu preciso enfrentar a minha realidade, a minha profissão, mas peraí, chegar em casa, opa, vamo aqui fazer uma comida gostosa, vamos dar uma caminhada, vamo fazer isso aqui, vamo bater um papo aqui com o filho aqui pra ver o que tá acontecendo, você precisa ter esses momentos né, e, mas é duro, vamos supor, aconteceu uma tragédia aqui na escola, como é que você vai lidar com isso aí? Aconteceu uma tragédia, isso é diferente, não é do dia-a-dia! Agora, quanto menos você levar pra casa melhor! Agora, o que, às vezes, é muito louco é a nossa empolgação, de repente você começa a fazer um negócio e você chega em casa, nossa, isso aqui é muito legal, dá aqui, junta aqui e não sei o que e aí fica pro lado, você precisa tomar cuidado, você precisa tomar cuidado com isso aí! Eu já tive momentos assim, que eu tava focado no trabalho, que a coisa era tão legal, que eu deixei minha família de lado um pouco. Opa, peraí, calma, cuidado né! Assim como tem gente que vem pra escola, é um inferno, como tem colegas, ó, ir pra escola é um inferno, a escola sem aluno é maravilhosa! Filho, se não tem aluno, não tem escola, meio louco né rs! E a gente vê colegas que sofrem, o cara pisa na escola e faz assim ó aghram! Eu falo assim, gente, que judiação, que vida besta né, e a gente não quer isso, a gente quer o bem pra todo mundo, só que ele tem que querer, eu tenho que vir aqui ser um agente transformador né, do meu dia-a-dia, do meu trabalho, e eu tenho que valorizar o meu trabalho, e isso é uma coisa que a gente não faz, que a gente tá aprendendo agora, com o ensino das tecnologias, eu até converso com os professores, ó, a gente já faz tudo que o pessoal pede, só que a gente não documenta, então a gente precisa aprender a fazer um documento, um documento ágil, um documento veloz, um documento fácil, mas que comprove o que a gente fez, pode ser até um print de tela aqui ó, opa, que esse aqui é um documento nosso kkkk, deixa eu tirar de novo que saiu mais ou menos aqui, aí, beleza, então, isso aqui que eu fiz, esse print de tela é um documento, ó, fiz uma reunião, foi assim, assim, assim, saiu o horário né que eu tive aqui, então, a gente tem que aprender a usar essas ferramentas né, a gente faz muita coisa e aí você vai ver, o que que você pode apresentar? Eu não tenho nada, não tenho um documento pra aquilo que eu fiz, não uma foto, não tenho um print de tela, e você fez, você trabalhou, agora a gente precisa se organizar nisso daí né. Mas eu acho que separar isso aí, o trabalho do pessoal, depende muito do momento né. Eu vejo aqui os professores, tem hora que eu preciso bolar uma aula, boleí uma aula sensacional, o cara vai em casa fazer, termina lá porque foi muito legal pra ele e tem gente que não, ó, eu vou fazer isso, isso, isso e isso, e acabou, e tudo bem também,

não tá errado certo. Eu acho que a gente desliga quando o problema tá resolvido, entre aspas né, porque senão você não desliga, isso é o que eu penso né.

Professora Giseli: E, assim, às vezes tem algumas situações ao longo da nossa atuação que a gente acha que não vai conseguir resolver, fala assim, ah, não vou conseguir resolver esse problema, qual que é a sua estratégia, o que você faz pra conseguir resolver ou fugir da situação?

Professor Paulo: Olha, o que tá no meu alcance, eu posso fazer isso, posso fazer isso aqui, então eu vou fazer isso daqui, e aí você acerta, você erra, você ganha experiência, eu falo assim, opa, isso aqui eu não posso fazer desse jeito né! A gente vê os dias também, tem dias que você tá com o humor atacado, você acaba brigando, discutindo com colega, discutindo com aluno, porque o seu dia não tá legal também, mas você tem que ter a percepção, opa, peraí, não tô legal hoje né! Éé, vamo lá, não é fácil não, não é uma coisa simples, só que, assim, a gente vê também que é individual de cada um! Como é que eu vou dar uma resposta positiva agora se eu não tenho as condições de ajudar essa pessoa? A gente fica, a gente fica transtornado, e às vezes acontece de você daqui um tempo, putz, hoje eu tenho a solução pra aquele problema, porque hoje eu tenho a experiência, hoje eu tenho a vivência, hoje surgiu a ferramenta nova pra eu poder me auxiliar naquilo lá né, éé, vivenciei aquilo, então, não tem, e tem coisas que você fala assim, olha, depende muito do problema, que nem teve uma situação aqui na escola que o menino queria uma ajuda pra fazer uma vaquinha virtual, uma vaquinha virtual pra ajudar a escola, foi uma boa intenção, mas eu falei pra ele, filho, é o seguinte, legalmente você não pode fazer isso. Mas por quê? Porque não tem CNPJ pra isso daí que você tá querendo, não existe, pras entidades precisa ter CNPJ, como é que nós vamos pegar o dinheiro das pessoas, botar numa conta particular? Tem que ter a conta dessa entidade que você quer aí. Hum, não, mas nós vamos fazer! Sim, é boa na intenção, mas na legalidade não é! E o menino ficou chateado comigo entendeu, e aí eu falei, poxa, e à vezes ele deve ter ficado pensando assim, o professor não quer fazer, o professor não quer fazer, o professor não quer fazer, mas tem a questão legal e a gente precisa mostrar isso aí pra eles. Eu vou procurar um advogado! Eu falei, isso, procura que ela vai te orientar né, como é que você vai pegar o dinheiro das pessoas e falar assim ó, eu vou pegar dinheiro em nome da escola, vou pegar aqui mil reais pra comprar bola pra escola né, é uma atitude legal, só que envolve o nome da escola, e se você sumir com o dinheiro? E se eu sair por aí batendo nas casas e falar ó, me empresta dez reais aí que eu tô pegando pra escola! Como é que o cara sabe que eu sou da escola? E se o cara ligar aqui na escola e falar assim, ó, não tem ninguém pegando aqui, não autorizamos ninguém né! Não, mas faz um PIX aí, o PIX vai cair na conta de quem? Se aparece no PIX lá ó, éé, APM da escola é uma coisa, mas se aparece o seu nome, opa, então, você vê, são situações que a gente tem que aprender a lidar no

dia-a-dia e o menino ficou muito chateado comigo, mas eu fiquei tranquilo, porquê? Porque eu mostrei a questão legal da coisa e não é que é má vontade, então foi uma situação que eu saí tranquilizado. Agora, tem situações, por exemplo, que nem o menino que tem aqui, que ele tem um problema, ele não sabe ler, não sabe escrever, não sabe pegar um ônibus, ele não sabe contar dinheiro, eu falei, gente, como é que nós vamos ajudar esse menino a pegar um ônibus pra voltar pra casa? Ah, ele precisa trabalhar, o trabalho dele é pegar pacotinho no mercado, pôr as coisas dentro tal. Tudo bem, que seja, que seja esse o trabalho dele, e como que ele vai receber? Como ele vai saber que ele recebeu? O que ele vai fazer com o dinheiro se ele não sabe o valor do dinheiro? Então isso é uma coisa que preocupa a gente todo dia, que é uma situação que a gente não tem as ferramentas pra ajudar, precisa ter um contato com a SORRI, precisa ter um contato com a APAE, a escola precisa fazer essa ponte né, éé, o que que nós podemos fazer? Então o menino foi evoluindo esses anos? Evoluiu, mas ele ainda não sabe, ele ainda não é autônomo, então é situação que deixa a gente assim, falei, puta que pariu, o que que eu posso fazer mais que eu não sei né? Isso foge do nosso controle, foge do nosso universo de resolver problemas, e, talvez, o cara nunca aprenda, talvez ele sempre vá precisar de alguém pra ficar com ele, pra levar ele no mercado, pra buscar ele no mercado, isso se ele conseguir um emprego no mercado, pra pegar o salarinho dele, ó, isso aqui você pode comprar, isso aqui você não pode comprar! É uma loucura isso, mas acontece, tem, e é uma verdade e é uma situação que eu não tenho como ajudar mais, pela minha incapacidade de conhecimento pedagógico de avançar naquilo, ou pelo problema neurológico que ele tem, mas eu me sinto muito limitado, muito limitado e eu não vou resolver esse problema, e eu vou ter que conviver com isso, e eu preciso conviver, eu preciso conviver porque isso aí não pode me destruir, porque é um aluno que eu não consegui ajudar porque eu sou limitado disso, então preciso quebrar as minhas limitações e tentar aumentar o meu leque de conhecimento, isso é uma coisa que eu tenho que fazer porque virão próximos, não é só ele, virão outros, porque a escola é para todos.

Professora Giseli: Paulo, e em uma palavra, pra resumir, o que te faz superar os problemas e continuar na carreira? Em uma palavra.

Professor Paulo: Em uma palavra, ah, esperança, a esperança não de esperar que as coisas melhorem, mas de estar sempre buscando as soluções né e sem pressa e contínuo, sem pressa e contínuo, nesse sentido de esperança né, éé, porque senão você abandona. Eu acho assim, a escola de quando eu era aluno é diferente da escola de hoje, a gente até fala, nossa, se tivesse as regras da pedagogia de antigamente, com as técnicas e a pedagogia de hoje, misturasse, a escola evoluiria muito, mas naquela época nós tínhamos sessenta por cento dos alunos em idade escolar na escola, hoje nós temos noventa e nove vírgula nove. Então, a progressão continuada,

ela foi um problema porque não tinha escola pra todo mundo, então teve que passar todo mundo só que hoje você tem todo mundo na escola, qual que foi o problema? Hoje, as pessoas que passaram pela escola e são pais não dão valor a escola e querem que os filhos apenas venham pra escola pra não ficar em casa enchendo o saco, que os filhos passem pela escola e a escola tem que ser um lugar transformador, é um lugar que a pessoa mude o seu pensamento sobre a própria vida, então isso tem que mudar, e isso vai ser, e não é a reprova que faz mudar isso, é o professor no dia-a-dia, é o professor chegar lá e mostrar pro aluno, você tem que fazer isso porque isso aqui vai ser legal, isso aqui vai ser pro seu bem, ele tem que dar o exemplo certo. Eu vi colegas de língua portuguesa levando alunos em sala de leitura e fazer uma aula ali que você fica apaixonado, eu falei, gente, por isso que essas crianças adoram ler, esse professor transmitiu a paixão dele ali pros alunos naquele momento, é isso sabe, esse tipo de coisa, e isso me deixa cheio de esperança porque, gente, nós temos profissionais maravilhosos em todas as escolas, não são valorizados, é verdade, mas nós temos muita gente, nós temos muito mais professor sensacional, espetacular, do que professor pancadolé, tem professor pancadolé também mas tem muito professor top, muito, muito, que não é reconhecido, mas se ele for reconhecido pelo seu aluno eu tenho certeza que ele já se valoriza né. Então, eu acho que essa esperança, de estar buscando algo novo, não de esperar, mas de buscar, olha, vamos buscar soluções pros problemas que a gente tem né. E outra coisa, dimensionar, o problema é esse aqui, então é esse o problema, o problema não é esse gigantesco, enorme, não, o problema é desse tamanho né, e eu vejo isso nos grupos de professores, ahaha, ele é horrível, não sei o quê, eu falei, gente, calma, Jesus amado kkk, é um problema realmente mas não é tudo isso! Então, é a esperança minha querida.

Professora Giseli: E você acha que o professor, ele precisa de algum privilégio, de alguma recompensa, você acha que precisa?

Professor Paulo: Olha, é difícil você falar num país de privilégio onde a elite nossa é sempre privilegiada né, a elite política principalmente né, com mordomias, você vê, éé, os nossos juízes com vale paletó, vales refeição maravilhosos, os nossos deputados com vale viagem, avião da FAB, eu falei, gente, então, privilégio é uma coisa meio que sacana né, porque eu queria comprar as coisas com o meu dinheiro, vou te dar um exemplo aqui, meu salário veio errado, meu salário veio errado quando eu virei PROATEC meu salário veio errado, dois meses, e eu não recebia ticket porque depois que ganha um certo salário o professor pára de comer rs, não recebe mais ticket né, então não recebo ticket, e aí veio ticket, eu falei, pô, esse ticket, será que tá certo eu gastar ele porque meu salário vai ser corrigido, meu salário foi corrigido, meu salário foi corrigido e esse ticket pra mim não é o certo! Ah, mas é o certo porque naquela época você

não recebia! Eu falei, tudo bem, vou aguardar um pouco, vamos esperar, vamos ver, se for legalmente correto, que é para mim, então tudo bem, eu gasto ele, se não for, devolvo ele né! Mas eu acho que essas coisas não tinham que ter, não tinha que ter ticket, não tinha que ter vale transporte, não tinha que ter vale gás, não tinha que ter vale paletó, você tinha que ter um salário, e com o meu salário eu faço o que eu quero, é o meu salário certo? E isso eu vejo de uma forma geral para todo o brasileiro, não para o professor, eu acho que ninguém deve ter privilégios certo, inclusive, o professor, você pode até ficar com ódio de mim, com raiva, não tem problema, é mais um, pega a senha aí rs, fica na fila, e assim, o recesso, gente, recesso, recesso, legal, jóia, é um descanso, mas o certo é eu tá pegando meus alunos que tem problema, dificuldade, e bolando situações pra ele, porquê? Porque eu já tenho as férias, o aluno precisa de férias, biologicamente, mentalmente, é uma restauração para o cérebro, agora o professor, ele é um adulto, não tem mais o mesmo cérebro biológico dos nossos adolescentes, então, recesso, peraí, peraí, peraí, peraí, então eu sou igual Brasília, recesso, não, eu, sinceramente, acho que o professor deveria trabalhar e ganhar por isso, agora, o que que acontece, a discussão que eu já tive com alguns colegas, ah, a gente não ganha bem, então merece o recesso, certo, então é isso, o pessoal simplifica desse jeito, assim como eu já escutei falar também de juiz, olha, o juiz não ganha bem, então ele merece o auxílio paletó, o auxílio moradia, kkk, certo, então, eu acho assim, precisa de salário né, eu acho que o recesso é um momento que a gente poderia ter de trabalhar offline com o aluno e realmente construir coisas práticas, reais, não ficar só em blá blá blá, em teoria né, o que que eu posso fazer de concreto? Agora, se eu não tenho nada pra fazer, se eu não tenho nada de concreto, se eu não tenho nada pra contribuir, então fica em recesso mesmo e não enche o saco rs, outra coisa certo.

Professora Giseli: E como que você acha que a sociedade vê o professor de educação física? Qual que é a visão que a sociedade tem do professor?

Professor Paulo: Rs, uma vez eu escutei uma frase que era assim, é o unir o inútil com o agradável, o inútil que é professor com o agradável que é jogar bola rs, na verdade, éé, muita gente admira o professor de educação física por causa daqueles momentos de prazer que teve na escola, porque, gente, a aula de você ir pra quadra, ela é um prazer, porque o nosso sistema, ele é um sistema industrial né, sentado um atrás do outro, parece um cárcere, eu preciso sair da sala e aí eu sou livre né, e isso ilude o aluno porque a nossa aula não é livre, ó, nós temos isso aqui pra fazer, nós temos isso aqui pra fazer! E quando você vai colocando isso pro aluno, você coloca desde pequenininho, vai que é uma beleza, quando você pega a turma pro meio como já aconteceu, que a turma não conhece você, nossa, é uma luta, é uma luta! E, eu acho assim, a gente é reconhecido com esse problema, você não é uma fonte de conhecimento, você é uma

válvula de escape, inclusive dos nossos próprios colegas, eu já escutei falar, ó, o professor de educação física é o professor mais importante da escola, por quê? Porque ele não deixa a escola pegar fogo, não deixa a escola implodir, porque ele vai lá tirar o lazer da molecada, ele vai lá dar uma distração porque senão a escola pega fogo! Olha que loucura, eu já escutei isso aí certo, que nós somos o anti-stress, nós não somos o cara que dá aula, nós estamos lá pra desestressar a molecada, e aí os professores vêm e falam assim, quando vai ter um campeonato? Quando você fizer um campeonato de verbo, seu maldito rs!

Professora Giseli: Então, assim, se alguém perguntasse qual que é a nossa função, do professor de educação física na escola, assim, qual que é a base do nosso trabalho?

Professor Paulo: A função do professor de educação física na escola é educar, eu vou até lembrar do Loil, é educar através do movimento, a função do professor de educação física é colaborar com o processo de educação do aluno entendeu, porque é aquele negócio, o estudo na escola está fragmentado mas o conhecimento, ele é uma coisa única, toda a sua história tá aí com você agora, o seu conhecimento matemático, o seu conhecimento biológico, o seu conhecimento químico, é que, às vezes, você não faz uso dele, então você não dá valor à ele, mas tem coisas, por exemplo, vou dar um exemplo aqui que aconteceu prático comigo, nasceu meu filho e eu comprei um vaporizador, aquele negocinho lá, eu passei lá na farmácia e ele faz assim ó, blu, blu, blu, blu, coloquei água aqui em Bauru, blu, blu, blu, blu, blu, eu falei, beleza, levei lá pra Bariri, no primeiro final de semana ele fazia assim ó, fzzzzzzz, falei, ué, o negócio parece que vai ferver lá em Bauru e aqui em Bariri o negócio faz fzzzzz, lá em Itaju faz fzzzzz, ah, a água tem muito mineral, isso eu aprendi na escola, na sala de química, quando tem muito mineral na água a eletrólise é diferente, ela transmite uma energia elétrica muito maior, então por isso que borbulha aqui, e aí eu fui atinar pra uma coisa, que eu nunca tinha visto, eu vi quando eu cheguei em Bauru, que é criança com pedra de rim, eu nunca tinha visto em lugar nenhum, Itapetininga quando eu morei, Bariri né, São Paulo, nunca tinha visto criança com pedra no rim, e aqui em Bauru eu vejo bastante, porquê? Porque a água é ruim? Não, ela não é ruim, ela tem muito mineral, é da natureza da região ter essa água mineralizada, e daí a gente tem que ir conversando, ó, depende da pessoa que tem propensão, tem gente que vai tomar água de Bauru e nunca vai ter nada, mas tem gente que, biologicamente, vai ter essa propensão. Então, esse conhecimento, essas coisas, ela vem da nossa experiência, da sua história, então você não pode descartar, então a fragmentação do conhecimento, ela é importante para a aprendizagem, mas pro dia-a-dia não! Então, eu sou um educador que trabalha o corpo, as sensações do corpo né, éé, a história do corpo, mas que eu não deixo de ir lá na matemática, língua portuguesa, e eu procuro integrar tudo isso daí porque você é tudo isso daí né, a gente

tem essa divisão, nós, ocidentais, tem que fragmentar né, Descartes né, tem que fragmentar pra facilitar o estudo e realmente é mais fácil, mas não é a visão do todo, eu sou tudo, meu corpo é tudo, meu corpo é alma, é espírito, é conhecimento né, é tudo isso daí. Então, eu sou um professor que vem aqui fazer a diferença na vida dos meus alunos certo, em momentos educacionais e momentos também do dia-a-dia né, de passar no intervalo, levar um livro pra ler no intervalo, o aluno, pô, ó o cara, o professor tá ali lendo um livro né! De educar pelo exemplo, tem que ter a postura, fazer funcionar, é isso, que eu penso, é isso aí.

Professora Giseli: Você acha que a profissão de professor, ela tá desconectada dos seus pressupostos, a gente acaba fazendo coisas que não é da nossa ossada?

Professor Paulo: Olha, faz, porque se aparecer um lance de, ó, vamo pintar a escola comunitária aqui? Vamo pintar kkk! Ô, precisa carregar um armário aqui, você ajuda? Vamo ajudar kkkk! Então, você faz coisas, porque é aquele negócio, éé, nós estamos num ponto que a gente sempre fala assim ó, se cada um fizesse a sua parte o Brasil ia ser melhor! Mas, infelizmente, nós estamos num ponto que nós temos que fazer além da nossa parte pro Brasil ser melhor, eu preciso fazer além da minha parte, então, a minha parte é esta aqui, mas se eu puder fazer além e não me prejudicar, eu vou fazer além certo, se eu puder fazer. Eu vejo a menina da faxina, ô Paulo, você é grandão, ajuda nós? E eu não vou ajudar? Eu posso falar assim ó, nesse momento agora eu não posso, mas claro que eu vou ajudar! Não tem essa, ô kkkk.

Professora Giseli: Você acredita que a gente pode ser neutro? Você acha que a educação pode ser neutra e que o professor pode ser neutro?

Professor Paulo: Viu, mas nem xampu é neutro, como que o professor pode ser neutro kkk, é igual água pura, pura não tem nada, não serve pra nada, não, é difícil ser neutro, a gente tem que buscar uma neutralidade, a gente tem que buscar, buscar ser éé, menos desequilibrado possível, mas é difícil porque você tem toda a sua história né, éé, vou te dar um exemplo que a gente vê na política, hoje o país, ele é polarizado, ou você é a favor do Bolsonaro ou você é contra o Bolsonaro, ou você é a favor do Lula ou você é contra o Lula entendeu, eu votei no Lula e não foi aquilo que eu esperava e votei no Bolsonaro pro PT não chegar no poder e também já sabia que ia ser ruim mas vamo trocar pra ver, então, ah, você se arrepende? Eu falei, gente, não é arrependimento, é assim, não tem, a situação desse termo é complexa, e não tem como você ser neutro em algumas situações né, mas a gente tem que procurar ser o mais equilibrado possível e é terrível, é terrível porque, vamos dar um exemplo da justiça, qual que é o símbolo da justiça? É a balança né, equilibrada, só que a justiça, ela é pessoal, a lei é para todos, mas a justiça, o que é justo pra você não é justo pra mim né, então, ô, o professor não tá sendo justo, ô com a outra turma o senhor fez diferente! Mas com a outra turma eu consigo

fazer diferente, com vocês eu não consigo! E eu tenho que ser transparente, ó, é assim, as regras são essas! Ô sor, mas isso não é justo! Sim, mas eu vou fazer desse jeito e tem que ser feito assim! Vocês têm alguma coisa pra acrescentar, pra tirar? Vamos discutir e melhorar. Então, colocar, ser transparente né, porque você ser neutro é difícil hein, é difícil!

Professora Giseli: E, na sua opinião, o que é um professor politizado e o que é um professor alienado?

Professor Paulo: O professor politizado, ele participa das ações da escola, na minha opinião, porque ser politizado não é discutir política, é fazer a política, ó, nós precisamos fazer isso, então, não dá, tem que mudar, tem que tirar isso aqui, vamos discutir, como é que nós vamos fazer? Vamos tirar com a mão esquerda, vamos tirar com a mão direita? Isso é a política, é discutir situações de como nós vamos resolver, vou te dar um exemplo, não chegou os computadores na sua escola, os vinte e um notebooks? Onde vocês vão por isso aí? Então, eu pensei na sala que os professores usam, mas porque eu pensei lá? Porque lá tem internet e tem uma grade, só que é a sala que os professores usam e eles não vão mais usar a sala, então eu preciso discutir isso com eles, isso é política, pessoal, ó, como é que nós vamos fazer, como é que nós vamos fazer? Tá, e se não por lá nós vamos por aonde? Porque eu preciso de uma solução, porque não é só botar que eu não vou por na sala dos professores, eu preciso achar um lugar que nós vamos por isso, e nós temos que achar a solução em conjunto. Então, isso é uma coisa política, a política do dia-a-dia, é discutir e tomarmos as decisões que interferem na vida de todos né, então, eu acho muito difícil ser apolítico né. E, alienado, cara, eu acho que você pode ser alienado em algumas coisas e não alienado em outras, éé, vamos ver um exemplo aqui, você vai escutar uma música, você quer curtir a música, você não quer saber se ela foi feita em quatro tempos, se ela foi feita em oitavas, se ela foi feita em semicolcheias, você não quer saber dessas coisas, o que você quer é curtir, é diferente, agora, o profissional, ele tem que saber essas coisas, então essa questão, pô, às vezes eu quero ficar alienado, me dá um descanso, eu quero ligar a Netflix hoje certo, tem hora que você precisa, mas eu acho muito difícil você acabar ficando alienado de tudo hoje né, éé, sempre as coisas interferem em você.

Professora Giseli: Eu tô quase finalizando aqui já, tô quase terminando. E, às vezes, tem muita coisa que vem imposta pra gente, vem de cima pra baixo, você segue à risca as coisas que vem impostas ou não?

Professor Paulo: Depende kkk, eu vou fazer, eu vou fazer, deixa comigo, eu vou fazer, então, só que assim, éé, um exemplo, o ano passado, no ano passado eu fazia os vídeos pro Youtube, você vai ver que tem um monte, um monte de vídeo, e depois os vídeo cai, some, porquê? Porque foi criado, a SEDUC muito malandra, mandou para os dirigentes e coordenadores

criarem um documento único e aí foi criado um roteiro de estudos, lembra do roteiro de estudos? Foi criado um roteiro de estudos e não foi com a participação do professor, e eu até entendo a Diretoria de Ensino e os coordenadores falarem assim ó, vamos criar um documento único porque se a gente for deixar pra cada escola criar vai ter mil documentos e a DE não vai conseguir controlar isso, até entendo isso, só que, o que que acontece, eu cheguei lá pra minha coordenadora e teve até uma discussãozinha chata na época tudo, mas graças à Deus passou, ó, ou eu faço os vídeos ou eu faço os roteiros, porque eu não tinha, faziam duas semanas que eu não mandava os roteiros né, eu tava fazendo os vídeos, e os meus vídeos contemplam tudo que tem no roteiro. Ah, Paulo, legal, só que o roteiro é um documento oficial. Eu falei, só que, então, eu não vou fazer mais vídeo. Não, mas você pode fazer o vídeo. Não, você não tá entendendo, eu não consigo, eu não consigo fazer o vídeo e o roteiro, ou eu faço um ou eu faço o outro. Só que o roteiro é obrigatório! Beleza, então eu não faço mais vídeo, aí comecei a fazer os roteiros, os roteiros são muito mais fáceis de fazer do que vídeo, depois eu fiz um ou outro vídeo, mas muito menos do que eu fazia antes, então, mas me foi imposto isso certo, e eu tive que fazer, e legalmente está correto, porque é um documento oficial, eu gostando ou não, então eu vou fazer, só que assim, eu deixei de fazer uma coisa que eu gostava e que eu acho que ia render muito mais pro meu aluno. Então, chegam os documentos do Estado que chegam tudo pra ontem, a gente tem que ver, opa, eu consigo fazer isso, isso é importante, vamo fazer, olha, isso aqui não é tão importante, eu vou fazer pra cumprir a tabela, também tem isso né, porque senão você não vence, vou te dar um exemplo aqui, você dá uma nota vermelha pra um aluno, você tem que preencher mil documentos, então, o que o professor começou a fazer? Começou a dar azul pra todo mundo, então não tem que preencher documento, também tá errado certo, ficou aquele oito ou oitenta, o Estado ficou feliz, agora todo mundo tem azul, tá, se eu dou vermelha você me dá trinta documentos pra preencher do cara! Então, precisa tomar cuidado com isso certo, nego começou a dar nota pra aluno que nem existia mais pô rs certo, oxa, éé, tem que saber lidar com isso aí, então tem documentos realmente que nos auxiliam. Ó, minha bateria tá acabando aqui, se parar fui eu, vai, manda o pau aí.

Professora Giseli: E lembrando dos seus professores, que você teve na sua vida inteira, qual que foi especial pra você, quais foram as características desse professor que o tornou especial pra você?

Professor Paulo: O professor Marcos de Geografia do sexto ao oitavo ano, da sexta série à oitava série, era um professor que eu não precisava estudar a matéria dele, eu aprendia tudo na aula dele porque ele era um professor muito dinâmico, as aulas dele eram muito diferentes, e o professor Burian, educação física, que era um exemplo de tranquilidade, de calma, de fazer

acontecer, de fazer a gente treinar também né, levava a gente viajar pra jogos, então, esses dois professores aí me marcaram muito. E teve a dona Neusa de matemática que eu tinha um medo dela, pelo amor de Deus, que mulher brava, e depois, quando eu virei professor, eu encontrei com ela algumas vezes e falei, e aí dona Neusa, aconteceu isso, nossa, nessa época eu era péssimo em matemática, nossa, eu não sabia nada, e hoje, depois eu melhorei um pouquinho, então, são pessoas que né, a dona Neusa pegava muito no meu pé, era um inferno aquela mulher rs, mas era uma pessoa que queria o meu bem. A dona Cidinha, uma professora de língua portuguesa também que sempre queria o meu bem e exigia, e eu não era capaz de entender na época, hoje, hoje eu conheço muito mais de língua portuguesa do que naquela época, por isso que eu falo pra você que a reprova não é uma coisa correta, eu não reprovei nenhuma vez, mas se eu tivesse reprovado eu não ia ter a maturidade, meu cérebro não tava desenvolvido ainda pra entender aquilo, então, mas esses são os meus grandes professores aí né. Na faculdade tive excelentes professores também, sensacionais, o Sérgio me ensinou uma coisa que eu não esqueço até hoje, não perca tempo lavando carro e lavando o tênis, vai estudar! Ele tinha os tênis sujos, os carros sujos kkk, mas ele foi fazer mestrado no Canadá né pô, o doutorado no Canadá, então, o que que é isso daí, quais são as suas prioridades? Então, isso aí é muito legal! Professora Giseli: Tem algum colega de trabalho seu que você admira, que você vê como um exemplo? Um colega professor de educação física?

Professor Paulo: Ah, tem bastante profissional legal hein, tem bastante gente, assim, não vou dizer que tem um cara que é cem por cento, mas eu vejo profissionais que dessa maneira fazem uma coisa, dessa outra maneira fazem outra coisa aqui, eu aprendi muito aqui com a Ana, eu aprendi muito aqui com o Benê, cada um dentro, tem suas limitações também, mas tão sempre, ô Paulo, faz assim, ô faz desse jeito, opa, na prática né, os colegas que a gente tem no encontro, ô, eu fiz assim, fiz desse jeito, ô, como é que você fez isso? Ó, fiz assim. Como é que você fez essa aula? Ó, fiz desse jeito, ou, não fiz essa bosta kkk! Então, cada um tem um jeito e a gente vai aprendendo com todos né, e admiro muito vários colegas meus de profissão viu, e não só da educação física como de outras áreas também, éé, que nem eu falei dessa professora que foi dar uma aula na biblioteca lá em Bariri, que foi sensacional, a Elisângela, eu escolhi minha escola porque ela tinha vindo pra cá, e eu falei assim ô, tem uma professora lá que eu conheço, então eu vou pegar essa escola, e cheguei aqui e ela nem tava mais e o pessoal aqui falava assim, a perfeitinha, a perfeitinha, a perfeitinha, porque ela sempre procurava fazer as coisas com muita qualidade né, então são, tem muitos profissionais que eu admiro assim como tem profissionais que eu falo, gente, aposenta logo esse homem pelo amor de Deus, essa pessoa aí, isso não vale nada rs!

Professora Giseli: E você acha importante trocar experiência? Você acha que os professores sabem trocar experiências?

Professor Paulo: Sem dúvida, principalmente pelas coisas que você já sabe, porque aquilo que você já sabe você não quer mudar e aí quando você vê uma coisa, pô, esse cara fez isso aí de uma forma mais legal do que eu já fiz ou de uma forma mais eficiente, então isso é muito importante, não só as coisas que a gente não sabe, porque, por exemplo, eu preciso mexer em alguma coisa no padlet que eu não sei fazer e eu vou procurar orientação com uma outra professora colega aí, e talvez seja simples, mas isso é uma coisa que eu não sei, agora, quando é uma coisa que você já sabe e você não quer mudar, isso é complicado, mas a gente precisa ter, tá aberto às mudanças né, as coisas novas que aparecem.

Professora Giseli: E quais recursos das mídias e tecnologias podem contribuir para esse contexto pra facilitar, quais recursos podem nos ajudar?

Professor Paulo: Muita coisa, ó, você tem os vídeos, você tem som, você tem o videogame, você tem a própria, o próprio Word que você grava, o arquivo tá lá, você não tem que repetir, você economiza tempo né, então, a tecnologia veio como ferramentas pra gente facilitar, facilitar o nosso trabalho, então, são ferramentas que a gente tem que aprender a usar pra facilitar. Esse negócio, ah, eu não domino isso, eu não quero isso, eu quero aprender, eu falo uma coisa pra você, eu só não uso o celular, porque o celular tem ferramentas limitadas, porque se eu pudesse eu usava só o celular, eu digitava só no celular, eu usava o powerpoint só no celular, fui fazer edição no celular, uma tragédia né, aí fui fazer online, uma tragédia também, você tem que ter ele baixado, ele funciona melhor baixado, mas são experiências né, éé, mas são ferramentas que nos auxiliam pra chegar onde nós queremos, a fazer um documento mais rápido pra me livrar da parte burocrática, a preparar uma aula mais eficiente, a trabalhar uma visualização, eu tenho uma parte gráfica aqui nessa aula, eu tô precisando ter uma visualização, impactar uma parte visual, então são ferramentas que a gente tem.

Professora Giseli: E, pra finalizar, você acha que a mídia e a tecnologia, ela motiva o professor, ou é o contrário, é o professor motivado que vai fazer uso das mídias e tecnologias?

Professor Paulo: Eu acho que é mais esse ponto aí, o professor motivado, você entendeu? Porque a tecnologia não vai te motivar, a não ser que seja algo que te prepare, olha, eu queria isso na minha aula e agora eu tenho essa tecnologia pra fazer isso né, éé, mas eu acho que o professor, ele sempre busca né, o professor, ele quer dar uma coisa diferente, ele busca essas coisas diferentes. Que nem eu falei pra você, hoje, se eu for numa sala de aula e ter uma televisão, o celular e a televisão, eu faço tudo aquilo que eu fazia antigamente, que eu tinha que carregar uma tela, um projetor, um Datashow, caixa de som, hoje eu faço tudo com mais

facilidade, então, a tecnologia existe pra nos facilitar certo, facilitar o nosso trabalho, ela não vai fazer o trabalho pra nós, nós é que temos que trabalhar, mas ela facilita muito né, então.

Professora Giseli: E, assim, pra finalizar, um tema que você acha importante ser discutido entre professores, pra ter uma formação, assim, um assunto que você acha importante falar, pra ser discutido?

Professor Paulo: Ah, nas formações dos professores.

Professora Giseli: Que a gente chama de tema gerador né.

Professor Paulo: Eu acho assim, que uma coisa muito importante, que é para os alunos, e para nós, é a organização do tempo, você se organizar, você aprender a organizar o seu tempo, então, o que eu tenho de tempo livre, o que eu vou fazer nesse tempo livre? Eu vou comemorar, eu vou estudar, eu vou curtir, eu vou cozinhar, eu vou visitar com a família, eu posso fazer tudo, desde que, e a gente se engana, eu quero fazer tudo num dia só! Não, hoje eu vou estudar piano, hoje eu vou assistir um filme, hoje eu vou bater um papo sério aqui com meu moleque, hoje a gente precisa de novo, então, a gente quer fazer tudo da nossa vida num dia só e a gente acaba não fazendo é nada. Então, eu acho que a organização é algo que a gente tem que aprender ainda, sempre mais, e é chato você se organizar, você montar no começo, porque nós queremos ser livres, ah, livre pra fazer bosta nenhuma, você acaba não fazendo nada certo rs, ou então você acaba fazendo só aquilo, então eu acho que é uma coisa que a gente tem que aprender, e as aulas de orientação de estudo e as capacitações de OE servem pra isso também, ó, peraí, deixa eu me organizar meu dia, hoje eu tenho uma entrevista aqui, quanto tempo vai durar essa entrevista? O que eu posso fazer? Do que que eu vou abdicar? O que que eu vou fazer depois né? Então, eu acho que essa questão da organização, poderia ter capacitações sobre isso, facilitaria a vida do professor, porque eu ser uma pessoa mais organizada, eu vou ter tempo pra fazer as coisas que eu mais gosto e pra realizar de uma forma rápida as que eu não gosto também, porque não é tudo que a gente gosta né.

Professora Giseli: Paulo, muito obrigada, desculpe incomodar, valeu, muito obrigada!

Professor Paulo: Fica com Deus minha querida, o que precisar tamo aqui tá bom?

Professora Giseli: Obrigada, beijo, tchau, tchau!

Professor Paulo: De nada, tchau!

Professora Giseli: Valeu!

Entrevista 10 - Profº Francisco - Dia 04/06/21 - 16:15 h

Professora Giseli: A gente vai dar início a décima entrevista que é a última da minha pesquisa de doutorado e o título provisório da pesquisa é “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública” e alguns termos da pesquisa é que a sua participação é voluntária, você pode interromper a sua participação a qualquer momento, se não quiser responder alguma pergunta também não precisa responder, os dados poderão ser usados pra estudos e publicações científicas, mas com sigilo da identidade, a gente vai até escolher um nome fictício pra você né pra pesquisa, éé, ciente de que não tá recebendo nenhum valor, não tá tendo nenhum gasto pra participar e ciente de que a pesquisa pode resultar em benefícios pra formação de professores, aceita os termos?

Professor Francisco: Com certeza, principalmente esse último aí.

Professora Giseli: Rs, vamos escolher um nome fictício pra você, que nome que você gostaria de ser chamado na pesquisa?

Professor Francisco: Ó, vou colocar o nome do meu filho hein, Francisco.

Professora Giseli: Francisco. Só pra delimitar seu perfil, sexo?

Professor Francisco: Masculino.

Professora Giseli: Idade?

Professor Francisco: Trinta e três.

Professora Giseli: E qual que é a sua formação acadêmica?

Professor Francisco: Educação física, educador físico.

Professora Giseli: Você fez aonde?

Professor Francisco: UNISALESIANO em Lins.

Professora Giseli: Em que ano você se formou?

Professor Francisco: 2011.

Professora Giseli: Foi licenciatura?

Professor Francisco: Licenciatura plena, último ano, eles separaram.

Professora Giseli: Ah, beleza! Na minha época, eu me formei em 2005, era licenciatura plena também.

Professor Francisco: O meu foi o último ano de plena, depois não tinha mais.

Professora Giseli: E qual que é a sua carga horária de trabalho?

Professor Francisco: Vixe, total?

Professora Giseli: Total.

Professor Francisco: Tipo assim, na semana você fala?

Professora Giseli: É, tipo quarenta horas semanais.

Professor Francisco: Pássa né rs!

Professora Giseli: Pássa rs?

Professor Francisco: Huuu, contando Estado ou outras redes?

Professora Giseli: Pode contar tudo porque você acumula cargo né?

Professor Francisco: Sim, ó, tem que falar um valor fixo, tipo assim, eu posso chutar?

Professora Giseli: Tipo no Estado você trabalha quanto tempo?

Professor Francisco: Ó, dá quarenta mais na rede particular dá mais vinte, ó, vai dar uns, chutando alto assim ó, umas sessenta horas, por aí, trabalho bastante kkk!

Professora Giseli: Você quer ficar rico hein kkk!

Professor Francisco: Quem me dera hein Gi, que nada!

Professora Giseli: No Estado você é efetivo ou não? Qual que é sua categoria no Estado?

Professor Francisco: Não, o meu é O.

Professora Giseli: Então você acumula cargo com a particular né e com o Estado. E você é sindicalizado?

Professor Francisco: Não, preciso fazer isso, é importante, mas eu não sou ainda.

Professora Giseli: E por qual motivo que você escolheu ser professor de educação física? Por quê que você escolheu essa profissão?

Professor Francisco: Nossa Gi, veio desde pequeno, eu sempre gostei de esportes, desde muito novo, eu sempre pratiquei, eu sempre gostei de várias modalidades, futebol, vôlei, basquete, natação, tudo que você pensar aí eu já gostei, e desde pequeno eu sempre tinha o intuito né, como não consegui ser jogador, que também era meu sonho, o intuito era participar na formação não de um atleta mas de um ser humano, de uma criança sabe, auxiliar ele em determinados movimentos, determinadas atividades, pra quem sabe criar um atleta ou se não for um atleta, um cidadão né que pratica atividade física, eu sempre gostei disso, sempre éé pensei em ajudar o próximo nesse sentido entendeu, mas foi sempre desde pequeno que eu queria ser, certo? Mais alguma coisa?

Professora Giseli: Eu esqueci de perguntar desde quando que você tá trabalhando no Estado? Você lembra que ano que você começou a trabalhar no Estado?

Professor Francisco: 2012.

Professora Giseli: E na particular, na rede particular?

Professor Francisco: Quatorze, não, desculpe, treze.

Professora Giseli: E, na sua opinião, quais que são as condições favoráveis e as desfavoráveis em ser professor?

Professor Francisco: Ó, as favoráveis tem vários aspectos né importantes que podem ser elencados, éé, em questão de, você vê a necessidade que pode corrigir do aluno, ver a sua

evolução sabe, é muito legal você ver o aluno aprendendo, ver várias discussões do que ele aprendeu, o que que ele pode aprender e o que a sua evolução, que isso é muito importante né, a nível docente, ver o que ele pode evoluir e sempre buscar mais, nunca ficar na mesma né, sempre buscando novos obstáculos para o aluno. E o desfavorável é o de sempre né, não tem muito, dependendo do lugar, não tem muito apoio, tanto ele físico quanto estrutural, no caso da educação física tem escolas que não dão total apoio, tem escola que não tem um material pra trabalhar, tem escola que a quadra tá toda zoada, tem vários aspectos, tem a educação física, às vezes, você tá perguntando com relação a educação física né ou do professor em geral?

Professora Giseli: Pode ser dos dois rs.

Professor Francisco: Tá, então eu vou falar um pouco dos dois, da educação física, querendo ou não, é uma disciplina que os alunos, às vezes, acham que é brincadeira né, ah, chego lá, professor, dá uma bola aí pra chutar! Hoje em dia não é simplesmente assim né, tem que ter todo um estudo, tem toda uma planilha a seguir, tem toda uma revista, revista não, um currículo a seguir, tem todos esses aspectos sabe, em questão também do professor ser mal valorizado, a gente vê pela vacina, o professor ia ser o primeiro e tá sendo aí agora, depois de quase um ano, passou de um ano né, tem outra forma, o professor, a desvalorização também né, de diversas formas, digo tanto que o professor quebra muito o galho né, ah, o professor tem que fazer isso, isso e isso, questão da educação, a educação tem que vir de casa, o professor tem que ensinar a parte pedagógica sabe, esse é um dos aspectos também que, além de professor, algumas vezes somos entre aspas babás né, que isso não pode ocorrer entendeu. Ficou meio explicado, assim, ficou bom?

Professora Giseli: Sim.

Professor Francisco: Se você ficar meio assim você pode me interromper, dar outro norte nessa questão entendeu, sem problema.

Professora Giseli: Tá bom! Como foi sua formação inicial, ela atingiu suas expectativas?

Professor Francisco: Na faculdade, você fala?

Professora Giseli: Isso, é.

Professor Francisco: Olha, por um certo tempo sim, no primeiro ano, mas depois eu vi que eu vi que eu tinha que buscar mais sabe, um maior conhecimento, porque, tipo, as coisas vão evoluindo e você tem que correr atrás dessa evolução entendeu, você não pode ficar sempre no mesmo, você tem que correr atrás, buscar novos conhecimentos, novas coisas, porque na nossa área, que é a área de esporte, sempre tem alguma coisa nova, sempre tem uma evolução, sempre tem novos âmbitos a serem conquistados tipo, éé, novas características do esporte, então você

sempre tem que ir buscando mais. Então, como eu disse, na primeira parte, no primeiro ano sim, mas depois eu tive que buscar novas, novos conhecimentos, novas diretrizes.

Professora Giseli: E como foi essa transição de estudante virar profissional?

Professor Francisco: Ooo difícil hein rs, foi meio complicado no começo né, ah, será que eu vou dar conta, será que não? Será que eles vão me respeitar, será que não? Será que eu vou dar conta de atingir alguém no aspecto educacional, será que eu vou conseguir ensinar alguém a ser um cidadão do bem, no quesito não atleta, mas vamos supor, cidadão? Na sua formação você aprende, na psicologia do esporte, ah, eu preciso colocar esse aluno, formar um cidadão, não somente um atleta, mas, é bem difícil esse começo pro professor, que é uma sala, antigamente né, era uma sala cheia, você tem que fazer a sua aula, pra você postar, pra você ensinar, a transição foi muito difícil, hoje eu sinto, eu vejo outros professores novos, eu vejo neles eu antigamente sabe, que a dificuldade é meio difícil rs.

Professora Giseli: E o que que você acha que mais contribuiu pra sua formação de professor, a experiência vivida de toda a sua vida, desde pequeno até agora, a sua formação inicial com a graduação, as disciplinas, os estágios, a sua formação continuada, os cursos extras, ou a sua atuação profissional que é o saber que você vai constituindo ao longo do seu cotidiano? O que que você acha que mais contribuiu?

Professor Francisco: Olha, a graduação ajudou bastante, não tudo tá, ajudou uns sessenta e cinco por cento, alguns cursos extracurriculares foi bem legal também, me ajudou bastante, e o que mais me auxiliou, assim, o que mais me ajudou foi a questão da atuação mesmo, aí você vai aprendendo com os erros, ah, eu fiz isso, pô, eu fiz errado, você mesmo vai se autoavaliando, ah, eu fiz errado, preciso mudar! Então, a questão que mais motivou foi isso mesmo, o campo de atuação, conforme vai passando o tempo você vai ganhando conhecimento e vai vendo o que é melhor pra você, o que é melhor né pra mim ô, eu preciso melhorar nisso, nisso e nisso, ah, isso foi bom, mas você precisa evoluir, querendo ou não os professores sempre tem que ir buscando mais né, sempre em busca da evolução, nunca estagnar, assim fica bom, ah, então se eu fizer isso, isso e isso vai sair um pouquinho melhor. Então, a questão da atuação meio que eu pude ter um conhecimento melhor.

Professora Giseli: E como que tá sendo atuar no ensino básico público? Que você atua nos dois né, no particular e no público, você tem essa base pra comparar, como que tá sendo trabalhar no público?

Professor Francisco: Então Gi, eu, como eu trabalho nas duas frentes, eu posso ver que na rede pública é um pouquinho mais estagnado né, eu tento buscar no particular, é bem mais sociável, a questão que eu estou trabalhando, esporte e tecnologia, eu vejo que a mente é mais aberta,

eles tem mais associação a isso sabe, tipo, no particular eu consigo fazer diversas atividades que assim eles consigam participar sabe, tenho o apoio de todo mundo. Já na rede pública eu tento passar isso também sabe, só que os alunos têm, ah professor, vai querer colocar isso, sabe, ah, vai querer imitar isso! Entendeu, tem essa diferença, mas muito, eu não vou mentir não, é muito brusca sabe, é muito brusca, não é que, mas do jeito que está a molecada hoje é muito brusca, tipo, eu tento passar o que eu aprendi no particular, coisas muito boas, pro ensino público e tem alunos bons, não vou mentir, tem alunos ótimos, que pegam, tipo sabe, e tem alunos que não estão nem aí sabe, éé, você quer fazer alguma coisa diferente, uma atividade diferente, alguns, pô professor, legal, quero aprender! Alguns, pô professor, vai inventar, pra que isso, né? Então, o ensino básico, o ensino público tá complicado, nos dias de hoje, ainda mais dessa forma que está hoje, agora tá híbrido, mas no ano passado foi cem por cento online, foi bem difícil porque alguns alunos não se interessavam, e ainda mais agora, eu percebi, por estar nas duas vertentes, eu percebi que no público a molecada tá começando a querer entender um pouco mais, a evoluir, mas tá complicado, não vou mentir não, você também dá aula, você sabe como que é né.

Professora Giseli: E, ao longo da nossa atuação, a gente sente várias, a gente passa por vários sentimentos né, então, às vezes, alegria, frustração, tristeza, vários sentimentos, você poderia dar algum exemplo, de algum sentimento, de alguma situação na sua atuação?

Professor Francisco: Como assim, numa aula você fala? Se aconteceu alguma coisa?

Professora Giseli: É, tipo alguma coisa que você sentiu algo, assim, pode ser positivo ou pode ser negativo, algum sentimento positivo ou negativo, um exemplo de uma situação assim.

Professor Francisco: Ah, eu tive, tipo, eu lembro como se fosse hoje, dois aspectos importantes, um bom, e um positivo e negativo, positivo foi quando eu tava dando aula, eu despertei interesse num menino né, pra futebol, ele não gostava, começou a gostar, começou a treinar, e hoje ele tá num time grande e ele muito me fala, ele fala pra mim, professor, foi graças à você, no começo dos nossos treinos, quando eu era muito pequeno que eu gostei de futebol e você foi me dando dicas, eu tinha que estudar, mas também se eu queria ser um atleta eu tinha que me dedicar e hoje eu vejo que ele tá num time grande e eu fico muito feliz! E a questão do ponto negativo, foi uma vez, eu dando um treinamento específico né, de handebol, um aluno veio e falou pra mim assim né, ô professor, pra trabalhar de pedreiro não precisa fazer essas coisas! Fiquei meio assim, sabe, falei putz, ó o pensamento do moleque, pra trabalhar de pedreiro não precisa fazer essas atividades entendeu? Foi meio bad isso aí, fiquei meio mal, entendeu, essa atitude, em vez de pensar no futuro grande já tá pensando num futuro, não desmerecendo o pedreiro entendeu, nunca isso, mas uma criança, querendo ou não, pode ter um futuro melhor

né, hoje tem muitos meios de ser, hoje tem muitos meios de você estudar, antigamente vou falar que era difícil, mas hoje tem muitas bolsas, só querer, tem muita coisa, muito acesso, muito acesso fácil pra estudar entendeu.

Professora Giseli: E, assim, você acha que o professor, ele consegue se automotivar?

Professor Francisco: Sim, com certeza, acredito que sim, tanto na, eu consigo me motivar muito em cursos, eu vejo que eu achava que sabia, mas eu vejo que eu tenho que aprender muito mais, e na realização do que o aluno consegue fazer entendeu, tipo assim, eu já dei aula pra cadeirante e eu vi ele fazendo coisas que na minha mente eu achei que ele não fazia, isso pra mim é uma automotivação.

Professora Giseli: O quê que você espera pro futuro?

Professor Francisco: Olha, espero muitas coisas boas, tá difícil, não sei o que vai acontecer, mas espero que na questão da educação evolua bastante, porque querendo ou não a educação é a base de tudo né, o professor, podemos ver que na pandemia que nada supera, eu sei que a tecnologia veio pra ajudar, mas nada supera o professor em sala de aula né, você viu que um professor em sala de aula nunca é superado por uma aula online e espero que a educação evolua mesmo, bastante, o povo coloca mais, que valorize mais a profissão né, muito mais valor né porque é onde tá a linha de frente, onde ensina, onde tem a primeira base né, onde o aluno vai se formar, onde ele vai decidir o que quer fazer ou não entendeu. A educação tem que ser um pouco mais valorizada e espero que num futuro não muito distante né, um pouquinho mais próximo, que essa valorização seja um pouquinho maior.

Professora Giseli: E os cursos que são oferecidos pra gente pelo Estado, qual que é a sua opinião sobre esses cursos que a gente tem?

Professor Francisco: É alguns eu acho legal, interessante, muito interessante, só que alguns eu acho que é mais fictício sabe, do mais eles colocam por colocar, eu acho que o embasamento não auxilia muito, sabe, tipo, olha um curso lá, SEDUC, ah, responda três questionários e você saiu com um certificado, você vai aprender alguma coisa, entendeu? É difícil, ah, pô, eu vou querer um curso só pra ter certificado? Responder três módulos aí eu vou responder, duvido que alguém lê tudo! Vou responder três módulos pra ter o certificado, entendeu! Isso aí pra mim é fictício eles quererem empurrar, empurrar, empurrar cursos, mas tem alguns que são legais, já fiz muitos cursos do Estado legais entendeu, eu acho que eles deveriam dinamizar mais, fazer alguma coisa mais dinâmica com relação a esses cursos aí.

Professora Giseli: É, no geral, o que os professores estão comentando comigo nas entrevistas é isso, que assim, é meio raso e falta interação assim.

Professor Francisco: Não tem muito dinamismo né, é isso aí, é só responder, responder, esses dias eu fiz um, eu não gosto né, mas eu tive que fazer, mas era só isso, você responder, responder, responder, responder, você lê um pedaço e depois responde, não tem dinamismo sabe, não tem interação, não perguntam o que você tá aprendendo entendeu, falta isso.

Professora Giseli: E na sua opinião, qual que é a relevância social do trabalho do professor?

Professor Francisco: Em questão do quê você fala, da sociedade?

Professora Giseli: É, da nossa importância, assim, do nosso trabalho pra sociedade.

Professor Francisco: Ah, é muito importante, professor é uma base, querendo ou não é um espelho né, pra um aluno é uma base, que nem um professor, se eu tô aqui, é porque um professor me ensinou isso, aquilo, sabe, eu acho que o professor é cem por cento importante na vida da sociedade, cem por cento, pode ter alguns aspectos, pode tirar um menino de uma rua, fazer o menino ir para a escola, questão de conversar, ó, vamos estudar, vamos que o seu crescimento pode ser melhor, o seu futuro pode ser melhor entendeu! Vixe, eu acho que a questão da sociedade é cem por cento eficaz, sem problema, isso aí.

Professora Giseli: E qual foi o acontecimento mais marcante na sua carreira até o momento?

Professor Francisco: De professor?

Professora Giseli: É, o que mais te marcou até o momento, assim, uma coisa que te marcou muito?

Professor Francisco: Foi um cadeirante conseguir arremessar uma bola, foi um cadeirante conseguir arremessar uma bola de basquete e acertar a cesta, eu chorei três dias, pelo amor de Deus! A vontade do moleque de, a vontade do moleque de jogar foi tanta sabe, que ele pode não ter muitos movimentos, mas a vontade, os membros superiores assim, ele falou pra mim, professor, eu tenho vontade de fazer isso, essa cesta, você me ajuda? Eu falei ajudo, fizemos trabalho de fortalecimento até que um dia ele conseguiu arremessar, isso aí me marcou bastante.

Professora Giseli: E em algum momento já passou pela sua cabeça em deixar de ser professor, desistir dessa profissão e abandonar?

Professor Francisco: Já, várias vezes, não foi uma nem duas não, várias, mas daí eu não me vejo em outra, hoje eu não me vejo em outra situação não, eu vejo que eu posso contribuir bastante, já contribui muito e posso contribuir ainda mais sabe, eu vejo a critério de uma criança, vou te falar pelo esporte, pensando em uma criança com síndrome de down no movimento fazendo alguma coisa, acho muito gratificante, essas coisas que podem mudar, isso que me faz não deixar de ser professor entendeu.

Professora Giseli: Então, se eu perguntar agora, assim, qual o vínculo que você criou pra se manter nessa profissão, assim, então?

Professor Francisco: Gratificação.

Professora Giseli: Então, tipo, você se sente satisfeito, realizado, se te perguntar agora, sim ou não?

Professor Francisco: Poderia estar mais né, satisfeito não, realizado, em termos sim, mas satisfeito não, sempre tem que buscar uma coisa a mais né, coisas maiores entendeu, mas satisfeito não e realizado em partes rs.

Professora Giseli: E você acredita que você se esforçou adequadamente pra fazer juz ao título de professor?

Professor Francisco: Creio que setenta por cento sim, deixei muita coisa a desejar, mas hoje eu vejo que o meu pensamento me ajudou bastante, setenta por cento tá na média rs.

Professora Giseli: E, assim, você acha que é possível o professor separar a vida pessoal da profissional?

Professor Francisco: Hum, seria o certo né rs, mas eu acho que consegue, consegue sim, mas eu acho um pouco difícil que eu mesmo, às vezes, trabalho até tarde, tem vezes que fico até três horas no computador e eu sei que eu tenho um filho agora, antes eu não tinha, agora tenho um filho de um ano, tenho minha esposa, mas eu creio que dá pra separar sim, creio que o professor tem a sua escolha certinho, tem que ter um tempo pra profissional e um tempo pra família.

Professora Giseli: E, assim, ao longo da nossa carreira, a gente tem várias coisas que acontecem que aí nos desmotivam né, então, assim, pra resumir, o quê que você definiria como sendo o aspecto positivo, que mantém né, que motiva o professor, e o que que seria o aspecto negativo, que desmotiva?

Professor Francisco: Ah, positivo é como eu disse é a gratificação né, o aluno conseguir fazer o que você pediu, ver ele falar bem de você pra uma certa pessoa, quando ele for mais velho, ah, aquele professor me ajudou, isso é um dos pontos positivos sabe, dá muita gratificação. Os pontos negativos é aquilo né, ah professor, não vou fazer, pra quê que eu tenho que fazer isso? Ah professor, não inventa! Entendeu, o aluno quer sempre na mesma, no limite entendeu, pra ele tá ótimo, então isso vai me desanimando, às vezes você pega uma sala que, ah professor, um cinco tá bom pra mim passar de ano entendeu! Esse é um dos aspectos, o que mais desanima é isso, ah, um cinco tá bom! Falou isso pra mim é complicado.

Professora Giseli: E, às vezes, a gente se depara com situações que a gente fala, ah, não vou conseguir resolver essa situação, não vai dar, qual estratégia que você utiliza pra conseguir resolver a situação ou fugir da situação?

Professor Francisco: Olha, isso acontece comigo direto, como eu tenho muita aula, eu tenho outro cargo também, é complicado porque, assim, às vezes, tem que pensar, não deixar cair,

falar, é a minha opinião né, tipo, não deixar pra depois né, ah, depois não, tenta estudar alguma estratégia, ter um segundo plano, A, B, C, até o D, entendeu? E o que pode chegar mais perto do que você consegue e não consegue fazer? Ah, eu não consigo nem o plano A e nem o plano B, então vou ter que fazer alguma coisa que chegue mais perto, entendeu? Eu já penso assim, ah, se eu chegar perto disso, do que eu quero, pra mim acho que já, se eu não conseguir fazer a parte A eu vou conseguir fazer a parte B, seria o mais perto do que eu consigo resolver.

Professora Giseli: E, em uma palavra, então, o que te faz superar as dificuldades?

Professor Francisco: Em uma palavra?

Professor Giseli: Uhum!

Professor Francisco: Deixa eu ver, em uma palavra, resistência.

Professora Giseli: E você atribui o seu aprendizado de professor ao quê?

Professor Francisco: Em que aspecto, assim, você fala? Como assim?

Professora Giseli: Então, no geral, assim, de tudo que a gente falou, você atribui a todo o seu aprendizado de ser professor ao quê?

Professor Francisco: Ah, éé, sempre buscar algo novo, éé, nunca deixar na mesma, sempre deixar na mesma, sempre estar sempre motivado, sabe, sempre estimular, sempre estar motivado, estimular tanto eu quanto o aluno, sabe, estimular a motivação, eu acho muito importante, hoje, no aspecto do professor, a motivação seria a palavra mais correta.

Professora Giseli: Você acha que a gente precisa ter algum privilégio, alguma recompensa?

Você acha que tem que ter alguma coisa pro professor, algum privilégio, alguma recompensa?

Professor Francisco: Ó, privilégio, recompensa, não, só uma valorização a mais, eu acho que o professor poderia ser um pouco mais valorizado, um pouco mais.

Professora Giseli: E como que você acha que a sociedade vê o professor de educação física?

Professor Francisco: Ah, ah, o professor senta na arquibancada e solta a bola né, você acha, a maioria fala isso, ô professor, e aí? O quê que você deu hoje? Soltou a bola lá pra molecada e sentou lá na arquibancada? É nítido, é muito parada forte né, descomunado, vixe, com relação à isso, e também, eu vou falar pra você também, tem professor também que não ajuda né, que tá de brincadeira né, aí você vai debater, tipo, eu vou debater com uma pessoa, tal pessoa vai falar, ah, professor, ah! Você vai falar assim, tem um currículo a seguir. Ah, na minha escola o professor senta de boa e solta a bola, entendeu? Tem professor também que não ajuda né, na discussão, aí fica complicado também, pelos dois lados né, tipo assim discriminado, o professor que faz, pô, e tem o professor também que tá de brincadeira, que não faz nada com nada e aí uma laranja podre né, uma pessoa dinamiza aí, aí é complicado, entendeu.

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, qual é o trabalho do professor de educação física na escola? Qual que é a base do nosso trabalho?

Professor Francisco: O que é, tipo, gerar saúde né, atividade física né, gerar né, no aluno, uma estimulação éé, seguir algum norte de atividade física, querer praticar algum esporte que é importante, desde pequeno eu acho importante a prática de atividade física né, procurar algum esporte, ah, creio que seja mais isso né, estimular o aluno a gostar de uma atividade física, a importância né, falar pra ele a importância da atividade física.

Professora Giseli: E você acha que, assim, a profissão de professor, ela tá desconectada dos seus pressupostos? Você acha que muitas vezes a gente faz coisa que não é da nossa ossada na escola?

Professor Francisco: Sim, huhu, sim, muito rs, muitas e muito, muito, muito, tem hora que eu falo, vixe, umas coisas que eu tô fazendo que não é pra fazer entendeu, muito, isso aí é o que mais tem, isso devia ser uma lista, isso que você me perguntou devia ser mais disseminado sabe, mais associado, devia dividir as coisas, eu acho que isso acontece muito.

Professora Giseli: E tem muita coisa que, às vezes, é imposto pra gente na escola, de cima pra baixo, você segue tudo à risca o que é imposto ou não?

Professor Francisco: À risca não, não, tem coisas que eu tenho respeito porque a gente tem uma hierarquia né, todo lugar, todo emprego, mas eu não vejo que porque eu respeito eu tenho que aceitar, algumas coisas eu não acho certo, eu tento conversar né, nunca brigar, jamais, de boa, conversar, falar, ó, eu não acho isso certo, acho que aquilo é certo, podemos mudar, podemos fazer diferente porque eu não acho certo por isso, por isso e por isso, podemos mudar pra isso, isso e isso, entendeu? É uma discussão plausível pra tentar mudar, mas seguir à risca não.

Professora Giseli: E você acha que, assim, você acredita na neutralidade da educação? Você acha que o professor pode ser neutro?

Professor Francisco: Como assim você fala, em que aspecto, neutro como? Trabalhar.

Professora Giseli: É que muitas vezes na escola a gente escuta o pessoal falando né que o professor tem que ser neutro, que ele não pode se posicionar em determinadas situações.

Professor Francisco: Não, o professor tem que dar a sua opinião, eu sou a favor, não pode abaixar a cabeça pra nada, o professor que fala ah, tá, tá bom! Não, você tem que dar a sua opinião, eu sou a favor, como eu disse, você tem que acatar, mas também você não pode, tem que respeitar, mas também você não pode falar amém pra tudo, você tem o seu direito, você tem o seu direito, você tem o direito e dever de dar a sua opinião, isso aí é lei, entendeu, como se diz, é direito do cidadão, eu não acho que você deve ser neutro não, você tem que dar a sua opinião sim.

Professora Giseli: E o título de herói, você acha que dá pra atribuir o título de herói ao professor? Você se sente um herói?

Professor Francisco: Dá pra atribuir sim, eu me sinto, com certeza, colocou a palavra certa, herói, muito aluno tem muita referência no professor, então é título sim.

Professora Giseli: Éé, e pensando nos professores que você já teve, teve algum professor que te marcou, assim, que foi especial pra você, quais as características?

Professor Francisco: Teve, éé, humilde, inteligentíssimo mas nunca quis, ah, perguntava pra ele sempre as coisas, ele sempre respondia, sabe, nunca, sempre uma pessoa alegre, sempre disposto à ajudar, sabe, sempre, isso eu sempre segui, sempre disposto à ajudar, éé, nunca disse, em determinadas perguntas, nunca disse não, sempre, ah, vamos fazer, você consegue! Sempre estimulando sabe, sempre motivando, isso, pra mim, o professor tem que ter uma palavra no seu dicionário, primeiro que é a motivação, na minha opinião né.

Professora Giseli: E, assim, éé, qual que foi o legado de todos os professores que você teve pra você, pra sua vida, qual foi o legado deles?

Professor Francisco: Sempre ter orgulho né com suas coisas e sempre, sempre estudar, tinham professores que eram muito estudiosos, tem que ler, e o que você for fazer, espero que faça bem feito.

Professora Giseli: E tem algum colega de trabalho seu, algum professor de educação física que você vê como um exemplo, que você admira?

Professor Francisco: Sim, sim, tenho, tenho o professor do, um professor que eu tive, que estudou comigo, e hoje ele dá aula na Universidade Federal de Oxford, nos Estados Unidos.

Professora Giseli: Que chics!

Professor Francisco: Esse é meu espelho rs! Todo mundo, tipo, eu falo assim, todo mundo na hora do intervalo lá na última aula na faculdade jogava bola, tipo, hoje, ah, o professor faltou, vamos jogar bola? E ele sentado, lendo livro, eu falava, eu tiro o chapéu rs!

Professora Giseli: E, assim, na sua opinião, o que que seria o professor politizado e o professor alienado?

Professor Francisco: Como assim, colocando a política no meio? Você fala das aulas?

Professora Giseli: É, assim, o que seria um professor, que ele é politizado, e o que seria o professor que ele é alienado?

Professor Francisco: Mas qual aspecto, assim, essa daí eu não, como assim, não entendi.

Professora Giseli: É assim, um professor que ele é politizado é, assim, qual seria a, o comportamento dele, éé, e assim, teve vários exemplos né quando eu entrevistei vários professores, eles comentaram dessa questão do professor rola a bola ser o alienado, assim, eles

comentaram, e o professor politizado, o pessoal comentou bastante de ser esse professor que realmente estuda, se empenha e corre atrás né, foi o que mais o pessoal falou né até o momento. Professor Francisco: Eu vou por, tipo, eu entro nessa mesma estatística e falo que o alienado é isso aí mesmo, o professor que rola a bola e acha que não dá a mínima pra profissão, eu tô ali pra ganhar o meu e pronto, entendeu, eu acho que isso aí é complicado, questão de senta lá e rola a bola, por isso que o professor é denegrado, por causa disso, por causa de alguns né, e politizado é isso aí, legal, que busca, que corre atrás, que busca novos conhecimentos, novas atividades né, ô, vou passar uma aula do quê hoje? Pô legal, o que que o aluno deve aprender, o que ele tem que aprender? Ah, se eu passar isso é legal, ele pode levar isso pra frente, pode ensinar outras pessoas! Ah, isso aqui é legal, ah, isso aqui ó, se eu juntar a tecnologia com o esporte, juntando isso eu posso isso e aquilo entendeu, diversificando a sua aula.

Professora Giseli: E você acha que os professores, eles sabem trocar experiências? A gente consegue trocar experiências entre a gente? E você acha que isso é importante ou não?

Professor Francisco: Tem sim, alguns conseguem sim, a maioria, a minoria acha que é meio malinha né, não quer, ah, meu conhecimento é só meu, eu não acho assim, eu acho que o legal é você trocar conhecimento, trocar experiências, eu acho muito importante, alguma coisa que você sabe, que eu sei eu posso te passar, você pode passar pra mim, não vai tomar o lugar do outro, tem lugar pra todo mundo, ah, o que ele me passou eu posso passar na minha escola, o que eu te passei você pode passar na sua escola, entendeu, é muito legal essa troca de informação entre os professores.

Professora Giseli: E estamos chegando nos finalmente, éé, como que a mídia e a tecnologia pode contribuir pra todo esse contexto que a gente discutiu até agora né, quais recursos, quais plataformas que a gente pode utilizar pra contribuir pra toda essa, pra facilitar o nosso diálogo, a nossa troca de experiência?

Professor Francisco: Olha, no mundo atual, como eu disse, como eu falo nas aulas também, a tecnologia tomou conta e vai tomar conta ainda mais, o mundo tecnológico tomou conta mesmo, não vai substituir um professor, mas tomou conta, quem souber um pouco de tecnologia vai passar na frente de todo mundo, isso eu falo, sempre falo nas aulas, falo na palestra, e nada substitui um professor como eu disse, mas a tecnologia ajuda muito, tem muito aspecto legal no mundo tecnológico, na área de educação física, eu tenho, eu uso o apple watch, que é um relógio da Apple que me auxilia muito nas atividades físicas com os alunos, eu posso explorar um batimento cardíaco com o aluno, mostrando pra ele qual é a funcionalidade, e outra, o coração tá aqui, você tem que diminuir o ritmo da atividade, ó, seu batimento tá lá em cima, se tem, então, seu batimento tá aqui embaixo, então vamo aumentar, sabe, dá pra diversificar, tem

várias plataformas legais tá, o classroom que a gente usa na escola, é uma plataforma ótima sabe, se explorada, se explorada mais em si, tem vários aspectos que pode auxiliar os alunos, tanto os alunos como os professores, o google Meet, que é o que a gente tá usando aqui, isso é uma plataforma legal de espelhamento, você pode ter várias coisas pra ensinar, várias ferramentas legais entendeu, e a tecnologia e a mídia, a mídia, às vezes, dá uma complicada né, dependendo da, é importante também ter vários ensinamentos, mas na maioria das vezes, éé, muitas coisas que eu não acho certo entendeu na mídia, mas eu creio que a tecnologia deve ajudar muito no aspecto do ensino.

Professora Giseli: E a pergunta que eu queria conseguir responder né na minha pesquisa, você acredita que as mídias e as tecnologias motivam o professor ou é ao contrário, é o professor motivado que vai desenvolver, que vai incorporar as mídias e as tecnologias no seu cotidiano?

Professor Francisco: Ah, eu creio que o professor vai criar, as mídias podem motivar o professor sim, tem vários aspectos tecnológicos que, eu falo por mim, que na particular eu uso muito a parte da tecnologia, eu me motivei muito por saber que a tecnologia nos dá suporte, a educação física e a tecnologia pode ser uma do lado da outra, eu nunca, antes eu não imaginava isso, mas hoje eu imagino cem por cento, que eu uso muito esses recursos tecnológicos que fazem eu me estimular, eu consigo fazer um aluno, num salto, eu consigo fazer uma foto dele e medir a angulação sabe, eu já tive isso nas aulas, ah, eu consegui medir a foto do aluno nesta anulação, falar pra ele, ah, se você pular um pouco com a perna um pouco mais flexionada a sua angulação vai ser um pouco maior sabe, isso me estimula a ensinar a ele bem mais entendeu. E, também, o professor também pode, ele continuando buscando outros recursos, também, através das mídias e das tecnologias pode, pode ter um grande ensinamento também, as duas correm juntos, tanto a mídia estimular o professor como o professor baseado pode usar esses recursos tecnológicos.

Professora Giseli: E pensando na formação de professores, quais temas que você acha, que a gente chama de temas geradores né no vocabulário do Paulo Freire né, qual seria um tema gerador pra ser discutido na formação, assim, de professores?

Professor Francisco: Tecnologia no esporte rs.

Professora Giseli: Vou marcar aqui, tecnologia no esporte?

Professor Francisco: É, eu gosto muito das duas áreas, muito, muito muito rs.

Professora Giseli: Beleza! Bom, assim, chegamos ao final, eu queria saber se você quer contribuir, falar mais alguma coisa, tem mais alguma colocação pra poder registrar?

Professor Francisco: Não, tranquilo, eu agradeço né, é bom que você falou da vida professor, tem parâmetro né, éé, falamos de bastante coisa legal, da estimulação sabe, da gratificação, são

coisas importantes que devem ser lembradas e colocadas sabe, são muitos aspectos importantes, muito, muito, muito. Você tem alguma coisa pra falar, o que que você acha, fui bem?

Professora Giseli: Não, tá ótimo, eu só tenho a agradecer a sua contribuição, de você ter aceitado participar da pesquisa, muito obrigada! Quando você precisar de alguma coisa também, estamos por aqui rs.

Professor Francisco: Tá bom!

Professora Giseli: Obrigada Francisco, eu vou interromper aqui pra gravar.

APÊNDICE D - Diário do grupo do WhatsApp

Dia 01/01/21 - Compartilhamento de imagens e mensagens comemorativas ao ano novo.

Dia 02/01/21 - Comentários sobre liberação de verba do governo para novo ginásio poliesportivo em Bauru/SP.

Dia 04/01/21 - Mensagem motivacional religiosa; Pedido de orientação e devolutivas sobre anuidade do CREF;

Dia 05/01/21 - Link de notícia sobre escola particular cobrar caro e não dar aula online na pandemia (https://noticias.uol.com.br/colunas/paulo-sampaio/2020/07/12/escola-cobra-12-mil-por-mes-e-nao-da-aula-on-line-na-quarentena-dizem-pais.htm?fbclid=IwAR1s8ylIsdOL-rq5dBJccUTlpPQCWNQxgYrKnbnMkbU3o6GXu_dOiAv9B3c).

Dia 06/01/21 - Link de petição para isenção de taxa da anuidade de 2021 do CREF (https://peticaopopular.com.br/mobile/view.aspx?pi=BR87567&fbclid=IwAR2GsDInUkktdbOJ5r1Xlf8VLLJs3JyD6m3tjyNStT5Y8iyq4teKdN-n_9E), seguido de comentários sobre duvidar de conseguirmos, que o CREF teria que levar em consideração o contexto; Compartilhamento de arquivo em pdf sobre concurso público em Iacanga.

Dia 07/01/21 - Link de notícia sobre fala de Bolsonaro para com alunos com deficiência (<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/video-bolsonaro-chama-alunos-deficientes-de-atrasados-e-defende-separa-los-dos-que-tem-inteligencia/>), seguido de comentários e emojis repudiando sua fala.

Dia 08/01/21 - Compartilhamento de uma imagem, um print de oferta para compra de notebook.

Dia 09/01/21 - Link de vídeo no Youtube sobre nova descoberta para enfrentar ação do vírus da Covid-19 (<https://www.youtube.com/watch?v=cpJEJ1cr4q8>); Compartilhamento de uma imagem, um print de oferta para compra de notebook; Dúvidas e comentários sobre boato de intenção de extinguir as aulas de Atividade Curricular Desportiva (ACD), os professores percebem o sucateamento da educação com o passar dos anos, verbas para os jogos escolares diminuindo ficando cada vez mais difícil a sua realização, muitos professores desistindo de participar dos jogos, a questão do sistema de atribuição de aulas forçar professores a pegarem aulas regulares ao invés das turmas de ACD, muitas turmas de ACD fechando por falta de professores, que a pandemia só adiantou o processo de discussão da extinção das aulas de ACD e que isso pode ocorrer a longo prazo, seguido de emojis de choro e tristeza.

Dia 10/01/21 - Compartilhamento de arquivo de vídeo sobre novas culturas de movimento, seguido de emojis de aplausos e gostei, com comentários sobre serem bem diferenciadas; Link

de notícia sobre lugares na fila da vacinação (<https://infograficos.oglobo.globo.com/brasil/fila-vacina-coronavirus.html>).

Dia 12/01/21 - Compartilhamento de arquivo de E-book sobre basquetebol; Link de vídeo no Facebook do humorista Diogo Almeida sobre a vacina (https://fb.watch/c_2ROGTuPv/).

Dia 13/01/21 - Link de vídeo no Youtube com fala de psicólogo sobre clichês do amor (<https://youtu.be/ad5YPuhJ2xs>).

Dia 14/01/21 - Mensagem religiosa seguido de emojis de amém; Print de twitters sobre personagens famosos em ajuda ao Amazonas, seguido de comentários sobre a falta de competência do presidente; Link do instagram sobre erro do presidente (https://www.instagram.com/p/CKC_jYQBakn/?igshid=nfewvuvpy3e4&fbclid=IwAR08sPDQxzIA3mRWXIkAMkLkYn1k-aXG12tGV4aMNNb5DmtBDwOROqg5TV8), seguido de comentários sobre ser ridículo e uma porcaria.

Dia 15/01/21 - Compartilhamento de divulgação do edital de abertura do processo seletivo para mestrado profissional em Educação na Unesp/Bauru

Dia 16/01/21 - Informativo de falecimento de colega de profissão, seguido de emojis e mensagens de condolências e tristeza.

Dia 17/01/21 - Emojis e mensagens de condolências e tristeza pelo falecimento de colega informado no dia anterior; Link de vídeo no Facebook sobre ajuda da Venezuela com o oxigênio para Manaus (https://fb.watch/c_4tohTQMG/), seguido de comentário irônico “Venezuela..... afffffeeeeeee..... esses comunistas!!!!”

Dia 18/01/21 - Link de vídeo no instagram com fala de Lula sobre realização de Olimpíadas x Hospitais

(<https://www.instagram.com/p/CKHLQvkJ4eh/?igshid=tt5f5e12283s&fbclid=IwAR08sPDQxzIA3mRWXIkAMkLkYn1k-aXG12tGV4aMNNb5DmtBDwOROqg5TV8>). Tira dúvidas sobre pagamento do CREF.

Dia 19/01/21 - Link de notícia sobre profissionais de EF serem considerados profissionais da saúde e ter direito a vacinação com o grupo da saúde, seguido de dúvida sobre ser verdade e a devolutiva de que é (<https://www.crefsp.gov.br/comunicacao/noticias/vacinacao-covid-19-somos-profissionais-da-area-da-saude-e-temos-o-direito-de-receber-a-vacina-na-1a-fase>);

Divulgação de duas vagas para professores coordenadores em uma escola estadual de Bauru/SP; Divulgação de reunião da APEOESP com professores de categoria O e candidatos a contratação para orientações sobre atribuição de aulas.

Dia 20/01/21 - Compartilhamento de arquivo em pdf de E-book sobre psicopedagogia.

Dia 22/01/21 - Mensagem motivacional religiosa; Link do site da rádio 94fm de Bauru (<https://94fm.com.br/>).

Dia 24/01/21 - Link de vídeo no Facebook sobre dança (https://fb.watch/c_6yYVZJFs/); Link de post no Facebook do Haddad (<https://www.facebook.com/904277726319518/posts/3786566811423914>).

Dia 25/01/21 - Pedido de informações sobre programa computador do professor

Dia 26/01/21 - Orientações e tira dúvidas sobre funcionamento do aplicativo do CMSP; Discussão sobre retorno as aulas presenciais na pandemia, sobre correr riscos; Pedido com devolutiva da programação do CMSP; Compartilhamento de arquivo em pdf com orientações sobre as formações (ATPC); Compartilhamento de arquivo de vídeo sobre a educação na Holanda, seguido de comentário sobre a reportagem ser antiga e talvez hoje já não funcionar mais assim; Link de notícia sobre a Holanda (<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/12/holanda-reduz-numero-de-detentos-e-ate-transforma-presidio-em-hotel-veja.html>).

Dia 27/01/21 - Pedido de informações com devolutiva sobre formação do CMSP e agradecimentos pela ajuda; Informativo e divulgação de reunião da APEOESP com pauta de greve; Discussões sobre como é a dinâmica das aulas de EF nos anos iniciais, sobre algumas aulas do CMSP serem bem legais para os anos iniciais, mas as vezes fogem das habilidades propostas, professores dispostos a sempre darem uma auxiliada a quem precisar; Pedido de doações de sangue com devolutivas.

Dia 28/01/21 - Discussões sobre as habilidades essenciais de EF; Compartilhamento de arquivo contendo as habilidades essenciais de EF; Link de materiais de apoio da EFAPE (<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/educacao-infantil-e-ensino-fundamental/materiais-de-apoio-2/?fbclid=IwAR3tJ2LmoeLDZ7i-ZZWFXjo-Z5UpbFWIUEwp9XfNK3JPkAEwspbd8RSrgSo>); Divulgação de processo seletivo de Pós-graduação em educação na UFSCAR; Divulgação de evento de semana pedagógica; Informativo sobre CREF ter protocolado ofício a Secretaria de Estado da Saúde de SP solicitando a inclusão de profissionais de EF na primeira fase da vacinação contra Covid-19, seguido de discussões sobre ser verdade ou não, confirmando que sim, e tira dúvidas sobre tipo de vínculo do profissional de EF para ser aceito ou não no primeiro grupo, com comentário irônico de que “Escola tira a saúde kkk”; Links de notícia sobre justiça barrar retorno de aulas presenciais no Estado de SP (https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/01/justica-barrar-retorno-das-aulas-presenciais-no-estado-de-sp.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa&fbclid=Iw

AR0xGiPxCSVkJr-vIryOl_1psisFGD1UHAAb2JY_aKfPdEs0PFCxqcA e
<https://www.facebook.com/597213667045674/posts/3147524152014600>); Convite com link
 para entrar em grupo de WhatsApp de professores de EF do Estado de SP.

Dia 29/01/21 - Divulgação de venda de máscaras; Tira dúvidas sobre programação do CMSP;
 Tira dúvidas sobre funcionamento do aplicativo do CMSP; Discussão sobre comentários
 ofensivos no chat das videoaulas no CMSP; Link de vídeo do Facebook sobre audiência
 relacionada ao Hospital das Clínicas de Bauru
 (<https://www.facebook.com/100000216484335/posts/4304805926203248/?app=fbl>), seguido
 de comentário sobre ser “um verdadeiro descaso”; Link do Facebook contendo repúdio de
 declaração de jornalista
 (https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=4918655421540521&id=1656146581124771);
 Link de notícia sobre professores serem atacados por ser contra volta as aulas presenciais na
 pandemia (<http://reporterpopular.com.br/professores-sao-atacados-volta-aulas/?fbclid=IwAR2uzB5qwCfVUnyG9kNcM9ERITCqEz2JOXyhu8BpW9loXo0OnFJFATCwZo4>).

Dia 30/01/21 - Memes sobre futebol.

Dia 01/02/21 - Divulgação de curso Viajando pela cultura africana; Link de documento com
 troca de mensagens do juiz Sérgio Moro
 (https://www.documentcloud.org/documents/20467846-peticao?fbclid=IwAR32wNMiF4eQfhOve-1gQ147yT9IGHrwI2seU6aeZssBB_YQMkZ2-S3d7rM), seguido de comentário “Que vergonha Brasil”; Dúvida sobre atribuição de ACD com
 devolutiva; Link de vídeo no Youtube sobre competências socioemocionais do educador
 (https://youtu.be/oD_U2IuHmxQ e <https://youtu.be/9J60kuk68dY>).

Dia 02/02/21 - Compartilhamento de arquivo em pdf sobre atribuição de aula PROATEC;
 Divulgação de três vagas de PROATEC em duas escolas estaduais de Bauru/SP; Link do
 instagram de fala da prefeita de Bauru justificando suas ações
 (https://www.instagram.com/tv/CKw7TvFBAuu/?igshid=6wm0c62hq70i&fbclid=IwAR2FZRIENqJV3_u7aF3jkstBYrUJB1gIBjJbxQo24xPaut0GuunayGAAdzQ); Link de notícia de uma
 escola com surto de Covid-19 (<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/02/01/escola-particular-de-campinas-tem-surto-de-coronavirus-e-suspende-aulas-presenciais.ghtml>), seguido de comentário sobre a notícia se referir a uma
 escola particular e imagina se fosse na escola pública; Link de notícia sobre surto de Covid em
 professores (<https://odia.ig.com.br/brasil/2021/02/6077215-covid-19-apos-34-professores-serem-infectados-colegio-suspende-aulas->

presenciais.html?fbclid=IwAR0mJzrAQKDD6mm8wz0_xlAzHsLhWRVKBBrHBM3h5OSesY3qO6umsI_IkkRk); Link de vídeo no instagram do humorista Diogo Almeida referente a um professor no programa Big Brother Brasil (<https://fb.watch/cZb1LVvIKs/>).

Dia 03/02/21 - Link de notícia sobre idoso baleado em assalto ([https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2021/02/748739-idoso-de-71-anos-e-baleado-em-tentativa-de-assalto-em-bauru.html?fbclid=IwAR2fPT-](https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2021/02/748739-idoso-de-71-anos-e-baleado-em-tentativa-de-assalto-em-bauru.html?fbclid=IwAR2fPT-NSuJ9I6xiZ52K6CrdHnpNUh8MIfYBHlgYO8jCxb960YsSwHJnVrQ)

[NSuJ9I6xiZ52K6CrdHnpNUh8MIfYBHlgYO8jCxb960YsSwHJnVrQ](https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2021/02/748739-idoso-de-71-anos-e-baleado-em-tentativa-de-assalto-em-bauru.html?fbclid=IwAR2fPT-NSuJ9I6xiZ52K6CrdHnpNUh8MIfYBHlgYO8jCxb960YsSwHJnVrQ)); Link de vídeo no Youtube sobre pebolim humano (<https://youtu.be/OjmQ0jtvZng>); Solicitação de sugestões para atividades alternativas para turmas de ACD de futsal; Link de vídeo no Youtube sobre nova modalidade de futebol na pandemia (<https://youtu.be/oqxKiecL23Q>).

Dia 04/02/21 - Solicitação de materiais de práticas de aventura para anos iniciais para compartilhamento; Link do Facebook sobre Rosa Parks (<https://www.facebook.com/164188247072662/posts/2132522330239234>).

Dia 05/02/21 - Link de notícia sobre dúvidas no critério de vacinação de profissionais de EF ([https://www.jcnet.com.br/noticias/regional/2021/02/748820-covid--educador-fisico-e-vacinado-em-pederneiras-e-criterio-gera-](https://www.jcnet.com.br/noticias/regional/2021/02/748820-covid--educador-fisico-e-vacinado-em-pederneiras-e-criterio-gera-duvidas.html?fbclid=IwAR3EJci3NiYe2NWD6RVbHTONeFVwlCLVFutgK5R1ONpFAIJ5yY0kyk9VAdg)

[duvidas.html?fbclid=IwAR3EJci3NiYe2NWD6RVbHTONeFVwlCLVFutgK5R1ONpFAIJ5yY0kyk9VAdg](https://www.jcnet.com.br/noticias/regional/2021/02/748820-covid--educador-fisico-e-vacinado-em-pederneiras-e-criterio-gera-duvidas.html?fbclid=IwAR3EJci3NiYe2NWD6RVbHTONeFVwlCLVFutgK5R1ONpFAIJ5yY0kyk9VAdg)); Discussão sobre professores de EF poderem tomar vacina no grupo da saúde ou não, se professores com CREF vencido poderiam tomar ou teriam que regularizar o CREF antes; Link de notícia sobre conquista de reconhecimento do profissional de EF na Classificação Brasileira de Ocupações (https://cref1.org.br/educacao-fisica/minha-profissao/profissionais-de-educacao-fisica-conquistam-reconhecimento-na-cbo/?fbclid=IwAR0cWxtS_fxdbZ7EpdCgk3wEnj-V9mxU4r1yU3uFjiO8qvICFiih9fj42m0).

Dia 06/02/21 - Vaga de emprego para profissional de EF; Discussão sobre professores de EF tomar vacina com grupo da saúde, cada município está fazendo de um jeito, que vai da interpretação de cada um, que lei é uma só para qualquer cidade, somos profissionais da saúde e temos direito sim, não estamos furando fila, que muitos nos vêem somente como professores e não como profissionais da saúde, que pra vacinar é só levar o CREF, muitos professores estão indecisos com dilemas se tomam a vacina agora no grupo da saúde ou esperam o grupo de professores, que todas as vidas importam e não são apenas grupo de risco que estão morrendo de Covid-19, que todos devem tomar quando for liberado seu grupo e continuar com os cuidados, sobre não haver apontamentos com relação a outros profissionais da saúde como psicólogos e nutricionistas mas sim com o profissional de EF trazendo à tona o problema da valorização rasa de nossa profissão perante a sociedade.

Dia 07/02/21 - Link de vídeo no Youtube sobre cultura e intolerância (<https://youtu.be/NAWDX0t7j2s>).

Dia 08/02/21 - Orientações sobre vacinação da Covid-19 em Bauru/SP; Tira dúvidas sobre programa computador do professor; Link de notícia sobre entrevista com secretário da educação de SP (https://cultura.uol.com.br/noticias/16275_rossieli-soares-e-o-entrevistado-do-rodaviva-da-proxima-segunda-feira-8.html?fbclid=IwAR29bfsvw7FODJsi5ifavQ2M411zchsgc3Y4P4SBxJXUNENTPiQExTqFJcU).

Dia 09/02/21 - Link de vídeo no Youtube sobre a rotina (https://youtu.be/Pw6cKW_qwUU); Tira dúvidas sobre vacinação de professores de EF com CREF e orientações; Link de notícia sobre liberação de vacina a profissionais da saúde que não estejam atuando (https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2021/02/749347-bauru-libera-vacinacao-a-profissionais-da-saude-que-nao-estejam-em-atuacao.html?fbclid=IwAR32cKcSovXIj0zqBErnSmYHYui_Ek9fuI6ooTqrRYe3ZIUIJPi9HRO7PWQg); Solicitação da programação do CMSP com devolutiva; Discussões sobre reações da vacina.

Dia 10/02/21 - Discussão sobre reações das vacinas da Covid-19 e postagens de memes sobre polêmicas a esse respeito; Pergunta sobre quem passou no mestrado PROEF; Adição de colega no grupo.

Dia 12/02/21 - Devolutiva sobre pergunta do dia anterior de passar no PROEF; Discussão sobre professores de outras disciplinas não gostarem de ver professores de EF das escolas se vacinando antes do que eles por fazerem parte da área da saúde e terem o CREF, sobre ser questão de consciência de cada professor de EF achar que deve tomar a vacina antes com o pessoal da saúde ou depois com os outros professores, que temos que respeitar a posição e opinião dos outros, o correto é ter vacina para todos e que isso é reflexo do governo brasileiro e que precisamos nos atentar a isso para votar melhor, seguido de mensagens e emojis de parabenização pelo apontamento da importância do voto; Link de notícia sobre comportamento de prefeita sem máscara (https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2021/02/sem-mascara-prefeita-de-bauru-participa-de-aglomeracao-em-protesto-contradoria.shtml?fbclid=IwAR2-NcGyfdeVglcFj1O_Eqfq9CgRDNrKzPCDOkSfT_pExwwSS7BjXSqueY).

Dia 13/02/21 - Compartilhamento de arquivo em pdf sobre autobiografias de professores de EF na América do Sul; Texto motivacional abordando o tema de professores serem nomeados como covardes na pandemia, elencando inúmeras ações de professores.

Dia 16/02/21 - Informações e discussão sobre a vacinação de Covid-19 suspensa em Bauru por falta de vacina.

Dia 18/02/21 - Compartilhamento de folder de oferecimento de venda de atividades/aulas prontas, seguido de discussões sobre isso depreciar a docência enquanto atividade intelectual, retorno negativo dessa mercantilização da profissão, o ato de comprar joga por terra nossa luta pela valorização da profissão devido ao nosso trabalho intelectual, que quando compramos um produto estamos aderindo também a ideias, fortalecendo-as, que aulas tem que ser diferenciadas e de acordo com as necessidades dos estudantes de cada comunidade, que a publicidade utilizada é o pior, pois produção e vendas de produtos didáticos existe há tempos mas o maior problema é essa ideia de libertação de planejar aulas, o que é inerente a nossa profissão; Link de vídeo no Youtube Dança da máscara (<https://youtu.be/k3Ny3KoY8IM>); Compartilhamento de arquivo em pdf com informações sobre o programa computador do professor.

Dia 19/02/21 - Compartilhamento de arquivo em pdf sobre projeto de vida; Pedido de indicação de lugares para compra de neo cubo em Bauru/SP.

Dia 20/02/21 - Link de site sobre habilidades essenciais de professores da Educação 4.0 (<https://novaescola.org.br/conteudo/11677/que-habilidades-deve-ter-o-professor-da-educacao-40/>); Compartilhamento de arquivos em pdf (Cadernos da escola Objetivo); Link de notícia sobre aumento de casos de Covid-19 (https://globoplay.globo.com/v/9287264/?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar&fbclid=IwAR1iIgLfSXIRRfqPR6Ecp7l1iQ_-Hu_Fgw_-B79obk3NcrjQtJgqrSsRwBI); Link do Facebook sobre fechamento de escolas públicas de Agudos por causa de casos de Covid-19 (https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3688520341267832&id=905946266191934&sfn=wiwspwa).

Dia 22/02/21 - Link de vídeo no instagram sobre fala de um racista (<https://www.instagram.com/reel/CLkewkFHpCT/?igshid=xa150deqz882&fbclid=IwAR00NFC7KM9tmmsIq1aDkM96S6e4Bah16FIvxyH6KvhikrHxAbRU99wbor0>).

Dia 23/02/21 - Discussão sobre resolução 11 de 26 de janeiro de 2021 sobre protocolo de retomada de atividades escolares; Comentário sobre conhecimento de casos suspeitos de Covid-19 em professoras que foram orientadas a continuar indo ao trabalho; Compartilhamento de arquivo em pdf sobre carta aberta da Unesp à comunidades educativas contra o retorno de aulas presenciais nesse momento de pandemia.

Dia 24/02/21 - Compartilhamento de arquivos em pdf sobre suspensão de liminar relacionado a contagem de tempo de serviço de servidores de SP; Pedido de compartilhamento de materiais sobre aulas de tecnologia.

Dia 25/02/21 - Informativo de falecimento de colega de profissão, seguido de comentários e emojis de tristeza e condolências; Pedido de colaboração em campanha de doação.

Dia 26/02/21 - Devolutiva com mensagens de condolências do informativo do dia anterior.

Dia 27/02/21 - Link de vídeo no Youtube sobre a luta pela abertura do Hospital das Clínicas de Bauru/SP (https://youtu.be/PeOleTk_DKQ).

Dia 01/03/21 - Orientações sobre agendamento de vacinação da Covid-19 em Bauru/SP.

Dia 02/03/21 - Link de vídeo no Facebook sobre representação irônica de início de treinamento na academia (<https://fb.watch/cZ3MmowcKx/>); Orientações sobre agendamento de vacinas da Covid-19; Pedido de doações para estudante carente; Link de notícia sobre defesa de suspensão de aulas presenciais no Estado (https://www.jcnet.com.br/noticias/nacional/2021/03/751506-secretario-estadual-da-saude-defende-suspensao-de-aulas-presenciais-no-estado-de-sao-paulo.html?fbclid=IwAR32cKcSovXIj0zqBErnSmYHYui_Ek9fuI6ooTqrRYe3ZIUJPi9HRO7PWQg), seguido de comentário sobre ser um absurdo as escolas estarem abertas; Link de notícia sobre morte de um coordenador por covid-19 (<https://www.cotiaecia.com.br/2021/03/coordenador-de-escola-estadual-em-cotia.html?m=1&fbclid=IwAR00NFC7KM9tmmsIq1aDkM96S6e4Bah16FIvxyH6KvhiKrHxAbRU99wbor0>), seguido de comentários e emojis de tristeza e susto; Link de notícia sobre vacinação nos EUA (https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/03/02/biden-diz-que-eua-tem-vacina-para-imunizar-todos-os-adultos-ate-maio.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=uol&utm_content=geral&fbclid=IwAR1JhotMdJ11YE7w9aQxGwPTjRvxy8cfLnI-qJ7txVqVJeGV82t7gKgA-Ck), seguido de comentário sobre lá valorizar em primeiro lugar os professores ao contrário do nosso país.

Dia 03/03/21 - Tira dúvidas sobre aulas de EF para o Ensino Médio do CMSP.

Dia 04/03/21 - Discussão sobre ocultação de casos de Covid-19 em algumas escolas.

Dia 05/03/21 - Link de vídeo no Facebook sobre fiscalização na casa do governador (<https://fb.watch/cZ3pP2wXaO/>); Link de Facebook com atualização de casos de covid-19 nas escolas (<https://www.facebook.com/1656146581124771/posts/5078935102179218>).

Dia 08/03/21 - Compartilhamento de imagens e vídeos comemorativos ao dia da mulher; Pedido de assinatura em petição sobre reconhecimento da importância da profissão de EF para a saúde (<https://www.change.org/p/governadores-academias-s%C3%A3o-essenciais-para->

sa%C3%BAdade?recruiter=1184793726&utm_source=share_petition&utm_campaign=psf_combo_share_abi&utm_medium=whatsapp&recruited_by_id=b26f6940-8035-11eb-bcfe-857cc1374ea3); Link de notícia sobre registros de mortes e casos de Covid-19 em escolas (https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/03/escolas-de-sp-registraram-21-mortes-e-4084-casos-de-covid-19-em-um-mes.shtml?fbclid=IwAR0X3Ch-Css3xGBSJq8DXGLStjmtl6_G2xdmDumXTsb2LsaNMlrYgxY3JCA).

Dia 09/03/21 - Link do twitter com vídeo irônico de Bolsonaro e Lula (https://twitter.com/brunnosarttori/status/1369018534362292226?fbclid=IwAR0hN8PhbjGFtVgqNJQRtzqEKCuwIB5_peekoLzJEdU-U7BB5wET8fcVova8).

Dia 10/03/21 - Pedido de colaboração em pesquisa universitária sobre competências digitais.

Dia 11/03/21 - Comentários sobre resumo de coletiva de imprensa sobre a Covid-19 em SP; Informativo de que os profissionais de EF conquistaram reconhecimento na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob o código 2241-40, como profissional de EF na saúde.

Dia 12/03/21 - Anúncio de venda de porta-máscaras; Informativo de exoneração de cargo de professora de EF, seguido de comentários e emojis de apoio.

Dia 13/03/21 - Comentários de apoio em devolutiva ao informativo de exoneração de colega no dia anterior.

Dia 15/03/21 - Divulgação de simpósio sobre fisiologia e biomecânica aplicada ao exercício físico; Pedido de indicação de congressos relacionados a área de EF no ano de 2021.

Dia 16/03/21 - Divulgação de jornada da UFSCAR com apresentações de pesquisas da área educação; Tira dúvidas sobre agendamento de vacinas da Covid-19; Comentários sobre lockdown das cidades devido a pandemia.

Dia 18/03/21 - Link de vídeo motivacional no instagram (<https://www.instagram.com/reel/CLzKo62HwsR/?igshid=8mf6c76xfwtd&fbclid=IwAR1RpJjODoJ8MMSMqWogGzXVsbhu8Q4KJIGJyANT7aEBOUF-bp1lNCVvi7U>).

Dia 19/03/21 - Folder de curso de basquetebol.

Dia 22/03/21 - Divulgação de aulas livres de EF em uma escola estadual de Bauru/SP.

Dia 23/03/21 - Pedido de colaboração em abaixo assinado para hospital de Bauru (https://www.change.org/p/jdoriajr-governosp-pela-abertura-do-hospital-das-cl%C3%ADnicas-de-bauru?recruiter=381993900&utm_source=share_petition&utm_campaign=psf_combo_share_initial&utm_medium=whatsapp&utm_content=washarecopy_27973864_pt-BR%3A5&recruited_by_id=83f804d0-59aa-11e5-8848-ff8fd4523835).

Dia 24/03/21 - Link de notícia sobre anúncio de vacinação dos professores (https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,doria-vai-anunciar-vacinacao-de-professores-a-partir-de-12-de-abril,70003658751?utm_source=facebook%3Anewsfeed&utm_medium=social-organic&utm_campaign=redes-sociais%3A032021%3Ae&utm_content=%3A%3A%3A&utm_term=&fbclid=IwAR0DDam75we_PICIJ-aemvO5r36rZmjumjqy6P7c5WcF8oNcZOiSAIrHt-k); Link de site sobre funcionamento do cérebro (<https://comoinvestir.thecap.com.br/bluma-zeigarnik-e-o-efeito-zeigarnik-nas-financas-pressoais?fbclid=IwAR1RpJjODoJ8MMSMqWogGzXVsbhu8Q4KJIGJyANT7aEBOUF-bp1lNCVvi7U>).

Dia 25/03/21 - Divulgação de link de livro do PROEF (<https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381384?fbclid=IwAR19zrghHBvuaS9bYB6t-RnJSdomyM2n9iv2Fk58B3dkgHVioFXfFF8HAT0>) seguido de comentários e emojis de agradecimentos.

Dia 31/03/21 - Divulgação de venda de doces.

Dia 01/04/21 - Link do Facebook sobre homenagem a comunidade USP assassinada no regime militar

(https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3892257910852116&id=169245436486734).

Dia 06/04/21 - Link de vídeo no Youtube do humorista Diogo Almeida sobre vacinação dos professores (<https://youtu.be/OpLsRE-ehps>).

Dia 10/04/21 - Mensagem com pedido de voluntários para participar de entrevistas para minha pesquisa de doutorado.

Dia 11/04/21 - Link de notícia sobre vaga/oportunidade para vacinação da Covid-19 (<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/10/covid-como-se-candidatar-para-receber-vacinas-que-sobram-nos-postos-de-saude-em-sp?fbclid=IwAR0tFFMFUj4Sq0dZ87xetLf2C2RgZmw4ofdAnQB-U4DDVxy36GTsrCvb5vU>).

Dia 12/04/21 - Link de vídeo no instagram sobre corrupção na aplicação de vacinas (https://www.instagram.com/p/CNlf0y1Fwuw/?igshid=1clzbr3uo6n0n&fbclid=IwAR3X4SpL ocxejCyU_ryW0RT6xR1C3Dt5ALuMij49nrPTxProOKK9Zx3sxVc).

Dia 13/04/21 - Compartilhamento de arquivo em pdf contendo liminar sobre retorno às aulas presenciais e discussão sobre a liminar.

Dia 15/04/21 - Divulgação de evento com palestras sobre o brincar na infância.

Dia 16/04/21 - Pedido de informação sobre o tema pecúnia.

Dia 18/04/21 - Link de vídeo no Youtube sobre lutas na EF (<https://youtu.be/qsSTBxhkKc4>);

Link de vídeo no Youtube sobre as novas regras do código de trânsito (<https://youtu.be/7wFs0KPLWCg>).

Dia 19/04/21 - Compartilhamento de arquivo de E-book sobre vivências didáticas com mensagem indicando que no e-book tem a participação de um professor nosso da rede.

Dia 22/04/21 - Link de vídeo no Facebook sobre o humorista Diogo Almeida respondendo crítica de deputado a professores (<https://fb.watch/cYQgK6Wa3S/>).

Dia 23/04/21 - Link de notícia sobre ensino híbrido e aula remota (<https://novaescola.org.br/conteudo/20152/nao-tem-como-implementar-ensino-hibrido-em-aula-remota/>).

Dia 24/04/21 - Link de notícia sobre a maior academia online do Brasil (<https://exame.com/casual/a-maior-academia-online-do-brasil-tem-45-mil-alunos-e-aulas-de-madrugada/?fbclid=IwAR10fNBXp-ab2AFfmYQSNnFnKJyV3O7YozmUkgvolt2OUAeCXWHY5dPEORI>).

Dia 25/04/21 - Link do Youtube com entrevista a um infectologista sobre Covid-19 (<https://youtu.be/VDH0GlcYo6k>).

Dia 26/04/21 - Comentário e emoji agradecendo o compartilhamento do vídeo no dia anterior.

Dia 29/04/21 - Informações e orientações sobre vacinação da Covid-19 em Bauru; Pedido de divulgação para live de apresentação de tango.

Dia 30/04/21 - Pedido para adição de colega no grupo.

Dia 01/05/21 - Pedido de informações sobre o uso de melatonina com devolutivas.

Dia 02/05/21 - Pedido de divulgação de vaga para eventual em uma escola estadual de Bauru; Devolutiva sobre compra e venda de melatonina.

Dia 03/05/21 - Link de vídeo no Facebook com questionamentos sobre mulheres serem minoria (<https://fb.watch/cYPmXUrIxc/>); Divulgação de evento da UNOPAR com palestras relacionadas a área de EF.

Dia 06/05/21 - Informações e orientações sobre vacinação da Covid-19 em Bauru, seguido de comentários e emojis de agradecimento pelo compartilhamento.

Dia 07/05/21 - Informações e orientações sobre vacinação da Covid-19 em Bauru, seguido de comentários e emojis de agradecimento pelo compartilhamento.

Dia 09/05/21 - Compartilhamento de arquivos de imagens e vídeo e mensagens comemorativas ao Dia das Mães.

Dia 20/05/21 - Divulgação de venda de item pessoal (decoração de parede).

Dia 11/05/21 - Link de workshop sobre inclusão na educação a distância (https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/secretaria-abre-vagas-para-workshop-de-inclusao-na-educacao-a-distancia/?fbclid=IwAR0xIYGHWMHWKcv56Gp87n1g6Y6Vb9lLXFtTgI_AA_NAXgtBpXQ7egvjSGc); Link de notícia sobre obesidade (https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sp-entrega-creche-escola-na-regiao-de-votorantim/?fbclid=IwAR0NFvYRpisu1t5NXKKL2cM4eHMtEZ_mTeGZVbWOmUwasPccuh6qhyzF51E).

Dia 15/05/21 - Link de videoclipe de “Reverb Poesia - A criança que eu fui um dia” no Youtube (<https://youtu.be/FaW8-qmlCoI>).

Dia 16/05/21 - Compartilhamento de arquivos de imagem e vídeo com piadas sobre o time de futebol Palmeiras.

Dia 17/05/21 - Link de site para baixar livros gratuitamente (<https://institutoinclusaobrasil.com.br/colecao-educadores-mec-e-unesco-pdf-para-baixar-gratuito/?fbclid=IwAR0JzhPp3yer-nrz-Vh9wXny6bEOvD2lX0OEZtFIA3CK9d96eOUrq14xwqc>).

Dia 18/05/21 - Adição de colega no grupo; Informativo de que celular de colega foi clonado e estão aplicando golpe do WhatsApp pedindo dinheiro, seguido de comentários sobre colegas terem recebido mensagens pedindo dinheiro, compartilhamento de arquivo de vídeo com orientações sobre como proceder a situações desse tipo no WhatsApp.

Dia 19/05/21 - Comentários de devolutiva sobre golpe do WhatsApp.

Dia 20/05/21 - Compartilhamento de piada sobre ações do governo federal.

Dia 24/05/21 - Compartilhamento de foto/imagem tirada da TV onde estava passando uma reportagem sobre 77% de pessoas que morreram por covid-19 não completaram educação básica, seguido de comentário explicando que a notícia explicou essa pesquisa e que também apontou que o setor de serviços foi o mais prejudicado, e que seria importante refletirmos como esses dados da pesquisa reforça a necessidade de políticas de proteção aos menos favorecidos; Pedido de indicação de lugares para prática de danças caribenhas e latinas; Link de site sobre a temática da importância de hidratação para evitar gripe (https://www.metropoles.com/saude/xo-gripe-hidracao-e-um-santo-remedio-contr-a-doenca?fbclid=IwAR00GvZUAqZAj-HeIUFTJXQus-JiDtfHDho8s1hewNbSvOn76RnPs_c7xvA).

Dia 25/05/21 - Folder de curso online e gratuito da modalidade esportiva tênis.

Dia 26/05/21 - Comentários positivos e emojis de parabenização sobre ATPC de hoje ser baseado na nossa realidade escolar, o que é raro.

Dia 27/05/21 - Link de vídeo motivacional no Facebook (<https://fb.watch/cYN0QxYZBk/>); Compartilhamento de arquivo de vídeo sobre Tico Santa Cruz comentando ações políticas; Informativo de dados (endereço e contato) do Sindicato APEOESP.

Dia 31/05/21 - Divulgação de live da TV Unesp sobre Paulo Freire; Link de vídeo no Youtube sobre entrevista com ministro Wagner Rosário (https://youtu.be/SNjlu9oP_yY).

Dia 02/06/21 - Link de vídeo no Youtube sobre CPI da Covid (<https://youtu.be/OG6U4JaQNVc>).

Dia 04/06/21 - Devolutiva de pedido de indicação de lugares para prática de danças caribenhas e latinas.

Dia 08/06/21 - Compartilhamento de boas práticas; Divulgação de foto e notícia de que ex-aluno assinou contrato com Corinthians, seguido de mensagens e emojis de parabenização; Compartilhamento de fotos antigas com mensagens e emojis de saudades.

Dia 09/06/21 - Pedido de ajuda com devolutiva sobre formulário de presença do ATPC da DE.

Dia 13/06/21 - Link sobre retrato da juventude brasileira (<https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/retrato-da-juventude-brasileira/ar-AAKZ48l?ocid=sw>); Link de notícia sobre número de jovens brasileiros decair (https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/06/02/numero-de-jovens-brasileiros-cai-ao-menor-nivel-em-quase-2-decadas-fgv.htm?fbclid=IwAR0hHQx0R2ZMA0XdbJdgtV3ekvDjknwIvpY-zXfvGp4ea-A_nGs-EWhMNfU).

Dia 14/06/21 - Link de vídeo no Facebook sobre apresentação de dança (https://fb.watch/cXU_6xo01n/); Compartilhamento de foto de uma chave com mensagem que ela foi encontrada e pedido de divulgação a fim de chegar ao dono.

Dia 15/06/21 - Link de vídeo no Youtube sobre entrevista com cabo (<https://youtu.be/1TuwB1N-yKk>); Divulgação de canal de professor contendo temática sobre treinos em espaços públicos (<https://www.youtube.com/channel/UCUEUyUkDkzWuh8pMP3DChhw>), seguido de comentários e emojis de parabenização ao canal.

Dia 16/06/21 - Informativo de inscrição para Educação de Jovens e Adultos; Pedido de colaboração em pesquisa universitária com a temática de investigar perspectivas docentes com relação às mudanças no ATPC, devolutiva de colegas afirmando que colaboraram e agradecimento.

Dia 17/06/21 - Compartilhamento de vídeos e fotos de boas práticas, seguido de comentários e emojis de parabenização.

Dia 18/06/21 - Link de vídeo no Youtube sobre feminista que se passou por homem (<https://youtu.be/sD4pCFaFqTw>).

Dia 22/06/21 - Pedido de colaboração em pesquisa universitária com a temática de investigar perspectivas docentes com relação às mudanças no ATPC.

Dia 23/06/21 - Discussões sobre o Novo Ensino Médio, onde a EF está sendo descaracterizada e diminuída, onde vão trabalhar por áreas e surge o problema de que qualquer professor pode dar unidades curriculares que contém conteúdos de EF e vice-versa, e infelizmente muitos professores não se movimentaram para impedir isso e alguns até apoiam, que os estudantes não possuem maturidade ainda para escolher os itinerários, que vai aumentar a desigualdade social, que os professores não têm tempo para estudar e se aprofundar em diversos novos temas dos possíveis itinerários, criticando essas mudanças em momentos difíceis como na pandemia, que temos que discutir criticamente esse assunto com os estudantes para que eles vejam de maneira crítica essa mudança na escola; Compartilhamento de arquivo de um artigo científico sobre a reforma e a produção de desigualdades na educação escolar; Divulgação de vaga de emprego.

Dia 24/06/21 - Convite para ato de protesto contra mil mortes na pandemia em Bauru com comentário frisando que não são apenas números e sim vidas.

Dia 25/06/21 - Compartilhamento de fotos de manifestação em Bauru de protesto pelas mil mortes na pandemia em Bauru, com devolutiva de comentários e emojis tristes.

Dia 26/06/21 - Compartilhamento de arquivo de vídeo sobre a BNCC e a reforma do Ensino Médio para reflexão.

Dia 27/06/21 - Link de instagram sobre documentário Brasil paralelo (https://www.instagram.com/tv/CQpD3dugW6X/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR2I_X13iEjAiCrX9Rcz5SjAnuPMLmG7jEdJyHR1S36KeKJxUCQHeDMWCu0).

Dia 28/06/21 - Divulgação de vestibular de pedagogia a distância na Unesp.

Dia 01/07/21 - Link de notícia sobre morte de trabalhadores na área da educação (<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/30/numero-de-desligamentos-por-morte-na-educacao-cresce-128percent-de-janeiro-a-abril-aponta-dieese.shtml>) seguido de pedido para colegas tomarem cuidado.

Dia 02/07/21 - Link de notícia sobre vacina vencida no Brasil (https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/milhares-no-brasil-tomaram-vacina-vencida-contracovid-veja-se-voce-e-um-deles.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb&fbclid=I

wAR20nLmmLVNRFeyGJoJQRuiBwUqhvpjhtXINNViX0uQEvVfPysCSZZcW20); Link de instagram sobre nota oficial da prefeita de Bauru dizendo que Bauru não aplicou doses vencidas da vacina de Covid-19 (https://www.instagram.com/p/CQ2AxZuhuZs/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR0fGQmRb01taK2rLjhyseoHU0fte4XIxBY5EB1k-NaEGfAd3_2i_Qq3ycs).

Dia 03/07/21 - Link de site com gibi relacionado a temática de projeto de vida (http://www.fazendoacontecer.org.br/gibi/?fbclid=IwAR2e1X5_ukjRMabjt7InRdaBpwx47SwT2f7BuCNckBOqjvxhxfL0MYCh3RM#dearflip-df_2712/21/).

Dia 05/07/21 - Divulgação de cursos de pós-graduação na Faculdade SESI.

Dia 07/07/21 - Pedido de indicação de locais para prática e ginástica olímpica com devolutivas; Comentário sobre ter saído alguma notícia do Bolsonaro querer regulamentar a nossa profissão, entretanto, isso já foi feito pela lei n.º 9696; Link de livros para baixar (https://go.hotmart.com/V56509350F?fbclid=IwAR2e1X5_ukjRMabjt7InRdaBpwx47SwT2f7BuCNckBOqjvxhxfL0MYCh3RM).

Dia 08/07/21 - Link de notícia sobre decreto de estado de emergência em Tóquio ([https://esportes.r7.com/olimpiadas/olimpiada-japao-decreta-novo-estado-de-emergencia-em-toquio-](https://esportes.r7.com/olimpiadas/olimpiada-japao-decreta-novo-estado-de-emergencia-em-toquio-08072021?amp=&fbclid=IwAR2I_X13iEjAiCrX9Rcz5SjAnuPMLmG7jEdJyHR1S36KeKJxUCQHeDMWCu0)

[08072021?amp=&fbclid=IwAR2I_X13iEjAiCrX9Rcz5SjAnuPMLmG7jEdJyHR1S36KeKJxUCQHeDMWCu0](https://esportes.r7.com/olimpiadas/olimpiada-japao-decreta-novo-estado-de-emergencia-em-toquio-08072021?amp=&fbclid=IwAR2I_X13iEjAiCrX9Rcz5SjAnuPMLmG7jEdJyHR1S36KeKJxUCQHeDMWCu0)); Encaminhamento de resolução de retomada presencial das aulas; Orientações sobre envio de comprovante de vacinação; Link de site sobre orientações com relação a consignado (https://reuniao.dividazero.com.br/aula-consignado?fbclid=IwAR38HEW7yira0I8EiSp53ZsUIqcWnr2Wh_kV92v-v_4N6iimaIFY4e1QuvE); Link de vídeo do Youtube sobre pais revoltados com professores na quarentena (<https://www.youtube.com/watch?v=cqE2VsU4aBA>).

Dia 12/07/21 - Pedido de doação de móveis para família carente; Orientações sobre agendamento de vacinas da Covid-19; Comentário sobre projeto de lei n.º 3.929 de 2019 que parece que educação física vai para três vezes na semana.

Dia 14/07/21 - Link de vídeos sobre exemplos de práticas pedagógicas de professores e metodologia ativa (<https://youtu.be/k04iaeNHqls> e <https://youtu.be/d3vRVuIvpdo>); Link de vídeo do Youtube com fala sobre poemas de Rubem Alves (<https://youtu.be/eiC75ZkwWWw>).

Dia 16/07/21 - Comentário comemorando conseguir agendar vacina; Divulgação de cursos de formação continuada da prefeitura de Bauru.

Dia 18/07/21 - Link de notícia sobre professores cometerem corrupção (<https://entretenimento.r7.com/prisma/melhor-nao-ler/professores-de-escolas-publicas->

cometem-corrupcao-inversa-16072021?fbclid=IwAR2eFjX-

UYAmFBsSlaRewYWLW_9kqHnc0iAPBADv7Q_8USdBEYexYIm7OQo), seguido de comentário irônico “seus corruptos” com devolutiva de emoji com risos.

Dia 23/07/21 - Pedido de ajuda e divulgação para compra de prótese para uma criança.

Dia 25/07/21 - Link de vídeo do Facebook com apresentação de Rebeca na ginástica artística (<https://fb.watch/cXQelKleav/>).

Dia 26/07/21 - Compartilhamento de arquivo de vídeo sobre jogo de voleibol das olimpíadas seguido de comentários sobre acontecimentos no jogo; compartilhamento de imagem de meme sobre as olimpíadas despertar o melhor de nós e a gente torcendo para acontecer coisas ruins com os atletas adversários dos brasileiros.

Dia 28/07/21 - Divulgação de cursos de formação continuada da prefeitura de Bauru; Pedido de informações sobre o novo formato do ensino médio.

Dia 30/07/21 - Folder e link de evento sobre pedagogia dialógica e futebol callejero ([https://www.sympla.com.br/paulo-freire-entra-em-campo---um-bate-bola-entre-a-pedagogia-dialogica-e-o-futbol-](https://www.sympla.com.br/paulo-freire-entra-em-campo---um-bate-bola-entre-a-pedagogia-dialogica-e-o-futbol-callejero__1262889?fbclid=IwAR20nLmmLVNRFEjyGJoJQRuiBwUqhvpjhtXINNViX0uQEvvfPysCSZZcW20)

[callejero__1262889?fbclid=IwAR20nLmmLVNRFEjyGJoJQRuiBwUqhvpjhtXINNViX0uQEvvfPysCSZZcW20](https://www.sympla.com.br/paulo-freire-entra-em-campo---um-bate-bola-entre-a-pedagogia-dialogica-e-o-futbol-callejero__1262889?fbclid=IwAR20nLmmLVNRFEjyGJoJQRuiBwUqhvpjhtXINNViX0uQEvvfPysCSZZcW20)); Piada sobre não tomar banho;

Dia 31/07/21 - Link de notícia sobre Bolsonaro determinar sigilo de cem anos em informações ([https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/07/31/bolsonaro-impoe-sigilo-de-100-anos-sobre-acesso-dos-filhos-ao-](https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/07/31/bolsonaro-impoe-sigilo-de-100-anos-sobre-acesso-dos-filhos-ao-planalto.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR2taG9zgHk4Q4xR74LKUUA-ERQAVOsYsgJfNpCAF-6uNQabvSWL64oynQkw)

[planalto.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-](https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/07/31/bolsonaro-impoe-sigilo-de-100-anos-sobre-acesso-dos-filhos-ao-planalto.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR2taG9zgHk4Q4xR74LKUUA-ERQAVOsYsgJfNpCAF-6uNQabvSWL64oynQkw)

[media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR2taG9zgHk4Q4xR74LK](https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/07/31/bolsonaro-impoe-sigilo-de-100-anos-sobre-acesso-dos-filhos-ao-planalto.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR2taG9zgHk4Q4xR74LKUUA-ERQAVOsYsgJfNpCAF-6uNQabvSWL64oynQkw)

[UA-ERQAVOsYsgJfNpCAF-6uNQabvSWL64oynQkw](https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/07/31/bolsonaro-impoe-sigilo-de-100-anos-sobre-acesso-dos-filhos-ao-planalto.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR2taG9zgHk4Q4xR74LKUUA-ERQAVOsYsgJfNpCAF-6uNQabvSWL64oynQkw)); Comentários sobre resultados dos jogos olímpicos.

Dia 01/08/21 - Comentários sobre resultados dos jogos olímpicos; Link de vídeo no instagram de pódio na ginástica artística nos jogos seguido de emojis parabenizando (https://www.instagram.com/tv/CSBwQ2ijNNg/?utm_medium=share_sheet&fbclid=IwAR1oZUGztHE0XWojMVGwpaRYwagMkHYZnc1LcxX48VeNLt2OP2ztXXJFI).

Dia 03/08/21 - Compartilhamento de foto de ex-aluno ganhando medalha em competição; Divulgação de curso sobre lógica interna de jogos e esportes na educação física escolar.

Dia 04/08/21 - Compartilhamento de arquivos de vídeo com a temática do futebol seguido de comentários e emojis achando legal.

Dia 06/08/21 - Compartilhamento de arquivos de vídeos motivacionais para a prática de atividade física com devolutiva de comentários e emojis de colegas elogiando os vídeos.

Dia 07/08/21 - Link de vídeo do Facebook sobre comentário de deputado (<https://www.facebook.com/desmascarandooficial/videos/1222613641497569>).

Dia 10/08/21 - Compartilhamento de abaixo-assinado contra o PLC 26/2021; Pedido de indicação de professor substituto com devolutivas.

Dia 11/08/21 - Link de vídeo de jornalistas comentando sobre a lei do mandante (<https://youtu.be/Aer1WVN5jqo>).

Dia 13/08/21 - Indicação de faculdade para cursar pedagogia; compartilhamento de foto de curso de voleibol sentado.

Dia 16/08/21 - Pedido de colaboração em pesquisa universitária sobre a temática de questões de gênero na prática do futsal; Link de notícia sobre fala de ministro da educação de crianças com deficiência atrapalham aprendizado das outras, seguido de emojis e comentários de críticas negativas ao ministro (https://www.osaogoncalo.com.br/geral/110992/criancas-com-deficiencia-atrapalham-aprendizado-das-outras-diz-ministro-da-educacao?fbclid=IwAR24s_nBC1OOlrrIULwOrOyhz_NKs7TOuuJmRrqWFzv_15f-NvyAf9AEitA);

Link de site de benfeitoria (<https://parcerias.benfeitoria.com/canal/todocuidadoconta>); Link de vídeo do instagram com jornalista comentando fala de terroristas islâmicos (https://www.instagram.com/reel/CSqC0KkD1pb/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR1wg0-UAXjscma9jtHFiUk-G860FC1HcSAkvqBR2j0Xb_OCOVi9hv10Ys).

Dia 17/08/21 - Divulgação de curso de arbitragem de natação da Federação Aquática Paulista.

Dia 19/08/21 - Pedido para votação e compartilhamento de abaixo-assinado para inclusão do magistério como carreira de Estado na Constituição Federal.

Dia 20/08/21 - Pedido de colaboração em pesquisa universitária sobre a temática de questões de gênero na prática do futsal.

Dia 21/08/21 - Link de vídeo do instagram de falas discriminatórias e explicações de uma blogueira

(https://www.instagram.com/tv/CSzJttxgKHr/?utm_medium=share_sheet&fbclid=IwAR3SiX0hSVu7EOskbwd_tb5Q-RAo5YzuZlpQu1liBuF5KoU_ZxNo_pac7SM).

Dia 23/08/21 - Compartilhamento de arquivo em pdf referente a guia dos jogos paralímpicos 2020.

Dia 25/08/21 - Divulgação de oficinas gratuitas com a temática de produção audiovisual; Compartilhamento de fotos antigas seguido de comentários e emojis de saudade.

Dia 26/08/21 - Comentários e emojis de saudade referentes a fotos compartilhadas no dia anterior; Folder sobre prática de yoga na APEOESP de Bauru seguido de mensagem “Que legal!!!”.

Dia 27/08/21 - Compartilhamento de arquivo de vídeo contendo imagens de uma diretora de escola tietando o governador seguido de comentários e emojis lamentando a ação.

Dia 28/08/21 - Edital da prefeitura de Bauru com chamamento público para contratações de programações artísticas; Momento lúdico com a realização de um quiz com a temática de esportes e devolutivas.

Dia 29/08/21 - Link do Facebook com mensagem pessoal comentando sobre as manifestações de sete de setembro (https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=10158565542873014&id=667303013).

Dia 30/08/21 - Pedido de indicação de empresa que trabalhe com aparelhos de academia ao ar livre com devolutivas; Link de notícia sobre inscrições abertas para projeto social (https://96fmbauru.com.br/projeto-social-parceria-do-noroeste-com-a-semel-esta-com-inscricoes-abertas?fbclid=IwAR16Ghj77eBIxKe1y6ZfQ4tRx91wz8fe-zRDCEQ1qhKAGTMBRqvHe-R5vw).

Dia 01/09/21 - Informe de aulas para substituição em uma Escola Estadual de Bauru/SP; Compartilhamento de imagens e mensagens comemorativas ao dia do profissional de EF.

Dia 02/09/21 - Pedido de ajuda com link de presença de ATPC; Link do Facebook com notícia sobre perseguição a um sindicalista seguido de mensagem “Tempos sombrios! FORA BOLSONARO!!!!!!” (https://www.facebook.com/1656146581124771/posts/5968574166548636).

Dia 03/09/21 - Link de notícia sobre perseguição a uma professora por ter criticado Bolsonaro (https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/09/02/a-pedido-de-diretora-helicoptero-da-pm-sobrevoa-colegio-que-puniu-professora-por-ter-criticado-bolsonaro-em-mt-mp-investiga.ghtml); Link de notícia sobre perseguição a um sindicalista (https://www.cartacapital.com.br/sociedade/em-bauru-pm-vai-a-casa-e-ao-trabalho-de-sindicalista-para-exigir-mudancas-no-ato-contra-bolsonaro/?fbclid=IwAR24s_nBC1OOlrrIULwOrOyhz_NKs7TOuuJmRrqWFzv_15f-NvyAf9AEitA); Link de vídeo no Youtube sobre educação e marxismo (https://youtu.be/KdkGSdjMo_A).

Dia 05/09/21 - Convite para participação e submissão de trabalhos de um encontro de educação física escolar; Compartilhamento de fotos antigas seguido de comentários e emojis de saudades desse tempo.

Dia 07/09/21 - Compartilhamento de charge com a temática de pessoas não usarem máscara; Link de notícia sobre prefeita de Bauru ser multada por não usar máscara (<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/09/07/governo-de-sp-multa-prefeita-de-bauru-por-nao-usar-mascara-em-ato-na-paulista.ghtml>).

Dia 10/09/21 - Link do Facebook sobre paródia ironizando Bolsonaro (<https://fb.watch/cXKW3n48Eo/>); Pedido de ajuda para votação e divulgação de uma emenda participativa <https://www.marinahelou.com.br/edital2022-votacao?fbclid=IwAR2n3fmEcxWwE13JY54EHI6mDZWlBmP6UxBqYD5EpBVLyPE4DTnuj7yYgJs>).

Dia 13/09/21 - Compartilhamento de fotos antigas de professores seguida de mensagens e emojis de saudades desses tempos; Compartilhamento de fotos de obra da prefeitura realizando desmatamento, seguido de comentários e emojis criticando a obra, frisando que é crime; Link de processo seletivo de pós-graduação PPGMIT/FAAC/Unesp/Bauru; Compartilhamento de piada sobre tragédias de antigamente.

Dia 14/09/21 - Envio de arquivo de e-book em pdf sobre a temática de ensino antirracista com pedido de divulgação e compartilhamento entre colegas da escola, seguido também do link (https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/e-book-gratuito-sobre-ensino-antirracista-na-educacao-basica/?fbclid=IwAR2GQfDIUCfdxDXIx8or_yfwvPxCfCzcHggvUxRgNATSdezzPl0_G3Xa9lY); Pedido de ajuda para divulgação com informações de um carro roubado; Compartilhamento de folder do processo seletivo da pós-graduação do PPGMIT/FAAC/Unesp/Bauru.

basica/?fbclid=IwAR2GQfDIUCfdxDXIx8or_yfwvPxCfCzcHggvUxRgNATSdezzPl0_G3Xa9lY); Pedido de ajuda para divulgação com informações de um carro roubado; Compartilhamento de folder do processo seletivo da pós-graduação do PPGMIT/FAAC/Unesp/Bauru.

Dia 15/09/21 - Link de site com atividades de jogos de oposição (<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=413&fbclid=IwAR2UdhRbdjT7Ghp37WiCORfmoLDs-KRALPvfzf-Feb2tI7peO4Je1EyV-Rs>).

Dia 16/09/21 - Compartilhamento de oportunidade de graduação gratuita no SESI/SP; Link do Facebook convidando professores para evento Fora Rossieli ([https://www.facebook.com/events/873392336639093/?acontext=%7B%22ref%22%3A%2252%22%2C%22action_history%22%3A%22\[%7B%5C%22surface%5C%22%3A%5C%22share_link%5C%22%2C%5C%22mechanism%5C%22%3A%5C%22share_link%5C%22%2C%5C%22extra_data%5C%22%3A%7B%5C%22invite_link_id%5C%22%3A161093729510529%7D%7D\]%22%7D](https://www.facebook.com/events/873392336639093/?acontext=%7B%22ref%22%3A%2252%22%2C%22action_history%22%3A%22[%7B%5C%22surface%5C%22%3A%5C%22share_link%5C%22%2C%5C%22mechanism%5C%22%3A%5C%22share_link%5C%22%2C%5C%22extra_data%5C%22%3A%7B%5C%22invite_link_id%5C%22%3A161093729510529%7D%7D]%22%7D)); Convite para participar de Jornada de educação física escolar da IFMS.

Dia 17/09/21 - Link de vídeo no Facebook sobre capoeira (<https://fb.watch/cXJCwYyu2p/>).

Dia 18/09/21 - Mensagens de elogio ao mestre de capoeira do vídeo compartilhado no dia anterior.

Dia 19/09/21 - Link de notícia sobre por que a extrema direita elegeu Paulo Freire seu inimigo (<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/09/18/por-que-a-extrema-direita-elegeu-paulo-freire-seu-inimigo.html>); Link de vídeo do Youtube sobre a opinião de Bruna Torlay sobre Paulo Freire (<https://youtu.be/P36-b5fz4bk>) com devolutiva de colegas com emojis de nojo com relação ao vídeo e comentário irônico sobre fala do vídeo de comparar Bolsonaro ao pensamento de Sócrates é “zuar com a inteligência do mundo” e que Paulo Freire está entre os melhores e maiores educadores do mundo e que precisamos de mais seres humanos como ele no mundo, seguido de mensagens de colegas com emojis de parabéns pelo comentário; Postagem de imagem com a famosa frase de Paulo Freire “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”, seguido de mensagem “por isso o ódio da extrema-direita a Paulo Freire”; Compartilhamento de link do Facebook de uma imagem, um meme repelindo Paulo Guedes e reverenciando Paulo Freire; Tira dúvidas de colega sobre finalização de módulo de um curso da EFAPE.

Dia 20/09/21 - Tira dúvidas sobre regulamentos de escolas PEI.

Dia 21/09/21 - Divulgação de oportunidade de emprego (vaga para professor de EF).

Dia 22/09/21 - Divulgação de aulas de EF para substituição em uma escola estadual de Bauru/SP; Compartilhamento de imagem e comentários relacionadas a famosa frase de Paulo Freire “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar opressor”, referindo-se da importância de uma educação crítica e libertadora e da união entre as pessoas para somar forças em busca de uma sociedade melhor, sem as pessoas desejarem serem melhor que as outras e oprimirem umas às outras e ter consciência de que um mundo de consumo e posses só contribui para distanciar as pessoas.

Dia 27/09/21 - Pedido de divulgação de Ebook sobre manual de libras (https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/EBOOK_-_MANUAL_DE_LIBRAS_PARA_CIENCIA-_A_C%C3%ABLULA_E_O_CORPO_HUMANO20200727155142.pdf?fbclid=IwAR1NP0OsTmg2t3VDIUJPhNTqRxuh-VMZt1twakAMuOhyM4GfuyMjgL84MNC); Link do Youtube com convite para live sobre pedagogia do esporte e suas possíveis aproximações com a escola (<https://youtu.be/kwZwrvUZQuU>).

Dia 29/09/21 - Link do Youtube com convite para live sobre corpos brincantes e educação antirracista (<https://youtu.be/Mc1ncHAMucA>).

Dia 06/10/21 - Convite para prática de futsal a noite.

Dia 07/10/21 - Divulgação de link para inscrições sobre a Jornada Estadual de Educação do IFMS.

Dia 08/10/21 - Link do Facebook sobre a temática de privilégio branco (<https://fb.watch/cWCJq-aCZc/>); Link do Facebook sobre postura de mãe (<https://fb.watch/cWCCt4CErV/>); Compartilhamento de arquivo em pdf com links de variados livros para baixar; Link do instagram sobre live com a temática de games e séries violentas poderem trazer prejuízos em crianças e adolescentes (https://www.instagram.com/p/CUr7fccrz88/?utm_medium=share_sheet&fbclid=IwAR0fFOXw8_yj0USJolgQcGUn9ScArVjvjrjyfcbr5SYVhf3Yz52QvNkRyAM).

Dia 10/10/21 - Link do Facebook sobre abaixo assinado para derrubar veto de distribuição gratuita de absorventes para mulheres carentes (<https://www.facebook.com/687008454694990/posts/4743962808999514/?d=n>).

Dia 11/10/21 - Convite para praticar basquetebol à noite.

Dia 13/10/21 - Compartilhamento de link de vídeo no Youtube sobre o ensino de atividades circenses na escola e pedido de ajuda na divulgação (<https://youtu.be/V9ZxdhJQyIY>).

Dia 15/10/21 - Compartilhamento de fotos de presentes de estudantes, de imagens comemorativas ao dia do professor, de um arquivo em pdf sobre uma notícia jornalística de um professor com mestrado que também faz bico como pedreiro para complementar a renda.

Dia 18/10/21 - Link de vídeo do instagram com relação a questionamentos entre obedecer e reagir a mandos e desmandos da atualidade (https://www.instagram.com/tv/CVHPkecgrZw/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR1oifSsSuPE3ROs5LP0v3_mNu_3l7v1Vf7MGMhgyNeJ8lAgJzkJB-556F8); Compartilhamento e pedido de divulgação de perfil no instagram e canal do Youtube sobre conteúdos e questões de concursos públicos; Orientações sobre agendamento e a vacinação da Covid-19; Compartilhamento de arquivo de vídeo referente ao desrespeito de Fernando Holiday; Link de abaixo assinado (https://www.change.org/p/professores-e-especialistas-da-rede-municipal-de-s%C3%A3o-paulo-solicita%C3%A7%C3%A3o-de-a%C3%A7%C3%A3o-contras-as-injurias-aos-professores-no-dia-13-de-outubro?recruiter=909207024&utm_source=share_petition&utm_campaign=psf_combo_share_initial&utm_medium=whatsapp&utm_content=washarecopy_31086533_pt-BR%3A4&recruited_by_id=aa1c79d0-dcbe-11e8-98eb-db112df65a6a); Folder de divulgação de live sobre articulações entre a praxiologia motriz e o ensino de educação física.

Dia 20/10/21 - Link do Youtube sobre relato pessoal de um profissional de educação física (<https://youtu.be/pTeKQPwJKH4>); Link de notícia sobre aprovação da reforma administrativa do governo Dória (<https://agora.folha.uol.com.br/grana/2021/10/alesp-aprova-projeto-que-muda-carreira-de-servidor-em-sp-veja-mudancas.shtml?fbclid=IwAR1mv924SQDsWuHTu9ink1QbeIqjRmehrCRFA-Whi1-sKfvECL8LUiyUoBs>).

Dia 22/10/21 - Link do Facebook sobre diferentes práticas esportivas não convencionais (<https://fb.watch/cWAEiqNh-n/>); Informes, discussão e tira dúvidas sobre retirada do direito das faltas abonadas e comentários irônicos sobre alguns professores “tietarem” o governador e o secretário da educação.

Dia 24/10/21 - Link de instagram sobre Ciro Gomes dizendo que é mentira que o governo petista governa para os pobres (https://www.instagram.com/tv/CVJ3A9sACgo/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR1FSU4MNseZssvLSVX4id_sdHHnk3J1m0gC2D1Ki8IA5U7AHwgYIcMBQ-M).

Dia 25/10/21 - Link para abaixo-assinado contra PLC 26/2021 sobre o fim das abonadas (https://carlosgiannazi.com.br/abaixo-assinado-contra-o-plc-26-2021/?fbclid=IwAR3ju-pFh0ymexVK7CMYXBs8wefAGbiB_sPuW3EANA6xHkuRBeVxaqxe68Q).

Dia 26/10/21 - Divulgação de link com convite para participação em live sobre articulações entre praxiologia motriz e o ensino da educação física; Pedido sobre informações relacionadas a como entrar com recurso quando se tem licenças de saúde negadas.

Dia 27/10/21 - Link do Youtube de live sobre articulações entre a praxiologia motriz e o ensino da educação física (<https://youtu.be/u5AsvLXc2X8>); Link de notícia sobre projeto de lei que aprova aumento para cargos de confiança na prefeitura (<https://noticias.r7.com/sao-paulo/camara-de-sp-aprova-aumento-para-cargos-de-confianca-na-prefeitura-27102021?fbclid=IwAR3wzmpsSTpUOW0fpunuYzqo9HtHyLYR50R97UlwLyHkBEyhhYlkt6Wi7F0>); Link de notícia sobre Dilma dar prejuízo a Petrobrás (https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/dilma-assinou-compra-que-rendeu-prejuizo-de-us-1-bilhao-a-petrobras-1yy0rvpo2atgld13ez87sgaxa/?fbclid=IwAR0MPiHh12FWk-5QfX3PNNBZ_7QGyGkG372S2FFValqjV5LSS9iEnAfCo30) seguido de comentário irônico “quem sabe se o PT tivesse construído refinaria aqui, o combustível seria mais barato, pois exporta o petróleo e compra refinado de fora...”; discussões sobre Bolsonaro ter falado que o problema do preço era falta de refinaria e o povo reproduz a fala dele, que subiu preços esse ano e por que não subiu antes? Devolutiva de que não importa o que Bolsonaro falou e que isso aconteceu no governo Dilma, segue resposta que realmente fica mais barato se construir

refinaria mas que o presidente deve saber que o preço é controlado pelo mercado internacional só que não fala para o povo dele, devolutiva com comentário sobre ter mais problemas, como comprar refinaria obsoleta sem trazer retorno, só pra desviar recurso, e quando se é produtor ajuda a controlar o mercado internacional, principalmente o interno, devolutiva questionando por que no Brasil tá caro e na Venezuela e Paraguai mais barato, será por causa dos impostos estaduais? Segue comentário irônico “Não sabia. Caramba. O Brasil não é produtor. E eu achando que o etanol era coisa nossa”. Devolutiva concordando que poderia ser mais barato para nós; Link de notícia sobre tira dúvidas relacionado ao preço da gasolina (<https://duvidasgasolina.petrobras.com.br/a-petrobras-usa-o-preco-da-gasolina-para-compensar-perdas-em-outros-setores/>); Comentário sobre imposto estadual ser um dos itens que deixa combustível mais caro seguido de foto de uma nota fiscal de abastecimento discriminado os valores dos impostos; E segue comentário irônico sobre fazer arminha com a mão que passa, devolutiva com comentário de que o problema de petista é sempre achar que sensatez é defender o Bolsonaro, seguido de comentário irônico perguntando sobre alguma promoção no mercado e justificando explicando que tem muita gente passando fome e ainda tem pessoas que defendem o Bolsonaro, que é melhor ajudar alguém que precisa do que ficar discutindo com pessoas que não quer ver a realidade, segue comentário sobre o problema de bolsonarista é achar que no mundo só existe PT e Bolsonaro e não enxergar além disso, não propõe soluções e só defendem o Bolsonaro e colocam a culpa dos erros no presidente anterior, devolutiva irônica “quem chama todo mundo que discorda, de bolsonarista, deve enxergar muito além mesmo...”, e devolutiva com comentário que não é todo mundo, só quem apoia a política suja e genocida do Bolsonaro, devolutiva com comentário irônico “Genocida, fascista, nazista... tá certo... e nós que somos o gado que reproduz... Hehehe”; Link de instagram sobre comentário do Ciro Gomes sobre ser mentira PT governar para pobres (https://www.instagram.com/tv/CVJ3A9sACgo/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR3v-70rjJ1hf320T_Z5PIRSrH0Vw6GnMLZD97GsBnMRwA5OLX-w8yt0_ME); Link de instagram sobre Pedro Scooby comentando sobre o movimento que apóia o ficar em casa não se importar com a situação dos pobres (https://www.instagram.com/tv/CU8Odfgj1Vr/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR24aBwXYyO_VdbsKS555hG7IELdedFniicbh8GypmzTTYl_AkmKqCPcWoc); comentário sobre não adiantar discutir com bolsonaristas que são apoiadores incondicionais que postam coisas sem propósito e não olham para além de sua bolha, devolutiva de que é o contrário e que cada um sempre vai ver o que lhe convém, devolutiva com comentário sobre a péssima imagem do governo Bolsonaro dentro e fora do país, sendo acusado de crime contra a humanidade, seguido

de comentário sobre ser isso o que a esquerda fala e colega discorda; Link do Facebook sobre repercussão negativa de postura homofóbica do jogador de voleibol Maurício (<https://www.facebook.com/164188247072662/posts/2374087776082687/?d=n>); Comentário sobre não ser inteligente e nem honesto tentar a todo momento dizer que tudo que Bolsonaro fala está errado só porque não gostam dele, que o que ele fala não deve ser levado em consideração, mesmo estando certo, e que infelizmente essa é uma prática recorrente dos que se opõe ao governo, criando uma narrativa de que o presidente não tem razão em nada e isso impede de ver as coisas com mais clareza e justiça e impede de acompanhar os feitos reais de erros e acertos do governo federal, que é muito triste e difícil entrar num debate sério e construtivo onde as pessoas usam como argumento palavras como gado, genocida, nazista, bozo, fascista e etc., e que na teoria, num meio docente, deveria ser um lugar de debates inteligentes e construtivos de alto nível, mas no entanto não é bem isso que ocorre, devolutiva sobre o Bolsonaro ser fascista, nazista e genocida ser fatos e não argumentos e seguem postagens de emojis irônicos.

Dia 29/10/21 - Compartilhamento de print de uma notícia sobre a Petrobrás antecipar R\$32 bilhões em dividendos aos acionistas com comentário sobre ser por isso que não há interesse em resolver a questão do aumento dos preços dos combustíveis; Discussões sobre o aumento do preço da gasolina, sobre ter existido épocas que os preços eram tabelados, que existem cartéis em muitos setores econômicos, que é ilusão pensar que a Petrobrás pertence ao povo brasileiro, mas que ela pertence aos investidores, o Estado poderia interferir para baixar ou regular o preço de duas maneiras, por decreto, o que seria considerado autoritarismo e prejudicaria o setor, ou por subsídio, o que também não seria interessante porque a conta vai sempre para nós, os pagadores de impostos, mas poderia haver duas maneiras de tentar, quebra do monopólio e boicote, pois tudo o que se compra e vende está sujeito a lei de oferta e procura, e assuntos desse tipo deveriam fazer parte do currículo escolar, são formas de combate; Link de notícia sobre governo Bolsonaro aumentar preços de combustíveis e gás e aumentar a fome ([https://www.brasildefato.com.br/2021/10/04/analise-bolsonaro-aumenta-precos-dos-combustiveis-e-do-gas-de-cozinha-e-traz-de-volta-a-fome?fbclid=IwAR3is9XCqQXnGeEH3Cjo-](https://www.brasildefato.com.br/2021/10/04/analise-bolsonaro-aumenta-precos-dos-combustiveis-e-do-gas-de-cozinha-e-traz-de-volta-a-fome?fbclid=IwAR3is9XCqQXnGeEH3Cjo-IKdSmxT2moN68sEyM17RvfxbvkehlnR20nHqgM#.YXv5VFCnRuE.whatsapp)

[IKdSmxT2moN68sEyM17RvfxbvkehlnR20nHqgM#.YXv5VFCnRuE.whatsapp](https://www.brasildefato.com.br/2021/10/04/analise-bolsonaro-aumenta-precos-dos-combustiveis-e-do-gas-de-cozinha-e-traz-de-volta-a-fome?fbclid=IwAR3is9XCqQXnGeEH3Cjo-IKdSmxT2moN68sEyM17RvfxbvkehlnR20nHqgM#.YXv5VFCnRuE.whatsapp)) com comentário sobre a política de Bolsonaro ser desastrosa e em benefício de minorias; Link de notícia sobre o preço do combustível ser decisão do presidente (<https://www.brasildefatomg.com.br/2021/09/17/entrevista-o-preco-dos-combustiveis-hoje-e-uma-decisao-do-presidente-da->

republica?fbclid=IwAR03NAEd0Ssz91eevAc8TqX8lWYz3Z9de4_svcTop5ZillKUfSV8bO6KBKk#.YXv6ZKYSxRU.whatsapp); Compartilhamento de memes sobre o preço da gasolina; Comentário sobre o governo Bolsonaro ainda querer privatizar a Petrobrás.

Dia 30/10/21 - Comentário sobre a questão de discursos afirmando que a Petrobras e os Correios estarem “quebrados” a fim de induzir a privatização e seguido de comentários de colegas com emojis de apoio.

Dia 31/10/21 - Pedido de doação de cadernos do professor do currículo oficial do Estado de SP para coleção e devolutivas; Link de vídeo no Facebook sobre preço de combustível (<https://fb.watch/cW7GhK2hKh/>) com devolutiva sarcástica de que o pessoal que é contra a esquerda só sabe colocar a culpa de tudo no Lula e no PT; Link de vídeo no Facebook sobre embate do Dr. Enéas e jornalistas de esquerda (https://fb.watch/cW7DQ_IPx6/); Link do instagram sobre tirar a máscara quando não está sendo filmado (https://www.instagram.com/tv/CVtAUlzfNqf/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR2ficu3-yfRiAdq66-G9AjBtpGxFag8p3bjXdsrDGpsqd-Ad89RtJBK3E) e comentário sobre a esquerda ser assim no mundo todo e devolutivas de colega sobre erro na identificação de partidos de esquerda e partidos conservadores; Link de vídeo do instagram sobre brincadeira de perseguição com relação a atos do presidente Bolsonaro (https://www.instagram.com/tv/CVs3PA5FoXB/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR0Mh55IHBseI8a9zL6Ycs0yOsHPvS3HcT6SqCAC036LVyvrpLKPpTfXMYU); e provocações para o pessoal de esquerda comentando que “a esquerda é tão inteligente, nossa...”, link de vídeo do instagram sobre notícia jornalística de corrupção envolvendo a Petrobras (https://www.instagram.com/tv/CUh57FqlOw5/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR1sDVjp5iRb0cqKClOECL9Rdj-bcowpg7orAMDxXLOXZua3kreNjXz7ZRU); link de vídeo do instagram sobre Lula comentando do apoio a governos de esquerda e legenda comentada sobre formação de ditaduras estrangeiras e apoio do PT com dinheiro brasileiro (https://www.instagram.com/tv/CVlcoxQgd_N/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR2B0o6chP_CNfN82zS6vSlbBFPv-u-qkE4im7sHCcPchvDgsRpm28ULcvY) e comentário de colega sobre ser triste o fato de ver professores disseminando fake news mas ainda há esperança porque são minorias, comentários de outros colegas usando emojis em apoio a fala da colega, comentários de colega sobre personagens investigados por fake news e em seguida comentário sobre ser investigado não significa ser culpado, mas se tratando do STF e pessoas antigoverno bolsonaro, isso é usado para desgastar imagem, é jogo político sujo, mas é de se esperar de corruptos e chamando a atenção de que fatos são fatos; link de vídeo no Youtube sobre propagação de fake news da associação da Havan com filha da Dilma

(<https://youtu.be/znD1zMoX6HQ>) com devolutiva com indagação sobre fake news justificar os fatos, segue com comentário de não dar crédito a um vídeo pelo fato de não gostar da pessoa que produziu e também uma piada sobre esquerdistas se safarem de crimes achando brechas na lei e exemplos de casos de investigações de petistas, comentários sobre ser fato investigações de fake news, comentário sobre não importar quem está sendo investigado, a questão é a corrupção, comentário sobre bolsonaristas tentarem minimizar a corrupção e incompetência do governo Bolsonaro “apontando o dedo” para outros governos; Compartilhamento de link de perfil no instagram do ministro da infraestrutura (https://www.instagram.com/tarcisiogdf/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR0Mh55IHBseI8a9zL6Ycs0yOsHPvS3HcT6SqCAc036LVyvrpLKPpTfXMYU) seguido de um pedido para explorar o perfil e ver publicações de ações positivas do governo; Devolutiva de colega concordando que foi concluído obras em andamento e/ou paralizadas que foram sabotadas pela direita no governo anterior, como também muitas dessas obras finalizadas atendem aos interesses do capital e não do povo brasileiro dando exemplos de obras como a transposição do Rio São Francisco; Comentário sobre ser fake news essa suposta sabotagem da direita; Link de notícia sobre a questão da fome (<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/10/18/moradores-coletam-comida-em-caminhao-de-lixo-em-fortaleza.ghhtml>) seguido de comentário “Venezuela????? NÃO, Brasil!”; Link de notícia sobre morte por homofobia (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghhtml>); Link de notícia sobre negros serem presos injustamente no Brasil (https://rollingstone.uol.com.br/amp/noticia/negros-representam-60-dos-presos-injustamente-no-brasil/?fbclid=IwAR3Kiaf1TuRX519-G2ESjj5RFyBO_kXu4ke94ChJKQu9MMd2CnKbFOj0wNk); Link de notícia sobre caso da rachadinha do filho do presidente Bolsonaro (https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57728981.amp?fbclid=IwAR2_GVr07-m8fWrMwBlwjNV6SJsoGU001XLyhqD3iMCFxRrlpjkeFT95FU); Link de notícia sobre cobrança da oposição para esclarecimentos de bens do ministro da economia (<https://www.camara.leg.br/noticias/813284-oposicao-defende-convocacao-de-paulo-guedes-para-falar-sobre-offshore-em-paraiso-fiscal?fbclid=IwAR0subu6TCajvPnInoayOFFhuGEqLYqr39YWe1fgxaZZNB1Zl8fIAk5Mma0>) seguido de comentário sobre não pensar no próximo e não olhar para fora da bolha, postagens de vários prints de comentários na internet questionando o governo; Link de notícia sobre Agnotologia (<https://cartacampinas.com.br/2021/10/agnotologia-uma-nova-ciencia-que-estuda-a-producao-da-ignorancia-de-forma->

intencional/?fbclid=IwAR0B2acc7HZpRPmptwa5tu-

3JYjrkwJUvTxwH_cFtdTV_RJ1no41DXzEDk8); mensagem com pedido de colega pedindo para resolver essas diferenças políticas no particular e não no grupo; devolutiva de colega afirmando que para construirmos um país melhor precisamos aprender a discutir sobre política e devolutiva de outro colega dizendo que isso é ótimo mas que existem outros grupos de discussão política para esse fim e logo seguiu-se com mensagens de emojis irônicos; comentário de colega sobre a intenção do grupo ser outra, “... sem política nem bandeiras...” e que devíamos direcionar o grupo para assuntos da área de EF, colocar em pauta assuntos que nos unem e não que nos separem e causem divergências; devolutiva de colega sobre esse discurso de unir ser perigoso, pois não dá para se unir a professores que disseminam fake news, isso não vai mudar a sociedade, que precisamos de pessoas que façam a diferença e que infelizmente existem no grupo professores que não se posicionam mas são formadores de opinião e é importante acompanhar os debates, assim as discussões são importantes e cabe a cada um observar e interagir até seu limite; devolutiva de colega reforçando que isso realmente é importante mas existem grupos para discussões políticas e que o foco desse nosso grupo deveria ser a paz e a educação física escolar, somente informações pertinentes a nossa formação.

Dia 01/11/21 - Compartilhamento de link com pedido de votação para projeto de lei sobre isenção de imposto de renda para professores e comentários sobre falta de apoio do governo para essa aprovação; Link do instagram sobre opção de lazer para crianças no shopping de Bauru/SP

(https://www.instagram.com/reel/CVspwOsJVa5/?utm_medium=share_sheet&fbclid=IwAR3Kiaf1TuRX519-G2ESjj5RFyBO_kXu4ke94ChJKQu9MMd2CnKbFOj0wNk); Devolutiva sobre discussão do dia anterior com relação a política se fazer presente em todas as escolhas e ações cotidianas e indagação para reflexão de a quem interessa essa separação da política e outros âmbitos da vida e a frase de que política não se discute, a favor de quem, contra quem.

Dia 02/11/21 - Pedido de informações sobre materiais e habilidades do ensino médio; Divulgação de link de processo seletivo para mestrado profissional em educação básica na Unesp.

Dia 03/11/21 - Devolutivas do pedido do dia anterior sobre materiais e habilidades do ensino médio com compartilhamento de arquivos em pdf; tira dúvidas sobre pagamento do abono.

Dia 04/11/21 - Pedido de divulgação de link do processo seletivo do Instituto Federal de SP.

Dia 05/11/21 - Orientações sobre a vacinação da Covid-19; Anúncio de venda de materiais esportivos.

Dia 07/11/21 - Link de vídeo do Youtube sobre como manter o foco por mais tempo (<https://youtu.be/LR5tYXJbspE>); Dúvidas sobre postagem do CREF; Link de notícia sobre projeto de lei relacionado a proibição de cursos de graduação a distância na área da saúde (<https://www.camara.leg.br/noticias/824337-comissao-aprova-projeto-que-proibe-graduacao-nas-areas-de-saude-e-educacao-fisica-a-distancia/?fbclid=IwAR3gFbFLct7CAY0aC-X40SPzKLTcVeeYD8cqECR9NMTpBBKLZdT62hCiFx8>) com devolutivas de apoio.

Dia 08/11/21 - Compartilhamento de folder de live de palestra sobre o brincar como atividade da criança e a cultura corporal como objeto de ensino da educação física promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Bauru/SP.

Dia 10/11/21 - Orientações sobre a vacinação da Covid-19; Tira dúvidas sobre data do pagamento do abono.

Dia 11/11/21 - Divulgação de opção de lazer e turismo (excursão para Capitólio).

Dia 13/11/21 - Link de vídeo no Facebook sobre movimento escola sem partido (https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3032838853671926&id=1757138974575260&sfnsn=wiwspwa).

Dia 16/11/21 - Orientações sobre a vacinação da Covid-19.

Dia 17/11/21 - Divulgação de projeto de extensão universitária sobre brincadeiras.

Dia 19/11/21 - Adição de um novo colega de trabalho no grupo.

Dia 20/11/21 - Informativo sobre falecimento de um supervisor de ensino da DE de Bauru/SP e mensagens de condolências; Mensagens comemorativas do dia da consciência negra referindo-se a importância de não somente não ser racista, mas ser antirracistas; Indicação de uma série na Netflix (Colin em preto e branco); Orientações sobre o agendamento de vacinas nos postos de saúde em Bauru/SP.

Dia 21/11/21 - Link de vídeo no Facebook sobre inteligência (<https://fb.watch/cW3f29Gzo8/>).

Dia 22/11/21 - Link do instagram de meme sobre black friday de notas (https://www.instagram.com/p/CWlHAcxNsPa/?utm_medium=share_sheet&fbclid=IwAR132A3ZQQdMM7wBcKzmalpfRli_6gGdjXsRJcOl4jCl7JnbeUkzGe8oFZW); Link de uma notícia sobre uma questão do Enem relacionada a dança ([https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59382317?at_medium=custom7&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_custom4=9629773E-4BE7-11EC-AAC5-](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59382317?at_medium=custom7&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_custom4=9629773E-4BE7-11EC-AAC5-CBD339982C1E&at_custom2=facebook_page&at_campaign=64&at_custom3=BBC+Brasil&fbclid=IwAR2t02bwEFod3UZG8fdmYNCEIWjyz-zALo-QOJZ5VUZjDDE09HSZHDXgkQ)

[CBD339982C1E&at_custom2=facebook_page&at_campaign=64&at_custom3=BBC+Brasil&fbclid=IwAR2t02bwEFod3UZG8fdmYNCEIWjyz-zALo-](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59382317?at_medium=custom7&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_custom4=9629773E-4BE7-11EC-AAC5-CBD339982C1E&at_custom2=facebook_page&at_campaign=64&at_custom3=BBC+Brasil&fbclid=IwAR2t02bwEFod3UZG8fdmYNCEIWjyz-zALo-QOJZ5VUZjDDE09HSZHDXgkQ)

[QOJZ5VUZjDDE09HSZHDXgkQ](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59382317?at_medium=custom7&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_custom4=9629773E-4BE7-11EC-AAC5-CBD339982C1E&at_custom2=facebook_page&at_campaign=64&at_custom3=BBC+Brasil&fbclid=IwAR2t02bwEFod3UZG8fdmYNCEIWjyz-zALo-QOJZ5VUZjDDE09HSZHDXgkQ)); Divulgação de um encontro de educação física escolar do Colégio Pedro II.

Dia 23/11/21 - Pedido de informações/orientações sobre processo de atribuição de aulas da PEI e devolutivas.

Dia 25/11/21 - Compartilhamento e pedido de divulgação de link com foto e orientações com um estudante desaparecido.

Dia 27/11/21 - Link de vídeo motivacional do Facebook (<https://fb.watch/cW1Hgt2ipu/>); Compartilhamento e comentários sobre o valor ser alto referente a uma determinação da justiça de desconto no holerite de contribuição sindical obrigatória.

Dia 01/12/21 - Compartilhamento de fotos antigas e devolutiva com comentários de colegas sentindo saudades dos tempos da foto compartilhada; Compartilhamento de link (<https://youtu.be/iQrcbilB-ys>) e comentários sobre votação do abono salarial dos professores.

Dia 02/12/21 - Compartilhamento de link sobre um Festival paralímpico (<https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/3724/festival-paralimpico-promove-atividades-adaptadas-para-iniciar-criancas-no-esporte?fbclid=IwAR2ArDrMRYKKMbSE4aurAIEVz62F4EzWf-ozpvph7xB0ouaP-hXC7KbgbJQ>); Mensagens de parabenização pelo trabalho de dois colegas.

Dia 04/12/21 - Envio de vídeo pessoal de um professor mostrando o novo ginásio de esportes do Sesi Bauru/SP; Mensagens de parabenização pelo trabalho de um colega; compartilhamento de um artigo publicado de um professor de EF atuante na Educação Básica do Estado sobre a temática do esporte na BNCC (http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3370?fbclid=IwAR3LmBVtaDLp0SB_zeVVsn8uyv4WtJKMCS2gw_D03opnw7on-J4jbJ3T6sE).

Dia 05/12/21 - Meme sobre copiar conteúdos da lousa (antigamente escrevendo x atual tirando foto); Mensagens de parabenização pelo trabalho de dois colegas.

Dia 06/12/21 - Pedido para ajudar na votação do programa The Voice Virtual.

Dia 07/12/21 - Divulgação de aulas de EF para substituição em uma escola estadual de Bauru/SP.

Dia 09/12/21 - Pedido de doação para uma criança autista.

Dia 10/12/21 - Agradecimento sobre doação pedida no dia anterior.

Dia 11/12/21 - Compartilhamento de arquivos em pdf (sete livros sobre xadrez).

Dia 14/12/21 - Pedido e devolutiva sobre informações de quantidade de ATPCs de acordo com a jornada do professor.

Dia 15/12/21 - Informativo sobre falecimento de profissional da educação; link de vídeo do Facebook sobre comentários com relação a nova carreira docente (<https://fb.watch/cVg0lAk7KW/>); folder de convite para encontro de coletivo Chão de Giz a

ser realizado no sindicato APEOESP; piada com relação a temática de gênero (diferença entre homens e mulheres).

Dia 16/12/21 - Compartilhamento de arquivo pdf de um livro; Informativo sobre processo seletivo de pós-graduação mestrado e doutorado em Educação da UFSCAR; Informativo sobre abertura de edital do Programa de mestrado profissional em educação física - PROEF 2022; discussão comparando a diferença dos valores do abono entre Estados brasileiros; meme sobre mal funcionamento do sistema da SED.

Dia 17/12/21 - Link de vídeo no Facebook sobre a temática de constrangimento de professores nas escolas (<https://fb.watch/cVfiryNjNf/>) e discussão no grupo (professores são contra esse tipo de vigilância nas salas e o modo como os professores são expostos).

Dia 21/12/21 - Informativo sobre data de pagamento do abono salarial.

Dia 22/12/21 - Convite para o primeiro Círculo de cultura virtual de professores de educação básica pública, componente curricular Educação Física, a ser realizado no dia 22 de dezembro de 2021, quarta-feira, às dezenove e trinta horas da noite

Dia 27/12/21 - Link de consulta sobre valores do IPVA.

Dia 31/12/21 - Mensagens comemorativas de ano novo.

Dia 01/01/22 - Mensagens comemorativas de ano novo.

Dia 02/01/22 - Pedido e devolutiva sobre informações de pagamento do CREF.

Dia 07/01/22 - Comentário sobre pagamento de parcelas do programa computador do professor estar na conta bancária.

Dia 08/01/22 - Pedido de indicação de profissionais para assistência técnica de notebook.

Dia 11/01/22 - Informativo de processo seletivo de mestrado profissional - PROEF 2022.

Dia 14/01/22 - Informativo de falecimento de um supervisor de ensino da DE de Bauru/SP e mensagens de condolências.

Dia 17/01/22 - Pedido e devolutiva sobre calendário escolar (dias de planejamento e volta às aulas).

Dia 19/01/22 - Tira dúvidas sobre regulamento de licença paternidade e sobre datas de pagamento de abono.

Dia 20/01/22 - Link de site com informações sobre saúde mental de professores (<https://fundacaolemann.org.br/noticias/janeiro-branco-como-protetor-a-saude-mental-dos-professores>); Link de vídeo do Youtube sobre temática de acontecimentos e notícias de nossa contemporaneidade de um curso de finanças/economia/investimentos (<https://youtu.be/k1tDbQSIAs4>).

Dia 21/01/22 - Pedido de indicação de professores interessados em vaga para professor coordenador - anos iniciais; agradecimento do envio do vídeo do dia anterior.

Dia 26/01/22 - Pedido para adicionar colega de trabalho e ingresso dela no grupo.

Dia 28/01/22 - Tira dúvidas sobre organização dos ATPCs e as novas mudanças no seu formato; Mensagem de bom retorno ao trabalho; pedido de link de informativo sobre pagamento do CREF e devolutiva.

Dia 01/02/22 - Tira dúvidas e discussão sobre exigência do CREF; Divulgação de venda de oportunidade de lazer (diárias em Resort); compartilhamento de arquivo relacionado a temática de dicas de dinâmicas.

Dia 04/02/22 - Pedido de indicação de contato de professores de EF para substituição de aulas de EF em uma escola estadual de Bauru/SP.

Dia 07/02/22 - Solicitação de informações e devolutiva sobre as habilidades essenciais de EF do 9º ano.

Dia 10/02/22 - Informativo e tira dúvidas sobre o cumprimento da lei do piso salarial dos professores; Solicitação de ajuda com dúvida sobre convocação de conselho de classe.

Dia 15/02/22 - Link de vídeo do Youtube sobre a temática de imagem e padrões de beleza produzido por um professor de educação física atuante na educação básica pública do Estado de SP (<https://youtu.be/mIe-bTKFOIs>) e devolutiva de colegas dizendo que vão utilizar o vídeo em suas aulas.

Dia 17/02/22 - Pedido e devolutiva de indicações para treinamento das modalidades de basquetebol e voleibol.

Dia 23/02/22 - Pedido de indicação de contato de professores de EF para trabalhar como eventual.

Dia 25/02/22 - Divulgação de edital de concurso público.

Dia 04/03/22 - Pedido de informações sobre conteúdo/currículo de EF do 2º Ensino Médio.

Dia 07/03/22 - Pedido de indicação de contato de professores de EF para substituição de aulas.

Dia 17/03/22 - Divulgação de curso de arbitragem de natação da FAP - Federação Aquática Paulista; pedido de colaboração em pesquisa universitária relacionado ao tema das aulas de eletivas.

Dia 18/03/22 - Orientações e tira dúvidas sobre o JEESP 2022.

Dia 19/03/22 - Link de vídeo do Facebook sobre a temática dos jogos olímpicos (<https://fb.watch/cVb07UC3Jw/>).

Dia 28/03/22 - Informativo e tira dúvidas sobre convocação para o Congresso técnico do JEESP 2022; Mensagens motivacionais a colegas que estão inseguros com relação a dificuldades a dar

andamento a participações nos jogos escolares; Divulgação de uma vaga para professor coordenador em uma escola estadual de Bauru/SP; Convite para o segundo Círculo de cultura virtual de professores de educação básica pública, componente curricular Educação Física, a ser realizado no dia 29 de março de 2022, terça-feira, às dezenove e trinta horas da noite.

Dia 01/04/22 - Pedido de orientações e retorno com orientações sobre casos de pagamentos salariais errados; Divulgação e solicitação para divulgação de aulas livres de EF em uma escola estadual de Bauru/SP.

Dia 02/04/22 - Informativo e pedido de divulgação sobre cadastro emergencial de docentes 2022 da Diretoria de Ensino de Bauru/SP; Divulgação e solicitação para divulgação de uma vaga para substituição de aulas de EF em uma escola estadual de Bauru/SP.

Dia 03/04/22 - Prints de comentários de usuários do Facebook com relação a ações negativas realizadas pelo secretário da educação do Estado de SP.

Dia 05/04/22 - Pedido de informação sobre opções de treinamento esportivo de futebol feminino e devolutiva com informações (indicação do projeto de futebol da Secretaria de esportes de Bauru/SP).

Dia 06/04/22 - Tira dúvidas sobre projeto de futebol da Secretaria de esportes de Bauru/SP.

Dia 07/04/22 - Informativo e pedido de divulgação sobre cadastro emergencial de docentes 2022 da Diretoria de Ensino de Bauru/SP; Divulgação e solicitação para divulgação de duas vagas para substituição de aulas de EF em duas escolas estaduais de Bauru/SP.

Dia 13/04/22 - Solicitação para tirar dúvidas sobre valores relacionados ao pagamento de direitos atrasados.

Dia 19/04/22 - Informativo e solicitação de tirar dúvidas sobre curso da EFAPE - Basquetebol e sobre o curso de capacitação técnica do projeto paralímpico da cidade de Bauru/SP; Divulgação de vaga para substituição de aulas de EF em uma escola estadual de Bauru/SP.

Dia 20/04/22 - Link de vídeo do Youtube relacionado a temática do autismo (https://youtu.be/RVwNXbE_V3U); dúvida e orientações sobre como utilizar bolsas de gelo; solicitação para tirar dúvidas sobre convocação de professores da prefeitura para capacitação técnica do projeto paralímpico da cidade de Bauru/SP.

Dia 26/04/22 - Informativo sobre oferecimento de opção de lazer em Bauru/SP.

Dia 28/04/22 - Pedido de informação de contato sobre colega de trabalho.

Dia 29/04/22 - Informativo sobre oportunidade de prática esportiva da modalidade atletismo para estudantes.

Dia 05/05/22 - Convite para o terceiro círculo de cultura virtual de professores da educação básica pública, componente curricular Educação Física a ser realizado no dia 07 de maio de 2022, sábado, às nove horas da manhã

Dia 08/05/22 - Mensagens comemorativas sobre o Dia das Mães.

Dia 13/05/22 - Link de notícia no instagram sobre Bauru perder prazo para ter escolas cívico-militares

(<https://www.instagram.com/p/CdgASElth3S/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D&fbclid=IwAR04z0aJs7btIN1fCS5kO0tjjtySCSXSGcLN7fyb9s7FMU2oQCqRfPkDDo>), seguido de comentários e emojis de comemoração e amém por termos nos livrado disso.

Dia 14/05/22 - Link de site de notícia sobre o novo ensino médio (https://globoplay.globo.com/v/10576177/?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar&fbclid=IwAR1Cnf4NanbiCmoaICsDc7hk12SWxQjKS_wCpokjxn7a12IqWrvNdFDeT2g).

Dia 18/05/22 - Link de vídeo irônico no Facebook sobre execução de exercício errado (<https://www.facebook.com/1130590555/videos/1138160563639638/>).

Dia 26/05/22 - Compartilhamento de arquivo de vídeo sobre coreografia do francês Safeck Waff para a divulgação dos Jogos Paralímpicos em Paris 2024; Divulgação de vagas de emprego para mulheres.

Dia 28/05/22 - Compartilhamento de arquivo de imagem com aviso de abono provisionado na conta.

Dia 03/06/22 - Compartilhamento de arquivo de imagem sobre aprovação de projeto de lei que trata da regulamentação da profissão de educação física.

Dia 04/06/22 - Gif escrito Liberdade.

Dia 10/06/22 - Mensagem sobre conseguir tomar a quarta dose da vacina da Covid-19; Tira dúvidas sobre PEI e sobre a nova carreira docente.

Dia 11/06/22 - Link de vídeo no Youtube sobre empreendedorismo relacionado a dança (<https://youtu.be/SqjEZkaLzok>).

Dia 14/06/22 - Divulgação de vaga para professor eventual em uma escola estadual de Bauru/SP; Link de vídeo no Facebook sobre audiência pública contra PEI (<https://fb.watch/dH3qTDoelD/>).

APÊNDICE E - Transcrição das reuniões com o grupo de professores de EF via Google Meet.

1º Círculo de Cultura virtual de professores da educação básica pública, componente curricular Educação Física - dia vinte e dois de dezembro de 2021, quarta-feira, às dezenove e trinta horas da noite (não houve nenhum participante).

2º Círculo de Cultura virtual de professores de educação básica pública, componente curricular Educação Física - dia vinte e nove de março de 2022, terça-feira, às dezenove e trinta horas da noite.

Professora Giseli: Boa noite! Vamos iniciar nosso círculo de cultura virtual com professores de educação física e pelo visto vamos ser só nós mesmos! Lembrando que faz parte da minha pesquisa de doutorado de título provisório “A mídia e a tecnologia como meios para fins de desalienação e politização da docência na educação básica pública” e os termos da pesquisa é que as participações são voluntárias, podem interromper a sua participação a qualquer momento, os dados poderão ser usados pra estudos e publicações científicas, mas com sigilo da identidade, e cientes de que não estão recebendo nenhum valor, não estão tendo nenhum gasto pra participar e ciente de que a pesquisa pode resultar em benefícios pra formação de professores. Queria muito que tivessem mais professores participando agora conosco, mas infelizmente eu entendo que tá complicando a questão do tempo e o cansaço tá demais, com esses montes de ATPCs virtuais, a gente não aguenta mais tanto link de reunião, tanto vídeo do CMSP pra assistir, tá trash pra mim, imagino pra vocês também rs! Por isso, muito obrigada por vocês estarem aqui hoje!

Professor Mantovani: Imagina! Antigamente a gente conseguia conversar mais! Pelo menos com os seus colegas né, de unidade escolar, olha aqui, quais são os problemas que nós temos, você conhece esse aluno? Conhece! Qual é o problema e tal. Hoje, desfragmentaram o negócio, então você tem professor que tem que assistir ao ATPC do Centro de Mídias, depois ele tem que fazer um né, preencher o formulário, relatar o que fez, aí entrar na SED e fazer o registro, pa pa pa, depois tem outro ATPC da Diretoria de Ensino e depois você tem mais um ATPC na sua Unidade Escolar, então na hora que você quebra isso, você diminui a possibilidade de você encontrar as pessoas e discutir os problemas que você vê no dia-a-dia, tudo bem, alguns dos problemas são comuns, são universais, qualquer escola né, no nosso país particularmente né, escola pública, você vai ter problemas sérios em relação à desigualdade, falta de recursos, pobreza, subnutrição, uma série de coisas, mas existem problemas né, que são comuns aos

professores de cada unidade que você teria um tempo pra né discutir e tentar achar um caminho pra resolver, ou pelo menos pra minimizar esses problemas. Quando você fragmenta as atividades do ATPC, alguns desses ATPCs são interessantes? Claro que são! Os nossos colegas né, lá do Centro de Mídias, preparam, estudam e tal, mas cada vez que eu olho, algumas são repetitivas e outras, fora do meu contexto, muito fora né. Como eu disse, no meu caso particular, escola pequena, escola rural, pá pá pá, então, muitas vezes eu chego e fico pensando assim, eu falo, olha, isso tudo que eles falaram deve dar certo em uma boa escola do centro de São Paulo né, que eu estudei, quando eu era pequeno, eu estudei numa escola pública, numa escola estadual na Vila Paulista, que até hoje é considerado uma boa escola lá! E aí você olha e fala, bom, nessa escola, tudo bem, deve ter toda a estrutura e condições de você implementar tudo que eles propuseram, mas pra minha realidade tá muito fora né, tá irrealizável. Então, quando o pessoal passa isso pra gente também né, legal, é bom você ter uma referência né, tem muita coisa aqui que eu não lembrava ou eu não sabia, muita coisa que te ajuda a buscar novas informações, mas também tem muita coisa aqui, você olha e fala, no mundo ideal, no mundo ideal eu pego isso aqui e vai funcionar redondinho né, no mundo real, para cada realidade de cada unidade escolar, tem muita coisa aqui que é impraticável! Então aí entra a tal liberdade de cátedra, você vai ter que fazer as adaptações necessárias e, eventualmente, no meu caso, vou ser sincero, tem assuntos que eu, eu passo né! Eu falo assim, olha pessoal, tem lá né, pelo menos uma vez na semana, tem que passar um tempinho com eles na sala, que conteúdos vão ser trabalhados, as habilidades são essas né, e aí eu vou falar pra eles de futebol americano né, legal né, a maioria deles não tem tv por assinatura né, então eles não seguem a ESPN né, e não assistem o Tom Brady, mas né, pra eles, eu acho que é mais interessante, por exemplo, falar alguma coisa a mais sobre futsal né, porque é a realidade deles ou próprio futebol de campo ou outras variações do futebol né, futebol de areia ou mesmo futebol de campo com jogos aí eletrônicos, o FIFA, O PESS, e outras coisas mais. Você pode contextualizar, seria mais produtivo digamos, do que eu, você pegar um assunto que está aqui né, mas, como é que eu te falo, a realidade não é deles, então a gente faz algumas adaptações necessárias, alguns conteúdos eu passo muito rapidamente pra que os alunos saibam, quem se interessar a gente conversa, mas não vou ficar perdendo tempo, geralmente, tentando aprofundar certos conteúdos que estão completamente fora do universo deles.

Professora Giseli: O Rô, e como que tá sua situação aí onde você tá dando aula, tá igual a minha e do Mantovani?

Professor Rô: Ó, sabe, eu vi um pouco de contraste sabe entre a experiência que eu tive na rede estadual com a rede federal lá né, e tem pontos positivos e tem pontos negativos né, porque a

gente, lá a gente é um câmpus né, o Instituto Federal de São Paulo, ele tem trinta e seis câmpus né, campi, no Estado de São Paulo, e os câmpus tem autonomia né, a gente não segue, não tem uma DE né, e tem a reitoria né, mas tá no estatuto do Instituto Federal que os câmpus tem autonomia né, que isso significa em termos pedagógicos né? A gente tem os cursos técnicos lá, os cursos seguem as orientações que são gerais né, pra qualquer situação de ensino, a LDB, eu tenho o meu projeto político pedagógico né, e aí eu tenho os planos dos componentes curriculares que já estavam lá quando eu cheguei né, mas eu sozinho no câmpus, eu tenho autonomia pra trabalhar aquilo ali do jeito que eu quiser, sabe! É bom mas é ruim também! Eu fico meio solitário, eu sou o único professor de educação física que tá no instituto né, lá no ensino médio deles eles só tem educação física no segundo ano. Olha que diferente né, e isso é diferente pros, outra diferença dos câmpus, tem câmpus que tem educação física nos três anos, tem câmpus que tem no primeiro ano só, no meu caso é só no segundo ano, eu vim removido de um câmpus em São Paulo, lá de Pirituba, que tinha educação física no primeiro e no segundo ano, no terceiro não tinha né, mas agora eu tô em um que só tem educação física no segundo ano né. Minha jornada eu completo com outras disciplinas porque lá é uma escola técnica né, profissionalizante, tem curso de lazer, tem curso de agroindústria né, então eu acabo pegando umas disciplinas no curso técnico de lazer e também no superior, que são aulas a noite, de eventos né, curso de eventos que tem lá. E por enquanto são esses né, mas assim, é um, a gente tem, eu me entendo assim como tendo muita autonomia sabe pra trabalhar a educação física na forma como eu considerar assim adequada né, éé, não vejo, não vejo ninguém vindo lá trazendo orientações né, a centralização que a gente tem no contexto da rede estadual não tem na rede federal né. É bom e é ruim né, como eu falei, eu acho solitário, eu acho que falta também não uma orientação unilateral, mas momentos onde eu pudesse planejar junto com colegas assim né, é assim, a gente desenvolve mais atividades entre colegas de componentes curriculares diferentes, mas é meio por aí. Eu não lembro se você fez uma pergunta Gi pra gente responder, mas eu comentei meio que o Mantovani falou também.

Professora Giseli: Não, uma das questões que os professores falaram aqui, é como trabalhar, assim, envolvendo o coletivo, porque geralmente o pessoal se sente sozinho mesmo, cada um por si, e aí uma das questões que saiu nas entrevistas foi isso, como que a gente pode conseguir envolver o coletivo, assim, aí até a professora Andreia, que agora tá dando aula na escola tal lá, ela comentou que é a questão de projetos, ela falou que quando você trabalha com projetos, às vezes, até você consegue assim meio que envolver os outros professores, trabalhar no coletivo assim, mas que é uma coisa que parece que você tá trabalhando sozinha na escola, é difícil você conseguir envolver né. Vocês têm alguma ideia, assim, de como trabalhar e envolver o coletivo?

Professor Rô: Eu acho o sistema escolar muito engessado né, pra fomentar esses tratados coletivos né, esse que é o problema né, você tem alguns cursos que ele é dividido em componentes curriculares né, cada componente tem que dar a sua nota bimestral, você tem que fazer frequência né, apesar do aluno estar lá a manhã inteira, cada professor tem que fazer a sua frequência né, ter o seu diário né. Como o Mantovani tinha colocado aí, a gente ainda, o sistema né, a educação é muito engessada, assim, pra fomentar esse trabalho coletivo né, mas sempre tem espaço pra subversão né, pra resistência né. Aí tem outro porém né, também éé, essa carga de aulas né, parece que a gente, enquanto profissional, só tá trabalhando de fato quando você está dando aulas né, eu lembro que aula ali na hora com os alunos né, eu sei que a rede estadual trabalha assim né, você só tá trabalhando de fato quando você tá com os alunos lá né, não entende esse planejamento, todo esse estudo que precede a aula, eles não reconhecem né.

Professor Mantovani: Professor, desculpa, a profissão de professor é uma das poucas que você trabalha antes, durante ou depois!

Professor Rô: Isso!

Professor Mantovani: O antes e o depois não faz parte!

Professor Rô: Não são remunerados né!

Professor Mantovani: Não são remunerados! Você tem que preparar a aula, você tem que dar aula e depois você tem que fazer uma devolutiva pra avaliar se os seus objetivos foram atingidos ou não, quais os problemas, se dá pra fazer diferente, aquela coisa toda né.

Professor Rô: Eu acho que isso atrapalha também esse ensino coletivo aí, porque você fica tão preso às nossas atividades de aula que você não tem muito tempo pra pensar nessas outras coisas né, que tem a ver com o engessamento né, eu acho que é meio por aí né.

Professor Mantovani: A questão é assim, se você tem que gastar a maior parte do seu tempo né, preocupado em cumprir horários né, definidos, determinados, não só no horário na aula, mas também no horário do ATPC, horário do curso tal, do outro curso e etc., pra você poder conseguir as evoluções, aquela coisa toda, você acaba não tendo tempo pra pesquisar ou pra procurar alguma coisa nova ou pra tentar fazer um projeto novo, diferente né. Eu vou dar um exemplo pra vocês, imagino que seja semelhante né, eu tô na área rural, então a garotada, o repertório motor das crianças é, dos que, não sei, das escolas que eu frequentei, era o melhor, então não é a toa né, fora da escola eles brincam, sobem em árvore, andam de bicicleta, anda a cavalo, nada né, pula muro, quer dizer, a garotada né, nesse aspecto, eles são privilegiados em relação a boa parte das crianças da cidade. Por outro lado, durante o horário de aula, se eu quiser, por exemplo, pegar, ah, eu vou pegar minha turma e nós vamos fazer uma caminhada até o campo de futebol, nós vamos fazer as medidas do campo e tal e vamos ver, vamos

comparar com o campo oficial, então ó, se eu quiser fazer isso eu preciso ter uma autorização, tem que comunicar os pais, tem que fazer por escrito, tal, ir lá e programar, ó, dá pra fazer? Sim, dá pra fazer né! Mas é sempre aquele problema, tudo é muito burocrático né, como você falou, engessado né, então, tem certas coisas que você poderia ter um pouco mais de flexibilidade né pra fazer uma atividade que, veja, não vou retirar as crianças e colocar num ônibus e levar pra São Paulo né, eu vou levá-las a cinquenta metros da escola, no campo de futebol na entrada da cidade, mesmo assim, você tem todo um procedimento pra fazer isso. Sobre a questão dos projetos que a Giseli falou, eu acho que é sim, é uma boa possibilidade, a questão é se os projetos, digamos assim, vão despertar o interesse não só dos alunos, mas da comunidade, no sentido de que os pais participem. Um dos problemas que a gente tem lá é que pais e mães trabalham fora né, porque a maioria né precisa, necessita, então a garotada depois da aula ou vai pro projeto, o famoso projeto que tem lá né, ou fica na rua tá, e aí, você chega e fala assim, bom, como é que eu vou conseguir envolver essa garotada né, se eles, na rua, eles não tem né nenhuma referência do que pode fazer, do que não pode, não tem alguém né pra orientar, então a família chega, se você fala, vou por um projeto, o pessoal chega em casa de noite, eles não vão perguntar pra garotada, ó, o que que vocês viram hoje? Teve alguma coisa legal? Tá curtindo tá? Os pais geralmente aparecem quando tem problema, quando dá problema né, não antes de aparecer o problema né.

Professora Giseli: Pra reclamar!

Professor Mantovani: Pra reclamar, pra meter a boca né! Então você tem que ir lá explicar, tal, que não é bem assim. Por exemplo, uma coisa que aconteceu semana passada comigo, eu tenho um aluno, não é o único, mas enfim, que era bastante, hã, ele não tem foco né, eu não sei se precisa fazer um laudo, mas enfim, ao mesmo tempo que ele é muito ativo e tal, ele não consegue manter a atenção, isso dentro da sala e fora, é, por mais do que uns três minutos né, ele sai de uma brincadeira ele fala assim, eu proponho uma brincadeira pra fazer, daqui a pouco você vai olhar, o moleque saiu e tá subindo na armação da cobertura da quadra, aí você fala desce, o nome dele é Antony, desce Antony! Aí você propõe outra atividade, ele sai correndo, vai dar uma volta na escola rs. Aí, um belo dia, esse garoto tava recolhendo material né, e aí ele chegou e tal, tava brincando, pegou uma das bolas e saiu correndo, eu falei, Antony, devolve né! Aí ele tava voltando e deu uma bica na bola, uma bola de vôlei, alguém já pediu aí pra aluno não chutar a bola de vôlei?

Professora Giseli: Muito!

Professor Mantovani: Deu uma bica na bola, a bola passou por cima do muro, foi parar na horta do vizinho, aí a molecadinha chegou, falou, vamo lá, deixa que eu pego, deixa que eu pego! Eu

falei, calma, calma, quem chutou? Foi o Antony! Então o Antony vai lá, bota a cabecinha no muro, se tiver alguém pede, pede desculpa e pede pra mandar a bola de volta né, se não tiver ninguém, daí a gente dá um jeito né de buscar a bola né, pedir, pular e tal. Resultado da história né, na hora da saída, no mesmo dia, a tal da mãe tava lá, e a mãe foi minha aluna rs, tô lá há muito tempo, e ela veio reclamar porque eu tinha mandado o filho dela subir o muro, aí eu expliquei pra ela, olha, foi ele que chutou a bola né, não era mais, já tinha acabado a brincadeira, então, eu costumo fazer o seguinte, você faz, você conserta né, você usou, coloque no lugar, sujou, limpe, coisas básicas né, pelo menos eu acho importante aprender essas coisas, e aí ela ficou brava comigo, é um direito seu, toda mãe vai proteger o filho eternamente, não tem problema né, só acho que nessa situação eu fiz o correto, aí ela ficou irritada. Eu tava junto com a direção da escola, eu falei, ó, tem que fazer algum registro? Não tem problema né! Então, assim, nesses casos né, que acontecem toda semana, semana sim, semana não né, você chega e fala, olha, na hora de reclamar tá ali né, o moleque nem saiu da escola já veio pra cima, porque fez meu filho fazer isso e não sei o que lá né! Por outro lado, na hora de tentar entender porque o comportamento do garoto não é bom, não na minha matéria, mas na maioria das matérias né, tanto é que ele foi colocado na primeira fileira ali, próximo a professora né, pra tentar manter um pouco de atenção, etc. e tal, nessa hora não aparece. Então, a tal da participação da família né, que é uma coisa que em algumas gerações, duas, três gerações atrás acontecia né, mesmo que por tradição né, você chega em casa e fala, foi tudo bem na escola? Foi! Deu tudo certo? Então tá bom! Hoje em dia a coisa tá meio assim, deixa largado, a escola meio que virou depósito de criança né. Eu acho que tem, nós tínhamos um professor lá na escola, não sei se o Rô chegou a conhecer, professor Daniel. Na verdade, o professor Daniel é professora Daniela, professor trans que hoje ele acabou de defender o mestrado dele, ele tá no SESC se eu não me engano, trabalhou no SESC, mas não aqui em Bauru, em outra cidade, e ele discutia muito essas questões né diferentes né e tal, e um dia, num ATPC, com todos os professores juntos, ele chegou e falou, olha, a gente tem que ressignificar a escola, não só a parte dos professores, pra direção, mas também pra comunidade, porque pra essa comunidade aqui, pra maioria dos pais, a escola virou um depósito de aluno, tem que ter como referência né a escola como um local que se pode aprender e não é o único, se aprende em todos os lugares, mas a escola é um local que se pode aprender algumas coisas importantes pra vida né. Para os alunos, principalmente para os alunos mais velhos né, principalmente para o ensino médio, a escola virou ponto de encontro né, porque, no caso específico da minha escola, na área rural né, os alunos que chegam no ensino médio, que são poucos, eles já trabalham, a maioria trabalha, por isso, na maioria das vezes, têm dispensa das aulas de educação física. Eles vão lá pra pegar o diploma, porque já

está trabalhando em algum local né, então vai lá pegar o diploma, vai lá pra encontrar as amigas, os amigos, se possível, namorar né, então é complicado porque né, entre depósito de criança e ponto de encontro, você tem que tentar, nesse meio tempo aí, fazer com que os alunos né tenham motivação e interesse por alguma atividade que você possa mostrar pra eles, ó, isso aqui é importante, não agora, é importante hoje, amanhã, no ano que vem, daqui dez anos. Tá vendo? Complicado!

Professor Rô: Eles não vêem oportunidade na escola né, não vêem utilidade na escola!

Professor Mantovani: É, porque já ganham a vida, repito de novo, faz parte de uma escola rural pequena ok? A realidade de vocês pode ser distinta, mas na minha escola é assim.

Professor Rô: Não, no ensino médio, a utilidade pra alguns lá do instituto é passar no vestibular né, é essa a utilidade, não vê muita utilidade pro dia-a-dia né. Essa é uma questão também difícil, iluminar a cabeça dos alunos pra essa questão né.

Professora Giseli: Quando eu entrevistei a Frida, um tema que a Frida comentou que ela falou, é conhecer a comunidade, ela falou assim, quem é a comunidade? Que, às vezes, a gente vai trabalhando e, às vezes, a gente nem conhece, assim, muito bem a nossa comunidade que a gente tá trabalhando, foi o que o Mantovani mostrou lá, a gente vai, pega o que manda a gente dar, a gente vai dando e acaba ficando nisso. Então, a Frida questionou, assim, pra gente responder, como, assim, como a gente conseguir conhecer a comunidade, quem é a comunidade?

Professor Rô: Eu acho que a questão de projetos é bem bacana né, principalmente educação física, eu acho que é um prato cheio, assim, às vezes num passeio ciclístico, quando você consegue fazer, uma caminhada, um evento esportivo né, com os pais, é aquele momento que você conhece os pais, os colegas também conhecem, são aqueles bate papos informais né, você vê o que acontece, quem vem nesses eventos, quem não vem, eu acho que é uma forma de conhecer a comunidade pra muito além de reunião de pais né, que parece que o momento de conhecer a comunidade é só reunião de pais né, também é outro evento que, às vezes, é super engessado né? Então, eu acho que esses eventos são legais, festa junina né, essa é a validade de você fazer uma festa junina, outros eventos assim, é você poder conhecer os pais né. Eu acho que a educação física, ela pode, ela tem um prato cheio aí pra gente conseguir conhecer.

Professor Mantovani: A reunião de pais é um pouco, a gente brinca na escola porque a gente já sabe quem vai, que normalmente são os pais que não precisam ir, que não precisariam né, porque são os pais, justamente os pais que participam, que querem saber, que acompanham, isso, independente do pai ter ou não uma formação né, educacional tal, porque tem alguns pais que são bem humildes né, às vezes até analfabetos, mas se importam né, querem que o filho ou

a filha saibam muito mais do que eles puderam aprender. Mas, infelizmente, é isso, você olha e fala, os mesmos seis, sete, oito de sempre, de uma turma de trinta, trinta e cinco, quarenta né, e aí tem aquela coisa, fala, o pessoal trabalha e tal, durante muito tempo, eu achava engraçado, o pessoal marcava reunião de pais pra sexta-feira né, aí eu brinco e falo, na sexta-feira, sextou, o pessoal tá no bar né! Na verdade não, o pessoal tá trabalhando. Reunião de pais, na minha modéstia opinião, tem que ser marcada no sábado né, fora do horário de trabalho de todo mundo. Ah, é chato pra gente, é chato, mas tem que ir, senão não vai, entendeu? Então vai ser sempre a avó que foi lá só pra saber se a menina tá namorando ou não tá namorando, o tio, quer saber, ah, passou? Tem nota vermelha? Se não tem nota vermelha tá bão e vamo embora! Não se discute muito, enfim né, eventuais problemas que as crianças possam ter de aprendizagem. Como o Rô falou, os eventos são importantes né, então, a gente, nós costumávamos fazer caminhadas, principalmente pelo distrito né da cidade, e normalmente eu pedia pros alunos guiarem, eu falava, não você vai na frente, você conhece, eu não conheço né, quer dizer, eles sentiam né, não, agora eu sou importante, a turma toda tá atrás de mim né, eu sou o cara! Aí eu ficava registrando, fazendo foto e tal pra poder fazer o portfólio e tal, e aquela coisa toda. Mas uns tempos depois, a pandemia estourou, obviamente, agora tem que fazer uma proposta pra ver se dá pra fazer, sair né! Passeio ciclístico, infelizmente lá, a realidade é limitada né, são poucos que tem bicicleta, então não dá pra brincar né, bicicleta é pro trabalho do pai que ele pega e vai pra fazenda, é outra história, bicicleta da garotada, não são muitos. De qualquer maneira, sim, os eventos são uma boa oportunidade! O meu caso é muito particular porque eu tô lá há muito tempo, então eu conheço um pouquinho rs da comunidade né, alguns alunos, eu dei aula pros pais ou pras mães né, então a gente tem um pouquinho de noção de qual é a realidade de cada família, quais são os problemas, então, com quem falar, com quem conversar pra tentar ajudar a criança. Mas é sério, principalmente em escolas que você tem uma quantidade enorme de alunos, enfim, em escolas muito grandes né, conhecer a comunidade, digamos assim, é complicado né rs, é difícil, se não for a par dos eventos que reúnem e tal é mais difícil.

Professora Giseli: E o professor Paulo, que tá na escola tal também agora, o Paulo.

Professor Mantovani: O Paulão!

Professora Giseli: É, ele falou assim, da questão de como o professor, ele consegue se organizar. Como que vocês fazem pra se organizar, na nossa loucura né, no nosso dia-a-dia, na correria, e aí, qual que é a dica, como que vocês se organizam, assim?

Professor Rô: Como que eu me organizo? E se eu falar que eu não me organizo rs!

Professora Giseli: KKKKKK.

Professor Mantovani: É rs!

Professor Rô: Ó, eu tento, eu tento otimizar as minhas aulas né, a gente pensa assim, ah, tem que, eu trabalho com três segundos anos né, e eu tento organizar as minhas aulas de um modo que facilite né realmente pra mim, assim, eu trabalho as mesmas coisas com os três né, mas são três aulas diferentes né!

Professor Mantovani: Turmas diferentes!

Professor Rô: É!

Professor Mantovani: Realidades diferentes!

Professor Rô: Tento fomentar o diálogo com eles né, mas éé, eu tento otimizar trabalhando, unificando o planejamento do mesmo ano né. A minha organização de aulas é, eu foco em uma prática corporal em questão e tento relacionar como que essa prática aparece, como que a gente pode aí tematizar questões sociais que estão presentes na sociedade, no meio dos esportes e, em especial, nessas práticas corporais, que a gente tá trabalhando ali na hora né. Então, eu tento puxar com eles aí tanto a aprendizagem do movimento, das técnicas em si né, que eu acho importante, voleibol né, por exemplo, eu acho que se eles não aprenderem a jogar voleibol na escola eles não vão aprender, podem aprender fora né, mas assim, o estudo da técnica, essas coisas, eu acho legal a gente trazer um pouquinho na escola, mas que eu também consiga mostrar pra eles que o voleibol não é só movimento ali né, tipo, a gente tem casos de homofobia né, que aparecem no voleibol né, a questão da transsexualidade também está muito presente aí também no voleibol, a gente tem a questão de sexismo também, vixe, eu tô na janela, tem alguma coisa fazendo um barulhão, não sei se vocês conseguem ouvir.

Professora Giseli: Não.

Professor Rô: É, mulheres ganham menos que os homens né, eu tento trazer isso pra eles quando a gente vai ver uma prática corporal né. Então, eu tento me organizar, as minhas aulas, dessa forma né, tanto a aprendizagem do movimento como a aprendizagem ali através dele né, das práticas corporais, aí eu tento mostrar pra eles que, quando a gente tá desenvolvendo algum esporte no nosso bairro, na escola né, a gente tá se relacionando com as pessoas e os problemas que acontecem e que podem acontecer ali, então como que a gente poderia tratar isso de uma forma melhor né, pensando em ética, essas coisas assim, basicamente, as minhas aulas, eu tenho organizado dessa forma né. Vai lá Mantovani, eu acho que é isso aí.

Professor Mantovani: Bom, é, em todos os aspectos eu também trabalho como o Rô, no sentido de otimizar. Então, éé, a minha escola é pequena, então não tenho muitas turmas né, turmas A, B, C, na verdade eu tenho três ou quatro, três turmas agora esse ano, porque os outros são turmas únicas. O que eu acho importante, na verdade, é assim, muita gente fala assim, olha, tem, você

tem tudo isso aqui pra trabalhar, é muito conteúdo, tal, não sei o que, você vai dar aula teórica? Não vou dar aula teórica, mas eu tenho que passar algumas informações importantes, não vou chegar lá e ficar lendo o livro, a ideia não é essa né, mas eles tem que entender que alguns conteúdos né, você pode enxergar isso lá depois quando for pra quadra, fazer a prática, então, outra coisa importante é o seguinte, em termos de teorização, não tem jeito, não dá pra fugir do calendário oficial e não dá pra fugir da programação de aulas que você tem né, na sua jornada diária e aí você vai ver onde que você vai encaixar aí o seu tempo pra fazer os seus ATPCs, porque agora exigem que você faça seus ATPCs nas janelas, as famosas janelas, não sei se vocês tem, mas enfim, faz na sua janelinha lá e conecta, se pegar o sinal né e aí você tenta digamos otimizar o tempo que você passa na escola. Uma coisa que eu acho importante é que todo início de ano eu vejo o calendário de competições internacionais e nacionais né. Ah, porquê? Porque, por exemplo, esse ano tem copa do mundo né, tá fora da normalidade né, mas que no final do ano, praticamente quase fechando o ano, mas copa do mundo, jogos panamericanos, jogos né olímpicos, os campeonatos mundiais né, particularmente futebol, obviamente são assuntos que eles né, na data do evento em si, é de interesse deles né, então a gente aproveita essa oportunidade né, principalmente quando são outras modalidades né. Copa do mundo e futebol, futebol é da cultura do brasileiro, ainda é né, tem gente que fala, não, o Brasil, depois dos sete a um deixou de ser o país do futebol! Esqueceram de falar isso né pra turma que vai no campo torcer né, e que assiste os jogos e tal, não, nós ainda somos um país, infelizmente né, dominado pela cultura futebolística. Ah, o voleibol tem? Tem! Aparece? Aparece! Basquete? Um pouquinho, sim. Mas, se você comparar com os países ricos né, que tem uma renda que possibilita a população a praticar o que eles quiserem, a gente está longe disso, então o futebol é importante né! Então isso, a realidade deles do dia-a-dia é falar do futebol, do time que ganhou, do time que perdeu, porque o Neymar caiu, não caiu, vai pra seleção, vai ganhar a copa, vai perder a copa, isso aí é o contexto normal deles, a minha preocupação na verdade eu falo pra eles, olha, jogar bola, jogar bola pra eles é sinônimo de futebol, ou futebol de campo ou futsal, sinceramente né, eu não estou aqui pra ensiná-los a jogar bola, eu posso passar alguns fundamentos que vão melhorar né, a sua técnica, a sua capacidade de jogar, esse jogo tão bonito né, mas o jogar pelo prazer, isso eles já fazem, então eles não precisam de um professor que fica lá apitando e fala, agora acabou, começou, saiu a bola, voltou a bola e isso, eu gosto de mostrar outras possibilidades de enxergar o futebol né, a questão de como o futebol é tratado na mídia, a diferença entre os grandes clubes e pequenos clubes, a diferença entre a seleção, o que acontece na seleção brasileira, como isso influencia né os resultados dos clubes ao longo do ano, essa parte eu acho mais interessante. Eu sempre fui

muito interessado pela parte da história e da sociologia do esporte né, apesar de ter praticado o atletismo e ser né atleta no atletismo, e também gosto muito de tênis, mas a história aí e a sociologia são assuntos que me interessam. Então, eu acho importante tentar mostrar pros alunos que a prática esportiva, ela não tá isolada numa bolha que você entra, pratica e depois sai, ela é o reflexo da sociedade em que você vive né, do momento histórico que você vive, então esse tipo de capacidade de perceber, eu tento passar pra eles, principalmente quando se trata de outras modalidades né, talvez alguém chega e pergunta, que esporte é esse que tão falando e tal? Beach tênis! Aí eu tenho que falar, olha, isso é uma invenção que surgiu a pouco tempo com o pessoal que gosta de tênis. Então você passa algumas novidades pros alunos, aí você discute, fala, você já viu? Você já jogou? Por que que não joga? Porque não tem quadra pública, porque é um esporte caro, porque o equipamento é caro, você não tem condição, às vezes, a pessoa não tem condições de pagar por uma academia ou ser sócio de um clube, essa é a parte que eu quero que eles entendam né, pra que eles possam depois falar assim, ah tá bom né! Então, porque que o futebol é um esporte é tão popular? Justamente porque as características do futebol, do esporte, com uma regra relativamente simples de entender, um esporte que você pode jogar ou brincar com a bola em praticamente qualquer lugar né, você não precisa ver, ah, tem que ter um campo de futebol oficial? Não, joga num terreno baldio. Beleza, vamo jogar né! Então, essas particularidades de cada modalidade eu gosto de trabalhar com os alunos né, em relação a parte prática propriamente dita, normalmente eu tento chegar e falar assim, primeiro jogue, eu mostro lá, tento mostrar primeiro um filme, um trecho de como é o pessoal jogando, pega um jogo da super liga lá, bota lá uns minutinho, agora vamo brincar? Vamo! Depois que eles começam, tentam lá, eu pego e falo, vamos tentar melhorar, como é que toca a bola? Como é que faz a manchete? Será que dá pra manter a bola no alto por mais tempo? Então é um pouco assim, aquela história de você pegar a experiência prévia né, não só o conhecimento mas também a experiência que a criança tem né, da prática de alguma modalidade esportiva, e depois, devagarinho, você vai dando um apoio aqui, uma informação ali né, de forma que eles se aproximem da prática que eles viram no filme, e depois a gente contextualiza, você pode discutir, falar assim, ó, é igualzinho ao que a gente fez na quadra e o que você viu na televisão? Quais as diferenças? Né! Aí a gente pode trabalhar mais essas discussões, eu acho que é por aí.

Professora Giseli: Deixa eu já linkar, porque vocês falaram de bastante questionamentos né, e bastante perguntas né pra levar a pensar, e aí quando eu entrevistei a professora Regina, ela é da prefeitura de Jaú, e ela falou dessa questão, que a gente, às vezes, não dá tanta importância pra filosofia né e a psicologia também, às vezes, na educação física né, e aí você falando disso, de levar a pensar e fazer questionamentos, aí eu acho que isso já dá pra linkar né, assim, a

importância da filosofia na área da educação física, levar à pensar, tanto o aluno como o professor né, a gente se fazer interrogações pra poder pensar, e também a questão da psicologia, das emoções, assim, que eu acho que, o que que vocês pensam? Dá pra deixar de lado ou tem que incluir isso, assim? A filosofia e a psicologia.

Professor Rô: Quer começar aí Mantovani? Só uma ressalva aqui viu, eu vou poder ficar só até as oito e meia, se você quiser marcar um outro dia pra gente conversar de novo, eu fico a sua disposição, porque eu fiz um acordo conjugal aqui que eu ia ficar até as oito e meia, tá bom rs?!

Professora Giseli: Não, beleza rs!

Professor Mantovani: Então vamos fazer o seguinte, eu vou dar um tempo, você fica a vontade pra aproveitar o tempo até as oito e meia para colocar as suas impressões e aí depois que você resolve a questão da patroa eu posso conversar com a Gi sobre as questões que ela colocou, tudo bem?

Professor Rô: Perfeito! Obrigada pela gentileza aí! Mas Gi, se quiser, depois a gente marca outro dia aí!

Professora Giseli: Beleza!

Professor Rô: Ó, eu acho que é um complemento.

Professor Mantovani: Olha a patroa aí!

Esposa: Boa noite gente! Bom estudo aí!

Professora Giseli: Obrigada!

Professor Rô: Aí ó! Tem que apoiar né, tem que apoiar rs! Eu acho que o grande lance que a gente tem de transcender o movimento pelo movimento é a gente se apoiar nessas outras ciências aí né, sem entrar na discussão se a educação física é ciência ou não, mas a gente se apoia muito nos conhecimentos das outras ciências né! O que o Mantovani colocou aí de como a gente trabalhou o futebol né, essas questões das mudanças, foi simplesmente de a gente entender as práticas corporais como históricas né, a historicidade nas práticas corporais, entender que quem criou foram seres humanos né, seres humanos se transformam né, e a gente vai transformando né, então eu penso muito e me apoio muito nas outras, nas outras ciências né nas minhas aulas, não sei até que ponto a psicologia, eu poderia falar que eu uso o conhecimento específico da psicologia né, ou da filosofia né, da sociologia e a gente acaba bebendo nessas ciências aí né, nessas áreas né, mas eu não sei delimitar não né, mas a questão das técnicas do vôlei, do futsal, de qualquer outro esporte, como o Mantovani colocou, eu também gosto muito de trabalhar com essa experimentação, boto os alunos pra jogar, experimento e depois a gente tenta entender as dificuldades e a gente entra, qual que é a construção humana né, qual que é o legado, qual que é o patrimônio da humanidade em cima dessa prática corporal, por exemplo

né? A gente entra, eu tenho esse privilégio lá com meus alunos, meus alunos, eles são meio nerd pessoal, eu não sei se vocês conseguem avançar nesse nível aí com seus alunos no ensino médio, mas a gente entra num conceito de técnica né, o que que é técnica né? Que não é uma coisa que é só no esporte né, a técnica tá no mundo né, as pessoas precisam de técnica pra fazer fogo, pra construir pontes né, pra fazer comida né, e como que essas técnicas se apresentam no esporte né? A gente discute muito isso né, a questão da filosofia, a gente tematiza as lutas hoje em dia né, por exemplo, o MMA né, a gente, o MMA é um esporte? Tem alunos que também não consideram, tem alunos que consideram que é uma forma de legalizar a violência né! Como que a gente, é uma forma de a gente debater as coisas que a gente assistiu na tv né e se chocar com isso né. Então, eu acho que é muito importante sim a gente se debruçar nessas outras ciências aí, em especial a sociologia, a psicologia, a filosofia né, história né, eu acho bacana!

Professora Giseli: O Rô, pra te liberar aí então, como que a gente pode usar a mídia e a tecnologia como ferramenta, assim, de aprendizado e conhecimento? Como que a gente pode fazer uso da mídia e da tecnologia, assim, um bom uso né? Porque, às vezes, a gente vê muitas coisas sendo usadas, mas não sendo bem usadas né?

Professor Rô: Tá, vamo lá! Eu acho que tem duas dimensões aí quando a gente fala da mídia né, a dimensão instrumental né, as coisas físicas né, eu acho que a gente pode otimizar nossas aulas explorando a questão do audiovisual né, trazer vídeos, trazer sons né, o audiovisual é bem bacana, a gente trazer a questão dessas plataformas que a gente está conversando, por exemplo né! Eu fiquei dois anos aí dando aula de educação física remota, vocês também né, a gente, lá no instituto a gente usava uma plataforma que chama moodle, todas as minhas aulas com slides, não eram só remotas né, a gente tinha que fazer aulas e deixava lá disponível pros alunos né, as provas também, a plataforma, ela possibilita que a gente faça questionários né, e então tem essa questão instrumental né das mídias que nos ajudam aí, que podem nos ajudar a ilustrar melhor o que a gente quer né pros alunos né, até coisas que a gente não sabe executar né, você pode mostrar os movimentos, uma figura, uma imagem né, você exemplifica através das mídias né e isso ajuda bastante. E outra questão também é a questão do conteúdo né, que está nas mídias né, que vai pra além do instrumental né, que a gente aí pode usar programas televisivos né, vídeos, mas pensando no conteúdo sim, comerciais de televisão que trazem esporte e bebida alcoólica no meio do comercial né, peraí, o que que tá presente nisso né, bebida alcoólica relacionado com uma coisa que tem um discurso de saúde né, como que tá isso aí né? Ou o que que leva um cara a jogar uma banana dentro do campo de futebol lá, na hora que você tá assistindo o jogo né? Então, eu acho que as mídias, elas servem tanto como recursos pra gente ilustrar melhor nossas aulas como a gente também tematiza as práticas corporais que aparecem

nesse universo midiático nas nossas aulas, eu acho que, então, as mídias tem esse duplo, duplo benefício pra gente né, benefício entre aspas né, porque também ela é uma forma também de trazer discursos distorcidos né pro que a gente quer apresentar pros alunos né, mas também é uma oportunidade de discussão dentro do espaço escolar né. Eu acho que diria que são essas duas dimensões de como a mídia pode ajudar as aulas aí né! Beleza?

Professora Giseli: Rô, beleza! Vou liberar você rs! Eu quero agradecer de você ter entrado viu porque, nossa!

Professor Rô: Não, beleza Gi, foi um prazer viu, prazer ver vocês aí!

Professor Mantovani: Prazer revê-lo!

Professor Rô: Se quiser marcar outro dia nesse horário aqui, tamo junto valeu?! Pode marcar aí que a gente aparece, tá bom?

Professora Giseli: Obrigada! Valeu!

Professor Rô: Até mais gente! Tchau!

Professora Giseli: Tchau! Obrigada! Vai lá Mantovani rs!

Professor Mantovani: Eu anotei umas coisinhas aqui só pra eu não me perder! Tá, vamo lá! A questão da mídia e a tecnologia né, elas podem ser ferramentas para o aprendizado né?

Professora Giseli: Isso!

Professora Mantovani: Ó, primeiro, o Rô falou sobre a questão do instrumental e do conteúdo né, então, a primeira coisa é, a primeira questão que eu levanto é o acesso à né, ter o acesso ao instrumental, ter o acesso ao hardware né e saber lidar com a programação, o software, isso não diz respeito só ao aluno, diz respeito ao professor. Eu me enquadrando nisso né, eu costumo falar, eu brinco que eu sou um dinossauro tecnológico, já falaram isso nas aulas! Então, eu, como professor, tenho que me esforçar para aprender, pra saber identificar quais são as ferramentas que a mídia e a tecnologia me proporcionam pra que eu possa, de alguma forma, diversificar né, as minhas aulas, porque a aula expositiva, ela tem o seu valor, ela tem o seu lugar, mas não pode ser só ela né, assim como a aula prática na quadra, não pode ser só prática, prática, prática, vamo jogar e tudo bem né. Eu acho que a diversificação é a palavra chave, então, passa pelo professor se atualizar né, tentar aprender a lidar com as novas tecnologias né, e o que a mídia disponibiliza, então você tem a questão, outra questão é a questão do acesso do aluno, eu acho que já havia conversado contigo antes, quer dizer, a minha realidade na escola rural, ela é um pouquinho mais difícil no sentido de que os alunos não tem mesmo acesso né, ou eles não tem o aparelho, ou eles tem mas é um aparelho defasado, que não comporta os novos aplicativos né, ou eles tem o aparelho, o aparelho pode até rodar aquele aplicativo, mas não tem acesso a uma banda larga de internet que funcione no meio lá da fazenda onde eles moram, então é uma série

de pequenos problemas nos casos específicos da minha realidade. Acho que o grande problema é, tá bom, vamos disponibilizar, o governo do Estado fez aí um investimento, disponibilizou novos equipamentos, colocou computadores novos, laptops e tal, televisões nas salas né, o material que tá lá, qual que é o grande problema? O problema, na verdade, é que não basta você saber mexer né, você vai ter que ter um tempo pra lidar, pra mostrar pros alunos como fazer né, alguns alunos eventualmente sabem né, às vezes sabem mais que o professor, mas na minha realidade a maioria não, a maioria não tem esse contato, então o último problema, que também envolve a questão da seleção do conteúdo a ser trabalhado né, quando você fala da mídia e da tecnologia, pô, você fala, eu tenho um computador na minha frente, eu tenho uma conexão de internet, então eu aperto no google né, dá um google aí, vamos googlar, e aí você acha um mundo lá dentro, e qual é o problema? O problema é que esse mundo de coisas né, aí entra a questão né, você, como pesquisadora né, sabe muito bem disso, é a qualidade da informação né, a fidedignidade né, a qualidade de quem está, que fez, que produziu aquela informação e disponibilizou né, se você pegar, ah, vamos pegar alguma coisa na wikipédia tá, tem coisas interessantes? Tem, mas infelizmente tem muita gente que entra lá e mexe nos artigos e fala um monte de baboseira né, então trabalhar com os alunos, não só no aprender a mexer com o equipamento, aprender a mexer com o dado aplicativo, mas também a selecionar as fontes de informação né, que sejam confiáveis né, pra que ele possa aprender, pra que ele possa discutir, tendo uma boa base, isso é importante tá, então acho que é um pouco isso, se temos o acesso, se temos o equipamento e temos os aplicativos, o professor tem que estar atualizado pra saber lidar com tudo isso e também fazer com que os alunos percebam a diferença entre uma informação que possa ser válida, que tenha conteúdo né e uma informação que pode ter sido manipulada, uma informação falsa, enfim, né. Sobre a questão da filosofia e da psicologia, aí eu acho mais interessante no sentido de que as primeiras coisas que eu comecei a ler quando eu entrei na faculdade né, era em muitos anos atrás, eu tinha um professor que ele falou uma frase que depois eu escutei em outros professores né, mas que marcou minha vida, eu até coloquei isso num trabalho né, é a história do leia sempre o original, o que significa ler o original? Eu tive uma aula de introdução à política, com o professor Ferreira, que era editor do Estadão, editor chefe do Estadão, ele chegou lá, todo mundo molecada, ele começou a escrever lá no quadro uma bibliografia, e ele escreveu alguns autores, colocou alguns autores em francês, pegou uns italianos, espanhol, alemão, quando falou alemão, a garotada né, todo mundo apavorado, falou, o professor, desculpa, mas a gente não rs, a gente não consegue né! Aí ele falou pra gente, falou, olha, sempre que possível leiam o original, não só pra você saber o que o autor quer dizer né, você não tá lendo alguém que interpretou a fala do autor, você tá

lendo o autor propriamente dito, isso serve pra vida também, aquela coisa de fofoca, alguém falou que você, não, quem falou? Então você vai lá falar com a pessoa! Eu tô falando isso por quê? Porque eu aprendi desde os primeiros anos da faculdade que a coisa mais importante que tem é questionar, é uma atitude filosófica né, não tá falando de filosofia? Atitude filosófica é questionar, é perguntar né! Uma coisa que as crianças, nos primeiros anos, elas vêm perguntar o porquê, tem uma fase dos porquês, você tem uma menina, ela deve ter passado por isso. Ah, é bom você comer salada! Mas por quê? E aí você tem que explicar! Vai passando o tempo, lá na fase da adolescência, a gente acha que é adulto, e a gente acha que sabe tudo né? E a gente para de perguntar o porquê das coisas né, pára de indagar, pára de questionar, então questionar é importante, eu tento fazer isso com os alunos né. Por outro lado, para o professor, isso não é muito confortável né, porque, às vezes, você tá acostumado a chegar, dar aula, é assim, assim e assado, ninguém pergunta nada, beleza, vamo lá pra quadra e resolve né, na verdade, a aula pode ser mais produtiva se o aluno te questionar né, mas por que que é desse jeito? Quem fez isso? Quando? O que que isso tem a ver com a nossa realidade? Então, a atitude filosófica é importante, esse questionamento né dos conteúdos que você trabalhar, de outros conteúdos né, dos acontecimentos do dia-a-dia, por exemplo, eu acho importante você ter. Da parte de psicologia, eu acho que tem duas coisas que são legais, opa, tem um colega entrando aí.

Professora Giseli: O Tonhão dá aula em São Paulo.

Professor Mantovani: Trabalhar com os sentimentos e os afetos. Porquê? Porque dentro da prática esportiva você tem um ambiente muito propício pra trabalhar né, por que que você tem momentos de euforia, de extrema alegria né e momentos de raiva, por exemplo, né? Que você perde a cabeça e quer brigar né? Então, trabalhar os afetos e a questão dos sentimentos, das emoções, que envolvem aí conceitos básicos da psicologia também é importante você tentar colocar aí isso dentro das suas aulas, então quando tem briga entre os alunos, têm muito essa questão das lutas, o conteúdo de lutas, logo no começo eles falam sobre a questão do conflito né, o conflito de interesses, de vontades, que pode gerar uma reação violenta e levar à vias de fato né, então, que tipo de emoção que você sente que te leva aquilo lá? Porquê? Então, às vezes, o conflito do aluno não é do jogo, ele tem essa diferença com o coleguinha que veio lá de fora da escola, isso é muito comum, pelo menos lá na comunidade em que eu trabalho né, eles tem uma briga que eles arrumaram lá no final de semana, no meio da praça, e eles carregam essa briga até na segunda-feira, quando eles têm aula de educação física, e na primeira bola dividida, o garoto divide a canela do outro né, não tem nada a ver com o jogo né, com aquele jogo, mas tem a ver com as emoções e os sentimentos que ele vem carregando de fora. Então, eu acho que é um pouco isso que a gente pode trabalhar, trazer da filosofia a questão que

envolve o questionamento né, o porquê das coisas, o porquê de trabalhar esse conteúdo, o porquê que eu tenho aula de futsal e não tenho aula, sei lá, de softbol, eu nunca ouvi falar, sei lá, vamos pesquisar né, ou a questão dos sentimentos, dos afetos, das emoções, entrando na parte da psicologia que a gente também pode e deve trabalhar na educação física. O professor Tonhão tá por aí ó!

Professora Giseli: Ah, o Tonhão, ele fez faculdade comigo rs!

Professor Tonhão: Tudo bem Gi? Boa noite pessoal!

Professora Giseli: Boa noite Tonhão!

Professor Tonhão: Desculpe, eu saí da escola às oito, eu cheguei aqui em casa, fiquei resolvendo algumas coisas e falei vixe, a Giseli tinha falado do pessoal, deixa eu ver se tá funcionando e tudo mais, mas eu acho, a impressão que eu tive, já deve ter finalizado, é isso, já tá finalizando?

Professora Giseli: Já tô quase liberando rs! O Rô acabou de sair, o Rô!

Professor Tonhão: Ah, tá certo! Não, sossegado, depois se você precisar de alguma coisa, me dá um toque, eu vejo no que é possível auxiliar.

Professora Giseli: Ah, obrigada Tonhão, o Rô tava aqui, o Rô acabou de sair!

Professor Tonhão: Ah, sério? A gente tava combinando, quando um acabou de sair, aí o outro entra né rs!

Professora Giseli: Ah, vocês combinaram rs!

Professor Tonhão: Mas beleza! Como já finalizou então aí Gi, se tiver alguma coisa que eu puder ajudar né, você tem o meu contato, pode ficar a vontade!

Professora Giseli: Obrigada!

Professor Tonhão: De verdade, eu não conseguir entrar antes mesmo por conta da escola.

Professora Giseli: Você falou! Beleza Tonhão, obrigada!

Professor Tonhão: Prazer em revê-la! Peraí, deixa eu ver se você me permite aqui, só pra ver o meu rosto hoje em dia né!

Professora Giseli: KKKKK.

Professor Tonhão: Tá parecido com o da foto vai, tá um pouquinho parecido rs!

Professora Giseli: Você tá igual na faculdade, você não mudou nada rs!

Professor Tonhão: Eu só fiz quarenta e quatro ontem, mas, aliás, antes de ontem né.

Professor Mantovani: Pode tirar carta de motorista, tá bom rs!

Professor Tonhão: Né KKK!

Professora Giseli: Parabéns Tonhão!

Professor Tonhão: Obrigada Gi!

Professora Giseli: Eu vou fazer quarenta domingo rs!

Professor Tonhão: Da nossa turma o carioca era mais velho e em seguida era eu, então, pois é!

Professora Giseli: Mas você tá igual rs!

Professor Tonhão: É porque eu fiz a barba hoje, é por isso KKKK! Beleza então Gi! Obrigada então e boa noite pra vocês! Que dê tudo certo e mais uma vez me coloco à disposição! Precisando, fique a vontade!

Professora Giseli: Obrigada! Beijo!

Professor Tonhão: Beijo! Tchau! Tchau! Até mais!

Professora Giseli: Valeu! Fala Mantovani, o Tonhão estudou comigo, o Rô e o Tonhão né, estudou comigo rs!

Professor Mantovani: Sim.

Professora Giseli: Eles são da minha turma. Mantovani, pra liberar você, pra liberar você ó, como que você se motiva? O que te motiva a continuar? A última pra te liberar rs, como que você se motiva cara?

Professor Mantovani: Só a motivação? Tem mais alguma coisa?

Professora Giseli: Não, é essa a questão, o que que te move a continuar e caminhar?

Professor Mantovani: Olha, deixa eu tentar colocar, bom, primeira coisa óbvia, a gente precisa ganhar a vida né, então existe um lado meio poético, meio né sonhador e tal de amar os esportes, é verdade, eu amo os esportes né, mas obviamente também é uma profissão né, então, a questão é que existem várias motivações, não é a motivação né, existe uma questão material, simples né, como qualquer pessoa eu preciso ganhar a vida e obviamente fica mais fácil você, ou menos difícil, você ganhar a vida fazendo a coisa que você gosta né, então, eu particularmente tenho um grande apreço pelos esportes, gosto muito, me entusiasmo, tenho as minhas preferências, as minhas paixões né, então eu meio que uni um pouco a necessidade né de ganhar a vida com a possibilidade de trabalhar com algo que eu gosto. Infelizmente né, pra nossa realidade né, não só professor de educação física, mas qualquer professor né de ensino fundamental e médio né, a gente não tem uma remuneração adequada né, é a minha opinião né, pelo que eu vi nas últimas vezes aí nós ainda temos, somos a profissão que tem, nas profissões de nível superior, que tem a pior remuneração né, piso né da categoria, então, se você for comparar com médicos, engenheiros, enfim, profissionais com diploma de graduação em nível superior, a gente ainda ganha muito mal né, mas, enfim, não é um privilégio nosso infelizmente vivendo em um país completamente injusto, desigual né, uma população, a grande maioria da população ganha muito menos do que nós né, ganham só pra comer, se é que dá, então eu também não tenho o direito de reclamar, de certa maneira eu sou privilegiado, eu me considero um privilegiado por

ter conseguido manter um nível médio né de vida. Sobre a questão da escola né, em termos de motivação, eu costumo falar o seguinte né, o pessoal brinca, fala, não, o professor, tem até político que já falou isso, o professor trabalha por amor né, olha, amor não paga conta, mas tudo bem, a gente ama o que faz né, e sinceramente, é um enorme prazer você encontrar um ex aluno né em uma situação boa né, estudando, tendo um caminho pra uma vida digna né, se possível uma formação de nível superior, eu já encontrei alguns alunos assim, encontrei na Unesp inclusive, na biblioteca da Unesp, eu tava entregando livros na biblioteca, foi um pouquinho antes de começar a pandemia, e eu encontrei um ex aluno meu que agora tá se formando em química e ele tá trabalhando na Tudor né, então, é um enorme prazer encontrar um aluno assim né, ele vem, fala ô, foi ele que me reconheceu, falou ô professor, eu falei Marcelo, você aqui! O garoto tá com dois metros de altura, mas foi muito bom! Por outro lado, eu já encontrei vários ex alunos em situações muito difíceis tá, uma vez eu fui no shopping e encontrei um ex aluno meu que estava trabalhando, mas estava trabalhando em serviços gerais né, encontrei o rapaz no banheiro do shopping, ele ficou muito acanhado, muito, enfim, desconsertado e tal, mas eu falei, conversei com ele numa boa, eu falei, não, tudo bem, legal você tá trabalhando, tá fazendo algum curso? Tá estudando pra você ter outras oportunidades? Ele falou, tô fazendo curso pra empilhadeira e não sei o quê, e aí depois eu descobri que ele conseguiu sair de lá e tá trabalhando em um atacadista, justamente por causa desse curso aí. Melhorou um pouco? Melhorou, mas poderia ter mais, ter uma melhoria maior né, então eu acho que é um pouco isso né, quer dizer, o pessoal fala brincando, mas é verdade, a gente é o que faz e é muito bom você encontrar os seus alunos já crescidos e eles, quando eles agradecem né, o que você, o que você, a pequena contribuição que você deu pra formação deles, isso não tem preço que pague né, não tem dinheiro que pague, é muito, muito, muito, muito bom! A gente tem hoje, com as mídias sociais né, vários ex alunos, às vezes você tá lá, tal, daqui a pouco aparece uma janelinha pedindo pra adicionar né, mensagem pedindo pra adicionar, aí você olha, quem? Aí você abre, aí você olha a foto, não lembra tal, aí você pega o nome, fala, ah, já sei quem é né! Aí você, tem alguns alunos que eu adicionei porque eram alunos muitos próximos, muito queridos, e aí você acompanha a evolução deles né, como eles estão crescendo na vida e isso é muito legal. Então, eu acho que é uma combinação disso, existe a necessidade? Claro que sim né! A gente tem que pagar conta, enfim, tem família, tem os compromissos né, por outro lado, existe também o tal do amor à profissão, se não tivesse, se fosse só pelo dinheiro, a gente não tava aqui, ou pelo menos a maioria não estaria.

Professora Giseli: Ah, Mantovani, foi de encontro com o que todo mundo que eu conversei rs. O pessoal fala, os alunos rs, é assim o retorno rs! É o que o pessoal fala, que assim, que é a

parte positiva de você continuar e ser professor. Foi de encontro com tudo que eu já conversei com os outros professores, estamos em sintonia.

Professor Mantovani: Faz parte do professor! E não é só aqui não, sinceramente, eu arrisco falar que é universal, em qualquer lugar que você for né, você tá, eu particularmente já sou quase vô, sou quase vô, estou semi idoso, quase chegando lá né, barbinha branca e tal, já dá pra trabalhar de papai noel no final do ano, éé, você encontrar um jovem né, em algum lugar público tal, assim, a pessoa vir até você e agradecer pelo que essa pessoa aprendeu, e não é aprender pelo que ela aprendeu jogando bola, não é isso, é o que ela aprendeu em relação à postura, em relação ao que você quer ali da, aos questionamentos, a querer sempre um pouco mais né, são coisas, que no final das contas, é a função principal da escola né! A escola não tá lá só pra ensinar a fazer conta, pra aprender a ler e a escrever né, se bem que isso é obviamente fundamental, mas também está lá pra ensinar a viver, relações humanas, como é que você faz pra crescer na vida, tal, essa é a parte mais importante. Então, quando um aluno te encontra e vem, te abraçar, te agradecer, porra, não tem dinheiro que pague isso.

Professora Giseli: Mantovani, obrigada de você ter dado o seu tempo que eu sei, é complicado, e eu agradeço muito de você ter entrado e ter colaborado.

Professor Mantovani: Eu que agradeço a sua dedicação, o seu apoio né, quando a gente se conheceu aí na pós, foi um enorme prazer conhecer você, sua família, seu marido, sua criança, agradeço muito a sua ajuda aí né na parte aí dos textos, enfim e tal, espero continuar mantendo a amizade daqui pra frente, então, sempre que precisar bater um papo e tiver alguma coisa é só chamar.

Professora Giseli: Tamo junto, você também!

Professor Mantovani: Daí um dia a gente marca uma reunião com a baixinha aqui, ela gosta de um papo, fala mais que a boca.

Professora Giseli: Opa, o meu também rs! Obrigada Mantovani! Valeu!

Professor Mantovani: Obrigada minha querida!

Professora Giseli: Boa noite! Precisando também é só chamar!

Professor Mantovani: Um abraço!

Professora Giseli: Beijo! Boa noite! Tchau! Tchau!

Professor Mantovani: Tchau! To indo, fui!

3º Círculo de Cultura virtual de professores da educação básica pública, componente curricular Educação Física - dia sete de maio de 2022, sábado, às nove horas da manhã (não houve nenhum participante).